

isciweb.com.br/revista ISSN: 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas

Revista Científica

52ª Edição | Volume 11
Número 7 | setembro/2024

ISCI

- Ciências Agrárias

- Educação

- Empresarial

- Engenharia

- Jurídica

- MBA Executivo

- Saúde

- Social

- Tecnologia

MULTIDISCIPLINAR



ISCI Revista Científica

Multidisciplinar

ISSN 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica

52ª Edição | Volume 11 | Número 7 | setembro/2024



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica. n.7, v.11, Sinop, MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, setembro, 2024.

Publicação Científica do Instituto Saber de Ciências Integradas - ISCI

Mensal

ISSN 2446-8436

1.Educação, 2.Problemas sociais e serviços sociais, 3.Administração e relações públicas, 4.Medicina e saúde, 5.Direito, 6.Engenharia, 7.Tecnologia.

370
360
650
610
340
620
000

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica Digital Multidisciplinar: isciweb.com.br/revista



– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais: isciweb.com.br/livros



Direitos Reservados

As responsabilidades pelo conteúdo de cada um dos trabalhos aqui publicados, bem como seus direitos autorais, são dos autores que os assinam.

Proibida a reprodução dos Artigos aqui publicados sem a autorização de seus respectivos autores.

(art. 184 do Código Penal e Lei n 1º 9.610, de fevereiro de 1998)

Sumário

EDITORIAL	9
EDUCAÇÃO	11
- A alfabetização e letramento nos anos iniciais)Sara Miranda Porato; Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta).....	13
- A Arte no Brasil e a sala de aula (Liliana Martins Marinho)	19
- A Filosofia da Educação: reflexões sobre a formação integral do indivíduo no contexto educacional contemporâneo (Aparecida Damazio de Oliveira)34	
- A importância da Gestão Escolar Democrática na escola pública (Gisele Franco Rocha Gonçalves; Luana Aparecida Gomes Modanez; Fabiana Santos Paes; Flávia Denardi Cavallari Surreição)	55
- A importância da Inteligência Artificial para a educação: vantagens e desvantagens (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti).....	73
- A importância da leitura nos anos iniciais (Sara Miranda Porato; Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta).....	84
- A importância da ludicidade nas práticas pedagógicas (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)	89
- Importância da ludicidade nos anos iniciais (Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta; Luciene Lécia Lucchetti; Lurdes Mariano Mendes; Roseli Velozo Gomes; Sara Miranda Porato)	94
- A importância da valorização do ensino da Arte para o desenvolvimento infantil (Taís Eduarda Ribeiro)	100
- A importância de valorizar e respeitar a diversidade cultural dos estudantes (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski).....	116
- A importância do ensino de LIBRAS como inclusão social na escola (Tânia Prestes Dias Alberici)	121
- A importância do lúdico na Educação Infantil no processo de ensino aprendizagem (Carolina Samanda Rodrigues; Rosimere Maria Quirino)130	
- A importância do profissional Designer Instrucional para a educação (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti)	153

- A importância dos Recursos Didáticos no Ensino de Biologia (Lenir dos Santos Oliveira; Livia Monique de Almeida; Maria Jailsa de Sousa França)	161
- A necessidade de se combater o bullying em sala de aula (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)	180
- A necessidade de utilização de material didático em sala de aula (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)	185
- Alfabetização e letramento: desafios das práticas docentes (Eloisa Pereira da Silva; Kamila Fernandes Marques da Silva; Keli Cristina Pereira da Silva)	190
- Aprendizado em pares (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti)	209
- As contribuições da Neuropsicopedagogia na Educação Especial (Carolina Samanda Rodrigues; Claudete T. de Barros Pereira de Barros; Ivete A. de Barros Santos; Lurdes Mariano Mendes; Rosimere Maria Quirino)	217
- Autismo: características e diagnóstico (Eloisa Pereira da Silva; Carolina Samanda Rodrigues; Jaqueline Caminski; Roseli Velozo Gomes; Rosimere Maria Quirino)	231
- Autonomia na organização diária (Sílvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)	236
- Biblioteca escolar como incentivo à leitura (Liliane Horas Alves)	246
- Cantar, brincar e aprender com a Dona Aranha (Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Thelma Pires Geronimo Motta)	255
- Depressão no âmbito escolar em meio a pandemia (Eloisa Pereira da Silva; Keli Cristina Pereira da Silva)	260
- Desafios no processo de inclusão do aluno com deficiência na escola regular (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)	276
- Desenvolvimento profissional de educadores na Educação Infantil: Explorando políticas e práticas pedagógicas para uma abordagem holística citando a epistemologia e seus conceitos (Sílvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)	281

- Dislalia: implicações no desenvolvimento da linguagem e estratégias de intervenção (Luzinete da Silva Mussi; Lúcio Mussi Júnior)	293
- Educação Inclusiva: desafio do autismo nos anos iniciais (Antonio Carlos Lima Oliveira; Fabiana Cristina Nobre de Oliveira; Flávia Michelle Ferreira Oliveira; Karen Joana Gomes Silva Rodrigues)	306
- Importância da motivação no ambiente e-learning (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti; Lurdes Mariano Mendes)	326
- Infância, educação e escolarização (Mariely Iracema Ribeiro Queiroz)	334
- Jogos e brincadeiras no processo de alfabetização (Cleide Gomes Braga; Keila Gomes Braga).....	410
- Leitura como prática social: O papel da escola na formação de leitores (Priscila Cristina Bertagna Silva).....	430
- Metodologias Ativas no âmbito do ensino e aprendizagem (Maria José Nunes Mota; Alessandra Almeida Cavalcante Varella; Dayane Ferreira Amaral Côrtes; Lígia Mara Ormond Pereira; Andréa Bezerra Ferreira) .	451
- O brincar nas séries iniciais (Rosivane Santana Faria Silva; Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Roselene de Jesus Motta da Silva).....	461
- O ensino da matemática na Base Nacional Comum curricular: críticas e reflexões (Andréa Bezerra Ferreira; Dayane Ferreira Amaral Côrtes; Flávia Michelle Ferreira Oliveira; Lígia Mara Ormond Pereira; Maria José Nunes Mota).....	476
- O estímulo da consciência fonológica nos anos iniciais do ensino fundamental (Silvana Klein Simon)	487
- O lúdico e suas contribuições na intervenção psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem (Carolina Samanda Rodrigues; Claudete T. de Barros Pereira de Barros; Ivete A. de Barros Santos; Lurdes Mariano Mendes; Rosimere Maria Quirino)	494
- O lugar das Práticas Pedagógicas para as relações étnicos raciais na Educação Infantil (Thalita Finisguerra Garlizoni Marques Barcellos; Gislaine Cristina Ramos França; Daniela Cristina de Godoy Rangel; Fabiana Santos Paes; Leonardo Antônio de Pádua)	506

- O papel da escola e da família no processo de desenvolvimento do aluno (Eloisa Pereira da Silva; Gláucia Camila Gomes; Keli Cristina Pereira da Silva)	519
- Presépio de Natal: um louvor ao Menino Jesus (Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva; Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva)	537
- Projeto: alimentando com saúde (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga).....	544
- Projeto de leitura e escrita na Educação Infantil: O Meu coração é um zoológico (Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva)	558
- Projeto Minha escolinha (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)	564
- Projeto: Planeta Azul (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)	571
- Semana da Pátria na Educação Infantil: Brasil mostra tua cara! (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga).....	580
- Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade em crianças na fase escolar (Luciene Alves de Jesus de Medeiros; Irenilda Aparecida de Lara; Regiane Bentes do Nascimento Guimarães; Viléia Schuster Ribeiro) ...	585

EDITORIAL

O conhecimento é poder. (Bacon)

Francis Bacon é tido como o estudioso que inaugurou o “Empirismo Britânico”, para ele, o conhecimento científico constrói-se de forma progressiva e sólida. Ele avança de maneira contínua, descobrindo leis e possibilitando invenções, o que permite às pessoas realizarem feitos antes impossíveis.

Deste modo, podemos entender a aquisição do conhecimento como uma caminhada contínua e incessante. Neste sentido, o que aprendemos hoje, além de nos tornar capazes de fazer o que ontem não poderíamos, ainda serve de base para adquirirmos novos conhecimentos amanhã. É como subir uma montanha, a cada passo que se dá à cima, se pode ver mais longe e compreender melhor o que nos rodeia.

Por isso, “conhecimento é poder”, e também é luz capaz de iluminar a caminhada da humanidade. Compartilhe seu poder, sua luz. E jamais deixe de recarregar suas baterias com novos saberes.

Temos um imenso orgulho de fazermos parte desse veículo de compartilhamento de conhecimento, de “poder”, de “luz”!

Nossos agradecimentos aos autores, leitores, parceiros e colaboradores, por juntos estarmos mantermos esta Revista Científica ativa e cumprindo seu papel de compartilhar conhecimento.

Prof.^a Ma. Luzinete da Silva Mussi¹
Diretora Editorial da ISCI Revista Científica

¹ Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

EDUCAÇÃO

**- A alfabetização e letramento nos anos iniciais)Sara Miranda Porato;
Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta)**

A alfabetização e letramento nos anos iniciais

Sara Miranda Porato

Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta

DOI: 10.5281/zenodo.13712348

RESUMO

A alfabetização e o letramento nos anos iniciais da educação são ferramentas poderosas para a formação do aprendizado do indivíduo é uma das etapas mais importantes do ensino-aprendizagem no qual o aluno aprende a ler e escrever e assim dar continuidade na sua vida escolar. O processo da alfabetização e letramento, entende-se que são métodos diferentes, porém fundamental para o aprendizado dos alunos e que devem percorrer juntos, desenvolvendo uma prática educacional de alfabetizar letrando. A alfabetização e letramento são palavras-chave para o mundo social, pois é por meio da alfabetização e do letramento que o sujeito passa a participar diretamente do mundo no exercício de suas funções sociais, buscando tornar-se um cidadão consciente, com domínio do código convencional da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento e Metodologia.

ABSTRACT:

Literacy and literacy training in the early years of education are powerful tools for the development of an individual's learning. They are one of the most important stages of teaching and learning, in which students learn to read and write and thus continue their school life. The literacy and literacy process is understood to be different methods, but fundamental for students' learning and must be carried out together, developing an educational practice of teaching literacy through literacy. Literacy and literacy are key words for the social world, because it is through literacy and literacy that the individual begins to participate directly in the world in the exercise of their social functions, seeking to become a conscious citizen, with mastery of the conventional code of reading and writing in their social practices.

Keywords: Literacy, Literacy and Methodology.

Introdução

O presente trabalho ressalta a importância da alfabetização e letramento para a preparação das crianças, para que seja alfabetizada ao frequentar os

anos iniciais do ensino fundamental. Não depende exclusivamente de sua idade, mas sim de fatores importantes, que determinam a rapidez e a facilidade. Além de codificar e decodificar as palavras, elas devem compreender os usos sociais da escrita.

A diferença do letramento com alfabetização, é que a alfabetização diz respeito ao conhecimento e aprendizado da escrita alfabética, visando o domínio do sistema alfabético e ortográfico para sua decodificação, ou seja, a aquisição do sistema convencional da escrita. O letramento é um processo mais amplo, possibilita o desenvolvimento de habilidades, comportamentos e práticas de uso do sistema convencional da escrita na produção e compreensão de textos com diferentes gêneros textuais inseridos nas práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita.

O Letramento visa os processo de demanda, mas realizada junto com o sistema com a interação, de letramento se transforma, e melhora, a alfabetização é um componente do letramento. Sendo assim, o ideal é ensinar a ler e escrever de modo que a criança não apenas decodifique as palavras, mas entenda o que lê. A fim de alcançar esse ideal, o professor alfabetizador precisa reconhecer o significado de alfabetização e letramento no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Magda soares, alfabetização é tornar o individuo capaz de ler e escrever, é o processo pelo qual a pessoa adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever, ou seja domínio de técnicas pra exercer a arte e a ciência da escrita, e também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e interpretação e uso da linguagem de uma maneira geral.

Segundo Magda Soares (1998, p. 107) o letramento consiste de um grande número de diferentes habilidades, competências cognitivas e metacognitivas, aplicadas a um vasto conjunto de materiais de leitura e gêneros de escrita, e refere-se a uma variedade de usos da leitura e da escrita, praticadas em contextos sociais diferentes.

Espera-se que uma criança seja alfabetizada ao frequentar os anos iniciais do ensino fundamental. Isso não depende exclusivamente de sua idade,

mas sim de fatores importantes, que determinam a rapidez e a facilidade. Além de codificar e decodificar as palavras, elas devem compreender os usos sociais da escrita.

Desenvolvimento da Criança no ensino da alfabetização e letramento.

O desenvolvimento da criança no ensino da alfabetização e letramento é um processo muito importante nas séries iniciais que envolve vários aspectos cognitivos, sociais e emocionais. A alfabetização refere-se à capacidade de reconhecer e escrever letras e palavras, enquanto o letramento é um conceito mais amplo que inclui a compreensão e o uso da leitura e da escrita em diferentes contextos da vida cotidiana.

Alguns pontos importantes sobre o desenvolvimento da criança nesses processos:

Desenvolvimento Cognitivo

- **Consciência Fonológica:** Este é o entendimento de que as palavras são formadas por sons menores, como fonemas e sílabas. É uma habilidade fundamental para a alfabetização, pois ajuda a criança a decodificar palavras.
- **Reconhecimento de Letras:** As crianças precisam aprender a reconhecer letras e suas formas. Isso geralmente começa com letras do nome da criança e expande para outras letras do alfabeto.
- **Decodificação e Fluência:** A habilidade de decodificar palavras (transformar letras em sons) é crucial. A fluência na leitura, que é a capacidade de ler com precisão e ritmo, desenvolve-se com a prática constante.

Desenvolvimento Linguístico

- **Vocabulário:** O enriquecimento do vocabulário é vital para a compreensão de textos. As crianças precisam ser expostas a uma ampla gama de palavras e contextos.

- **Compreensão de Texto:** A compreensão envolve não apenas reconhecer palavras, mas também entender o significado do que está sendo lido. Isso é facilitado por atividades de leitura compartilhada e perguntas sobre o texto.

Considerações finais

O ensino do Letramento nos anos iniciais é um processo de perceber as memórias que prende a ler e escrever ,para obter conhecimento que constroe junto a alfabetização de natureza conceitual, ele não só precisa saber o que é a escrita, mas também de que forma a ela representa graficamente.

É por meio da interação com o objeto de conhecimento que as crianças vão construindo hipóteses de forma progressiva, são essas especificidades do processo de alfabetização que não podem ser esquecidas. Não basta apenas o convívio com o material escrito, é necessário ter uma direção e uma sistematização por meio de uma reflexão metalinguística, partindo de textos reais de vários gêneros que circulam socialmente.

O processo de ensino-aprendizagem a alfabetização deve ser organizado de modo que a leitura e a escrita sejam desenvolvidas em uma linguagem real, natural, significativa e de acordo com o cotidiano da criança. A alfabetização tem como objetivo criar situações para que a criança perceba o seu desenvolvimento e conseqüentemente adquira a sua autonomia, tornando-se fase adulta um ser crítico e conhecedor de seus direitos.

Referências

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. 26ª Reunião Anual da Anped,

2004 SOARES, Magda, Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2002

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001

"A Aquisição da Leitura e da Escrita" - Emília Ferreiro e Ana Teberosky

"Como as Crianças Aprendem a Ler" - Jeanne Chall

"Ensino da Alfabetização e Letramento: Teoria e Prática" - Carmen Lúcia de Melo.

- A Arte no Brasil e a sala de aula (Liliana Martins Marinho)

A Arte no Brasil e a sala de aula

Liliana Martins Marinho

DOI: 10.5281/zenodo.13715504

RESUMO

Este trabalho tem como hipótese de pesquisa entender a perspectiva dos cidadãos brasileiros em relação à Arte, desde o início da sua história até os dias atuais. Os objetivos específicos são explorar como a Arte surgiu no Brasil, identificar os benefícios que ela oferece para o desenvolvimento humano e, além disso, investigar como os alunos percebem as aulas de Arte na contemporaneidade. Para alcançar esses objetivos, foram realizadas duas etapas distintas de pesquisa. Nos dois primeiros capítulos, a investigação foi baseada em uma pesquisa bibliográfica, que envolveu a revisão e análise de literatura existente sobre o tema. No terceiro capítulo, foi conduzida uma pesquisa de campo, através de entrevistas com professoras de Arte atuantes no município de Araras, SP. A conclusão da pesquisa revelou que ainda há uma significativa desvalorização das aulas de Arte entre os alunos brasileiros. Muitos deles não compreendem plenamente o verdadeiro significado e a importância dessas aulas, o que sugere uma necessidade de maior valorização e esclarecimento sobre o papel fundamental que a Arte desempenha no desenvolvimento pessoal e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte. Arte no Brasil. Aulas de Arte.

ABSTRACT

This work's research hypotheses are to understand the perspective of Brazilian citizens in relation to Art, from the beginning of its history to the present day. The specific objectives are to explore how Art emerged in Brazil, identify the benefits it offers for human development and, in addition, investigate how students perceive Art classes in contemporary times. To achieve these objectives, two distinct research stages were carried out. In the first two chapters, the investigation was based on bibliographical research, which involved a review and analysis of the existing literature on the topic. In the third chapter, field research was conducted through interviews with Art teachers working in the city of Araras, SP. The conclusion of the research revealed that there is still a significant devaluation of Art classes among Brazilian students. Many of them do not understand the true meaning and importance of these classes, which suggests a need for greater appreciation and clarification about the fundamental role that Art plays in personal and cultural development.

KEYWORDS: History of Art. Art in Brazil. Art Classes.

Introdução

O trabalho trata da Arte no Brasil, desde o início até os dias atuais e suas contribuições para o ser humano. Vemos que é um assunto que é deixado

de lado, pouquíssimas pessoas pesquisam sobre Arte para saber ao certo qual sua finalidade e como foi dado o seu surgimento.

Conversando com alguns colegas de trabalho e algumas mães de alunos, percebo que as ideias se divergem, os professores de um lado sabem toda a importância da Arte para o desenvolvimento, já os pais desconhecem e acham que é uma matéria para descansar. Já ouvi de pai que marcava compromisso para o filho nos dias que havia aula de arte, porque assim, não perdia conteúdo. Acredito que o assunto deveria ser do conhecimento de todos, para que haja maior valorização das aulas e do profissional.

Levando isso em consideração, o trabalho apresentará o olhar dos alunos brasileiros para a Arte levando em consideração a história do início da arte no Brasil e as contribuições dela para a formação do indivíduo.

A arte é mal compreendida, talvez seja por causa do início dela no país, onde era usada como mão de obra barata para construções religiosas, não tinha seu devido valor e era desconhecido todo o seu valor.

O trabalho possui como objetivos específicos buscar como se deu o início da Arte no Brasil, conhecer quais os benefícios da Arte para o desenvolvimento humano e como objetivo específico saber como os alunos veem as aulas de Arte na atualidade.

A pesquisa possui sua contribuição para sociedade, uma vez que apresenta a importância da Arte, mostrando sua história e o seu real significado, para romper com as ideias contrárias com sua funcionalidade.

Para isso, foi utilizado da metodologia de revisão bibliográfica, fundamentação em pesquisas previamente realizadas, para enriquecer o conhecimento e trabalho, para o terceiro e último capítulo foi efetuado uma pesquisa de campo através de um questionário com professoras atuantes em sala de aula na matéria de Arte.

No decorrer das páginas o leitor se deparará com três capítulos, o primeiro denominado como "Início da Arte no Brasil", em que é abordado sobre a chegada da Arte no país e sua funcionalidade na época. No segundo capítulo denominado como "A Arte e suas contribuições para o desenvolvimento humano", em que aborda as vantagens da arte para o desenvolvimento. No

terceiro capítulo são apresentados os resultados encontrados com o questionário. Para finalizar o trabalho, há a conclusão e as referências bibliográficas.

Desenvolvimento

Início da Arte no Brasil

O ensino de Arte no Brasil experimentou uma série de transformações significativas ao longo dos anos, refletindo as complexas mudanças sociais e culturais do país. Desde o período colonial, a instrução artística era utilizada para ensinar aos indígenas técnicas que facilitavam a exploração econômica e a manutenção de mão de obra barata. Essa prática ilustra o uso da arte não apenas como um meio de expressão cultural, mas também como uma ferramenta de controle e assimilação (SOUZA, et al, 2018).

Os autores ainda discorrem que à medida que o Brasil evoluía, o ensino de Arte continuou a se adaptar, atravessando períodos de colonização e modernização. Um marco crucial nesse processo foi a Semana de Arte Moderna de 1922, um evento revolucionário que desafiou os cânones artísticos estabelecidos e inaugurou uma nova era de experimentação e inovação no campo das artes.

Conforme descrito por Souza et al. (2018), a formalização da inclusão da Arte como um componente essencial no currículo da educação básica no Brasil foi apenas em 1996. Essa mudança representou um avanço significativo na valorização da arte como parte fundamental da formação educacional. A inclusão da arte no currículo refletiu um reconhecimento crescente da sua importância não só para o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também para a promoção da expressão criativa e do pensamento crítico entre os alunos.

A chegada dos portugueses ao Brasil marcou um período de profunda transformação para as terras habitadas pelos indígenas, que foram

considerados pelos europeus como povos sem letramento e identidade própria. Nesse contexto, os portugueses impuseram seus próprios costumes e valores por meio da catequização e da alfabetização dos indígenas, com o intuito de integrar a cultura europeia. Parte desse processo envolveu a formação de mão de obra barata para a construção de templos religiosos, como igrejas, que se destacam como as primeiras expressões artísticas no Brasil. Estas igrejas não apenas serviram como centros de culto, mas também como primeiros exemplos da arte europeia no país, estabelecendo as bases para o desenvolvimento da arte brasileira ao longo dos séculos (SOUZA et al., 2018).

Ainda, discorrem que os Jesuítas (franciscanos e beneditinos), os quais eram os responsáveis pela instrução dos indígenas, ensinavam técnicas artísticas do estilo barroco (estilo artístico iniciado na Itália no século XVI), o qual foi usado indispensavelmente nas construções e pinturas das igrejas. Porém, com o passar dos anos, as técnicas demonstraram certa diferença, em que apareciam características nacionais, por mais que a base permanecia europeias, transparecia uma diferença nas obras, tais diferenças marcadas pela pluralidade do povo brasileiro, o qual é marcado por sua pluralidade étnica.

O ensino de arte passou por diversas mudanças para chegar no que representa nos dias atuais, para ocorrer a ruptura de como era o uso da arte no período de colonização e pós colonização do Brasil, houve um evento muito importante para mudar o rumo da Arte em nosso país, evento esse chamado de Semana da Arte moderna:

“A Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. Seu principal objetivo era romper com os cânones e as técnicas impostas até então e inovar a forma como a arte era produzida, em que a liberdade de expressão guiasse o artista em toda a sua jornada, criando assim uma arte que refletisse o país. Assim, este marco histórico influenciou diretamente o contexto educacional brasileiro, fazendo com que a metodologia e o objetivo do ensino das artes fossem reavaliados. O desenho enquanto cópia não é mais ensinado. As aulas de artes tornam-se um lugar voltado à expressão dos estudantes, no qual o desenho final é o resultado real de sua liberdade.” (SOUZA, et al. 2018, p. 10)

Por mais que houve mudanças, nenhuma até então havia feito uma grande mudança no cenário artístico brasileiro e não foi uma tarefa fácil para os participantes da Semana de Arte moderna:

Levou-se muito tempo para ocorrer mudanças significativas tanto na história da arte brasileira quanto em seu ensino no nosso país, professores e artistas, em geral, tiveram que preencher uma lacuna de saberes muito extensa após a 'Semana de Arte de 22', porque a mesma lançou os fundamentos do modernismo no Brasil, sendo composta de apresentações de: poesia, música, dança, conferências, concertos, recitais e uma exposição de artes visuais. Sendo todas estas atividades um choque para a sociedade da época; pois os ideais e objetivos da semana eram: a repulsa as concepções passadistas do universo artístico; a independência mental brasileira pelo repúdio aos padrões europeus de arte; a instauração de uma nova técnica de representação da vida; a valorização das culturas indígenas e africanas existentes em nosso país, além de um olhar significativo para a singularidade da natureza tropical. Assim surgindo uma verdadeira renovação das linguagens artísticas na busca e na experimentação, da liberdade criadora e na ruptura com o passado. (ZIMMERMAN; DIAS, 2017, p. 722)

Durante esse período de Arte Moderna houve o rompimento entre a concepção modelo tradicional, o qual tinha a intenção de formar o indivíduo para o trabalho (mão de obra), com a metodologia de ensino pautada em cópia e memorização, onde o trabalho do professor era transmitir os conteúdos, e a concepção modernista de ensino o qual os objetivos passaram ser o desenvolvimento da criatividade e expressão do educando, levando em consideração as necessidades e interesses deles. (ZIMMERMAN; DIAS, 2017) Segundo Barbosa (2019), o ensino de Arte durante o período modernista foi influenciado pelos conceitos de John Dewey, um renomado filósofo e pedagogo norte-americano.

No entanto a mudança para a Arte nas escolas que conhecemos hoje se deu apenas alguns anos após a Semana de Arte Moderna de 1922, em que surgiu o Movimento das Escolinhas de Arte, uma iniciativa que criou uma rede de escolas de arte por todo o Brasil, voltadas para crianças e adolescentes. O objetivo principal dessas escolas era promover e estimular a educação artística desde a infância. Esse movimento foi essencial para reforçar a ideia de que o ensino de artes deveria ser obrigatório nas escolas, uma meta que foi

concretizada na década de 1970. Como resultado desses esforços, a arte foi finalmente incorporada de forma permanente aos currículos escolares em todos os níveis de ensino (Souza et al., 2018).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 estabeleceu a arte como uma disciplina obrigatória no currículo escolar, garantindo que ela tivesse conteúdos específicos e bem definidos dentro da educação básica. O principal objetivo dessa inclusão era promover uma formação cultural abrangente para os alunos, enriquecendo sua compreensão e apreciação das artes (Iavelberg, 2014).

Simultaneamente, segundo Iavelberg (2014), foram introduzidos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documentos criados na mesma época que a LDB, com a finalidade de orientar a prática pedagógica. Embora a adoção dos PCN não fosse obrigatória, eles ofereceram diretrizes importantes para o ensino de arte, tratando essa área com a mesma relevância dada às demais disciplinas. Esses documentos foram amplamente distribuídos para escolas e professores em todo o Brasil.

Os PCN de arte visavam melhorar a reflexão e a prática em cada uma das diferentes linguagens artísticas, abordando-as de forma detalhada e separada, respeitando as características únicas de cada uma: artes visuais, dança, música e teatro. Além disso, incentivavam a criação de projetos interdisciplinares que pudessem integrar diferentes linguagens da arte e até outras áreas do conhecimento, desde que essas atividades fossem planejadas de maneira a respeitar as especificidades e particularidades de cada área e linguagem, sem comprometer sua identidade própria.

Mais recentemente, em 3 de maio de 2016, foi aprovada pelo Senado a Lei 13.278/2016, que estabelece a inclusão das Artes Visuais, da dança, da música e do teatro nos currículos nacionais da Educação Básica. Essa lei representa um avanço significativo na valorização das artes na educação, garantindo que essas disciplinas façam parte integral da formação educacional das crianças e jovens em todo o país.

Nesse capítulo podemos observar, portanto, uma significativa evolução no ensino de artes desde seus primeiros passos no Brasil. Todas essas

transformações não apenas moldaram a forma como a arte é ensinada, mas também continuam a exercer uma influência importante sobre a área até os dias de hoje. A cada mudança e aprimoramento, o ensino da arte tem passado por adaptação e enriquecimento, o que reflete e interfere na prática artística e na formação cultural dos alunos ao longo do tempo.

A Arte e suas contribuições para o desenvolvimento humano

De acordo com Dall'Orto (2013), cada pessoa possui um conjunto de potencialidades que precisa ser cultivado através de estímulos apropriados, a fim de que possa tomar decisões conscientes e bem fundamentadas. Nesse contexto, a Arte desempenha um papel crucial no desenvolvimento dessas potencialidades, especialmente nas crianças. Através das experiências artísticas, elas têm a oportunidade de exercitar aspectos essenciais de seu ser, como a convivência com os outros, a criatividade e o conhecimento. Isso contribui para o aprimoramento de várias competências, incluindo habilidades pessoais, sociais, cognitivas e produtivas.

Quando éramos crianças e participávamos das aulas de Arte, muitas vezes não tínhamos plena consciência do verdadeiro valor e impacto dessas experiências no nosso desenvolvimento. Naquela época, era comum ver as aulas de Arte como momentos de relaxamento e descontração, uma espécie de intervalo das exigências acadêmicas mais rígidas. Achávamos que essas atividades eram apenas uma oportunidade para colorir, pintar ou fazer colagens, sem perceber o quanto essas práticas estavam moldando aspectos cruciais do nosso crescimento pessoal.

Na realidade, as aulas de Arte desempenham um papel muito mais profundo e significativo do que o simples passatempo. Elas são fundamentais para o desenvolvimento de uma ampla gama de habilidades e competências que são essenciais para o nosso crescimento integral. Essas atividades artísticas ajudam a cultivar a criatividade e a expressão pessoal, permitindo que as crianças explorem e manifestem suas emoções e ideias de maneiras

inovadoras. Além disso, as aulas de Arte promovem o desenvolvimento de habilidades motoras finas e coordenação, pois envolvem o uso de diferentes materiais e técnicas.

Sendo assim, ao refletirmos sobre a importância das aulas de Arte, é evidente que elas vão muito além do que percebíamos na infância, elas desempenham um papel essencial no desenvolvimento das competências que são valiosas não apenas no contexto escolar, mas também ao longo da vida. Apreciar o valor dessas experiências artísticas ajuda a reconhecer a importância da incorporação da Arte no currículo escolar como uma parte vital da formação integral dos seres humanos.

Através de oportunidades educativas focadas em linguagens artísticas é possível desenvolver competências pessoais, relacionais, cognitivas e produtivas, trabalhando questões ligadas ao desenvolvimento humano e social, oferecendo às crianças instrumentos básicos para o desenvolvimento da cidadania e para a conscientização acerca do valor do patrimônio cultural herdado e por cuja contínua revitalização são legítimos responsáveis. (Dall'Orto, 2013, p. 2)

Além disso, conforme detalhado por Vygotsky (1999) e citado por Barroco e Superti (2014), a percepção, a emoção, a criatividade e a imaginação são processos psicológicos fundamentais que têm uma conexão profunda com a arte. Vygotsky, que foi um renomado psicólogo do desenvolvimento, destacou que esses aspectos psicológicos estão interligados de forma íntima com as práticas:

Desse modo, a arte e os instrumentos culturais servem a humanização dos homens e ao desenvolvimento de sentidos novos como os amores, as paixões, a amizade. Portanto, somente com a construção de objetivos culturais e artísticos é que ficam afirmadas as características estritamente humanas, com necessidades além dos naturais. Marx (2003) nos leva a entender o quanto a arte contribui para o refinamento dos sentidos, tornando o homem ainda mais livre dos instintos e das necessidades imediatas, dando liberdade de criar sob novos princípios, como os da beleza. Além disso, a arte afirma elevadas características humanas, possibilitando não apenas a humanização dos cinco sentidos biológicos, mas, contando com eles, possibilita o desenvolvimento dos sentidos. (BARROCO; SUPERTI, 2014, p. 27)

A obra de Vygotsky, conforme discutido por Barroco e Superti, sublinha a importância da arte na promoção de processos psicológicos vitais, como percepção, emoção, criatividade e a imaginação. Esses aspectos estão interligados de maneira fundamental com a prática artística, evidenciando como a arte desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral dos indivíduos, ajudando-os emocionalmente e cognitivamente. Portanto, é notável o quanto a Arte tem a nos oferecer e quais suas inúmeras contribuições para o desenvolvimento integral.

Questionário aplicado sobre a atividade docente

Neste capítulo, ocorrerá o detalhamento da pesquisa conduzida com três professoras da Rede Municipal de Ensino de Araras, SP. Essa cidade é onde eu atuo como pedagoga na educação infantil, e tive a oportunidade de entrevistar essas educadoras para obter uma visão mais aprofundada sobre o cenário educacional local.

A pesquisa foi realizada por meio de um questionário que continha cinco perguntas dissertativas. O objetivo dessas perguntas é explorar e entender o trabalho realizado em sala de aula com crianças da educação infantil, bem como com alunos do Ensino Fundamental I e II. O questionário busca identificar as práticas educacionais empregadas por essas professoras e, ao mesmo tempo, as dificuldades que elas enfrentam no dia a dia. Através das respostas obtidas, espero fornecer uma análise abrangente das experiências e desafios encontrados por essas profissionais no contexto educacional da cidade de Araras localizada no interior do estado de São Paulo.

- Questão 1: “Qual etapa de ensino você leciona?”
 - Professora 1: “Educação Infantil e fundamental I”
 - Professora 2: “Ensino Fundamental I”
 - Professora 3: “Ensino Fundamental I e II”

- Questão 2:” Qual sua formação e há quantos anos leciona?”
 - Professora 1: “Sou formada em Licenciatura em Pedagogia, Licenciatura em Arte e pós-graduada em Arte. Leciono faz 5 anos”
 - Professora 2: “Formação em arte e pós-graduada em artes visuais”. Leciono há 10 anos.”
 - Professora 3:” Primeiramente, conclui o curso de Magistério, o que me proporcionou uma base sólida para a educação. Em seguida, estudei Artes Visuais, ampliando minha formação para incluir a expressão artística. Após isso, finalizei meus estudos acadêmicos com uma pós-graduação em Arte, Música e Terapia, o que aprofundou ainda mais meus conhecimentos e habilidades nessas áreas. Estou na profissão há 20 anos, porém, apenas nos últimos 12 anos tenho me dedicado exclusivamente ao ensino de Arte.
- Questão 3: Você costuma usar algum material norteador?
 - Professora 1: Sim, a BNCC e além disso, para o fundamental I, há apostila (escola particular)
 - Professora 2: Sim, BNCC.
 - Professora 3: Sim, BNCC e para o fundamental II há apostila.
- Questão 4: Quais as maiores dificuldades encontradas nas aulas?
 - Professora 1: Nas turmas da educação infantil, os desafios mais frequentes que encontro são a indisciplina, que muitas vezes se manifesta na falta de regras e estrutura, e a alta dependência das crianças para realizar as atividades propostas. Isso exige um trabalho constante para estabelecer limites e promover a autonomia dos pequenos. No Ensino Fundamental I, a indisciplina continua a ser um problema relevante. Além disso, nos 5º anos, observo um certo desinteresse pelos temas abordados nas aulas de Arte. Mesmo quando tento engajar os alunos com obras de arte e filmes, eles frequentemente demonstram preferência por atividades de desenho livre. Essa tendência destaca a necessidade de buscar novas abordagens e estratégias para capturar o interesse dos alunos e tornar as aulas mais envolventes e significativas para eles
 - Professora 2: Lecionar nos anos iniciais do ensino fundamental I, como os 1º e 2º anos, é mais tranquilo, as crianças aceitam mais as atividades

do que os 4º e 5º anos que gostam de desenhar o que querem e não gostam de colorir.

- Professora 3: As dificuldades enfrentadas no Ensino Fundamental I são muito diferentes das que encontro no Ensino Fundamental II. Na minha experiência, as turmas do Fundamental I apresentam desafios que considero relativamente mais manejáveis em comparação com o que vivencio no Fundamental II. No Fundamental II, especialmente nas turmas dos 6º e 7º anos, o cenário é bastante mais complexo e exigente. Essas turmas são geralmente muito agitadas e frequentemente demonstram comportamentos desrespeitosos. Eles têm uma resistência notável a seguir orientações e costumam mostrar desinteresse pelos temas abordados nas aulas. Muitas vezes, a percepção deles em relação às aulas de Arte é bastante negativa; para alguns alunos, essas aulas são vistas como uma oportunidade para bagunçar ou até mesmo para dormir. Isso requer um esforço significativo para tentar engajar esses alunos e encontrar maneiras de tornar as aulas mais atraentes e relevantes para eles, além de lidar com a questão da falta de respeito e da dificuldade em manter a disciplina.

Neste capítulo, observamos que as professoras enfrentam dificuldades em todas as etapas educacionais. No entanto, é notável que a falta de interesse dos alunos é uma questão comum em todas essas fases. Embora os desafios específicos possam variar conforme a faixa etária e o nível escolar, a falta de engajamento e entusiasmo dos alunos é uma preocupação persistente que afeta tanto a educação infantil quanto os anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Isso destaca a necessidade contínua de estratégias eficazes para aumentar o interesse dos alunos e promover uma participação mais ativa e positiva nas aulas.

Conclusão

Baseado na análise e formulação dos três capítulos da pesquisa, é evidente que a arte no Brasil passou por diversas transformações ao longo do tempo. Durante a época dos Jesuítas, a arte era amplamente utilizada como uma ferramenta para a catequização dos indígenas e para a construção de

templos religiosos, como igrejas. Esse período evidenciou a arte como um meio de obter mão de obra barata e impor a cultura europeia aos povos nativos.

Nossa pesquisa buscou entender a percepção dos brasileiros sobre a arte desde o início da sua história até os dias atuais, e explorou vários objetivos específicos: o surgimento da arte no Brasil, os benefícios da arte para o desenvolvimento humano e a visão atual dos alunos sobre as aulas de arte.

Como constatado, a arte, em seus primórdios, estava estreitamente vinculada aos interesses religiosos e à necessidade de trabalho. Entretanto, essa perspectiva começou a mudar com a Semana de Arte Moderna de 1922, um marco crucial que destacou a importância da arte na sociedade e iniciou uma valorização mais ampla de seu papel cultural e social.

Apesar desse avanço histórico, a valorização da arte ainda enfrenta desafios significativos. Os depoimentos das professoras de arte entrevistadas revelam uma persistente falta de interesse por parte dos alunos nas aulas de arte. Muitas vezes, as aulas são vistas como meras atividades livres, uma percepção equivocada que não reflete a real importância da arte.

Conforme discutido no segundo capítulo, a arte é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, psicológico, emocional e social dos indivíduos. Ela oferece benefícios que vão além da simples expressão criativa, influenciando positivamente diversas áreas do desenvolvimento humano. A falta de reconhecimento desses benefícios contribui para a desvalorização da disciplina, mostrando a necessidade de uma abordagem mais esclarecedora e envolvente no ensino de arte.

Em conclusão, a arte no Brasil passou de uma ferramenta de controle e catequização para um campo de expressão cultural e desenvolvimento humano. No entanto, ainda há um caminho a percorrer para que sua verdadeira importância seja plenamente compreendida e valorizada, especialmente no contexto educacional atual.

Referência

BARBOSA, Ana Mae. (org) Arte-educação: leitura no subsolo. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BARROCO, Sonia M.; SUPERTI, Tatiane. Vigotski e o Estudo da psicologia da Arte: Contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, 26(1), 22-31.

BRASIL. Senado Federal. Lei inclui artes visuais, dança, música e teatro no currículo da educação básica. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/03/lei-inclui-artes-visuais-danca-musica-e-teatro-no-curriculo-da-educacao-basica>>. Acesso em: 28 de jun de 2024.

DALL'ORTO, F. C. . A arte desenvolvendo potencialidades. *Estação Científica*, [S. l.], v. 7, n. JUL./DEZ., 2023. Disponível em: <<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/estacaocientifica/article/view/2350>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

IABELBERG, Rosa. O ensino de arte na educação brasileira. *Revista USP*, São Paulo, Brasil, n. 100, p. 47–56, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i100p47-56. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/76165>>. Acesso em: 19 ago. 2024.

SOUZA, Joana M. C.; et al. A HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL E SUA ABORDAGEM PEDAGÓGICA. Disponível em:<http://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/ART_EaD/article/view/1859/917>. Acesso em: 10 de jul. de 2024.

ZIMMERMAN, Charlotte L. V. R.; DIAS, Lúcia. UMA BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL E SUAS RELAÇÕES COM O NOSSO TEMPO. Disponível em:< chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fwww.unoeste.br%2Fsite%2Fenepe%2F2017%2Fsuplementos%2Farea%2FHumanarum%2F4%2520%2520Educa%25C3%25A7%25C3%25A3o%2FUMA%2520BREVE%2520HIST%25C3%2593RIA%2520DO%2520ENSINO%2520DA%2520ARTE%2520NO%2520BRASIL%2520E%2520SUAS%2520RELA%25C3%2587%25C3%2595ES%2520COM%2520O%2520NOSSO%2520TEMPO.pdf&clen=333361&chunk=true>. Acesso em: 12 de jul. de 2024.

- A Filosofia da Educação: reflexões sobre a formação integral do indivíduo no contexto educacional contemporâneo (Aparecida Damazio de Oliveira)

A Filosofia da Educação: reflexões sobre a formação integral do indivíduo no contexto educacional contemporâneo

Aparecida Damazio de Oliveira

DOI: 10.5281/zenodo.13799350

RESUMO

O objetivo deste artigo científico é aprofundar a compreensão sobre a importância da Filosofia da Educação no contexto educacional contemporâneo. Através dessa disciplina, busca-se analisar e compreender os fundamentos e propósitos da educação, bem como sua relação com a formação integral do indivíduo. Uma das principais abordagens do artigo é apresentar as principais correntes filosóficas que influenciaram e continuam a influenciar a educação. Serão discutidas perspectivas como o idealismo, o pragmatismo, o existencialismo, o construtivismo e outras correntes que têm contribuído para a compreensão da educação como um fenômeno complexo e multifacetado. Além disso, o artigo irá abordar a necessidade de uma abordagem reflexiva e crítica no processo de ensino-aprendizagem. O contexto contemporâneo traz desafios e demandas específicas para a educação. Por isso, o artigo também discutirá perspectivas contemporâneas sobre a Filosofia da Educação, considerando temas como a educação para a cidadania global e o uso da tecnologia na educação.

Palavras-chave: Filosofia da educação. Formação integral do indivíduo. Contexto educacional contemporâneo. Abordagem reflexiva e crítica.

Introdução

A formação integral do indivíduo, entendida como o desenvolvimento harmônico de suas dimensões cognitivas, emocionais, sociais e éticas, é um dos principais objetivos da educação. Nesse sentido, a Filosofia da Educação busca fornecer bases teóricas e conceituais que auxiliem na compreensão e na prática de uma educação integral, capaz de promover o pleno desenvolvimento do ser humano. Ao explorar as correntes filosóficas da

educação, como o idealismo, o pragmatismo, o existencialismo e o construtivismo, é possível compreender as diferentes abordagens e visões sobre o processo educacional. Cada corrente filosófica traz consigo uma perspectiva única e uma ênfase particular, influenciando as concepções de ensino, aprendizagem, conhecimento e formação humana.

No contexto educacional contemporâneo, marcado por rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas, a Filosofia da Educação se torna ainda mais relevante. Questões como a educação para a cidadania global, a inclusão e equidade, o uso da tecnologia na educação e a consciência ambiental são desafios que demandam uma reflexão profunda e crítica por parte dos educadores e pesquisadores.

Diante disso, este artigo científico busca contribuir para a compreensão da importância da Filosofia da Educação no contexto educacional contemporâneo. Ao refletir sobre as bases teóricas e filosóficas da educação, assim como as demandas e desafios atuais, pretende-se estimular uma abordagem mais reflexiva, crítica e consciente no processo educativo, visando à formação integral do indivíduo e a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Além disso, a abordagem reflexiva e crítica proporcionada pela Filosofia da Educação permite que educadores e pesquisadores questionem as práticas estabelecidas, os modelos educacionais tradicionais e as estruturas de poder presentes no sistema educacional. Essa reflexão crítica é essencial para promover mudanças e transformações necessárias, a fim de atender às demandas da sociedade contemporânea.

A tecnologia também desempenha um papel cada vez mais significativo na educação. A Filosofia da Educação permite uma análise reflexiva sobre o uso da tecnologia no contexto educacional, explorando suas potencialidades, desafios e impactos. É necessário refletir sobre como a tecnologia pode ser integrada de forma crítica e consciente na prática pedagógica, como uma

ferramenta que amplia as possibilidades de ensino-aprendizagem e promove a participação ativa dos alunos.

Diante dessas reflexões, é evidente que a Filosofia da Educação desempenha um papel crucial no contexto educacional contemporâneo. Ao proporcionar uma base teórica sólida e uma abordagem reflexiva e crítica, essa disciplina contribui para a formação integral do indivíduo, promove a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, e enfrenta os desafios e demandas da atualidade. Portanto, é essencial que educadores, pesquisadores e formuladores de políticas reconheçam a importância da Filosofia da Educação e a incorporem de forma significativa em seus esforços para aprimorar a educação em nossas sociedades.

O Conceito de filosofia da educação

A Filosofia da Educação é uma disciplina que se dedica ao estudo filosófico dos fundamentos, propósitos e princípios da educação. Ela busca compreender as questões teóricas e conceituais relacionadas à educação, bem como a sua relação com a formação do indivíduo e o desenvolvimento da sociedade. A Filosofia da Educação questiona e investiga os conceitos e pressupostos fundamentais da educação, tais como o papel do educador, o processo de ensino-aprendizagem, a natureza do conhecimento, os valores morais e éticos envolvidos, as finalidades educacionais e as relações entre educação e sociedade. Essa disciplina procura refletir criticamente sobre as teorias educacionais existentes, analisar as diferentes correntes filosóficas que permeiam a educação e examinar os desafios e dilemas éticos que surgem no contexto educacional. Através de um olhar filosófico, busca-se compreender as implicações e os significados mais profundos da educação, questionando os pressupostos subjacentes e propondo caminhos para uma educação mais significativa e emancipadora. A Filosofia da Educação não se limita apenas a um

conjunto de teorias abstratas, mas também envolve uma reflexão crítica sobre as práticas educacionais concretas. Ela busca investigar e problematizar as experiências educacionais vividas, as políticas educacionais adotadas e as formas de organização do sistema educacional, buscando identificar suas implicações éticas, políticas e sociais.

Em suma, a Filosofia da Educação é um campo de estudo que busca compreender os fundamentos, propósitos e princípios da educação de maneira crítica e reflexiva. Ela desafia as ideias estabelecidas, estimula o pensamento filosófico e contribui para o desenvolvimento de uma educação mais coerente, inclusiva e comprometida com a formação integral do indivíduo e a construção de uma sociedade justa e democrática.

A Educação e a Filosofia possuem uma relação intrínseca que remonta aos primórdios da filosofia e se estende até os dias atuais. Essas duas áreas estão intimamente ligadas e colaboram mutuamente em diversos aspectos relacionados ao ser humano e ao mundo. Dessa maneira, a filosofia da educação traz questionamentos essenciais tanto para os professores quanto para os alunos, aprofundando questões que possuem natureza filosófica implícita. Essas indagações incluem: Qual é o propósito do meu ensino? Por que essa disciplina é importante? Para que serve o ato de ensinar? O que é pedagogia? Essas perguntas surgem naturalmente para os professores, enquanto os alunos questionam: Por que estou estudando? Por que devo frequentar a escola? Por que preciso aprender essa matéria? Quando levadas ao extremo por aqueles que as formulam, essas perguntas se transformam em questões filosóficas, pois se tornam indagações sobre a natureza do ser humano e do mundo ao seu redor (KNELLER, 1984, p. 13).

No caso dos alunos, é comum questionarem: "Por que estou estudando?" "Porque devo frequentar a escola?" "Por que preciso aprender essa matéria?" Essas perguntas revelam a busca por um sentido, por entender o valor da educação em suas vidas. Ao levar essas perguntas ao extremo, os alunos podem se envolver em uma reflexão filosófica, questionando a própria natureza do ser humano e sua relação como mundo.

Ao abordar tais questões filosóficas, a filosofia da educação oferece um espaço para o debate e a reflexão crítica. Ela permite que professores e alunos explorem conceitos como o significado da vida, a busca pelo conhecimento, o papel da educação na formação moral e ética, a relação entre indivíduo e sociedade, entre outros temas. Essa abordagem filosófica enriquece o processo educativo, estimulando o pensamento crítico, a criatividade, a autonomia e a capacidade de análise dos envolvidos.

Portanto, a filosofia da educação desempenha um papel crucial ao fomentar questionamentos sobre o propósito do ensino, a importância das disciplinas, o significado do ato de ensinar e a natureza do ser humano e do mundo ao seu redor. Essas indagações fornecem uma base sólida para a reflexão e o aprimoramento contínuo do sistema educacional, possibilitando uma educação mais significativa, relevante e engajadora para todos os envolvidos.

Assim, a filosofia e a filosofia da educação, não possuem a função de, respectivamente, legitimar, através de fundamentação metafísica e/ ou epistemológica o discurso científico e o discurso pedagógico. Elas são narrativas que querem sugerir soluções para certos problemas – problemas situados, datados, e, portanto, sugestões datadas também (GHIRALDELLI, 2002, p. 85).

Seguindo essa perspectiva, podemos dizer que a filosofia e a filosofia da educação não têm a função de legitimar o discurso científico e o discurso pedagógico por meio de fundamentação metafísica e/ou epistemológica. Em vez disso, elas são entendidas como narrativas que buscam oferecer soluções para problemas específicos.

De acordo com Ghiraldelli (2002), tanto a filosofia quanto a filosofia da educação são construídas como narrativas que surgem em contextos situados e datados. Isso significa que essas narrativas são influenciadas por questões históricas, culturais e sociais específicas que moldam os problemas que elas buscam abordar.

Essas narrativas filosóficas e filosóficas da educação não têm a intenção de oferecer respostas definitivas ou universalmente válidas. Em vez disso, elas fornecem sugestões e abordagens que são pertinentes a esses problemas situados e datados. Isso implica que suas propostas podem evoluir e mudar ao longo do tempo à medida que novos contextos e problemas surgem.

Portanto, ao invés de buscar uma fundamentação metafísica ou epistemológica para validar o discurso científico e pedagógico, a filosofia e a filosofia da educação apresentam-se como narrativas flexíveis, que oferecem perspectivas e reflexões sobre os problemas contemporâneos. Essas narrativas podem contribuir para a compreensão e ação no campo científico e educacional, mas não pretendem estabelecer verdades absolutas ou dogmas rígidos.

Correntes filosóficas da educação

As correntes filosóficas da educação referem-se a diferentes abordagens e perspectivas filosóficas que influenciam a teoria e a prática educacional. Essas correntes fornecem diferentes visões sobre o propósito, os métodos, os conteúdos e os valores da educação. Abaixo estão algumas das principais correntes filosóficas da educação:

Idealismo é uma corrente filosófica que sustenta que as ações humanas são guiadas pelas ideias. Embora essa posição possa parecer absurda à primeira vista, uma análise cuidadosa revela que ela faz sentido. As sensações de gosto, cheiro, tato e visão nos permitem perceber o mundo ao nosso redor, e todas as coisas estão contidas nesse mundo.

O termo "idealismo" foi usado pela primeira vez por Leibniz para se referir à filosofia idealista de Platão. No entanto, essa doutrina também está associada a Santo Agostinho, que está relacionado à teoria da subjetividade, a

Descartes, com a ênfase no cogito, e a Husserl, com a corrente fenomenológica (SILVA, 2023).

Para os filósofos idealistas, tudo o que existe no mundo externo ao eu, ou seja, no mundo material, é resultado da atividade da mente e das ideias. Assim, a realidade é considerada como uma criação da mente e não algo dado pelo mundo (SILVA, 2023).

Por outro lado, o materialismo é uma corrente filosófica que se opõe ao idealismo. Os materialistas acreditam que o mundo e todas as suas coisas existem independentemente de nós, pois são compostas de matéria, não sendo resultado da atividade mental. Aristóteles e Karl Marx são grandes expoentes dessa teoria (SILVA, 2023).

O materialismo sustenta que a matéria e seu movimento são a realidade fundamental do universo. Além disso, essa corrente filosófica busca explicar todos os fenômenos naturais, sociais e mentais por meio das interações materiais. Em suma, o materialismo defende que a matéria é a única substância existente e que tudo é composto por ela (SILVA, 2023).

A escolástica, por sua vez, é uma corrente filosófica que surgiu na Idade Média e tinha como objetivo analisar os ensinamentos cristãos à luz da filosofia da Grécia Antiga. Santo Agostinho e Tomás de Aquino são os principais pensadores associados a essa corrente (SILVA, 2023).

Os escolásticos defendiam que, antes dos antigos gregos, o cristianismo ainda não havia surgido na cultura ocidental. No entanto, assim que o cristianismo surgiu, ele passou a dominar vários aspectos da sociedade medieval, incluindo ética, moral, ensino e comércio. Portanto, o conhecimento deveria ser analisado à luz dos ensinamentos cristãos, e isso foi o que os escolásticos fizeram (SILVA, 2023).

O pragmatismo é uma corrente filosófica que enfatiza a importância da ação prática e dos resultados concretos na determinação do valor e da verdade de uma ideia, teoria ou crença. Ele se originou nos Estados Unidos no final do

século XIX, com as contribuições de filósofos como Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey.

De acordo com o pragmatismo, a verdade não é vista como algo absoluto e fixo, mas como algo que é descoberto e testado por meio da experiência prática. As ideias e teorias são consideradas verdadeiras se funcionam e produzem resultados efetivos na prática. Assim, o pragmatismo coloca ênfase na utilidade e na aplicação prática das ideias. Uma das principais características do pragmatismo é sua abordagem experimental e empírica. Ele valoriza a observação e a experimentação como meios de adquirir conhecimento. Além disso, o pragmatismo considera que o significado de uma ideia está relacionado às suas consequências práticas e aos efeitos que produz. No contexto político, o pragmatismo pode ser associado à busca por soluções práticas e flexíveis, em contraste com abordagens teóricas ou ideológicas rígidas. Os pragmatistas políticos tendem a enfatizar a eficácia das políticas públicas e a adaptabilidade às circunstâncias em vez de aderir rigidamente a princípios ou doutrinas específicas.

O construtivismo é uma teoria da aprendizagem que enfatiza o papel ativo do indivíduo na construção do conhecimento. Ele se baseia na ideia de que os indivíduos não apenas absorvem passivamente informações do ambiente, mas constroem ativamente seu entendimento por meio da interação com o mundo ao seu redor.

No construtivismo, o conhecimento é visto como uma construção pessoal e subjetiva, influenciada pelas experiências, conhecimentos prévios e interpretações individuais de cada pessoa. Segundo essa perspectiva, não há uma única realidade objetiva e universalmente válida, mas múltiplas interpretações e perspectivas subjetivas.

A teoria construtivista destaca a importância do envolvimento ativo do aprendiz no processo de aprendizagem. Ao invés de simplesmente receber informações prontas, os indivíduos são incentivados a explorar, investigar, formular perguntas, debater e participar de atividades práticas. Essa interação

ativa com o conteúdo promove a assimilação, acomodação e reestruturação de conhecimentos prévios, levando a uma construção significativa de novos conhecimentos.

O construtivismo é uma teoria educacional que tem suas raízes em várias correntes filosóficas e psicológicas, e diferentes autores contribuíram para o desenvolvimento dessa abordagem ao longo do tempo. Alguns dos principais autores associados ao construtivismo são:

1. Jean Piaget (1896-1980): Piaget foi um psicólogo suíço que teve uma influência significativa no desenvolvimento do construtivismo. Sua teoria do desenvolvimento cognitivo destacou a importância da construção ativa do conhecimento pelas crianças por meio de estágios de desenvolvimento. Ele enfatizou a importância da interação com o ambiente na aprendizagem e na construção de esquemas mentais.

2. Lev Vygotsky (1896-1934): Vygotsky, um psicólogo e educador russo, propôs a teoria sociocultural, que também teve um impacto relevante no construtivismo. Ele enfatizou o papel das interações sociais e da linguagem no desenvolvimento cognitivo e na construção do conhecimento. Vygotsky destacou a importância da zona de desenvolvimento proximal, onde a aprendizagem é facilitada com a ajuda de outras pessoas mais experientes.

3. Jerome Bruner (1915-2016): Bruner, psicólogo e educador norte-americano, contribuiu para o construtivismo com sua teoria da aprendizagem por descoberta. Ele enfatizou o papel da instrução ativa e da resolução de problemas para a construção significativa do conhecimento.

4. Ernst von Glasersfeld (1917-2010): Filósofo e epistemólogo austríaco, von Glasersfeld foi uma proponente chave do construtivismo radical. Ele enfatizou que o conhecimento é construído individualmente por cada pessoa e que não há acesso direto à realidade objetiva.

Esses são apenas alguns dos autores que contribuíram para o desenvolvimento do construtivismo. É importante notar que existem diferentes interpretações e abordagens do construtivismo, resultando em uma ampla gama de variações dentro dessa teoria educacional.

A corrente existencialista é um movimento filosófico que se concentra na análise da existência individual e na experiência subjetiva da pessoa. Ela surgiu no século XX e tem como principais representantes filósofos como Jean-Paul Sartre, Martin Heidegger e Albert Camus.

A corrente existencialista enfatiza a liberdade, a responsabilidade individual e a busca por significado na vida. Ela parte do pressuposto de que a existência humana é marcada pela angústia, pelo vazio e pela falta de sentido intrínseco. Os existencialistas acreditam que cada indivíduo é responsável por criar seu próprio significado e propósito na vida, através de escolhas e ações autênticas.

Um dos conceitos centrais do existencialismo é o "absurdo", que se refere à contradição entre a busca por significado e a ausência de um sentido objetivo no mundo. Segundo os existencialistas, a consciência dessa contradição leva à angústia existencial, mas também abre espaço para a liberdade radical. Eles argumentam que, mesmo diante do absurdo, os seres humanos têm a capacidade de escolher, agir e assumir a responsabilidade por suas vidas.

Além disso, o existencialismo destaca a importância da autenticidade e da autodescoberta. Os existencialistas incentivam os indivíduos a se conhecerem profundamente, a enfrentarem suas próprias contradições e a viverem de acordo com seus valores e crenças pessoais.

Em resumo, a corrente existencialista é uma abordagem filosófica que coloca o indivíduo como centro da reflexão, enfatizando a liberdade, a responsabilidade e a busca por significado na vida. Ela explora temas como angústia, absurdo, autenticidade e autodescoberta.

Abordagem reflexiva e crítica no processo de ensino-aprendizagem

A Didática desempenha um papel fundamental na pedagogia, pois engloba um conjunto de conhecimentos pedagógicos que investigam os fundamentos, as condições e os métodos de instrução e ensino. Ela é considerada a ciência de ensinar. Nesse contexto, o professor tem como principal responsabilidade garantir uma relação didática entre ensino e aprendizagem por meio da arte de ensinar, já que ambos são partes integrantes do mesmo processo. Segundo Libâneo (1994), o professor tem a obrigação de planejar, orientar e controlar esse processo de ensino, além de estimular as atividades e competências próprias do aluno para sua aprendizagem (BATISTA, SANTOS, SILVA e SOUZA).

Para que ocorra o processo de ensino, é necessário ter uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem, ou seja, é necessário compreender como as pessoas aprendem e quais condições influenciam nesse processo. Segundo Libâneo (1994), podemos distinguir dois tipos de aprendizagem:

a. Aprendizagem casual: é geralmente espontânea e surge naturalmente da interação entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Isso ocorre por meio da convivência social, observação de objetos e eventos.

b. Aprendizagem organizada: é aquela que tem como finalidade específica aprender conhecimentos, habilidades e normas de convivência social. Esse tipo de aprendizagem é transmitido pela escola, que é uma organização intencional, planejada e sistemática. As finalidades e condições da aprendizagem escolar são uma tarefa específica do ensino (Libâneo, 1994, p. 82).

c. Esses tipos de aprendizagem são de grande importância para a assimilação ativa dos indivíduos, permitindo que adquiram conhecimento com base nas circunstâncias que vivenciam (BATISTA, SANTOS, SILVA e SOUZA).

O processo de assimilação de conhecimentos, habilidades, percepção e reflexão é desenvolvido por meio de atitudes, motivação e capacidades intelectuais do aluno, e o professor é o principal orientador desse processo de assimilação ativa. É por meio desse processo que se pode obter uma melhor

compreensão, facilitando o desenvolvimento cognitivo (BATISTA, SANTOS, SILVA e SOUZA).

Por meio do ensino, podemos compreender o ato de aprender, que consiste na assimilação mental dos fatos e das relações da natureza e da sociedade. Esse processo de assimilação de conhecimentos é resultado da reflexão proporcionada pela percepção sensorial-prática e pelas atividades mentais que caracterizam o pensamento (Libâneo, 1994). A assimilação ativa é considerada fundamental no processo de ensino, pois desenvolve no indivíduo a capacidade lógica e de raciocínio, facilitando o processo de aprendizagem do aluno (BATISTA, SANTOS, SILVA e SOUZA).

A educação para a cidadania global

No contexto da crescente globalização e avanço tecnológico, o século XXI testemunha um mundo em constante transformação e interdependência. Nações distintas e pessoas diversas, provenientes de todos os cantos, estão conectadas por meio de relações econômicas, científicas, religiosas, tecnológicas, sociais e virtuais. Nessa perspectiva, ser apenas um cidadão que cumpre obrigações e exerce direitos não é mais suficiente: é necessário ser um cidadão global. Embora não haja um consenso absoluto acerca do conceito de cidadania global, há um entendimento comum de que esta vai além da documentação fornecida por um Estado-nação, abrangendo um senso de pertencimento a uma comunidade mais ampla, à humanidade como um todo (SANTOS e SCHWANKE). Essa ideia implica uma abordagem de compreensão do outro, de interação e de ação no espaço e no tempo, que valoriza a diversidade e o pluralismo, reconhecendo que a vida cotidiana de cada indivíduo está interligada entre o local e o global, de forma recíproca (SANTOS e SCHWANKE).

Com a facilidade de acesso à informação proporcionada por tablets, smartphones e outras tecnologias, surgem debates acerca da relevância da educação formal e suas funções sociais no cotidiano das crianças e jovens atuais. Essas discussões sobre o tipo de educação necessária para o século XXI também envolvem o conceito de cidadania global, pois além das competências, habilidades e conhecimentos cognitivos, surge a necessidade de uma educação que contribua para a resolução de desafios globais e promova o respeito mútuo (SANTOS e SCHWANKE).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013)

A escola é o ambiente privilegiado para ensinar e cultivar as normas do espaço público, que levam a uma convivência democrática com as diferenças, pautada pelo respeito mútuo e pelo diálogo. É nesse espaço que os alunos têm a oportunidade de exercitar a crítica e aprender a assumir responsabilidades em relação ao que é de interesse coletivo.

Considerando a escola como um ambiente para a assimilação de valores, como respeito, e habilidades, como pensamento crítico, a educação para a cidadania global (ECG) surge como uma oportunidade para aprimorar os processos de ensino e aprendizagem, indo além dos espaços tradicionais de educação. Seu propósito é proporcionar uma formação abrangente do indivíduo, destacando a importância de transcender as disciplinas e conteúdos acadêmicos em todos os níveis educacionais. A ECG visa desenvolver um cidadão ético, capaz de agir de maneira responsável na sociedade ao longo da vida (SANTOS e SCHWANKE).

A UNESCO (2015, 2016) enfatiza que a ECG busca demonstrar como a educação pode desenvolver habilidades, conhecimentos, valores e atitudes para construir um mundo mais justo, equitativo e sustentável. Reconhece-se, assim, o papel da educação não apenas na transmissão de conhecimentos e habilidades cognitivas, mas também na formação de valores e atitudes que

facilitem a cooperação, tanto em nível nacional quanto internacional, e promovam a transformação social (SANTOS e SCHWANKE). Portanto, é necessário adotar uma abordagem pedagógica transformadora, uma pedagogia voltada à educação para a cidadania global, uma vez que a globalização e a interdependência entre as pessoas exigem estudantes que sejam cidadãos reflexivos, questionadores e conscientes (SANTOS e SCHWANKE).

Esses estudantes/cidadãos devem ser capazes de discutir questões relacionadas à humanidade e seus desafios, como pobreza, conflitos armados, mudança climática, saúde, distribuição populacional, desigualdade e injustiça. Além disso, é fundamental que sejam capazes de buscar soluções para esses problemas. Portanto, é essencial refletir sobre quais práticas de ensino e aprendizagem a escola, a família e a comunidade devem adotar para promover efetivamente a cidadania global (SANTOS e SCHWANKE).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, em sua introdução (2001, p. 107), os objetivos gerais do Ensino Fundamental determinam que os alunos sejam capazes de:

- I. Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- II. Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- III. Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- IV. Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

O uso da tecnologia na Educação

A aplicação da tecnologia na educação tem como objetivo principal aprimorar o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando uma abordagem mais dinâmica e orientada à resolução de desafios práticos. Considerando o constante uso da tecnologia em nossas vidas cotidianas, é pertinente questionar por que não aproveitá-la também no ambiente escolar (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

Contudo, é importante ressaltar que a tecnologia não pretende substituir a interação humana, mas sim agir como uma ferramenta auxiliar que potencializa nossas capacidades e otimiza nosso tempo. Quando utilizada de maneira adequada, a tecnologia desempenha um papel fundamental no aprimoramento da qualidade educacional e na democratização do acesso ao conhecimento (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

A tecnologia desempenha um papel significativo na promoção da acessibilidade educacional para pessoas com deficiência. O Estatuto da Pessoa com Deficiência estabelece que é responsabilidade do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade garantir uma educação de qualidade, protegendo-as de qualquer forma de violência, negligência e discriminação (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

Atualmente, há uma ampla gama de recursos tecnológicos disponíveis para fomentar a inclusão educacional dessas pessoas. Além de assegurar a acessibilidade física dos espaços, as instituições de ensino superior também devem buscar a acessibilidade metodológica e digital (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

A acessibilidade metodológica, também conhecida como acessibilidade pedagógica, busca adotar métodos de ensino inclusivos para pessoas com deficiência. A acessibilidade digital refere-se à disponibilização de ferramentas e

programas adequados que permitam às pessoas com deficiência acessarem conteúdos digitais (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

Portanto, não é suficiente que as instituições de ensino superior utilizem a tecnologia na educação; é essencial que sejam inclusivas. A seguir, são apresentados exemplos de como a tecnologia pode ser utilizada para promover a acessibilidade na educação:

- Vídeo aulas com recursos de legenda;
- Disponibilização de livros e textos em formatos acessíveis, como Braille, áudio e letras ampliadas;
- Utilização de softwares com leitores de tela;
- Incorporação de objetos tridimensionais nas aulas, produzidos por meio de impressoras 3D (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2022).

A acessibilidade na educação é um direito fundamental que deve ser garantido a todas as pessoas, independentemente de suas habilidades ou deficiências. Nesse contexto, a utilização da tecnologia desempenha um papel crucial na promoção dessa acessibilidade, proporcionando oportunidades iguais de aprendizado e participação ativa na sala de aula.

Um dos principais benefícios da tecnologia na inclusão educacional é a superação de barreiras físicas e sensoriais. Por exemplo, recursos como vídeo aulas com legendas ou intérpretes de Libras permitem que estudantes surdos ou com deficiência auditiva acompanhem o conteúdo de maneira eficaz. Da mesma forma, a disponibilização de materiais em formatos acessíveis, como o Braille ou arquivos de áudio, possibilita que pessoas com deficiência visual possam acessar o conhecimento de forma independente. Com o uso de dispositivos eletrônicos e aplicativos educacionais, é possível personalizar o ensino de acordo com as necessidades individuais de cada estudante, oferecendo um ambiente de aprendizagem adaptado e inclusivo.

Por fim, ao adotar a tecnologia como aliada na promoção da acessibilidade, as instituições de ensino estão cumprindo seu papel de garantir uma educação de qualidade para todos, de acordo com os princípios da

igualdade e inclusão. A tecnologia não apenas quebra barreiras, mas também enriquece o processo educacional, possibilitando a troca de experiências, a colaboração entre estudantes e a exploração de recursos multimídia, tornando o aprendizado mais envolvente e estimulante para todos os alunos. Dessa forma, ao utilizar a tecnologia de forma inclusiva na educação, estamos promovendo a igualdade de oportunidades, empoderando pessoas com deficiência e construindo uma sociedade mais inclusiva e diversa.

Conclusão

Ao longo deste artigo, foram abordados diversos temas relevantes para a compreensão e aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem. Iniciamos com uma discussão sobre as correntes filosóficas da educação, destacando a importância de compreender as diferentes perspectivas teóricas que moldaram e continuam influenciando os sistemas educacionais ao redor do mundo. Através dessa compreensão, é possível adotar uma abordagem mais holística e inclusiva no desenvolvimento de práticas educacionais. Em seguida, analisamos a abordagem reflexiva e crítica no processo de ensino-aprendizagem. Reconhecemos que a educação não deve ser apenas um processo de transmissão de informações, mas sim um espaço de reflexão, questionamento e diálogo. Através da abordagem reflexiva e crítica, os estudantes são incentivados a desenvolver pensamento crítico, autonomia e capacidade de análise, tornando-se agentes ativos na construção do conhecimento. Posteriormente, exploramos a importância da educação para a cidadania global. Em um mundo cada vez mais interconectado, é essencial que os estudantes adquiram uma consciência global e sejam capazes de compreender e valorizar a diversidade cultural, os direitos humanos, a sustentabilidade e a justiça social. A educação para a cidadania global visa capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos responsáveis e engajados,

prontos para enfrentar os desafios globais e contribuir para um mundo mais justo e sustentável. Por fim, discutimos o uso da tecnologia na educação. Reconhecemos o potencial transformador da tecnologia como uma ferramenta pedagógica, capaz de promover a personalização do ensino, o acesso a recursos educacionais, a colaboração entre estudantes e a ampliação das possibilidades de aprendizagem. Em suma, as correntes filosóficas da educação, a abordagem reflexiva e crítica, a educação para a cidadania global e o uso da tecnologia são temas interconectados que desempenham um papel fundamental na promoção de uma educação de qualidade e relevante para os desafios do século XXI. Compreender e integrar esses aspectos em práticas pedagógicas é essencial para formar cidadãos críticos, responsáveis e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo

Referências

BATISTA, Isleide Carvalho; SANTOS, Elieide Pereira dos. SILVA, Maria de Fatima Ferreira da. SOUZA, Mayane Leite da Silva. O processo didático: uma análise reflexiva sobre o processo de ensino e aprendizagem. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/processo-didatico-educativo-analise-reflexiva-sobre-processo-ensino-aprendizagem.htm/> Acessado em 05 julho de 2023.

BRASIL. MDE; SEB, DICEI. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília: MEC, 2013.

Ghiraldelli Jr. P. Pedagogia e luta de classes (1935-37). São Paulo Ibitinga: Humanidades, 1991.

KNELLER, George F. Introdução à filosofia da educação. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

LIBÂNEO, José Carlos. A Didática e as exigências do processo de escolarização: formação cultural e científica e demandas das práticas socioculturais.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. O essencial da didática e o trabalho de professor em busca de novos caminhos: Disponível em:

http://www.ucg.br/site_docente/edu/libâneo;pdf.ensino.pdf.acesso em 23.06.2023.

SANTOS, Priscila Kohls dos. SCHWANKE, Camila. A pedagogia da educação para a cidadania global na prática: uma proposta para educação básica. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sipase/assets/edicoes/2018/arquivos/12.pdf>. Acesso em 29 de julho de 2023.

SARAIVA EDUCAÇÃO. 8 benefícios da tecnologia na educação e dicas valiosas para sua IES. 2022. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/tecnologia-na-educacao/#:~:text=A%20tecnologia%20ajuda%20a%20trazer,oferecer%20educacao%20de%20maior%20qualidade>. Acessado 20 de junho de 2023.

SILVA, Luiz Gustavo. Correntes filosóficas: veja as linhas de pensamentos ao longo da história. Abril, 2023. Disponível em:

<https://vaidebolsa.com.br/blog/enem/correntes-filosoficas/> Acessado em 05 julho de 2023.

UNESCO. Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2016.

UNESCO. Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015.

- A importância da Gestão Escolar Democrática na escola pública (Gisele Franco Rocha Gonçalves; Luana Aparecida Gomes Modanez; Fabiana Santos Paes; Flávia Denardi Cavallari Surreição)

A importância da Gestão Escolar Democrática na escola pública

Gisele Franco Rocha Gonçalves

Luana Aparecida Gomes Modanez

Fabiana Santos Paes

Flávia Denardi Cavallari Surreição

DOI: 10.5281/zenodo.13684765

RESUMO

O presente artigo objetiva abordar a importância da gestão escolar democrática na escola pública de forma eficiente e realmente participativa. Utilizou-se de um estudo bibliográfico e a amplo para a compreensão e concepção dos termos gestão escolar, gestão escolar democrática na escola pública posterior as leituras, estudos e reflexões dos vários autores, constata-se que a gestão escolar, trata-se de uma forma ou maneira de administrar e organizar o bom funcionamento da escola pública como um todo, isto é, abordando e contemplando vários aspectos, tais como: pedagógicos, administrativos, políticos e sociais, e tentando vencer ou suprir as diversas dificuldades, promover a ruptura de paradigmas, propor novas ações pedagógicas e vencer desafios encontrados durante o percurso do ano letivo, buscando promover a participação ativa de toda a comunidade escolar na tomada de decisões. Sendo assim, é importante executar uma gestão democrática para que de fato avance a qualidade educacional nas escolas públicas em diversos aspectos e que haja de fato o andamento de uma gestão clara, objetiva e que promova a participação da comunidade acadêmica e famílias nesse processo.

Palavras-chave: Gestão escolar. Gestão democrática. Participação comunitária. Escola pública. Inclusão educacional. Qualidade do Ensino.

ABSTRACT

This article aims to address the importance of democratic school management in public schools in an efficient and truly participatory way. A broad bibliographical study was used to understand and conceive the terms school management, democratic school management in public schools,

after the readings, studies and reflections of the various authors, it appears that school management is a form or way of administering and organizing the good functioning of the public school as a whole, that is, approaching and contemplating various aspects, such as: pedagogical, administrative, political and social, and trying to overcome or overcome the various difficulties, promote the rupture of paradigms, propose new pedagogical actions and overcome challenges encountered during the school year, seeking to promote the active participation of the entire school community in decision-making. Therefore, it is important to carry out democratic management so that educational quality in public schools can actually advance in different aspects and that there is in fact clear, objective management that promotes the participation of the academic community and families in this process.

Keywords: School management. Democratic management. Community participation. Public school. Educational inclusion. Quality of Teaching.

Introdução

A gestão escolar atualmente enfrenta vários desafios que perpassam pela questão do processo educacional, se entrelaçam nas mudanças e alterações das legislações, instabilidades políticas, econômicas e financeiras, nas questões de diversidade sociocultural, entre outros. Há a necessidade de expandir a gestão para que todos os atores envolvidos no processo de administração, ensinagem e aprendizagem sejam ouvidos, contemplados e/ou atendidos. A sociedade está em pleno processo de transformação onde novas tecnologias, recursos e estratégias surgem e trazem consigo novas adequações, aprendizados e desafios e esses aspectos impactam na educação quando são negligenciados, afetando diretamente o desenvolvimento pleno do estudante e da comunidade escolar.

A gestão escolar democrática surge como uma alternativa aos modelos tradicionais de administração escolar, que frequentemente encontram a tomada

de decisões apenas na figura do(a) diretor(a) e de uma pequena equipe administrativa, tornando assim um modelo centralizado e muitas vezes autoritário de gestão. LUCK (2008) destaca que os processos de gestão são de grande importância para o desenvolvimento de um ambiente e abarcam várias dimensões, sejam ações técnicas ou políticas que se unem para promover uma ação educativa. Por constituir uma forma descentralizada de gestão, a gestão escolar democrática torna a escola um espaço aberto para vários diálogos onde os temas, decisões, ideias podem ser discutidos, ampliados e chegar a um consenso satisfatório para todos.

Neste artigo, discutiremos a importância da gestão escolar democrática, definições e princípios, suas características, desafios e impactos nas escolas, fornecendo uma visão abrangente sobre como esse modelo de gestão pode transformar a educação, explorando a importância de uma mudança de padrão, para implementação desse modelo nas escolas públicas, onde a inclusão e a participação de todos são essenciais para um ambiente de colaboração e respeito mútuo, melhoria da qualidade educacional e pode-se dizer que é promotora da justiça social.

Esse artigo abarca pesquisas realizadas em artigos, obras literárias, publicações e pensamentos de alguns estudiosos, professores e teóricos que abordam, embasam, defendem e contemplam várias reflexões e aprofundamento sobre a importância e eficiência da gestão escolar democrática.

Metodologia

Ao mergulhar nas leituras dentro da vasta área de pesquisa científica, para a realização de uma pesquisa deve-se seguir um caminho metodológico na

intenção de conhecer, investigar e ampliar um determinado assunto. Assim, esse artigo utilizou como metodologia a pesquisa bibliográfica, uma vez que se fez necessário realizar um levantamento de dados acerca do tema definido. Mattar (1999) ressalta que uma pesquisa bibliográfica inclui vários passos, tais como: planejamento da pesquisa; definição dos métodos a serem utilizados; coleta de dados; elaboração de novas ideias e considerações, tudo isso visa uma busca por informações em publicações gerais (jornais e revistas), governamentais (documentos publicados pelos governos federal, estadual e municipal) e institucionais (ligadas a instituições de pesquisa, universidades e organizações não-governamentais).

Sendo assim, para concretizar o levantamento de informações e a elaboração deste estudo, adotou-se a abordagem qualitativa, consultando publicações, legislações, livros, revistas digitais e artigos anteriores sobre o tema Gestão Escolar Democrática. Todo o estudo e construção da produção textual aconteceu no primeiro semestre do ano de 2024.

Referencial teórico

A humanidade é composta por grandes descobertas e marcos nas condições de existência e como as relações foram se desenvolvendo ao longo do tempo, e toda e qualquer inovação ou modificação enfrenta desafios, lutas e constantes embates para vencer as barreiras do costumeiro produzido por gerações e séculos. Vale ressaltar, que o processo educacional em nosso país está intimamente ligado aos processos socioeconômicos e políticos, haja visto que a educação de qualidade nos primórdios era uma conquista e interesse da fatia burguesa da sociedade.

Nosso país passou por várias fases para o desenvolvimento da educação

pública nacional, onde novas legislações surgiram para abrir e alavancar mais direitos e deveres aos educandos, docentes, gestores e comunidade escolar como um todo. Onde é orientado e incentivado sairmos de um modelo escolar tradicional, onde o estudante é apenas o espectador e acumulador do conhecimento para um papel de cidadão crítico e protagonista de sua história. É grande o desafio de reorganizar ou gerir de uma forma democrática instituições tradicionais que visam apenas a transferência do saber e este devendo ser comprovado apenas por provas escritas, onde o professor é o detentor do conhecimento e o transmite com o objetivo de que seja absorvido sem muitos questionamentos ou participações.

A escola é um ambiente com diversas funções, entre as quais podemos citar: local que favorece o aprender, as vivências, os questionamentos, debates e descobertas e deve ser um ambiente tranquilo, onde haja respeito, participação e que a educação seja de qualidade e não imposta ou decretada com rigorosidade. De acordo com Moretto (2000, p. 75), uma das funções sociais da escola é promover a formação de gestores de informações que sejam atuantes e articulados para que não armazenem apenas os dados. Não cabe para a escola a função de produzir cidadãos extremamente mecanizados ou técnicos que atendem apenas às necessidades do mercado de trabalho. A educação de qualidade deve estar alicerçada em um único objetivo de promoção do conhecimento por todos os atores do meio escolar. Como afirma Saviani (1997), o trabalho educativo se concretiza quando o objetivo central da instituição é produzir a humanidade em seus alunos, que ao final do processo, deve proporcionar aos cidadãos, ou seja aos estudantes, uma gama de conhecimentos e ferramentas que os levem a um processo de humanização.

Vale ressaltar que, existe uma barreira quase intransponível a ser vencida para deixar de aplicar a gestão escolar centralizadora (impositora de decisões, valores, investimentos, comportamentos e padrões) onde a comunidade escolar não tem lugar para fala, sugestões, críticas para que ocorra de fato uma implantação de uma gestão escolar democrática eficiente, haja

visto que descentralizar atores e funções é um processo que demanda tempo, disposição e muito planejamento, para que de fato ocorra a ampliação de um trabalho pedagógico participativo e vigoroso. De acordo com Libâneo (2010) no âmbito escolar ocorre uma crise na função socializadora, uma vez que concorre com vários meios de socialização como a mídia, o consumo, o mercado cultural, os grupos de referência, ou seja, a escola deve se adaptar a realidade do cenário social que está inserida e visar ser interessante, acolhedora, promotora de ensinagem e aprendizados para não se tornar uma estrutura arcaica e rígida.

Como afirma Vasconcellos (2002, p. 56), é necessário, planejar ou avistar um horizonte e pensar quais ações serão necessárias para intervir na realidade, de modo a reverter e implantar algo novo.

Entretanto, gerir uma instituição de ensino não é um trabalho simples, como aponta Libâneo, envolve muita organização e uma gestão que deve seguir legislações, normativas, decretos, leis etc.

De acordo com Libâneo (2012, p. 411), em relação à organização e gestão escolar pode-se afirmar que formam um conjunto de regras, estrutura organizacional, ações e procedimentos que racionalização de vários recursos, tais como: recursos humanos, materiais, financeiros e intelectuais, assim como o gerir, apoiar e acompanhar o trabalho das pessoas.

Gestão escolar democrática

A gestão escolar democrática é um modelo de administração que busca envolver todos os segmentos da comunidade escolar – gestores, professores, estudantes, pais e a comunidade em geral – no processo de tomada de decisões. Segundo Libâneo (2002, p. 87), essa abordagem valoriza a

participação e a corresponsabilidade na gestão das escolas, promovendo uma gestão mais transparente e inclusiva.

2.1.1. Princípios e Características da Gestão Escolar Democrática

Os princípios fundamentais incluem:

- **Participação:** Envolvimento ativo de todos os membros da comunidade escolar no processo de decisão e na definição de políticas educacionais.
- **Transparência:** Clareza e abertura nas decisões e práticas administrativas.
- **Responsabilidade:** Compartilhamento igualitário das responsabilidades entre os diferentes membros da comunidade escolar.
- **Inclusão e colaboração:** Garantia de que todos os segmentos da comunidade escolar, incluindo minorias e grupos marginalizados, tenham voz e representação, sendo assim estimulando a cooperação entre professores, alunos, pais e gestores.

Entende-se por gestão escolar, o conjunto de atitudes administrativas e pedagógicas que ocorrem em uma instituição escolar, com o intuito de garantir o bom funcionamento da mesma, visando o desenvolvimento integral dos estudantes da forma mais qualitativa possível.

Tal processo é administrado por um trio gestor: supervisão, direção e coordenação escolar, quem deve promover um ambiente propício à realização de trocas profissionais, de modo a facilitar e tornar cada vez mais eficaz e abrangente, os processos de aprendizagem. Desta forma, quando acontece de fato, consegue-se inúmeras melhorias na escola, inclusive o engajamento da família, ponto tão difícil de ser conquistado nos dias atuais. Uma boa gestão escolar ajuda a engajar a comunidade com a instituição, além de permitir que ela otimize o seu ensino a partir de um bom gerenciamento financeiro,

pedagógico e de pessoas.

A gestão escolar democrática é citada e conceituada na Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº. 9.394/96 no artigo 14º que versa:

Art. 14. Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I – Participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II – Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes. (LDB)

Portanto, podemos afirmar que a escola, para atingir os objetivos propostos pelas legislações citadas, deve realizar a elaboração de um projeto político pedagógico (PPP) criado por uma equipe formada por vários profissionais que visam garantir a ensinagem e aprendizagem efetiva para uma educação de qualidade, uma vez que, a educação se desenvolve como um processo complexo e que envolve todos os atores da comunidade escolar.

Tomando como base esta perspectiva, Lück (2009) afirma que:

...a gestão democrática deve proporcionar a participação de todos os segmentos da unidade de ensino, o planejamento e a execução do plano de desenvolvimento da escola, sob forma articulada, com a finalidade de realizar uma proposta educacional de acordo com as necessidades sociais existentes na qual a instituição escolar encontra-se inserida.

Para que se proporcione a participação de todos os segmentos, primeiramente deve-se conhecer os estudantes e suas reais necessidades

sociais, vivências culturais e regionais, o ambiente escolar e seus entornos, isso se faz necessário para que haja uma real construção de uma gestão democrática, que vai na contramão da gestão escolar centralizada e tradicional que não abre possibilidade de atuação e escuta para os demais membros da comunidade. Ainda que:

Não é possível, por outro lado, criar expectativas sobre a gestão escolar democrática, esperando que ela possa se realizar plenamente em uma sociedade desigual e excludente. A escola não paira sobre a sociedade, e sim, está inserida em seu contexto e dela participa ativamente. (BRUEL, 2010, p.64)

Vale ressaltar que a gestão escolar democrática não é uma forma ou maneira gerencial sem padrão ou regras, ela possui e estabelece alguns princípios e dimensões.

São princípios da Gestão Democrática:

- Descentralização: Todas as decisões devem ser discutidas e tomadas de forma coletiva e descentralizada;
- Participação: Todos os atores envolvidos na educação e cenário escolar devem participar ativamente (estudantes, docentes, gestores, funcionários de apoio, família);
- Transparência: As decisões tomadas devem ser claras e objetivas e devem ser de conhecimento de todos.

A Gestão Democrática possibilita uma forma de autonomia escolar e essa se faz em quatro dimensões, que segundo Veiga (1998), *apud* Clementi (2003), “podem contribuir para o bom funcionamento de uma instituição educativa”:

- Autonomia administrativa - consiste na possibilidade de elaborar, modificar, alterar e gerir seus planos, programas e projetos.
- Autonomia jurídica – possibilita à escola elaborar suas normas e orientações escolares em consonância com as legislações

educacionais, como, por exemplo, horário de aulas, matrícula, transferência de alunos, admissão de docentes.

- Autonomia financeira – refere-se ao planejamento e uso dos recursos financeiros para que a escola tenha um funcionamento efetivo.
- Autonomia pedagógica – consiste na liberdade de propor modalidades de ensino e pesquisa. Está estreitamente ligada à identidade, à função social, à clientela, à organização curricular, à avaliação, bem como aos resultados e, portanto, à essência do projeto pedagógico da escola. (VEIGA, 1998, p. 16)

A gestão escolar democrática nos habilita para um trabalho educativo de qualidade, pois nos direciona a ações, tais como: a observação, ao planejamento, a análise, a avaliação de nosso ambiente, de nossa comunidade, sem concepções pré-estabelecidas, mas no exercício do livre ver, ouvir, dialogar e pensar juntos. Essa pode ser a nossa contribuição para o processo educacional. (KLIPPEL, WHITTMANN, 2012, p.85)

Esse modelo dilui a pressão ou carga imposta a determinados cargos, como podemos citar o do professor coordenador pedagógico onde as múltiplas tarefas e atividades se transformam em sobrecarga de trabalho, serão mais compartilhadas e direcionadas propiciando uma troca de experiências com a direção e corpo docente, sendo útil para um desempenho satisfatório, pois será possível articular as funções por meio de um leque de situações desafiadoras sem perder o foco.

Comparação do gestor escolar tradicional com o gestor escolar a partir da perspectiva da Gestão Democrática

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/1996 concede às instituições a autonomia para trabalhar os princípios da gestão escolar democrática, porém não explicita de que forma o gestor deverá agir para efetivá-la. Para isso, ele terá que desenvolver a sua prática a partir dos princípios dessa proposta, respeitando as atribuições estabelecidas pela Lei nº 9.394/1996, às instituições de ensino:

Art. 12. Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as de seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

- I – Elaborar e executar sua proposta pedagógica;
- II – Administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros;
- III – assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas;
- IV – Velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente;
- V – Prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento;
- VI – Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;
- VII – informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, os responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola; (Redação dada pela Lei nº 12.013, de 2009)
- VIII – notificar ao Conselho Tutelar do Município, ao juiz competente da Comarca e ao respectivo representante do Ministério Público a relação dos alunos que apresentam quantidade de faltas acima de cinquenta por cento do percentual permitido em lei. (Incluído pela Lei nº 10.287, de 2001) (LDBEN, 9.394/1996)

É um modelo de gestão que visa à transparência, a participação e toda a

descentralização do dito “poder” somente da direção escolar.

...a relação entre educação e democracia se caracteriza pela dependência e influência recíprocas. A democracia depende da educação para o seu fortalecimento e consolidação e a educação depende da democracia para o seu pleno desenvolvimento, pois a educação não é outra coisa senão uma relação entre pessoas livres e em graus diferentes de maturação humana. (SAVIANI 1999, p.54)

O gestor escolar tradicional desempenha um papel centralizado, burocrático e de fiscalização dentro de uma unidade escolar, apenas conferindo as questões normativas, estruturais e talvez muito pouco orientativa e imersa na realidade pedagógica, ou seja, não abre espaço para trocas de ideias entre os demais atores do cenário educacional, não realizando assim um acompanhamento efetivo didático e muitas vezes pode ser até mesmo uma figura desconhecida para os discentes, ou seja, os estudantes não conhecem e reconhecem a figura do diretor(a) como um gestor ou autoridade na escola.

O gestor escolar desenvolve um papel importante na implantação e manutenção no processo da gestão escolar na perspectiva democrática, visando garantir que a educação seja emancipadora, formando estudantes e cidadãos criativos, participativos, críticos, atuantes e protagonistas de sua própria história. Essa proposta possibilita ao gestor um trabalho efetivo, tranquilo e com autonomia, articulando as dimensões de autonomia apresentadas considerando todos os atores inseridos no trabalho educativo, de tal forma que promova o desenvolvimento da educação. Como nos afirma Cury (2006, p. 9).

A qualidade do ensino supõe, então, a busca do melhor, de um padrão científico e fundamentado dos conteúdos acumulados e transmitidos. Mas ela é também uma forma de responsividade face aos desafios da sociedade contemporânea. Isso exige um conjunto de conhecimentos e habilidades capazes de possibilitar a todos o acesso a formas de ser e de se comunicar como um participante do mundo.

Adotar e implantar a gestão democrática é priorizar gerir com o respaldo coletivo, com respeito e ética, para que assim o processo de ensino e aprendizagem seja alavancado visando assim galgar outros patamares nos índices de desenvolvimento escolar. Sendo assim, a gestão democrática deve ser límpida, clara e direta, sem falas ou gestos ocultos e que promova de fato a formação de um trabalho em equipe organizado e orientado.

Requer de seus administradores a capacidade de articulação e construção do processo, não limitando suas funções, apenas ao controle dos padrões de legalidade. Devem ser capazes de lidar com as relações de poder, presentes no cotidiano, sabendo observar, investigar e interpretar os acontecimentos do universo escolar, aceitando os conflitos como desafios saudáveis, conduzindo-os para o sucesso da ação administrativa” (PINTO, 2009, p. 4).

Considerações finais

O modelo da gestão escolar democrática é um agente importante para a escola pública que deseja promover uma educação de qualidade onde seu foco principal seja formar pessoas capazes de construir sua vida em sociedade com maiores ferramentas, conhecimentos e apropriação de saberes.

É uma proposta transformadora, que quando bem implantada e gerida pode propiciar a quebra de paradigmas e do comumente visto em nossa sociedade, onde os estudantes se tornam cidadãos sem conhecimentos válidos para que realizem escolhas, falas, planos para adentrar ao mercado de trabalho com melhores condições, muito devido a falta de uma educação de qualidade, que oferte e priorize novos saberes, criação de novos desejos e desafios, e uma ausência de trabalho social que os fazem permanecer à margem da sociedade.

A gestão escolar democrática só será efetiva e positiva se entender a

escola como um espaço onde se privilegia a relação e formação humana. E vai além de quebrar ou superar alguns paradigmas da gestão escolar inserida na visão capitalista, mas que propicie a transformação do estudante em uma pessoa inserida em um ambiente onde possa ser ouvido, possa participar, interagir, criar, ensinar e aprender.

A gestão democrática valoriza a inclusão de professores, pais, alunos e outros membros da comunidade. Essa participação não apenas melhora a transparência, mas também permite que diferentes perspectivas e experiências sejam consideradas na tomada de decisões.

Incentivar a participação ativa pode ajudar a desenvolver habilidades de liderança e colaboração entre alunos e professores.

A gestão democrática promove a transparência nos processos decisórios, permitindo que todos os envolvidos compreendam como e por que as decisões são tomadas.

Com a participação de diversos atores, a gestão se torna mais responsável e sujeita a controle social, o que pode aumentar a confiança da comunidade na administração escolar.

A abordagem democrática permite que a escola ajuste suas práticas e políticas às necessidades específicas da comunidade escolar, promovendo uma educação mais relevante e eficaz.

A troca de ideias e a colaboração constante entre diferentes partes interessadas podem levar à inovação e à melhoria contínua na prática educativa.

A diversidade de opiniões pode gerar conflitos e resistências, e a gestão deve estar preparada para mediá-los de maneira eficaz.

Para que a gestão democrática funcione, é essencial que todos os envolvidos tenham formação e compreensão adequadas sobre seus papéis e responsabilidades.

A gestão escolar democrática pode fortalecer os laços comunitários e promover um senso de pertencimento e responsabilidade compartilhada.

Este modelo valoriza e respeita a diversidade de opiniões e experiências, promovendo uma cultura de respeito e colaboração.

A gestão escolar democrática tem o potencial de criar um ambiente mais inclusivo, transparente e adaptado às necessidades da comunidade escolar. Embora haja desafios a serem enfrentados, os benefícios podem ser significativos, contribuindo para uma educação mais participativa e eficaz. Para que seja bem-sucedida, é fundamental que haja comprometimento e preparação adequados de todos os envolvidos.

A gestão escolar democrática oferece uma abordagem que valoriza a participação e a colaboração de toda a comunidade escolar, promovendo um ambiente mais transparente e adaptado às necessidades locais. Embora haja desafios associados, como a gestão de conflitos e a necessidade de capacitação, os benefícios potenciais, como a melhoria da qualidade da educação e o fortalecimento da comunidade escolar, são significativos. Para que a gestão democrática seja bem-sucedida, é crucial um compromisso contínuo com a transparência, a inclusão e a formação adequada dos envolvidos.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.

BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. Políticas e Legislação da Educação Básica no Brasil. Curitiba: IBPEX, 2010.

CLEMENTI, N.; PLACCO, V. N. N. S. O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. A voz dos outros e a nossa voz. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

CURY, A. Organização e Métodos: uma visão holística. 8.ed. rev. e ampl. – 2. reimpr.- São Paulo: Atlas, 2006.

MATTAR, F. N. Pesquisa de *marketing*: metodologia, planejamento. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública. São Paulo: Loyola, 1990.
_____. Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LÜCK, E. *Liderança em gestão escolar*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

LÜCK, Heloisa. Dimensões da gestão escolar e suas competências. Curitiba: Editora Positivo, 2009, páginas 26 e 27.

Pinto, C.B.G.C. *Implicações da gestão escolar como garantia das relações Professor-Aluno e de Sucesso no Processo Ensino-aprendizagem*. (2009)

SAVIANI, D. Escola e democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo, Cortez Autores Associados,

1983.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

VASCONCELLOS, V. M. R.; VALSINER, J. Perspectiva co-construtivista na psicologia e na educação. In: GASPARIN, J. L. Uma didática para a pedagogia histórico crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

WITTMANN, Lauro Carlos; KLIPLEL, Sandra Regina. A prática da gestão democrática no ambiente escolar. Curitiba: IBPEX, 2010. (Série Processos Educacionais). 203p.

- A importância da Inteligência Artificial para a educação: vantagens e desvantagens (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti)

A importância da Inteligência Artificial para a educação: vantagens e desvantagens

Tatiane Alves Lucchetti²

Luciene Lécia Lucchetti

DOI: 10.5281/zenodo.13753993

RESUMO

A educação contemporânea passa por mudanças significativas ao longo dos anos e precisa acompanhar as transformações ocorridas na sociedade nos aspectos econômico, social e cultural e principalmente avaliar o crescente desenvolvimento tecnológico que impactam diretamente no ensino aprendizagem. A proposta do artigo é discutir a importância da Inteligência Artificial na educação, como o mundo passou a ser com os diferentes recursos tecnológicos digitais implantados, quais são as vantagens, desvantagens e desafios a serem enfrentados pelos docentes e/ou estudantes, e como estão sendo utilizados em nosso cotidiano, diante da facilidade com que as informações chegam até nós. O presente paper foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, através do levantamento e análise de diferentes ideias trazidas por artigos, livros e sites que tratam da temática apresentada. Requer ainda apresentar um modelo de ensino no EAD que utiliza a I. A. e tem dado certo. Restou claro que a Inteligência Artificial se torna relevante para uma educação de qualidade quando promove a produção de saberes, valores, crenças e paradigmas dos autores envolvidos neste processo, de modo colaborativo democratiza o acesso à informação e ao conhecimento.

Palavras-chave: Importância. Inteligência Artificial. Educação.

ABSTRACT

Contemporary education has undergone significant changes over the years and needs to follow the transformations occurring in society in the economic, social and cultural aspects and mainly evaluate the growing technological development that directly impacts teaching and learning. The purpose of the article is to discuss the importance of Artificial Intelligence in education, how the world has become with the different digital technological resources implemented, what are the advantages, disadvantages and challenges to be faced by teachers and/or students, and

² Pedagoga. Psicopedagoga. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. tatianeluccheti@gmail.com

Pedagoga. Psicopedagoga. lufrighetto@hotmail.com

how they are being used in our daily lives, given the ease with which information reaches us. This paper was carried out through bibliographical research, through the survey and analysis of different ideas brought by articles and books that deal with the theme presented. It also requires presenting a teaching model in distance learning that uses AI and has been successful. It remains clear that Artificial Intelligence becomes relevant for quality education when it promotes the production of knowledge, values, beliefs and paradigms of the authors involved in this process, collaboratively democratizing access to information and knowledge.

Keywords: Importance. Intelligence Artificial. Education.

Introdução

O momento em que vivemos vem sendo marcado por uma verdadeira revolução tecnológica. Essa realidade desafia o professor, pois a cada dia surgem novas possibilidades de aprendizagens, nos aspectos social, cultural, econômico etc. Diante disso, faz-se necessário que o professor construa novas habilidades, adaptando os recursos digitais à sua prática pedagógica onde, alunos e professores estarão diante de uma nova forma de ensinar e aprender, criando espaços de aprendizagem.

Este paper pretende contribuir com a reflexão de como é a importância da Inteligência Artificial na educação, quais as vantagens e desvantagens para a prática pedagógica através da integração e apropriação dos recursos digitais no processo de ensino aprendizagem. Pretende-se ainda verificar como ocorre o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano escolar e mostrar como a IA tem funcionado em uma instituição de ensino no EAD. Diante do interesse dos educadores e educandos pela melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente a gama de informações que estão disponíveis nos meios de comunicação e informação, a educação precisa acompanhar a modernização em seus mais amplos aspectos, mesmo que de forma moderada, avaliando os impactos e resultados obtidos no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

A Inteligência Artificial e sua Importância

Normalmente quando tratamos de um assunto como tecnologia, logo pensamos em aparelhos digitais, porém a tecnologia vai muito além desse conceito. Não podemos nos abster em pensar tecnologia somente o que é novo ou digital, a tecnologia começou a ser implantada ao longo da nossa evolução. Diante das necessidades básicas de sobrevivência, o homem vinha adaptando ferramentas e utensílios para seu uso diário, um bom exemplo disso, foi a descoberta do fogo, quando ele necessitou de cozinhar os alimentos para consumo. Portanto, toda nova tecnologia é fruto das necessidades de uma nova sociedade.

Segundo Blanco e Silva (apud Alves, 2019), o termo tecnologia vem do grego *technê* (arte, ofício) e *logos* (estudo de) e referia-se à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, suas partes e as operações dos ofícios. Segundo Karasinski, 2013 com tantas abordagens sobre o assunto, vale destacar as diferentes áreas do conhecimento; para os que trabalham com computadores, a tecnologia envolve o desenvolvimento de aparelhos que lidam com a distribuição da informação de forma cada vez mais veloz, envolvendo um grande número de pessoas e realizando recursos cada vez mais avançados; já para um biólogo, por exemplo, a tecnologia envolve a criação de ferramentas que facilitem o estudo das células e da evolução animal e vegetal. Contudo, se pensarmos em um arqueólogo, este poderá conceituar a tecnologia sobre a evolução das ferramentas que permitem o estudo de elementos históricos e sua evolução até os dias atuais.

Com o passar do tempo novas práticas foram sendo adaptadas nos ambientes de ensino. A tecnologia entra em cena e referem-se às estratégias, métodos e abordagens utilizados para criar, desenvolver e implementar ambientes de aprendizagem eficazes.

Segundo Luger (2013), a Inteligência Artificial (IA) pode ser definida como o ramo da ciência da computação que se ocupa da automação do comportamento inteligente. A IA na educação é responsável por integrar

princípios pedagógicos, teorias de aprendizagem e técnicas para criar experiências de ensino que sejam adequadas a recursos tecnológicos de aprendizagens. A IA está desempenhando um papel cada vez mais significativo na educação, transformando a forma como os alunos aprendem, os professores ensinam e as instituições educacionais operam, personalizando o aprendizado, pode analisar o estilo de aprendizado, o ritmo e as lacunas de conhecimento de cada aluno para oferecer conteúdo educacional personalizado e adaptando às necessidades individuais. Etzioni (2018) defende que o que deve ser regulado não é a IA, mas as aplicações da IA. Para justificar sua proposta, argumenta que a regulação é um processo lento, sujeito a distorções e interferências políticas. Essas mudanças dizem respeito ao acesso que a população passou a ter aos computadores, notebooks, smartphones, tablets e demais dispositivos, juntamente com o acesso à internet, também à inserção de tecnologias como as videoconferências, as videoaulas, os podcasts e a própria inteligência artificial nas plataformas de ensino. (Santos, Winkler, Saba, Araújo & Jorge, 2021). Isso pode ser feito por meio de sistemas de tutoria inteligente e plataformas de aprendizado adaptativo. Segundo McCarthy (1963), afirma que a IA é um ramo da ciência da computação que, por meio da elaboração de sistemas, simulam a capacidade do ser humano de raciocinar, perceber, resolver problemas e tomar decisões. A IA pode fornecer feedback instantâneo e personalizado sobre o desempenho dos alunos em tarefas e avaliações. Isso não só ajuda os alunos a entenderem melhor seus pontos fortes e fracos, mas também libera tempo para os professores se concentrarem em atividades mais interativas e de alto nível, pode analisar grandes conjuntos de dados educacionais para identificar tendências, padrões e insights que podem informar a tomada de decisões educacionais, como desenvolvimento de currículo, estratégias de ensino e intervenções de aprendizado.

Os sistemas de IA podem ajudar os professores na preparação de aulas, sugerindo recursos educacionais, adaptando materiais didáticos e até mesmo oferecendo insights sobre o progresso dos alunos, pode facilitar a tradução automática de materiais educacionais para diferentes idiomas,

tornando-os acessíveis a uma audiência mais ampla. O constante aumento da capacidade dos computadores torna a inteligência artificial mais aplicável em diversos campos (VALDATI, 2020). Além disso, pode ainda auxiliar na transcrição automática de aulas para alunos com deficiência auditiva. A IA são frequentemente usados para detectar plágio em trabalhos escritos, ajudando a manter a integridade acadêmica. Alguns sistemas são projetados para ajudar os alunos a desenvolverem habilidades socioemocionais, como empatia, colaboração e resolução de problemas, por meio de simulações e interações virtuais. Pode automatizar uma variedade de tarefas administrativas em instituições educacionais, como matrículas, gerenciamento de notas e agendamento de aulas.

A Tecnologia da Realidade Virtual e Aumentada é frequentemente combinada com tecnologias para criar ambientes de aprendizado imersivos e interativos. Não são poucas as situações em que usamos, na maioria das vezes sem darmos conta, modelos criados por algoritmos de IA (Faceli, 2021). Embora a IA ofereça muitos benefícios para a educação, é importante reconhecer e abordar questões relacionadas à privacidade dos dados, equidade no acesso à tecnologia e o papel contínuo do professor como facilitador do aprendizado. O uso responsável e ético da IA na educação é essencial para garantir que ela realmente beneficie todos os alunos e professores para uma aprendizagem mais significativa.

Um exemplo de aplicação prática bem-sucedida da Inteligência Artificial segundo uma pesquisa bibliográfica em uma instituição de ensino é o caso da Georgia State University, nos Estados Unidos. A universidade implementou um sistema baseado em IA para melhorar as taxas de retenção de alunos e aumentar o sucesso acadêmico. Utilizando análises preditivas, a Georgia State desenvolveu um sistema que analisava dados acadêmicos, comportamentais e demográficos dos alunos. Isso incluía histórico de notas, frequência às aulas, envolvimento em atividades extracurriculares e outros fatores relevantes. Com base na análise, o sistema identificava alunos em risco de desistência ou dificuldades acadêmicas. Isso permitiu uma intervenção proativa antes que os problemas se agravassem. O sistema gerava alertas automáticos para

conselheiros acadêmicos e professores quando um aluno estava em risco. Esses alertas eram acompanhados de sugestões de intervenções personalizadas, como tutoria, aconselhamento acadêmico ou encaminhamento para recursos de apoio. A implementação desse sistema levou a uma significativa melhoria nas taxas de retenção de alunos. Para Kaufman, (2022, p. 9.) a inteligência artificial é alicerçada em bases de dados para calcular a probabilidade de eventos ocorrerem: “A inteligência artificial hoje é composta fundamentalmente de modelos estatísticos que, baseados em dados, calculam a probabilidade de eventos ocorrerem”. A universidade relatou um aumento notável na graduação de estudantes e uma redução nas taxas de desistência. O sistema também permitiu uma avaliação contínua e refinamento das estratégias de intervenção com base no feedback e nos resultados obtidos. Isso contribuiu para uma abordagem adaptativa e eficaz ao longo do tempo.

O sucesso desse caso demonstra como a IA pode ser aplicada de maneira significativa para melhorar a experiência e o desempenho dos alunos em uma instituição de ensino. Além disso, destaca a importância de uma abordagem personalizada e proativa para lidar com desafios acadêmicos, proporcionando suporte adicional aos alunos que mais precisam. Essa aplicação eficiente da IA mostra como a tecnologia pode ser uma aliada valiosa no setor educacional, promovendo melhores resultados para os estudantes.

Vantagens e desvantagens

A IA pode adaptar o conteúdo educacional de acordo com as necessidades e estilos de aprendizado individuais, oferecendo uma experiência mais personalizada para os alunos. A capacidade da IA de fornecer feedback imediato permite que os alunos compreendam e corrijam seus erros em tempo real, melhorando o processo de aprendizado. Os sistemas de aprendizado adaptativo, impulsionados por IA, podem ajustar automaticamente o nível de dificuldade e o tipo de atividades com base no desempenho dos alunos, otimizando o tempo de estudo, pode analisar grandes conjuntos de dados para identificar

padrões e tendências, ajudando educadores a tomar decisões informadas sobre currículos, estratégias de ensino e intervenções, podendo melhorar a acessibilidade, oferecendo tradução automática de materiais, transcrições automáticas para alunos com deficiência auditiva e adaptação de recursos para diferentes estilos de aprendizado. A automação de tarefas administrativas por meio da IA pode liberar tempo para professores e funcionários administrativos, permitindo que se concentrem em atividades mais estratégicas. A integração da IA no currículo pode preparar os alunos para o futuro, proporcionando-lhes familiaridade com tecnologias emergentes e habilidades necessárias para trabalhar com elas. Em alguns casos, a implementação da IA pode levar a eficiências de custo, especialmente em tarefas repetitivas e administrativas. De acordo com Weller (2019), a transparência é geralmente uma questão crítica para o emprego efetivo de soluções baseadas em IA. Ainda segundo o autor, tanto a motivação quanto os benefícios da transparência dependem, em grande parte, do contexto, sendo assim difícil avaliar e identificá-la de forma objetiva.

Desvantagens da Inteligência Artificial na Educação: nem todos os alunos têm acesso igual a tecnologias avançadas. A dependência da IA na educação pode ampliar a desigualdade se não for garantido um acesso equitativo. Há preocupações sobre a substituição de professores por tecnologias de IA perdendo a dimensão humana e as habilidades sociais essenciais na educação. O uso extensivo de IA na coleta e análise de dados educacionais levanta preocupações sobre a privacidade e segurança dos dados dos alunos, podem refletir e perpetuar preconceitos existentes na sociedade, o que pode levar a decisões e recomendações enviesadas. Uma dependência excessiva de tecnologias pode resultar em dificuldades significativas se houver falhas técnicas, falta de infraestrutura ou obsolescência rápida de sistemas. A IA justa aumenta a proteção contra a geração de modelos preconceituosos devido a padrões extraídos de dados pessoais (Hajian et al., 2014). Pode ter ainda existir dificuldades em compreender e responder adequadamente a nuances emocionais e sociais, aspectos cruciais do processo de ensino-aprendizado. Aumentar o uso de tecnologias pode

contribuir para o isolamento social e a falta de interações interpessoais essenciais para o desenvolvimento humano. A implementação inicial de sistemas de IA na educação pode ser cara, e a manutenção contínua pode exigir recursos significativos. Contudo enquanto a inteligência artificial oferece muitas vantagens na educação, é crucial abordar cuidadosamente as desvantagens para garantir que seu uso beneficie todos os alunos de maneira ética, equitativa e eficaz.

Considerações finais

A presente pesquisa pretendeu contribuir com a reflexão de como é a importância da Inteligência Artificial nos ambientes educacionais, quais as suas vantagens e desvantagens para a prática pedagógica através da integração e apropriação dos recursos digitais no processo de ensino aprendizagem. Verificou como ocorreu o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano escolar. Contudo diante do interesse dos educadores e educandos pela melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente a gama de informações que estão disponíveis nos meios de comunicação e informação, pode perceber que é de suma importância que haja um profissional de Designer Instrucional nos ambientes educacionais para que precisa acompanhar a modernização em seus mais amplos aspectos, mesmo que de forma moderada, avaliando os impactos e resultados obtidos no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

Deste modo, pode-se concluir que mudanças são necessárias, e que o uso dos recursos tecnológicos digitais como a IA, associados ao saber fazer se apresentam comprovadamente relevante para a construção de uma aprendizagem significativa, devendo ser comprovados através da produção do conhecimento pelos envolvidos no processo, retroalimentando os acertos e as falhas, e replanejando os recursos sem ignorar as características individuais de cada indivíduo mesmo tendo vantagens e desvantagens.

Referências

Alves, T. A. da S. 2009. Tecnologias de tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas escolas: da idealização à realidade. Lisboa. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Ciências da Educação. Disponível: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1156/Taises%20Araujo%20-%20versao%20final%20da%20dissertacao.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 fev. 2024.

Etzioni, O. Point: Should AI technology be regulated?: yes, and here's how. Communications ACM, v.61, n.12, p.30-2, 2018. Disponível em: <<https://cacm.acm.org/magazines/2018/12/232893-point-should-ai-technology-be-regulated/fulltext>>.»<https://cacm.acm.org/magazines/2018/12/232893-point-should-ai-technology-be-regulated/fulltext>. Acesso em 06 fev. 2024.

Faceli, K. et al. Inteligência Artificial - Uma Abordagem de Aprendizado de Máquina. 2. edição. GrupoGen, 2021. Disponível em: <<https://www.grupogen.com.br/e-book-inteligencia-artificial-uma-abordagem-de-aprendizado-de-maquina>>.»<https://www.grupogen.com.br/e-book-inteligencia-artificial-uma-abordagem-de-aprendizado-de-maquina>. Acesso em: 09 fev. 2024.

Hajian, S. et al. i. Fair pattern discovery. In: Proceedings of the 29 th anual acm symposium on applied computing (SAC '14). Association for Computing Machinery, New York, USA, p.113-20, 2014. DOI:<https://doi.org/10.1145/2554850.2555043>
» <https://doi.org/10.1145/2554850.2555043>. Acesso em: 08 fev. 2024.

Karasinski, Lucas. 2019 O que é tecnologia? (ON LINE). Disponível. Acessado em 13 fev. 2024.

Kaufman, D. Desmistificando a inteligência artificial. Belo Horizonte: Autêntica, 2022, pág. 9.

Luger, G. F. Inteligência artificial. Tradução: Daniel Vieira. 6ª ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2013, p. 01.

McCarthy, J. Programs with common sense. Proceedings of the Symposium on the Mechanization of Thought Processes, National Physical Laboratory, Teddington, Middlesex, England, 1–15, 1963.

Santos, Sanval Ebert de Freitas; Winkler, Ingrid; Saba Hugo; Araújo, Marcio Luís Valença & Jorge, Eduardo Manuel de Freitas. (2021). Inteligência artificial em ambientes virtuais de ensino e aprendizagem: Uma proposta de modelo. Research, Society and Development, v. 10, n. 4.

Valdati, A. B. Inteligência artificial – IA. Curitiba: Contentus, 2020. Pág. 7.

Weller A. Transparency: Motivations and Challenges. In: SAMEK, W. et al. (Ed.) Explainable AI: Interpreting, Explaining and Visualizing Deep Learning. Lecture Notes in Computer Science, v.11700, p.23-40, Springer, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-030-28954-6_2>.»
https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-030-28954-6_2. Acesso em: 06 fev. 2024.

**- A importância da leitura nos anos iniciais (Sara Miranda Porato; Lina
Cristiane Cavalheiro Trombeta)**

A importância da leitura nos anos iniciais

Sara Miranda Porato

Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta

DOI: 10.5281/zenodo.13743357

RESUMO

Para a formação do leitor e para que possa enfrentar barreiras é necessárias e fundamentais conhecer a importância da leitura nos anos iniciais, isso é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças para refletir e criar situações sobre o que lhe é proposto, para isso o professor tem um papel importantíssimo na aprendizagem lúdica, levando em conta que é um método de aprendizagem que pode trazer inúmeras melhorias para as crianças tanto no individual quanto social. Estão aqui alguns dos principais aspectos que destacam a relevância da leitura nessa fase: **Desenvolvimento Cognitivo:** A leitura expande o vocabulário e aprimora a compreensão, estimulando o pensamento crítico e a capacidade de interpretar informações. **Desenvolvimento Emocional:** Ajuda as crianças a entenderem e expressar suas emoções, além de cultivar empatia ao se identificarem com personagens e situações. **Desenvolvimento Social:** Fomenta a interação social através de discussões sobre livros e promove a compreensão de diferentes culturas e perspectivas. **Desenvolvimento Linguístico:** Melhora a fluência e a estrutura da linguagem, beneficiando tanto a leitura quanto a escrita. **Motivação para Aprender:** Desperta curiosidade e interesse pelo aprendizado, estabelecendo um hábito de leitura que pode durar a vida inteira.

Palavra-chave: Criança. Leitura. Aprendizado.

ABSTRACT

For the development of the individual and for them to be able to overcome barriers, it is necessary and fundamental to know the importance of reading in the early years. This is essential for the cognitive, emotional and social development of children to reflect and create situations about what is proposed to them. For this, the teacher has a very important role in playful learning, taking into account that it is a learning method that can bring countless improvements to children both individually and socially. Here are some of the main aspects that highlight the relevance of reading at this stage: **Cognitive Development:** Reading expands vocabulary and improves understanding, stimulating critical thinking and the ability to interpret information. **Emotional Development:** Helps children understand and express their emotions, in addition to cultivating empathy by identifying with characters and situations. **Social Development:** Encourages social interaction through discussions about books and promotes the understanding of different cultures and perspectives. **Linguistic Development:** Improves fluency and language structure, benefiting both reading and writing. **Motivation to Learn:** Awakens curiosity and interest in learning, establishing a reading habit that can last a lifetime.

Keywords: Children. Reading. Learning.

Introdução

O presente artigo ressalta a importância da leitura na aprendizagem das crianças através do lúdico e atividade interdisciplinar que irá proporcionar uma aprendizagem divertida, prazerosa e criativa. A leitura é uma das habilidades fundamentais que moldam o desenvolvimento das crianças nos anos iniciais da educação. Esses primeiros anos escolares são um período crítico em que se estabelece a base para a aprendizagem futura e para a aquisição de habilidades essenciais para a vida. Nos primeiros anos de escolarização, a leitura contribui significativamente para a expansão do vocabulário e para o aprimoramento da compreensão textual. Ao interagir com diferentes tipos de textos, as crianças são expostas a novas palavras e conceitos, o que ajuda a melhorar suas habilidades linguísticas e de comunicação

Além dos benefícios cognitivos, a leitura tem um impacto profundo no desenvolvimento emocional das crianças. Os livros frequentemente abordam uma ampla gama de sentimentos e situações, permitindo que os jovens leitores explorem e compreendam suas próprias emoções, bem como as dos outros. Essa capacidade de empatia e autorreflexão é crucial para o desenvolvimento emocional saudável e para o estabelecimento de relacionamentos interpessoais positivos.

Sobre a Leitura do Mundo e da Palavra: Freire enfatiza que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Isso significa que, para crianças pequenas, a leitura não deve se restringir a decodificar palavras, mas deve envolver uma compreensão mais ampla do contexto e do significado do que é lido.

Portanto, a importância da leitura nas séries iniciais vai além da simples habilidade de decifrar palavras; ela é uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento integral das crianças. Investir em práticas de leitura desde cedo estabelece uma base sólida para o sucesso da aprendizagem preparando as crianças para uma vida de aprendizado contínuo e enriquecedor.

A leitura no contexto escolar

No contexto escolar a leitura é um aspecto fundamental do processo educativo, pois está intimamente ligada ao desenvolvimento das habilidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos. A abordagem da leitura em ambientes escolares envolve práticas e metodologias que visam promover a fluência, a compreensão e o prazer pela leitura desde os primeiros anos de escolarização.

A leitura é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois ajuda a expandir o vocabulário, melhora a compreensão e fortalece habilidades de pensamento crítico. No contexto escolar, a leitura está diretamente ligada ao desempenho acadêmico dos alunos, afetando sua capacidade de aprender e interagir com o conteúdo.

Krashen explora como a promoção da leitura prazerosa e o acesso a uma ampla gama de materiais de leitura são essenciais para o desenvolvimento de leitores competentes e entusiásticos.

Para Cagliari (1999), a atividade mais importante que serve de âncora para as demais desenvolvidas na escola é a leitura, pelo fato da ligação da mesma com tudo que é ensinado no espaço escolar. Cagliari (1999) fala muito da leitura pelo prazer de ler. Segundo ele, a criança que se interessa pela leitura consegue resolver uma série de dificuldades enfrentadas em sala de aula.

Precisamos considerar que a função da escola não é apenas de ensinar ler a palavra, a frase, o texto, mas proporcionar à criança um contato diário com a leitura, levando a fazer o uso dessa leitura em suas práticas sociais.

Considerações finais

A leitura nos anos iniciais desempenha um papel fundamental no desenvolvimento das crianças e é um dos principais pilares para o sucesso dos

leitores ao longo da vida. Este período crítico estabelece as bases para habilidades essenciais que influenciam não apenas o desempenho escolar, mas também o crescimento emocional e social das crianças. A leitura promove a interação social e a comunicação, seja através de discussões sobre livros com colegas, pais ou professores. Além disso, a exposição a diversas culturas e perspectivas através da leitura ajuda as crianças a desenvolverem uma compreensão mais ampla e respeitosa do mundo. Portanto, investir na da leitura desde os primeiros anos é fundamental para garantir que as crianças tenham uma base sólida para seu desenvolvimento integral. Não só educadores, mais pais e responsáveis também desempenham um papel crucial em fomentar um ambiente de leitura que seja envolvente e enriquecedor, ajudando assim a preparar as crianças para uma vida de aprendizado contínuo e realização pessoal.

Referências

GUILFOYLE, K. E. & HARKINS, D. A. (2020). *A importância da leitura nos anos iniciais: Um estudo sobre os impactos no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças*. Editora Educação e Desenvolvimento.

FREIRE, Paulo (1977) *A mensagem de Paulo Freire Teoria e prática da libertação*, Porto: Nova Crítica

Freire, P. (2001). *A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam*. Cortez Editora.

Krashen, S. (2004).

- A importância da ludicidade nas práticas pedagógicas (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)

A importância da ludicidade nas práticas pedagógicas

Andreia Rocha de Paula

Elizamar Padia

Gabriel Murpf

Silvio Rodrigues Szerwieski

RESUMO

A ludicidade tem sido reconhecida como um recurso pedagógico essencial no processo de ensino e aprendizagem, promovendo um ambiente motivador e prazeroso para o aluno. Este artigo objetiva discutir a importância da ludicidade nas práticas pedagógicas, evidenciando seus benefícios no desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. A pesquisa fundamenta-se em autores que defendem a integração de jogos e atividades lúdicas no contexto escolar, contribuindo para a formação integral do sujeito. A partir da revisão de literatura e da análise de estudos de caso, conclui-se que a ludicidade deve ser vista como parte integrante do planejamento pedagógico.

Palavras-chave: Ludicidade. Práticas pedagógicas. Ensino, aprendizagem. Desenvolvimento infantil.

Introdução

A educação contemporânea enfrenta desafios constantes ao buscar novas metodologias que atendam às demandas dos estudantes do século XXI. Nesse contexto, a ludicidade emerge como uma prática pedagógica inovadora que favorece o desenvolvimento integral da criança, proporcionando-lhe momentos de aprendizado prazeroso e significativo. De acordo com Piaget (1990), o brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional do ser humano. Neste artigo, discutimos a importância de práticas pedagógicas que incorporam elementos lúdicos e como essas práticas podem melhorar o desempenho acadêmico e o desenvolvimento social dos alunos.

Desenvolvimento

O conceito de ludicidade

A ludicidade refere-se à capacidade de brincar e de utilizar o lúdico como meio de aprendizagem. Segundo Vygotsky (1991), a brincadeira é uma forma importante de interação social, permitindo que a criança internalize regras e valores culturais. Além disso, o lúdico é um componente que pode estimular a criatividade e o raciocínio lógico dos estudantes, transformando o processo de ensino-aprendizagem em uma experiência mais dinâmica e envolvente (KISHIMOTO, 2011).

A ludicidade no desenvolvimento infantil

Os jogos e as atividades lúdicas são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Eles não apenas contribuem para o desenvolvimento motor e cognitivo, como também auxiliam na formação da identidade e das habilidades sociais. Bruner (1999) argumenta que o ato de brincar ajuda a criança a explorar diferentes papéis sociais, desenvolvendo a empatia e a resolução de conflitos. Nesse sentido, a inclusão de práticas lúdicas nas salas de aula pode resultar em benefícios amplos, desde a melhoria do desempenho acadêmico até o aumento da autoestima dos alunos.

A aplicação da ludicidade nas práticas pedagógicas

A utilização de atividades lúdicas em sala de aula pode ser integrada em diversas disciplinas e contextos educacionais. Para que o lúdico seja eficaz, é necessário que o professor planeje atividades que não apenas sejam

divertidas, mas que também estejam alinhadas aos objetivos educacionais. Freire (1996) ressalta a importância de metodologias ativas, nas quais o aluno assume um papel protagonista em seu aprendizado. Assim, jogos educativos, dinâmicas de grupo e outras formas de ludicidade podem ser ferramentas eficazes para promover o engajamento e a autonomia dos estudantes.

Conclusão

Diante dos benefícios apresentados, conclui-se que a ludicidade desempenha um papel crucial nas práticas pedagógicas contemporâneas. Ao utilizar elementos lúdicos, o professor cria um ambiente de aprendizagem mais estimulante e prazeroso, o que favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Portanto, recomenda-se que as escolas e os educadores incorporem de forma sistemática atividades lúdicas em seus planejamentos pedagógicos, de modo a potencializar o aprendizado e promover a formação integral dos alunos.

Referências

BRUNER, Jerome. ****O processo da educação.**** São Paulo: Edusp, 1999.

FREIRE, Paulo. ****Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.**** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. ****O brincar e suas teorias.**** São Paulo: Cengage Learning, 2011.

PIAGET, Jean. ****A formação do símbolo na criança.**** Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

VYGOTSKY, Lev. ****A formação social da mente.**** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

- Importância da ludicidade nos anos iniciais (Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta; Luciene Lécia Lucchetti; Lurdes Mariano Mendes; Roseli Velozo Gomes; Sara Miranda Porato)

Importância da ludicidade nos anos iniciais

Lina Cristiane Cavalheiro Trombeta

Luciene Lécia Lucchetti

Lurdes Mariano Mendes

Roseli Velozo Gomes

Sara Miranda Porato

DOI: 10.5281/zenodo.13715642

RESUMO

No ensino fundamental, principalmente nos anos iniciais processo pela qual a criança está em fase da alfabetização e para que haja uma aprendizagem de maneira atrativa e significativa é fundamental o estímulo de atividades lúdicas por meio de brincadeiras, jogos, músicas, danças, teatro e leitura de forma atrativa que favorecer o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. Isso ajuda a e criar situações sobre o que lhe é proposto. Com isso cabe ao professor um papel importantíssimo na aprendizagem da criança, levando em conta que é um método de aprendizagem que pode trazer inúmeras melhorias e benefícios para ascrianças tanto no seu aspecto individual quanto social.

Palavras-chaves: Lúdico. Crianças. Aprendizagem.

ABSTRACT

In elementary school, especially in the early years - the process through which the child is in the literacy phase and for learning to occur in an attractive and meaningful way, it is essential to encourage playful activities through games, music, dance, theater and reading in an attractive way that promotes the cognitive, emotional and social development of children. This helps you reflect and create situations about what is proposed. Therefore, the teacher plays a very important role in the child's learning, taking into account that it is a learning method that can bring countless improvements and benefits to children in both their individual and social aspects.

Keywords: Playful. Children. Learning.

Introdução

Este artigo tem o objetivo ressaltar a importância do lúdico na aprendizagem das crianças através de jogos, brincadeiras, música, danças e leituras de modo atrativo, onde poderá conceder uma aprendizagem de forma atrativa, divertida e prazerosa.

Nesta perspectiva o lúdico, nos anos iniciais traz sua dimensão e benefício no desenvolvimento aprendizagem da criança, onde promoverá habilidades sociais, sensoriais e emocionais importantes para o conhecimento de mundo, bem como a capacidade de resolução de problemas.

Para Fantacholi ([s/d], p. 5), "... por meio da ludicidade a criança começa a expressar-se com maior facilidade, ouvir, respeitar e discordar de opiniões, exercendo sua liderança, e sendo liderados e compartilhando sua alegria de brincar".

Nesse sentido, compreende-se que trabalhar com crianças de maneira lúdica é fundamental para que tenha um desenvolvimento mais eficaz no que diz respeito aos seus sentidos, movimentos e ações. Assim ela aprende vivendo, experimentando e fazendo novas descobertas.

Segundo Piaget (1962), o jogo é uma forma essencial de desenvolvimento cognitivo, permitindo que as crianças explorem e compreendam o mundo ao seu redor. Vygotsky (1978) complementa, afirmando que o jogo é crucial para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Compreende-se dessa forma que é possível desenvolver uma aprendizagem significativa por meio de estratégia e metodologias diferenciada.

Estratégias que auxiliam na ludicidade

Desde cedo a criança aprende e desenvolve um aprendizado através de imitações em situações do cotidiano através da experiência e convívio social.

Diversas estratégias como: integração do jogo com o currículo, ambientes de aprendizagem estimulante, metodologias ativas, brincadeiras e atividades física, jogos simbólicos, dramatizações e entre outras, são estilos e maneiras diferentes de Ensino e aprendizagem garantindo a todos o direito e oportunidade de participar e se beneficiar do lúdico.

Assim as práticas pedagógicas por meio do lúdico como as brincadeiras de pega-pega, pular corda, coelho sai da toca e entre outras, hoje são praticamente esquecidas pela era tecnológica.

Para Luckesi:

... lúdicas são aquelas atividades que proporcionam uma experiência em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis. Para Santin, são ações vividas e sentidas não definidas com palavras, mas compreendidas pela imaginação e pelos sonhos.

Com tudo, é importante ressaltar que as atividades desenvolvidas por meio do lúdico proporciona momentos de fantasias e realidades desafiadoras onde os alunos compartilham o que aprenderam e como se sentiram.

Segundo Rodrigues (2009): “O brincar deve ser levado a sério pois é a apropriação das habilidades no âmbito da linguagem, da cognição e dos valores sociais.”

Para Vygotsky, o processo de aprendizagem se dá por meio das relações sociais, estando diretamente ligadas à linguagem e ao pensamento, desde o princípio da vida do ser humano. Portanto, a formação da criança está diretamente e influenciada por tal relação, de modo que as práticas educacionais às quais a criança é submetida são fatores determinantes desse processo. Nesta concepção, caso haja defasagem na relação entre pessoa e ambiente, o desenvolvimento desse indivíduo também será. (MALAQUIAS; RIBEIRO, 2013)

Percebe-se, portanto, que no processo de aprendizagem, pelos diversos motivos aqui elencados, a ludicidade se mostra como sendo recurso essencial ao ser humano. Neste sentido, se faz necessário enfatizar que no processo de

ensino/aprendizagem, a brincadeira e os demais recursos lúdicos devem ser utilizados como ferramenta de busca do conhecimento.

Considerações finais

Tendo em vista que a ludicidade tem um papel importante e fundamental no ambiente educacional no que diz respeito ao Ensino e aprendizagem, é um instrumento pedagógico que pode ser utilizado no ensino em qualquer faixa etária; porém, nos anos iniciais não só torna o aprendizado mais prazeroso, como também promove um desenvolvimento mais completo e equilibrado das crianças. Essas estratégias ajudam o pleno desenvolvimento e desencadeia potencialidades levando o aluno a desenvolver habilidades, criatividade e pensamento crítico.

Referências

CAVALLI, Edena Carla Dorne. Ludicidade: uma possibilidade metodológica para processo de ensino e aprendizagem na educação infantil e series iniciais da educação básica. 2012. UNIOESTE-CAPES. 8 p. Disponível em:

<http://w3.ufsm.br/ceem/eiemat/>

Anais/arquivos/RE/RE_Cavalli_Edna.pdf>. Acesso em 24 jul. 2018

FANTACHOLI, Fabiane Das Neves. O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras – Um Olhar Psicopedagógico. Disponível em: <http://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=78> acesso em: 20 de outubro de 2021.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MALAQUIAS, Maiane Santos; Ribeiro, Suelyde Souza. A importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento da infância. Psicologado, 2013. Disponível em http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a_importancia-do_ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia. Acesso em: 21 de outubro 2021

RODRIGUES, Luzia Maria. A criança e o brincar. 2009. Monografia (Pós-graduação), Decanato de pesquisa e Pós Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,

SCHREIBER, Zélia Tresoldi Meregalli. Ludicidade: uma ferramenta para o desenvolvimento cognitivo infantil. 2010 Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Pedagogia), Faculdade de educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Gravataí, 2010.

Piaget, J. (1962). *Play, dreams and imitation in childhood*. W.W. Norton & Company.

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press.

- A importância da valorização do ensino da Arte para o desenvolvimento infantil (Taís Eduarda Ribeiro)

A importância da valorização do ensino da Arte para o desenvolvimento infantil

Taís Eduarda Ribeiro

DOI: 10.5281/zenodo.13861924

Resumo

O presente artigo tem como objetivo analisar a história da introdução da Arte nas escolas brasileiras e a sua importância no processo educativo, com enfoque na Educação Infantil, para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, emocionais, motoras e sociais das crianças. A pesquisa busca analisar a Arte como ferramenta da educação, mostrando que seu desenvolvimento não ocorre de forma isolada, mas em conjunto, de forma social, com a comunidade, família e escola, na qual todos têm uma grande contribuição para o desenvolvimento da formação humana das crianças.

Palavras chaves: Arte. Educação Infantil. Processo educativo. Desenvolvimento. Formação humana.

Introdução

O ensino formal da arte no Brasil se iniciou com a chegada da Missão Francesa, no século XIX, com a instalação do ensino superior em arte em resposta às transformações que ocorreram com a chegada da corte portuguesa para o nosso país. Nesse cenário, foram impulsionados pelos artistas franceses, a criação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, inaugurada em 1816 por Dom João VI que posteriormente se tornou a Escola de Belas Artes.

A estrutura dessas escolas eram neoclássicas e priorizavam a instrumentalização dos alunos para a reprodução da estética clássica, o ensino era centralizado no papel do professor como único detentor do conhecimento. Esse modelo de ensino perdurou por muito tempo no Brasil até o surgimento da Nova escola, que propunha práticas pedagógicas inovadoras para o ensino da

arte, trazendo a valorização do processo de ensino e aprendizagem com base nos ideais humanistas. Entretanto, com o período vanguardista, os ideais escolanovistas perderam força, voltando apenas no fim da Era Vargas, após 1947.

Durante a década de 1970, foi introduzida no currículo brasileiro, a Educação Artística, apenas como atividade artística, visando desenvolver habilidades de leitura e reprodução de imagens, voltadas para ilustração das datas comemorativas. Atualmente, houve uma grande mudança em relação ao ensino da arte em seus diferentes aspectos. Hoje, ela é reconhecida como componente curricular e é obrigatório seu ensino em todas as escolas brasileiras de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/1996 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que explicita:

O documento de Arte expõe uma compreensão do significado da Arte na educação, explicitando conteúdos, objetivos e especificidades, tanto no que se refere ao ensino e à aprendizagem, quanto no que se refere à arte como manifestação humana.

Desse modo, nesse artigo, iremos analisar e abranger as diversas peculiaridades da Arte no desenvolvimento infantil, bem como sua singularidade para a formação do indivíduo, visando uma maior reflexão sobre a história do ensino de Arte no Brasil e sua devida importância para a criação e estimulação do pensamento crítico em crianças.

1. O processo histórico de valorização do ensino da Arte no Brasil.

Para que o ensino da Arte tivesse a valorização e reconhecimento através de leis e diretrizes no Brasil, foram necessários anos de histórias e lutas no processo educativo. Nem sempre a Arte e seu ensino, representou de fato, o povo brasileiro. Vejamos a seguir, um pouco da trajetória do ensino da Arte e como ele foi influenciado pelas políticas enfrentadas em nosso país, que perpassou por

drásticas mudanças em diversos momentos da sua história, até chegar nos dias de hoje:

Se iniciou o ensino de Arte no Brasil, no século XIX, com forte influência da cultura europeia, seu estudo era pautado em rígidas regras e padrões estéticos, valorizando a técnica e o conceito de beleza fixo e idealizado, tendência dos modelos da escola neoclássica.

Com a chegada da Proclamação da República, em 1890, passou-se a observar que o distanciamento da realidade brasileira presente nas obras, que apresentavam o padrão europeu, ainda acontecia. Porém, com a Semana de Arte Moderna, em

1922, grandes transformações ocorreram através de um grupo de artistas que se reuniram e se manifestaram contra o espírito conservador que predominava no campo artístico, dando uma reviravolta na forma de ensinar regradas da antiga academia de arte no Brasil.

Logo em 1930, com o governo de Getúlio Vargas, é apresentado em nosso país novas leis para a educação, como políticas públicas que tornaram o ensino gratuito e obrigatório. É nessa época que entra em vigor no Brasil, a escola nova que segundo Dermeval Saviani:

... deslocou o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos ou processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretivismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência da lógica para uma pedagogia de inspiração experimental, baseada, principalmente, nas contribuições da Biologia e da Psicologia (SAVIANI apud FUSARI; FERRAZ, 1991, p. 31, grifos das autoras).

Já com a chegada da ditadura, durante o governo de Getúlio Vargas é instaurado o Estado Novo, o que confere uma pausa no movimento escolanovista, fazendo o ensino ficar voltado para trabalhos manuais. Assim, podemos enfatizar o pensamento de Marilene Schrsmm exposto em seu artigo, para refletirmos em como essa mudança impactou negativamente o desenvolvimento do ensino da

arte: “Com a ditadura de Vargas, a Escola Nova é afastada do poder, e a educação passa por um período de estagnação; conseqüentemente, o ensino-aprendizagem da arte fica adormecido por mais um tempo”

Com o fim da ditadura, por volta de 1947, há uma tentativa de retorno aos ideais escolanovistas e o ensino da Arte é voltado para o desenvolvimento da criatividade do aluno, juntamente com a livre expressão. Cria-se então o movimento Educação através da Arte voltada para a educação cultural, na qual buscava auxiliar na formação do indivíduo por completo.

A Educação Através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence. (FERRAZ E FUSARI, 2001, p.19).

Entretanto, a democracia chega ao fim e se restabelece a ditadura militar de 1964 a 1985, o que impactou novamente o ensino da Arte, que passou a ser conhecido pela pedagogia liberal tecnicista, voltada para a formação técnica para a produção, que de acordo com as Leis de Diretrizes e Bases n.5.540/1968 e n. 5.692/1971 torna obrigatório o ensino da disciplina Educação Artística, por um professor polivalente.

Com o fim da ditadura militar, a partir de 1980 em diante, o ensino da Arte no Brasil passa a ter outro valor e significado. Após toda essa trajetória, a Arte finalmente começa a ser reconhecida como disciplina curricular, presente na Lei de Diretrizes e Bases n. 9.394/1996, tornando-se obrigatório na educação básica, o que foi um grande marco na história da educação Brasileira. Isso se torna claro quando analisamos os PCN 's (1997, p. 30)

Em 1988 com a promulgação da constituição, iniciam-se as discussões sobre a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que seria sancionada apenas em 20 de dezembro de 1996. Convictos da importância do acesso escolar dos alunos de ensino básico também à área de Arte, houve manifestações e protestos de inúmeros educadores contrários a uma das versões da referida lei, que retirava a

obrigatoriedade da área. Com a Lei n.9.394/96, revogavam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (art. 26, § 2º).

Portanto, se torna notório ressaltar a importância das manifestações e lutas dos educadores para um ensino melhor da Arte, buscando sempre destacar e reconhecer o seu papel para o desenvolvimento da coordenação motora, do cognitivo, da afetividade e pensamento crítico, contribuindo assim, com a formação humana.

2. A arte como ferramenta do desenvolvimento infantil.

A Arte pode ser trabalhada de diversas formas e em diversos ambientes diferentes, sendo eles escolares ou não, porém, qualquer uma de suas modalidades (sejam elas: artes visuais, dança, música ou teatro) têm um papel muito importante para o desenvolvimento infantil, promovendo a maturação intelectual, emocional, social e motora.

Desse modo, conforme a criança entra em contato com o mundo artístico, ela encontra diversas formas de expressar suas ideias e emoções, e busca respostas para criar e solucionar problemas, o que estimula a sua criatividade e a imaginação. Além disso, as atividades artísticas, como desenhar e pintar, favorecem o desenvolvimento cognitivo e motor das crianças, pois trabalham os movimentos de motricidade fina e grossa.

Na medida em que a criança explora a sua imaginação criando ideias, pintando, desenhando, escrevendo, entre outras, ela encontra uma forma segura de se expressar, fazendo com que a parte emocional seja estimulada e desenvolvida. Assim, quando trabalhado em conjunto, as atividades artísticas, fortalecem as habilidades sociais, de forma que cria situações para que as

crianças aprendam a trabalhar em equipe, ouvir o outro e a respeitar as diferenças.

Ao imaginar, isto é, ao criar suas primeiras ficções, a criança prepara-se para dialogar. A imagem e o símbolo são nela provisoriamente o outro. Por ele a criança passa, de forma cada vez mais complexa, a dialogar consigo e sua cultura. Interferindo e modificando ativamente, é afetada e modificada em sua forma intensa de entender e interpretar as coisas e os outros, seu meio cultural (RICHTER, 1999, p. 195).

Por outro lado, a Arte é uma pode ser uma grande ferramenta para colocar a criança em contato com culturas diferentes, o que aumenta seu conhecimento de mundo e desenvolve uma visão mais ampla da sociedade, juntamente com uma compreensão maior sobre a diversidade cultural, o que a faz desenvolver o respeito e a tolerância desde cedo, o que contribui com uma construção de sua identidade.

Assim, devemos nos lembrar que a Arte deve ser trabalhada como uma atividade prazerosa para a criança, a fim de que suas habilidades sejam exploradas. Buoro (1996, p.28) afirma que:

É na infância que se desenvolvem as construções simbólicas que permitem o trânsito entre o real e o imaginário e asseguram a compreensão de que as produções pessoais são fontes de domínio e saber sobre a escrita diferenciada da arte e fonte de prazer pelo envolvimento afetivo que proporcionam.

Segundo a autora, é necessário valorizar o processo criativo infantil, incentivando as crianças a explorarem sua própria produção artística, além de interagir com as criações de outras crianças e com diferentes formas de Arte, sejam os desenhos, pinturas, dança, modelagem e entre outros que influenciam no desenvolvimento do processo de criação infantil e uma experiência educativa e criativa. Assim, cabe aos familiares e aos educadores buscarem metodologias para que possam estimular o processo artístico da criança, sempre respeitando seu conhecimento prévio e sua bagagem cultural.

3. A importância do ensino da Arte na Educação Infantil.

O ensino da Arte foi uma conquista para a educação brasileira. Sua importância vai muito além do desenho e da pintura, mesmo na educação infantil é visível a sua importância para o desenvolvimento da criança, sendo ela a base para as futuras etapas do ensino da Arte. Segundo Barros e Gasparini (2007, p. 2):

A arte é uma representação da realidade, é um meio de compreender fatos históricos, tornando-se um objeto socialmente construído. Ela deve ser inserida no ambiente educacional a fim de torná-la conhecimento escolar. O entendimento da arte na sala de aula deve fornecer subsídios para que o educando compreenda a arte como comunicação, sendo um meio pelo qual o homem mostra ao mundo a sua aspiração, inspiração inquietude e ousadia expostas às contingências da realidade; tornando-se necessário, desta forma, despertar nos alunos e futuros professores a necessidade que a manifestação artística possa e deva ser fruto da reflexão.

É na educação infantil que a criança entra em contato com a Arte preparada por um educador, chegando com seus conhecimentos culturais e gerais aprendidos em família ou em comunidade e começa a ter contato com atividades preparadas, como intuito de estimular ainda mais o desenvolvimento cognitivo, social, motor, emocional e afetivo. Assim, as crianças estão constantemente criando, experimentando e vivenciando a Arte em diferentes formas, espontaneamente, juntamente com a interação com o outro, sejam colegas, educadores ou familiares.

[...] durante as criações ou fazendo atividades de seu dia a dia, as crianças vão aprendendo a perceber os atributos constitutivos dos objetos ou fenômenos à sua volta. Aprendem a nomear esses objetos, sua utilidade, seus aspectos formais (tais como linha, volume, cor, tamanho, textura, entre outros) ou qualidades, funções, entre outros... Para que isso ocorra é necessário a colaboração do outro – pais, professoras, entre outros - sozinha ela nem sempre consegue atingir as diferenciações, muitas vezes sua atenção é dirigida às características não - essenciais e sim às mais destacadas dos objetos ou imagens, como por exemplo, as mais brilhantes, mais coloridas, mais estranhas... (FERRAZ; FUSARI, 1993, p. 49).

O ensino da arte na educação infantil vai muito além de atividades recreativas, desempenhando um importante papel no desenvolvimento integral da criança. Ao estimular a criatividade, o pensamento crítico, a expressão emocional, as habilidades sociais e motoras, a Arte auxilia na formação humana, favorecendo seu crescimento como indivíduo e como membro de uma sociedade diversa e em constante transformação. Nesse sentido, a escola passa a ser um espaço onde o aluno pode entender a Arte como uma forma de expressar seu próprio mundo, pois na infância ela reflete as experiências vividas pela criança, enquanto a arte do adulto resulta da sua interação e compreensão do ambiente ao seu redor.

[...] é a concepção de que a criança é muito mais inventiva que o adulto [...], esse último apresenta potencial criativo desenvolvido e repertório acumulado pelas experiências vividas, sendo capaz de ativar esse potencial e repertório em situações especiais, transformando-se e mudando o mundo. A criança normalmente ainda não transforma a realidade, apenas a si mesma. (BUORO, 2000, p. 84)

Desse modo, é muito importante que o pedagogo elabore as atividades artísticas partindo do lúdico, do brincar, das vivências, buscando sempre estimular o aprendizado significativo, disponibilizando o acesso a recursos para que se desenvolva o processo criativo das crianças. Nesse sentido, o professor deve utilizar a sala de aula e os ambientes escolares para a construção de atividades que explorem a criatividade, a capacidade motora, o cognitivo dos estudantes, possibilitando experiências prazerosas, que desperte nas crianças o interesse pela Arte.

O contato com a arte faz-se pela mediação de um educador sensível, com capacidade de proporcionar situações que possam ampliar a leitura e compreensão do mundo e de sua cultura por parte da criança. Tendo como finalidade estreitar a relação entre Arte e o universo infantil, a criança passa a ter o conhecimento de Arte enquanto faz Arte. (FERREIRA, 2015, p. 9).

Portanto, se torna notório a importância da presença artística nas escolas, desde a educação infantil, onde o aluno entra em contato com o lúdico, o brincar de formas diversas. Assim, destaca-se também, a importância do olhar do pedagogo para saber desenvolver essas atividades de forma prazerosa, buscando sempre despertar o interesse das crianças, a sua criatividade e imaginação.

4. O papel do pedagogo no ensino da Arte na Educação Infantil.

O pedagogo que desenvolve atividades artísticas na Educação Infantil necessita iniciar o seu planejamento de aula pensando nos conhecimentos gerais que a criança carrega consigo para então passar a criar atividades que sejam significativas e que busquem explorar as capacidades motoras, sociais e cognitivas das crianças. Assim, nem sempre é fácil encarar a tarefa de desenvolver atividades, o que faz do pedagogo um pesquisador constante. Segundo Pimentel (2009, p. 24):

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que a professora tenha uma base teórica, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus/suas alunas quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

Por outro lado, o educador deve buscar desenvolver as suas aulas, não de forma isolada, mas junto com a comunidade escolar. Como diz Ferreira (2001, p. 11),” Na opinião de muitos professores, as artes têm um caráter utilitário, meramente instrumental. O desenho, por exemplo, serviria para “ilustrar os trabalhos de português, ciências, geografia”. É preciso mudar essa maneira de pensar e reconhecer que a arte deve ser desenvolvida de forma integrada. Isso se alinha com o pensamento de Vygotsky, que afirma:

A arte é o social em nós e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isto não significa, de maneira nenhuma, que as suas raízes e essência sejam individuais. É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais. [...] A refundição das emoções fora de nós realiza-se por força de um sentimento social que foi objetivado, levado para fora de nós, materializado e fixado nos objetos externos da arte, que se tornaram instrumento da sociedade (VIGOTSKI, 1999, p. 315).

Além disso, ao ensinar Arte, o professor deve se lembrar que em sua sala de aula existem a presença de várias culturas diferentes presentes em cada criança, que em sua vivência familiar e em comunidade, já conhece diversas formas artísticas e costumes. Assim, ao elaborar seu plano de aula, este deve reconhecer as adversidades e buscar trabalhá-las e desenvolvê-las de forma respeitosa. Segundo Paes (2018):

A Arte para as crianças sofre a influência da cultura existente. Cada lugar no mundo possui sua história, uma cultura. E, com a Arte, essa cultura pode ser transmitida para os alunos com uma mais fácil compreensão. Com as atividades desenvolvidas pelas crianças, podemos perceber seu contexto social, sua visão de mundo, seus sentimentos e desejos. Todo o processo de criação do aluno pode e deve ser enriquecido pelas ações do professor. As crianças chegam à Educação Infantil possuindo uma percepção da realidade um tanto quanto incoerente e fragmentada, trazem para as creches e pré-escolas o que dominam até o momento, e com as manifestações artísticas nos primeiros anos de vida, podem contribuir com uma compreensão de mundo mais ajustada, nas suas relações com o meio e com o desenvolvimento do psiquismo infantil (PAES, 2018, online)

O trabalho do educador é fundamental para a compreensão da importância da expressão artística no processo de formação do indivíduo, pois cabe a ele sistematizar atividades que desenvolvam diretamente todas as formas de expressão ligadas ao equilíbrio emocional, social, afetivo e intelectual. Nesse sentido, o pedagogo deve encontrar maneiras para que esse aprendizado ocorra de forma prazerosa para a criança, através do lúdico e do brincar. De acordo com Fuzari e Ferraz (1993, p. 84),

“O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experimentar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético.” O brincar é uma maneira de ajudar a criança a entender melhor o conteúdo que está sendo ensinado.

Desse modo, cabe ao professor valorizar as produções feitas pelos seus alunos, saber da importância de cada detalhe pensado pela criança na elaboração da atividade. Assim o professor além de ser um mediador do processo educativo, deve também buscar fugir dos estereótipos e ouvir os conhecimentos dos estudantes com atenção, mesmo se tratando de crianças pequenas, é de suma relevância que o educador, esteja atento e ao seu aluno e faça perguntas que instiguem a sua criatividade. Segundo Alves (2008, p. 1):

Sabendo também da importância de não somente contemplar a produção do aluno, como a leitura desta produção e de outras imagens, reforço a ideia de ampliar as possibilidades do que é apresentado a eles, diversificando sempre e tentando não se prender a estereótipos. Estes, por sua vez, fazem com que muitos alunos acabem seguindo-os por pensarem que assim terão seus trabalhos aceitos mais facilmente pelos professores, mas na verdade, o que ocorre é que com os estereótipos as crianças aos poucos desaprendam o seu próprio desenho, perdendo a confiança nos seus traços e começando a considerá-los "feios".

Portanto, é relevante que o pedagogo reconheça o seu papel no processo de aprendizagem das crianças, buscando sempre pesquisar e atualizar seus conhecimentos. Ao preparar suas aulas, ele deve analisar quais habilidades ele busca desenvolver, com o intuito de saber qual será o ponto de partida de sua aula, quais serão os recursos que ele irá precisar buscar para se trabalhar as atividades. Para isso, o professor deve utilizar como método de pesquisa a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), entre outros recursos, como livros, internet e até mesmo a troca de ideias com outros professores e familiares das crianças, buscando sempre fomentar o desenvolvimento da criatividade e do lúdico infantil.

5. O uso de materiais reciclados como recurso de atividades artísticas na Educação Infantil.

Muitas das vezes o educador se encontra em uma realidade escolar em que não tem acesso a recursos para realizar as suas atividades e essa situação não pode ser um entrave para ele desenvolver o seu trabalho. Desse modo, é possível buscar apoio em materiais simples e de fácil acesso, como os materiais recicláveis, podendo pedir apoio dos familiares e da comunidade para arrecadar esses recursos.

Com a arrecadação dos materiais, o pedagogo pode buscar explorar a criatividade das crianças, estimulando com o brincar e com o lúdico, dando livre acesso aos recursos e deixando as crianças livres para criar seus próprios brinquedos, fazendo com que ocorra trocas de materiais e ideias entre os colegas, o que contribui para sua integração social.

[...] Através do brinquedo, a criança inicia sua integração social: aprende a conviver com os outros, a situar-se frente ao mundo que a cerca. A ideia do reaproveitamento de materiais descartáveis chega ao conhecimento da família, pela criança (WEISS, 1989, p. 110).

Assim, trabalhando desde cedo questões sobre a valorização dos objetos e seu reuso, as crianças começam desde pequenas a terem mais consciência sobre o reaproveitamento de materiais e compartilham isso para os seus familiares. Nesse sentido, o professor pode trabalhar a ludicidade das crianças, estimulando a criatividade e a imaginação ao ponto de fazer uma simples garrafa pet, tampinhas, sacolas, papéis usados, jornais, revistas, CD'S velhos, entre outros, se transformem em objetos artísticos lúdicos criados por eles.

Com a ludicidade se aprende a equilibrar as emoções e cria um ambiente prazeroso estimulando a aprendizagem. O lúdico é eminentemente educativo no sentido em que constitui a força impulsora de nossa curiosidade a respeito do mundo e da vida, o princípio de toda descoberta e toda criação (BORGES e NEVES, 2007, p. 18).

Por fim, é importante lembrar que criar Arte é um processo livre da criança, principalmente na Educação Infantil, onde a motricidade e o cognitivo estão em desenvolvimento constante, o professor necessita ter um olhar cuidadoso diante dessa situação e trazer recursos que sejam compatíveis com a idade da criança, buscando sempre despertar a aprendizagem prazerosa pela Arte, a fim de que a criança aprenda se divertindo.

Considerações finais

Com base nas informações presentes no artigo, conclui-se que o ensino da Arte nem sempre esteve inserido em nosso país e seu reconhecimento como disciplina curricular, com leis e diretrizes que comprovem o seu ensino como direito do aluno, é uma verdadeira conquista para o povo brasileiro. Por mais que ainda existam fatores a serem melhorados, devemos valorizar toda a sua trajetória e reconhecer a sua importância na sociedade brasileira.

Contudo, se torna notório reafirmar os benefícios do ensino da Arte para o desenvolvimento infantil, de forma que habilidades cognitivas, sociais e motoras, sejam amplamente estimuladas com a elaboração de atividades artísticas e lúdicas. Assim, devemos valorizar também o papel do educador como peça-chave para o desenvolvimento da Arte nas escolas, de forma a estar sempre atento ao seu aluno, mediando o processo de ensino e aprendizagem e buscando sempre compreender a criança como ser social, que traz consigo uma bagagem cultural que deve ser respeitada e reconhecida. Além disso, o educador deve sempre incentivar a criatividade e o estímulo ao lúdico infantil, em busca do melhor desenvolvimento da criança.

Referências

ALVES, Bruna Pereira. Infância e descoberta: conhecendo a linguagem da arte, indo de encontro aos estereótipos. 2008. Disponível em: Acesso em: 05 dez. 2011.

BRASIL.Ministerio da ..-livro

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais:Arte. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUORO, Anamélia. O olhar em construção. São Paulo: Cortez, 1996.

BUORO, Anamelia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

BORGES, C.J.; NEVES, L.O.R. O lúdico nas interfaces das relações educativas. Recriar.Artigo. V.1.n.4. 2007

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Ângela Maria Soares. Educação Infantil: Creches Período Integral. São Paulo: Ática, 2015.

FUZARI, Maria Helismina; FERRAZ, Maria Heloisa. Metodologia do ensino da arte. São Paulo. Cortez, 1993, 2ª edição. 135p.

PAES, Bruna da Silva. As contribuições da arte para a formação do aluno na educação infantil. [2018]. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br>

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (organizadora); Juliana Gouthier et al. Curso de especialização em ensino de artes visuais 1. 2. ed.- Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SAVIANI, Demerval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1986 (1. ed. 1983).

RICHTER, Sandra R. S. Infância e imaginação: o papel da arte na Educação Infantil. In: PILAR, Analice Dutra (org.). A educação do olhar no ensino das artes. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 182 – 196.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia da arte. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999

WEISS, Luise. Brinquedos e engenhocas: atividades lúdicas com sucata. São Paulo: editora scipione. 1989.

**- A importância de valorizar e respeitar a diversidade cultural dos
estudantes (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio
Rodrigues Szerwieski)**

A importância de valorizar e respeitar a diversidade cultural dos estudantes

Andreia Rocha de Paula

Elizamar Padia

Gabriel Murpf

Silvio Rodrigues Szerwieski

RESUMO

A valorização e o respeito à diversidade cultural no ambiente escolar são fundamentais para a promoção de uma educação inclusiva e democrática. Este artigo tem como objetivo discutir a relevância de reconhecer as diferenças culturais entre os estudantes, destacando o papel da escola na construção de um ambiente que respeite essas diversidades e contribua para a formação de cidadãos conscientes e tolerantes. Através da análise teórica e da revisão de autores da área, conclui-se que a valorização da diversidade cultural é um elemento-chave para o desenvolvimento integral dos alunos e para a criação de uma sociedade mais equitativa.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Educação inclusiva. Respeito. Escola. Estudantes.

Introdução

A sociedade contemporânea é marcada pela diversidade cultural, uma característica presente em todas as esferas sociais, especialmente no ambiente escolar. A escola é um espaço onde múltiplas culturas se encontram, e, portanto, é de extrema importância que os educadores reconheçam e respeitem essas diferenças. De acordo com Hall (2006), a identidade cultural é formada por um conjunto de valores, tradições e práticas que diferenciam grupos sociais, e, no contexto escolar, essas diferenças devem ser vistas como recursos enriquecedores. Este artigo busca discutir a importância da valorização e do respeito à diversidade cultural dos estudantes, destacando o papel da escola na promoção de uma educação inclusiva e democrática.

Desenvolvimento

Conceito de diversidade cultural

A diversidade cultural refere-se à coexistência de diferentes culturas dentro de uma sociedade. Ela inclui línguas, tradições, religiões, formas de pensar e valores. Segundo Geertz (1989), a cultura é um sistema de significados compartilhados por um grupo de pessoas, e a diversidade cultural reconhece que há múltiplos sistemas culturais coexistindo. No ambiente escolar, essas diferenças devem ser compreendidas e respeitadas, para que cada estudante se sinta aceito e valorizado. Isso envolve a superação de preconceitos e a promoção de práticas educativas que levem em conta as especificidades de cada grupo.

O papel da escola na valorização da diversidade cultural

A escola é um espaço privilegiado para a promoção da diversidade cultural, pois é o local onde se encontram crianças e jovens de diferentes origens e experiências. Segundo Freire (1996), a educação deve ser um processo emancipador, no qual o respeito às diferenças culturais é fundamental para a formação de cidadãos críticos e conscientes. Dessa forma, a valorização da diversidade cultural não é apenas uma questão de justiça social, mas também um requisito para uma educação de qualidade, que prepare os estudantes para viverem em um mundo plural.

A diversidade cultural e o processo de ensino-aprendizagem

Respeitar e valorizar a diversidade cultural dos estudantes tem um impacto direto no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Banks (2009), quando a diversidade é respeitada, os alunos se sentem mais motivados e

engajados no aprendizado, pois percebem que suas experiências e conhecimentos prévios são reconhecidos. Ao incorporar a cultura dos alunos no currículo, os professores não apenas promovem a inclusão, mas também ajudam a construir pontes entre o conhecimento acadêmico e o cotidiano dos estudantes, tornando o ensino mais relevante e significativo.

Práticas pedagógicas para promover a diversidade cultural

Para que a escola possa valorizar a diversidade cultural, é necessário que os educadores implementem práticas pedagógicas inclusivas. Isso inclui a adoção de materiais didáticos que representem diferentes culturas, o desenvolvimento de atividades que promovam o diálogo entre os alunos sobre suas próprias experiências culturais e a criação de um ambiente que combata qualquer forma de discriminação. De acordo com Candau (2008), a educação intercultural deve ser um eixo central do projeto pedagógico das escolas, permitindo que os estudantes aprendam a conviver com as diferenças de forma respeitosa e solidária.

Conclusão

Valorizar e respeitar a diversidade cultural dos estudantes é uma responsabilidade central da escola e dos educadores no século XXI. Quando a escola reconhece e respeita as diferenças culturais, ela contribui para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos os estudantes têm a oportunidade de se desenvolver plenamente. Conclui-se, portanto, que a promoção da diversidade cultural no ambiente escolar é essencial não apenas para o sucesso acadêmico dos alunos, mas também para a formação de cidadãos preparados para atuar em um mundo multicultural.

Referências

BANKS, James A. Multicultural education: issues and perspectives. Hoboken: John Wiley & Sons, 2009.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

**- A importância do ensino de LIBRAS como inclusão social na escola
(Tânia Prestes Dias Alberici)**

A importância do ensino de LIBRAS como inclusão social na escola

Tânia Prestes Dias Alberici³

DOI: 10.5281/zenodo.13695558

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância do ensino de libras como inclusão social na escola. A inclusão é um direito garantido por Leis Federais e Internacionais, para que cada pessoa, independentemente de sua deficiência, seja incluída nesse ambiente social. A metodologia adotada é a pesquisa Bibliográfica com base em autores como: DAMÁZIO (2007); CARVALHO (2000); SKLIAR (1998), entre outros. Foi possível perceber que o envolvimento da família e da escola é muito importante nesse processo, mas muitas vezes acontecem de os pais, por falta de conhecimento da Língua de Sinais, exercerem a comunicação através e gestos naturais do processo de comunicação. E isso também acaba acontecendo na interação entre os colegas. A escola precisa ter uma mudança de postura frente ao currículo inclusivo no atendimento ao aluno surdo, e precisa investir mais em formação continuada do professor.

PALAVRAS-CHAVE: Libras. Inclusão Social. Escola.

Introdução

Discutir sobre Educação Inclusiva, principalmente no que tange a educação de pessoas com surdez, é um tema bastante pertinente para a sociedade contemporânea.

Essa inclusão vem encontrando bastante dificuldades para se efetivar principalmente no âmbito escolar, pois persiste a resistência por parte de alguns atores envolvidos, principalmente pelo corpo docente, que em sua maioria alegam despreparo para lidar com essa deficiência.

Por isso é muito importante pensar na inclusão do aluno surdo inserido na escola e nas suas capacidades de desenvolvimento buscando a parceria de todos os atores envolvidos: familiares, educadores, funcionários e comunidade escolar, em geral.

³ E-mail da autora: taniaprestes2009@hotmail.com

Neste sentido o objetivo geral deste trabalho é analisar a importância da interação do surdo e sua inclusão na escola.

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica, na qual segundo Marconi e Lakatos (1992), é o levantamento de bibliografias já publicadas, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e escritas. Ela tem como função fazer com que o pesquisador tome conhecimento de todo material já produzido sobre o assunto pesquisado.

Tem como aportes teóricos autores como: DAMÁZIO (2007); CARVALHO (2000); SKLIAR (1998), entre outros.

O desenvolvimento do trabalho se pautará no assunto que fala sobre os direitos do aluno surdo e as Leis que os aparam; também na função da escola nesse processo de inclusão e a necessidade de formação do professor para se trabalhar com esse aluno.

Desenvolvimento

Na década de 90 com o surgimento da proposta da Educação Bilíngue e a realização de vários eventos nacionais e internacionais, aos poucos vão sendo determinados às práticas e os direitos da comunidade surda. A Declaração de Salamanca (1994), foi um evento determinante para que a inclusão pudesse ser colocada em discussão no cenário Brasileiro. Outros eventos muito significativos foram a Convenção de Guatemala (1999), a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada pela ONU em 2006, a promulgação da Lei 10.436/02 que oficializa a Língua Brasileira de Sinais e o Decreto 5.626/05 que regulamenta a Lei 10.436/02.

Esses marcos trouxeram grandes avanços para a educação Inclusiva. A partir dessas discussões o Brasil começou a avançar no processo de Inclusão nas escolas regulares.

Com base nesses pressupostos legais, as escolas e todos os seguimentos da sociedade, buscam adequar-se para acolher e proporcionar condições para que as pessoas com necessidades especiais possam

desempenhar o seu papel social com igualdade e dignidade. A inclusão precisa sair do papel e ser vivenciada no dia a dia dessas pessoas especiais, e isso está começando a acontecer, mesmo que em passos lentos.

De acordo com (MEC/SEESP, 2007, p.1)

O movimento mundial pela educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola.

Entre os aspectos significativos da inclusão no espaço escolar, temos a questão cultural e social, que tem por objetivo a integração das pessoas com necessidades especiais, por meio de ações inclusivas, além das práticas comum de ensino, pautada no currículo e na avaliação.

A Língua Brasileira de Sinais é reconhecida no Brasil por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, possibilitando o uso desta língua como instrução na formação intelectual do aluno surdo e abrindo novos caminhos e proposta para a divulgação da mesma, por meio de atividades e práticas pedagógicas. Logicamente esta prática pedagógica aqui apresentada, deve ser adaptada para esse aluno surdo, levando em consideração não somente ele, mas todos os outros colegas da sala que precisam se comunicar com ele.

A escola precisa rever práticas pedagógicas que venha ao encontro das necessidades e expectativa do educando, pois ela precisa se posicionar como um espaço de conhecimento e manifestações culturais. Neste sentido Carvalho (2000, coloca que

A escola é um espaço cultural, extremamente complexo, impregnado de regras, valores e de muitos sentimentos contraditório quanto às funções políticas e sociais da escola. Inúmeras e diversas são as expectativas da sociedade, das famílias, dos alunos e de toda comunidade escolar, interferindo direta ou indiretamente no dia a dia das escolas (CARVALHO, 2000, p. 180)

A escola precisa desenvolver o projeto político pedagógico na visão de uma escola inclusiva, atendendo alunos com diversas necessidades educacionais especiais, entre essas, as pessoas com surdez.

No texto sobre Aspectos Legais e Orientações Pedagógicas, do Atendimento Educacional Especializado, Damázio (2007, p. 45) diz que:

A Inclusão é um desafio que, ao ser devidamente enfrentado pela escola comum, provoca a melhoria da qualidade da educação básica e superior, pois para que os alunos com e sem deficiência possam exercer o direito à educação em sua plenitude, é indispensável que essa escola aprimore suas práticas, afim, de atender às diferenças.

As escolas regulares devem assumir e enfrentar os desafios da inclusão, tendo em vista que tal desafio favorece para o fortalecimento e qualidade na educação, para que isso aconteça as práticas pedagógicas devem ser aprimoradas e diversificadas, para atender os anseios dos alunos especiais e sua integração no convívio social.

O processo educacional quando norteado por práticas pedagógicas fortalece o ensino, dinamiza e proporciona espaços que valoriza a individualidade e a potencialidade de cada um. Segundo Damázio (2007, p. 53) no texto sobre as orientações pedagógicas, temos um esclarecimento sobre a importância das práticas pedagógicas não disciplinares:

Nas “práticas não disciplinares” de ensino predominam a experiência, a criação, a descoberta, a co-autoria do conhecimento. Essas práticas estão voltadas par ao ensino de temas, dede assunto de interesse da turma. Nelas os conteúdos disciplinares não são fins em si mesmo. As escolas que as adotam são espaços educativos de construção de personalidades humanas e autônomas, críticas, nas quais as crianças aprendem a ser pessoas. Nelas os alunos são ensinados a valorizar as diferenças, pela convivência com seus pares, pelo exemplo dos professores, pelo ensino ministrado nas salas de aula pelo clima socioafetivo das relações estabelecidas em toda a comunidade escolar.

Assim como as disciplinas curriculares, as práticas não disciplinares desenvolvem um papel importante na formação intelectual e social do sujeito, normalmente desenvolvida pela necessidade da turma, dentro do espaço

escolar, contribuindo na formação e fortalecendo as relações do aprender e viver com as diferenças.

A escola é, sem dúvida, uma instituição de grande importância na formação do indivíduo. É um ambiente onde precisa haver produção de conhecimento e trocas de experiências. É onde as diferenças precisam ser respeitadas, dando lugar para a inclusão em vez a exclusão e discriminação. A equidade precisa fazer parte do planejamento os professores. Isso inclui o processo de inclusão do aluno surdo.

Essa discussão sobre o aluno surdo e o ensino de libras é consideravelmente recente. De início a atuação do intérprete de Libras na educação era na maioria das vezes limitado a escolas especiais e direcionado unicamente para alunos com surdez.

Dois marcos foram muito importantes para que essa discussão tomasse corpo e trabalhasse em favor da inclusão do aluno surdo no Ensino Regular: o primeiro foi a Conferência Mundial Para Todos, na Tailândia (1990), e o segundo foi a Declaração de Salamanca, Espanha (1994). Foi a partir desse momento que a educação especial abre portas para o ingresso do aluno surdo no ensino regular (SILVA, 2014).

No entanto, somente garantir o espaço físico para que haja a inclusão não é suficiente. É necessário que toda a comunidade esteja envolvida em prol da inclusão do aluno surdo, com profissionais preparados para lidar com as diversas situações e uma estrutura adequada para recebê-los de forma que realmente se sintam incluídos. Até porque podemos observar que, segundo Skliar (1998) as representações sociais sobre a surdez são as principais responsáveis pela exclusão dos surdos por tanto tempo no sistema educacional, e não a incapacidade de ouvirem.

A desconsideração para com seus direitos linguísticos e culturais, o embasamento em teorias de aprendizagem que não refletiam como deveria ser, a participação dos professores ouvintes e das comunidades surdas no processo educativo, foram responsáveis por essa exclusão (SKLIAR, 1998).

Ainda há um grande caminho a percorrer, isso é um processo em constante construção. É por isso que Skliar (1998) diz que colocar duas línguas

na classe sem haver uma adaptação curricular, de nada adianta. Além disso é necessário qualificar o professor para que ele consiga fazer essas adaptações atendendo as necessidades de cada aluno (SKLIAR, 1998).

Os professores precisam arrumar estratégias metodológicas para atender ao aluno surdo nessa interação social, e isso não é responsabilidade apenas do professor, e sim de toda a escola, pois a interação social deve acontecer não só dentro da sala de aula, mas também fora dela. Essa postura inclusiva deve fazer parte do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar para que todas as ações da escola, inclusive a de formação continuada dos professores, seja contemplada no plano de ação da escola.

Quando ocorre o preconceito da sociedade quanto ao surdo, é preciso que façam uma reflexão e entendam que é necessário fazer mais formação com os professores para que esses venham assumir essa postura inclusiva e assim possam trabalhar com os alunos, para que esses venham exercer sua cidadania na sociedade com mais respeito e equidade.

Mas para que tudo isso aconteça, é necessário também que haja mais participação dos familiares, pois o envolvimento da família e da escola é muito importante nesse processo, porém muitas vezes acontecem de os pais, por falta de conhecimento da Língua de Sinais, exercerem a comunicação através e gestos naturais do processo de comunicação.

Sabe-se que esse é um processo lento e que é preciso continuar buscando uma forma de conscientização de todas as pessoas envolvidas. Logicamente somente a conscientização não resolverá o problema, é preciso ir muito além disso, é necessário trazer formação tanto para os professores envolvidos com este aluno, quanto para os pais, para que estes não fiquem comunicando com o filho apenas por gestos, mas com a linguagem correta de Libras.

Para (Sales, 2004) para que haja uma sociedade mais justa e igualitária, é preciso fazer um trabalho de conscientização para que as diferenças sejam consideradas e respeitadas.

Conclusão

Espera-se que daqui alguns anos as pessoas comecem a valorizar mais o ensino para os surdos/mudos e percebam que aquilo que está sendo disponibilizado a elas, por meio de leis, precisa ser efetivada de forma Global. Mas infelizmente ainda é possível perceber professores não preparados para atender à necessidade desses alunos surdos. Logicamente é preciso mais incentivo do governo em proporcionar aos professores uma a qualificação necessária, pois isso mudaria o atendimento a esse aluno uma forma mais completa dando a eles um ensino de qualidade.

Foi possível perceber que o envolvimento da família e da escola é muito importante nesse processo, mas muitas vezes acontecem de os pais, por falta de conhecimento da Língua de Sinais, exercerem a comunicação através e gestos naturais do processo de comunicação. E isso também acaba acontecendo na interação entre os colegas.

A escola precisa ter uma mudança de postura frente ao currículo inclusivo no atendimento ao aluno surdo, e precisa investir mais em formação continuada do professor.

Referências

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, DF, 2000.

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Deficiência auditiva**. São Paulo: MEC/SEESP, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório publicações e trabalhos científicos. 7. ed. – 6. reimpor. São Paulo: Atlas: 2011.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SILVA, Elizete Monteiro da. **O aluno surdo na Eja**: uma reflexão sobre o ensino. REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA Edição Nº 12 / janeiro de 2014.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

- A importância do lúdico na Educação Infantil no processo de ensino aprendizagem (Carolina Samanda Rodrigues; Rosimere Maria Quirino)

A importância do lúdico na Educação Infantil no processo de ensino aprendizagem

Carolina Samanda Rodrigues

Rosimere Maria Quirino

DOI: 10.5281/zenodo.13854780

Resumo

O presente artigo com o título a Importância o Lúdico na Educação Infantil marca as possibilidades e os benfeitorias às crianças, no seu desenvolvimento em vários aspectos, beneficiando seu crescimento, sua socialização e aprendizagem por meio de atividades diferenciar-se, as quais são prováveis por meio da ludicidade, assim o mencionado trabalho teve como objetivo destacar a importância do lúdico no desenvolvimento infantil na Educação Infantil, adquirido por meio de brincadeiras e dos jogos, de forma que lhes permitam desenvolver a autonomia, coordenação motora, criatividade, além do afetivo, da sua socialização, interação com outras crianças e principalmente a diversão. O lúdico está próximo a jogos, brincadeiras, interesse, prazer, ajuda a desenvolver a criatividade e proporciona bem-estar aos educandos, cabe ao profissional de educação física utilizar a ludicidade como meio para desenvolver inúmeras capacidades em seus alunos para que o ensino aprendizagem aconteça de forma espontânea, divertida e principalmente significativa. Este artigo foi composto através da pesquisa bibliográfica analisando diversos e diferentes autores que possibilitaram compreender a importância do lúdico no desenvolvimento infantil e através de questionários aplicados com professores do Cmei Municipal Gente Miuda do município de Guarantã do Norte. Desse modo, foi possível entender que o trabalho realizado com lúdico vem ao longo dos períodos conquistando seu espaço, sua importância e até mesmo necessidade, tornando-se uma ação importante de forma geral, ação está presente na vida do ser humano em todas as fases, seja na infância, na idade adulta ou na velhice, sendo que a ação lúdica contribui para a construção da autonomia, no entanto, averiguar também que as brincadeiras contribuem para o desenvolvimento da criança, sendo que na escola os mesmos necessitam ter a mediação docente, pois nesse ambiente o que se busca é a transmissão e a assimilação dos conhecimentos constituídos socialmente pela humanidade.

Palavras-chaves: Lúdico. Educação Infantil. Brincadeiras. Jogos.

Abstract:

This article with the title the Importance of Playfulness in Early Childhood Education marks the possibilities and benefits to children, in their development in various aspects, benefiting their growth, socialization and learning through differentiating activities, which are likely to through playfulness, so the aforementioned work aimed to highlight the importance of playfulness in child development in Early Childhood Education, acquired through games and games, in order to allow them to develop autonomy, motor coordination, creativity, in addition to the affective, socialization, interaction with other children and especially the fun. Playfulness is close to games, play, interest, pleasure, helps to develop creativity and provides well-being to students, it is up to the physical education professional to use playfulness as a means to develop

countless skills in their students so that teaching and learning happens in spontaneous, fun and mainly meaningful way. This article was composed through bibliographic research analyzing several and different authors that made it possible to understand the importance of playfulness in child development and through questionnaires applied with teachers from Cmei Municipal Gente Miuda in the municipality of Guarantã do Norte. In this way, it was possible to understand that the work carried out with playful activities has conquered its space, its importance and even need over time, becoming an important action in general, an action that is present in the life of the human being in all phases, whether in childhood, adulthood or old age, and the playful action contributes to the construction of autonomy, however, also find out that play contributes to the child's development, and at school they need to have teacher mediation, because in this environment what is sought is the transmission and assimilation of knowledge constituted socially by humanity.

Keywords: Playful. Child education. Jokes. Games.

Introdução

O lúdico permite que a criança resolver conflitos internos, além de garantir a construção do conhecimento e do desenvolvimento emocional, cognitivo e social. O tempo utilizado pela criança para brincar contribui para seu bem-estar e para suas experiências futuras. É a oportunidade que a criança tem de aprender sozinha com sua própria falha sem se sentir constrangida em errar e tentar novamente.

O ato de brincar, apesar de não possuir natureza determinada, com regras e atividades dirigidas, permite explorar os processos capazes de fazer o brincar funcionar de verdade, favorecendo, dessa forma, a construção do conhecimento e o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças.

Podemos observar que o lúdico não significa simplesmente recrear-se. Isso porque é a forma mais completa que a criança tem de comunicar-se consigo mesma e com o mundo. O ato de brincar pode incorporar valores morais e culturais, sendo que as atividades lúdicas devem visar à autoimagem, autoestima, autoconhecimento e cooperação porque estes conduzem à imaginação, à fantasia, à criatividade, à criticidade e a uma porção de vantagens que ajudam a moldar suas vidas como crianças e como adultos.

O lúdico pode ser usado como um recurso, que propicia um ensinar de forma correta, simples e divertida. A criança também constrói seu conhecimento, em brincadeiras próprias, as quais chamam de livres.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo refletir a importância da ludicidade na prática pedagógica promovendo o ensino aprendizagem na alfabetização da criança; estudar quais as necessidades que existem dentro da escola para a implantar o lúdico; distinguir as dificuldades encontradas pelo professor diante da utilização do lúdico em sala de aula e por fim mostrar os benefícios da ludicidade em uma escola tradicional, beneficiando o desenvolvimento da aprendizagem.

As atividades lúdicas podem desenvolver na criança a atenção, a imaginação, a memorização, enfim, muitos aspectos que estão em andamento na educação infantil. Outro objetivo é evidenciar o papel do professor como mediador, capaz de tornar as suas aulas mais ativas e mais alegres no dia a dia, tendo como aliados o jogo /brinquedo /brincadeira, buscando uma postura de análise, reflexão, identificando interesses e necessidades das crianças, resultando em um trabalho pedagógico de acordo com suas realidades, suas experiências, suas emoções e descobertas.

Nessa definição, esse projeto se justifica pela grande relevância do tema e pela necessidade de se reforçar a grande importância e significância dos jogos e das brincadeiras, pois entende-se que a aprendizagem por meio do lúdico pode promover um conhecimento mais concreto e, principalmente, mais significativo aos alunos, tornando, dessa maneira, o processo de ensino aprendizagem mais prazeroso.

Com isso é que ressaltamos que na prática pedagógica, na educação infantil, a ludicidade deve ganhar cada vez mais espaço cooperando para uma aula com maiores expectativas tanto para os alunos como para o educador. Tornando a aula harmoniosa tanto para o aluno e professor se unem numa construção de conhecimento cada vez mais elevado facilitado pela exploração da ludicidade. Durante a infância, o desenvolvimento físico/motor não pode ser ignorado. Então, no ambiente escolar o educador deve se conscientizar de que por meio de muitas atividades lúdicas as crianças podem adquirir mobilidade

corporal de modo orientado, calculado, podendo assim movimentar-se em diferentes espaços tendo como orientador espacial o próprio corpo.

Desenvolvimento

O surgimento do Lúdico no Brasil

A compreensão da inserção do lúdico no contexto da educação infantil implica conhecer a trajetória da educação infantil no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

Trariam vantagens para o desenvolvimento infantil, sob a influência dos escolanovistas. O cerne da polêmica era a argumentação de que, se os jardins de infância tinham objetivos de caridade e destinavam-se aos mais pobres, não deveriam ser mantidos pelo poder público (OLIVEIRA, 2007, p.92)

Bacelar (2009) enfatiza, também, o atendimento assistencialista no início da atividade da educação infantil no Brasil, mas observa que, à medida que a educação infantil foi se expandindo, foram surgindo outras perspectivas que visavam atender a outras necessidades que não fossem apenas aquelas das mães que desempenhavam atividades laborais fora do lar e precisavam de um local para deixar seus filhos. Contudo, mesmo após a constituição de 1998, que inclui a creche na área de competência da educação infantil ao lado da pré-escola, substituindo a concepção de atendimento à criança a visão assistencialista por uma visão de desenvolvimento integral, ainda se encontram, nos dias atuais práticas educativas onde prevalecem as necessidades de alimentação e higiene na faixa de 0 a 3 anos, a da creche, e para crianças de 4 a 6 anos, a prática voltada para a preparação para o ensino fundamental. Diante desses entraves, remoto à lei de Diretrizes e Bases na Educação, no seu artigo 29, o qual preconiza o desenvolvimento integral da criança:

[...] A educação, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social,

complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996 apud BACELAR 2009, p.23)

Assim, coexistiam concepções que optavam tanto pela presença dos jogos e brincadeiras livres na escola, quanto pela sua ausência, sendo estes considerados, muitas vezes, perda de tempo ou, simplesmente, atividades que serviam para ocupar um espaço de tempo livre ao final da aula. Segundo Silva (2003), a concepção de ludicidade que

[...] A história da educação infantil em nosso país tem, de certa forma acompanhado a história dessa área no mundo, havendo, é claro, características que lhe são próprias. Até meados do século XIX, o atendimento de crianças pequenas longe da mãe em instituições como creches ou parques infantis praticamente não existia no Brasil. No meio rural, onde residia a maior parte da população do país na época, famílias de fazendeiros assumiam o cuidado das inúmeras crianças órfãs ou abandonadas, geralmente frutos da exploração sexual da mulher negra e índia pelo senhor branco. Já na zona urbana, por vezes filhos ilegítimos de moças pertencentes a famílias com prestígio social, eram recolhidos nas rodas de expostos existentes em algumas cidades desde o início do século XVIII. (OLIVEIRA, 2006, p.91)

Ainda segundo a autora, a partir da segunda metade do séc XIX, com a abolição da escravatura no país, a imigração para a zona urbana se acentua para as grandes cidades. Com isso, surgem alguns problemas referentes ao destino dos filhos dos escravos, o que culminou em algumas soluções como a criação de creches, de asilos e internatos, vistos como instituições para cuidar das crianças pobres, sendo adotado um modelo de assistência aos infantes, o qual atribuía à família a culpa pela situação dos filhos.

No final do século XIX, surgem então os jardins de infância produto do projeto social de construção de uma nação moderna que partia do ideário liberal que reunia condições para que fossem assimilados, pela elite do país, os ideais dos preceitos educacionais do Movimento das Escolas Novas, advindos do centro das transformações sociais ocorridas na Europa e trazidos ao Brasil pela influência americana e europeia:

A Contribuição e a Valorização do Lúdico

O lúdico, segundo biólogo suíço Jean Piaget (1896/1980), faz parte da nossa vida desde o nascimento por meio de diferentes tipos de jogo (p.31). A importância de brincar deve fazer parte das nossas vidas, desde criança e até, na nossa fase adulta.

Segundo Winnicott (1971, p.5), para promover o brincar das crianças bem pequenas é essencial um ambiente apropriadamente estimulante e uma interação qualificada ou como diria Winnicott uma adequada provisão ambiental.

É necessário preparar e organizar o ambiente para que as crianças sintam-se bem, com isso a criança desenvolve melhor as suas brincadeiras. Segundo Winnicott (1971, p.79) “É o brincar e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruam suas liberdades de criação”. Ao brincar a criança, consegue imaginar os personagens das histórias e das brincadeiras e também das músicas, que o professor trabalha com elas, e isto acontece, quando elas estão brincando. Segundo Edda Bom Tempo [ETAL] (1996, p.17) “Enfim, cada contexto social constrói uma imagem de jogo conforme seus valores e modo de vida, que se expressa por meio da linguagem”.

Cada indivíduo conforme a sua situação social tem o seu modo de brincar, jogar e até mesmo de falar. De acordo com Antunes (1999, p.40) “Assim o jogo somente tem validade se usado na hora certa e essa hora é determinada pelo seu caráter desafiador pelo interesse do aluno e pelo objetivo proposto”. O jogo usado na hora certa e quando o professor incentiva o aluno a jogar e a brincar dès das séries iniciais. Segundo Chateau (1987, p.14). Pois é pelo jogo, pelo brinquedo, que crescem a alma e a inteligência”. A criança que joga e brinca é uma criança feliz e inteligente.

À espera de que a criança se torne adulta e se insira no sistema de produção do qual foi excluída gradativamente no decorrer da história do capitalismo, a ela é designado um ofício próprio nas instituições de educação infantil, transformando a pré-escola em uma “espécie de grande brinquedo educativo”.

De acordo com WAJSKOP (1997), desde os primórdios da educação greco-romana, com base nas ideias de Platão e Aristóteles, a brincadeira era praticada apenas por prazer e divertimento, seja em casa, seja em instituições para tal fim.

Diante disso a autora WAJSKOP (1997, p.19), “é apenas com a ruptura do pensamento romântico que a valorização da brincadeira ganha espaço na educação das crianças pequenas”.

Arce e Simão (2006, p.72), acreditam que “o jogo não é uma atividade livre na qual qualquer coisa pode acontecer e a criança esta totalmente fora da realidade; o jogo é uma atividade que possui uma finalidade e um resultado a ser atingido”.

Santos enfatiza quais as contribuições da atividade lúdica para o desenvolvimento infantil:

[...] O brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, através das atividades lúdicas, a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói seu próprio desenvolvimento. (SANTOS, 1992, p,12)

De acordo com Kishimoto (2008, p.18), autora que discute o papel do brincar e da brincadeira nas práticas educativas, “[...] o brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e sua indeterminação quanto ao uso, ou seja, a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização”. Nesse sentido Kishimoto (1997, p.23) destaca que o brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que invocam aspectos da realidade. Um exemplo é a manipulação de uma boneca, em que a criança brinca de mãe e filha, ou seja, a criança passa a representar na brincadeira o que ela vê na realidade, ela faz com que a boneca o que vê a mãe fazer com ela.

Outra questão salientada por Kishimoto (2008) é que o brinquedo pode assumir diferentes significados, seja ele um objeto destinado a divertir uma criança, ou um brinquedo educativo, também chamado de jogo educativo. No campo da psicologia da educação também tem sido bastante destacada a

importância da atividade lúdica para o desenvolvimento geral dos sujeitos. É bastante conhecida, nesse campo, a produção de Vigotsky. Nesta linha de pensamento, o desenvolvimento é conquistado pela criança, por meio das experiências vividas com os adultos, que os ajudam a realizar atividades, o que posteriormente, a criança irá realizar sozinha. Deu atenção especial ao tema que é objeto deste trabalho, isto porque, segundo ele:

[...] O brinquedo cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brinquedo é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VIGOTSKY, 1998, p134-135)

Nesse sentido, Vigotsky (1998) salienta que o brinquedo é extremamente importante para o desenvolvimento da criança, provocando mudanças na sua forma de se relacionar com o mundo, criando situações que a auxiliam a desenvolver e internalizar regras, formar conceitos. Ressalta ainda que a criança quando está brincando, comporta-se de maneira diferente do que acontece em sua vida cotidiana, age conforme o modo de funcionamento daquilo que imita, internalizando regras. Conforme o pensamento vigotskyano, ao brincar a criança simboliza e atribui seu próprio significado ao objeto, busca a imaginação e a criatividade. Por exemplo, ao brincar de andar a cavalo a criança utiliza o objeto cabo de vassoura e imagina estar realizando a ação de cavalgar. Por isso o brinquedo tem grande importância no desenvolvimento, pois cria novas relações entre situações imaginadas e situações reais.

Lúdico na Aprendizagem: Aprender e Aprender

A Lei de Diretrizes e Bases- LDB consolida e amplia o dever do poder público para com a educação em geral e em particular para com o Ensino fundamental, assegurando a todos a formação comum indispensável para p

exercício da cidadania e lhes fornecer meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. Conferindo, assim, ao ensino fundamental um caráter de terminalidade e de continuidade. (BRASIL, 2006).

O Brasil está avançando em direção à democratização do acesso e permanência dos alunos no Ensino Fundamental. Um exemplo disso é que 97% das crianças estão na escola. Avalia-se que o modelo educacional vigente não provocou mudanças efetivas de comportamento para construir uma cidadania solidária, responsável e comprometida com o país e com seu futuro.

A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvido do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1996, p.2)

Desde o início de sua vida, a criança apresenta ritmos e maneiras diferentes para andar, falar, brincar, comer, ler e escrever. Pode-se dizer que a educação deve ser voltada para tais perspectivas, pois o ser humano é um ser de múltiplas dimensões, com ritmos diferentes e o seu desenvolvimento é um processo contínuo.

Considerar as especificidades de cada faixa etária das crianças significa reconhecê-las como cidadãs, possuidoras de direitos e deveres, entre eles a educação pública e de qualidade.

NÓVEA (1995) ressalta que a escola tem de ser encarada como uma comunidade educativa, permitindo mobilizar o conjunto dos atores sociais e dos grupos profissionais em torno de um projeto comum.

Conhecer o funcionamento cognitivo e a capacidade de planejar as atividades que são realizadas, controlar suas execuções e avaliar seus resultados para detectar erros, modificar a atuação, conhecer as suas peculiaridades e o potencial é de grande relevância para o aprendizado do aluno.

A importância da aprendizagem varia de uma espécie para a outra. Os animais, por exemplo, aprendem de maneira lenta, já o homem possui a

capacidade de tirar proveito de tudo o que aprende, tem ações e reações, que iniciam até antes do seu nascimento e se desenvolvem pela aprendizagem.

Segundo Coelho (2002, p.11), “a aprendizagem é o resultado da estimulação do ambiente sobre o indivíduo já maduro, diante de uma situação-problema sob a forma de uma mudança de comportamento em função da experiência”.

É comum as pessoas restringirem o conceito de aprendizagem somente a fenômenos que ocorrem na escola com o resultado do ensino. No entanto, aprendizagem abrange os hábitos, aspectos de nossa vida afetiva, assimilação de valores culturais, funcionais e resulta de toda estimulação ambiental recebida pelo indivíduo no decorrer da vida e, também, ao sofrer interferências intelectual, psicomotor, físico e social. Para que a aprendizagem seja significativa é necessário que o indivíduo perceba a relação entre o que está aprendendo e sua vida. Isso envolvendo seu raciocínio, análise, imaginação, relacionamento entre ideias, coisas e acontecimentos.

De acordo com:

[...] As dificuldades de aprendizagem afetam um número substancial de crianças em nossa sociedade. São heterogêneas, leves, moderadas, graves, de curta ou longa duração e as mesmas exigem avaliações e intervenções e uma teorização dos modelos do funcionamento cognitivo. (DOCKRELL 200, p.11)

Segundo DOCKRELL (2000) deve se realizar uma avaliação baseada nos resultados e desenvolver um programa de intervenção, isto levantará hipóteses sobre a base do problema. Assim, a maior preocupação é considerar de fato o que se sabe a respeito das demandas cognitivas de tarefas como linguagem, leitura, números e os problemas que as crianças com dificuldades de aprendizagem enfrentam. Dada a variedade de tipos de dificuldades de aprendizagem, é necessário considerar os modos como elas podem ser classificadas.

Todas as crianças gostam de aprender e de fazer, e quando isto não ocorre é porque alguma coisa não está indo bem. É necessário que haja um questionamento sobre as causas das dificuldades escolares.

Metodologia

A metodologia está baseada através de experiências e levantamentos bibliográficos de autores que falam sobre o tema proposto onde buscou-se adquirir informações e explicações para solucionar dúvidas que surgiram diante da escolha do tema, para a realização da pesquisa em questão onde foi utilizado como metodologia o enfoque qualitativo e descritivo, através da pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica.

Metodologia é todo tipo de pesquisa, seja ela uma pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, experimental ou pesquisa em campo. Os métodos se aplicam a vários campos do saber.

Segundo MARCONI, LAKATOS, (2009, p.110) “Partindo do pressuposto dessa diferença, o método se caracteriza por uma abordagem mais ampla, em nível de abstração mais elevado, dos fenômenos da natureza e da sociedade”.

Essa pesquisa se dará pelo método de abordagem hipotético dedutivo sendo que o problema surgiu do interesse em levantar dados sobre a importância do lúdico na educação infantil formulando hipóteses que no final da pesquisa realizada por meio de bibliografias e coleta de dados, podendo dessa forma solucionar os problemas levantados.

Diante disso Marconi, Lakatos (2009, p.110) “O método hipotético dedutivo se inicia pela percepção de uma lacuna nos conhecimentos acerca da qual formula hipótese e pelo processo de inferência dedutiva, testa a verificação da ocorrência de fenômenos abrangidos pela hipótese.

O método de procedimento que utilizado nessa pesquisa é o estudo monográfico, pois consiste em analisar dados para ter informação sobre a importância do Lúdico, e os métodos que estarão disponíveis para orientar aqueles que tenham os mesmos problemas ou interesse nessa pesquisa.

Conforme Marconi Lakatos (2001, p.108), “o método monográfico consiste no estudo de terminados indivíduos, profissões, condições, condições, instituições, grupo ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações.” Serão analisadas informações reais sobre o processo de alfabetização.

Técnicas é um conjunto de preceitos ou processos de que serve uma ciência ou arte, e a habilidade para usar esses preceitos, ou normas, a parte prática. Toda ciência utiliza inúmeras técnicas na obtenção de seus propósitos, o autor ainda comenta. “O levantamento de dados é o primeiro passo de qualquer pesquisa científica”. (MARCONI, LAKATOS, 2007, P. 17

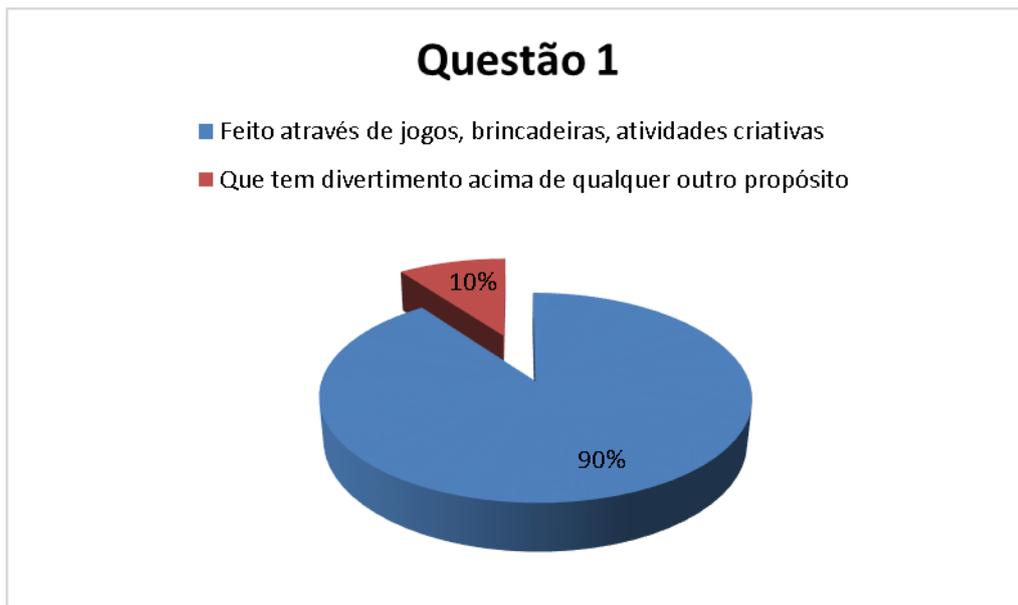
Resultados e Discussão

Para chegar à conclusão da pesquisa foi utilizado um questionário, sendo eles entregue aos profissionais da educação infantil do CMEI Municipal Gente Miúda de Guarantã do Norte, contendo 04 questões fechadas e 3 abertas que foram respondidas sem a presença do pesquisador.

Segundo Lakatos (2003), o “questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.” O questionário contém uma maior clareza quanto as perguntas e respostas respondidas para que assim seja feita a amostragem da pesquisa.

O objetivo da pesquisa foi saber como os profissionais da educação infantil entendem por lúdico, de que forma é trabalhado isso em sala, e quais os desafios encontrados em trabalhar com essa modalidade de ensino em sala de aula.

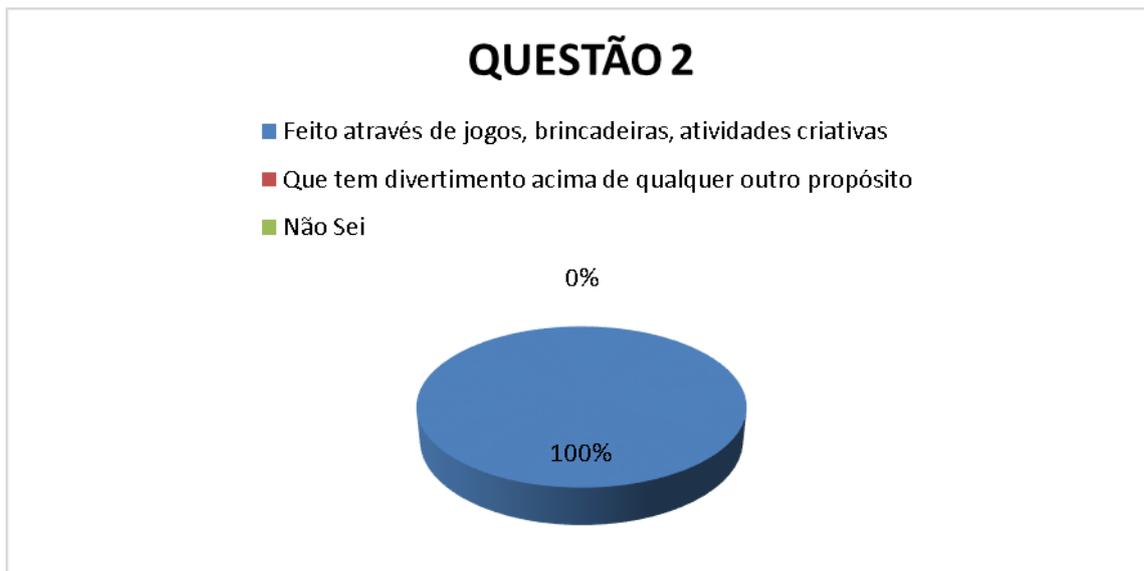
A primeira pergunta foi: “O lúdico esteve presente na sua formação acadêmica?”. A maioria respondeu que sim, mas colocaram como observação que são ensinados muito pouco durante a graduação.



Fonte: RODRIGUES, Carolina Samanda. Pesquisa de Campo. Guarantã do Norte-MT.2024

Sendo assim conclui se que nem todas tiveram o lúdico explícito em sua graduação acadêmica. Mas em observação e pesquisa relacionada ao tema observamos que hoje o lúdico está cada dia mais presente na educação infantil, os professores hoje possuem mais apoio e formações relacionadas ao lúdico.

A segunda pergunta foi: “O que você entende por lúdico?”. Todas responderam que é através de jogos, brincadeiras, atividades criativas.



Fonte: RODRIGUES, Carolina Samanda. Pesquisa de Campo. Guarantã do Norte-MT.2024

Diante disso entendemos que, o jogar e o brincar podem ser utilizados como instrumentos para o ensinar e o aprender. Se o professor unir o lúdico aos conteúdos que deseja ensinar, irá despertar na criança o prazer em aprender coisas novas e significativas para sua formação.

Dohme (2003, p. 28), afirma ainda que uma das principais características dos jogos, é que eles têm um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam diversas ações com vontade, às vezes, com extremo vigor, mas sabem que têm a garantia de voltar ao mundo real quando o jogo termina.

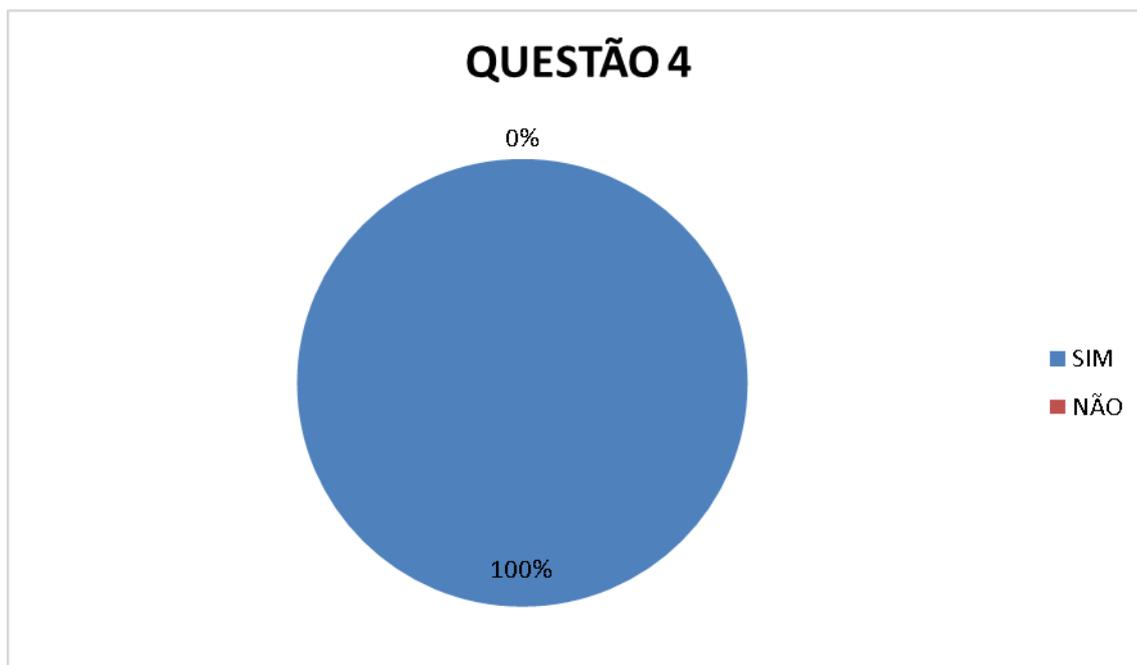
A terceira questão foi: “Você aplica o lúdico em sala de aula? De que forma?”. A maioria respondeu que sim, as respostas da forma como aplicava na sala responderam que foi através de jogos, atividades direcionadas, dinâmicas, brincadeiras, faz de conta, contação de história, etc.



Fonte: RODRIGUES, Carolina Samanda. Pesquisa de Campo. Guarantã do Norte-MT.2024

Sendo assim a ludicidade está presente diariamente nas salas de Educação Infantil, os jogos e as brincadeiras se tornaram parte fundamental e essencial para a infância.

A quarta questão foi: “Você acha que o lúdico interfere na aprendizagem das crianças?”. Onde 100% das entrevistadas responderam que sim.



Fonte: RODRIGUES, Carolina Samanda. Pesquisa de Campo. Guarantã do Norte-MT.2024

É por meio das brincadeiras que as crianças expressam seus sentimentos, aprendem que existem regras a serem respeitadas, se colocam no lugar do outro e expõem as relações do seu cotidiano. As brincadeiras permitem que o (a) professor (a) trabalhe com o concreto ou abstrato, permite diversas maneiras e formas de as crianças realizarem determinada atividade proposta, prevalecendo um aprendizado significativo e divertido.

A quinta questão foi perguntado: “Qual a importância do ensino na forma lúdica em sala de aula?”. Onde todas responderam que na educação infantil é a maneira mais eficaz das crianças obterem êxito na aprendizagem, já que ainda não são letradas. Uma delas até enfatizou que o lúdico auxilia muito desenvolvimento cognitivo, motor, afetividade e convivência. Através do lúdico é a forma da criança de aprender e se desenvolver, de se apropriar da cultura que a cerca de forma prazerosa, para que desperte o seu interesse. Por tanto, as atividades lúdicas não devem ser impostas, se assim for, perde sua principal característica, a liberdade de escolha, e o propósito de uma atividade baseada em seu interesse.

A sexta questão foi perguntado: “Quais as limitações encontradas na aplicabilidade do lúdico em sala de aula?”. Responderam a questão de espaço,

materiais adequados. Mas que há diversas maneiras de trabalhar o lúdico e que não demanda só de materiais ou espaço, mas sim da didática utilizada pelo professor.

Hoje em dia, na Educação Infantil, a ludicidade sofre um dilema, nem sempre é percebida, muitas vezes vista apenas como uma atividade criativa, com cores, desenvolvida para a criança passar o tempo. O princípio básico de liberdade se perde. O planejamento que o docente deve seguir diariamente limita esse momento, é, muitas vezes, cobrado deles as atividades feitas por todas as crianças para que seja entregue para os pais, então, a criança tem pouca escolha do que deseja ou não fazer.

A alegação pela valorização da infância e seu direito de ser vivida começa com a combate pelo brincar para as crianças. Em um país que mais de três milhões de crianças e adolescentes trabalham, sendo um fato que mostra a desigualdade presente no Brasil, à brincadeira é vista como perda de tempo. O trabalho infantil não anula apenas o direito a brincadeira, ao lazer das crianças, mas, além disso, a educação e o descanso necessário, colocando-as em perigo, trabalhando em condições insalubres. Abranger a importância da ludicidade, lutar pelo direito a infância e a Educação Infantil vem como uma forma de tentar minimizar as desigualdades que tanto prejudica a infância.

A sétima questão foi: "você acha que este tema deveria ser mais explanado na formação acadêmica?", onde todas responderam que sim.

QUESTÃO 7

Fonte: RODRIGUES, Carolina Samanda. Pesquisa de Campo. Guarantã do Norte-MT.2024

O conhecimento lúdico na formação acadêmica indaga conceitos, fundamentos e práticas da ludicidade, utilizando como um recurso para trabalhar a expressividade, afetividade, socialização e psicomotricidade.

Dessa maneira, compreende-se que muitas vezes é colocada em dúvida essa aprendizagem, em que muitos veem como brincadeira, como afirma Lima (1998):

Ao escolher desenvolver os conteúdos para trabalhar na educação infantil com o uso da ludicidade, o professor deve levar em consideração a importância da definição desses conteúdos e das habilidades pertencentes nas brincadeiras e conseqüentemente o planejamento de sua ação com a intenção de o jogo não vir a se tornar em mero lazer para a criança (LIMA, 1998, p. 37).

Assim sendo, reconhece-se que os saberes são de grande importância no trabalho do professor em sala de aula, saberes que não são unificados de modo teórico ou simplesmente alicerçados por uma doutrina. É oportuno ressaltar que o trabalho do professor deve se desenvolver numa ação por meio

de interações que, de algum modo, interfira ou direcione para a sua prática pedagógica, onde nesse contexto, muitas vezes o professor abre mão de algumas habilidades que tem para solucionar problemas cotidianos, o que requer em geral até certo grau de improvisação.

CONCLUSÃO

Este estudo nos permitiu observar que, de fato a ludicidade causa grande importância no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da educação infantil. Averiguar que ao se utilizar atividades lúdicas como sugestão de trabalho articuladas na construção de conhecimentos e saberes dos alunos da educação infantil, proporciona-se um processo de interação ativa com seu ambiente escolar de modo em que todo seu potencial seja envolvido na construção do conhecimento. Entender que a utilização dos jogos e de brincadeiras na Educação Infantil facilitam o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, pois contribui de forma ativa para que os alunos se sintam mais motivados para assimilar os conteúdos trabalhados.

A fundamentação teórica nos proporciona a aquisição de conhecimentos voltados diretamente para o lúdico, confirmando a importância desse instrumento, como veículo de promoção da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças da educação infantil. Compreender que o resgate do lúdico para o aprender em sala de aula deve ser analisado e compreendido como uma abordagem metodológica que promove na criança o processo de elaboração e construção de diversos conhecimentos, por meio do que lhe foi oferecido quer seja com jogos, quer seja com brincadeiras, experimentando dessa maneira, o aprender com prazer.

Constatou-se por meio da ludicidade, que jogos e brincadeiras em sala de aula, é uma grande conquista para os alunos, pois o brincar é algo inerente a vida humana, que perpassa por várias fases. Dessa forma, o lúdico como recurso pedagógico, ganha força, pois se firma como instrumento indispensável no processo de aprendizagem de alunos. Sabe-se o quanto é necessário que a

escola, em âmbito geral, precisa buscar estratégias para sua proposta de trabalho em relação ao uso da ludicidade, sobretudo, para garantir um aprender mais sólido e mais contextualizado que proporcione aos educandos a participação direta nesse processo de aprendizagem, tornando-os atores principais nesse processo, a fim de que eles sejam agentes multiplicadores.

Em relação aos objetivos, eles foram obtidos, pois se proporcionaram sugestões de brincadeiras como canal para o processo de ensino-aprendizagem. Os resultados apontaram que as brincadeiras de fato fazem parte do mundo infantil. Sendo de uma grande importância que a escola adote práticas pedagógicas voltadas para atender aos interesses dos alunos no que diz respeito ao aprender. Com esta pesquisa, não tivemos a intenção de esgotar todo o assunto referente ao lúdico, mas, diante do exposto, entendemos que há necessidade que esta temática continue sendo alvo de estudos e de investigação, a fim de que essa prática seja levada para todas as escolas, bem como ampliar para outros níveis de escolarização.

Referências

ANTUNES. Celso. **Jogos Para estimulação das múltiplas inteligências.** Petrópolis, RJ. Vozes 1999.

ARCE, A; SIMÃO, R. **A psicogênese da brincadeira de papéis sociais e/ou jogo protagonizado na psicologia do jogo de D.B Elkonin.** In: ARCE,; DUARTE, N. (organizadores; Pssler. J.H... et al.). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin.** São Paulo: Xamã, 2006.P72.

BACELAR, Cera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil.** Salvador: EDUFBA,2009.

BOMTEMPO. Edda [ETAL]. **Jogo Brincadeira e a Educação**. São Paulo: Cortez. 1996.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: MEC,1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. Lei n.9394, 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC/SEF,1996

CHATEAU. Jean. **O jogo e a criança**. São Paulo: Summus. 1987.

COELHO , M.T. **Problemas de aprendizagem**. 12. Ed. São Paulo: Ática, 2002.

DOCKRELL, J. et. Al. **Crianças com dificuldades de aprendizagem: Uma abordagem cognitiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

KISHIMOTO, T. M (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2008

KIHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

LIMA, Zélia Vitória Cavalcanti – **Jogo e desenvolvimento: brincadeira é coisa séria**. 1998

MARCONI, M.A. & LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 6ª edição, São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINS, G.A. & PINTO, R.L. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

NÓVOA, A. Para análise das instituições escolares. In: NÓVOA, A.(org). As organizações escolares em análise. Lisboa, Dom Quixote/inst. Inovação Educacional, 1995, p. 35-36.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento; um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

REVISTA PÁTIO. Concepções sobre o brincar dos bebês. nº 035, página 05, ano 2013.

Santos, S. M. P. dos (org) Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos. Petrópolis- RJ : Vozes, 1997.

SILVA, L. S. P. O brincar de faz-de-conta e a imaginação infantil: concepções e a prática do professor, 2003. Xp. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade de São Paulo, 2003, p.16.

VIGOTSKY L. S. O papel do brinquedo no desenvolvimento. In: VIGOTSKY L. S. A. formação social da mente. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. P.121-137.

WAJSKOP G. Brincar na pré- escola. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1997, p19-34.

WINNICOTT. D. W. O brincar e a realidade. RJ- SRA. Copacabana. 1971.

www.ijui.com. A importância das atividades lúdicas no processo de alfabetização e letramento dos educadores do 1º ano.

**- A importância do profissional Designer Instrucional para a educação
(Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti)**

A importância do profissional Designer Instrucional para a educação

Tatiane Alves Lucchetti⁴

Luciene Lécia Lucchetti

DOI: 10.5281/zenodo.13773258

RESUMO

A educação contemporânea passa por mudanças significativas ao longo dos anos e precisa acompanhar as transformações ocorridas na sociedade nos aspectos econômico, social e cultural e principalmente avaliar o crescente desenvolvimento tecnológico que impactam diretamente no ensino aprendizagem. A proposta do artigo é discutir a importância do Profissional de Designer Instrucional na educação, como o mundo passou a ser com os diferentes recursos tecnológicos digitais implantados, quais são as vantagens e desvantagens, e como estão sendo utilizados em nosso cotidiano, diante da facilidade com que as informações chegam até nós. O presente paper foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, através do levantamento e análise de diferentes ideias trazidas por artigos e livros que tratam da temática apresentada. Restou claro que o Profissional de Designer Instrucional se torna relevante para uma educação de qualidade quando promove a produção de saberes, valores, crenças e paradigmas dos autores envolvidos neste processo, de modo colaborativo democratiza o acesso à informação e ao conhecimento.

Palavras-chave: Importância. Designer. Instrucional. Profissional.

ABSTRACT

Contemporary education has undergone significant changes over the years and needs to follow the transformations occurring in society in the economic, social and cultural aspects and mainly evaluate the growing technological development that directly impacts teaching and learning. The purpose of the article is to discuss the importance of the Instructional Designer Professional in education, how the world has become with the different digital technological resources implemented, what are the advantages and disadvantages, and how they are being used in our daily lives, given the ease with which information reaches us. This paper was carried out through bibliographical research, through the survey and analysis of different ideas brought by articles and books that deal with the theme presented. It remains clear that the Instructional Designer Professional becomes relevant for quality education when he promotes the production of knowledge, values, beliefs and paradigms of the authors involved in this process, in a collaborative way, democratizing access to information and knowledge.

Keywords: Importance. Designer. Instructional. Professional.

⁴ Pedagoga. Psicopedagoga. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. tatianeluccheti@gmail.com

Introdução

O momento em que vivemos vem sendo marcado por uma verdadeira revolução tecnológica. Essa realidade desafia o professor, pois a cada dia surgem novas possibilidades de aprendizagens, nos aspectos social, cultural, econômico etc. Diante disso, faz-se necessário que o professor construa novas habilidades, adaptando os recursos digitais à sua prática pedagógica onde, alunos e professores estarão diante de uma nova forma de ensinar e aprender, criando espaços de aprendizagem.

Este paper pretende contribuir com a reflexão de como é a importância do Profissional de Designer Instrucional na educação, quais as vantagens e desvantagens para a prática pedagógica através da integração e apropriação dos recursos digitais no processo de ensino aprendizagem. Pretende se ainda verificar como ocorre o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano escolar. Diante do interesse dos educadores e educandos pela melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente a gama de informações que estão disponíveis nos meios de comunicação e informação, a educação precisa acompanhar a modernização em seus mais amplos aspectos, mesmo que de forma moderada, avaliando os impactos e resultados obtidos no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

O profissional de Design na educação e a sua importância

Normalmente quando tratamos de um assunto como tecnologia, logo pensamos em aparelhos digitais, porém a tecnologia vai muito além desse conceito. Não podemos nos abster em pensar tecnologia somente o que é novo ou digital, a tecnologia começou a ser implantada ao longo da nossa evolução. Diante das necessidades básicas de sobrevivência, o homem vinha

adaptando ferramentas e utensílios para seu uso diário, um bom exemplo disso, foi a descoberta do fogo, quando ele necessitou de cozinhar os alimentos para consumo. Portanto, toda nova tecnologia é fruto das necessidades de uma nova sociedade.

Segundo Blanco e Silva (apud Alves, 2019), o termo tecnologia vem do grego *technê* (arte, ofício) e *logos* (estudo de) e referia-se à fixação dos termos técnicos, designando os utensílios, as máquinas, suas partes e as operações dos ofícios. Segundo Karasinski, 2013 com tantas abordagens sobre o assunto, vale destacar as diferentes áreas do conhecimento; para os que trabalham com computadores, a tecnologia envolve o desenvolvimento de aparelhos que lidam com a distribuição da informação de forma cada vez mais veloz, envolvendo um grande número de pessoas e realizando recursos cada vez mais avançados; já para um biólogo, por exemplo, a tecnologia envolve a criação de ferramentas que facilitem o estudo das células e da evolução animal e vegetal. Contudo, se pensarmos em um arqueólogo, este poderá conceituar a tecnologia sobre a evolução das ferramentas que permitem o estudo de elementos históricos e sua evolução até os dias atuais.

Com o passar do tempo novas práticas foram sendo adaptadas nos ambientes de ensino. As práticas do Design Instrucional referem-se às estratégias, métodos e abordagens utilizados para criar, desenvolver e implementar ambientes de aprendizagem eficazes.

O Design Instrucional é responsável por integrar princípios pedagógicos, teorias de aprendizagem e técnicas de design para criar experiências de ensino que sejam adequadas a recursos de aprendizagens.

Para Savioli (2020, 19): O Design Instrucional é responsável por criar experiências de ensino que sejam adequadas a recursos de aprendizagens, sendo eles tecnológicas ou não, levando em consideração uma análise de público e objetivos de aprendizagem.

Os profissionais de Design Instrucional desempenham um papel fundamental no desenvolvimento e aprimoramento de experiências de aprendizagem. Suas responsabilidades podem variar dependendo do contexto e das necessidades específicas da instituição educacional ou organização.

Como salienta Palloff e Pratt (2013) o instrutor online depende do cuidado na elaboração do conteúdo pelo conteudista e na adaptação deste conteúdo para o ambiente online realizado pelo Designer Instrucional.

O Profissional de Designer Instrucional na educação realiza práticas de análises detalhadas para entender as necessidades de aprendizagem, identifica objetivos educacionais e determina as características do público-alvo. Desenvolve estratégias educacionais, defini objetivos de aprendizagem, identifica métodos de ensino e seleciona ferramentas e recursos instrucionais apropriados. Cria ou colabora na criação de materiais educacionais, como manuais, apresentações, vídeos, simuladores, e-learning, entre outros. Integra tecnologias educacionais, plataformas de e-learning, ambientes virtuais de aprendizagem e outras ferramentas digitais para melhorar a experiência de aprendizagem. Aplica princípios de design gráfico e multimídia para criar materiais visuais atraentes e eficazes. Cria avaliações formativas e somativas para medir o progresso dos alunos e avalia o alcance dos objetivos de aprendizagem. Colabora com instrutores para implementar programas de aprendizagem, fornecer treinamento e suporte necessários. Coleta feedback dos alunos e instrutores para avaliar a eficácia do design instrucional e fazer melhorias contínuas. Garante que os materiais e métodos de ensino sejam acessíveis a todos os alunos, considerando diferentes estilos de aprendizagem e necessidades especiais. Colabora com instrutores, especialistas em conteúdo, profissionais de tecnologia educacional e outros stakeholders para garantir a integração eficaz de todos os elementos do design instrucional. Manter-se atualizado sobre as melhores práticas em design instrucional, teorias de aprendizagem, tecnologias educacionais e tendências na área. Adapta o design instrucional para atender às necessidades específicas de diferentes públicos, reconhecendo as diferenças individuais. Fornece treinamento e desenvolvimento profissional para instrutores e outros profissionais envolvidos na implementação do design instrucional. Avalia o desempenho dos alunos e os resultados do design instrucional em relação aos objetivos estabelecidos. Palloff e Pratt (2013) explicam que as estratégias de um instrutor online se integram com a visão do Design Instrucional ao atender as necessidades

operacionais. Essas atividades mostram a amplitude do trabalho dos profissionais de design instrucional, que combinam conhecimentos em pedagogia, psicologia educacional, tecnologia educacional e design para criar experiências de aprendizagem eficazes, alinhadas com os objetivos educacionais.

Vantagens e desvantagens

Destacamos que quando se tem o acesso facilitado à informação não é garantido que melhora aprendizagem. As novas tecnologias da informação e da comunicação, caso não forem utilizadas em um contexto pedagógico renovado, criativo e com intervenções pontuais dos responsáveis tutores, acabam por reproduzir um modelo de ensino que possa ser tradicional, e sem um aproveitamento das possibilidades que as ferramentas podem proporcionar.

Filatro (2010) explica que a Gestão de Projetos é uma importante ferramenta para alcançar resultados positivos, e discorre sobre alguns pontos que fazem com que design instrucional e a gestão de projetos caminhem juntos.

Sempre que inicia um projeto novo, todo DI passa a se deparar com problema, são colegas que pedem coisas que não faz parte da sua função, pedem conhecimento em diversas áreas distintas, assim existem muitos desafios para educar sobre a função e os benefícios do DI principalmente em um ambiente escolar.

Nos ambientes educacionais há uma compreensão limitada do que o DI, podem fazer e acabam solicitando funções que não são da responsabilidade do DI. Um Designer Instrucional é responsável por projetar estratégias de ensino e aprendizagem eficazes, desenvolver materiais instrucionais, selecionar tecnologias educacionais apropriadas e garantir uma experiência de aprendizagem significativa para os alunos. É fundamental comunicar de forma clara e persuasiva o valor de um profissional de DI, mostrando como pode impulsionar resultados tangíveis e agregar valor aos projetos educacionais.

Palloff e Pratt (2013) definem:

Há um mito existente no mundo do ensino online desde o seu início. O mito afirma que é fácil ensinar online – tudo o que é preciso fazer é levar exatamente aquilo que está sendo feito na sala de aula face a face para a sala de aula online.

Contudo é necessário perceber a importância de fazer um bom planejamento desenvolvendo as atividades que possam ser significativas dentro da comunidade escolar no processo de aprendizagem para uma educação de qualidade nos dias atuais e a tecnologia está atrelada a novos saberes e interesse dos alunos.

Considerações Finais

A presente pesquisa pretendeu contribuir com a reflexão de como é a importância do Profissional de Designer Instrucional nos ambientes educacionais, quais as suas vantagens e desvantagens para a prática pedagógica através da integração e apropriação dos recursos digitais no processo de ensino aprendizagem. Verificou como ocorreu o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano escolar. Contudo diante do interesse dos educadores e educandos pela melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente a gama de informações que estão disponíveis nos meios de comunicação e informação, pode perceber que é de suma importância que haja um profissional de Designer Instrucional nos ambientes educacionais para que precisa acompanhar a modernização em seus mais amplos aspectos, mesmo que de forma moderada, avaliando os impactos e resultados obtidos no decorrer do processo de ensino aprendizagem.

Deste modo, pode-se concluir que mudanças são necessárias, e que o uso dos recursos tecnológicos digitais, associados ao saber fazer se apresentam comprovadamente relevante para a construção de uma aprendizagem significativa, devendo ser comprovados através da produção do conhecimento pelos envolvidos no processo, retroalimentando os acertos e as

falhas, e replanejando os recursos sem ignorar as características individuais de cada indivíduo mesmo tendo vantagens e desvantagens.

Referências

Alves, T. A. da S. 2009. TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NAS ESCOLAS: da idealização à realidade. Lisboa. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Instituto de Ciências da Educação. Disponível: <

<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/1156/Taises%20Araujo%20-%20versao%20final%20da%20dissertacao.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 jan. 2024 .

Filatro, A (2010). Design Instrucional contextualizado: educação e tecnologia. 3ª. Edição. São Paulo: Senac.

Karasinski, Lucas. 2013 O que é tecnologia? (ON LINE). Disponível. Acessado em 30 jan. 2024.

Palloff, R M. e Pratt, K. (2013). O Instrutor Online: Estratégias para a excelência profissional. Tradução: Fernando de Siqueira. Porto Alegre: Penso.

Savioli, C e Torezani, G. (2020). Design Instrucional e Negócio Digital: Como planejar, produzir e publicar um negócio virtual educacional. Brasília: Clube de Autores.

- A importância dos Recursos Didáticos no Ensino de Biologia (Lenir dos Santos Oliveira: Livia Monique de Almeida; Maria Jailsa de Sousa França)

A importância dos Recursos Didáticos no Ensino de Biologia

Lenir dos Santos Oliveira

Livia Monique de Almeida

Maria Jailsa de Sousa França

DOI: 10.5281/zenodo.13759473

RESUMO

O trabalho aqui exposto é referente ao projeto de ensino, que conclui o curso de licenciatura em ciências biológicas e está pautado no tema Através da análise de diversas bibliografias utilizadas acerca do tema foi possível conhecer a importância dos materiais didáticos no ensino de biologia, suas implicações e o aprendizado dos alunos através do uso deles. A escolha do tema se deu através da necessidade de se conhecer melhor a realidade do docente e do ensino nas instituições, tendo em vista o futuro campo profissional como docente. Por meio deste trabalho puderam ser sanadas algumas dúvidas e questões pertinentes ao campo da docência, até então desconhecidas, este proporcionou alcançar uma visão mais consistente dos processos de ensino e da realidade vivida pelo professor que tem como objetivo ministrar esse ensino. Para tanto, de forma bastante explícita, pode se conhecer os processos envolvidos na formação docente e quais são os caminhos percorridos além do curso de formação para se tornar um profissional competente. Desta forma através das atividades de estágio como, observações, entrevistas e regências e as metodologias utilizada na pesquisa buscou-se fazer um estudo detalhado dos processos envolvidos no ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino-aprendizagem. Metodologia. Didática.

ABSTRACT

The work presented here is related to the teaching project, which concludes the licentiate course in biological sciences and is based on the theme, Through the analysis of several bibliographies used on the subject it was possible to know the importance of didactic materials in the teaching of biology, their implications and the students' learning through their use. The choice of topic was made through the need to know better the reality of the teacher and the teaching in the institutions, considering the future professional field as a teacher. Through this work, some doubts and questions pertinent to the field of teaching, hitherto unknown, could be remedied. This provided a more consistent view of the teaching processes and of the reality lived by the teacher, whose objective is to teach this teaching. In order to do this, in a very explicit way, one can know the processes involved in teacher training and what are the paths followed besides the training course to become a competent professional. In this way, through the activities of internship as, observations, interviews and regencies and the methodologies used in the research, we sought to make a detailed study of the processes involved in teaching and learning.

KEYWORDS: Teaching-learning. Methodology. Didactics.

Introdução

Quando falamos em metodologia de ensino e aprendizagem de ciências, é comum nos atermos à ideias de que métodos utilizar e de que ferramentas seriam necessárias para estabelecer uma espécie de sintonia com os educandos, sintonia esta que levará ao sucesso ou fracasso do educador. Não há como desvencilhar teoria e prática, ambas caminham juntas na construção do saber.

O tema escolhido para a execução do presente trabalho, foi a utilização de materiais didáticos no ensino de biologia, e que surgiu a partir da área de concentração, metodologia de ensino e aprendizagem de ciências, onde abordar-se-á de forma concisa pontos referentes aos objetivos do trabalho.

Dentro do contexto educacional temos uma infinidade de questões pertinentes ao ensino da disciplina de biologia no que tange a materiais didáticos e recursos que possam ser utilizados pelo professor para o exercício do ensino. Nesta perspectiva é válido indagar, qual a importância dos diversos materiais didáticos no ensino de biologia?

Em linhas gerais buscar-se-á conhecer as diversas problemáticas e aplicabilidade dos recursos didáticos no ensino de biologia. Contudo para uma melhor e detalhada compreensão do tema abordado será estudado mais a fundo o concílio do uso dos recursos disponibilizados pela escola com o assunto estudado, uma vez que na condição de acadêmico na área de licenciatura a pesquisa e o estudo científico são aspectos primordiais, no presente estágio de formação e também no futuro campo profissional.

O uso do livro didático como fonte primordial no ensino

Quando falamos no ensino ministrado pelo professor em sala, automaticamente nos vem a ideia deste, pautado unicamente no uso do livro

didático, o que nos remete a uma discussão sobre o uso do referido objeto. Em se tratando do conteúdo nele expresso, muitos são os aspectos a se considerar em relação à credibilidade e veracidade das informações.

As políticas atuais de ensino nas instituições defendem a ideia de que o aluno deve ser o autor do seu próprio conhecimento, cabendo ao docente um papel de condutor e direcionador deste conhecimento através do uso dos mais variados recursos que estiverem a sua disposição. Sendo assim o assunto em questão traz consigo uma dialética bastante difundida em relação ao uso do livro didático, pois este costuma ser apenas objeto projetor de informação conceituada e mecânica - por vezes de forma equivocada – o que acaba resultando num ensino fragmentado e sem nenhum nexos com a realidade cotidiana do educando.

Em contrapartida, o uso do livro didático deve ser sim explorado, porém de forma coerente com o ensino e que traga os resultados idealizados pelo docente e pelos planos curriculares fazendo com que os educandos aprendam a formular seus próprios conceitos e desenvolvam o hábito pela pesquisa, além de possibilitar que o aprendizado esteja constantemente atrelado a vivência de cada um. (VASCONCELLOS, 1993 apud VASCONCELOS; SOUTO, 2003).

Diante da preocupação em levar as instituições de ensino material que venham a promover um ensino de qualidade o PNLD fica responsável por fazer uma prévia avaliação do conteúdo pedagógico apresentado nesta importante ferramenta de ensino, antes de chegar às mãos dos alunos e professores aos quais estão destinados. (BIZZO, 2002 apud VASCONCELOS; SOUTO, 2003).

A elaboração e produção do livro didático, envolve inúmeros aspectos e conta com diversos colaboradores dos mais variados âmbitos profissionais. Para tanto se faz necessário o compromisso e a veracidade, bem como a devida cientificidade no conteúdo expresso nos livros que chegam até as instituições de ensino. É possível observar no quadro abaixo os diversos colaboradores que atuam na produção do livro didático utilizados nas instituições:

QUADRO 1 – OS PROCESSOS E PARÂMETROS QUE REGEM A PRODUÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO

Instituições	Segmentos	Ações
<p>INSTITUIÇÕES PÚBLICAS (Executivo-Legislativo)</p>	<p>Políticos - Governantes Membros de Equipes Técnicas</p>	<p>ELABORAM E/OU EXECUTAM NORMAS E POLÍTICAS PÚBLICAS DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Seleção de títulos e censura. • Padronização editorial. • Financiamento à produção/distribuição das obras. • Financiamento de estudos e pesquisas.
<p>EDITORAS</p>	<p>Editores e autores</p>	<p>EXECUTAM AÇÕES DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção editorial. • “Marketing.” • Pressão para a definição de normas, políticas e ações públicas.
<p>ESCOLAS</p>	<p>Técnicos Professores Alunos e pais</p>	<p>EXECUTAM AÇÕES DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Seleção/avaliação. • Utilização. • Produção de propostas alternativas ao LD ou ao seu uso no ensino.

GRUPOS/IES OU INSTITUIÇÕES DE PESQUISA	Pesquisadores	<p>EXECUTAM AÇÕES DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de propostas metodológicas e/ou de material alternativo. • Assessoria à elaboração de propostas curriculares. • Atualização de professores em conteúdos e Metodologias. <p>EXECUTAM TAMBÉM AÇÕES DE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Análise e divulgação de diversos aspectos relacionados ao LD.
---	---------------	---

FONTE: Fracalanza, H. *O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de ciências no Brasil*- 1993.

Sabendo de toda a estrutura organizacional atrelada à edição dos livros didáticos e posterior uso nas escolas, nos faz ter uma visão do quão relevante se faz o processo de produção dos livros e sua influência no sucesso do ensino, centrado no aprendizado gradual no decorrer da jornada estudantil. A institucionalização do livro vem como um resultado decorrente de sua própria praticidade e apoio didático na ministração das aulas em detrimento ao ensino de qualidade e de infinitas correlações com a então realidade dos educandos, que estão ainda que inconscientes disso, passando por constantes momentos de aprendizado em relação aos elementos à sua volta.

A Contribuição das aulas práticas no ensino

Como foi anteriormente comentado o ensino nas instituições encontra-se centrado em grande parte no uso do livro didático. Porém o professor pode optar por outros meios de desenvolver um ensino de qualidade para seus alunos, saindo um pouco do corriqueiro e estrito uso do livro e desbravando novas possibilidades de se fazer o ensino.

Para (LUNETTA, 1991 apud SILVA et al, 2011), através de aulas práticas o docente tem a possibilidade de atrair a atenção dos educandos, mesmo

aqueles que se encontram distante da disciplina e da realidade escolar, e que possui um baixo nível de interesse, trabalhando assim o desenvolvimento individual e coletivo de cada educando, que será então capaz de formular seus próprios conceitos científicos acerca do assunto abordado.

As aulas práticas não devem ser vistas apenas como uma fuga para além do ensino monótono, quase sempre envolto no uso do livro, como comentado anteriormente, a intervenção de aulas práticas possui aspectos que contribuem muito para o desenvolvimento do aprendizado autônomo e individual, mas também para o coletivo, igualmente, é conveniente que integremos as aulas práticas no âmbito da didática se quisermos um ensino progressivo e de qualidade.

Quando o professor volta seu trabalho para métodos que vão além do rotineiro, ele consegue resultados satisfatórios em relação à produção de cada aluno, pois, “o ensino, dentro dessa corrente, consiste no provimento de atividades desafiadoras que levem o educando a buscar novos conhecimentos [...] onde estruturas, cada vez mais complexas, vão sendo construídas [...]” (CASTRO; CARVALHO, 2001, p.183 apud SILVA et al, 2011).

Obstante ao assunto comentado é possível perceber as intrínsecas relações que compõem o ensino e a dinâmica necessária para fazer fluir bons resultados e real aprendizagem, trabalhando aulas práticas, uma vez que, para que isso aconteça o professor deve buscar primeiramente recursos a serem trabalhados, além de estimular o educando à pesquisa e desenvolvimento de um aprendizado consistente.

Para (BORGES 2002, apud LEITE et al), “o importante não é a manipulação de objetos e artefatos concretos, e sim o envolvimento comprometido com respostas/soluções bem articuladas para as questões colocadas, em atividades que podem ser puramente de pensamento”. Logo, em relação às aulas práticas, pode-se inferir que sua aplicação e funcionalidade, vão além de mera manipulação de objetos ou casual mudança para outro local além da sala de aula, para realização dos estudos propostos pelo educador, essas atividades são para o ensino, assim como para o professor alternativas deveras eficazes, que estimulam a pesquisa e que

possuem a capacidade de mobilizar a classe a se dedicar aos estudos por caracterizar uma modalidade diferente de estudo que transpõe o limite dos estudos unicamente teóricos. Nessa perspectiva (LEWIN E LOMASCÓLO, 1998 apud AZEVEDO).

A situação de formular hipóteses, preparar experiências, realizá-las, recolher dados, analisar resultados, quer dizer, encarar trabalhos de laboratório como se fosse 'projetos investigação', favorece fortemente a motivação dos estudantes, fazendo-os adquirir atitudes, tais como curiosidade, desejo de experimentar, acostumar-se duvidar de certas afirmações a confrontar resultados a obterem profundas mudanças conceituais metodológicas e atitudinais.

A prática científica aliada ao embasamento teórico é para os educandos caminho de diversas mudanças a curto e longo prazo, pois, além do conhecimento adquirido e aplicado no âmbito escolar, o processo de pesquisa pode levar o educando a desenvolver caráter investigativo que contribuirá no futuro, em sua vida profissional. Obstante a isso, a visão de ensino deve contemplar um campo didático amplo e cada vez mais flexível, à medida que o aluno se sinta responsável por seu próprio desenvolvimento cognitivo e nas suas relações com os demais colegas.

Segundo (SILVA, 2009 apud SILVA et al, 2011), muitas vezes o educador se encontra em situações que não consegue fazer o uso de uma didática diferenciada, por inúmeros motivos, como, tempo, materiais didáticos, entre outras adversidades. Para tanto, quando o docente em conjunto com a instituição de ensino, optam por voltar a atenção para o ensino diversificado, focando a pesquisa estão contribuindo para a formação não apenas de alunos que necessitam sair da modalidade monótona de ensino, mas sim de futuros profissionais que já possuem certo grau de conhecimento a respeito do caminho para cientificidade aplicada a sua atuação.

Os estudos quando voltados para a experimentação e atividades de cunho investigativo, agregam no educando uma maior capacidade de compreensão do conhecimento teórico, portanto, devem sim ser valorizadas as atividades experimentais e que envolvam participação dos alunos na busca pelo conhecimento e pelos estudos, de uma forma em que a aprendizagem é

facilitada pelo método utilizado (BARATIERI; BASSO, 2005 apud BRANDT; TORRES, 2011; p.172).

Vista como uma forma didática bastante eficaz, as aulas práticas seguem uma linha de pensamento que denota o enlace de duas vertentes constituintes do conhecimento, que são a teoria e prática. Quando trabalhada de forma correta é possível se obter resultado satisfatórios e que darão ao educando a direção da cientificidade, despertando nele o caráter investigativo e levando-o a se interessar cada vez mais pelos estudos e pelas formas de fazê-lo, sempre buscando o aperfeiçoamento das metodologias que serão utilizadas nos trabalhos de pesquisa e obtenção de resultados.

As dificuldades com que se depara o professor, não deve constituir uma barreira impenetrável ao ensino, deve o mesmo buscar alternativas cabíveis a sua realidade, não fazendo destas, empecilho à aprendizagem dos alunos.

Enquanto não houver uma conscientização geral dos professores, no sentido de realmente serem profissionais (mesmo) do ensino, de em suas mãos estar a responsabilidade de formar uma juventude, de nada valerão os esforços despendidos por alguns, pretendendo o bem-estar de todos (HENNIG, 1998, p.13 apud SILVA et al).

As diversas ramificações constituintes do ensino se entrecruzam no objetivo comum do fazer pedagógico e da efetividade deste, a escola - todos os profissionais docentes e funcionários - como formadora de cidadãos que futuramente ocuparão os mais diversos setores na sociedade e os educandos que almejam o conhecimento que darão suporte a seus futuros estudos acadêmicos e conseqüentemente ao seu lugar na sociedade.

O uso tecnologia associada à didática

O uso dos recursos tecnológicos se faz cada vez mais presente na realidade escolar, em vista de sua contribuição com o aprendizado dos alunos. Embora algumas instituições de ensino não disponham de tantos recursos, devido ao limitado subsídio de que dependem, é de conhecimento dos

profissionais da educação que a tecnologia associada ao ensino traz contribuições relevantes ao ensino.

Os mais diversos recursos midiáticos e de caráter tecnológico, quando ajustado à didática, tem o potencial de somar resultados positivos no que se refere ao ensino, porém sua ação se limita aos comandos e atitudes do docente, que deve dispor de habilidades e entendimento sólido- advindo de sua formação profissional- de conciliação entre o manejo destes e a aplicabilidade no ensino e posteriores resultados (CYSNEIROS, 1998 apud FIGUEIRÊDO, 2014).

Expor as disciplinas na sala de aula de maneira diversificada, fazendo uso dos recursos tecnológicos ofertados pela escola, exige do docente certa seletividade, pois, muitos dos materiais trazem exercícios com equívocos didáticos alarmantes em relação à qualidade do ensino, não promovendo o aprendizado, tampouco a formação do pensamento crítico, quesitos essenciais e que devem reger a caminhada escolar e posteriormente acadêmica dos educandos.

Ainda em se tratando do uso da tecnologia associada ao ensino e de seu potencial didático, cabe salientar as divergências presentes na sala de aula em relação aos educandos e a capacidade do professor de lidar com elas, pois não se deve esperar bons resultados, se esta não for ministrada com perícia. Para tanto, (CHARLOT, 2005, p. 51 apud FIGUEIRÊDO, 2014).

Os professores deverão gerar formas alternativas de lidar com suas disciplinas, análises ilustrações, metáforas, exemplos, experimentos, simulações, dramatizações, músicas, filmes, casos de ensino, demonstrações etc. que levem em consideração diferentes habilidades, conhecimentos prévios e estilos de aprendizagem de seus alunos. O modelo de raciocínio pedagógico contempla, precisamente, o processo de construção desse conhecimento de como ensina.

Pensar o processo de ensino-aprendizagem aliado à tecnologia e seus efeitos, pode ser bastante complexo, uma vez que sua intervenção e uso na escola, deve se restringir ao propósito ao qual está designada, não fragmentando o ensino, nem abstraindo os alunos dos estudos propostos, já

que a tecnologia deve ser utilizada como auxílio à ciência que está se buscando fazer e aprender, este é propósito que deve ser buscado pelo docente em conjunto com os alunos. As similaridades entre tecnologia e ciência (conhecimento), devem ser trabalhadas em conjunto de forma que uma complemente a outra. A tabela abaixo expõe de forma sucinta as similaridades e diferenças entre ciência e tecnologia.

TABELA1 - DIFERENÇAS E SIMILARIDADES ENTRE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Característica	Ciência	Tecnologia
Tipo principal de problema	Cognitivo	Prático
Objetivo final	Entender	Fazer
Centrada em	Hipóteses e experimentos	Projetos e programas
Baseada em	Matemática	Matemática e Ciência
Papel da teoria	Guia para o entendimento	Guia para a ação
Papel da experimentação	Fonte de dados e teste de ideias	Fonte de dados e testes de projetos e programas
Profundidade	Máxima desejável	Suficiente para propósitos práticos
Impacto social	Sobre o resto da cultura	Sobre toda a sociedade
Análise custo/benefício	Frequentemente não se aplica	Necessária
Papel da descoberta	Central	Central
Papel da invenção	Central	Central
Crítica	Necessária	Necessária

FONTE: (adaptado de BUNGE [11, p. 238] apud CUSTÓDIO et al).

Contudo os saberes, técnicas e o modo de ensino, devem ser flexíveis e contextualizados, assim como os conhecimentos e as demandas constituintes da formação, pois, de nada vale o ensino fragmentado e o caminho da aprendizagem obsoleto frente à evolução das ciências e as novas tecnologias.

Às instituições, cabem os estudos de propostas e a busca por subsídios que atendam a demanda do ensino ligado intrinsecamente à tecnologia e seus

atributos. Padronizar o ensino e atingir as metas estipuladas, não é algo imediato, é necessário que o professor, bem como os membros da escola, responsáveis pelo ensino e aprendizagem dos educandos despendam esforços na realização de projetos que irão reger o ensino.

Frente a essa realidade educacional, cabe a seguinte análise feita por (LEITE et al, 2000 apud FARIA):

Diante desta realidade, torna-se necessário que as escolas passem a trabalhar visando a formação de cidadãos capazes de lidar, de modo crítico e criativo, com a tecnologia no seu dia a dia. Cabendo à escola esta função, ela deve utilizar como meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem a própria tecnologia com base nos princípios da Tecnologia Educacional (p. 40).

Obstante ao exposto acima, é possível inferir que a tecnologia não deve ser trabalhada apenas com o propósito de diferenciar as aulas, é imprescindível que haja nexos com a disciplina corrente e principalmente produtividade ao ser trabalhada gerando o tão almejado conhecimento. Ainda nesse contexto, deve ser pensada a mesma numa perspectiva para além das paredes da sala de aula, já que os alunos têm acesso a diversos recursos tecnológicos no seu dia a dia.

Embora repetidas vezes não se deem conta, os educandos estão em constante processo de aprendizado, e a junção dos ambientes, casa e escola, estão intrincados quando o assunto é aprender. No momento em que realizam pesquisas na internet ou assistem a um documentário na TV, estão no momento adquirindo conhecimento e estendendo a aprendizagem para além do seu horário regular de estudo. Deve o educador se mostrar um auxiliador e motivador desse tipo de ação didática e incentivar os educandos a fazer disto um hábito, propiciando assim uma ligação entre um exercício agradável de pesquisa e busca e ainda promovendo o estudo como tarefa cotidiana sem ser encarada como cansativa ou desnecessária.

O Concílio entre o ensino e a motivação para a pesquisa

Pensar o ensino-aprendizagem sem relacioná-lo à pesquisa, é algo que foge aos princípios pedagógicos e didáticos, para a compreensão da significância da pesquisa no ambiente escolar faz-se necessário compreender e analisar os pontos constituintes da pedagogia ativa, que preconiza o estudante como autor de seu próprio conhecimento cabendo ao professor apenas a função de direcionador e mediador entre a ciência e o aluno.

A pesquisa advinda dos esforços do próprio educando possui, caráter dinâmico e constitui uma importante fonte de estímulo, além de se constituir promotora de conhecimento, embora por diversas vezes se enquadre em uma categoria pouco apreciada por aqueles profissionais que almejam o aprendizado consistente, quando a ela é atribuída o mérito apenas da simples busca por trabalhos prontos, reprodutores de informação que o aluno muitas vezes não compreende, tampouco se interessa pelo conteúdo nele expresso (DEMO, 1997 apud CASTRO; SOUSA).

No cenário da pesquisa escolar não podemos nos esquecer da importância da biblioteca, pois, através dos livros o aluno recebe o conhecimento necessário à sua formação, através dela, o educando pode buscar por seus próprios esforços a solução para questões que surgem durante seu dia a dia na escola, além de adquirir autonomia na pesquisa superando as dificuldades de aprendizagem e crescendo como “buscador” de informações, desenvolvendo assim suas próprias maneiras e métodos de pesquisa e investigação em momentos que poderá desfrutar de toda a comodidade de que necessita para aprender o que lhe for proposto.

A importância da biblioteca escolar na aprendizagem

No contexto escolar, o ambiente destinado ao ensino e aprendizagem, temos a leitura como uma das constituintes vitais destes dois quesitos fundamentais anteriormente mencionados. Como enfoque primordial ligado intrinsecamente ao exercício da leitura, destaca-se a biblioteca, suas

contribuições e problemáticas associadas a sua manutenção e boa conservação, pontos inerentes à efetivação da nobre função deste espaço reservado ao ensino e exercício da ciência.

A biblioteca idealizada pelos especialistas em educação e, sobretudo aqueles que trabalham para sua melhora e eficiência ao subsidiar pesquisas e promover o aprendizado dos educandos, deve ser aquela que através das mais diversas obras e de diferentes gêneros que ali se encontram, possa gerar novos estudos acerca daqueles já realizados. Se esta for a realidade, este espaço tão crucial ao ensino, prova ser eficaz e útil ao ensino e subsídio ao professor que buscará apoio sempre que achar necessário e se mostrar ferramenta de aprendizagem e enriquecimento cultural, objetivos que devem nortear a existência da biblioteca nas escolas.

A realidade das bibliotecas brasileiras, muitas vezes é aquela em que o aluno ainda que necessite dela, não se sente instigado a pesquisar, pois esta se encontra burocratizada e o acesso a seu material, se torna uma tarefa maçante, levando o aluno a deixar de lado o precioso material que se encontra ali disponibilizado e muitas vezes abdicando do prazer e direito de aprender. Frente a esta realidade (QUEIROZ, 1985), nas palavras de (NÓBREGA, 1995 apud SILVA):

Bibliotecas em eterna penumbra, em constante silêncio (o real e o figurado), livros encadernados de marrom austero, presos às estantes arranha-céu, completamente inalcançáveis. Lombadas milimetricamente etiquetadas, num virar de costas para o leitor, escondendo as entranhas do acervo, seu verdadeiro tesouro. Um lugar sem conflito. Um espaço de ausências. Uma arca fechada.

O autor denota a realidade de algumas bibliotecas- algumas delas se fazem presentes nas escolas brasileiras-, que traz consigo um atraso para o verdadeiro e real objetivo da existência delas, qual seja, a efetividade da aprendizagem, e formulação de conceitos, estes por sua vez vão além da mera memorização de informações e repetição de trabalhos e estudos alheios a sua realidade.

O quadro abaixo demonstra de forma precisa os dois caminhos que norteiam a prática da leitura e suas implicações no aprendizado e cientificismo.

QUADRO 2 - DIFERENÇAS ENTRE FATOS E CONCEITOS COMO CONTEÚDOS DA APRENDIZAGEM

	Fato	Conceito
Consiste em	Cópia literal	Relação com conceitos anteriores
É aprendido	Por revisão (repetição)	Por compreensão (significado)
É adquirido	De uma vez	Gradualmente
É esquecido	Rapidamente sem revisão	Lenta e gradualmente

FONTE: POZO, 1992 apud POZO; CRESPO, 2009.

Em relação ao quadro acima exposto, infere-se que a leitura deve passar pelo crivo da objetividade, para que o ato de ler não se torne tarefa de conteúdo retrocedente e que não conduz ao aprendizado, deve ela servir ao único propósito ao qual se destina, que é o aprendizado baseado em conceitos e associações com a realidade cotidiana do educando.

Desde cedo, já no início da vida escolar, devem os alunos ser incentivados à prática da leitura, e com isso desenvolverem o hábito da leitura e conseqüentemente ao uso habitual da biblioteca que tiverem à disposição, pois muitas vezes, há uma relação e uso bastante relapso dos recursos e das obras disponíveis na biblioteca. O aluno por várias vezes recorre à biblioteca, apenas para pegar o livro didático em uso no dia a dia nas aulas, ignorando a pesquisa de outros assuntos à margem dos estudos cotidianos e de caráter investigativo.

Não há como se pensar uma sociedade justa e desenvolvida intelectual e economicamente sem mencionar a ciência e de forma direta a leitura. A leitura é a base para o desenvolvimento do homem e da sociedade como um todo, é fonte de autonomia para as escolhas que terão impacto na ordem social, sendo vital para um bom convívio entre os povos e aumento do nível da produção individual de cada um (SANT' ANNA, 1996 apud SILVA).

A leitura se faz presente no nosso dia a dia e com isso não dá para ignorar sua relevância e seu impacto na ordem social, cabe as escolas e os programas do governo zelar pelo manejo das bibliotecas escolares a fim de promover um ensino de qualidade e formação de cidadãos ativos e de pensamento voltado para o bem comum, dotados de conhecimento para possuir a autonomia e exigir o cumprimento de seus direitos como cidadãos.

A digitalização da informação no cotidiano escolar

Os meios de comunicação e difusão da ciência, se revelam cada vez mais inovadores, e nas escolas essa realidade tem considerável impacto no cotidiano do professor e por efeito também no educando. Como citado anteriormente no decorrer deste trabalho, desafios pedagógicos relacionados ao avanço da tecnologia, e dos sistemas de informação, são inerentes ao processo de aprendizagem, e suas resoluções se moldam em novas ideias que constituem o crescimento e melhoramento da associação entre a ciência e o aluno.

Em se tratando do ensino e do material difusor de informações e conhecimento, quando visamos a questão da digitalização da informação, o livro e a literatura como um todo ganha significado de amplo espectro de discussão. Toda informação verídica de conteúdo didático, seja ele impresso ou digital, deve a ele ser atribuído o seu devido valor e aplicá-lo nos momentos em que mais for útil. As obras impressas ou digitalizadas devem atender as necessidades de busca e aprendizado, ainda, esse deve ser o real objetivo do conteúdo ao qual o aluno tiver acesso, independente da forma como estiver disponível, a tendência deve ser a de complemento uma da outra.

A leitura na sua forma “tradicional” impressa, abrange um campo de acesso relativamente mais simples e prático, em contrapartida, o acesso a leitura na sua forma digitalizada constitui em si uma dependência de dispositivos de armazenamento eletrônico, o que pode caracterizar uma

barreira à democracia do acesso à leitura. Obstante à essa problemática (SOUCHIER apud FURTADO, 2004):

Por um lado, é necessário um dispositivo técnico que permita transformar os dados ilegíveis registados na matéria memória num texto legível num ecrã. Por outro, uma fonte de energia para alimentar esse dispositivo. Ou seja, sem energia e sem dispositivo técnico apropriado a escrita informática não existe ou, no máximo, pode ser considerada como invisível. O dispositivo técnico dedicado à escrita atingiu um tal estado de “hipertelia” que já não consegue preencher a sua função sem assistência exterior.

As obras bibliográficas digitalizadas, dos mais variados gêneros, possuem destaque e popularidade quando se trata de pesquisa, algo que está associada também a maior interatividade que proporcionam, em especial nos jovens. Porém o contexto a que está associada a produção e uso do livro transcende os limites do prático e do novo. O uso do livro e o aprendizado através, dele, está atrelado a cultura, conforme (BELLEI, 2002 apud MOTTA):

[...] um livro, apesar das aparências, jamais é apenas um objeto de uso ou de consumo. É antes, um objeto simbólico, uma instituição e uma tecnologia aos quais a cultura pós-Gutenberg confiou a tarefa de armazenar e fazer circular praticamente todo o conhecimento considerado relevante. Como instituição, o livro representa uma forma de socialização que compreende todo circuito de produção e consumo: autores, editores leitores, críticos, comunidades interpretativas institucionalizadas" (p. 12-13)

Embora o livro tenha com o decorrer do tempo e do avanço tecnológico, perdido parte de seu espaço para o uso de outras mídias, sua história e sua eficiência pedagógica, são irrefutáveis o que garante sua permanência no cenário do ensino e da ciência sendo grande fonte da busca por informação.

Quando falamos em bibliografias digitais, inúmeras questões surgem, como: direitos autorais, veracidade de informações etc. Se torna muitas vezes, objeto de discussão as informações encontradas na internet, em banco de dados digitais, pois, como pensar a divulgação de trabalhos científicos, cujo propósito é gerar conhecimento e troca de informações, burocratizando-a e restringindo o seu acesso? Além disso, em caso de pesquisa e busca por subsídio teórico para realização de trabalhos científicos, deve o usuário estar

atento ao conteúdo acessado, uma vez que, as informações disponibilizadas podem apresentar erros em sua constituição.

Considerações finais

Em relação a tudo o que foi vivenciado durante todos os estágios e as atividades realizadas durante eles, somado aos trabalhos de pesquisa, é possível inferir o quão complexo é o papel do educador e seus desafios durante sua atuação profissional. O professor se encontra em constante tarefa de aprendizado na mesma medida em que ensina os desafios encontrados em relação ao ensino e ao perfil da classe em que atua se constituem uma fonte de estudos e busca por estratégias que correspondam ao que é designado pelas propostas curriculares.

Através do trabalho de pesquisa e as práticas realizadas durante as regências, foi possível atingir um maior estágio de compreensão, do futuro campo profissional, é inegável o crescimento proporcionado pelo aprofundamento nos estudos dos métodos de ensino e os impasses enfrentados pelas instituições de ensino e pelo docente.

O docente não se encontra totalmente preparado para o ensino quando conclui seu curso de formação, a competência para o ensino vem com a experiência e o uso de todos os recursos possíveis e disponíveis, somente pelo estudo e compreensão destes é que podemos ter profissionais competentes e que realmente serão capazes de fazer a diferença nas escolas.

Referências

AZEVEDO, Maria Cristina Stella P. **Ensino por investigação: problematizando as atividades em sala de aula.** Disponível em: <<https://www.books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=VI4DGUzL0j0C&oi=fnd&pg=PA19&dq=aulas+pr%C3%A1ticas+dific>

uldades&ots=ib6oa0t8Qm&sig=aZ6Vz14lzhOei8xmyeVpLbQnNqA#v=onepage
&q=aulas%20pr%C3%A1ticas%20dificuldades&f=false>. Acesso em 22 de abr.
2024

BRANDT, Claudia Sabrine; TORRES, Edson. **Evolução e paleontologia**.
Indaial: Uniasselvi, 2011.

CASTRO, César Augusto; SOUSA, Maria Conceição Pereira. **Pedagogia de
projeto na biblioteca escolar: proposta de um modelo para o processo de
pesquisa escolar**. Disponível em
:<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n1/v13n1a09>. Acesso em 12 de mai. 2024,

- A necessidade de se combater o bullying em sala de aula (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)

A necessidade de se combater o bullying em sala de aula

Andreia Rocha de Paula

Elizamar Padia

Gabriel Murpf

Silvio Rodrigues Szerwieski

RESUMO

O bullying é uma forma de violência física e psicológica que afeta negativamente o ambiente escolar e o desenvolvimento dos estudantes. Este artigo tem como objetivo discutir a importância de combater o bullying em sala de aula, destacando suas consequências para a saúde mental e social dos alunos, além de propor estratégias para prevenir e lidar com o problema. Através de uma revisão de literatura e análise de casos, conclui-se que o enfrentamento ao bullying deve ser uma prioridade no contexto escolar, exigindo a atuação conjunta de professores, gestores, alunos e famílias para a construção de um ambiente seguro e inclusivo.

Palavras-chave: Bullying. Violência escolar. Prevenção. Educação. Saúde mental.

Introdução

O bullying é um fenômeno que afeta negativamente o ambiente escolar e o processo de desenvolvimento dos estudantes. Caracterizado por atitudes de agressão física, verbal ou psicológica, repetidas ao longo do tempo, ele causa danos significativos à vítima, tanto em termos de autoestima quanto de saúde mental. Segundo Fante (2005), o bullying tem sido reconhecido como uma forma grave de violência escolar que interfere diretamente no aprendizado e na convivência entre os alunos. Diante desse cenário, este artigo busca discutir a importância de se combater o bullying em sala de aula, destacando as consequências dessa prática e as estratégias de prevenção e intervenção.

Desenvolvimento

O conceito de bullying

O bullying pode ser definido como um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, que visa intimidar, humilhar ou agredir uma pessoa que se encontra em uma posição de vulnerabilidade. De acordo com Olweus (1993), o bullying ocorre quando um aluno é exposto repetidamente a ações negativas por parte de um ou mais colegas, e essas ações podem ser físicas (agressões), verbais (insultos) ou psicológicas (ameaças, exclusão social). A vítima geralmente encontra dificuldades para se defender, o que perpetua o ciclo de violência.

Consequências do bullying para os estudantes

As consequências do bullying para as vítimas são profundas e duradouras. Estudos demonstram que o bullying pode levar ao desenvolvimento de problemas emocionais, como ansiedade, depressão e baixa autoestima, além de prejudicar o desempenho escolar dos alunos (ANTUNES; ZUCARELLI, 2010). Além disso, o bullying não afeta apenas a vítima, mas também gera um ambiente de medo e insegurança para os demais estudantes, que muitas vezes presenciam ou participam passivamente das agressões. No longo prazo, as vítimas podem desenvolver dificuldades de socialização, enquanto os agressores podem internalizar comportamentos violentos que se manifestarão em outras esferas da vida.

O papel da escola no combate ao bullying

A escola tem um papel fundamental na prevenção e no combate ao bullying. De acordo com Abramovay (2002), é responsabilidade das instituições educacionais promover um ambiente seguro e acolhedor, onde todos os alunos

possam se sentir respeitados e valorizados. O combate ao bullying deve envolver tanto ações preventivas, como a conscientização sobre o problema e a promoção de atividades que estimulem o respeito à diversidade, quanto ações reativas, que envolvem a intervenção direta em situações de agressão. Para isso, é importante que os professores e gestores estejam capacitados para identificar e lidar com casos de bullying, promovendo diálogos e intervenções eficazes.

2.4 Estratégias para a prevenção e intervenção

Existem diversas estratégias que podem ser implementadas para prevenir o bullying e lidar com suas consequências. Uma das medidas mais importantes é a criação de uma cultura escolar que valorize o respeito mútuo e a inclusão, onde a diversidade seja celebrada e não motivo de exclusão ou agressão (SMITH, 2016). Programas de conscientização, como rodas de conversa e atividades interativas, são eficazes para educar os alunos sobre os impactos do bullying e a importância de agir de forma solidária. Além disso, a participação da família é crucial para que as intervenções realizadas na escola sejam reforçadas em casa. O acompanhamento psicológico das vítimas e dos agressores também é recomendado, de modo a ajudar na reconstrução de vínculos e no desenvolvimento de estratégias de convivência saudável.

A importância de políticas públicas

Para que o combate ao bullying seja eficaz, é necessário que as ações escolares estejam alinhadas a políticas públicas que deem suporte a essa questão. A Lei nº 13.185/2015, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), estabelece que as escolas devem implementar medidas preventivas e corretivas para lidar com o problema. Além disso, os governos devem oferecer capacitação contínua para os educadores e

desenvolver campanhas educativas para sensibilizar a comunidade sobre o bullying e suas consequências.

Conclusão

O bullying é uma prática nociva que afeta a saúde física e mental dos estudantes, comprometendo seu desempenho escolar e suas relações sociais. O combate a essa forma de violência deve ser uma prioridade nas escolas, que têm a responsabilidade de criar ambientes seguros e inclusivos para todos os alunos. Para isso, é fundamental que educadores, alunos, famílias e gestores trabalhem juntos, implementando estratégias de prevenção e intervenção eficazes. Políticas públicas também são essenciais para garantir que o enfrentamento ao bullying seja abordado de forma sistêmica e contínua.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. Violências nas escolas. Brasília: UNESCO, 2002.

ANTUNES, Jussara; ZUCARELLI, Maria Aparecida. Bullying e violência na escola: análise de uma experiência de intervenção. São Paulo: Cortez, 2010.

FANTE, Cleo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas: Verus, 2005.

OLWEUS, Dan. Bullying at school: what we know and what we can do. Oxford: Blackwell, 1993.

SMITH, Peter. Bullying: effective strategies for long-term improvement. London: Routledge, 2016.

**- A necessidade de utilização de material didático em sala de aula
(Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues
Szerwieski)**

A necessidade de utilização de material didático em sala de aula

Andreia Rocha de Paula

Elizamar Padia

Gabriel Murpf

Silvio Rodrigues Szerwieski

RESUMO

O uso de materiais didáticos em sala de aula é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, facilitando a compreensão dos conteúdos e promovendo um ambiente interativo e dinâmico. Este artigo aborda a importância da utilização de diferentes tipos de materiais didáticos, como livros, tecnologias digitais e recursos visuais, destacando sua função como facilitadores no desenvolvimento cognitivo e na fixação dos conteúdos. Através de uma revisão bibliográfica, evidencia-se que a aplicação adequada desses recursos potencializa o aprendizado, tornando-o mais acessível e significativo para os alunos.

Palavras-chave: material didático, ensino, aprendizagem, recursos pedagógicos, sala de aula.

Introdução

O material didático desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem. Ele funciona como um suporte que auxilia professores e alunos na compreensão e na apropriação do conhecimento. No contexto atual da educação, a diversidade de materiais – como livros didáticos, recursos digitais e visuais – contribui para um ensino mais eficaz e adaptado às necessidades dos estudantes. Segundo Moran (2007), o uso de materiais didáticos, quando bem planejado, estimula o interesse dos alunos e facilita o processo de ensino, tornando-o mais dinâmico e interativo. Este artigo visa discutir a importância da utilização desses materiais em sala de aula e os benefícios que trazem ao ambiente educacional.

Desenvolvimento

O conceito de material didático

Material didático pode ser definido como todo recurso físico ou digital utilizado pelo professor para facilitar o ensino e a aprendizagem de determinados conteúdos. Para Libâneo (2013), os materiais didáticos vão além dos livros e apostilas, incluindo vídeos, imagens, slides, jogos educativos e plataformas digitais. Esses recursos são importantes porque permitem que os alunos visualizem e contextualizem o conhecimento, tornando a aprendizagem mais concreta e significativa.

A importância dos materiais didáticos no processo de ensino-aprendizagem

O uso de materiais didáticos adequados tem grande impacto no desempenho dos alunos. De acordo com Machado (2010), a utilização de diferentes recursos facilita a assimilação dos conteúdos, pois atende a diversos estilos de aprendizagem – visual, auditivo e cinestésico. Além disso, os materiais didáticos contribuem para uma aprendizagem mais ativa, em que o aluno é estimulado a participar e a construir seu conhecimento de maneira mais autônoma e crítica.

Materiais didáticos e novas tecnologias

Com o avanço das tecnologias digitais, o conceito de material didático tem se expandido. O uso de ferramentas como vídeos interativos, aplicativos educativos e plataformas de aprendizagem online tem se tornado cada vez mais frequente nas salas de aula (KENSKI, 2012). Esses recursos, quando usados de forma crítica e planejada, podem enriquecer o ambiente

educacional, tornando-o mais dinâmico e atraente para os estudantes. A tecnologia permite também que o professor personalize o ensino, adaptando materiais de acordo com o ritmo e as necessidades de cada aluno.

Planejamento e aplicação dos materiais didáticos

Para que os materiais didáticos sejam eficazes, é fundamental que o professor os integre de forma planejada ao currículo. Segundo Zabala (1998), o uso desses recursos deve estar alinhado aos objetivos pedagógicos, de forma a garantir que eles realmente contribuam para a compreensão dos conteúdos. Além disso, o professor deve ser capaz de mediar o uso dos materiais, garantindo que os alunos possam extrair deles o máximo proveito.

Conclusão

O uso de materiais didáticos em sala de aula é uma necessidade no contexto da educação contemporânea. Esses recursos são essenciais para a construção de um ensino mais interativo, dinâmico e adaptado às diferentes formas de aprendizagem. A integração de materiais diversificados, incluindo os recursos tecnológicos, potencializa a compreensão dos conteúdos e promove um ambiente mais estimulante para os alunos. Assim, conclui-se que o planejamento e a aplicação adequada de materiais didáticos são fatores decisivos para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Referências

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Papyrus, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MACHADO, Nilson José. Educação: competências e pesquisas. São Paulo: Escrituras, 2010.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas: Papirus, 2007.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

- Alfabetização e letramento: desafios das práticas docentes (Eloisa Pereira da Silva; Kamila Fernandes Marques da Silva; Keli Cristina Pereira da Silva)

Alfabetização e letramento: desafios das práticas docentes

Eloisa Pereira da Silva

Kamila Fernandes Marques da Silva

Keli Cristina Pereira da Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13760805

Resumo

O presente estudo aborda a importância da Alfabetização e Letramento nas Práticas Docentes. Por sua vez, tem como objetivo analisar a notabilidade de como esse processo ocorre no desenvolvimento da criança, frisando como é importante a família fazer parte desde processo de formação, e como o docente tem o papel fundamental na vida do aluno. Para a realização da mesma utilizou-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico com enfoque qualitativo. Através da mesma pode-se concluir que se torna necessário reconhecer que o processo alfabetizador apresenta interação com a língua, e que os discentes se tornam produtores e realizam um raciocínio sobre a escrita e a leitura. Desse modo, o professor deve estar aberto a proporcionar novas experiências para seus alunos fazendo uso de novas metodologias que venham contribuir com um processo de desenvolvimento e aprendizagem de qualidade.

Palavras-chaves: Alfabetização. Letramento. Família. Aprendizagem.

Abstract

This study addresses the importance of Literacy and Literacy in Teaching Practices. In turn, it aims to analyze the notability of how this process occurs in the child's development, emphasizing how important it is for the family to be part of this training process, and how the teacher has a fundamental role in the student's life. To carry out the same, a bibliographic research with a qualitative approach was used. Through it, it can be concluded that it is necessary to recognize that the literacy process presents interaction with the language, and that the students become producers and carry out a reasoning about writing and reading. In this way, the teacher must be open to providing new experiences for their students using new methodologies that will contribute to a quality development and learning process.

Keywords: Literacy. Literacy. Family. Learning.

Introdução

Este trabalho tem como o tema Alfabetização e Letramento nos Desafios das Práticas Docentes, e busca compreender dúvidas que se pode encontrar no decorrer da alfabetização visando esclarecer qual a diferença da alfabetização e letramento e como alguns ensinamentos priorizam esta ação, é um assunto que por muitas vezes não se tem muito conhecimento, o processo da alfabetização é contínuo e deve ser uma preocupação constante da comunidade escolar, através desse estudo podemos visualizar que são dois tipos de processos distintos que se tornam indispensáveis na escola nesse processo de aprendizagem, essas ações são atividades indissociáveis. O alfabetizar e o letrar no qual cada um se coincidem, pois, são execuções que andam de forma conjunta. Por meio de diversas pesquisas na área da linguagem a alfabetização não é vista como ilógico, ela envolve um processo de conhecimentos que abrangem e transformam a sociedade. Através desse desenvolvimento entra a condição de letramento, que assume conhecer e aprender o mundo letrado. Como docentes devemos ter capacidade e formação para comprometer-se a formar indivíduos, com ações e ideias de transformação garantindo que todos conquistem seus direitos a educação qualificada. Antes para ser alfabetizado se reduzia a ler e escrever o próprio nome, atualmente, com os estudos e conhecimentos e a transformação, é considerado que haja conhecimento de mundo, interpretando e compreendendo. Através desse desenvolvimento entra a condição de letramento, que assume conhecer e aprender o mundo letrado. As crianças estão em processo de alfabetização e letramento desde o momento que elas nascem porque já nascem em um mundo letrado, quanto, mas experiências leitoras que a criança tiver desde o nascimento, mas ela irá entrar em um processo de letramento com o mundo. Segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. A autora defende que o aluno precisa alcançar níveis de alfabetização, e que faça parte da realidade dela. Os objetivos específicos desta pesquisa são: Identificar quais os meios necessários nessa prática usada pelos docentes? Conhecer como as escolas funcionam neste processo? Reconhecer os diferentes

métodos de alfabetização? O professor é o principal mediador é essencial e de suma importância para a vida dos alunos buscar entender como é de fato quais as diferenças de letramento e alfabetização é de grande importância já que sabemos que são indissociáveis, porém são ações que tem significados diferentes, cada um tem sua especificidade. Desse modo, pontuar como a alfabetização e letramento contribui no desenvolvimento da criança são fatores que buscam entender que o letramento não é só ler e escrever, está muito além do progresso social e individual. Assim sendo, esse fator de buscar uma maior compreensão sobre as dúvidas que se pode encontrar no ato e analisar esta ação de conhecimentos buscou-se encontrar e identificar quais os meios necessários nessa prática, conhecer como as escolas funcionam neste processo e reconhecer os diferentes métodos de alfabetização. O presente artigo está estruturado da seguinte forma. No primeiro título aborda sobre: A diferença entre Letramento e Alfabetização, que identifica como a aprendizagem ocorre nessas duas ações. No segundo título explica como ocorre o processo da alfabetização no meio escolar, neste tópico explica que a leitura é um dos principais meios para a alfabetização, e como deve ser estimulado na Ensino Fundamental. Já no terceiro título destaca sobre as Etapas da Alfabetização que são as fases que acontecem o desenvolvimento nesse processo. Já no penúltimo relata quais os desafios das práticas do Docente na Alfabetização, percebe-se neste título o quanto os docentes encontram desafios na sua docência. E no último descrevendo sobre: A importância da família no processo da Alfabetização.

Desenvolvimento

Diferença entre Letramento e Alfabetização

A palavra letramento é uma tradução para o português da inglesa literacy que pode ser traduzida como tipo de ser letrado. O letramento é a condição de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura de mundo e

escrita, além da aprendizagem das letras e símbolos escritos é produzir significados e sentidos, por meio da interpretação. Segundo Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” De acordo com a autora letrar é, mas que só saber ler e escrever, é o desenvolvimento de habilidades para poder perceber quais são os elementos contidos na leitura e escrita. Muito antes de aprender a ler a criança traz uma bagagem de autoconhecimento de casa desde valores até como conhecimentos prévios, e quando são inseridas no ambiente social são estimuladas a decifrar a oralidade, que se dá por meio da interação com outras pessoas, na medida que elas crescem percebem que tudo ao seu redor tem significado, é então que se inicia o processo de leitura de mundo e interpretação no meio em que estão inseridas. A escola é a principal responsável por colocar em prática esse aprendiz devendo cumprir seu propósito e conhecimento. A alfabetização é um conceito mais amplo, onde a criança consegue codificar elementos que compõem a escrita, é então que o educando deve ser alfabetizado ao mesmo tempo em que é letrado.

O letramento é a ação de um indivíduo capaz de se informar e desenvolver práticas do seu uso em contextos sociais, ou seja, contato com seres humanos e características sociais que moldam a vida em sociedade. Pois uma das preocupações de grandes pesquisadores e estudiosos são a respeito de que o sujeito alfabetizado nem sempre é letrado cita Soares:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita (SOARES, 1998, p. 40).

Nesta perspectiva não basta o aluno estar alfabetizado, ele precisa ser letrado para atuar como um sujeito ativo na da sociedade em que está inserido. Alfabetizar e letrar são práticas que precisam ser desenvolvidas juntas, são um processo contínuo que se constitui conforme a criança se desenvolve. Sendo assim, a alfabetização desenvolve a aprendizagem das letras e símbolos escritos, o letramento se ocupa da função social de ler e escrever. Ferreiro, cita que

“aprender a ler e escrever, em uma sociedade letrada, tem significado de apropriação de poder, de um instrumento que permite participar na sociedade como um cidadão pleno, e não como cidadão pela metade”. (1990, p.69). Portanto, a alfabetização vai se caracterizando e moldando a aprendizagem do aluno a aprender com o auxílio do professor no espaço social, que é formada por descobertas constantes. O governo federal em 2012 criou um programa chamado PNAIC- (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) que estabelece uma meta que crianças até o 3º ano do ensino fundamental sejam alfabetizadas, os docentes que são alfabetizadores recebem formação continuada para poderem ter preparação de atender essas crianças. Atualmente com base nos dados do PNE, as crianças de até 4 anos de idade do ensino fundamental devem ser alfabetizadas até 2024, além disso o programa é uma lei com vigência desde 2014, é que tem 20 metas estabelecidas até em 2024. Este programa tem como objetivo de alfabetizar todas as crianças até o final do 3º ano do ensino fundamental, elevar taxas de alfabetização da população com até 15 anos ou mais para 93,5%.

Como ocorre o processo da alfabetização no meio escolar

Na educação infantil é trabalhado com as crianças o processo de desenvolver capacidades social, emocional, a fala, língua desenvolvimento de habilidades físicas e motoras, cognitivas e psicomotoras entre outros. Isto se torna necessário pelo fato de quando a mesma chegar no ensino fundamental para se alfabetizar as crianças esteja preparada para a alfabetização, nesse embalo começam a compreender os sons e a observar as palavras. Desse modo, já se encontram a caminho da alfabetização, é no ambiente escolar que a alfabetização de crianças de fato começa a ser desenvolvida. Neste instante a aprendizagem começa no brincar, e é brincando. A criança letrada tem a capacidade de interpretar e produzir conhecimentos, ou seja, ele tem de acontecer antes da alfabetização sendo assim ocorrendo a sua formação. Segundo Ferreiro (1996, p. 24) “O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.” A autora cita que as práticas sociais são um conjunto de ações em um modo de conviver na sociedade, com uma esfera que as crianças se expressam conforme a sua realidade e vivências. Ferreiro afirma que “nenhuma prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o

processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem” (2000, p.31). O professor não pode, então, se tornar um prisioneiro de suas próprias convicções; as de um adulto já alfabetizado. Para ser eficaz “deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é nada fácil” (Ferreiro, 2000, p.61). As práticas de ensino variam de profissionais, pois alguns formadores da educação entendem que há uma técnica para alfabetização e métodos, e sim há uma técnica, desse modo cada profissional ira se adequar de forma a adquirir um meio para trabalhar com seus alunos. Por outro lado, a educação brasileira compreendeu que o termo letramento não é só desenvolver a leitura e escrita, o papel do professor vai muito além disso, é fazer as crianças a praticarem a leitura envolvendo em práticas sociais. Porém, atualmente a alfabetização das crianças sofreram uma crise, por conta da nova doença Covi-19 que causou colapso no mundo todo, principalmente na rede escolar, tudo começou no ano de 2020, antes a educação já era um desafio no Brasil, e agora tudo complicou, no momento presente as últimas pesquisas apontam que dados de alunos do 3º ano do ensino fundamental não alcançaram o nível de alfabetização, com o quadro da pandemia esses números só decaíram.

Os profissionais da educação buscam apoio de programas como o MEC, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), que é voltado para crianças jovens e adultos, este programa e uma porta para a cidadania, para buscar o despertar da leitura. Segundo o autor Vygotsky, a criança necessita de atividades específicas que proporcionam o aprendizado, pois seu desenvolvimento é dependente dessa aprendizagem por intermédio das experiências e interações em que foi submetida. O professor é mediador desse processo, por ser o mais experiente e planejar suas intervenções em sala de aula. A autora Ferreiro aponta:

Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram a alfabetizar muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar-se da escrita. (Ferreiro, 1999, p.23)

A autora cita que algumas crianças já vêm com uma bagagem de casa por conviver pelo fato de já vivenciar em um mundo letrado, sendo assim esse grupo são facilmente alfabetizáveis, que estão no processo constante conhecimento. É na escola que tudo isso será vivenciado onde a criança irá inserir todas suas ações e vivências no mundo em que está inserida, a alfabetização começa através de experiências. De acordo com a teoria do autor Vygotsky, que é interacionista, ou seja, através da interação com outros indivíduos se dá o desenvolvimento e conhecimento. A cada dia estamos evidenciando nas escolas a importância de se trabalhar bem as a crianças na alfabetização, por muito tempo as pessoas acreditavam que para ser alfabetizado era saber formar sílabas e formar palavras, na época se aprendia por sons e repetições, e haviam cartilhas nas escolas, este método era chamado de sintético que basicamente é forma fonética e silábica, de modo que a dedução é a melhor maneira de dominar a leitura e que a aprendizagem da escrita se dá por meio de um processo que atente para essa característica. As cartilhas eram parte da alfabetização nos anos 70 e 80. Soares (2003) considera que a alfabetização é a aprendizagem da técnica, domínio da escrita, da leitura e da relação que existe entre grafemas e fonemas, assim como dos diferentes instrumentos de escrita. Ou seja, é um processo que vai muito além de decodificação de letras e sílabas. O autor Soares cita que a alfabetização ocorre de forma de sons de letras, isto é, um processo que vai muito além de decodificação de letras e sílabas. Através de diversas pesquisas na área da linguagem a alfabetização não é vista como ilógico, ela envolve um processo de conhecimentos que abrangem e transformam a sociedade. Como docentes devemos ter capacidade e formação para comprometer-se a formar indivíduos, com ação e ideias de transformação garantindo que todos conquistem seus direitos a educação qualificada. Antes para ser alfabetizado se reduzia a ler e escrever o próprio nome, atualmente, com os estudos e conhecimentos e a transformação, é considerado que haja conhecimento de mundo, interpretando e compreendendo. As práticas do alfabetizador são essenciais é uma das tarefas mais difíceis na alfabetização é planejar e produzir atividades em

atender alunos em diferentes fases de aprendizagem, de fato o aprendizado vem antes do ensino no sentido de que antes de a escola se propor a ensinar já houve muito aprendizado por parte do aluno. De acordo com Freire,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo". (FREIRE, Paulo – Abertura do Congresso Brasileiro de Leitura – Campinas, novembro de 1981)

O autor Paulo Freire refere-se, sobre a leitura de mundo que o indivíduo já traz consigo antes de ser alfabetizado, ele já tem consigo um conhecimento prévio da leitura de mundo partindo da realidade em que ele vive. Desta maneira essa criança quando for alfabetizada terá mais facilidade de aprender.

Etapas da Alfabetização

O processo da alfabetização só funciona juntamente com o letramento com experiências prévias e conhecimento de mundo. A autora Emília Ferreiro é uma estudiosa da alfabetização, ela aborda no livro psicogênese da língua e escrita, que as crianças passam por quatro processos de níveis de alfabetização. Sendo eles: Pré-silábico: som e visão, ou seja, a criança percebe que a escrita está relacionada a fala, porém não corretamente. Silábico: método alfabético, é quando a criança entende a escrita e fala, e começa a fazer rabiscos para interpretar à sua maneira. Silábico-alfabético: palavração sentencição, ela começa a descobrir que a sílaba é formada por mais de uma letra. Alfabético: fônico, acontece quando a criança representa o valor da escrita e fala corretamente conhecendo todos os fonemas. Moraes, Albuquerque e Leal (2005) propõe para cada nível uma atividade de consciência fonológica que ajudam os educandos a avançarem em suas hipóteses.

Segundo Ferreiro (1996, p.24) desse modo, cada idade passará por fases e assim alcançado os níveis necessários para ser alcançado as hipóteses. Magda Soares cita é o “conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua e práticas sociais e necessários para uma participação ativa e competente na cultura escrita”. Para uma criança superar o realismo nominal, quer dizer que é uma característica do pensamento infantil atributo presente no nível de hipótese pré-silábica, e percebe que a palavra boi é menor que a palavra formiga é essencial que ela reflita sobre sua fala com a mediação do professor no trabalho com os fonemas. Com isso o estudante atinge a hipótese silábica, no qual definirá uma letra para cada sílaba da palavra, buscando o avanço para o nível de hipótese alfabética, o docente pode usar letras recortadas para proporcionar reflexão sobre a quantidade de sons e letras nas sílabas. Portanto, “para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência de partes sonoras das palavras” (MORAIS; ALBUQUERQUE; LEAL, 2005, p.87). É importante que o professor esteja preparado para cada nível que o aluno irá desenvolvendo conforme o tempo, e se aprimorando com novas metodologias e métodos de ensino favorecendo o aluno. O primeiro passo é fazer que a criança relacione os sons das letras com o alfabeto, elaborando atividades para que a mesma relacione estratégias concretas, para soluções de problemas. No segundo passo a criança deve ser capaz de diferenciar as letras, é entender que algumas letras podem ter o mesmo som, por exemplo: Ka ou Ca, entretanto o professor deve fazer que a criança compreenda suas diferenças. Por isso a importância da formação continuada o professor precisa estar em constante preparo, além de tempo que o mesmo precisará para alfabetizar o indivíduo, que está em formação de conhecimento. As etapas da alfabetização podem parecer simples para quem já sabe ou conhece, mas para uma criança é tudo difícil e novo, no decorrer de seu aprendizado podem aparecer alguns obstáculos e dificuldades que pode estar ligado a vários fatores, desde as dificuldades de aprendizagem ou a falta de apoio da família, falta de preparação qualificada dos docentes. São estes inúmeros fatores que podem atrapalhar o seu conhecimento. Desse modo a aprendizagem do

sujeito, passa por situações diversas, que é relacionada com desenvolvimento em o contato com o meio social, é a partir daí que uma palavra pode ter sentidos diferentes através do ambiente em que ele vivência. Cada criança detém a ter interações diferentes, ou seja, com código escrito, quando as palavras são transmitidas de forma mais rápida na modalidade oral. É por isso que ressalta a importância de que as crianças estejam em contato social da leitura e escrita, conhecendo sua função coletiva. A base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Base Nacional (LDB) (9395/96) a criança deve ser inserida no ensino fundamental com idade de 6 anos de idade, deve ser obrigatório e gratuito nas redes públicas de ensino tendo em vista a concepção a alfabetização. Segundo a BNCC o processo de alfabetização ocorre no 1º ano do ensino fundamental, ou seja, o que a criança aprendeu na Educação infantil deve ser colocado em prática no Ensino Fundamental nos primeiros anos iniciais, o objetivo nessa fase é fazer que as crianças aprendam a seguintes fases: Oralidade, Análise linguística, leitura e produção de texto. Uns dos grandes objetivos da alfabetização é despertar o prazer pela leitura e o escrever, assim sendo o professor deve ensinar vogais e sílabas inserido conteúdo de um contexto real e letrado em que o aluno vive e que traga significado, para que ele mostre interesse pelo conhecimento, é importante manter o lúdico nessa fase. As pesquisas da BNCC afirmam que a alfabetização deve ocorrer até o terceiro ano do ensino fundamental, o papel do professor de formação de novos leitores e possibilitar momentos prazerosos para que seus alunos desenvolvam essas habilidades e gosto pela leitura.

Quais os desafios das práticas do Docente na Alfabetização

Não é fácil ser professor nos dias atuais são muitos obstáculos que ocorrem prejudicam o desenvolvimento do nosso trabalho e, conseqüentemente, a aprendizagem dos nossos alunos. Os desafios das práticas dos docentes alfabetizadores não é um problema recente, e vem sendo pautado há muito tempo. A grandes números de crianças inseridas nas

redes públicas com categorias comuns ou sejam baixa que não conseguem obter um bom êxito escolar. O educador precisa entender seu aluno e estar atento ao ato do seu desenvolvimento, e fazer que o mesmo possa aprender e ter igualdade como todos. E neste processo de alfabetização acontecer de forma clara é preciso que a criança seja letrada, devendo acontecer antes na entrada da escola com relações familiares, atividades simples do dia a dia, por exemplo: passeios com contato com imagens e ícones, higiene e alimentação. A alfabetização é um desafio tanto para o professor quanto para o aluno, mesmo que o ensino pareça simples, há muitos desafios. Dentre essas razões as muitas dificuldades dos docentes é alfabetizar e letra ao mesmo tempo, isso faz que muitos professores repensem o conceito de que não basta só o aluno aprender a ler, é preciso que ele tenha condições de usar linguagem em todas as práticas sociais. Para Pastorelli (2012) o tradicional conceito de alfabetização, em que os alunos deveriam dominar as habilidades de leitura e escrita de forma mecânica, sem a preocupação com a capacidade de interpretar, compreender, criticar se contrapõe ao letramento e que este apresenta-se por meio de um processo em que o ensino da leitura e da escrita ocorre mediante ao contexto social e que essa aprendizagem passa ser significativa na vida dos alunos de maneira efetiva, ou seja as habilidades adquiridas na escola passam a fazer parte das relações comunicativas dos indivíduos. Nesta citação o autor aponta que é importante que o educador saiba que a alfabetização deve ser trabalhada com as crianças na forma de interação que dessa forma as crianças aprendem dominar a capacidade de se expressar e compreender o mundo. Uns dos fatores que dificultam são a falta de apoio da família, são casos de alunos sem apoio sem acompanhamento que nessa fase é muito importante este apoio. Outro fator são superlotação nas salas de aula a algumas escolas contém 30 crianças em uma sala, contando que sempre em uma sala de aula pode ocorrer de haver crianças com, mas dificuldades outra com um tipo de delimitação. Se tivesse uma auxiliar para cada turma de alfabetização e com números de alunos reduzidos seria melhor ainda seu aprendizado. Esses são uns dos grandes obstáculos enfrentados pelos profissionais da área de educação que na maioria das vezes são difíceis

e desgastantes. Nos dias atuais percebemos o impacto que a pandemia nos deixou, que começou no ano de 2020, as escolas tiveram que fechar a portas e buscar outros meios para permanecer em contato com os alunos e famílias, conforme aponta Monteiro (2020). E então foi inserido aulas remotas, e apostilas para os alunos, mediante disso o papel da família foi de extrema importância. Diante disso precisamos valorizar que os professores são essenciais para que a roda da nossa sociedade funcione e são os responsáveis por transmitir conhecimentos e formar cidadãos do bem.

Importância da família no processo da Alfabetização

Os pais procuram dar o melhor que tem e o máximo para seus filhos, para favorecer o seu desenvolvimento, a família é a primeira instituição social da criança é a onde a mesma inicia sua socialização, preocupasse com o bem-estar e saúde dos seus pequenos, um ambiente de inter-relacionamento afetivo e estimulante para a criança, nos primeiros anos, favorece seu desenvolvimento cognitivo. É importante que os pais entendam que a alfabetização de fato é a base do processo educativo para a vida inteira. Quando a criança é inserida em um ambiente fora da sua casa, ou seja, em um ambiente escolar ela tem a oportunidade de conviver com outras crianças da sua idade e aprender fortalece as habilidades que lhe são exigidas como condição de sucesso nos anos escolares. A escola é fundamental na atividade de alfabetização infantil, a presença da família é de grande importância, para que tenha uma boa relação entre em casa e escola. Seguramente, quanto maior a participação da família no ensino, melhor a criança ficara interessada no aprendizado. Desse modo, devemos destacar no ponto em que a escola é o espelho de casa, ou seja, as relações da família são essenciais no comportamento da criança na presença do professor e os colegas da classe, o ambiente escolar deve ser um lugar acolhedor, alegre e estimulante para a criança que está na fase de preparação para alfabetização. As crianças muitas das vezes se espelham nos pais, é importante que as famílias estejam prontas

para incentivar na alfabetização e principalmente mostrar que todos se interessam por leitura e escrita, e tornar a importância dessa habilidade para a vida. A escola e a família juntas, levam o sujeito a evoluir via a educação, esse processo deve ser conteúdo com êxito, pois as crianças necessitam de uma estrutura física, mental, social e emocional, o dever da escola é formar um ser de forma completo. Dentro desse conceito, encontramos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) o Art. 2º, que descreve a garantia desse direito:

A educação, é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nas ideias de solidariedade humana, tem por finalidade, o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil 1996, s.p).

De acordo a lei LDB, as parcerias das instituições são indispensáveis para o preparo e formação do futuro da criança que deve ser inspirada em liberdade, formando o com qualidade eficiência. A escola é um dos lugares que possuem uma maior influência sobre as crianças, entretanto podemos perceber uma interação que promove um constante aprendizado como afirma Munhoz (2005, p.180),

... é observando a interação existente entre os membros da família que podemos compreender como se dá a circulação do conhecimento e o acesso a aprendizagem, visto que cada membro familiar tem uma forma própria de aprender e superar ao construir o próprio conhecimento, ou seja, essa modalidade de aprendizagem que o permite se aproximar do desconhecido, para agregá-los ao saber.

O autor acima cita que o conhecimento e aprendizagem de cada ser é diferente que cada um tem sua forma de aprender e construir. “É na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir, seu mundo adquire significado e ela começa a construir-se como sujeito” (SZYMANSKI, 2010, p. 22). O autor menciona que é na família que a criança tem seu primeiro contato e através desse convívio que dirá de certa maneira facilitar ou não, em sua inserção no meio escolar. “Sabemos que

inicialmente, o desenvolvimento da linguagem escrita ou processo de letramento da criança é dependente por um lado, do nível de letramento da instituição familiar a que pertence” (ROJO, 1998, p.123). De fato, depende de fatores como ideologia e escala social de onde essa criança vem, pois sabemos que cada aluno traz consigo uma bagagem de conhecimento, geralmente esse aprendizado vem de casa do convívio com a família o qual está inserido. A escola tem o dever de atender as crianças com um ambiente acolhedor, é primordial nessa fase em que estão sendo alfabetizadas, a família tem o papel de grande relevância nessa fase. Segundo leite:

Para o indivíduo tornar-se letrado, não basta apenas o convívio com a escrita no ambiente familiar. Atualmente, somente a família não atende as demandas sociais do uso da escrita; é preciso que a escola contextualize o uso da escrita no e a partir do cotidiano. (LEITE, 2008, p.66)

De acordo com o autor, o indivíduo precisa estar inserido no meio escolar para que haja um aprendizado, mas completo. “O que ambas as instituições têm em comum é o fato de prepararem os membros jovens para sua inserção futura na sociedade e para o desempenho de funções que possibilitem a continuidade na vida social” (SZYMANSKI, 2010, p.98). A escola tem a função de preparar esses sujeitos para serem inseridos na sociedade, tornando cidadão do bem. A família pode apoiar a criança a praticar a leitura, pois em volta dos 3 anos ela já consegue fazer leitura de imagem, os pais podem ler livros fazendo assim ir despertando o gosto pela leitura. Pois na LDB (2004, p.27) afirma que;

Art.2º. A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A LDB afirma que a família tem papel bastante importante na aprendizagem da criança, que está ligada diretamente no papel da escola, sendo assim a família é a primeira educadora da criança responsável pelos primeiros atos dela.

Metodologia

Para a realização da presente pesquisa utilizou o método bibliográfico de abordagem qualitativo baseando-se em livros, artigos, dissertações e leituras

de diferentes obras de autores, e tem como tema principal como compreender como ocorre a alfabetização nas práticas dos docentes, e pontuar como a alfabetização e letramento contribui no desenvolvimento da criança. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Esse tipo de pesquisa preza o estudo detalhado e que envolvam de fato evidências baseadas em dados visuais e concretos. Minayo (1994, 2000) diz que a pesquisa qualitativa responde a questões particulares, enfoca um nível de realidade que não pode ser quantificado e trabalha com um universo de múltiplos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. De acordo com a autora ela defende que qualquer investigação social deveria contemplar uma característica básica de seu objeto, que é o aspecto qualitativo.

Conclusão

Através desse estudo pode se concluir, que a alfabetização e letramento deve ocorrer juntas, visto que é necessário alfabetizar na concepção do letramento, compreende-se que é um desafio constante no meio escolar. A escola e a família formam um meio essencial para uma adoção de boas práticas pedagógicas. Com uso de novas metodologias e técnicas deve ser repensada na hora da docência, sempre se preocupando para a melhoria no meio de aprendizagem do aluno. É fundamental que os professores consigam motivar seus alunos para serem inseridos no mundo letrado.

Conforme Moran (2008)

A escola precisa reaprender a ser uma organização efetivamente significativa, inovadora, empreendedora. A escola é previsível demais, burocrática demais, pouco estimulante para os bons professores e alunos. Não há receitas fáceis, nem medidas simples. Mas essa escola está envelhecida nos seus métodos, procedimentos, currículos. A maioria das escolas e universidades se distanciam

velozmente da sociedade, das demandas atuais. Sobrevivem porque são os espaços obrigatórios e legitimados pelo Estado. [...]

Assim podemos refletir que a educação tem a finalidade que todos tenham acesso gratuita e de qualidade para todos, mesmo que a alfabetização e o letramento ocorrem em sentidos diferentes se deve haver progressão inicial da língua da escrita, em que a criança deve ter domínio da leitura e escrita.

Referências

Artigos

A importância da parceria FAMÍLIA E ESCOLA. Escrito por Margaret Loureiro. LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei nº 8.069/90. Brasília: MEC, 2004.

Duarte, Karina. Rossi, Karla. O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. Publicado em: 11 de janeiro de 2008.

FERREIRO, Emilia. Com Todas as Letras. São Paulo: Cortez, 1999. 102p v.2.

MINAYO, M.C.S. O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MUNHÕES, Maria Luiza Puglisi. Educação e família: uma visão psicopedagógica sistêmica. In: Psicopedagogia: contribuições para a educação pós-moderna. Petrópolis: Vozes; São Paulo: ABPp, 2005.

SOARES, Magda. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda, Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

Livros

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: . (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões Sobre Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2000. 104p.

Sites

Alfabetização. MEC/Inep/DAEB/ANA. Publicado no ano de 2020. Disponível em: <<https://www.observatoriodopne.org.br/meta/alfabetizacao>> Acesso em: 30/03/2022

Mec. Disponível em: <www.portalmec.gov.br>. Acesso em: 30/03/2022

NILMA GUIMARÃES. Afinal o que é letramento? 1º de janeiro de 2009. Disponível em:<<https://educacao.uol.com.br/planosaula/ult3900u67.jhtm#:~:text=Atualmente%20a%20defini%C3%A7%C3%A3o%20mais%20difundida,modo%2C%20letramento%20seria%20resultado%20ou>> . Acesso em: 27/03/2022

GILMARA P. M. T. OS DESAFIO DE ALFABETIZAR NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO. Publicado em: 25/11/2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/alfabetizar-na-perspectiva>>. Acesso: 16/05/2022.

Educação Pública. Desde 2001^a sérico da Educação disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/15/24/relao-familia-escola-peculiaridades-divergncias-e-concordncias-no-processo-ensino-aprendizagem>> acesso em 16/05/2022.

Monografias, teses e dissertações

GISELDA M. A. M. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: As práticas de leitura como recurso para alfabetização. (Profletras) - Universidade Estadual de Londrina-PR.

- Aprendizado em pares (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti)

Aprendizado em pares

Tatiane Alves Lucchetti⁵

Luciene Lécia Lucchetti

DOI: 10.5281/zenodo.13773298

RESUMO

A educação contemporânea precisa acompanhar as transformações ocorridas na sociedade nos aspectos econômico, social e cultural e principalmente avaliar o crescente desenvolvimento tecnológico que impactam diretamente no ensino aprendizagem. A proposta do artigo é discutir como as pessoas mudaram a forma de ler o mundo com os diferentes recursos tecnológicos digitais e como o aprendizado em pares tem sido importante nas aulas presencial e online e como estão sendo utilizados em nosso cotidiano, diante da facilidade com que as informações chegam até nós. O presente paper foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica, através do levantamento e análise de diferentes ideias trazidas por artigos, livros e sites que tratam da temática apresentada. Restou claro que o aprendizado em pares e a metodologia presencial e online se torna relevante quando aliada à educação, promove a produção de saberes, valores, crenças e paradigmas dos autores envolvidos neste processo, de modo colaborativo democratiza o acesso à informação e ao conhecimento e potencializa a emancipação social.

Palavras-chave: Aprendizado. Aulas. Pares. Presencial e Online.

ABSTRACT

Contemporary education needs to monitor the transformations occurring in society in economic, social and cultural aspects and mainly evaluate the growing technological development that directly impacts teaching and learning. The purpose of the article is to discuss how people have changed the way they read the world with different digital technological resources and how learning in pairs has been important in face-to-face and online classes and how they are being used in our daily lives, given the ease with which information reaches us. This paper was carried out through bibliographical research, through the survey and analysis of different ideas brought by articles and books and websites that deal with the topic presented. It remains clear that peer learning and face-to-face and online methodology become relevant when combined with education, it promotes the production of knowledge, values, beliefs and paradigms of the authors involved in this process, in a collaborative way it democratizes access to information and knowledge and enhances social emancipation.

Keywords: Apprenticeship. Classes. Pairs. In person and online.

⁵ Pedagogia. Psicopedagogia. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. tatianeluccheti@gmail.com

Introdução

O momento em que vivemos vem sendo marcado por uma verdadeira revolução tecnológica. Essa realidade desafia o professor, pois a cada dia surgem novas possibilidades de aprendizagens, nos aspectos social, cultural, econômico. Diante disso, faz-se necessário que o professor construa novas habilidades, adaptando os recursos digitais à sua prática pedagógica onde, alunos e professores estarão diante de uma nova forma de ensinar e aprender, criando espaços de aprendizagem. Este paper pretende contribuir com a reflexão da prática pedagógica através da integração da atividade em pares, a apropriação dos recursos digitais no processo de ensino aprendizagem. Pretende-se ainda verificar como ocorre o uso dos recursos tecnológicos no cotidiano presencial e online nas instituições de ensino. Diante do interesse dos educadores e educandos pela melhoria da qualidade de ensino e conseqüentemente a gama de informações que estão disponíveis nos meios de comunicação e informação, a educação precisa acompanhar a modernização em seus mais amplos aspectos, mesmo que de forma moderada, avaliando os impactos e resultados obtidos no decorrer do processo de ensino aprendizagem. Esta pesquisa tem como objetivo geral refletir sobre a aprendizagem em pares em relação a educação e sua relação com os recursos tecnológicos no universo da sala de aula, presencial e online, consolidando os conceitos de tecnologia apresentados na primeira seção deste artigo e o uso dos recursos tecnológicos digitais no cotidiano escolar, contrapondo-se com a interpretação que os diversos pesquisadores têm observado a respeito do tema e as sugestões apresentadas para que professores, alunos e instituição possam produzir novas expectativas para o futuro.

Aprendizado entre pares

Normalmente quando tratamos de um assunto como tecnologia, logo pensamos em aparelhos digitais, porém a tecnologia vai muito além desse conceito. Não podemos nos abster em pensar em tecnologia somente o que é novo ou digital, a tecnologia começou a ser implantada ao longo da nossa evolução. Diante das necessidades básicas de sobrevivência, o homem vinha adaptando ferramentas e utensílios para seu uso diário, um bom exemplo disso, foi a descoberta do fogo, quando ele necessitou de cozinhar os alimentos para consumo. Portanto, toda nova tecnologia é fruto das necessidades de uma nova sociedade.

Segundo Karasinski, 2013 com tantas abordagens sobre o assunto, vale destacar as diferentes áreas do conhecimento; para os que trabalham com computadores, a tecnologia envolve o desenvolvimento de aparelhos que lidam com a distribuição da informação de forma cada vez mais veloz, envolvendo um grande número de pessoas e realizando recursos cada vez mais avançados; já para um biólogo, por exemplo, a tecnologia envolve a criação de ferramentas que facilitem o estudo das células e da evolução animal e vegetal. Contudo, se pensarmos em um arqueólogo, este poderá conceituar a tecnologia sobre a evolução das ferramentas que permitem o estudo de elementos históricos.

A instrução entre pares, também conhecida como aprendizado entre pares, é uma abordagem educacional na qual os alunos colaboram entre si para alcançar objetivos de aprendizado comuns. Em vez de depender apenas do professor como fonte de conhecimento, os alunos trabalham juntos, muitas vezes em pequenos grupos, para compartilhar informações, discutir conceitos, resolver problemas e ensinar uns aos outros. Heppner (2007), assim como Stanley e Porter (2002), propõem soluções de auxílio aos professores para trabalhar em grandes classes: dividi-las em turmas menores e promover discussões entre grupos são ideias que proporcionam resultados satisfatórios.

Esse método promove a participação ativa dos alunos no processo de aprendizado, ajudando-os a desenvolver habilidades de pensamento crítico, comunicação e colaboração. Além disso, permite uma personalização do

aprendizado, pois os alunos podem receber feedback imediato de seus colegas e adaptar suas abordagens de aprendizado conforme necessário.

A instrução entre pares é comumente utilizada em uma variedade de contextos educacionais, desde salas de aula tradicionais até ambientes de aprendizado online, e pode ser implementada em uma variedade de disciplinas e níveis de ensino.

Para se ter uma boa aprendizagem entre pares o primeiro passo do docente é estar realizando o planejamento da tarefa, é nessa etapa que o objetivo esperado com a atividade proposta é definido, em seguida, o docente pode estar apresentando leituras prévias para que sejam feitas pela turma, esse estudo prévio pode ser feito incluindo os conteúdos de multimídia, enriquecendo o aprendizado. César et al (2017) enfatizam que a utilização dessas metodologias motiva os alunos a obterem seu próprio processo de aprendizagem, favorecendo a busca de informações para a resolução de problemas profissionais do dia a dia além de mudanças no modo de agir e pensar. Na de preparação, o professor pode testar o conhecimento que os alunos já possuem e entrega feedbacks com solução de dúvidas acerca do tema estudado, lembrando que os testes aplicados devem ser individuais e em grupos. Mitre et al (2008) corroboram ao afirmar que a educação não é o resultado de um depósito de conhecimento, mas uma troca em que deve-se valorizar a participação coletiva, a reflexão, a criticidade, o reconhecimento do contexto. Assim pode ser apontado pelo professor situações reais e relevantes relacionadas ao conteúdo estudado. Em seguida, a turma é dividida entre pares (ou times) e as equipes devem discutir entre si a situação proposta, com posterior apresentação dos registros levantados.

Metodologia em aulas online e presencial

Diante das mudanças tecnológicas que vem ocorrendo as atividades e ações improváveis e impensáveis, hoje se tornaram atividades corriqueiras que até a algum tempo não se faziam tão presentes no cotidiano das pessoas,

porém com os recursos digitais essa realidade mudou significativamente o modo das pessoas pensar e relacionarem-se assim trazendo novas metodologias para a aprendizagem.

A inserção da metodologia entre pares em aulas presenciais e online pode ser adaptada de diversas maneiras, atendendo necessidades específicas para cada ambiente.

Segundo Moran (2005): As redes, principalmente a Internet, estão começando a provocar mudanças profundas na educação presencial e a distância. Nas aulas presenciais são formados grupos pequenos que seria ideal de 3 a 5 membros, dependendo do tamanho da turma e da atividade, desenvolvendo tarefas colaborativas, que exijam colaboração entre os membros do grupo, assim promovendo discussões, resolução de problemas, projeção de grupo e simulação. O professor atua como mediador, monitorando o progresso de cada grupo, fornecendo orientação quando necessário podendo estimular a participação dos alunos fornecendo feedback construtivo uns aos outros sobre o trabalho realizado, podendo ser promovida uma cultura de aprendizado colaborativo, permitindo que os grupos apresentem trabalhos ou conclusões para a turma, promovendo a comunicação e a troca de ideias.

Moran, (2005) faz uma interessante abordagem a respeito das tecnologias; as tecnologias digitais hoje são muitas, acessíveis, instantâneas e podem ser utilizadas para aprender em qualquer lugar, tempo e de múltiplas formas.

Nas aulas online são utilizadas ferramentas de comunicação e colaboração, como salas de bate-papo, fóruns de discussão, vídeo conferências e plataformas de compartilhamento de documentos, são organizados grupos virtuais usando recursos fornecidos pela plataforma de ensino online. Sobre esse aspecto, Bruner (2006) sugere que além do envolvimento e comprometimento dos alunos, se faz necessário que as metodologias ativas envolvam representações construídas sobre o mundo e estudadas também por meio de narrativas. Eles podem trabalhar juntos em tarefas designadas, trocar mensagens e compartilhar arquivos, realizando sessões de vídeo conferência onde os grupos possam se reunir virtualmente

para discutir tarefas, resolver problemas e colaborar em tempo real. Além do feedback escrito, os alunos podem usar recursos como marcações em documentos compartilhados ou comentários em apresentações de slides para fornecer feedback visual, promovendo uma reflexão sobre a experiência de aprendizado colaborativo online, incentivando os alunos a discutirem o que aprenderam, quais foram os desafios enfrentados e como poderiam melhorar no futuro.

Considerações finais

A presente pesquisa buscou demonstrar a questão acerca do que é a instrução entre pares e como utilizar a metodologia entre os pares em aulas presenciais e online, uso dos recursos digitais tecnológicos na educação, visto que os educandos e toda comunidade escolar estão inseridos numa larga gama de recursos tecnológicos, isto faz com que o professor saia da área de conforto e transcenda as barreiras do aprendizado, extraindo do ambiente desfavorável e das circunstâncias, caminhos para mudanças efetivas. Para que o fazer pedagógico alcance um patamar relevante na aprendizagem é necessário que esteja acompanhado do saber fazer, visto que é uma exigência deste processo ressignificar valores, crenças e paradigmas dos atores envolvidos.

Deste modo, pode-se concluir que mudanças são necessárias, e que o uso dos recursos tecnológicos entre pares em aulas presenciais e online em meios digitais, associados ao saber fazer se apresentam comprovadamente relevante para a construção de uma aprendizagem significativa, devendo ser comprovados através da produção do conhecimento pelos envolvidos no processo, retroalimentando os acertos e as falhas, e replanejando os recursos sem ignorar as características individuais de cada indivíduo.

Referências

Bruner, J. Sobre a teoria da instrução. São Paulo: PH Editora, 2006.

César, C.P.H.A.R. et al. Active teaching methodologies in health area: Comparison between the oral and written speeches of college students. Bioscience Journal, v. 33, n. 1, p. 219-224, jan./fev. 2017.

Heppner, F. Teaching the large college class: A guidebook for instructors with multitudes. San Francisco: Jossey-Bass, 2007

Karasinki, Lucas. (2013) O que é tecnologia? (ON LINE). Disponível<<https://www.tecmundo.com.br/tecnologia/42523-o-que-e-tecnologia-.htm>>. Acessado em 13 abr. 2024.

Mitre, S.M.; et al. Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 2133-2144, dez. 2008.

Moran, J. M. 2005. A integração das tecnologias na educação. Salto para o Futuro, 204. – São Paulo. USP.BR.

Stanley, C.; Porter, E. Engaging large classes: strategies and techniques for college faculty. Bolton, MA: Anker Publishing Company, 2002.

**- As contribuições da Neuropsicopedagogia na Educação Especial
(Carolina Samanda Rodrigues; Claudete T. de Barros Pereira de Barros;
Ivete A. de Barros Santos; Lurdes Mariano Mendes; Rosimere Maria
Quirino)**

As contribuições da Neuropsicopedagogia na Educação Especial

Carolina Samanda Rodrigues

Claudete T. de Barros Pereira de Barros

Ivete A. de Barros Santos

Lurdes Mariano Mendes

Rosimere Maria Quirino

DOI: 10.5281/zenodo.13743329

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo examinar o campo da neuropsicopedagogia voltado a educação especial e sua relevância no enfrentamento dos desafios de aprendizagem nas instituições de ensino. Através de extensas pesquisas, descobriu-se que a neuropsicopedagogia é uma disciplina científica que compreende de forma abrangente o funcionamento do cérebro e o processo de aprendizagem, oferecendo assim soluções eficazes para superar as dificuldades de aprendizagem. Essas dificuldades decorrem de diversos fatores e impactam múltiplos aspectos, acabando por dificultar o processo de aprendizagem. Consequentemente, o papel do neuropsicopedagogo é crucial para fornecer intervenções adequadas para minimizar esses desafios e orientar os educadores para melhorar seus métodos de ensino. É importante ressaltar que este estudo foi realizado utilizando metodologia de revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Especial. Neuropsicopedagogia. Aprendizagem.

ABSTRACT

This work aims to examine the field of neuropsychopedagogy focused on special education and its relevance in facing learning challenges in educational institutions. Through extensive research, it was discovered that neuropsychopedagogy is a scientific discipline that comprehensively understands the functioning of the brain and the learning process, thus offering effective solutions to overcome learning difficulties. These difficulties arise from several factors and impact multiple aspects, ultimately complicating the learning process. Consequently, the role of the neuropsychopedagogue is crucial to provide appropriate interventions to minimize these challenges and guide educators to improve their teaching methods. It is important to highlight that this study was carried out using literature review methodology.

KEYWORDS: Special Education. Neuropsychopedagogy. Learning.

Introdução

A presença de inúmeras dificuldades de aprendizagem decorre de uma série de fatores, abrangendo distúrbios, deficiências, desafios emocionais e influências familiares, entre outros. Estas dificuldades impedem significativamente o progresso educacional dos alunos, impactando negativamente o seu desempenho acadêmico.

Assim o campo da neuropsicopedagogia dedica-se a compreender e estudar a progressão da aprendizagem, incluindo seus desafios, obstáculos e mecanismos cognitivos. Seu objetivo é apoiar na mitigação de dificuldades e auxiliar educadores no processo de aprendizagem e ensino.

Dentro da educação especial a função do profissional de neuropsicopedagogia é buscar métodos e recursos que visem reduzir ativamente os desafios de aprendizagem e apoiar indivíduos com distúrbios ou deficiências na obtenção de experiências de aprendizagem significativas e produtivas. Seu vasto conhecimento e contribuições contribuem muito para o progresso e crescimento dos alunos.

Dessa maneira a realização desse trabalho se deu pela necessidade de obter respostas informativas sobre as contribuições que neuropsicopedagogia promove na educação especial, bem como os seus desafios frente a aprendizagem e dificuldades de estudantes com alguma necessidade educacional especial.

O presente artigo encontra-se justificado pela necessidade de abordar o papel do neuropsicopedagogo na educação especial dentro das instituições escolares, visto que o número de alunos com necessidades especiais matriculados em escolas regulares cresce a cada ano, e esse profissional tem sido destaque nessas abordagens, pois o mesmo estuda o funcionamento do cérebro e como ele aprender, e se torna mais que capaz para criar abordagens e intervenções para alunos que necessite do mesmo.

Através dessa pesquisa buscou-se ampliar os conhecimentos sobre o tema proposto, agregando ao meu currículo conhecimentos sobre essa temática.

A pesquisa foi realizada utilizando metodologias bibliográficas, analisando livros, revistas, sites acadêmicos e periódicos. Além disso a mesma

se estrutura em tópicos sequenciais que trazem coerência e coesão ao trabalho, sendo abordado no primeiro tópico

explora a neuropsicopedagogia, o segundo tópico a educação especial e neuropsicopedagogia, e no terceiro e último o papel do neuropsicopedagogo frente a aprendizagem e suas dificuldades.

Desenvolvimento

Sobre a neuropsicopedagogia

Tendo sido registrado pela história durante a primeira parte do século XXI, a neuropsicopedagogia surge como uma ciência que visa estudar e aplicar conhecimentos resultantes de análises do campo da psicologia, neurociências e pedagogia, de maneira que possa compreender o processo de aprendizado que ocorre no cérebro humano e suas peculiaridades como fisiologia, anatomia e comportamental e psicológico.

[...] a neuropsicopedagogia procura reunir e integrar os estudos do desenvolvimento, das estruturas, das funções e das disfunções do cérebro, ao mesmo tempo que estuda os processos Psicocognitivos responsáveis pela aprendizagem e os processos psicopedagógicos responsáveis pelo ensino (FONSECA, 2014, p. 1).

Conforme a Sociedade Brasileira de neuropsicopedagogia (SBNPp), para exercer essa função a pessoa deve passar por um curso de cunho de especialização de pós-graduação (latu sensu), que a certifique como profissional da neuropsicopedagogia. A partir disso esse profissional pode trabalhar tanto em área clínica como institucional, desde que respeite as normativas que SBNPp estabelece:

Art. 30- Ao neuropsicopedagogo com formação clínica, conforme descrito no capítulo V, fica delimitada sua atuação com atendimentos neuropsicopedagógico individualizados em “setting” adequado, como consultório particular, espaço de atendimento, posto de saúde, terceiro setor. Os atendimentos em local escolar e hospitalar devem

acontecer de forma individual e em local adequado (RUSSO, 2015, p. 16).

Segundo Relvas (2012), a neuropsicopedagogia abrange um conjunto de campos que empregam diversas metodologias para explorar o funcionamento do sistema nervoso e a interconectividade entre o cérebro e as funções cognitivas. É crucial reconhecer que todas as formas de aprendizagem, seja no domínio da ciência, da neurociência ou da neuro aprendizagem, estão intrinsecamente ligadas ao cérebro. Uma compreensão abrangente do processo de aprendizagem requer uma compreensão profunda do funcionamento do cérebro e do sistema nervoso (TERUEL, 2017).

Cosenza e Guerra (2011), afirma que:

As neurociências não propõem uma nova pedagogia e nem prometem solução para as dificuldades da aprendizagem, mas ajudam a fundamentar a prática pedagógica que já se realiza com sucesso e orientam ideias para intervenções, demonstrando que estratégias de ensino que respeitam a forma como o cérebro funciona tendem a ser mais eficientes. (COSENZA e GUERRA, 2011, p. 139).

Dentro do campo educacional a neurociência trabalha na vertente, mas científica em que busca em suas profundidades de saberes desvendar o processo de aprendizagem e como ele se estrutura dentro do cérebro. Na visão de Cosenza e Guerra, 2011, apenas saber como se dá o funcionamento do cérebro em relação a aprendizagem não se suficiente para efetivar o ensino e aprendizagem, porém isso ajuda analisar os assuntos pedagógicos com estudos de fatores neurobiológicos.

Fonseca (2014), relata que esses profissionais visam:

Saber como o cérebro evoluiu, evolui e funciona é determinante para o sucesso não só da aprendizagem como no ensino, o chamado processo ensino-aprendizagem, que consubstancia a característica única da espécie humana de transmitir a cultura intergeracional, ou seja, entre seres maduros e experientes e seres imaturos e inexperientes (FONSECA, 2014, p. 42).

A Educação Especial e a neuropsicopedagogia

Toda pessoa tem direito a uma educação de qualidade e isto está previsto na Constituição Federal (1988), e quando se trata de alunos com alguma necessidade especial essa educação de qualidade se faz ainda mais importante.

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) sobre o atendimento educacional especializado diz que:

O AEE é um serviço da Educação Especial que identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Ele deve ser articulado com a proposta da escola regular, embora suas atividades se diferenciem das realizadas em salas de aula de ensino comum (BRASIL, 2009).

E ao contrário do que inúmeras pessoas acreditam dentro das escolas esse dever de servir uma educação especial a esses alunos não é somente do educador e sim da instituição, dos pais e famílias e do estado cada um tem sua parcela de responsabilidade nesse processo.

MANTOAN, (2005, p.58), discorre que “As escolas que não estão atendendo alunos com deficiência em suas turmas de ensino regular se justificam, na maioria das vezes, pelo despreparo dos seus professores para esse fim”. Acerca desse debate Carvalho discorre:

Todas as escolas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais linguísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes à minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagens ou marginalizados [...] No contexto destas Linhas de Ação o termo “necessidades educacionais especiais” refere-se a todas aquelas crianças ou jovens cujas necessidades se originam em função de deficiências ou dificuldades de aprendizagem.(CARVALHO, 1997, apud Mendes, pag. 21, 2011).

Assim discutir a inclusão no tempo presente é crucial, visto que maioria das escolas possuem estudantes com alguma necessidade educacional especial, conforme mencionado por Santana (2007), A lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996) determina que as instituições de educação proporcionem recursos

e meio necessários para que todos os seus estudantes alcancem o processo de aprendizagem mediante a inclusão.

A educação inclusiva tem sido conceituada como um processo de educar conjuntamente de maneira incondicional, nas classes do ensino comum, alunos ditos normais com alunos – portadores ou não de deficiência – que apresentem necessidades educativas especiais. A inclusão beneficia todos, uma vez que sadios sentimentos de respeito à diferença, de cooperação e de solidariedade podem se desenvolver. (CARVALHO, 2000, p. 38).

Sendo a neuropsicopedagogia um recurso eficaz nessa vertente, uma vez que o neuropsicopedagogo é um especialista que reúne as áreas da neurociência, psicologia e pedagogia. Seu objetivo é compreender o funcionamento do cérebro e aplicar abordagens educacionais eficazes a indivíduos que enfrentam desafios cognitivos e emocionais.

Esse profissional possui grande importância dentro do âmbito institucional, realizando abordagens com alunos diante de suas dificuldades de aprendizagem.

Dentro do espaço escolar, o neuropsicopedagogo tem uma visão sobre as relações entre aprendizagem e as estruturas cerebrais, que danificadas, provocarão alguma dificuldade de aprendizagem. A priori, ele realiza as mesmas atividades estabelecidas para o profissional da Psicopedagogia, mas como sua formação vai além, ele busca intervir, através da compreensão das estruturas cerebrais envolvidas na aprendizagem humana, percebendo de que forma o cérebro gerencia a construção do saber humano, do comportamento emocional, o mapeamento dos transtornos neuropsiquiátricos e estímulo a novas sinapses para uma aprendizagem significativa. (LIMA, 2017, p. 90).

Para atuar de maneira eficaz o neuropsicopedagogo necessita dispor de conhecimentos das neuro aprendizagem e as anomalias neurobiológicas, como os transtornos do neurodesenvolvimento. Conhecimento esse que permite realizar uma melhor análise e monitoramento dos indivíduos atendidos, que apresentam alguma dificuldade ou transtorno.

Conforme o código de Ética Técnico Profissional da área da neuropsicopedagogia, em seu capítulo III, referentes as responsabilidades e

atividades dentro do exercício desse profissional dispõe em sua resolução SBNPp nº 03/2014 o seguinte pressuposto:

1º. Entende-se que a sua atuação na área de institucional, ou de educação especial, de educação inclusiva escolar deve contemplar: a) Observação, identificação e análise do ambiente escolar nas questões relacionadas ao desenvolvimento humano do aluno nas áreas motoras, cognitivas e comportamentais; b) Criação de estratégias que viabilizam o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem do aluno; c) Encaminhamento do aluno a outros profissionais quando o caso for de outra área de atuação/especialização (BRASIL, 2014, p. 3).

LEAL, SILVA E MAMEDES (2015), enfatizam que:

Com as atribuições do neuropsicopedagogo na atualidade vemos um aumento significativo de crianças e adolescentes que possuem algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem, é nesse momento que o profissional habilitado, para poder junto à escola, família e demais profissionais trazer uma melhor qualidade de vida educacional e social para os alunos também com deficiência e/ou algum tipo de transtorno que interfiram no seu processo de aprendizagem. (LEAL, SILVA e MAMEDES, 2015, p. 5).

Beauchair (2014, p. 35) diz que o neuropsicopedagogo necessita “possuir vontade de ampliar seus referenciais teóricos, estudando campos de conhecimentos diferentes dos que está habituado em sua trajetória profissional e ampliando sua curiosidade epistemológica”. Por isso para poder expandir o processo de ensino e conseguir dar atendimento a estudantes com desafios educacionais especiais, se torna fundamental que o neuropsicopedagogo preste suporte aos educadores que atende essas crianças em salas de aula, uma vez que:

O neuropsicopedagogo detém o conhecimento necessário para colaborar de maneira categórica nesse processo de transformação. Esse profissional tem ciência que, quem ensina, ensina um “alguém”, fato esse de vital importância. Portanto, o docente precisa ajustar o seu modo de ensinar a melhor forma de como esse “alguém” aprende. Pensando nesse indivíduo de maneira especial, ou seja, de maneira particular. E a área que traz o conhecimento necessário para identificar as melhores práticas é justamente a Neurociência, área essa de especialização de um neuropsicopedagogo. (MACÊDO, 2019, p. 7).

Portanto qualquer que seja área de atuação do neuropsicopedagogo, ela envolve a implementação de exercícios estimulantes que promovam a atividade cerebral em pacientes ou alunos, procurando entender suas dificuldades e habilidades essenciais. Compreensão essa que traz auxílio ao seu trabalho e os capacita para o desempenho eficaz de suas funções, pois apesar da aprendizagem se um processo multifacetado que merece um exame minucioso do tempo investido. É importante reconhecer que cada indivíduo, independentemente das suas limitações, possui a capacidade de adquirir conhecimentos.

Papel do neuropsicopedagogo frente à aprendizagem e suas dificuldades

Definir as dificuldades de aprendizagem pode ser uma tarefa desafiadora devido à sua natureza diversificada, abrangendo condições transitórias e permanentes que podem se manifestar em qualquer fase do processo de ensino/aprendizagem. Essas dificuldades são caracterizadas por maiores déficits funcionais, incluindo linguagem, raciocínio lógico, cognição, atenção e afetividade, conforme afirmam BERMEJO & LLERA (1998) e GARCIA (1998).

As dificuldades de aprendizagem estariam relacionadas à dificuldade dos alunos para colocar em prática, rotinas de planejamento e controle dos processos cognitivos, envolvidos na realização de uma dada tarefa. Essas dificuldades são consideradas como níveis de menor realização, decorrentes do uso inapropriado dos mecanismos do processamento da informação; e não proveniente de deficiências de capacidade ou inteligência. (MARTIN e MARCHESI, 1996, p. 4).

Os desafios de aprendizagem surgem de uma variedade de distúrbios, necessidades especiais e outras questões que afetam diferentes aspectos do desempenho de um aluno. Inúmeros fatores, como ambientes familiares e educacionais, bem como elementos emocionais e psicológicos, podem prejudicar a função cerebral. Barbosa (2006) sugere que as dificuldades de aprendizagem se manifestam quando há obstáculos na transmissão,

assimilação ou recepção de informações, bem como dificuldades de percepção e memória.

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem só se “grava” aquilo que foi aprendido, a evocação é também chamada de recordações, lembranças, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2002, p. 9).

Desta maneira torna-se evidente a importância da neurociência na educação quando se considera o seu foco no sistema nervoso e o seu papel no processo de aprendizagem. Costa (2012) afirma que os alunos podem encontrar desafios em diversas áreas, como escrita, leitura, matemática ou outras disciplinas. Desafios esses que podem transformar-se em dificuldades e se expressa individualmente ou simultaneamente em graus variados. Eles podem resultar de um único fator ou de uma combinação de vários outros, abrangendo questões neurológicas, bem como influências emocionais, familiares, socioeconômicas e culturais. Mora (2004), em seu livro intitulado “Como funciona o cérebro” desta que:

A aprendizagem, portanto, é o processo em virtude do qual se associam coisas ou eventos no mundo, graças à qual adquirimos novos conhecimentos. Denominamos memória o processo pelo qual conservamos esses conhecimentos ao longo do tempo. Os processos de aprendizagem e memória modificam o cérebro e a conduta do ser vivo que os experimenta (MORA, 2004, p. 94).

No âmbito educacional, o papel do neuropsicopedagogo consiste em propor exercícios de estimulação cerebral, avaliar e apoiar os processos cognitivos e orientar professores e alunos no atendimento às necessidades específicas da educação especial e inclusiva. Para cumprir esta função de forma eficaz, os educadores devem empregar vários métodos e considerar a especialização na área da neuropsicopedagogia.

Ao adquirir conhecimentos relevantes e compreensão destas ferramentas, os educadores podem estimular eficazmente o desenvolvimento cognitivo de alunos com autismo e distúrbios de aprendizagem, uma vez que:

Se os comportamentos dependem do cérebro, a aquisição de novos comportamentos, importante objetivo da educação, também resulta de processos que correm no cérebro do aprendiz. As estratégias pedagógicas promovidas pelo processo ensino aprendizagem, aliadas às experiências de vida às quais o indivíduo é exposto, desencadeiam processos como a neuroplasticidade, modificando a estrutura cerebral de que aprender. Tais modificações possibilitam o aparecimento dos novos comportamentos, adquiridos pelo processo da aprendizagem. (COSENZA; GUERRA, 2011, p. 142).

Segundo Soares (2005), esperar um desempenho uniforme de todos os alunos é contraproducente; cada indivíduo possui suas próprias habilidades cognitivas distintas. Assim, torna-se imperativo compreender e analisar profundamente as causas específicas e a extensão dos desafios de cada aluno, a fim de intervir eficazmente e satisfazer adequadamente as suas necessidades. Gadotti (2008, p.54), relata que “um novo mundo globalizado se apresenta e com ele muitas áreas como a educação tem de rever conceitos, métodos e quebrar paradigmas para suprir as demandas do ensino.”

Partindo desse pensamento e necessário relatar que a responsabilidade de identificar os desafios de aprendizagem dentro de uma sala de aula recai sobre o professor ou mesmo sobre o neuropsicopedagogo, que deve se aprofundar nos fatores que impactam os aspectos mentais, psicológicos e neurológicos. É seu dever oferecer recursos pedagógicos, atividades, dinâmicas e outras abordagens para enfrentar essas dificuldades.

Assim sendo o neuropsicopedagogo pode e deve trabalhar em parceria com a família e a instituição implementando estratégias de intervenção pedagógica que promovam o crescimento sistêmico, estando sempre atento às limitações do indivíduo.

Conclusão

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa tornou-se possível analisar as funções do neuropsicopedagogo e suas peculiaridades voltadas para educação especial, tendo uma visão ampla do papel que ele possui dentro das instituições escolares. Além de compreender as abordagens e intervenções

desse profissional e sua importância a importância da educação especial e do atendimento às necessidades especiais na inclusão sociocultural, alinhado às Normas Técnicas estabelecidas pela SBNPp.

No ambiente educacional, a presença de um neuropsicopedagogo é altamente significativa devido à sua expertise na compreensão dos meandros do cérebro. Esse conhecimento é inestimável quando se trata de resolver desafios de aprendizagem que surgem no ambiente escolar.

O neuropsicopedagogo desempenha um papel vital nas escolas, introduzindo métodos e recursos eficazes enraizados na neuropsicopedagogia para apoiar os alunos que enfrentam dificuldades em sala de aula, que podem surgir de uma variedade de fatores que se manifestam exclusivamente em cada aluno, podendo ser de aspectos emocionais, familiares, sociais, cognitivos e pedagógicos, como estimulação insuficiente, problemas patológicos e diminuição da autoconfiança. Cada aspecto possui características e nuances próprias, exigindo a experiência de um neuropsicólogo para abordá-lo e intervir de forma eficaz

Portanto por meio dessas pesquisas e análises constatou-se que a Neuropsicopedagogia busca compreender através da neurociência as construções de aprendizagem e as dificuldades ocorridas nesse processo, ao estudar como se dá o funcionamento do cérebro e o sistema nervoso mediante a aprendizagem humana, possibilitando melhores intervenções aos alunos com alguma necessidade educacional especial.

Assim sendo a realização deste estudo provou ser de extrema importância para expandir minha compreensão e avaliar minhas futuras abordagens pedagógicas em ambientes educacionais.

Referências

BEAUCLAIR, J. **Neuropsicopedagogia: inserções no presente, utopias e desejos futuros**. Rio de Janeiro: Essence All, 2014.

COSTA, N. F. **Dificuldades de Aprendizagem: UM ESTUDO DOCUMENTAL**. 77fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

FERNANDEZ, Ana, C. G. Aportes de la Neuropsicopedagogia e de la pedagogia. **La visión de Jennifer Delgado em: Desmitificación de la Neuropsicopedagogia**. Colômbi, ASOCOPSIP, 2010.

FONSECA, Vitor. **Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. Revista Psicopedagogia, Portugal. 2014.

LEAL. Bianca Cristina; SILVA. Niedja Maria Gomes; MAMEDES, Ma. Rosilene Felix. **Acompanhamento Neuropsicopedagógico de uma Criança com Transtornos de Comportamento**. Paraíba. 2015.

LIMA, Francisco Renato. **Sentidos da intervenção Neuropsicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem na Pré-Escola**. Revista Multidisciplinar em Educação, v.4, n.7, p. 78-95, jan/abr, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/2012/1898>. Acesso em 08 de Dez de 2023.

MARTIN, E; MARCHESI, A. **Desenvolvimento metacognitivo e problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SBNPp. **Código de Ética Técnico Profissional da Neuropsicopedagogia**. 2016. Disponível online em: <www.sbnpp.com.br>. Acesso em 09 de Dez de 2023.

SOARES, C.S.R. **O cérebro X aprendizagem.** Artigo em Psicologia, Educação e Saúde On-Line.

BORGES, Ângela Maria Rodrigues. COMO A NEUROPSICOPEDAGOGIA APERFEIÇO A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO ESPECIAL EM MARABÁ.

SURDEZ, A. INCLUSÃO DO ALUNO COM; UREL, ELAINE BIAVATTI. AJEFACULDADE VALE DO JURUENA-AJES ESPECIALIZAÇÃO EM NEUROPSICOPEDAGOGIA, EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA.

AVELINO, Wagner Feitosa. A neuropsicopedagogia no cotidiano escolar da educação básica. **Revista Educação em Foco**, n. 11, 2019.

CAMARGO, Renata Gomes; SARZI, Luana Zimmer. INCLUSÃO E INTERAÇÃO: PESQUISA SOBRE ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM BIDOCÊNCIA. **Educere et Educare**, 2012.

SIMÃO, Guilherme Faquim; AIMI, Daniele Morgenstern; CORREA, Thiago Henrique Barnabé. IMPLICAÇÕES NEUROPSICOPEDAGÓGICAS NA COMPREENSÃO CLÍNICA DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO/HIPERATIVIDADE (TDAH) EM CRIANÇAS. **Revista Triângulo**, v. 14, n. 2, p. 8-25, 2021.

CUNHA, Fernando Icaro Jorge; MOURAD, LAFAP. Educação especial inclusiva: diálogos da educação básica ao ensino superior. **Curitiba: Reflexão Acadêmica**, 2021.

BARBOSA, Nádía Rosa Tavares. NEUROPSICOPEDAGOGIA. **Unificada: Revista Multidisciplinar da FAUESP**, v. 4, n. 7, p. 47-55, 2022.

- Autismo: características e diagnóstico (Eloisa Pereira da Silva; Carolina Samanda Rodrigues; Jaqueline Caminski; Roseli Velozo Gomes; Rosimere Maria Quirino)

Autismo: características e diagnóstico

Eloisa Pereira da Silva

Carolina Samanda Rodrigues

Jaqueline Caminski

Roseli Velozo Gomes

Rosimere Maria Quirino

DOI: 10.5281/zenodo.13838760

Resumo

Este artigo fornece uma visão geral sobre o autismo, suas características, diagnóstico e tratamento, destacando a importância da intervenção precoce e do suporte contínuo para as pessoas com TEA. O Transtorno do Espectro Autista é um distúrbio do neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e a interação social. Ele é chamado de "espectro" devido à grande variabilidade nos tipos e intensidade dos sintomas, que podem variar desde dificuldades sutis até desafios significativos nas habilidades diárias. O autismo geralmente se manifesta nos primeiros anos de vida e, embora os sintomas possam variar, os sinais mais comuns incluem dificuldades na comunicação verbal e não verbal, comportamentos repetitivos, interesses restritos e uma sensibilidade aumentada a estímulos sensoriais.

Palavras-chaves: Autismo. Principais características e diagnóstico.

Summary

This article provides an overview of autism, its characteristics, diagnosis and treatment, highlighting the importance of early intervention and ongoing support for people with ASD. Autism Spectrum Disorder is a neurodevelopmental disorder that affects communication, behavior and social interaction. It is called a "spectrum" because of the wide variability in the types and intensity of symptoms, which can range from subtle difficulties to significant challenges in daily skills. Autism usually manifests itself in the first few years of life, and although symptoms can vary, the most common signs include difficulties with verbal and nonverbal communication, repetitive behaviors, restricted interests, and an increased sensitivity to sensory stimuli.

Keywords: Autism. Main characteristics and diagnosis.

Introdução

Geralmente, os autistas apresentam dificuldades em relação à fala, comportamentos repetitivos e falta de interação social. Porém, vale ressaltar que o autismo é um transtorno comportamental e, desse modo, não afeta o desenvolvimento físico. Antes, o autismo era classificado em cinco categorias distintas, de acordo com o grau da deficiência e as características comportamentais. Essa antiga divisão englobava desde a síndrome de Asperger (grau mais leve) até o espectro mais grave. Porém, o acesso dos profissionais a novas informações sobre esse transtorno favoreceu a identificação diagnóstica e a adoção de condutas mais efetivas. Com mais esclarecimento, houve a necessidade de alterar a classificação. Tais modificações objetivaram identificar o autismo e classificá-lo segundo a gravidade dos sintomas, facilitar a avaliação diagnóstica e direcionar o tratamento para terapias mais eficazes. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS), estabeleceu uma classificação única, mais abrangente e com níveis distintos de funcionalidade. Assim, as modalidades do distúrbio foram inseridas em um protótipo conhecido como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Principais características do autismo

As características do autismo podem ser classificadas em três grandes áreas:

1. Dificuldades na comunicação social: Pessoas com autismo frequentemente têm problemas para entender normas sociais, interpretar expressões faciais, e podem ter dificuldades em manter uma conversa. A comunicação verbal pode ser limitada, e algumas pessoas autistas podem ser completamente não-verbais, comunicando-se por outras formas, como linguagem de sinais ou dispositivos de comunicação.

2. Comportamentos repetitivos e interesses restritos: Comportamentos repetitivos, como balançar o corpo, agitar as mãos ou seguir rotinas rígidas, são comuns. Além disso, indivíduos com autismo podem ter interesses intensos

e focados em temas específicos, como números, ciência, ou até objetos incomuns.

3. Sensibilidade sensorial: Muitos autistas apresentam uma sensibilidade aumentada a estímulos sensoriais, como luzes fortes, sons altos, texturas de roupas ou cheiros. Essas sensações podem ser desconfortáveis ou até dolorosas.

Causas e Diagnóstico

Ainda não se sabe ao certo o que causa o autismo, mas acredita-se que ele seja resultado de uma combinação de fatores genéticos e ambientais. Pesquisas indicam que há uma forte predisposição genética para o autismo, embora a genética não explique todos os casos. Além disso, algumas complicações durante a gravidez e exposições ambientais também podem aumentar o risco.

O diagnóstico do autismo é geralmente clínico, baseado na observação dos comportamentos e histórico de desenvolvimento da criança. Profissionais como pediatras, psiquiatras infantis e psicólogos utilizam critérios diagnósticos específicos, como os presentes no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), para identificar o TEA.

Conclusão

Embora o autismo não tenha cura, intervenções precoces podem fazer uma grande diferença no desenvolvimento de habilidades sociais, de comunicação e comportamentais. As terapias mais comuns incluem: Terapia Comportamental, Análise do Comportamento Aplicada (ABA) é uma abordagem amplamente utilizada que busca modificar comportamentos e ensinar habilidades. Terapia Ocupacional, ajuda a desenvolver habilidades motoras e a lidar com desafios sensoriais. Fonoaudiologia, auxilia no desenvolvimento da comunicação, tanto verbal quanto não verbal. Terapia de Integração Sensorial,

focada em ajudar a criança a lidar com dificuldades sensoriais. O tratamento deve ser individualizado, adaptado às necessidades e capacidades de cada pessoa com TEA. Além disso, o envolvimento familiar é fundamental para o sucesso das intervenções, pois um ambiente de suporte pode contribuir significativamente para o bem-estar da pessoa autista.

Referência Bibliográfica.

American Psychiatric Association. (2013). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.

Organização Mundial da Saúde (OMS). (2021). "Autismo spectrum disorders." Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders>

Kanner, L. (1943). "Autistic disturbances of affective contact." *Nervous Child*, 2, 217-250.

Lord, C., & Bishop, S. L. (2015). "Autism spectrum disorder: Diagnosis, epidemiology, and interventions." *Epidemiology and Psychiatric Sciences*, 24(5), 403-415.

- Autonomia na organização diária (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)

Autonomia na organização diária

Silvia Cassia da Costa⁶

Juliana Macedo da Silva⁷

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz⁸

Rosiane Artiaga⁹

DOI: 10.5281/zenodo.13774750

Justificativa

A construção da Autonomia na organização diária dos estudantes PAEE refere-se à participação ativa dos alunos na construção do próprio conhecimento, para se tornarem protagonistas do seu projeto de vida.

Quando falamos de autonomia no aprendizado, fazemos referência ao aluno ser a parte importante da aquisição do conhecimento e participar ativamente disso. A BNCC cita a autonomia tanto na construção de conhecimento, quanto para que seja possível formar um adulto pronto para tomar decisões. A autonomia também é fundamental para uma formação integral, que é outro compromisso da BNCC, pois somente o acúmulo de informações não oferece as habilidades essenciais para o aluno atuar na sociedade, como: Reconhecer-se em seus contextos históricos e culturais. Comunicar-se de forma assertiva. Ser criativo.

O Plano de Atendimento Educacional Especializado - PAEE objetiva a elaboração de uma intervenção pedagógica pelo Professor Especializado - AEE, a fim de identificar barreiras, elencar as atividades necessárias ao

⁶ silviacassiac@gmail.com

⁷ profjulianamacedo65@gmail.com

⁸ querozmariely2@gmail.com

⁹ artiagarosiane@gmail.com

desenvolvimento de habilidades e potencialidades dos estudantes, bem como orientar as ações escolares da unidade escolar.

Os alunos PAEE do Ensino Fundamental II, período vespertino, da Escola Ana Maria das G. de S. Noronha, são alunos que se encontram em uma fase de transição da pré-adolescência para a adolescência e encontram algumas dificuldades em gerenciar questões inerentes ao exercício da sua autonomia.

A adolescência é uma fase do desenvolvimento na qual os cuidados com a higiene, por exemplo, necessitam de atenção especial. Além disso, a pandemia da covid-19 colocou em evidência a importância de hábitos higiênicos, como a lavagem das mãos, para prevenir e evitar a disseminação de doenças.

Os cuidados básicos com a saúde – higiene corporal, será um dos assuntos pertinentes abordado nesse projeto, uma vez que se observa no cotidiano do trabalho escolar com pré-adolescentes e adolescentes a falta de conhecimento do assunto e até mesmo ausência de hábitos de higiene corporal adequados.

Na educação, fomentar o desenvolvimento dos alunos significa ajudá-los a progredir na definição da sua própria autonomia, no conhecimento e na valorização de si mesmos, sendo, gradativo e por meio de interações sociais. A autonomia é um conceito que refere-se a capacidade que a pessoa possui para decidir sobre aquilo que ela julga ser o melhor para si.

Nesse contexto, a proposta pedagógica abordará os cuidados básicos com a saúde relacionados à higiene corporal, bem como, as regras básicas de convívio em sociedade e a organização diária de rotinas, em uma sequência didática com metodologias ativas de aprendizagem.

As metodologias ativas de aprendizagem enfatizam o papel protagonista do aluno e sua autonomia, seu envolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo, experimentando, desenhando e criando com a mediação do professor (Bacich; Moran, 2018). Essas metodologias têm como foco o desenvolvimento de competências e habilidades com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade (Camargo; Thuinie, 2018).

Estudos no campo da Neurociência e da Educação enfatizam a importância de criar oportunidades em que o assunto possa ser examinado mais de uma vez em diferentes contextos para alcançar uma aprendizagem mais eficiente (Cosenza; Guerra, 2011).

Outro aspecto importante é a utilização de diferentes canais de acesso ao cérebro, além do verbal. Dessa forma, as estratégias de aprendizagem que têm mais chances de atingir o objetivo de aprendizagem são aquelas que levam em consideração a forma como o cérebro aprende, respeitando os processos de repetição, elaboração e consolidação (Cosenza; Guerra, 2011).

Objetivo geral

Possibilitar que o estudante tenha autonomia na construção do seu planejamento diário e pessoal, desenvolvendo a independência de sua rotina, participando das atividades propostas, que possibilite o reconhecimento de si mesmo, identificando suas potencialidades e estimulando a adoção de hábitos saudáveis comportamentais e de higiene corporal aprendendo sobre as regras básicas de convivência, bem como, de boas maneiras, apropriando-se do conhecimento científico e metodologias ativas de aprendizagem.

Objetivos específicos

- Possibilitar a construção de uma rotina diária, de forma que estipule horários para cada atividade;
- Adquirir noções de divisão de tempo para realizar atividades diárias;
- Compreender sobre a importância de manter uma boa aparência;
- Conhecer e colocar em prática os requisitos básicos de boas maneiras;
- Compreender a importância da sua participação em grupos de convívio;
- Desenvolver a capacidade de pensar, agir e interagir de forma saudável e independente;
- Adquirir noções de higiene e reconhecer a importância e a necessidade de ter uma boa higiene corporal;

- Desenvolver através de bons hábitos alimentares a cuidar de si mesmo, valorizando seu corpo, saúde e sua vida;
- Desenvolver e estimular a criatividade e autoestima do estudante.

Recursos didáticos

- Cola;
- Papel;
- Folha sulfite;
- Xérox;
- Recursos tecnológicos;
- Revistas
- Blocos de encaixe
- Relógio;
- Lápis de cor;
- Caneta hidrocor;
- Papel cartão;
- Papelão;
- Etc;.

Metodologia

Considerando o contexto das metodologias ativas e as formas de aprendizagem, foi elaborada uma sequência de atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos, priorizando o uso das tecnologias.

Sequência didática

Imagens que gritam

Com objetivo de realizar levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre hábitos de higiene, foi proposta a atividade: Imagens que gritam. Na atividade, os alunos têm que identificar figuras relacionadas à pergunta disparadora “O que você pensa quando ouve a palavra higiene?”. As figuras a serem escolhidas ficarão expostas para que sejam escolhidas as atividades de higiene pela ordem de prioridade e ao final da atividade será elaborado um painel mental coletivo sobre o tema. As figuras que aparecerão com frequência: banho, lavar os cabelos, sabonete, creme dental, escovar os dentes, cortar as unhas.

Como sugestão, essa atividade pode ser desenvolvida utilizando o notebook.

Dinâmica: sim - nunca

O objetivo dessa atividade é trabalhar hábitos de higiene de forma lúdica, inserida na realidade e no modo de vida dos estudantes. Será utilizado o aplicativo de vídeos curtos Tik Tok para gravação de pequenos vídeos. Algumas perguntas relacionadas aos hábitos de higiene, em slides, foram projetadas com som, utilizando as placas; SIM - NUNCA. Os alunos serão divididos em dois grupos. Para participar, de um lado ficavam os que escolherem o “sim” e do outro os que preferiam o “nunca”, de acordo com a resposta à pergunta projetada. A atividade é bem empolgante, e os estudantes expressarão entusiasmo ao participar repetindo várias vezes.

As perguntas da dinâmica:

- Já usou a mesma máscara o dia todo?
- Já foi lanche/merendar sem lavar as mãos?
- Já bebeu água na garrafa ou no copo do colega?
- Já veio para a escola sem escovar os dentes?
- Já ficou o dia todo na escola sem escovar os dentes?
- Já veio para a escola sem usar desodorante?
- Já veio para a escola sem tomar banho?

- Já ficou sem máscara durante as aulas?
- Já veio para a escola com a mesma camisa ou o mesmo casaco durante toda a semana?
- Já compartilhou pirulitos ou balas da boca de outros colegas?
- Já fez aglomeração na sala de aula sem máscara?
- Já trocou de máscara com um colega?
- Já saiu do banheiro sem lavar as mãos?
- Já comeu sem lavar as mãos?
- Já dormiu sem escovar os dentes?
- Já comeu chiclete mascado embaixo da cadeira?
- Já limpou catarro na roupa?
- Já cuspiu no chão da sala de aula?
- Já tossiu ou espirrou perto do colega sem colocar a mão na boca?
- Já soltou pum perto de alguém?
- Já arrotou na frente de alguma pessoa?

Vídeo aula: micro-organismos por toda parte

A atividade foi desenvolvida com o objetivo de demonstrar, de forma prática, a existência dos microrganismos em diferentes regiões do corpo e superfícies de alguns ambientes, como corrimão da escada, maçaneta da porta do banheiro, celular e óculos.

Demonstrar em vídeos micro-organismo em superfícies do dia a dia vistos através do microscópio.

Essa prática se mostra bastante relevante para os estudantes, por proporcionar a visualização de vários microrganismos sobre os quais eles não tinham conhecimento da colonização do nosso organismo e de superfícies. Dessa forma, fica evidente a existência dos microrganismos e, sobretudo, a importância dos cuidados com a higiene que devem ser tomados para evitar desde maus odores até a contaminação, o surgimento e transmissão de doenças.

Mural interativo - Higiene corporal

Nessa atividade os alunos são desafiados a elaborar um mural colaborativo. Os alunos pesquisam sobre Higiene corporal e posteriormente inserem ao mural imagens, Poemas, curiosidades sobre a história da higiene e hábitos de higiene. No decorrer da atividade, os alunos vão interagindo com as informações inseridas junto com a professora que vai mediando a atividade e filtrando o conteúdo inserido. Por fim, um mural colaborativo é elaborado e compartilhado com a escola.

Cachê das boas maneiras

Passo 1: Decore uma caixa usando marcadores, adesivos ou glitter. Avise que o nome da caixa é "CBM" ou "Caixa das Boas Maneiras". Certifique-se de fazer um buraco no topo da caixa (deve ser feito por um adulto, se o uso de tesouras for necessário).

Passo 2: Recorte círculos em papel azul para serem as moedas das "Boas Maneiras".

Passo 3: Em cada moeda, escreva uma palavra educada ou um exemplo de boas maneiras. Inclua palavras como por favor, obrigado, bem-vindo ou exemplos de boas maneiras, como: não falar com a boca cheia, usar o guardanapo, esperar sua vez, não colocar os cotovelos na mesa ou elogiar quem fez o jantar dizendo o quanto você gostou da comida!

Passo 4: Coloque a Caixa das Boas Maneiras em um lugar que todos possam ver: perto da porta de entrada da casa ou na cozinha, por exemplo. Sempre que uma criança exibir boas maneiras, ela pode colocar uma moeda na caixa.

Passo 5: No final da semana, verifique a CBM e recompense as crianças pelas boas maneiras. Por exemplo: com 5 moedas, elas podem escolher a sobremesa, com 8 moedas, que filme vocês vão assistir e com 10 moedas, jogar seu jogo de tabuleiro favorito.

Jogo das 5 cores no prato

Um prato divertido é também um prato colorido. E um prato colorido é também um prato nutritivo. Só vantagens! Para o prato ficar bem colorido, use e abuse de saladas e legumes. Vale até misturar frutas na salada. Manga com rúcula fica uma delícia. Alface com maçã é um festival de crocância, nhammm.

As cores dos alimentos indicam quais são os principais nutrientes que elas têm. Fica bonito, nutritivo e divertido. Vamos conferir alguns deles?

Alimentos brancos (cebola, alho, couve-flor). Contêm flavonoides e selênio, nutrientes importantes contra alergias e inflamações, além de ajudar a fortalecer os sistemas imunológico e circulatório.

Alimentos verde-escuros (brócolis, couve, rúcula). São ótimas fontes de fibras importantes para regular o trânsito intestinal, além de serem antioxidantes que ajudam na defesa do organismo.

Alimentos amarelos e alaranjados (abóbora, cenoura, manga). São ricos em vitamina A e C, fundamentais para a visão, a pele e o sistema imunológico.

Alimentos vermelhos (tomate, melancia, pimentão). São ricos em licopeno, que é um importante antioxidante que atua no combate aos problemas de coração e ajuda a evitar diferentes tipos de doenças no futuro.

Alimentos roxos (beterraba, cebola roxa, batata roxa). Contém antocianina, que ajuda na memória e na saúde do coração.

Uma boa ideia é ter uma tabelinha de cores na parede para que o aluno marque o pontinho sempre que comer um alimento daquela cor. Só não vale corante!

Ou que tal brincar de semana colorida? Esse é um desafio bacana que associa cada dia da semana a uma cor diferente.

Avaliação

A avaliação será contínua e sistemática, durante o desenvolvimento diário de cada estudante, através de observações diárias das atividades apresentadas, observando o progresso do aluno, visando estabelecer um bom desenvolvimento do estudante, podendo envolver a família e a equipe escolar no processo.

Referências

BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora – uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Temas contemporâneos transversais na BNCC – contexto histórico e pressupostos pedagógicos. Brasília: MEC, 2019.

CAMARGO, Fausto; THUINIE, Daros. A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. Porto Alegre: Penso, 2018.

COSENZA, Ramon. M; GUERRA, Leonor. B. Neurociência e Educação: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

- Biblioteca escolar como incentivo à leitura (Liliane Horas Alves)

Biblioteca escolar como incentivo à leitura

Liliane Horas Alves

DOI: 10.5281/zenodo.13759495

RESUMO:

Este artigo tem por finalidade tratar sobre o assunto da importância da biblioteca na escola como incentivo a leitura. A biblioteca é considerada um recurso didático fundamental para incentivar o hábito da leitura nas escolas, pois através de um espaço atrativo que tenha contação de histórias, recreações, artes, músicas o (público) alunos irão gostar de frequentar a biblioteca e tomando gosto pela leitura e o hábito. Todo o grupo da escola de professores e o bibliotecário escolar poderão trabalhar em parceria realizando assim um projeto na biblioteca escolar para melhor incentivar o hábito pela leitura. Observar e constatar as atividades que são realizadas na biblioteca escolar que incentivam a leitura. Planejar aulas utilizando como recurso didático a biblioteca escolar para as atividades que trabalham a leitura. Ter uma rotina para os alunos frequentarem a biblioteca, que a biblioteca seja um lugar atrativo e de incentivo para a leitura do aluno. A leitura é de suma importância na formação do cidadão.

Palavras-chave: Biblioteca. Planejamento. Hábito. Leitura. Professor.

SUMMARY

This article aims to address the importance of the library in school as an incentive to read. The library is considered a fundamental didactic resource to encourage the habit of reading in schools, because through an attractive space that has storytelling, recreations, arts, music the (public) students will enjoy attending the library and enjoying reading and the habit. The entire school group of teachers and the school librarian will be able to work in partnership to carry out a project in the school library to better encourage reading habits. Observe and verify the activities that are performed in the school library that encourage reading. Plan classes using as a teaching resource the school library for reading activities. Have a routine for students to attend the library, make the library an attractive and encouraging place for student reading. Reading is of paramount importance in shaping the citizen.

Keywords: Library. Planning. Habit. Reading. Teacher

Introdução

Este artigo apresenta informações do tema a importância da biblioteca escolar na formação de leitores. Busca averiguar, de que forma a literatura é

utilizada pelos educadores para despertar nas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental o gosto pela leitura. A leitura assume um papel importantíssimo no desenvolvimento dos indivíduos no contexto escolar, profissionalmente ou lazer. O objetivo e interesse desta pesquisa é mostrar o quanto é importante a valorização do espaço dentro de uma escola que é a “biblioteca escolar” e ressaltar as vantagens de utilizar, de maneira mais frequente, realizado projetos para a mudança e utilização do espaço para que se possa despertar nas crianças o gosto pela leitura. O projeto terá como desenvolvimento pesquisas sobre a importância da biblioteca na escola para a formação de leitores, que os alunos usarão em sua vida inteira a leitura e ajudará na formação de cidadãos críticos. Objetivo específico mostrar a importância de ter uma biblioteca na escola, buscando formas de uma aproximação entre professor e o bibliotecário, organizando uma rotina na biblioteca que chame a atenção dos alunos, para estimular o gosto e o hábito pela leitura, ajudando na interpretação, produções de texto formação de frases. Explorando nos alunos a importância de cuidar dos livros que são utilizados na biblioteca.

Desenvolvimento

Esta pesquisa teve como proposta a utilização da biblioteca escolar de forma correta para a formação de leitores. Pois o hábito de ler é fundamental para a formação integral das crianças, jovens e adultos. Por meio da leitura o indivíduo aprende sobre assuntos diversos, aprimora a escrita, se torna mais crítico e consegue desbravar o mundo através de histórias que enriquecem o seu repertório cultural. O desafio é incentivar a leitura e promover o interesse dos alunos pelos livros e ampliar a procura nas bibliotecas escolares. Esses locais são espaços democráticos de acesso a informação, onde toda sociedade pode contribuir e compartilhar seus conhecimentos. Desenvolver ações que ajudam a aproximar o público da biblioteca e da leitura, pois, são fundamentais para que o Brasil consiga formar uma geração de leitores críticos e ativos. O

incentivo à leitura deve começar desde os primeiros anos de vida da criança, ainda em casa os pais devem inserir o ato de ler na rotina do filho.

Os recursos que foram usados para a realização desse projeto, foram leituras e pesquisas em diversos livros embasados em teóricos, sites com materiais relacionados a biblioteca escolar. Entrevista na escola com os professores sobre como eles usam as bibliotecas nas escolas. Visita em bibliotecas. Na atividade proposta os materiais de trabalho foram: O espaço da biblioteca, e livros para a contação de histórias. Ao aplicar os conteúdos para potencializar o incentivo à leitura nas crianças, podemos começar com uma visita a biblioteca escolar para compreender melhor a magia dos livros. É fundamental que essa prática tenha um planejamento e que seja apresentada para o aluno de forma agradável, sem tantas cobranças no início. Esse primeiro contato com os livros na escola ajudará a formar o hábito da leitura, por isso, deve ser um momento prazeroso para a criança. O professor pode realizar a atividade de ler em voz alta “contação de história”, onde irá aguçar sua imaginação, criticidade e curiosidade para descobrir e ler os livros de história.

Livros que narram aventuras e magia costumam despertar o interesse dos alunos do Ensino Fundamental nos anos iniciais, além de estimular a imaginação e criticidade. Para que eles se aproximem da biblioteca, é interessante realizar as atividades de leitura neste ambiente, fazendo com que a biblioteca se torne extensão da sala de aula, sendo um local onde os alunos possam viajar no mundo da imaginação. O aluno que lê não terá dificuldades em expor suas ideias, produzir textos, organizar frases, desenvolverá a criticidade para o seu meio social, levando o que aprendeu para a sua vida inteira, o professor e o bibliotecário devem desenvolver e elaborar projetos para que os alunos tomem o gosto e o hábito pela leitura.

Conforme (Amato e Garcia 1989, p.13) o estereotipo de que a biblioteca é vista, muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura, um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados deve a alunos considerados indisciplinados deve ser modificado para que a ida a biblioteca por parte dos alunos seja agradável e não como algo repetitivo e forçado.

Assim, é necessária que se insira nas crianças a percepção da diversidade cultural existente nas prateleiras, e que a leitura desenvolve múltiplas capacidades cognitivas, como a escrita e a interpretação.

A biblioteca começa a ser pensada como um ambiente para todos, cuja finalidade, propõe o repasse de informações e não mais considerada como uma fonte de poder, sendo caracterizada como:

Um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta o interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação do hábito e da leitura (Corte, Bandeira, 2011, p.18).

Através de discursos relacionados a biblioteca escolar no Brasil, verificou-se que é necessário inicialmente sobre o problema de não ter apenas um acesso disponível na escola, ou seja, cabe a biblioteca escolar incentivar a leitura dos estudantes, aprimorando o uso das informações ali presentes e também de outros meios de comunicação, organizando atividades dinamizadas e integradas ao currículo escolar.

Além do acesso e seus suportes documentais, a biblioteca escolar deve atender a uma intencionalidade política e social. A intencionalidade política e social está representada na disponibilização de serviços de aprendizagem e nos livros e recursos que permitam aos membros da comunidade escolar tornarem-se pesadores críticos e utilizadores efetivos da informação em diferentes suportes e meios de comunicação. (UNESCO, 1999).

Na biblioteca escolar encontramos diversos livros, como romances, pesquisas, revista, contos, poesias, pois agrega várias áreas do conhecimento, e estes acervos sempre estão disponíveis aos alunos e a comunidade escolar, o que caracteriza as diferentes personalidades e necessidades dos indivíduos que enfrentam este espaço, carecendo de um acervo amplo e equilibrado a indivíduos de todas as idades.

De maneira que possa desenvolver a imaginação e a criatividade do pensamento humano e o interesse das crianças em ler um livro, para desenvolver objetivos e metas, a biblioteca escolar necessita que envolva a

participação coletiva de todos os envolvidos. Para garantir um bom aproveitamento do acervo que é disponibilizado a comunidade escolar.

Para Macedo e Oliveira (2005, p.6) a biblioteca escolar deve ter recursos financeiros adequados e contínuos para uma equipe treinada e materiais, tecnologias, e instalações apropriadas, o acesso a estes serviços deve ser gratuito.

A biblioteca escolar deve ser um ambiente acolhedor aos alunos, por isso deve ter instalações físicas adequadas, recursos metodológicos que estimulem os alunos a realizarem a leitura de livros, organização que facilite a procura do mesmo, uma equipe capacitada que auxilie os leitores em suas dificuldades e criem projetos participativos.

Segundo as diretrizes do IFLA, a biblioteca escolar deve ser um ambiente estruturado e que promova uma trajetória de conquistas para os alunos, envolvendo a realidade destes e os objetivos da escola, de forma realizar a prosperarão de novos projetos para incentivar a leitura e aproveitamento da biblioteca escolar, seja considerado que sua missão é desenvolver propensões para a aprendizagem do educando, significa que:

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem-sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A mesma desenvolve nas estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornar-se cidadãos responsáveis. (MACEDO, OLIVEIR, 2005, p.4)

Conforme Amato e Garcia (1989, p.13) o estereotipo de que a biblioteca é vista, muitas vezes como um lugar em que são armazenados livros para leitura, um lugar destinado a alunos considerados indisciplinados deve a alunos considerados indisciplinados deve ser modificado para que a ida a biblioteca por parte dos alunos seja agradável e não como algo repetitivo e forçado. Assim, é necessária que se insira nas crianças a percepção da diversidade cultural existente nas prateleiras, e que a leitura desenvolve múltiplas capacidades cognitivas, como a escrita e a interpretação.

“A biblioteca escolar é um espaço de estudo e construção do conhecimento, coopera com a dinâmica da escola, desperta interesse intelectual, favorece o enriquecimento cultural e incentiva a formação da leitura (Corte; BANDEIRA, p.18).”

Se usado e planejado o espaço da biblioteca escolar irá ser um ótimo recurso pedagógico pois estará incentivando os alunos a tomarem o gosto pela leitura, ajudando também em sua criatividade no ambiente social e na produção e interpretações de textos, formas e frases.

Mas a biblioteca escolar não é a realidade de todas as escolas do Brasil, que influencia na aprendizagem das crianças, que mesmo não sabendo ler devem frequentar este ambiente para ter a socialização das letras e com o mundo da leitura, esse incentivo pode ser realizado por profissionais da educação e por meio de processos pedagógicos.

Segundo o MEC (Ministério da Educação) o PNBE sendo desenvolvido desde 1997, tem como objetivo primordial promover o acesso à leitura e o incentivo a mesma nos alunos e professores por meio de acervos e obras de literatura, de pesquisa e de referência, atendendo de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica encontradas no censo escolar.

A distribuição dos livros tem como foco no desenvolvimento e incremento do código escrito, bem como as relações de interpretação e compreensão do mesmo, o que caracteriza que o projeto visa a diminuição e arrecadação do analfabetismo, de forma que a apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento das competências e habilidades importantes para que os indivíduos possam transmitir com autonomia a cultura letrada.

As leis propostas no Plano Nacional para a biblioteca escolar foram formalizadas para promover o desenvolvimento das bibliotecas escolares no âmbito da qualidade, tanto do acervo como nas propostas metodológicas que cabem aos bibliotecários e professores envolvidos, relacionar com o currículo escolar, ou seja, a biblioteca escolar possa ser mais que um depósito de livros e sim um aparato para a apropriação cultural.

Para garantir uma biblioteca de qualidade para os alunos, percebe-se que são necessárias mudanças em relação aos objetivos, ambiente, atividades, e professores, proporcionar um ambiente agradável e que chame a atenção das crianças.

Conclusão

O presente trabalho teve como finalidade a realização de pesquisas para proporcionar aos professores uma reflexão sobre o devido papel da biblioteca escolar que deve ocupar na instituição escolar para os anos Iniciais do Ensino Fundamental de faixa etária dos seis aos dez anos de idade.

No Brasil a biblioteca escolar tem um significado como espaço na construção de conhecimento, de apoio pedagógico, didático e cultural que envolve alunos e professores, vem desde 1549, com a chegada dos Jesuítas que inicialmente tinha perspectivas de cunho religioso, a biblioteca estava circunscrita aos colégios por eles fundados, ou seja, era para poucos.

Para a formação do aluno leitor nota-se avanços nas leis em prol da biblioteca na escola, mas ainda serão necessárias ações concretas para a efetivação da relação pedagógica entre processo de ensino e biblioteca escolar.

Referências

GIL, Antonio Carlos. Como delinear um levantamento? In: Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002. Cap. 10, p. 111-128.

A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para o seu aperfeiçoamento. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação da UFMG, n. 5, p. 1-29, 2003.

Letramento informacional: função educativa do bibliotecário na escola. Belo horizonte: Autêntica Editora, 2009.

- Cantar, brincar e aprender com a Dona Aranha (Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Thelma Pires Geronimo Motta)

Cantar, brincar e aprender com a Dona Aranha

Roselene de Jesus Motta da Silva

Rosivane Santana Faria Silva

Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva

Thelma Pires Geronimo Motta

DOI: 10.5281/zenodo.13646580

Introdução

Como afirma Vygotsky (1995:183), “O domínio da linguagem escrita significa para a criança dominar um sistema de signos simbólicos extremamente complexo”. Para o autor, o desafio maior desse processo é ensinar à criança a linguagem escrita e não as letras. No entanto quando se fala de educação infantil o que se pretende é que a criança primeiro domine a linguagem, visto que a escrita nessa fase é muito complexa para elas. O mundo letrado se torna mais significativo na educação infantil quando vem acompanhado do lúdico, de forma que a criança possa vivenciar a escrita sem ser forçada a isso e sim de forma divertida através dos jogos e brincadeiras. Assim sendo, esse projeto foi criado com base no lúdico sem excluir a importância da escrita, respeitando o tempo da criança e incentivando a sua autonomia diante do mundo letrado. Os resultados permitiram concluir que as brincadeiras realizadas pelas crianças e a motivação atividades lúdicas propostas pela professora são responsáveis pelo aprendizado e desenvolvimento.

Justificativa

Segundo a BNCC(2018) o brincar é uma atividade que auxilia na formação, socialização, desenvolvendo habilidades psicomotoras, sociais, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Ao brincar as crianças expõem seus

sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Nesse sentido, esse projeto vê o brincar como sendo a manifestação lúdica que é capaz de desenvolver as funções motoras da criança e desenvolver seu gosto pela leitura, escrita, manifestações culturais como as cantigas. passadas de geração pós geração. Para Vygotsky (1984), o brincar tem um papel fundamental no desenvolvimento da imaginação, da criatividade, e do pensamento da criança. Além disso, quando a criança assume um papel na brincadeira, ela opera com significado de sua ação e submete seu comportamento a determinadas regras. traz consigo, deixando a criança aprender as regras dos jogos e brincadeiras de forma natural, sem imposições, respeitando o tempo de cada criança.

Objetivo geral

Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos. saberes e conhecimentos: musicalização.

Objetivos específicos

- Ampliar o repertório musical e de outras brincadeiras de roda;
- promover interação do grupo através da brincadeira;
- desenvolver a oralidade e a escrita,
- aprimorar as habilidades manuais,
- desenvolver a criatividade,
- proporcionar momentos de respeito, alegria e diversão;
- aguçar o imaginário;
- incentivar a leitura e escrita de números dirigida e exponente.

Metodologia

- Após as atividades de rotina como oração, cantar, hora da novidade, quantos somos, tempo, café da manhã, a professora apresenta na lousa a letra da cantiga a dona aranha, onde as crianças serão incentivadas a cantar e reconhecer a letra inicial da palavra aranha. A professora juntamente com os alunos montou um painel da dona aranha e as crianças fizeram atividade de leitura visual e escrita, pintura, recorte, colagem e cantaram a cantiga A dona Aranha;

- Após as atividades de rotina como oração, cantar, hora da novidade, quantos somos, tempo, café da manhã. a professora retoma a atividade de leitura, canta a música a dona aranha fazendo gestos incentivando as crianças a fazerem também. As crianças assistiram o vídeo da dona aranha e vídeo sobre algumas curiosidades da aranha, para discutimos sobre na roda de conversa;

- Após as atividades de rotina como oração, cantar, hora da novidade, quantos somos, tempo, café da manhã. nesse dia iremos trabalhar Sopa de letrinhas, feita pela professora e trazida de casa para a escola, onde as crianças foram incentivadas a degustar, usar as letrinhas do macarrão para escrever palavras como aranha, seu nome, outras na borda do prato.

- Após as atividades de rotina como oração, cantar, hora da novidade, quantos somos, tempo, café da manhã. Nessa semana trabalhamos jogos e brincadeiras na sala, as crianças cantaram, fizeram aranhas de bexigas com ajuda da professora e ADIS. Encerrando as atividades do projeto com a cantiga de Dona Aranha e as crianças levando para casa a

Recursos

Tesoura, cola, bexiga, sopa de letrinha, pratos descartáveis, barbante, cadernos, lápis, papel A4, EVA picado, cartolina, lápis de cor, borracha, giz de cera, TV, vídeo, som, bambalês, bolinhas coloridas, massa de modelar, tinta guache, pincel, etc.

Avaliação

A avaliação será diagnóstica, onde colhe-se dados acerca do nível de conhecimento dos alunos, considerando o repertório prévio que adquiriram, com base nos(05)cinco campos de experiência da BNCC: o eu, o outro e o nós, as crianças devem interagir entre si e com adultos para criar percepções sobre si mesmas e sobre os outros; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. tornando possível avaliar a eficácia do processo de ensino e aprendizagem. e assim, conhecer o contexto da turma; observar as necessidades da criança ao processo de ensino-aprendizagem e poder refletir a partir dessas observações norteadoras que; ajudaram a construir e elaborar objetivos e metas a serem alcançados.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. BNCC: Base Nacional Comum Curricular, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular – Brasília: MEC/SEB, 2018...

VYGOTSKY, L. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

- Depressão no âmbito escolar em meio a pandemia (Eloisa Pereira da Silva; Keli Cristina Pereira da Silva)

Depressão no âmbito escolar em meio a pandemia

Eloisa Pereira da Silva

Keli Cristina Pereira da Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13760860

Resumo

Desde que a pandemia do Covid 19 se instalou no mundo, cerca de 1.5 bilhões de estudantes ficaram fora da escola em mais de 160 países, segundo relatório do Banco Mundial. Diante da nova situação em que o mundo se encontra atualmente com a chegada do novo Corona Vírus, vem não só afetando perdas de milhares de pessoas em todo o mundo, também resultam os aumentos de depressão e ansiedade na humanidade, e com o isolamento social essas doenças psíquicas tendem a ter um aumento gradual. Tem sido frequente professores detectarem alunos (crianças e adolescentes) em melancolia, deflagrada por separação dos pais, dificuldades de aprendizagem, sentimentos de desadaptação ao grupo, bullying, morte ou doença de entes queridos. Perante os estudos relacionados os pais podem ajudar seus filhos, através do diálogo e a compreensão, os docentes também tem um papel fundamental de identificar esses sintomas, tornando-se agentes de transformação e redução de danos futuros.

Palavras-chaves: Saúde Mental. Isolamento Social. Covid-19.

Abstract

Since the Covid 19 pandemic spread around the world, about 1,5 billion students have been out of school in more than 160 countries, according to a World Bank report. Faced with the new situation in which the world is currently faced with the new Corona Virus, it has not only been affecting the losses of thousands of people around the world, it has also resulted in increases in depression and anxiety in humanity, and with social isolation these Psychic illnesses tend have a gradual increase. Teachers have frequently detected students (children and adolescents) in melancholy, triggered by separation from parents, learning difficulties, feelings of inadequacy to the group, bullying, death or illness of loved ones. In view of related studies, parents can help their children, through dialogue and understanding, teachers also have a fundamental role in identifying these symptoms, becoming agents of transformation and reduction of future damages.

Keywords: Mental Health. Social Isolation. Covid-19.

Introdução

Segundo o psiquiatra e presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva, em entrevista para a *TV Brasil* afirmou que o período de quarentena provoca três situações relativas à saúde mental da população: pessoas que nunca tiveram quadro psiquiátricos podem vir a ter; pessoas que já trataram de quadros psiquiátricos e que estavam controlados podem ter recaídas; e pacientes que estão em tratamento psiquiátrico podem apresentar alterações e perdas na sua evolução. O médico ainda chama a atenção para comportamentos como preocupação constante, alterações no sono, mudanças no apetite e a sensação de perigo iminente, e orienta que “ao aparecer o primeiro sinal de que algo que muda sua rotina, que te inabilita, que te impeça, você está doente”.

Diante desses fatos o presente artigo tem como tema a depressão no âmbito escolar em meio a pandemia, tendo como objetivo demonstrar como a saúde mental dos estudantes está sendo afetada durante a pandemia juntamente com o isolamento social, tendo somente as aulas remotas, aonde as recomendações são para ficar somente em casa sem poder ter contato, até as pessoas mais antissociais não conseguiram se acostumar com as novas regras, pois foi algo que pegou todos de surpresa. Não podemos esquecer de enfatizar que não somente os alunos, mas todo o corpo docente das escolas, os familiares dos alunos tiveram que se reinventar conciliando assim o serviço de casa com ajudar os filhos nas tarefas da escola, aonde muitos alunos que não têm internet em casa têm que pegar uma apostila na escola para fazer o acompanhamento.

Os sintomas de depressão e ansiedade podem aparecer em qualquer idade. De acordo com os dados da organização mundial da saúde (OMS), o número de depressão aumentou muito na última década, infelizmente o Brasil ocupa uma posição de destaque na posição desses dados. Esse fenômeno tem probabilidade de aparecer na fase da adolescência, deste modo a incidência de sintomas depressivos pode contribuir para o desenvolvimento de métodos de prevenção e intervenção que promovam o bem-estar durante essa fase (Brito, 2011; Salle, Rocha, Rocha, Nunes, & Chaves, 2012).

A ansiedade está relacionada com preocupar-se com o desconhecido, sempre esperando que algo aconteça. O surto de Coronavírus é basicamente a mesma coisa, mas em escala macro. Dessa forma, é mais do que compreensível que muitas pessoas com ansiedade e depressão estejam enfrentando desafios nesse momento de pandemia e quarentena. A Associação Brasileira de Psiquiatria até recomenda que todos os médicos façam tele consulta psiquiátrica, assim como orienta o Conselho Federal de Psicologia, que comunicou que o atendimento psicológico on-line ficou ainda mais fácil, para que as pessoas possam ter o atendimento que precisam, mediante a pandemia da corona vírus.

“A insegurança diária, o medo da morte e tudo que a pandemia impõe pode não só desenvolver transtornos mentais, mas também agravar os que já existiam”, explica a Dra. Luciana.

A pandemia da covid 19 contribuiu diretamente para o aumento dessas doenças psíquicas, afetando a saúde mental de seu portador, com a pandemia, veio a quarentena, muitas famílias ficaram sem rendas pois muitas empresas fecharam as portas por falta de capital, ou até mesmo de produção de produtos, o rompimento das aulas sendo assim afetadas e somente de forma remota, sem poder ver os colegas ou conversar sair de casa, isso aflige a mente de crianças e adolescentes em todo o Brasil, morte de familiares ou pessoas próximas.

Durante a pandemia esses casos teve um aumento excessivo, e para quem tem essas doenças ficar em quarentena pode piorar os sintomas. Talvez seja difícil dizer o motivo pelo qual esse assunto intimida muitas famílias, mas é indiscutível que essas pessoas precisam de tratamento psicológico, muitas vezes uma ajuda profissional para que venha tomar algum medicamento.

Em meio à crise que atualmente o país e o mundo está passando devido a pandemia, surge momentos delicados de grades para toda a população, com isso surge então desespero total pois todos fomos pegos de surpresa com isolamento social, falta de emprego e a crise econômica.

De acordo com pesquisas o Brasil tem se destacado com maior número de pessoas com ansiedade e depressão no mundo, diante disso elaboramos

alguns questionamentos de grande relevância para esclarecer e ajudar os leitores a compreender melhor o assunto em questão.

No entanto os objetivos desse trabalho é compreender, o aumento da ansiedade e depressão se está ligado diretamente à covid19, deste modo teve grande impacto o isolamento no qual agregou para o aumento significativo dessa doença. Assim como a causa desse impacto teria aumentado os números de pessoas diagnosticadas com esse trauma. A escola tem feito um papel importante na vida das crianças e adolescentes e o apoio da família, para minimizar esses efeitos traumáticos tem sido essencial.

Temos que pontuar os malefícios dessas doenças (depressão e ansiedade) encontrado pelos profissionais da educação na sua carreira docente e o quanto se agravou durante a pandemia covid 19.

Descrever como a depressão e ansiedade afetam os alunos e as famílias e docentes no meio escolar. Enfatizando de que forma os impactos do isolamento social agravou o aumento dessas doenças, apresentando os sintomas e as consequências dessas doenças.

Todo o cenário representa uma carga emocional muito forte, principalmente para as pessoas que são, mas fragilizadas. Vale ressaltar, que os pais devem buscar meios que aliviem a tensão nessa fase de pandemia, por isso um diálogo aberto e a habilidade para reduzir conflitos representam a melhor solução para os dilemas que surgem no caminho de quem precisa de apoio para superar tantos desafios.

Desenvolvimento

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a incerteza do momento, os riscos de contaminação e a necessidade de isolamento social podem agravar ou causar problemas mentais. Tal isolamento, inclusive, pode ser angustiante por vários motivos, indo desde o medo de contrair a doença até as perdas financeiras, decorrente a pesquisa da OMS, antes da pandemia, o Brasil já era o país mais ansioso do mundo e, também, apresentava a maior

incidência de depressão da América Latina, impactando cerca de 12 milhões de pessoas.

Diante algumas pesquisas conseguimos ver que não é a primeira vez que uma doença agravante tirou a vida de muitas pessoas, o livre arbítrio de poder ir e vir, como exemplo temos a gripe espanhola, também conhecida como gripe de 1918, foi uma vasta e mortal pandemia do vírus influenza. De janeiro de 1918 a dezembro de 1920, infectou uma estimativa de 500 milhões de pessoas, cerca de um quarto da população mundial na época. Estima-se que o número de mortos esteja entre 17 milhões e 50 milhões, e possivelmente até 100 milhões, tornando-a uma das epidemias, mas mortais da história da humanidade. A gripe espanhola foi a primeira de duas pandemias causadas pelo influenza vírus h1n1, sendo a segunda ocorrida em 2009.

Segundo dados da revista veja saúde do ponto de vista de saúde mental, o episódio de 1918 também não serve como modelo para os tempos atuais: especialidades como a psiquiatria e a psicologia davam seus primeiros passos nas décadas iniciais do século 20 e as emoções humanas ainda não eram consideradas um fator preponderante para a saúde. “Falamos do momento em que Sigmund Freud (1856-1939) publicava seus trabalhos mais importantes que definiriam a área”, lembra Huremovic. Curiosamente, o próprio Freud vivenciou a perda de uma filha por causa da gripe espanhola mesmo assim, o pai da psicanálise não chegou a refletir ou se debruçar sobre os efeitos da pandemia sobre a psique em seus escritos.

Segundo o psiquiatra André veras, durante a pandemia professores e alunos buscam compensar uma possível queda na qualidade do ensino devido à migração para a educação a distância. “Tem se visto que tanto da parte dos professores como da parte dos acadêmicos, acaba havendo, para tentar compensar os prejuízos, um hiper oferecimento ou no caso dos acadêmicos, uma hiper busca por conteúdo. Essa busca tenta sanar uma insegurança quanto a qualidade pedagógica neste contexto. Há uma necessidade improvisada de tentar oferecer os conteúdos e isso, por ser ainda imaturo, produz insegurança. A busca por compensação é excessiva”, esclarece.

Os indivíduos depressivos têm uma redução fisiológica de até 15% na área hipocampal (responsável pela memória e emoções), reduzindo valores de neurônios, dendritos e da neuro gênese (criação de novas células cerebrais), responsável pelo desenvolvimento da depressão. As características dessa patologia são tristeza, incapacidade de sentir prazer, sentimento de culpa, redução de energia, do sono, do apetite e da concentração, dores exacerbadas a partir de tensões musculares.

Diante dos fatos esse trabalho tem como objetivo buscar uma maior compreensão sobre as dúvidas encontradas a respeito da ansiedade e depressão em meio a pandemia, no ambiente escolar visando esclarecer como a pandemia veio colaborar de forma direta com o aumento de casos. Um assunto considerado como um tabu para ser comentado nas escolas onde muitos taxam como frescura, ou falta de trabalhar, queremos mostrar como essas doenças podem ser graves levando muitos jovens ao suicídio, como elas podem atrapalhar os estudos de muitas crianças, tirando a vontade de brincar, comer e até ir para a escola. Com a quarentena e o fechamento de muitas escolas o Brasil tem se mostrado o líder em crianças e jovens com ansiedade e depressão onde muitos só ficam em casa, e não podem se socializar com os colegas, por conta desse vírus que já matou milhares de pessoas no mundo inteiro! Automutilação, problemas de socialização, falta de concentração e tristeza profunda. Talvez seja difícil dizer o motivo pelo qual esse assunto intimida muitas famílias, mas é indiscutível que essas pessoas precisam de tratamento psicológico, muitas vezes uma ajuda profissional para que venha tomar algum medicamento. É inegável que essas doenças interferem na vida social das pessoas, de todas as idades, mas na maioria das vezes em jovens e adolescentes que não tem uma boa estrutura emocional dentro de casa, ou que sofreram algum tipo de abuso quando criança seja ele verbal ou sexual. Ao contrário do que muitos acreditam esse assunto teria que ser discutido em casa com seus filhos, para que os mesmos possam saber que tem apoio da família.

A Importância de debater sobre a saúde mental nas escolas

Segundo a psicóloga Marilda Lipp, “o que sobra de uma epidemia é a doença mental”, contudo, atualmente trata-se de um cenário mais grave: uma pandemia. Entretanto, não é novidade a questão da ansiedade e depressão no século XXI, mas devido às situações ainda enfrentadas, a demanda de vítimas aumenta intensamente. Em razão do isolamento social, medida adotada para a prevenção do COVID-19, as famílias se tornam mais vulneráveis ao estresse tóxico, podendo acarretar negativamente o desenvolvimento das crianças.

Especialistas indicam ter uma alimentação balanceada, dormir 8 horas de sono por dia, não ler tantas notícias ficar atento as fakes News comprovar a veracidade das notícias, não ficar muito tempo no celular. Tudo isso pode nos ajudar a aliviar os sintomas de ansiedade ou depressão, é valido lembrar que todos estão sujeitos a estresses, ou a tristeza por algum ocorrido no dia a dia, muitas vezes podemos confundir somente uma tristeza passageira com algo mais grave que seria o caso da depressão e ansiedade. Por isso se estiver com dúvidas é imprescindível buscar ajuda profissional.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), respectivamente, no ano anterior e neste ano, leva o Brasil ao topo do ranking, ocupando a primeira posição no número de pessoas ansiosas e depressivas. Todavia, devido à COVID-19, estima-se que os percentuais hão de aumentar no decorrer e na cessação dessa pandemia.

Segundo Adriana Foz, a psicopedagoga do Laboratório de Neurociência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), uma escola deve tratar de temas como violência, depressão e suicídio de forma constante, com o objetivo de diminuir o desconhecimento e o estigma relacionado à saúde mental. O importante, segundo ela, é ampliar a comunicação com os estudantes, de forma que eles se sintam seguros para tratar de suas emoções e desenvolver habilidades de relacionamento e autoconhecimento. Segundo mencionado da Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 350 milhões de pessoas de todas as formas de depressão, mas menos da metade dos afetados pelo transtorno adequado o tratamento adequado. Nos casos mais graves, a

depressão pode levar ao suicídio e entre jovens de 15 a 29 anos, já representa segunda causa da morte no mundo.

Para Gomes (2011):

Depressão (do latim *depressionem*) é uma palavra frequentemente utilizada para descrever uma gama imensa de sentimentos negativos e sombrios. Em primeiro lugar, depressão não é um estado de tristeza profunda, nem desânimo, preguiça, estresse ou mau humor. A depressão é diferente da tristeza, pois a tristeza geralmente tem uma causa conhecida e duração determinada no tempo e no espaço. Já a depressão envolve uma gama de sentimentos difusos de longa duração no tempo e no espaço, geralmente relacionados à angústia. A depressão, enquanto evento psiquiátrico é algo bastante diferente da tristeza. Mesmo assim, em alguns casos, podemos considerar a depressão como uma reação natural da pessoa humana em períodos de transição, especialmente em tempos de mudanças e crescimento, em épocas que antecedem novos horizontes de amadurecimento do ser em constante processo de desenvolvimento (p. 127).

Para esse autor há uma grande diferença entre tristeza e depressão, por esse motivo é que muitos depressivos não se preocupam com sinais e não procuram tratamento, atualmente mostramos uma felicidade, por vezes falsa através das redes sociais, podemos observar muitas pessoas sorridentes através de imagens, declarando total satisfação com sua vida e relacionamentos, no entanto a realidade pode não ser tão perfeita quanto parece e isso pode gerar frustração em quem sente que não corresponde à que parece ser a condição permanente de todos os demais, aprofundando estados depressivos.

Diante desses dados Dalgarrondo (2011) apresenta uma perspectiva evolucionista e afirma que;

Ainda que a depressão leve possa ser uma resposta adaptativa normal a perdas e separação breve, as depressões graves, consequências de repetidas separações, perdas e traumas imensos, que causam muito sofrimento e disfunção, parecem bem mais fenômenos patológicos do que adaptativos (p. 403).

Fica bem claro que para esse autor a depressão é uma doença que ataca o ser humano, de forma que não causa tanto mal pois é uma resposta a

adaptação, porém nem todas as pessoas se adaptam as mudanças que ocorrem durante a vida.

Para gomes (2011), afirma que a depressão ocasiona uma gama de consequências no ser humano, trazendo outros malefícios para corpo, os seguintes sintomas: a insônia, a distímia, os distúrbios do sono e da alimentação, as quais repercutem negativamente conforme a citação abaixo;

A depressão gera insônia. (...) Quando a noite cai, principia a acordar, quando o dia amanhece, começa a dormir. O melhor lugar do mundo, o mais aconchegante, o mais macio, o mais confortável, o mais confiável é a cama. O deprimido tem a cama presa às suas costas. Ele e a cama são irmãos siameses. Quando consegue dormir, não quer mais acordar. O sono aparece como o último refúgio. (...) Não tem domínio sobre as próprias emoções. Não tem paciência. Perde a cabeça com facilidade. Explode à toa! Não sabe a origem da própria irritação e nem precisa. Está sempre irritado, e isso basta! (p.9)

Essa doença traz consigo vários sintomas que desgastam a saúde do ser humano aos poucos, na maioria das vezes as pessoas nem se dão conta, a pessoa deprimida morre lentamente tornando-se escravo do pessimismo o incapacitando de viver plenamente momentos de felicidades e de prazer com pessoas que lhe fazem bem.

A ansiedade é uma reação natural que todos nós sentimos em algum momento. No entanto, quando os sintomas da ansiedade se tornam muito intensos e frequentes, passam a afetar negativamente a vida das pessoas

Implicações no rendimento escolar

A vida escolar é traçada de grandes aprendizados, riquezas e conhecimentos, porém com essa nova modalidade de ensino vem sendo acarretadas de conflitos, insegurança e tristezas. Com as mudanças repentinas desses novos eventos que é advento das aulas remotas. Eles são

automaticamente transportados para o mundo virtual sem ter que lidar com os problemas do mundo real.

Segundo o psicólogo Leandro Karnal:

“Se o aluno não consegue acompanhar as aulas, dão remédio para ele. Nem todo mundo que não presta atenção tem déficit de atenção. A aula pode ser chata mesmo” – Leandro Karnal.

Compreendemos que as causas desses problemas são devidas ao fato de lidar com esse momento crítico, assim causando a ansiedade e depressão nos jovens e crianças.

A ansiedade e depressão está diretamente ligada as emoções, no entanto, quando os sintomas da ansiedade se tornam muito intensos e frequentes, passam a afetar negativamente a vida das pessoas. Um rebaixamento do humor; redução da energia e diminuição da atividade; alteração da capacidade de experimentar o prazer; perda de interesse; diminuição da capacidade de concentração associadas em geral à fadiga importante, mesmo após um esforço mínimo.

Para Augras (1986) os sintomas podem ocorrer também na fase da adolescência pois o outro ainda e um modelo a ser seguido, essa pressão que ele sente pode causar consequências graves ao adolescente;

Muitas vezes, distúrbios encontrados em adolescentes não possuem outra origem: as expectativas do grupo esperam do adolescente a aquiescência da criança, exigem dele as atitudes do adulto que ainda virá a ser e, para resolver essa contradição, fornecem-lhe modelos pautados por uma tradição que, embora instilada desde o nascimento, é-lhe fundamentalmente estranha. É preciso dispor de privilegiado equipamento de adaptação à realidade, para conseguir superar tantas tensões, adequar-se às exigências externas sem mutilar-se, afirmar a individualidade sem lesar o ambiente (p 31).

Observam-se em geral problemas do sono e diminuição do apetite. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012) definem a aprendizagem como processo de apropriação significativa dos conhecimentos, superando a aprendizagem limitada à memorização. Paula e Bida (2008) explicam que esse processo de apropriação significativa dos

conhecimentos somente ocorre se quatro condições básicas forem atendidas: a motivação, o interesse, a habilidade de compartilhar experiências e a habilidade de interagir com os diferentes contextos.

O avanço na compreensão dos mecanismos envolvidos no processo de aprendizagem e a reflexão sobre os desafios impostos pelo mundo contemporâneo indicaram a necessidade de considerar concepções mais sistêmicas e complexas, no que se refere à construção do conhecimento e à formação humana. Se na escola por vezes o aluno tira boas notas, consegue desenvolver as atividades, se entrosar com os colegas talvez ele não vai desenvolver ansiedade ou depressão. Mas algumas crianças e jovens se muito pressionados a por exemplo: fazer as atividades com perfeição, tirar sempre boas notas, ter um excelente comportamento.

“Acessar a internet é a forma para encontrar o conhecimento com o professor”, assinala Eunice Rodrigues Silva, professora de história de uma escola pública de Brasília, em tempos de pandemia, escolas estão sem aulas presenciais, o acesso agora é pelo meio da tecnologia, porém muitos alunos não conseguem aprender adequadamente e com êxito, lembrando que muitos não tem a acesso à internet e nem outras formas de tecnológicas. Dessa forma, esse tipo de problema pode causar a ansiedade e depressão, pelo fato da criança e adolescente não sentir se integrado.

Como os pais e professores podem ajudar

O papel dos pais é compreender e auxiliar o filho com depressão e ansiedade sendo assim, não adianta querer forçar o jovem a praticar atividades ou se socializar de uma hora para outra muito menos por obrigação. O melhor caminho é sempre o diálogo e a compreensão. Para as escolas, cabe o papel de identificar alunos que apresentam esses sintomas, tornando-se agentes de transformação e redução de danos, podendo assim impactar, inclusive, na vida futura dessas crianças e adolescentes.

A insegurança diária o medo da morte e tudo que a pandemia impõe pode não só desenvolver transtornos mentais, mas também agravar os que já existiam. Em meio à crise cada indivíduo sente os sintomas de uma forma diferente, por esse motivo muitas pessoas se sentem amedrontadas, confusas ansiosas, desorientadas, anestesiadas ou até mesmo mantendo distância emocional, isolando-se.

É fundamental que pessoas que apresentam sintomas graves de ansiedade e depressão procurem ajuda médica para avaliar um possível transtorno e iniciar o tratamento para que maiores prejuízos sejam evitados. O professor também tem um papel importante, pode estar ajudando a perceber algo diferente em seus alunos através de atividades, ou até mesmo na aula remota através de uma conversa ou uma brincadeira, claro que com as aulas presenciais seria muito mais fácil identificar esses problemas visando que através do comportamento da criança ou adolescente daria para perceber que tinha algo errado, seria interessante um trabalho conjunto entre os pais dos alunos e os professores, tendo essa comunicação ambos poderiam obter ajuda encaminhando essa criança ou adolescente para fazer um acompanhamento psicológico adequado e até mesmo o tratamento se assim for necessário, sempre lembrando que é imprescindível a ajuda de um profissional.

Os Transtornos de Humor estão divididos em Transtornos Depressivos (“depressão unipolar”), Transtornos Bipolares e dois transtornos baseados na etiologia – Transtorno do Humor Devido a uma Condição Médica Geral e Transtorno de Humor Induzido por Substância. Os transtornos depressivos (a saber, Transtorno Depressivo Maior, Transtorno Distímico e Transtorno Depressivo Sem Outra Especificação) são diferenciados dos Transtornos Bipolares pelo fato de haver um histórico de jamais ter tido um Episódio Maníaco, Misto ou Hipomaníaco. Os transtornos Bipolares (a saber, Transtorno Bipolar I, Transtorno Bipolar II, Transtorno Ciclotímico e Transtorno Bipolar sem outra Especificação) envolvem a presença (ou histórico) de episódios maníacos, geralmente acompanhados pela presença (ou histórico) de Episódios Depressivos Maiores (p. 345).

Nem sempre é fácil encerrar um diagnóstico exato para um paciente devido a diferentes sintomas apresentados com tudo deve se ter o cuidado e o conhecimento de psicopatologia para um diagnóstico mais exato possível.

Metodologia

A metodologia que foi usada neste trabalho foi de forma bibliográfica de caráter explicativo, com a elaboração do método bibliográfico.

Segundo o pensador (GIL, 2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituindo principalmente de livros, sites, e artigos científicos.

Conclusão

A partir do presente artigo pode se concluir, que a depressão é um assunto de grande importância e que deve ser explicado, divulgado para que todos tenham conhecimentos e saibam a grande relevância desse assunto.

Após analisar alguns dados descritos nesse artigo nota-se que houve um aumento significativo de depressão nos jovens durante a pandemia, pelo fato de os jovens terem que lidar com o isolamento social e mais outros complexos como a perda e a renda da família, luto, doenças entre outros.

Diante disso a psicóloga Giulianna Ruiz explica que a adolescência é um momento da vida em que as pessoas estão em grande transformação.

Desde o início do isolamento, as crianças têm sido diagnosticadas com aumento de ansiedade e depressão leve. Nesse período está difícil fugir dessa possibilidade, já que todos tivemos que mudar radicalmente as nossas rotinas, planos, objetivos, convivência, distrações, diversão... existem pesquisas dizendo que a quarta onda da pandemia será a depressão, e isso pode acontecer em todas as idades.”

Portanto, a grande prevalência encontrada e relatada indica a necessidade de garantir suporte tratamento e também a previsão de serviço de atenção à saúde mental e a qualidade de sono para todas as idades inclusive as crianças e adolescente adaptados ao contexto pandêmico.

Dessa forma, devemos discutir sobre a boa disposição física e mental durante a pandemia neste momento delicado é muitíssimo necessário que as pessoas tenham uma boa informação sobreo assunto, ajudando o no combate de doenças psicológicas, além da visão ampla de como adotar estratégias para ter uma boa convivência familiar e escolar.

Referências

<https://hospitalsantamonica.com.br/ansiedade-e-depressao-na-pandemia/>

acesso realizado no dia 21/04/2021 às 9:38 horas.

[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2020000100504&script=sci_arttext)

[166X2020000100504&script=sci_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2020000100504&script=sci_arttext) acesso realizado no dia 21/04/2021 às 10:34 horas.

<https://escolaemmovimento.com.br/blog/ansiedade/> acesso realizado no dia 21/04/2021 às 15:26 horas.

<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/02/15/brasil-lidera-casos-de-depressao-e-ansiedade-na-pandemia/>

<https://www.consumidormoderno.com.br/2020/09/22/depressao-em-jovens-cresce-desde-o-inicio-do-isolamento-saiba-identificar/>

<https://psalm.escreveronline.com.br/redacao/tema-ansiedade-e-depressao-em-tempos-de-pandemia/>

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/02/quarentena-e-saude-mental-depressao-tdah-e-outros-quadros-pedem-cuidados.htm>

<https://blog.psicologiviva.com.br/coronavirus-saude-mental-em-tempos-de-quarentena-e-isolamento/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-10/pandemia-de-covid-19-fez-ensino-e-papel-do-professor-mudarem> acesso realizado na data 28/04/2021, às 19:53 horas.

- Desafios no processo de inclusão do aluno com deficiência na escola regular (Andreia Rocha de Paula; Elizamar Padia; Gabriel Murpf; Silvio Rodrigues Szerwieski)

Desafios no processo de inclusão do aluno com deficiência na escola regular

Andreia Rocha de Paula

Elizamar Padia

Gabriel Murpf

Silvio Rodrigues Szerwieski

RESUMO

A inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares é um direito garantido por lei, mas ainda enfrenta muitos desafios no contexto educacional. Este artigo tem como objetivo discutir as principais dificuldades encontradas no processo de inclusão desses estudantes, abordando aspectos como a falta de formação adequada dos professores, a escassez de recursos pedagógicos e a resistência cultural dentro das instituições de ensino. Com base em uma revisão de literatura e análise teórica, conclui-se que, embora o avanço da legislação tenha sido significativo, há ainda muitos obstáculos que precisam ser superados para garantir uma inclusão plena e eficaz.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Alunos com deficiência. desafios educacionais, educação inclusiva, escola regular.

Introdução

A educação inclusiva tem sido um dos principais focos das políticas educacionais nas últimas décadas, buscando garantir o acesso e a permanência de todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, sensoriais, intelectuais ou emocionais. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) asseguram o direito de matrícula de alunos com deficiência nas escolas regulares. Contudo, na prática, essa inclusão enfrenta inúmeros desafios. Este artigo busca discutir esses obstáculos, refletindo sobre a formação dos professores, a adequação das escolas e os aspectos culturais que influenciam o processo de inclusão.

Desenvolvimento

O conceito de inclusão escolar

A inclusão escolar refere-se à prática de educar alunos com deficiência nas escolas regulares, garantindo-lhes os mesmos direitos e oportunidades que os demais alunos. De acordo com Mantoan (2006), a inclusão vai além do simples ato de matricular o aluno com deficiência na escola regular; ela exige a adaptação do ambiente escolar, do currículo e das metodologias de ensino para que o estudante possa participar efetivamente do processo de aprendizagem. A verdadeira inclusão busca valorizar a diversidade e promover o respeito às diferenças, permitindo que todos os alunos convivam e aprendam juntos.

Desafios relacionados à formação de professores

Um dos maiores desafios da inclusão escolar é a falta de formação adequada dos professores para lidar com a diversidade em sala de aula. De acordo com Carvalho (2011), muitos educadores se sentem despreparados para trabalhar com alunos com deficiência, especialmente quando não possuem conhecimento especializado sobre as necessidades desses estudantes. A formação continuada e o desenvolvimento de competências específicas são essenciais para que os professores possam adotar práticas pedagógicas inclusivas, que respeitem o ritmo de aprendizagem e as características individuais dos alunos.

Infraestrutura e recursos pedagógicos

Outro desafio importante é a falta de infraestrutura adequada nas escolas regulares para receber alunos com deficiência. Segundo Sasaki

(2010), muitas instituições de ensino não possuem recursos de acessibilidade, como rampas, elevadores, banheiros adaptados ou materiais didáticos específicos, como braile ou tecnologias assistivas. A ausência desses recursos limita a participação dos alunos com deficiência nas atividades escolares e prejudica seu processo de aprendizagem. Além disso, a adaptação do currículo é um fator essencial para que o aluno possa aprender de forma inclusiva, respeitando suas limitações e potencialidades.

Resistência cultural e preconceitos

A inclusão escolar também enfrenta barreiras culturais, que se manifestam na forma de preconceitos e resistência por parte de alguns membros da comunidade escolar, incluindo professores, pais e alunos. De acordo com Omote (2005), muitos ainda acreditam que os alunos com deficiência não conseguem acompanhar o ritmo de uma turma regular ou que eles demandam uma atenção especial que prejudicaria o aprendizado dos demais. Esse tipo de visão excludente perpetua estigmas e dificulta a aceitação plena dos alunos com deficiência no ambiente escolar.

A importância de políticas públicas eficazes

Para que a inclusão escolar seja efetiva, é necessário que as políticas públicas voltadas à educação inclusiva sejam implementadas de forma coerente e contínua. Segundo Mendes (2010), embora a legislação brasileira seja avançada, a falta de recursos financeiros e o despreparo das instituições educacionais comprometem a aplicação dessas políticas. Investir em formação docente, infraestrutura e recursos pedagógicos são ações fundamentais para garantir a inclusão plena dos alunos com deficiência nas escolas regulares.

Conclusão

A inclusão de alunos com deficiência nas escolas regulares é um direito fundamental e um passo importante para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. No entanto, como discutido ao longo deste artigo, ainda há muitos desafios a serem enfrentados, como a formação de professores, a adaptação de infraestrutura e a superação de barreiras culturais. A efetiva inclusão escolar depende de uma ação conjunta entre educadores, gestores, famílias e governo, de modo a garantir que todos os estudantes, independentemente de suas condições, possam participar plenamente do processo educativo.

Referências

CARVALHO, Rosita Edler. Educação inclusiva: com os pingos nos "is". Porto Alegre: Mediação, 2011.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Educação inclusiva: o que o professor tem a ver com isso? Campinas: Autores Associados, 2010.

OMOTE, Sadao. A integração de alunos com necessidades especiais: condições de realização. São Paulo: Educ, 2005.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2010.

**- Desenvolvimento profissional de educadores na Educação Infantil:
Explorando políticas e práticas pedagógicas para uma abordagem
holística citando a epistemologia e seus conceitos (Silvia Cassia da
Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane
Artiaga)**

Desenvolvimento profissional de educadores na Educação Infantil: Explorando políticas e práticas pedagógicas para uma abordagem holística citando a epistemologia e seus conceitos

Silvia Cassia da Costa¹⁰

Juliana Macedo da Silva¹¹

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz¹²

Rosiane Artiaga¹³

DOI: 10.5281/zenodo.13774795:

RESUMO

Esse artigo aborda um projeto de pesquisa em que enfatiza a formação de professores e as políticas de ensino que desempenham um papel vital na melhoria da qualidade da educação infantil". Inicialmente, apresentamos um estudo que investiga como a política e a prática educacional influenciam o desenvolvimento profissional de educadores de infância. Acreditamos que compreender a relação entre esses aspectos é fundamental para garantir uma abordagem holística da educação na aprendizagem na primeira infância. O objetivo geral desta pesquisa é analisar de que maneira as políticas e práticas pedagógicas influenciam a formação e o desenvolvimento profissional dos professores na educação infantil. Nesse sentido, inclui-se aos específico, ao qual Investigar as políticas educacionais vigentes relacionadas à educação infantil e sua influência na formação de professores. Nesse sentido, analisar as práticas pedagógicas utilizadas na educação infantil e sua relação com o desenvolvimento profissional dos educadores, identificar os desafios enfrentados pelos professores na busca por uma formação continuada de qualidade na área de educação infantil. A problemática que aqui se coloca é de extrema relevância e urgência. A formação de professores na educação infantil e a qualidade das políticas e práticas pedagógicas que os cercam têm implicações profundas para o futuro da educação de nossas crianças. Esta pesquisa busca analisar criticamente essa problemática, desvendando as complexas relações entre *praxis* e *poesis*, políticas e práticas pedagógicas, que moldam o desenvolvimento profissional dos educadores. A justificativa para a realização deste estudo é clara. Em um mundo em constante evolução, a educação infantil desempenha um papel crucial na preparação das futuras gerações. No entanto, a falta de coerência nas políticas pedagógicas e a persistência de práticas tradicionais podem limitar o potencial transformador dessa fase inicial de aprendizado. É fundamental compreender como esses fatores afetam o desenvolvimento dos professores e, por conseguinte, a qualidade da educação infantil. A relevância desta proposta de pesquisa reside na necessidade de um olhar crítico sobre as políticas e práticas pedagógicas existentes, buscando não apenas identificar problemas, mas também sugerir soluções. Por fim, é importante destacar que esta pesquisa não pretende ser apenas um exercício teórico, mas sim uma contribuição tangível para a melhoria da educação infantil. Ao

10 silviacassiac@gmail.com

11 profjulianamacedo65@gmail.com

12 querozmariely2@gmail.com

13 artiagarosiane@gmail.com

fornecer insights críticos e recomendações práticas, esperamos que este estudo ajude a informar políticas educacionais, programas de formação de professores e práticas pedagógicas que, em última análise, beneficiarão as crianças em suas experiências iniciais de aprendizado.

PALAVRA-CHAVE: Formação de professores. Práticas e Políticas Pedagógicas. Educação infantil. Praxis e poesis.

Introdução

A formação de professores na educação infantil frequentemente encontra obstáculos relacionados a políticas fragmentadas e práticas pedagógicas tradicionais, o que pode afetar a qualidade da experiência educacional das crianças nessa fase crucial de desenvolvimento. Além disso, a falta de investimento na formação continuada pode impactar negativamente a capacidade dos educadores de se adaptarem a novas metodologias e abordagens pedagógicas. Como as políticas pedagógicas fragmentadas e as práticas tradicionais de formação de professores impactam o desenvolvimento profissional dos educadores na educação infantil, e de que forma uma abordagem mais integrada e centrada na inovação pode ser promovida para garantir uma educação de qualidade nessa fase crucial?

Em muitos contextos educacionais, as políticas pedagógicas têm sido caracterizadas por sua fragmentação e falta de coerência. Isso pode levar a abordagens educacionais desconexas e dificultar a criação de um ambiente de aprendizado eficaz e integrado na educação infantil. A ênfase em práticas tradicionais de formação de professores muitas vezes não atende às demandas contemporâneas da educação, que requerem uma abordagem mais dinâmica, flexível e alinhada às necessidades individuais das crianças em suas diversas dimensões de desenvolvimento.

As consequências desse cenário podem ser percebidas no desenvolvimento profissional dos educadores. A falta de políticas coerentes e de apoio à formação continuada pode restringir as oportunidades de atualização e aquisição de novas habilidades, prejudicando a capacidade dos professores de adotar práticas pedagógicas inovadoras e eficazes. Além disso,

a adesão às práticas tradicionais pode limitar a criatividade e a adaptabilidade dos educadores diante das necessidades emergentes das crianças e das mudanças na sociedade.

Nesse sentido, a busca por uma abordagem mais integrada e centrada na inovação torna-se crucial. A formação de professores na educação infantil deve ser respaldada por políticas pedagógicas mais abrangentes, que promovam a colaboração entre diferentes atores educacionais e valorizem práticas alinhadas às teorias contemporâneas de aprendizado e desenvolvimento infantil. A introdução de metodologias inovadoras, como a aprendizagem baseada em projetos, o uso de tecnologias educacionais e a promoção da reflexão constante, pode enriquecer as práticas pedagógicas e a formação dos educadores.

Portanto, a análise profunda da problemática destaca a necessidade urgente de repensar as políticas pedagógicas e as práticas de formação de professores na educação infantil. A promoção de uma abordagem mais integrada e orientada para a inovação pode catalisar o desenvolvimento profissional dos educadores, melhorar a qualidade da educação oferecida às crianças em suas primeiras experiências de aprendizado e contribuir para um futuro educacional mais dinâmico e adaptável às necessidades da sociedade.

A pesquisa proposta tem sua relevância intrinsecamente ligada à necessidade premente de promover uma formação de professores na educação infantil que seja mais do que simplesmente instrutiva, mas profundamente reflexiva e inovadora. A compreensão do papel da **praxis** e **poesis** na formação de educadores é crucial para a melhoria das políticas e práticas pedagógicas nessa etapa vital da educação.

A educação infantil é um período de desenvolvimento acelerado e moldagem da personalidade, onde as bases cognitivas, emocionais e sociais são estabelecidas. Portanto, o papel do educador nesse contexto é fundamental. No entanto, muitas vezes, os educadores enfrentam desafios inerentes à falta de coerência nas políticas e à adesão a práticas pedagógicas tradicionais. Isso resulta em uma desconexão entre as teorias educacionais

avançadas e a realidade da sala de aula, impactando a qualidade da educação fornecida às crianças.

Portanto, a pesquisa proposta não apenas aborda uma problemática atual e relevante, mas também oferece uma oportunidade valiosa para aprimorar a formação de educadores na educação infantil, contribuindo para uma abordagem educacional mais holística, reflexiva e inovadora, capaz de preparar as crianças para os desafios do século XXI.

Desenvolvimento

A literatura relacionada à formação de professores, políticas pedagógicas e práticas na educação infantil oferece insights valiosos para a compreensão das interações entre **praxis** e **poesis** nesse contexto. Segundo Tardif (2002, p. 186), o desenvolvimento profissional docente envolve uma complexa combinação de saberes teóricos, práticos e experienciais, o que é crucial para uma prática educativa eficaz. Nessa perspectiva, a **praxis** encontra sua expressão na relação entre esses diferentes saberes, possibilitando a tomada de decisões informadas e reflexivas em sala de aula.

Formosinho (2002, p. 55), por sua vez, ressalta a importância de práticas pedagógicas contextualizadas na educação infantil. A autora destaca que os educadores devem considerar as particularidades das crianças, suas vivências e interesses, promovendo uma educação que valorize a individualidade e a interação social. Essa abordagem está intrinsecamente alinhada à **poesis**, pois envolve a criação de práticas inovadoras que respondam às necessidades únicas das crianças em um ambiente educacional dinâmico.

Garcia (2009, p. 42) contribui para essa discussão ao enfatizar a importância da formação de professores como um processo contínuo, baseado na reflexão crítica e na busca por aprimoramento. A autora destaca que a **praxis** educacional implica uma análise constante das práticas pedagógicas, a fim de adaptá-las às mudanças nas demandas da sociedade e nas

características das crianças. Esse processo de reflexão e ação contínua é essencial para a incorporação efetiva da **praxis** na formação de professores.

Analisando a problemática apresentada neste anteprojeto, fica evidente que a falta de coerência nas políticas pedagógicas e a adesão a práticas tradicionais podem dificultar a realização plena da **praxis** e **poesis** na educação infantil. Tardif (2002, p. 200) argumenta que as políticas educacionais podem influenciar significativamente as práticas dos professores, moldando suas escolhas e ações. Nesse sentido, é imperativo que as políticas se alinhem com abordagens que valorizem a reflexão crítica, a inovação e a individualidade das crianças.

A abordagem proposta por Formosinho (2002, p. 75), que ressalta a importância de práticas contextualizadas e interativas na educação infantil, pode ser vista como uma manifestação da **poesis**. A capacidade dos educadores de criar ambientes de aprendizado que respondam às necessidades das crianças é essencial para a promoção de uma educação de qualidade. No entanto, isso requer não apenas criatividade, mas também reflexão constante e atualização dos educadores.

A pesquisa, ao analisar como as políticas e práticas pedagógicas podem promover a integração efetiva entre **praxis** e **poesis** na formação de professores na educação infantil, busca, portanto, construir pontes entre esses conceitos teóricos e sua implementação prática. O estudo contribuirá para a compreensão das barreiras que podem impedir essa integração, bem como para a identificação de estratégias que possam superar esses desafios e permitir a criação de um ambiente educacional mais reflexivo, inovador e adaptável às necessidades das crianças.

O livro "Saberes Docentes e Formação Profissional", publicado em 2002, é uma coletânea de oito ensaios escritos por Tardif desde 1991. Esses ensaios refletem diferentes estágios do percurso de pesquisa do autor e sua evolução de pensamento ao longo do tempo. No âmago dessa obra, Tardif constrói uma estrutura de conhecimento docente sustentada por seis fios conceituais. Esses fios representam as dimensões complexas e interconectadas do saber do professor, abrangendo desde os saberes

disciplinares até os saberes contextuais e práticos que moldam a ação educativa. A abordagem de Tardif enriquece a compreensão do desenvolvimento profissional do educador ao capturar a complexidade e a natureza dinâmica desse conhecimento multifacetado. Através desses seis fios, Tardif lança luz sobre a importância de uma formação docente que leve em consideração as diferentes camadas de saberes necessárias para a prática eficaz e reflexiva em sala de aula.

Os seis fios apresentados por Tardif em "Saberes Docentes e Formação Profissional" representam as diferentes dimensões do conhecimento e da prática do professor. Cada fio aborda uma área específica de saberes que compõem a expertise docente. Abaixo exemplifica brevemente cada um dos seis fios:

Os saberes da experiência

Este fio destaca a importância da experiência vivida pelo professor como fonte valiosa de conhecimento. Os saberes da experiência incluem insights práticos e tacitamente adquiridos ao longo da carreira docente. Tardif reconhece que os professores desenvolvem uma compreensão profunda das dinâmicas da sala de aula e das necessidades dos alunos através de suas experiências cotidianas.

Os Saberes disciplinares:

Os saberes disciplinares referem-se ao conhecimento relacionado às matérias que o professor ensina. Tardif destaca a importância de dominar o conteúdo da disciplina para transmiti-lo de maneira significativa aos alunos. Esse fio enfatiza a necessidade de um profundo conhecimento da matéria, juntamente com a habilidade de adaptar o conteúdo ao contexto da sala de aula.

Os Saberes Curriculares:

Os saberes curriculares dizem respeito à compreensão das estruturas e sequências curriculares. Isso envolve saber como os tópicos se relacionam, como organizar o ensino e como escolher métodos apropriados. O professor deve ter uma visão holística do currículo e ser capaz de planejar aulas coerentes e relevantes.

Os Saberes Práticos:

Os saberes práticos são habilidades específicas que os professores desenvolvem para lidar com situações concretas na sala de aula. Isso inclui a gestão da sala, a comunicação eficaz com os alunos e a capacidade de adaptar rapidamente as estratégias de ensino conforme necessário. Esses saberes são adquiridos através da experiência direta com a prática pedagógica.

Os Saberes dos Conteúdos Pedagógicos:

Este fio aborda como ensinar os conteúdos de maneira eficaz, ou seja, a transformação dos saberes disciplinares em conhecimentos acessíveis aos alunos. Isso envolve selecionar abordagens, métodos e recursos apropriados para facilitar a aprendizagem dos estudantes. Os saberes dos conteúdos pedagógicos destacam a importância da pedagogia na transmissão do conhecimento.

Os Saberes da Ação Didática:

Esse fio está relacionado à habilidade do professor de planejar, implementar e avaliar aulas de maneira eficaz. Envolve tomar decisões conscientes sobre estratégias de ensino, considerando as necessidades dos alunos e os objetivos educacionais. Os saberes da ação didática incluem o desenvolvimento de competências para a condução de aulas significativas e engajadoras.

Esses seis fios representam os diferentes aspectos do conhecimento e da prática que os professores devem integrar em sua atuação profissional. A interconexão e a sincronização desses saberes são fundamentais para a construção de uma abordagem de ensino eficaz e reflexiva.

Metodologia

Este projeto preliminar visa explorar o desenvolvimento profissional de educadores de educação infantil, com foco específico na política e prática instrucional. Neste contexto, utilizaremos o trabalho de Severino (2007) como referência básica para apoiar nosso estudo. Severino acreditava que o avanço dos educadores era crucial para a qualidade da educação, enfatizando a importância da epistemologia construtivista na formação de professores.

A pesquisa será realizada em duas fases. Primeiro, realizaremos uma revisão sistemática da literatura para reunir pesquisas relevantes sobre o desenvolvimento profissional de educadores da educação infantil, incluindo as políticas atuais. Em seguida, realizaremos entrevistas aprofundadas com educadores e gestores em ambientes de primeira infância para obter perspectivas e experiências práticas.

Os dados coletados serão analisados qualitativamente por meio da análise de conteúdo. Procuraremos identificar tendências, desafios e oportunidades relacionadas ao desenvolvimento profissional, vinculando isso ao conceito de Severino (2007) que enfatiza a importância da reflexão crítica e da construção ativa do conhecimento. Nossa pesquisa visa contribuir para uma

compreensão aprofundada das políticas e práticas de ensino na educação infantil e fornecer orientação para o desenvolvimento profissional de educadores.

Espera-se que as nossas conclusões tenham um impacto positivo na qualidade da educação na primeira infância, promovendo métodos de ensino mais eficazes e centrados na criança. Este projeto estabelece uma estrutura sólida para a investigação a ser realizada explorando o desenvolvimento profissional de educadores da educação infantil. Ao incorporar o conceito epistemológico construtivista de Severino (2007), nossa pesquisa visa ampliar a compreensão das políticas e práticas que moldam a formação de educadores com o objetivo de melhorar a qualidade da educação infantil.

Neste estudo, adotaremos uma abordagem de métodos mistos que combina elementos de pesquisa qualitativos e quantitativos, seguindo as orientações de Gatti (2012). A investigação qualitativa permitir-nos-á explorar as experiências, perspectivas e antecedentes dos educadores na educação infantil, proporcionando conhecimentos profundos e ricos. Ao mesmo tempo, a investigação quantitativa ajudar-nos-á a analisar dados estatísticos, a avaliar o impacto das políticas e práticas de ensino e a fornecer uma perspectiva abrangente e comparativa.

O cronograma de dados para se obter os resultados pretendidos são:

Seleção/revisão das referências bibliográficas
Levantamento de dados
Entrevista com os envolvidos
Sistematização dos dados e análise
Redação da dissertação
Exame de qualificação
Revisão/adequação da dissertação
Defesa da dissertação

Os seis fios apresentados por Tardif em "Saberes Docentes e Formação Profissional" juntamente com esta abordagem integrada é fundamental para

uma compreensão abrangente do desenvolvimento profissional dos educadores e para o desenvolvimento de políticas educativas eficazes.

Referências

APPLE, M. W. (2004). **Ideology and Curriculum**. Routledge.

BARBOSA, Francy. **A formação fnicial de professores para trabalhar com a educação de jovens e adultos (EJA)**. Universidade do Estado do Pará (UEPA). 17f.

BOGDAN, R., & Biklen, S. K. (1994). **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto Editora.

CRESWELL, J. W. (2013). **Qualitative Inquiry & Research Design: Choosing Among Five Approaches**. Sage.

DEWEY, J. (1916). **Democracy and Education**. Macmillan.

FORMOSINHO, J. (2002). **Professores e contextos de desenvolvimento profissional**. Educa.

FORMOSINHO, João et al (Coord.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente**. Porto: Porto Editora, 2009.

FREIRE, P. (1970). **Pedagogy of the Oppressed**. Continuum.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, C. M. (2009). **Formação de professores para uma mudança educativa**. Porto Editora.

GARCÍA, M. C. **Formação de professores para uma mudança educativa.** Porto: Porto Editora, 1999.

GATTI, B. A. (2012). **Quantitativos e qualitativos na pesquisa educacional: diálogos possíveis.** Educação e Pesquisa, 38(1), 13-30.

GIL, A. C. (2002). **Como elaborar projetos de pesquisa.** Atlas.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

OLIVEIRA-FORMOSINHO. **O desenvolvimento profissional dos professores.** In: Severino, A. J. (2007). **Filosofia da educação: construindo o pensar pedagógico.** Editora FGV.

TARDI F, Maurice. **Saberes docentes e formação inicial.** Petrópolis: Vozes, 2002.

- Dislalia: implicações no desenvolvimento da linguagem e estratégias de intervenção (Luzinete da Silva Mussi; Lúcio Mussi Júnior)

Dislalia: implicações no desenvolvimento da linguagem e estratégias de intervenção

Luzinete da Silva Mussi¹⁴

Lúcio Mussi Júnior

DOI: 10.5281/zenodo.13763310

RESUMO

Este estudo aborda a dislalia, um distúrbio fonológico que afeta a articulação dos sons da fala, analisando suas causas, impactos no desenvolvimento da linguagem e estratégias de tratamento. A revisão da literatura revela que as causas da dislalia são multifatoriais, incluindo fatores orgânicos, como anquiloglossia e distúrbios neurológicos, além de fatores funcionais e ambientais, como dificuldades motoras orais e falta de estímulo linguístico. Os impactos são significativos, afetando a alfabetização, a comunicação oral e o bem-estar social da criança, podendo levar ao isolamento social e à baixa autoestima. O tratamento é geralmente multidisciplinar, envolvendo fonoaudiólogos e outros profissionais, e a intervenção precoce é essencial para a correção dos erros de fala. Este estudo destaca a importância de uma avaliação abrangente e de intervenções personalizadas para minimizar os efeitos da dislalia no desenvolvimento infantil.

Palavras chaves: Estratégias de tratamento. Erros de fala. Avaliação abrangente. Intervenções personalizadas.

Introdução

O desenvolvimento da linguagem é um dos aspectos mais críticos do crescimento infantil, refletindo diretamente na capacidade da criança de se comunicar e interagir com o mundo ao seu redor (Snow & Ferguson, 2020). Dentro deste processo complexo, a aquisição adequada da fala e da linguagem desempenha um papel central. No entanto, para algumas crianças, este

¹⁴ Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

desenvolvimento pode ser marcado por distúrbios que afetam a clareza e a precisão da fala, sendo a dislalia um dos mais comuns (Hoff, 2013).

A dislalia é caracterizada pela dificuldade em articular corretamente certos fonemas, resultando em trocas, omissões ou distorções de sons na fala (Yavas, 2006). Este distúrbio pode manifestar-se de várias formas, desde a substituição simples de sons, até problemas mais complexos que comprometem a inteligibilidade da fala. Segundo Ferreira (2015), as causas da dislalia podem ser multifatoriais, abrangendo desde fatores orgânicos, como alterações anatômicas ou neurológicas, até questões ambientais e funcionais, como a falta de estimulação adequada ou dificuldades auditivas.

Este artigo tem como objetivo explorar as principais causas da dislalia, analisando seus impactos no desenvolvimento da linguagem e as possíveis intervenções terapêuticas. Ao investigar as origens e as consequências deste distúrbio, pretende-se oferecer uma visão abrangente que possa orientar profissionais de saúde, educadores e familiares na identificação precoce e no tratamento adequado da dislalia (Dodd, 2011).

A relevância deste estudo se sustenta na importância de uma intervenção precoce e eficaz, que pode prevenir consequências mais graves para o desenvolvimento da criança, tanto em termos de aprendizagem quanto em aspectos sociais e emocionais (Gordon-Brannan & Weiss, 2007). Além disso, compreender as diferentes abordagens terapêuticas disponíveis pode contribuir para o aprimoramento das práticas clínicas e para o desenvolvimento de estratégias educativas mais inclusivas.

Revisão da Literatura

Conceitos de Fonologia

A fonologia é o ramo da linguística que estuda o sistema de sons de uma língua e as regras que governam sua combinação e pronúncia. Ela é fundamental para a compreensão dos distúrbios de fala, como a dislalia, uma

vez que estes frequentemente envolvem dificuldades na produção de sons específicos (Crystal, 2008). Segundo Yavas (2011), a fonologia é crucial para o desenvolvimento da fala, pois permite à criança adquirir e organizar os sons de forma sistemática, facilitando a comunicação efetiva. Em casos de dislalia, essa aquisição e organização dos sons pode estar comprometida, resultando em erros articulatórios que afetam a clareza da fala (Gierut, 2001).

Teorias de Aquisição de Linguagem

As teorias de aquisição de linguagem oferecem diferentes perspectivas sobre como as crianças aprendem a falar e compreender a linguagem. A Teoria Inatista, proposta por Noam Chomsky, sugere que a capacidade para a linguagem é inata e que as crianças nascem com um dispositivo de aquisição de linguagem (LAD) que lhes permite aprender qualquer língua a que sejam expostas (Chomsky, 1965). Sob essa perspectiva, a dislalia pode ser vista como uma interrupção ou atraso no uso desse dispositivo inato.

Por outro lado, o Behaviorismo, defendido por B.F. Skinner, propõe que a linguagem é adquirida através de reforços e imitação (Skinner, 1957). Neste contexto, a dislalia poderia ser explicada pela falta de reforço ou pela imitação de modelos de fala incorretos. A Teoria Sociocultural de Vygotsky, por sua vez, enfatiza a interação social como fundamental para a aquisição da linguagem, sugerindo que a dislalia pode estar relacionada à falta de oportunidades de interação linguística rica no ambiente da criança (Vygotsky, 1978).

Estudos Anteriores sobre Dislalia

Diversos estudos têm investigado as causas, os impactos e as estratégias de tratamento para a dislalia. Segundo Ferreira e Santos (2017), fatores como a anquiloglossia (freio lingual curto) e disfunções auditivas são causas comuns de dislalia. Esses autores também destacam que intervenções

fonoaudiológicas precoces são essenciais para evitar complicações no desenvolvimento da linguagem. Gordon-Brannan e Weiss (2007) apontam que a dislalia pode ter um impacto significativo no desenvolvimento acadêmico e social da criança, uma vez que as dificuldades na comunicação oral podem prejudicar a alfabetização e a interação social.

Neste sentido, acrescenta-se que:

Alguns fonoaudiólogos consideram que a Dislalia não seja um problema de ordem neurológica, mas de ordem funcional. Segundo eles, o som alterado pode se manifestar de diversas formas, havendo distorções, sons muito próximos, mas diferentes do real, omissão, ato em que se deixa de pronunciar algum fonema da palavra, transposições na ordem de apresentação dos fonemas (trocar máquina por mánica) e, por fim, acréscimos de sons. (CLUBE DA FALA, 2022, s.d.)

No que diz respeito ao tratamento, Dodd (2011) sugere que abordagens terapêuticas baseadas em exercícios de articulação e estimulação auditiva têm mostrado eficácia no tratamento da dislalia. Esses tratamentos visam melhorar a precisão na produção dos fonemas e fortalecer a capacidade auditiva da criança, facilitando a correção dos erros de fala.

Causas

As causas da dislalia são multifatoriais, abrangendo desde fatores orgânicos até funcionais e ambientais. De acordo com Ferreira e Santos (2017), uma das causas orgânicas mais comuns é a anquiloglossia, também conhecida como "freio lingual curto", que limita a mobilidade da língua e pode interferir na articulação de certos fonemas. Além disso, distúrbios neurológicos, como a paralisia cerebral, também podem levar à dislalia, uma vez que afetam o controle motor necessário para a produção adequada dos sons (Dodd, 2011).

Para Rodrigues (2023), as principais causas são:

Alterações na boca, como deformidades no céu da boca, língua muito grande para idade da criança ou língua presa;

Problemas auditivos, uma vez que a como a criança não consegue ouvir muito bem os sons, não consegue reconhecer a fonética correta; Alterações no sistema nervoso, o que pode comprometer o desenvolvimento da fala como no caso da paralisia cerebral. (RODRIGUES, 2023, s.p.)

Do ponto de vista funcional, dificuldades motoras na região oral, como fraqueza muscular ou problemas de coordenação, são frequentemente associadas à dislalia (Gordon-Brannan & Weiss, 2007). Esses problemas podem dificultar a articulação precisa dos fonemas, resultando em erros de fala. Além disso, a perda auditiva, mesmo que leve, pode impedir a criança de ouvir e reproduzir corretamente os sons da fala, contribuindo para o desenvolvimento de dislalia (Yavas, 2011).

Corroborando, Clube da Fala (2022) enfatiza que:

O ato da fala é um ato motor elaborado e, portanto, os professores devem trocar informações com os educadores esportivos e professores de Educação Física, que normalmente observam o desenvolvimento psicomotor das crianças. (CLUBE DA FALA, 2022, s.p.)

No que diz respeito aos fatores ambientais, a falta de estimulação linguística adequada no ambiente familiar e social é um aspecto crítico. Vygotsky (1978) sugere que a interação social é fundamental para a aquisição da linguagem, e crianças que não são expostas a uma rica variedade de estímulos linguísticos podem desenvolver padrões de fala inadequados. Além disso, o comportamento de imitação de fala incorreta por parte de figuras de referência, como pais ou cuidadores, pode reforçar erros articulatórios e perpetuar a dislalia (Skinner, 1957).

Impactos no Desenvolvimento da Linguagem

A dislalia pode ter um impacto significativo no desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, no desempenho acadêmico e social da criança. Segundo Gordon-Brannan e Weiss (2007), crianças com dislalia

podem enfrentar dificuldades na alfabetização, uma vez que a capacidade de reconhecer e reproduzir fonemas de forma precisa é essencial para a aprendizagem da leitura e da escrita. Além disso, erros de fala podem levar a mal-entendidos e dificuldades na comunicação oral, o que pode afetar negativamente a interação social e a autoestima da criança (Hoff, 2013).

Fica evidente a necessidade de uma atenção diferenciada no processo de alfabetização e letramento, conforme enfatizado abaixo:

Considerando todos os tipos de comunicação, desde a oral à escrita, a escola com uma postura social, mas construtivista, deve ampliar a visão dos conceitos da linguagem assegurando a todos, inclusive ao aluno dislático, possibilidades para o desenvolvimento. Assim, tem como desafio, além de alfabetizar, permitir e impulsionar a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, respeitando as mais variadas maneiras de aprendizagem. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 7)

Outro impacto importante é o risco de estigmatização e isolamento social. Crianças com dislalia podem ser alvos de brincadeiras e rejeição por parte de seus colegas, o que pode resultar em retraimento social e dificuldades emocionais.

Bueno e Ferreira corroboram ao afirmar o seguinte:

Os estudos apresentados até o momento evidenciam que a dislalia, apesar de ser considerada como um distúrbio na linguagem, pode ocasionar episódios de bullying, principalmente provocados por outras crianças, levando à timidez e introspecção nas produções orais desses alunos. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 6)

Ferreira e Santos (2017) destacam que o impacto psicossocial da dislalia não deve ser subestimado, pois ele pode influenciar o desenvolvimento emocional e comportamental da criança, além de afetar sua adaptação escolar.

Tratamento

O tratamento da dislalia é geralmente realizado por fonoaudiólogos, que utilizam uma combinação de técnicas terapêuticas para corrigir os erros de fala.

Dodd (2011) argumenta que a intervenção precoce é essencial para maximizar a eficácia do tratamento e minimizar os impactos da dislalia no desenvolvimento da criança. Entre as abordagens mais comuns estão os exercícios de articulação, que visam fortalecer os músculos orais e melhorar a coordenação necessária para a produção correta dos fonemas (Gordon-Brannan & Weiss, 2007).

Contudo, destacam-se um cuidado que todo o adulto deve tomar ao interagir com crianças, como exposto abaixo:

É importante que o adulto articule bem as palavras, fazendo com que a criança perceba claramente todos os fonemas. – Assim que perceber alterações na fala de um aluno, o professor deve evitar criar constrangimentos em sala de aula ou chamar a atenção para o fato. Uma criança que falta às aulas regularmente por problemas de audição, como otites frequentes, requer maior atenção. (CLUBE DA FALA, 2022, s.p.)

Além disso, a estimulação auditiva e a terapia fonológica são frequentemente utilizadas para ajudar a criança a perceber e corrigir os erros de fala. Essas intervenções são complementadas por orientações aos pais e cuidadores, que são encorajados a criar um ambiente linguístico rico e a reforçar os padrões de fala corretos em casa (Ferreira & Santos, 2017).

Outro aspecto importante do tratamento é a abordagem multidisciplinar, que pode envolver, além do fonoaudiólogo, profissionais como psicólogos, pedagogos e otorrinolaringologistas, dependendo das necessidades específicas da criança. A integração dessas diferentes áreas permite um tratamento mais abrangente, abordando não apenas os aspectos técnicos da fala, mas também as questões emocionais, sociais e educacionais que podem estar associadas à dislalia (Yavas, 2011).

Discussão

Os resultados deste estudo corroboram amplamente a literatura existente sobre as causas, impactos e tratamentos da dislalia, destacando a

complexidade e a multifatorialidade desse distúrbio. As causas identificadas, que incluem fatores orgânicos, funcionais e ambientais, estão em linha com as descobertas de autores como Ferreira e Santos (2017) e Dodd (2011), que enfatizam a importância de uma avaliação abrangente para identificar a etiologia da dislalia em cada caso.

A identificação de causas orgânicas, como a anquiloglossia e distúrbios neurológicos, reforça a necessidade de uma abordagem médica integrada no diagnóstico e tratamento da dislalia. Esses achados sugerem que a simples correção dos erros de fala, sem abordar os fatores subjacentes, pode ser insuficiente para garantir uma recuperação completa. Este ponto é sustentado por Gordon-Brannan e Weiss (2007), que destacam a importância de uma avaliação detalhada para determinar as intervenções mais adequadas.

Giroto apresenta os quatro tipos conhecidos de Dislalia, afirmando que podem variar de acordo com suas causas:

- Dislalia Evolutiva: É a fase considerada “normal”, que pode durar até os quatro anos da criança e geralmente some de maneira natural.
- Dislalia Funcional: Ocorre quando há substituição de uma letra por outra na hora da fala, acrescentando ou distorcendo o som da palavra.
- Dislalia Audiógena: Ocorre em casos de deficiência auditiva, onde a pessoa não consegue repetir o som.
- Dislalia Orgânica: Ocorre quando o cérebro da criança é lesionado, impedindo a fala correta. Este tipo pode surgir também quando existem alterações estruturais na boca ou na língua, que dificultam a pronúncia. (GIROTO, 2020, s.p.)

No que diz respeito aos impactos da dislalia no desenvolvimento da linguagem, os resultados confirmam que as dificuldades na articulação dos fonemas podem ter consequências significativas para o aprendizado da leitura e escrita, além de afetar negativamente a comunicação oral e as interações sociais da criança (Gierut, 2001; Hoff, 2013). Esses achados são consistentes com as teorias de aquisição de linguagem discutidas na revisão da literatura, especialmente a Teoria Inatista de Chomsky (1965), que sugere que qualquer interrupção no dispositivo de aquisição de linguagem pode ter repercussões profundas no desenvolvimento linguístico.

Bueno e Ferreira complementam ao afirmarem que:

... para lidar com a dislalia na escola é necessária uma parceria entre pais e professores, prestando atenção no comportamento da criança que pode apresentar alterações emocionais, orgânicas, específicas e ambientais, procurando um auxílio especializado, sem deixar de auxiliá-la e motivá-la para a aprendizagem e a socialização. Partindo desse trabalho em conjunto, os problemas, os esforços, as compreensões, a colaboração e a flexibilização de todas as partes envolvidas no processo, poderá haver a contribuição para a evolução da criança. (BUENO; FERREIRA, 2018, p. 6)

Além disso, o impacto psicossocial da dislalia, como o risco de estigmatização e isolamento social, também é um aspecto crucial que foi abordado nos resultados. Isso reforça a necessidade de intervenções que não apenas corrijam os erros de fala, mas também promovam a autoestima e a inclusão social da criança. Vygotsky (1978) argumenta que a interação social é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, e este estudo apoia essa visão ao destacar as consequências sociais da dislalia.

Quanto ao tratamento, os resultados indicam que a intervenção precoce e a abordagem multidisciplinar são essenciais para o sucesso terapêutico, o que está em consonância com as recomendações de Dodd (2011) e Ferreira e Santos (2017). A combinação de exercícios de articulação, estimulação auditiva e orientações aos pais parece ser a estratégia mais eficaz para corrigir os erros de fala e promover um desenvolvimento linguístico saudável.

Porém, embora os resultados deste estudo estejam alinhados com a literatura existente, algumas limitações devem ser consideradas. Por exemplo, a revisão bibliográfica pode não ter capturado todos os estudos relevantes devido à limitação de acesso a certos bancos de dados ou à exclusão de estudos em línguas que não foram consideradas. Além disso, os impactos da dislalia podem variar significativamente dependendo do contexto cultural e social, o que sugere a necessidade de mais pesquisas que considerem essas variáveis.

Finalmente, este estudo aponta para a importância de mais pesquisas que investiguem a eficácia das diferentes abordagens terapêuticas para dislalia, especialmente em contextos diversos. Também seria valioso explorar o

papel da tecnologia, como aplicativos de fonoaudiologia, no tratamento de dislalia, uma área que ainda carece de investigação aprofundada.

Conclusão

Este estudo explorou as causas, os impactos e as abordagens terapêuticas da dislalia, fornecendo uma visão abrangente deste distúrbio de fala comum na infância. A revisão da literatura revelou que as causas da dislalia são multifatoriais, incluindo fatores orgânicos, como anquiloglossia e distúrbios neurológicos, bem como fatores funcionais e ambientais, como dificuldades motoras orais e falta de estimulação linguística adequada.

Os impactos da dislalia no desenvolvimento da linguagem são significativos, afetando não apenas a aquisição da fala, mas também o desempenho acadêmico e as interações sociais da criança. Crianças com dislalia correm o risco de enfrentar dificuldades na alfabetização e de sofrerem estigmatização social, o que pode comprometer seu bem-estar emocional e social.

O tratamento da dislalia, conforme discutido, requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo fonoaudiólogos, médicos, psicólogos e educadores. A intervenção precoce é fundamental para corrigir os erros de fala e minimizar os impactos negativos no desenvolvimento da criança. Abordagens terapêuticas que combinam exercícios de articulação, estimulação auditiva e apoio familiar têm se mostrado eficazes na correção da dislalia.

Em conclusão, este estudo ressalta a importância de uma identificação precoce e de uma intervenção adequada para prevenir complicações maiores associadas à dislalia. A continuidade da pesquisa nesta área é essencial, especialmente no que se refere à eficácia das diferentes abordagens terapêuticas e ao papel da tecnologia no tratamento desse distúrbio. Ao promover um entendimento mais profundo da dislalia, espera-se que este trabalho contribua para o desenvolvimento de estratégias clínicas e educativas

mais eficazes, beneficiando tanto os profissionais da saúde quanto as crianças que enfrentam esse desafio.

Referências

BUENO, Camila Silva; FERREIRA, Maria Clemência Pinheiro de Lima. A Dislalia e suas consequências no processo de aprendizagem. Instituto Paradigma. 2018. Disponível em: <https://iparadigma.org.br/biblioteca/a-dislalia-e-suas-consequencias-no-processo-de-aprendizagem/>

CHOMSKY, N. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

CRYSTAL, D. *Um Dicionário de Lingüística e Fonética*. 6ª edição. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2008.

CLUBE DA FALA. *Tudo o que você precisa saber sobre a Dislalia*. 2022. Disponível em: <https://www.clubedafala.com.br/blog/dislalia-troca-de-letras/>

DODD, B. *Diagnóstico Diferencial e Tratamento de Crianças com Distúrbio de Fala*. 2ª edição. Chichester, Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

FERREIRA, L. P.; SANTOS, A. S. *Fonoaudiologia: Teoria e Prática*. São Paulo: Editora Roca, 2017.

GIERUT, J. A. Complexidade no tratamento fonológico: Fatores clínicos. *Serviços de Linguagem, Fala e Audição nas Escolas*, v. 32, n. 4, pág. 229-241, 2001.

GORDON-BRANNAN, M.; WEISS, C. E. *Manejo Clínico de Distúrbios da Articulação*. 3ª edição. Baltimore: Lippincott Williams & Wilkins, 2007.

GIROTTTO, Paula. Dislalia: conheça melhor esse distúrbio da linguagem. 2020. Disponível em: <https://drapaulagirotto.com.br/dislalia-transtorno-linguagem/>

HOFF, E. Desenvolvimento da Linguagem. 5ª edição. Belmont, CA: Wadsworth, Cengage Learning, 2013.

RODRIGUEZ, Rosa Maria. Dislalia: o que é, causas e tratamento. Tua Saúde. 2023. Disponível em: <https://www.tuasaude.com/dislalia/>.

SKINNER, B. F. Comportamento Verbal. Nova York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

SNOW, C. E.; FERGUSON, C. A Conversando com crianças: entrada e aquisição de linguagem. Nova York: Cambridge University Press, 2020.

VYGOTSKY, L. S. Mind in Society: O Desenvolvimento de Processos Psicológicos Superiores. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1978.

YAVAS, M. Fonologia Inglesa Aplicada. 2ª edição. Chichester, Reino Unido: Wiley-Blackwell, 2011.

- Educação Inclusiva: desafio do autismo nos anos iniciais (Antonio Carlos Lima Oliveira; Fabiana Cristina Nobre de Oliveira; Flávia Michelle Ferreira Oliveira; Karen Joana Gomes Silva Rodrigues)

Educação Inclusiva: desafio do autismo nos anos iniciais

Antonio Carlos Lima Oliveira

Fabiana Cristina Nobre de Oliveira

Flávia Michelle Ferreira Oliveira

Karen Joana Gomes Silva Rodrigues

DOI: 10.5281/zenodo.13760890

RESUMO

Este trabalho foi produzido por meio da metodologia de revisão bibliográfica, tendo por objetivo geral discutir sobre a inclusão de crianças autistas nos anos iniciais e relatar as dificuldades dos professores para atender os alunos com esse transtorno. Como objetivos específicos temos os seguintes: refletir o papel do professor e suas dificuldades na inclusão de aluno autista e descrever a importância da família nesse processo.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Família. Formação Continuada.

Introdução

O presente trabalho teve por objetivo geral discutir sobre a inclusão de crianças autistas nos anos iniciais e relatar as dificuldades dos professores para atender os alunos com esse transtorno.

Como objetivos específicos temos os seguintes: refletir o papel do professor e suas dificuldades na inclusão de aluno autista e descrever a importância da família nesse processo.

A escolha pelo tema se teve ao fato de aprofundamento em educação especial, em específico o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e compreender como vem ocorrendo a inclusão deste grupo nas escolas. Nossas reflexões levaram-nos as seguintes perguntas: Quais os desafios dos profissionais de educação para inclusão de crianças com transtornos autista nos anos iniciais?

Partimos da hipótese de que o professor enfrenta diversas dificuldades para incluir o aluno com o transtorno na escola e que essas dificuldades estão

relacionadas com a formação inicial que não promove ao profissional de educação um conhecimento adequado sobre o transtorno. Da mesma maneira que pensamos, que quando o professor tem a informação adequada sobre o assunto, conseqüentemente, encontra mais possibilidade de realizar a inclusão do aluno com o autismo. Pois promove de forma adequada a socialização, interação e aprendizagem.

A partir disto, tornou-se evidente a precisão desta pesquisa que se justifica pela necessidade de ainda serem poucas as pesquisas deste tema, por isso a escolha do mesmo e também por ter casos na minha família. Percebi a dificuldade para o diagnóstico e também dos professores quando se deparam com essa situação em sala de aula e não sabem como agir, por isso a necessidade de pesquisar os desafios dos docentes na tentativa de inclusão dos autistas, e entender também o papel da família nesse processo de inclusão.

O professor precisa conhecer e compreender a deficiência para então se preparar para conduzir e ensinar seu aluno autista, que requer uma atenção, mas jamais uma distinção por sua necessidade educacional. O objetivo desse artigo é que ele seja um norte para que profissionais da educação busquem novos métodos seguros para incluir esse aluno na aprendizagem.

De modo que possa promover sua melhor aprendizagem e encaminhando-a aos profissionais competentes. Esses darão prosseguimento ao diagnóstico desta criança e envolvendo também a família da mesma, para que estes possam entender e compreender da melhor forma possível as dificuldades dessa criança

A família é a parte mais importante a ser trabalhada, pois ninguém faz curso para ser pai e ter um filho com qualquer tipo de transtorno faz com que ao decorrer do caminho se tome inúmeras decisões e a maioria delas sem ter o mínimo de conhecimento e preparo. Ajudar esses pais não é uma tarefa fácil, mas a intenção de dar um passo para que eles não tenham receio de pedir ajuda sempre que necessário. É ajudá-los a encarar o autismo de forma realista e positiva.

A escola também tem um papel na investigação do diagnóstico, tendo em vista que é um dos primeiros lugares de interação social da criança separada de seus pais. É o lugar onde a criança vai ter a maior dificuldade em se adaptar as regras sociais, o que é muito difícil para um autista. Por isso que muito dos diagnósticos dos autistas só acontecem quando a criança vai para a escola.

Esse trabalho tem como base uma pesquisa bibliográfica qualitativa, através de leitura e releituras de diversos artigos, com a finalidade de auxiliar o docente na inclusão e no ensino/aprendizagem do aluno autista.

O primeiro momento relata os conceitos históricos, os sintomas e o diagnóstico de crianças com TEA, além disto o papel da família e os aspectos legais em relação a inclusão das crianças com TEA na rede regular de ensino.

O segundo momento evidencia o papel da formação do professor quanto a inclusão e as dificuldades enfrentadas por ele para integrar os alunos com TEA. Para isso, descreve a formação formal e continuada. São estes dados que nos ajudaram a chegar nas considerações finais que apresentamos no final do estudo.

Esperamos com esta pesquisa contribuir para esclarecer aos profissionais de educação e formandos como deve ser pensada a inclusão das crianças com o autismo, considerando a formação formal e continuada como o maior suporte para uma verdadeira escola inclusiva. Da mesma forma esperamos ajudar os familiares que tem de alguma forma dúvidas e medos em relação a como lidar com as crianças autistas.

DEFINIÇÕES DE AUTISMO

Autismo deriva do grego: autos, que significa em si mesmo. A palavra autismo foi usada pela primeira vez em 1911, pelo psiquiatra Eugen Bleuler, que descreveu uma das características da esquizofrenia, referindo ao isolamento social dos indivíduos. Em 1943, o psiquiatra infantil Leo Kanner, publicou a obra *Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*, que descreveu casos

de 11 crianças que tinham em comum “um isolamento extremo desde o início da vida e um desejo obsessivo pela preservação da mesmice”. Denominando-a de autistas e usou o termo “autismo infantil precoce”, pois os sintomas já apareciam da infância. O mesmo médico criou o conceito de “mãe geladeira”, ao descrever o comportamento observado por ele, onde o afeto das mães era frio, mecanizado e obsessivo. Anos depois ele veio a público se retratar por essa declaração.

Em Viena, no ano de 1944, o psiquiatra Hans Asperger escreveu o artigo *A Psicopatia Autista na Infância*, onde observou mais de 400 crianças e descreveu um transtorno da personalidade, que incluía falta de empatia, pouca capacidade de fazer amizade, além de hiperfoco em determinados assuntos. Em especial destacou a dificuldade da coordenação motora. Essas observações foram denominadas anos depois como Síndrome de Asperger.

Nos meados de 1960, a psiquiatra Lorna Wing, cuja filha era portadora de autismo, começou a publicar textos sobre o assunto. Sendo a primeira a descrever os sintomas. Porém só na década de 80, que os estudos ganharam bases sólidas, onde se obteve maior cuidado com o diagnóstico e maiores critérios para se inferir sobre o tema evidenciados. Há uma distinção entre a esquizofrenia e o quadro autístico, sendo este tratado como um distúrbio do desenvolvimento (SILVA et al, 2012).

No Brasil, o Dia Mundial de Conscientização do Autismo vem conseguindo mais aderentes. Em 2010, pela primeira vez a data foi lembrada no dia 2 de abril com iluminações em azul (cor definida pelo autismo) de vários monumentos importantes, entre eles o Cristo Redentor; a Ponte Estaiada e o Viaduto chá, em São Paulo.

A primeira organização brasileira foi a Associação de Amigos Autistas (AMA), em São Paulo, oficialmente fundada em 8 de agosto de 1983, por um grupo de pais, a maioria com filhos com autismo. Esses pais tinham como objetivos acolher, informar e capacitar famílias, com o papel social. Em novembro de 1984 teve o “I Encontro de Amigos do Autistas”, promovido pela AMA. Este encontro reuniu médicos e outros profissionais do país que estudavam o autismo na época e algumas instituições que atendiam crianças

com o transtorno. A partir desse grande exemplo dos pais da AMA, hoje no Brasil há várias outras instituições preocupadas com a inclusão dos TEA na sociedade, com destaque para a Associação Brasileira de Autismo (ABRA) que tem como lema “a União Faz a Força”. (SILVA et al, 2012, p. 115).

Causas

Até hoje não se sabe com precisão as causas do autismo. Para alguns estudiosos os fatores podem ser predominantes de anomalia. Santos (2008) destaca alguns deles: rubéola materna, encefalite, meningite, fenilcetonúria não tratada, tuberosclerose, exposição química, desbalanceamento químico durante o desenvolvimento da criança e predisposição genética.

Para Silva et al (2012) está entre os fatores que podem deflagrar os transtornos: o uso de medicamentos na gravidez, intoxicações alimentares, bebidas alcoólicas, e o uso de substâncias abortivas. No entanto até agora esses fatores não em comprovação científica; porém a genética ainda é a causa mais provável do autismo.

Porém já houve estudo com gestantes de riscos no qual nasceu crianças saudáveis e grupo de gestante saudáveis onde nasceu crianças autistas.

De acordo com Silva:

Não há como negar a influência biológica, mas ainda engatinhamos lentamente na identificação das reais causas dessas alterações. Consideramos que o desenvolvimento do feto até o nascimento depende de um conjunto de fatores que, milagrosamente, darão origem à vida, ou, para os céticos, diríamos que se trata de um conjunto de probabilidades, no qual várias etapas estão implicadas para que o desenvolvimento ocorra de maneira correta. (SILVA et al, 2012, p. 115)

Isso nos faz pensar que a cada etapa do desenvolvimento de um feto é importante, de maneira que qualquer alteração, por menor que seja, poderá causar dificuldades nas demais etapas. Causando sintomas variáveis, que vai desde dificuldades leves a grandes comportamentos disfuncionais.

Característica do autismo

São diversas características comportamentais que podem ser apresentadas por uns autistas, entre elas estão: distúrbio do relacionamento, da fala e linguagem, distúrbio no ritmo de desenvolvimento, da motilidade e da percepção. Vejamos cada um detalhadamente:

Distúrbio do relacionamento: Falta de desenvolvimento social e de contato visual, ausência de sorrisos, desinteresse em participar de jogos e brincadeiras, preferência por se manter só.

Distúrbio da fala e linguagem: caracterizado por atraso, com fixação e paradas ou total mutismo. A ecolalia é comum, estando associada ao uso indevido ou reverso do pronome pessoal. A fala comunicativa quando se desenvolve, não tem tonalidade definida, é arritmica, sem inflexão e inapto de comunicar apropriadamente as emoções.

Distúrbio no ritmo de desenvolvimento: O mais comum é a descontinuidade na sequência normal do desenvolvimento.

Distúrbio da percepção: caracteriza-se por falhas na modulação de estímulos, com deformidade na hierarquia normal, nas preferencias dos receptores e a incapacidade de usar estímulos sensoriais para descrever o que é importante ou não. Assim certos estímulos o atemorizam, como o som alto, o corte de um papel, estalar os dedos. Por outro lado, os sons que seriam desagradáveis para crianças “normais”, como arranhar de unha em um quadro negro ou em uma lixa, são procurados com insistência. (Santos, 2008, p 18 e 19)

Segundo SCHWARSTZMAN, J.S. e ajudadores (1995) o fato das crianças esfregarem a mão e a língua na parede ou irem de encontro a uma porta e parede, relaciona-se aos distúrbios de percepção.

Estudos de Goodman & Scott (1997) apontam que um terço dos autistas com retardo mental sofre de crises convulsivas, que começam a se manifestar dos 11 aos 14 anos. A hiperatividade é frequente, mas corre o risco de

desaparecer na adolescência e ser substituída pela inercia. O autista também pode desenvolver medos intensos e fobias.

De forma resumida há alguns fatores que podem ser observados para o diagnóstico do autismo, como: Durante a fase do aleitamento o bebe não querer sugar ou até mesmo rejeitar a mama; não ter o contato olho á olho na hora do mamar; alterações no sono, pode dormir menos ou demais; dificuldades na hora de brincar; podem apresentar movimentos repetitivos desde muito cedo, como balançar as mãos, cabeças ou girar objetos; não responder chamados, como se tivesse problemas auditivos; não apresentar movimentos antecipatórios, como levantar os braços quando vai ser carregado no colo; quando começar a andar pode fazer na ponta do pé; podem ter crises de birra, ser agressivas ou se baterem e se morderem; ter interesse restrito e saberem tudo sobre um único tema, como mecânica, elétrica e dinossauros.

Ainda há outras características que o autismo apresenta, alguns não sente dor, como por exemplo cair e não chorar; podem comer demais ou menos, uns são mais agitados, enquanto outros já são mais tranquilos. A dificuldade da fala e coordenação motora ainda é os principais fatores para descobrir o autismo.

Para as crianças com autismo é de suma importância o diagnóstico precoce, por isso é fundamental a observação tanto do pediatra, quanto dos professores e pais desde o nascimento e a qualquer alteração notada, encaminhá-la a um especialista.

A legislação e o autismo

Se referindo a legislação e direitos, é necessário falar, mesmo que de maneira resumida algumas leis que fundamentam a inclusão educacional.

A Constituição Federal vem falar no seu Art. 205, a seguinte afirmação:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício

da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art.205).

A lei vem garantir que é direito de todos a educação. E um dos artigos que mais defende os alunos autista está no Art. 208, onde a lei afirma no inciso III que é dever do estado a garantia do “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. (BRASIL, 1988).

Diante disso o Brasil entra em harmonia para defender o direito pela inclusão que defende a Declaração de Salamanca. Um documento elaborado em uma conferência mundial, em Salamanca, na Espanha, 1994, com o objetivo de criar diretrizes básicas para o sistema educacional de acordo com o movimento social. Esse documento proporcionou uma oportunidade única da educação especial dentro da estrutura “educação para todos” firmada em 1990.

De certa forma a Declaração de Salamanca foi um passo muito importante para inclusão educacional. Nesse caso, o Brasil se tornou gradativamente um parceiro nessa luta pela inclusão, um exemplo claro é a Lei de Diretrizes Básica (LDB, 1996), que visou:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação [...] O poder público deverá instituir cadastro nacional de alunos com altas habilidades ou superdotação matriculadas na educação básica e na educação superior, a fim de fomentar a execução de políticas públicas destinadas ao desenvolvimento pleno das potencialidades desse alunado. (LDB, 1996, Art.59)

No mesmo caminho vem a Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, que tem como seus objetivo, a aprendizagem dos alunos com deficiência, superdotação nas escolas regulares e garantir a transversalidade da educação especial em todos os níveis. (BRASIL, 2008).

Como podemos ver, pouco a pouco as leis vão assumindo a preocupação com as pessoas com TEA. Mas somente em 2012 é sancionada uma lei pela presidente Dilma Rousseff, a Lei nº 12.764/2012, que foi batizada como “Lei Berenice”, pois foi uma homenagem a uma mãe, que desde que

descobriu o diagnóstico do filho, lutou pelos direitos das pessoas com autismo. Essa lei deixa claro no Art. 1, que a pessoa com TEA é considerada pessoa com deficiência para todos os aspectos legais. (BRASIL, 2012).

O que nos chama atenção na Lei Berenice é que no seu Art. 3º, ela frisa:

I - a vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança e o lazer; II - a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração; III - o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: a) o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; b) o atendimento multiprofissional; c) a nutrição adequada e a terapia nutricional; d) os medicamentos; e) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento; IV - o acesso: a) à educação e ao ensino profissionalizante; b) à moradia, inclusive à residência protegida; c) ao mercado de trabalho; d) à previdência social e à assistência social. Parágrafo único. Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º, terá direito a acompanhante especializado. (BRASIL, 2012)

A lei mais atual é a Lei 2.573/2019, batizada de “Lei Romeo Mion”, em homenagem ao filho de um famoso apresentador de televisão. A lei institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Espectro Autista, a carteira é expedida gratuitamente pelos órgãos especializados, a garantia de um atendimento prioritário em órgãos públicos e privados. O projeto também obriga os cinemas a reserva uma sessão mensal para as pessoas com TEA, devendo o local de exibição ter os recursos de acessibilidade necessário. (BRASIL, 2019).

Diante deste resumo histórico, podemos observar que ainda há muito que se fazer para que a educação inclusiva seja realidade em nosso país, apesar de tantas leis ainda fica uma lacuna do que realmente deve ser feito. Podemos presenciar no nosso cotidiano o quanto era difícil para as mães de crianças autistas irem ao supermercado com seu filho, pois muitos não se sentem bem com multidão, e agora eles são prioridade.

Acreditamos que ainda há um longo caminho para se trilhar, pois encontra partida encontramos a escassez da formação dos profissionais de

educação. Por isso, cabe ao professor buscar uma formação continuada, pois ele é o principal mediador para o avanço do ensino das crianças autistas.

A família da criança com autismo

O autismo é o causador de muitos distúrbios nas interações sociais. De acordo com Mirenda, Donnellan & Yoder (1983), tais distúrbios podem ser observados já no início da vida; o contato “olho a olho” já se apresenta anormal antes do final do primeiro ano de vida. Um grande número de criança não demonstra postura antecipatória ao serem pegos pelo pai, podendo resistir ao toque ou afeto.

Isso mostra que não é uma tarefa muito difícil de identificar, porém a muitos pais que tem medo de descobrir que tem um filho diferente e não buscam o auxílio por receio do diagnóstico e muitas vezes quando buscam, os profissionais não estão capacitados para dar um diagnóstico preciso.

Na busca pelo diagnóstico, a caminhada é longe e árdua. Cada profissional fala uma coisa e não é raro encontrar aqueles que digam que a culpa é da mãe, aumentando ainda mais, a indecisão, a dúvida e a insegurança. Quando finalmente o diagnóstico vem, a negação é a primeira reação dos pais: “Não, não pode ser, isto não é verdade! Não meu filho!” (Santos, 2008, p.26)

Diante dessa real situação vem a necessidade do preparo do educador para receber futuramente essa criança com necessidade especial e assim poder auxiliar de alguma forma os familiares. Pois, não é fácil ouvir que seu filho tem um transtorno, principalmente quando já se tem um filho sadio, para muitos pais essa não é uma tarefa fácil de aceitar.

Percebemos que alguns pais não conseguem aceitar o diagnóstico de seus filhos e fazem dispendiosas peregrinações ou verdadeiros “doctor shoppings”, isto é, passam de médico em médico em busca de outras opiniões ou diagnósticos. Isso, além de acarretar um desgaste maior na família, traz um atraso considerável no tratamento efetivo da criança. (SILVA et al, 2012, p. 96)

Quando recebem o diagnóstico comprovando que seu filho tem o autismo, muitos não aceitam ou até mesmo desprezam a ideia por um longo período e outros tem a vida transformada radicalmente, e na maioria das vezes necessitam da ajuda de outros profissionais para encarar a situação e a realidade do seu filho. E muitas vezes os profissionais não estão preparados e até mesmo capacitados para instruir a família de forma segura. Em vista disso, a situação da família acaba piorando, pois sem a ajuda adequada, os pais não conseguem ver com olhares melhores para a nova jornada que os esperam.

Muitos pais relatam que quando receberam a notícia foi o momento mais traumático de suas vidas, pois não conseguiriam realizar o relacionamento de pais e filho. É preciso de um tempo para entender que será preciso ir além do que se foi planejado, pois a criança com autismo precisa de pais amorosos e compreensivos, que o estimulem a buscar o melhor de si.

Silva et al (2012) dá algumas sugestões a serem seguidas por pais e familiares, especialmente sobre os cuidados, integração e rotina das crianças, entre ele está: zelo, paciência, persistência, fiscalização, disciplina e criatividade. Para a autora é necessário olhar para a criança autista pela perspectiva dela e só assim será capaz de ajudá-la. Além disso, é imprescindível a presença dos demais profissionais capacitados para ajudar esses pais, para desenvolver a criança para sua independência.

Para a família nem sempre é fácil compreender as reações momentâneas da criança, como por exemplo, estar brincando na sala e o filho de dois anos de idade falar, muito bem! Você fez um ótimo trabalho. É algo que não tem relação com a situação, mas ele simplesmente ouviu em um desenho e repetiu depois.

Para Silva:

Em algumas situações, as crianças pequenas com autismo podem ficar apáticas ao ver sua mãe chorar, pois ainda não aprenderam a interpretar isso como resultado de uma sensação ruim. Por outro lado, quando menos se espera, você pode receber um abraço amoroso, ou um objeto simples que pode significar muito para aquela pessoa. (SILVA et al, 2012, p. 115)

Cabe a família ensiná-los a conhecer e a entender os sentimentos e compreender o jeito que se expressam. Pois, eles não conseguem se comunicar efetivamente e as vezes se comunicam de forma inadequada e alternativa, como foi o caso do exemplo acima.

Sabendo que não seria fácil os desafios enfrentados pelos pais, Silva et al (2012), cita algumas dicas para os pais, no caso de birras ou teimosias, nem sempre é bom punir, mais conversar sobre as ações do filho. Dessa forma, as ações negativas não serão repetidas. Em contrapartida, as ações positivas devem ser comemoradas, estimuladas e destacadas, para que sejam repetidas pela criança.

Por isso é fundamental a presença da família para todas as etapas da criança com autismo, seja nas tarefas domésticas ou na escola, a família é fundamental para o desenvolvimento. Podemos até dizer que a família é a base para o crescimento e evolução da criança com o Transtorno de Espectro Autista

Desse modo, é importante que a família busque informações sobre o autismo, sobre a suas dificuldades e superações. Essas informações podem ser buscadas em escolas, grupos de apoio, e profissionais especializados, e também em relatos de pais que também tem o filho com autismo. O importante é se sentir seguro sobre o que fazer no cotidiano com o seu filho (a).

O estudante autista no contexto escolar

Devido à grande escassez de qualificação de profissionais para o atendimento a criança autista, a escola sofre para recepcionar estes alunos. O que traz limitações para o melhor atendimento da escola.

Santos declara que:

A escola recebe uma criança com dificuldade em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista,

principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso a informação na área. (Santos, 2008, p.9)

A escola tem um papel importante na investigação para o diagnóstico, devido a escola ser o primeiro lugar de interação social da criança longe de seus familiares. É o lugar onde a criança vai ter mais dificuldades em se adaptar as regras sociais, sabemos que é o mais difícil para uns autistas.

Para uma criança “normal” a entrada para escola gera medos e ao mesmo tempo expectativa para o novo. Já para as crianças com autismo essa tarefa se torna mais difícil, pois é um ambiente com novas interações, comunicação e comportamentos específicos, por ser um ambiente com regras. Porém o autismo tem suas especificidades, por isso o professor não pode generalizar.

Tendo em vista que há vários tipos de autismo, seus aspectos podem variar, e conseqüentemente o processo de aprendizagem ser diferente. Por isso há necessidade da adequação pedagógica para aluno. Santos (2008) destaca que, o autista de tipo asperge, por falarem perfeitamente bem, até sem erros, entre tanto eles tem dificuldade de usar a linguagem como meio de contato social. Os principais obstáculos são sua indisposição ao contato e o foco de interesse restrito.

O professor precisa ter conhecimentos adequados para readaptar a sala de aula para os alunos autistas aprenderem. Pois de acordo com Santos: “O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, por tanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação.” (Santos 2008, p. 30).

À medida que se conhece o autismo, percebe-se que alguns possuem um grau de hipersensibilidade e isso lhe causa grande sofrimento, o que para nós é algo normal, para eles poderá ser inaceitável, como falar em voz alta ou até mesmo tocá-lo. Logo, os professores devem ficar atentos e buscar um meio de interação entre o aluno autista e os demais da sala, promovendo atividades que tenha contatos sem forças. “É de responsabilidade do professor a atenção

especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como e comportam esses alunos autistas.” (Santos, 2008, p. 30).

Sempre que possível, os professores poderão introduzir em meios as atividades de classe figuras, para facilitar o entendimento dos alunos e para aproximar o professor do aluno. Outra forma que o professor poderá utilizar para incluir a criança, é convidá-la para fazer pequenas tarefas durante as aulas, criar um quadro ilustrativo com as atividades a serem feitas durante a semana, pois sabemos que eles gostam de seguir uma rotina e muitas vezes sair da rotina, os deixam chateados. O professor deve criar um meio para as demais crianças compreender e acolher os alunos autistas.

Nesse mundo inclusivo, quando ocorrer da criança com TEA estiver em um momento de crise ou medo, os colegas de classe vão entender e ajudar a criança a se acalmar. Podemos dar um exemplo que viralizou nas redes sociais, de um menino com síndrome de Down acalmando seu amigo autista na escola. Quando o menino autista é abraçado pelo colega aos poucos ele para de chorar. Isso nos faz ver que ainda se pode acreditar em inclusão na escola.

O professor também deve ficar atento na maneira a qual explica determinadas situações para o aluno com TEA, uma vez que eles não entendem metáforas e nem palavras de duplo sentido. Tendo em vista que toda explicação deve ser feita de forma clara e sucinta, para que não gere desorganização ou desentendimento.

Nos anos iniciais se faz necessário a ajuda da equipe da sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE), os profissionais precisam ter muita criatividade para estimular a aprendizagem da criança. E para isso é necessário materiais concretos e visuais que possam ser inseridos como facilitador para o ensino dessa criança. Entre tanto é preciso respeitar a preferência e o tempo da criança, desse modo será possível proporcionar ao aluno autista um aprendizado prazeroso e aconchegante.

É necessário frisar que os alunos autistas nos anos iniciais não estão preparados para a socialização, e nem sempre entendem que ao pegar algum objeto do colega de classe e esse colega chorar, o motivo do choro será pelo objeto. É então que entra o auxílio o professor, que deve explicar de forma

simples para o aluno autista que quando pegar o objeto do coleguinha o mesmo vai chorar. Dessa maneira ele será estimulado a aprender e entender que quando quiser algo deve se pedir primeiro.

Os professores que tiverem um aluno autista em sala de aula, precisam conhecer outros métodos pedagógicos e psicológicos para dar suporte para qualquer eventualidade que a criança possa precisar. Para isso é necessário a ajuda da família para o sucesso e evolução da aprendizagem.

A importância da formação do professor

A formação docente traz como principal objetivo a preparação dos profissionais de literatura para o mercado de trabalho com a proporção da pedagogia fundamentada. Na formação inicial é possibilitado ao aluno um estudo baseado em documentos legais e teóricos. Porém, atualmente se espera que o profissional olhe além e busque um aprofundamento para a inserção de sua prática pedagógica.

Para Costa:

[...] os cursos de formação docente sinalizam para a importância do entorno que dá significado à autonomia escolar e determina as responsabilidades dos docentes, sem descuidar do projeto institucional dos estabelecimentos de ensino. Portanto, está posto que o protagonismo na educação esteja dirigido aos educadores e se dará a partir de suas definições sobre como ensinar, como se aprende, qual a melhor forma de avaliar. Assim, podem-se assumir concepções que possibilitem desenvolver uma atividade pedagógica caracterizada por uma perspectiva instrumentalizadora e voltada a tratar o ensino como uma ação educacional que não ultrapasse os limites da sala de aula, cujos métodos e técnicas empregados estejam a serviço de um conhecimento pragmático sem relação com a complexa dinâmica do universo (COSTA, 2012, p.4-5)

Na atualidade as escolas devem deixar as ações pragmáticas, mas ter multidisciplinaridade. É preciso ir além dos muros da escola, percorrer a estrutura escolar, andar em volta da escola, conhecer a comunidade em que a

escola está inserida. Essa realidade é encontrada por alunos em processo de formação inicial, os estágios os colocam em frente dessa realidade.

Apesar da carência de profissionais com formação continuada em educação inclusiva, ainda há insegurança para trabalhar com as crianças com deficiência. Diante disso é preciso ajudar esses profissionais com salas preparadas para inclusão desse aluno, do contrário, teremos um aluno inserido em uma sala de aula e não incluído.

Diante do exposto, Silva et al (2012), destaca uma dura realidade vivida pelos professores que vivem na educação inclusiva. A maioria desses profissionais estão com esgotamento físico e psicológico, pois lidam com diariamente com vinte a trinta alunos e de contrapartida ainda tenta dar atenção especial para um aluno inclusivo. Um dos primeiros passos a serem feitos, seria um apoio de um professor assistente.

Silva et al acrescentam:

Além do preparo técnico e pedagógico, os professores precisam de suporte psicológico e uma boa relação com as famílias para lidarem com os desafios da inclusão. Afinal, o tratamento multidisciplinar da criança com autismo inclui, além dos profissionais da saúde, pais e mestres. (SILVA et al, 2012, p. 115)

Por tanto o grande recurso do professor é conhecer a vida do aluno, o professor precisa conhecer suas especificidades e habilidades, as dificuldades que ele enfrenta. Pois é a partir delas que o professor saberá com intervir no ensino e aprendizagem e incluir o aluno na sala de aula.

Entretanto, tudo depende da formação o professor, pois é ela que garante o papel que o mesmo vai promover na sociedade. Nessa perspectiva, segundo a Declaração de Salamanca:

É preciso repensar a formação de professores especializados, a fim de que estes sejam capazes de trabalhar em diferentes situações e possam assumir um papel - chave nos programas de necessidades educativas especiais. Deve ser adaptada uma formação inicial não categorizada, abrangendo todos os tipos de deficiência, antes de se enveredar por uma formação especializada numa ou em mais áreas relativas a deficiências específicas. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p, 27)

Sabemos que não é fácil trabalhar com crianças com deficiência, principalmente o autista, por isso é necessário ter a formação continuada. Muitos profissionais não estão preparados para receber crianças com TEA em sua sala de aula, não só porque a sala é despreparada, mas porque o profissional não tem preparação para incluir o aluno. E para incluir o aluno autista faz necessário que o educador tenha paciência e compreensão, para que o aluno consiga aprender.

Considerações finais

A inclusão da criança com autismo vai muito além da sala de aula, deve se engajar a aprendizagem, o desenvolvimento e o relacionamento, superando sempre as dificuldades. No entanto o que vemos nas escolas regulares é a ofertas de vagas para inserir essa criança, não se faz modificação para incluir a criança no ambiente escolar. Ou seja, não se faz inclusão.

Podemos perceber que mesmo com tantas evoluções tecnológica, biológica e científica, não se sabe a verdadeira causa do autismo. Uns falam que daqui um tempo será feito exames de sangue para provar o autismo. Enquanto isso, nada é provado cientificamente que possa ser algo genético.

Constatamos que a família não aceita de início o diagnóstico do filho. Que não recebem a ajuda adequada dos profissionais, devido os profissionais de não estarem preparados para conversar e preparar a família para o que está por vim depois do diagnóstico. A escola é a principal acolhedora da família e do aluno, por isso o professor deve estar preparado para receber o aluno e auxiliar a família.

Neste estudo é notória a falta de conhecimento dos professores relacionada com as propostas inclusivas das crianças com TEA e suas especificidades, característica e intervenções. É gritante a falta de compromisso dos docentes com a aprendizagem dos alunos e o

desconhecimento acerca das necessidades de cada um e do que precisam para desenvolver em suas habilidades e competências

A pesquisa deixa evidente que a inclusão escolar não está acontecendo e que caminha em passos largos para pôr em prática o que realmente é a inclusão para “todos”. Os professores ainda sofrem por tentar ajudar da forma melhor forma possível a incluir o aluno na sala de aula, pois as salas não são preparadas e as turmas são grandes para um só profissional. Os profissionais da educação ainda estão despreparados para receber o aluno autista, é necessário que os educador tenham a formação continuada, para poder evoluir o potencial do aluno.

Ressaltamos, por fim, que este estudo é apenas o começo de muitos outros que estão por vim e que não é nossa pretensão deixá-lo em poucas linhas. O tema exige que se tenha um estudo mais aprofundado, para afim de buscar alternativas de solução. Para que seja possível a evolução do autista é preciso ver com outros olhos, valorizá-los e amá-los do jeito que eles são.

Referências

COSTA, Flávia Fernanda. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, RS: ANPED, 2012

DECLARAÇÃO DA SALAMANCA: Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acessado em 08 de Jde 2016

GOODMAN, Robert, SCOTT, Stephen. Child Psychiatry. Wiley-Blawwell

<http://www.psiqweb.med.br/>, 2004.

MIRENDA, P., Donnellan, A. M., Yoder, D. E (1983) Gaze behavior: A new loo at na old problem. Journal of autism and developmental Disorders, 13, 297-309. Scienc, 2005

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar. São Paulo: CRDA, 2008.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. Mundo Singular - Entenda o Autismo, Rio de Janeiro. ED. Fontanar, 2012.

- Importância da motivação no ambiente e-learning (Tatiane Alves Lucchetti; Luciene Lécia Lucchetti; Lurdes Mariano Mendes)

Importância da motivação no ambiente e-learning

Tatiane Alves Lucchetti¹⁵

Luciene Lécia Lucchetti

Lurdes Mariano Mendes

DOI: 10.5281/zenodo.13773380

RESUMO

A motivação é uma das formas de elementos essenciais para o progresso do aprendizado. Ser motivado é de suma importância em todas as áreas, principalmente no ensino a distância, pois muitas vezes estudamos sozinhos, ou temos a tutoria de um professor tutor que nos orienta ao longo do curso, esse professor busca orientar e não podemos esquecer que nos motiva com seus ensinamentos compartilhados. O ambiente de estudo precisa ser acolhedor, ambientes que permitem cumprir sua função, eles devem atender a requisitos significativos na aprendizagem, permitindo que tenhamos mais evolução através de estudos sólidos e consolidados quando buscados para enriquecer o nosso currículo. O presente artigo, busca discutir a importância da motivação no ambiente de estudos no E-learning, pois muitas vezes quem estuda sozinho se sente desmotivados. Foi realizado uma pesquisa bibliográfica, através de análise em diferentes ideias buscadas em livros, artigos e sites, que retratam a temática apresentada. Contudo fica claro através das pesquisas, que o ser humano que esteja bem-motivado através de orientação de tutores professores em ambientes de aprendizagem que contenham elementos motivacionais fazendo com que o aluno da educação à distância esteja na plataforma educacional, no design dos conteúdos e na comunicação tornando a aprendizagem facilitadora, mesmo estando estudando sozinho alcança seus objetivos, pois com a qualidade das plataformas de ensino no EAD ensino híbrido, hoje a atualidade, tem cada vez mais melhorado a aprendizagem, fica mais fácil o acesso de conteúdo.

Palavras-chave: Ambiente. Importância. Motivação. E-learning.

ABSTRACT

Motivation is one of the forms of essential elements for the progress of learning. Being motivated is of paramount importance in all areas, especially in distance learning, as we often study alone, or we are tutored by a tutor teacher who guides us throughout the course, this teacher seeks to guide us and we cannot forget that we motivates with their shared teachings. The study environment needs to be welcoming, environments that allow it to fulfill its function, they must meet significant requirements in learning, allowing us to have more evolution through solid and consolidated studies when sought to enrich our curriculum. This article seeks to discuss the importance of motivation in the study environment in E-learning, because often those who study alone feel unmotivated. A bibliographical research was carried out, through analysis of different ideas sought in books, articles and websites, which portray the theme presented. However, it is clear through the research that the human being who is well-motivated

¹⁵ Pedagoga. Psicopedagoga. Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. tatianeluccheti@gmail.com

through guidance of teacher tutors in learning environments that contain motivational elements, making the student of distance education is in the educational platform, in the design of the contents and in the communication making learning easier, even when studying alone, it achieves its objectives, because with the quality of teaching platforms in distance learning, hybrid teaching, today, has increasingly improved learning, accessing content is easier.

Keywords: Environment. Importance. Motivation. E-learning.

Introdução

A inserção de novas tecnologias na educação tem provocado mudanças significativas na maneira de como ensinar e aprender, seja no formato presencial ou a distância. A motivação é fundamental, para que seja consolidada a aprendizagem, ainda mais nas plataformas virtuais de ensino, as instituições (EAD) buscam contratar professores para auxiliar os alunos, fazendo que se sintam motivados. O ambiente virtual também pode ser motivacional e acolhedor em sua organização, tornando acolhedor para quem está na busca pelo ensino seja na escola como no ensino superior. Muitas pessoas optam pelo ensino E-learning, devido sua vida cotidiana ou pela praticidade de acesso quando pode, com isso vem se exigindo que a modalidade a distância é o novo espaço de sala de aula pois abre outras oportunidades.

O presente artigo, requer discutir a importância da motivação no ambiente de estudos no E-learning, pois muitas vezes quem estuda sozinho se sente desmotivados. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, através de análise em diferentes ideias buscadas em livros, artigos e sites, que retratam a temática apresentada. Contudo fica claro através das pesquisas, que o ser humano que esteja bem-motivado através de orientação de tutores professores em ambientes de aprendizagem que.

Requer ainda verificar como os professores auxiliam os alunos nos ambientes educacionais a distância, e como uso dos recursos tecnológicos, no cotidiano escolar, pode contribuir para a motivação fazendo com que o

educando chegue até o final do curso motivado e consiga realizar o sonho de terminar um curso superior.

O ambiente de aprendizagem e a motivação

Estamos vivenciando um período marcado pela revolução da tecnologia, onde cada vez mais ambientes de estudos tem aparecido no mercado, tornando a facilidade do acesso a formação profissional dos indivíduos, muitos optam pelo ensino EAD devido a praticidade, de acesso de estudar em casa, ou no momento que podem estar acessando os ambientes de aprendizagem AVA. Tem sido uma proposta desafiadora para os professores nas instituições de ensino, pois a todo tempo, surgem novas formas de aprendizagem, tanto nos aspectos cultural, econômico ou social e outros, porém os alunos estudam dentro do seu tempo, mas seguindo um cronograma da instituição de acordo com cada disciplina. No ensino E-learning é preciso estar motivado e ter uma boa estratégia de ensino, pois, muitas vezes estudar sozinho não é uma tarefa fácil. Quanto às estratégias de ensino, Bzuneck (2010) ressalta que tais ações são substanciais à promoção e à manutenção da motivação do aluno em situações de aprendizagem. Nesse cenário, Bzuneck (2010) apresenta quatro categorias de estratégias de ensino que apoiam a motivação do educando para aprender: atribuição de significado e relevância às tarefas acadêmicas/escolares; identificação e uso de tarefas e atividades motivadoras; utilização de embelezamentos, como computadores, jogos, manipulação de objetos e introdução de novidades; ações pedagógicas que orientam as tarefas executadas.

No ensino a distância os processos, são mediados por uso de instrumentos interativos, como fóruns, chats, correios eletrônicos e outros (Reis, 2009). Os instrumentos, são disponibilizadas em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, que são

descritos por Silva (2003) como lugares virtuais, que integram diversas ferramentas interativas, como chats, fóruns, e-mails, blogues e outros, atendendo às estratégias de ensino adotadas, tanto podem intensificar as possibilidades de o ensino presencial como viabilizar os processos psicoeducacionais realizados em condições on-line.

A motivação da pessoa que estuda no EAD, precisa ser diária, Pavesi & Oliveira (2011), apontam para o fato de que interagir e pertencer, são considerados como fundamentais para a motivação, mas frequentemente não estão presentes no EaD. Badia & Monereo (2010) Ressalta que a perceber é um vínculo essencial no cenário educacional mediado por AVA.

É considerável que a motivação seja determinada para o desempenho do estudante, é necessária na busca da ampliação dos estudos, identificando os saberes que serão seguidos, nos ambientes, proporcionando um efetivo desenvolvimento. Assim se os ambientes de aprendizagem estiverem bem elaborados com boas estratégias, facilidade de acesso, o acadêmico tem a oportunidade de ter um bom desempenho estando mais propício a desenvolver seus estudos de forma significativa.

O papel do professor no e-learning

Com a chegada da tecnologia e novos ambientes de aprendizagem, a educação passou por diversas adaptações, e coube os professores adaptar-se a eles, passaram a ter o seu papel conforme a medida que o exemplo de aprendizagem muda, da transmissão para a interação de conhecimento. (Tapscott, 1998). *"O importante é compreender que, ao mudar de uma educação centrada no professor para uma educação centrada no aluno, não significa que, de repente, o professor desempenha um papel menos importante"* (p. 135). O discente ainda tem um valioso papel, no ensino híbrido, sendo essencial para criarem, produzirem materiais, orientar e estruturar a experiência na aprendizagem do aluno. Nipper (1989) aborda, que mesmo em

novos papéis esperam professores e alunos nos sistemas de ensino a distância.

O aluno que estuda no EAD necessita de orientação, auxílio e suporte, pois muitos ainda mesmo com tanta informação e meios tecnológicos, não se habitam a estes ambientes e encontram dificuldade de realizar tarefas sozinhos, muitas instituições de ensino superior contrata um professor tutor para mediar encontros no (EAD) Educação a Distância, para auxiliar estes educandos orientando como utilizar o (AVA), como realizar avaliações, como realizar estágios, fórum e outros. A construção de uma comunidade de aprendizagem é fundamental, já que esta constitui “o veículo através do qual a aprendizagem ocorre online” (Palloff & Pratt, 1999).

Considerações finais

O ser humano precisa estar motivado em tudo que faz, pois sem motivação não há realização. A educação, passou por muitas transformações ao longo dos séculos, e teve um avanço para o ensino híbrido, tornando mais facilitador o estudo para diversas classes. Muitos tem a oportunidade de estudar de forma remota em suas casas através do (EAD) Educação a Distância, pois nem sempre conseguem conciliar o trabalho, casa e outros compromissos com o ensino presencial, assim conquistam ter uma formação superior.

O ambiente virtual é mediado por usar instrumentos interativos, como fóruns, chats, correios eletrônicos e outros facilitado a aprendizagem através de professores orientadores que permitem cumprir sua função de auxiliar os alunos, eles devem atender a requisitos significativos na aprendizagem, permitindo que tenhamos mais evolução através de estudos sólidos e consolidados quando buscados para enriquecer o nosso currículo. Sendo assim se intende através de pesquisas que o ser humano que esteja bem-motivado através de orientação de tutores professores em ambientes de aprendizagem que contenham elementos motivacionais fazendo com que o

aluno da educação à distância esteja na plataforma educacional, no design dos conteúdos e na comunicação tornando a aprendizagem facilitadora, mesmo estando estudando sozinho alcança seus objetivos, pois com a qualidade das plataformas de ensino no EAD ensino híbrido, hoje a atualidade, tem cada vez mais melhorado a aprendizagem, fica mais fácil o acesso a realizar a conquista pelo estudos.

Referências

Bzuneck, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: Boruchovitch, E.; Bzuneck, J. A. (Orgs.). A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-36.

NIPPER, S. (1989) – “Third generation distance learning and computer conferencing”, in: MASON, R.; KAYE, A. (Eds) – Mindweave: communication, computers and distance education, Oxford, Pergamon Press, pp. 62-73.

PALLOF, R. M.; PRATT, K. (1999) – Building Learning Communities in Cyberspace. Effective strategies for the Online Classroom”, San Francisco, Jossey-Bass Publishers.

Reis, F. L. Do ensino presencial ao ensino a distância no contexto universitário. Revista Científica da FAI, Santa Rita do Sapucaí: Centro de Ensino Superior em Gestão, Tecnologia e Educação, v. 9, n. 1, p. 81-94, 2009.

Silva, M. Criar e professorar um curso on-line: relato de experiência. In: . (Org.). Educação on-line: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Loyola, 2003. p. 53-75.

Tapscott, D. (1998) Creciendo en un entorno digital: La generación Net (pp 117-146, Bogotá. Mc Graw Hill.

- Infância, educação e escolarização (Mariely Iracema Ribeiro Queiroz)

Infância, educação e escolarização

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz

DOI: 10.5281/zenodo.13750885

RESUMO

O presente trabalho procurou investigar uma extraordinária fase educacional na vida de uma pessoa: a educação infantil nos primeiros anos de vida. Nossa justificativa é de que esta é uma parte da educação básica e possui duas fases indispensáveis para o desenvolvimento de toda criança, daí a necessidade de conhecer as ações nas creches e como compreendem essas atividades. A pesquisa buscou seguir o método da pesquisa qualitativa, tendo como princípio a busca pela efetividade da análise a partir de quem viveu as experiências na educação infantil daí a importância das entrevistas como seguem nestas narrativas. Afinal, as entrevistas sustentaram partes daquilo que temos na legislação, nos documentos de referência para a educação infantil com as Diretrizes e também ajudaram a perceber a necessidade de intensificação das ações lúdicas na infância. Para melhorar nosso trabalho, tivemos como referencial teórico os seguintes autores de obras importantes: Ariès (1978) e Cambi (1999). Esses autores tem discutido o tema da educação infantil, da legislação e dos trabalhos pedagógicos tanto com a pré-escola e com a creche. E, na pesquisa fomos compreendendo que nessa importante etapa da educação faz-se exigente com a presença de profissionais qualificados, com inúmeras ferramentas pedagógicas com a finalidade de que toda criança aprenda de forma lúdica e tenham autonomia, e vontade de continuar aprendendo. Chegamos à conclusão de que o trabalho educativo prepara a infância para as etapas posteriores de vida e de estudos, e promove experiências que não seriam possíveis em outro lugar. Portanto, além de ser um direito da criança é um direito da família e da sociedade possibilitar a qualificação da infância no Brasil. Concluímos também que a problemática dessa discussão é: a educação infantil não tem recebido a importância devida. Por isso, em cada capítulo do trabalho, estabeleceu-se um objetivo específico com intuito de responder essa problemática e a nossa conclusão não encerra, mas se abre a possibilidade do diálogo com estudantes e professores da Pedagogia que desejam trabalhar com a educação infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Criança. Desenvolvimento.

ABSTRACT

The present work sought to investigate an extraordinary educational phase in a person's life: early childhood education. Our justification is that this is a part of basic education and has two indispensable stages for the development of every child, hence the need to know the actions in daycare centers and how they understand these activities. The research sought to follow the method of qualitative research, having as principle the search for the effectiveness of the analysis from who lived the experiences in early childhood education and hence the importance of the interviews as they follow in these narratives. After all, the interviews supported parts of what we have in the legislation, in the reference documents for early childhood education with the Guidelines and also helped to realize the need to intensify playful actions in childhood. To improve our work, we had the following authors of important works as a theoretical reference: Ariès (1978) and Cambi (1999). These authors have discussed the topic

of early childhood education, legislation and pedagogical work with both pre-school and day care. And, in the research, we understood that in this important stage of education, it becomes demanding with the presence of qualified professionals, with numerous pedagogical tools in order that every child learns in a playful way and have autonomy, and the desire to continue learning. We have come to the conclusion that educational work prepares children for later stages of life and studies, and promotes experiences that would not be possible elsewhere. Therefore, in addition to being a child's right, it is a family and society right to enable the qualification of childhood in Brazil. We also conclude that the problem with this discussion is: early childhood education has not been given due importance. Therefore, in each chapter of the work, a specific objective was established in order to answer this problem and our conclusion does not end, but it opens the possibility of dialogue with students and teachers of Pedagogy who wish to work with early childhood education.

Keywords: Early childhood. Education child. Development.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar um diálogo, de maneira particular com estudantes da Pedagogia, sobre o significado e a importância da educação na primeira infância, em especial a que é desenvolvida na educação infantil. Com esta compreensão nossa narrativa mostra que no desenvolvimento do tema é possível observar a preocupação acadêmica em defender a importância da educação infantil, desde os primeiros anos, em creches, especialmente. Isto porque a fase da educação infantil é um período complexo para entendermos como simples atos de ensinar. Na educação infantil a questão é mais significativa porque exige uma compreensão de diversas instituições, e do papel de cada sujeito na vida das crianças. Por isso podemos dizer que educar não é uma tarefa fácil. Quando uma criança não tem acesso aos primeiros anos da educação, o desenvolvimento desta será lento, raquítico e sem estrutura sólida para as fases posteriores.

Assim, compomos o primeiro capítulo como ferramenta para explicar a questão da compreensão do tema infância, e processos histórico de constituição. Nele foram trabalhados o conceito de infância, bem como foi abordada a importância da educação infantil, considerando esta como uma base, um alicerce para as demais fases da vida social, cultural e intelectual de uma pessoa. Nesse aspecto, sem desmerecer a diferença que fará também na

vida da criança no que diz respeito à vida social, à vida em comunidade, a fase da educação na primeira infância precisa ser pensada e realizada por quem acredita nela e, sobretudo, por quem faz da educação infantil uma arte de preparação para o mundo da escrita e da escola. Em suma: uma criança precisa passar pela fase da educação infantil, a fim de obter e ampliar as condições favoráveis para uma vida em sociedade.

Um ponto importante da primeira parte da pesquisa foi demonstrar que, por muito tempo na história da humanidade, a criança foi considerada como “adulto em miniatura”. Essa discussão é muito importante, porque traz respostas para a problemática da pesquisa: A educação infantil não tem recebido a importância devida, sendo ela uma importante fase na vida da criança. E ainda podemos dizer mais, afinal, é na infância, é na educação infantil, é nesse processo de desenvolvimento cultural e de sociabilização que a criança vai se descobrir, descobrir o outro, a socialização, o compartilhar, entre outros aspectos.

É aqui nesta etapa do trabalho que a história da educação foi abordada com o objetivo de tecer um conjunto de realizações da humanidade em relação ao trabalho e ao desenvolvimento da infância. Com isso, queremos mostrar que conhecer a história da educação pode nos ajudar a não cometer erros e equívocos nas nossas ações contemporâneas.

Ao conhecer os desdobramentos da compreensão e das realizações com a infância podemos conhecer aspectos relevantes na ideia de conceber a infância nem como adulto em miniatura e nem como um papel em branco em que é preciso escrever sobre ele. Nada disso, a infância é um período que deve ter princípios e parâmetros de definições bem precisas com os devidos cuidados humanos.

Esta pesquisa foi realizada tendo como princípio a busca por compreender os discursos formulados sobre a infância do ponto de vista teórico e normativo. Por isso, nossa pesquisa busca sua inserção no método de pesquisa qualitativa porque não ficamos somente na pesquisa bibliográfica, mas tentamos trazer para o diálogo belas, importantes e, comoventes

entrevistas com estudantes e professores da educação escolarizada contemporânea.

Como a característica principal da nossa pesquisa foi compreender que a escola está associada à família, no objetivo nobre de assegurar à criança o direito à educação, com especial atenção do Estado e da família, problematizamos essas relações no trabalho. Assim, o capítulo segundo desse trabalho enfatiza a legislação pertinente à proteção da criança, enquanto aluno, ao direito de crescer em conhecimento.

Nesse sentido, o capítulo II traz parte da normativa da educação brasileira. A atenção será voltada para a Constituição Brasileira, bem como para partes específicas da Lei de Diretrizes e Bases (lei nº 9.394/96), como recurso que regulamenta o sistema educacional, bem como evidencia as competências e qualidades dos órgãos responsáveis pela promoção da educação básica.

E por fim, o capítulo terceiro trará o resultado da pesquisa realizada em campo, em cuja oportunidade aproveitamos para apresentar dados coletados de quem trabalha e de quem viveu a educação infantil. Um capítulo instigante na medida em que afirma e reafirma a importância da educação infantil como ferramenta de intensificação das experiências de vida das crianças e um aprendizado constante de professores. Assim, podemos assegurar que este foi um trabalho prazeroso, conversar com os pais, e entrevistar crianças e educadores. Neste capítulo será evidenciado o resultado do tema aplicado à realidade de crianças, pais e familiares, no que diz respeito à resultados.

Com este trabalho espera-se que possa contribuir com o universo acadêmico, em favor da qualificação e potencialização da criança para o processo de alfabetização ainda na tenra infância para que evitemos a surpresa da necessidade de recomeçar no futuro. E, ainda, que seja um despertar para a importância da educação infantil, nos primeiros anos da vida de uma criança, com o objetivo de ampliar as condições possíveis para a vida em sociedade, capaz de influenciar e não somente ser influenciada.

O processo educacional acontece na vida de um indivíduo, nas diferentes fases da vida. Desde a tenra idade, na fase infantil, na fase da

adolescência, na fase da juventude, na fase adulta e, também, na fase da velhice. A educação é uma companhia para toda a vida. Aprender é viver! Aprender na infância conduz aos demais aprendizados com muito mais qualidade. Vamos à leitura?

Considerações pertinentes sobre a infância e a escolarização

Neste capítulo trataremos do tema da infância buscando construir um significado sobre o conceito, a ideia, a formação da noção de infância, bem como a relação estabelecida entre a criança e o processo educativo. Diante desses aspectos abordaremos a questão da escola, da escolarização e o processo de desenvolvimento educativo não escolarizado. Tais temas têm o objetivo de construir um significado a respeito da importância da existência de uma criança e da infância e de seus distintos períodos de vida, para que possamos compreender a chegada e a saída desses sujeitos sociais no processo de educabilidade, no interior das instituições educativas.

Falar da infância para este trabalho é um privilégio, pois, como acadêmica do curso de pedagogia pesquisar o foco do meu curso é algo que me traz orgulho e encantamento. E apesar deste tema ser bastante desafiador e árduo sempre soube que poderia ser tema do meu trabalho de conclusão de curso. A educação de crianças sempre me causou curiosidade, pois, nesta fase ela precisa de atenção no ambiente escolar e familiar, desde a creche, para que assim possa ser construída uma base educativa que a auxilie no desenvolvimento de aspectos sociais, motores, biopsicológicos, que contribuirão para ampliar as condições de estudos no ensino fundamental, médio e superior.

Nestes difíceis tempos de educação, em que o processo de escolarização está sendo questionado, é preciso trazer à sociedade mais conhecimento sobre a infância e o espaço escolar, porque muitas pessoas só sabem o básico desse assunto tão importante. E, infelizmente, pensam que o fato de ir para a educação infantil, principalmente para as creches, o ato de

“brincar” é visto como algo desnecessário e irrelevante. A maioria das pessoas não sabe que este é um passo importante para a educação da infância. Alguns sequer conseguem compreender que, brincando se aprende, e que, através da ludicidade é possível construir conhecimento com qualidade juntamente com nossas crianças.

Para a nossa compreensão, a partir do momento em que a infância passa a ser valorizada, haverá reconhecimento e satisfação aos profissionais dessa área e ampliaremos a possibilidade de acreditar que a educação escolar contribui, de maneira significativa, para uma educação da infância, com propósitos de auxílio a sociedade e em busca de pessoas emancipadas, livres para pensar, capazes de produzir novas relações sociais, culturais e educativas. Isso porque os professores que lecionam para crianças se comprometem, diariamente, a levar ensino de qualidade e, nossa sociedade contemporânea, precisa exigir que os governos apoiem a escola, a escolarização, as famílias e também proporcionem remuneração adequada.

Nesta parte do trabalho, será apresentada uma narrativa que consiste numa revisita pela história da educação, para, que dessa forma, seja possível nos situarmos e compreendermos sobre as distintas compreensões de infância. Portanto, as existências de infâncias que orbitam determinados componentes culturais e sociais de um Estado, cidade ou País. Nesse aspecto, o objetivo desse capítulo, como em todo trabalho é entender, de forma significativa, as noções de infância, de escola e as potencialidades das ações educativas produzidas nas instituições de ensino que constroem as políticas públicas de educação de um espaço sócio político para uma sociedade.

Sendo assim, este trabalho tem por intuito contribuir com o avanço da ciência da educação escolar, para conhecer pormenores, através da compreensão das práticas pedagógicas produzidas no interior das instituições de ensino, bem como nos ambientes familiares que definem modos de educar e os saberes por ensinar no cotidiano das relações sociais, culturais e educativas produzidas nesses ambientes. Deste modo, temos a pretensão de compreender como o ensino, através da ludicidade, da integração, da escolarização e das relações educativas tem constituído uma base teórica e

um conjunto de práticas significativas, para que, assim, possa ser capitalizada no processo de escolarização e as crianças tenham condições educativas para transitar do senso comum para uma consciência de cidadania e desenvolvimento do potencial educativo mais intenso. Com isso, temos a certeza de que a infância ganhará mais espaço social, ampliação do domínio do conhecimento e também potencializará a vida social própria e da sua família.

As ideias de infância que brotaram na História da Educação

Ao estudarmos diversos documentos, livros, textos e acompanhar o processo educativo em instituições de ensino, compreendemos que a infância se destaca por ser considerado o período mais significativo de desenvolvimento de todo ser humano, principalmente da criança na tenra idade. É nessa transição de situações que a curiosidade aflora e as crianças começam a descobrir o mundo e os sentidos de tocar, ouvir, sentir e ver.

Mas, a infância antigamente era pouco estudada e menos entendida como uma fase de um ser humano. Esse período era insuficientemente valorizado, a sociedade deixava de oferecer o devido valor a uma criança como indivíduo, como ser humano, como gente que pensa e age a partir das suas razões, mas também das suas emoções e sentimentos. Por isso, ao estudar a história da educação brasileira, pode se notar o aparecimento de vários conceitos de “infância”. Nossos estudos compreenderam que durante muito tempo, a infância era vista como “adulto em miniatura”, e era de responsabilidade da mãe a sua educação e os cuidados. Nesse sentido, este estudioso do tema assegura que “[...] mal adquiria algum embaraço físico, era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos” (ARIÈS, 1978, p11). Logo, temos que o pensamento da infância era compreendido como uma fase de vulnerabilidade, portanto, a infância não existia, haja vista que uma atenção singular só era dada às crianças somente no início de sua vida. O que diferenciava uma criança de um adulto era o tamanho e a força. E o que mais

se desejava era que a infância passasse o mais rápido possível, para que então a criança crescesse para trabalhar, e enfrentar a vida adulta com suas devidas responsabilidades.

Essa reflexão de como era vista a criança enquanto indivíduo, busca entender a educação nos princípios da história da sociedade contemporânea. Para isso, precisamos compreender um pouco da história da infância. De antemão, podemos compreender que a criança não era vista com bons olhos pela sociedade medieval tradicional, durante aquela época não havia a importância da família, ela tinha como papel a perpetuação dos bens, e as crianças tinham como obrigação trabalhar desde cedo. A vida girava em torno do trabalho, como bem expressa este escritor: “[...] para aprender os trabalhos domésticos e valores humanos, mediante a aquisição de conhecimento e experiências práticas” (MENDONÇA, 2012, p. 17), e com isso, não era liberado a construção de sentimentos entre os pais e os filhos. As crianças e os adultos não se distinguiam através de trajes e linguagens, ou seja, eles usavam as mesmas roupas e falavam o mesmo linguajar. E quanto à educação, todas as faixas etárias se concentravam na mesma sala de aula, recebendo o mesmo conteúdo e ensinamento. (ARIÉS, 1978, p. 50).

Para muitos estudiosos conhecedores desse período, dentre eles o próprio Ariès (1978) o pensamento em relação à criança mudou intelectual, cultural e socialmente no decorrer da Idade Moderna. A Revolução Industrial, o Iluminismo e a constituição de Estados laicos intensificou o desenvolvimento das condições de compreensão do significado de infância. Quem mais desfrutou dessa mudança foi a criança nobre, afinal somente a infância da monarquia tinha um tratamento melhor e mais adequado as suas condições, ao contrário da criança filhos dos súditos, dos servos e dos escravos. É nesse período que a criança passa a ser entendida como uma pessoa relevante, um ser de grande importância na comunidade. Tais circunstâncias faziam com que aparecessem algumas exigências, sejam psicológicas, cognitivas, emocionais e físicas e que, por direito, suas necessidades precisavam ser supridas e problematizadas para evitar outras preocupações da época.

No Brasil, só iniciou no século XX, a educação pública da infância. E, durante diversas décadas, surgiram varias transformações, como: a pré-escola não era formalizada, não existiam professores qualificados e muitas vezes a mão de obra era construída por voluntários, que depressa desistiam desse trabalho (MENDONÇA, 2012). Foi a Constituição de 1988, que possibilitou a criança, a colocação de sujeito com direitos, e a partir de então a educação infantil passou a ser incluída no sistema educacional.

É valido ressaltar a importância da Educação Infantil, já que ela é responsável pela construção do desenvolvimento social e humano da criança. E ela irá evoluir de acordo com a cognição, sendo que ela tem contato com vários objetos e também com a arte, ciência, cultura, proporcionando a criança criatividade escolar. Pois, a instituição denominada escola, precisa ser formada com profissionais da educação, que considerem a criatividade e essa criança como capaz, já que ela tem um conhecimento prefacial, uma história e o seu próprio linguajar.

As compreensões de escola na sociedade moderna

Já falamos da infância, agora é hora de tentarmos compreender o espaço social de maior convivência da infância fora do ambiente familiar e como local de agudizar o processo educativo que contribui com a formação da criança. Por isso vamos tentar relacionar a instituição educativa e suas potencialidades diante da realidade da infância. Assim, consideramos que a maior finalidade da educação, particularmente do processo de educação escolar, está na formação de pessoas capazes de pensar, formando então cidadãos reflexivos, potencializadores do pensamento crítico.

A difícil tarefa de educar envolve, para além das relações afetivas, fraternais, solidárias, cooperativas e socializadoras o desenvolvimento das habilidades cognitivas, pois, ela será responsável pela inteligência, pela potencialização das pessoas no processo de compreensão da realidade e resolução dos problemas advindos com questões desconhecidas.

E essa missão da educação está associada ao espaço escolar, a escola enfim, ou o serviço que ela presta à comunidade, resulta na educação do sujeito, que tem como característica a condução, a imersão, o envio para o engajamento social.

Deste modo, o cidadão educado e escolarizado se torna atribuído de condições e qualidades capazes de justificar sua capacidade de interferir, qualitativamente, no melhoramento da comunidade, além, de exercer sua cidadania. Essas são peculiaridades que a sociedade contemporânea exige, minuciosamente, do corpo orgânico e social chamado escola.

Assim, diante dessas considerações, torna-se válida a contribuição de Saviani, ao declarar que: “a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos” (SAVIANI, 2000, p 15). Essa afirmação significa que a compreensão da educação, só será possível, a partir da compreensão da natureza humana.

Diante disso, é possível compreender que o ser humano é único, e a sua existência é marcada historicamente, pela constante transformação em que vive. E quando falamos em transformação, a educação, também é um assunto que se deve ressaltar. É por ela que conseguimos colocar as coisas em ordem, compreendemos a realidade da sociedade, ou seja, nos tornamos seres sociais.

Independente dos conceitos de educação, podemos considerar como conquista dessa sociedade, o pensamento de que “não existe idade para a educação, de que ela se estende pela vida e que não é neutra” (GADOTTI, 1997, p 34).

De acordo Gadotti, o processo educacional é inerente ao ser humano, pois desde a infância até a fase adulta e, inclusive a fase idosa, a educação vai ser a companheira que instruirá e tornará possível o desenvolvimento pleno do indivíduo em quanto ser social, capaz de influenciar e ser influenciado.

Sobre isso, é importante lembrarmos que o “mundo antigo”, conforme o entendimento dos estudiosos clássicos, é representado pela importância histórica da vida cotidiana, que era conduzida pelas práticas familiares, ou seja, as informações, os conceitos, os princípios mais importantes eram demonstrados através de rituais e cerimônias. Dessa forma, o conhecimento

era passado de pai para filho, de forma natural. É nesse âmbito que a cultura antiga é utilizada como um elo para o clássico revestido de beleza e de verdade, de harmonia e de teoria. (CAMBI, 1999 p.45).

Para se compreender a tradição ocidental, é preciso apontar a história do mundo mediterrâneo antigo especialmente sobre a Grécia e o Egito. De acordo com Cambi, é no centro da vida social desses povos que nasce a figura da instituição-escola. São espaços destinados para os filhos das classes influentes da época, que tinha por objetivo a educação básica, como ensinar, por exemplo, ensinar a regra do bem escrever e bem ler.

Nesse contexto, é que surge a figura do educador, conforme assegura este pensador da história da educação.

Igualmente significativa é a figura do pedagogo, já um acompanhante- na Grécia- da criança, que a controla e estimula; figura que se transforma e se enfatiza no mundo mediterrâneo com a experiência dos “mestres de verdade” (diretores da vida espiritual e mestres de almas, verdadeiros protagonistas da formação juvenil,, basta pensar em Sócrates), mas que se enriquece também com as experiências dos profetas hebraicos que são os educadores do povo, a voz educativa de Deus. O mundo antigo colocará como central esta figura de educador, espiritualizada e dramaticamente ativa na vida indivíduo, reconhecendo-lhes qualidades e objetivos que vão além aqueles que são típicos de mestre-docente. Aspecto que depois –mas já a partir de Platão– será próprio também dos pedagogos, dos filósofos– educadores ou dos pensadores da educação que devem iluminar os fins e os processo de educar. (CAMBI, 1999 p.49)

Acerca da citação acima é possível compreender que o educador é indispensável na formação da sociedade, e através dele o processo de educar é iluminado.

Visto os espaços sociais de emergência e constituição do aparelho escolar, agora é hora de perceber como a principal instituição de ensino foi se formando na modernidade. É importante conhecermos os modos pelas quais o atual modelo de escola foi constituído e desenvolvido ao longo dos últimos séculos. La Taille, (1992, p 33) relata como que “na sociedade contemporânea a escola ganha importância e as relações que nelas são estabelecidas são fundamentais para a elaboração dos meios psicológicos dos sujeitos”. Na circunstância de ensino-aprendizagem a interferência pedagógica leva o aluno

a desenvolver progressos que não aconteceriam de forma espontânea em outro lugar.

A importância da intervenção deliberada de um indivíduo sobre os outros como forma de promover desenvolvimento articula-se com o postulado básico de Vygotsky a aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento desde o nascimento da criança. (LA TAILLE, 1992, p 33).

Segundo o pensador (LA TAILLE, 1992), a aprendizagem é de extrema importância, e é a partir dela que a criança irá se desenvolver. É importante ressaltar que esse processo de aprendizagem deve acontecer na escola.

Para algumas pessoas, o sistema de ensino só será bom, se ele conseguir com êxito explicar à sociedade de forma clara e significativa tudo o que se espera dele. Podemos notar que as escolas não conhecem o que se idealizam ou até mesmo o que se espera delas. E a comunidade espera muito da escola.

Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacidade técnica porque antes não aprenderam a ler, escrever e contar e excluem-se, finalmente, do exercício da cidadania esses mesmos cidadãos porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa (BARRETO, 1994, p 59).

A sociedade contemporânea, também conhecida como sociedade informática, cibercultura, ou pós-modernidade move o saber para o saber/fazer. Livrementemente do rótulo, obviamente os tempos mudaram e necessitam de uma escola diferente, assim reivindicam atitudes também diferentes dos especialistas da educação.

Atualmente as grandes verdades não são capazes de esclarecer o concreto. A sociedade contemporânea procura por novas explicações. O fim que as pessoas tanto idealizam nunca chega. Os métodos levam incessantemente a novos métodos. Deixa de existir a lenda de que o mundo é movido pela linearidade, como algo pronto, exatamente como uma receita,

onde todos os passos são ensinados, primeiro faz isso, depois aquilo e se tem a consequência almejada. A sociedade pós-moderna é dona de um estilo nunca antes visto na história, onde o tempo é o agora, o aqui, simplesmente o atual.

E isso provoca a educação escolar, já que com o aparecimento da sociedade pós-moderna a aceitação à informação se alastrou. A resposta está na internet, no tablet, na televisão, nos jornais, no celular, em tempo real com toda a potência e velocidade. E a imagem do educador, único e dono do conhecimento, que marcou o início da escola se afastam cada vez mais.

As compreensões da educação escolarizada e não escolarizada na sociedade brasileira

O processo da educação escolarizada no Brasil está atrelado à cultura europeia. Que tem como valorização a cultura da leitura, o ensino baseado em livros e diversas tradições. Esse método de educação é pouco condizente com a realidade brasileira, já que, o material planejado para a educação básica, mantém o olhar para uma única cultura, esquecendo-se que existe uma diversidade de culturas no nosso país, vale ressaltar a cultura oral, que se trata da transmissão de tradições e costumes de uma geração para a outra. O currículo escolar, precisa estar de acordo com a região em que está inserido, para que dessa forma possa haver interação com os alunos.

A educação escolar tem como objetivo, no espaço escolar, instruir o aluno ao conhecimento, ensinando-lhe como usar objetos e desenvolver habilidades, para sua futura vida profissional. Tendência para a direção do mercado de trabalho, pois, vivemos em uma sociedade marcada pelo capitalismo, e com isso cada vez mais, o espaço escolar tem sido um espaço de busca por maior poder aquisitivo e, ainda, um lugar para se subir de classe na sociedade. Conforme diz, Apple (1989, p. 59):

As escolas maximizam a distribuição do conhecimento técnico e administrativo entre a população. Na medida em que os estudantes aprendem esse conhecimento, eles podem “investir” suas especialidade e capacidades adquiridas para ascender a melhores ocupações. Isso propiciará taxas mais elevadas de mobilidade individual e garantirá também a oferta de pessoas bem qualificadas exigidas por uma economia em expansão. Treinamento técnico generalizado, mobilidade e crescimento econômico são fatores que estão relacionados. Nessas circunstâncias o planejamento cuidadoso da “força de trabalho” e a estimulação de currículos técnicos e científicos, voltados para a ascensão profissional, tornam-se fatores essenciais.

Já com a educação não escolarizada ou não informal, o principal objetivo é saber se o aluno conseguiu de forma significativa compreender o que foi passado pelo o professor, pois, esse sistema de ensino não costuma dar nota aos alunos. Mas, é importante lembrar, que algumas escolas dão sim notas aos alunos, porém, na maioria das vezes, esse método não é o recomendado, cabe ao professor conhecer a realidade de sua sala de aula, para poder então saber se serão usadas avaliações ou não.

A educação não escolarizada ou não informal, com relação à pedagogia social, já é existente em vários países como, por exemplo, na Europa, ela atua com cursos voltados para os professores. No território Brasileiro, está em discussão sugestões, que tenha a educação voltada para crianças e adolescentes em circunstâncias de vulnerabilidade social. A pedagogia social está atrelada a área da educação não formal, pois, trabalha com projetos, expandido por ONGs e setores como, estado, igreja, e empresas privadas.

A normatização pela legislação brasileira e as potencialidades da escolarização.

Neste capítulo trataremos de alguns pontos importantes da Constituição Federal brasileira e a organicidade da mais importante norma da educação brasileira da atualidade. Assim, trataremos da Lei de Diretrizes e Bases, para que dessa forma seja possível a compreensão dos direitos e deveres de todos os cidadãos. De maneira singular, queremos apresentar as condições

regulamentadoras em que as crianças, jovens e adultos podem conquistar suas capacidades de realização de vida digna e justa, a partir da educação e da escolarização. Ao mesmo tempo também queremos explicitar as competências e qualidades dos órgãos responsáveis por promoverem a educação básica, de maneira especial, salientando as qualidades regulamentadoras que devem cumprir o Município e o Estado.

Outro ponto importante que também vamos realçar é sobre a participação das famílias e suas diversas contribuições para o desenvolvimento social, cultural e intelectual das crianças, em conjunto com o mais atuante dispositivo de conquista da liberdade e da cidadania: a escola. Nesta direção, teremos como assunto principal construir um significado acerca da relevância da educação infantil, já que ela é, na contemporaneidade e a partir da obrigatoriedade de partes dela, constituiu-se como a base da educação básica, e essa educação é essencial para a formação do ser humano. (CURY, 2002).

Tal perspectiva se torna necessária em função da exigência pedagógica de compreendermos a legalidade dos atos dos profissionais do ensino, as certezas e incertezas do papel do Estado e do Município, as dificuldades em conhecer a normativa e preparar a ação de acordo com a legalidade dos atos de cada gestor, seja ele um responsável pela governança do sistema educativo, seja ele responsável pela instituição escolar. Nesse quadro, queremos intensificar os conhecimentos dos dispositivos normativos exatamente para termos a convicção de que estamos tratando de questões absolutamente regulamentadas pelo poder público e que, muitas vezes, possui distintas compreensões e suas diferentes interpretações para efetivação da realidade no cotidiano escolar. Até porque a luta pela normatização é uma luta por fazer a normalização da vida, por tentar normalizar a vida de todos nós e, principalmente, dos escolares e dos demais sujeitos da educação escolarizada.

As Diretrizes da Educação Brasileira à luz da Constituição Federal

Um dos primeiros documentos normativos que trazemos para este diálogo é a Carta Magna Brasileira. Isto porque se trata de uma iniciação ao processo de definição da arquitetura da organização escolar e suas competências no desenvolvimento e potencialização das relações educativas. Nestes termos, temos que a Constituição Federal, promulgada em 05 de outubro de 1988, agrupa leis fundamentais que regem e organizam o andamento do processo educativo e contribui com o desenvolvimento de outras áreas das políticas públicas no Brasil. Essa mesma Constituição também é conhecida como Constituição Cidadã, pois ela garante políticas públicas de educação e outros direitos sociais, antes negados, a todos os brasileiros e restabelece os marcos civilizatórios para constituição dos direitos civis do povo brasileiro.

Não vamos nos ater a todas as relações que propiciam a leitura da Constituição Federal sobre a educação. Dada a necessidade, verificaremos a parte específica acerca da educação brasileira e as questões que envolvem o aparelho escolar, os sistemas de ensino e as possibilidades educativas das crianças, jovens e adultos de nosso País. Chamamos atenção para o Capítulo que foi definido como “DA EDUCAÇÃO”. Nele estão dispostas as regulamentações primeiras da educação nacional. Os artigos 205 a 214 falam exclusivamente da arte da educação e suas relações com as demais políticas sociais. Neste trabalho abordaremos, especificamente, os artigos 206, 208 e 211, com alguns de seus incisos para que possamos intensificar esses estudos e promover um diálogo com o conjunto da pesquisa. Por isso, é importante verificar que destacarmos um olhar para o campo da educação para demonstrar como esta política pública é um direito fundamental já que sem ela o ser humano não conseguiria se desenvolver plenamente, na qualidade de cidadão de direitos e obrigações, como bem diz Cury (2002).

Um dos mais significativos dispositivos prescritos na Constituição Federal assegura que o dever do aparelho do Estado se faz a partir de garantias. Garantias essas que exigem do Estado a realização de ações e a concretização dos princípios da Carta Magna com relação a realização das

condições de existência do aparelho escolar e suas produções. Então a Carta Magna proclamou o seguinte:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III- Atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino;
IV- educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela emenda constitucional n 53, de 2006).
[...] VII- Atendimento ao educando, em todas as etapas da educação básica, por meio de programas suplementares de material didático escolar, transporte, alimentação, e assistência à saúde. (Redação dada pela Emenda Constitucional n 59, de 2009).

Nessas determinações podemos reconhecer que o Estado brasileiro assegura que o poder público irá se tornar efetivo na realidade do cotidiano da sociedade, garantindo plenas condições de acesso a educação, bem como promovendo a integração de todo o sistema para que possam alcançar seus objetivos e assegura a potencialidade de tomada de decisões dos agentes em diversos âmbitos.

Mais especificamente, o inciso III desse artigo traz a educação como direito de todos, independentemente de sua condição física ou mental. Nesse sentido, temos uma norma avançada que garante o princípio da universalidade do ensino, que assegura a escola para todos os brasileiros ou aos estrangeiros que aqui residem. Uma garantia fundamental o acesso ao processo de escolarização para poder dizer que esse direito é de todos, para todos. Além do mais garante escola para todas as condições sociais, culturais e distintas modalidades. Uma das mais significativas é exatamente a educação especial. Com essa normatização, pela primeira vez fica garantida na Constituição Brasileira que todas as pessoas, com algum tipo de necessidade especial, devem ser incluídas no sistema educacional.

Por sua vez temos uma etapa também significativa que bem demonstra a responsabilidade que o Estado brasileiro evoca para si, de tratar nos marcos civilizatórios do direito à cidadania. Afinal, sem estudar, sem aprender a ler e escrever, as pessoas não se tornam plenamente cidadã. Assim, o inciso IV relata sobre a importância da educação infantil na vida da criança, sendo que

de 0 a 3 anos é creche, e 4 e 5 pré escola. Fases respeitáveis da vida que produzem as condições para prosseguir nos estudos da educação básica. Essa importante fase da vida escolar é necessária para a formação intelectual e desenvolvimento social, pois a partir desse momento a criança terá contato com outras realidades, ambientes diferentes e experiências inovadoras. Sobre isso, vejamos:

A educação infantil, dever do Estado, tornou-se etapa constitutiva da organização da educação nacional sob a educação básica. Com isso, acertadamente, ela perdeu a condição anterior de área assistencial. (CURY, 2002, p. 180).

Nesse contexto, Cury (2002) demonstra que a educação infantil, inicialmente tinha por objetivo oferecer uma assistência as famílias, atualmente é pacífico o entendimento de que ela se tornou indispensável na vida dos estudantes, bem como é uma etapa que fará diferença na vida acadêmica das pessoas.

Por sua vez, a política educacional se conecta com outras políticas sociais públicas. Assim, temos as ações suplementares do Estado para ordenar a vida da criança no ambiente escolar. Por isso, o inciso VII, do Art. 208, da Constituição Federal, trata das políticas suplementares, de como são importantes para a permanência dos alunos na escola. Essas políticas tem o objetivo de garantir o acesso às escolas e igualdade a todos os cidadãos, já que este é o dever do Estado (BRASIL, 1988)

Para demonstrar o compromisso com as exigências de condições para um oferecimento de escolarização com qualidade, a Constituição Federal exige das pessoas e das demais instituições, alguns princípios norteadores do desenvolvimento da educação. Assim, na Carta Magna, em seu artigo 206 os legisladores também constituíram um alicerce que merece especial atenção, pois evidencia princípios inerentes ao desenvolvimento do educando, conforme segue:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
I- igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

- liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
 - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino.
 - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.
 - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas;
- [...] VII- Garantia de padrão de qualidade.

A partir desses escritos conseguimos compreender que o inciso I é importante para assegurar o direito de educação para todas as crianças, sem exceções. Sendo este um dos pilares principais do ensino brasileiro visto que assegura a diversidade, o convívio entre os diferentes e o acesso para toda e qualquer criança, jovem ou adulto.

Por sua vez, o inciso II é pautado no princípio da liberdade de educandos, educadores e demais envolvidos no processo de formação escolar, afim de que a proposta pedagógica seja colocada em prática. Fator esse que assegura um processo democrático de convivência entre diversos atores da educação brasileira e suas diferenças de metodologia de ensino, de interpretação textual, de conhecimento acumulado, de trabalhos realizados.

Em perspectiva de conjunto, o inciso III aborda a necessidade que tem as pessoas que trabalham em instituições educativas de levar em conta que todo estabelecimento de ensino tem a sua diversidade cultural, ou seja, as pessoas que integram o espaço escolar, seja professor, aluno ou pais são seres diferentes. Cada um tem suas particularidades social, cultural, econômica, entre outras. Por isso cabe à instituição de ensino respeitar cada uma delas, e não ter um método de ensino exclusivo, mas sim diversificado.

A conquista da universalidade pode ser resumida neste dispositivo. Assim, o inciso IV entende que a escola pública é sinônimo de educação para todos, e partindo deste ponto cabe ao Estado, promover esse dever constitucional de forma gratuita e qualitativa sem discriminação ou exceções. Porém, é válido ressaltar que cada cidadão, através do pagamento de impostos, contribui diariamente com as escolas públicas.

A valorização dos profissionais do ensino também foi obra de construção dos legisladores. Exatamente para enfatizar a importância desse profissional

no ambiente escolar. Por isso, o inciso V registrou a necessidade de todos os sistemas de ensino promoverem a valorização dos profissionais da educação. Cabe ao Estado garantir todos os direitos previstos na consolidação das leis trabalhistas, por exemplo: férias, décimo terceiro, licença prêmio, entre outros benefícios. Além disso, o professor precisa ser assegurado com plano de carreira e estabilidade, através de concurso público. Dessa forma, os profissionais da educação poderão exercer sua função de forma eficaz e digna.

A questão da qualidade de ensino ainda é tema controverso nas narrativas de diversos setores responsáveis pela educação brasileira. Mas, o caminho para ser discutido e reordenado está na Constituição Federal, assim, o inciso VII diz que o ensino deve ser ministrado com um padrão de qualidade, a fim de produzir resultados satisfatórios para todos.

Para conformar ainda mais o modelo de educação brasileira descentralizada, os legisladores constituintes optaram por estabelecer responsabilidades dos entes federativos. Dessa forma, o Artigo 211 aponta que a educação infantil é da responsabilidade administrativa prioritária dos municípios. Entretanto, quando se trata da questão financeira e técnica, a responsabilidade deve ser compartilhada com a União e os estados. Conforme segue:

Art. 211- A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão em regime de colaboração seus sistemas de ensino.
§ 2º Os Municípios atuarão prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 14, de 1996).

Nessa direção, a Constituição Brasileira traz uma regra que deve ser aplicada em toda a Federação, qual seja, a de que o município atue prioritariamente no ensino fundamental e na educação infantil. Sendo assim, o município figura como o ente público responsável pela educação básica, sobretudo na educação infantil. Todavia, não constitui responsabilidade exclusiva, pois a legislação garante a participação do Estado e da União visando suplementar eventuais faltas de condições do ente federativo menor.

Assim, quando um município não possui plenas condições de atendimento, o Estado ou a União devem zelar pela garantia deste direito às crianças.

Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB 9394/96):
Considerações pertinentes

Nesta narrativa queremos tornar importante a leitura sobre a principal normatização da educação brasileira. Neste contexto, é interessante ressaltar este outro instituto do direito educacional brasileiro que não é nem mais e nem menos importante que a Constituição Federal. São dispositivos diferentes, porém são complementares e representa o que pensou o legislador brasileiro acerca dos nossos sistemas de ensino, sobre as instituições responsáveis por abrigar partes ou conjuntos dessa política pública e as responsabilidades de gestores e profissionais do ensino. Assim pensada, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira (LDB 9394/96) ficou constituído como um conjunto de leis que regulamenta o sistema educacional Brasileiro, seja público ou privado e abrange da educação básica ao ensino superior normatizando as instituições e as práticas com a educação escolarizada.

Nessas circunstâncias podemos dizer que a LDB é a reafirmação da Constituição Federal por outros modos, bem como é a definição mais precisa, alargada e distintiva da Carta Magna, isto porquê reassegura os princípios de educação, os deveres do Estado, e organiza as responsabilidades em forma de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Sobre a referida lei será tratado:

A LDB de 1996 mostrou um avanço na concepção de Educação Infantil, pois veio a definir uma educação voltada realmente para a criança, considerando-a como sujeito social de direitos que deve ser mantida pelo Estado uma vez que o nível de ensino se constitui como primeira etapa da Educação Básica. (NASCIMENTO, s.d., p. 22110).

A educação brasileira está afirmada, protegida e garantida pelo estado democrático de direito. A luz da CF e da LDB os normatizadores estabeleceram um forte escudo em prol da educação escolar em âmbito nacional, prescrevendo legitimamente, uma produção normativa que, se ainda não é o que entendemos justo e viável para nossa sociedade, foi a norma

possível no acordo de democracia estabelecido na arena dos debates democráticos. .

Esse cenário foi possível somente a partir das lutas contra o fascismo e contra o nazismo que fizeram nascer, em 1948, a carta mundial denominada de Direitos da Organização das Nações Unidas (ONU) e também foi proclamada ao mundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Oportunidade em que os princípios brasileiros dos direitos sociais, tais como a liberdade, a dignidade humana, o trabalho, a moradia, a saúde, a educação, dentre outros, foram objeto de destaque na constituição brasileira, a fim de que ficasse estabelecido que todos são iguais perante a lei. (CARNEIRO, 2018, p.23).

A educação escolar, portanto, passou a configurar no contexto dos direitos como fundamento imprescindível a vida humana, capaz de sinalizar e estampar a esperança de dias melhores, diante da possibilidade de se vislumbrar a construção do saber com base em padrões organizacionais oriundos do ordenamento legal pré-estabelecido. Isso gerou uma estabilidade e legitimidade sem precedentes para a educação brasileira, exatamente por fazer a sociedade e o Estado compreenderem a necessidade de tornar a educação uma política pública necessária para todos.

Nesse contexto, é interessante que se destaque alguns dos artigos da proclamada Lei de Diretrizes e Bases (LDB), Lei n. 9394/1996, objeto de estudo deste capítulo.

Art. 1º - A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Para início de conversa é bom perceber a definição precisa do que é educação e do que esta legislação irá tratar. Assim, o artigo 1º ocupa-se em demonstrar que a educação está presente em todos os âmbitos da vida do homem. Desde a tenra idade, no seio da família, o indivíduo está em contato com a educação. A educação é mais do que conhecimento. Na família ela

possibilita o desenvolvimento do sujeito, enquanto pessoa capaz de interagir com o outro. Por sua vez, a relação do indivíduo com a sociedade também é reconhecida e valorizada como ato educativo, por isso a normativa registrou a diversidade de possibilidades educativas em distintos espaços sociais.

A identidade do indivíduo em formação vai sendo, aos poucos, constituída, desenvolvida e solidificada, em conformidade com cada ambiente a que está submetido, esclarecendo que a educação está presente em todos eles, quais sejam: família, trabalho, escola, igreja, dentre outros.

Vale ressaltar que o teor desse artigo traz o verbo desenvolver, possibilitando assim o entendimento pontual do autor, conforme segue:

[...] A atividade da educação escolar é de desenvolvimento humano, ou seja, de potencialização de capacidades em quatro perspectivas claras e convergentes: realização pessoal, qualidade de vida, participação política e inclusão planetária. (CARNEIRO, 2018, p. 49).

Essa definição precisa, grafada logo no início da legislação é emblemática, pois demonstra que a educação escolar está atrelada ao desenvolvimento integral da criança em formação. Fator este que reforça a ideia de que somos seres sociais e devemos valorizar essas relações entre nós, entre nós e as instituições e entre as instituições para o bem da sociedade e das pessoas. Dai que a lei incentiva um aprendizado extensivo, que abarca diversos espaços de aprendizagem.

Dessa forma a ideia de escola vinculada tão somente ao espaço da sala de aula não é mais uma realidade isolada. Por isso, essa definição favorece a interação social do aprendiz, que ao se relacionar com pessoas e ambientes distintos da escola, também está agregando valores ao conhecimento e aprendizado escolar. Isso também é educação e produz efeitos na vida dos cidadãos, auxiliando-os a ampliar suas condições de experimentação da vida na sociedade em que vive.

O autor aponta a ideia de pedagogia de alternância, interessante metodologia pedagógica. Segundo ele, embasado no conceito defendido pelo pedagogo francês Celêstin Freinet “a atividade escolar está estreitamente

ligada à vida e ao contexto histórico social dos alunos”. apud Carneiro (2018, p. 50).

Por exemplo, uma criança que vive a beira de um rio, tem a possibilidade de aprender dentro e fora da sala de aula. É mais fácil estudar os espaços geográficos em contato com a natureza. Isso sem falar em diversas possibilidades de aprendizagem em ambientes próximos ou relacionados com a escola. Logo, a LDB criou alternativas de organização das instituições de ensino, como esta proposta existente hoje na sociedade brasileira.

A Pedagogia da Alternância desenvolveu recursos metodológicos e didáticos próprios com o objetivo de disponibilizar, ao aluno, instrumentos de condição da aprendizagem em seu contexto indutor de cidadania. Este contexto tem, nas sessões escola e família/comunidade, momentos de contemplação pedagógica (inserções impregnantes de aprendizagem ativa). (CARNEIRO, 2018, p. 51).

Diante disso, fica muito bem definido que a educação escolar se desenvolve, na maioria das vezes, por meio do ensino. Todavia, não somente em instituição própria. Afinal a educação não pode ser aprisionada em limites que diminuam a criatividade e afastam a experiência. Alguns tipos de alternativas de organização e definição pedagógica podem ser realizadas com o apoio da norma brasileira da educação.

O parágrafo 2º consiste na ratificação do disposto no parágrafo anterior, pois traz a complementação de que não há educação sem atividade social; antes de ser um matriculado, o aluno é um cidadão, que precisa melhorar, gradativamente as suas relações sociais, bem ainda, necessita se preparar para o mundo do trabalho, lugar onde estabelece o seu papel de ser coletivo, sem se julgar a margem da sociedade. Tão somente depois é possível receber a capacitação e qualificação para o trabalho. Portanto, a criança, o jovem e o adulto são trabalhados na perspectiva de percepção do mundo do trabalho e só depois eles devem decidir para qual mercado de trabalho eles precisam conhecer para trabalhar.

Por isso Carneiro, (2018, p. 53) assegura o pensamento e conclui com a ideia de que “a educação escolar é a grande porta para a mobilização do sujeito”.

Art. 2º - A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (CARNEIRO, 2018, p.53).

Acerca do artigo definidor das responsabilidades sobre a educação, podemos perceber desde a primeira que frase que é extremamente belo, inteligente e muito bemdefinido. Trata-se das responsabilidades primeiras, dos princípios e fins da educação, ou seja, de qual fonte se abstraiu o dever de educação e para que serve a educação.

O autor traz uma excelente citação de Tomás de Aquino, que define principio como “[...] aquilo de onde alguma coisa procede; tudo que de alguma maneira, opera como ponto de procedência para outra coisa, dizemos ser principio”. Apud Carneiro (2018, p.53).

Há um consenso geral de que a família e o Estado são os responsáveis pela educação. A constituição brasileira optou pela organização desse entendimento. Assim, conclui-se que a LDB tão somente confirma e explicita os pontos centrais dessa responsabilidade.

Portanto é possível concluirmos que é na família onde a criança vai desenvolver a base, o alicerce que dará sustentação para o crescente desenvolvimento na escola. Nesse ambiente ela precisa estar dotada de autoestima, aceitação, autonomia, dentre outros atributos decorrentes da vida familiar.

Por fim, à luz desse artigo e, considerando as lições de Carneiro (2018), conclui-se que a finalidade da educação possui algumas naturezas, como por exemplo: o pleno desenvolvimento do educando, que se traduz em uma trajetória progressiva e equilibrada; preparo para o exercício da cidadania, ou seja, o cidadão, titular de direitos e deveres sente-se inserido na sociedade ao

participar tendo direitos sociais básicos, como educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, dentre outros.

Nesse momento trataremos dos incisos IV e X, do artigo 3º da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), de suma importância para a matéria.

Art. 3º - O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
IV- Respeito a liberdade e apreço à tolerância; X- Valorização da experiência extraescolar;

Vale a pena ressaltar que os princípios do Artigo 3º estão elencados no artigo 206 da CF. Assim, eles assumem a forma de ordenanças universais ou questões incontroversas que precisam de interpretação de cada sujeito para sua realização, pois que são aliadas no cotidiano do ensino ministrado nas escolas brasileiras. É por isso que a educação é direito de todos e dever do Estado, razão pela qual a forma de ensinar deve ser sistematizada, baseada em princípios básicos que são o fundamento do mundo dos valores e que servem de orientação para o ritual da organização escolar.

Nesses aspectos os princípios começam a tomar forma concreta no dia a dia da vida em sociedade porque a responsabilidade objetiva, visível podemos ver nos fatos e acontecimentos que são produzidas e que, por muitas vezes, são questionadas na vivência do cotidiano escolar, formando culturas escolares que delineiam os procedimentos em instituições e sistemas educativos.

Por exemplo, o inciso IV reforça o quanto a liberdade é importante e precisa ser valorizada, além dela a tolerância é imprescindível em qualquer ambiente, seja ele familiar ou escolar. No entanto, somente na leitura ficamos questionando de que se trata isso. Na vida experimentada isso acontece muitas vezes como nas horas de explicações e os questionamentos, ou nas dúvidas ou nos debates que acontecem em sala de aula, ou nas assembleias de alunos ou de professores e assim, sucessivamente. E a tolerância é quando respeito o direito do outro de também poder dizer coisas e produzir acometimentos no ambiente escolar, sem produzir qualquer constrangimento, ainda que não concorde, eu posso e devo tolerar.

Questão que merece maior compreensão também está disposto nesse Artigo. Por exemplo, o inciso X aponta a valorização da experiência extracurricular, essa experiência precisa ser considerada relevante para que o aluno tenha o conhecimento ampliado, e também o conhecimento prévio valorizado.

Já em relação a concretização das ações para desenvolvimento das instituições educativas, os legisladores foram precisos em definir garantias de que esse direito será realizado, queiram alguns ou não queiram. Isso mostrar que nossos gestores devem realizar esta política pública como garantia do direito das pessoas e como dever e responsabilidade dos agentes do Estado. Assim diz a norma:

Art. 4º- O dever do Estado com Educação escolar publica será efetivado mediante a garantia de:
Educação básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, organizada da seguinte forma: (Inciso com redação pela Lei 12.796, de 04/04/2013):
Pré-escola (Alínea acrescida pela Lei 12.796, de 04/04/2013);
Ensino Fundamental (Id);
Ensino Médio (Id);
Educação infantil gratuita às crianças de ate 5 anos de idade (Inciso com redação dada pela Lei 12.796, de 04/04/2013);
[...] X- Vaga na escola pública de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental mais próxima de sua residência a toda criança a partir do dia em que completar 4 anos de idade.

Nesse sentido, essa consagração do disposto no Artigo 4º da LDB trata de deveres e obrigações, ou seja, o Estado deve garantir a educação básica escolar de qualidade. Como mecanismo dessa configuração podemos observar as regras estatuídas no inciso I quanto à gratuidade do ensino dos 4 aos 17 anos de idade, cuja forma será a pré escola, ensino fundamental e ensino médio respectivamente. Assim, a afirmação do Estado a partir de uma política pública como a educação podemos ver a responsabilidade estatal em configurar aquilo que pode/deve oferecer ao povo para fazer concretamente a educação pública e a escolarização.

Nesse sentido, a LDB oferece as bases da educação nacional. Acerca da palavra base, vale a pena considerar o seguinte:

A própria etimologia do termo base nos confirma esta acepção de conceito e etapas conjugadas sob um só todo. Base provém do grego *b á s i s, e ó s* e significa, ao mesmo tempo, pedestal, suporte, fundação e andar, pôr em marcha, avançar. A educação básica é um conceito mais do que inovador para um país que, por séculos, negou de modo elitista e seletivo, a seus cidadãos o direito ao conhecimento pela ação sistemática da organização escolar. (CURY, 2002, p.170).

Acerca do pensamento acima, queremos destacar que a palavra **base** nos faz imaginar que a educação básica, na qualidade de suporte para as demais fases da vida acadêmica, desempenha um papel importante. Com isso queremos dizer que trata-se do fundamento sobre o qual a criança vai desenvolver o conhecimento, bem como a capacidade de participação na vida social, por exemplo: ela terá voz ativa na comunidade, e dessa forma desenvolverá o sentimento de pertença.

Outro ponto importante, que também queremos enfatizar, é que a educação básica precisa ser ensinada de forma metódica, pois, se trata de uma ação sistemática da organização escolar. Além disso, ela se trata de um direito que por muito tempo foi negado às classes menos favorecidas.

Por essas definições, chamamos atenção para o inciso II que visando deixar bem preciso suas prescrições ratificam as informações do inciso I, com destaque para a gratuidade do ensino às crianças. E, no fim da determinação, o inciso X consagra que toda criança a partir dos 4 anos de idade tenha vaga em escola pública, seja de educação infantil ou ensino fundamental, de localização próxima a sua residência.

Diante da mudança ocorrida com a nova redação do artigo 4º, em que diz respeito a prestação obrigacional do Estado vale a pena apontar a lição de Carneiro:

A ideia do legislador não é apenas incorporar novos sujeitos da educação básica, senão qualificar a educação infantil, evitando deslizamentos conceituais e operacionais que tem como base a tendência crônica do Estado brasileiro de confundir assistência social com educação. (CARNEIRO, 2018,p.90)

É interessante apontar que a leitura desse artigo seja feita em conjunto com a nova redação do artigo 208 da Constituição Federal. No disposto na Carta Magna podemos ver que:

Art. 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I- educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) ao 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria. (EC 14/1996, EC 53/2006 e EC 59/2009).

Vale ressaltar que o preceito trazido no inciso X, do Art. 4º tem uma consequência prática, pois, requer da família o envolvimento com o projeto pedagógico escolar. Nesse relacionamento tem-se a figura da escola, professores, família e comunidade. É o que esclarece estudioso do tema, Moaci Alves Carneiro, ao confirmar que: “o componente da proximidade geográfica facilita esse relacionamento e, mais do que isto, aprofunda, na criança e no aluno, o sentimento de pertença e de sujeito social e cultural ambientado”. (CARNEIRO, 2018, p. 167).

O artigo 11, da LDB, apresenta o Município, como sendo o lugar da cidadania. É nesse espaço delimitado que o cidadão, enquanto ser social desenvolve-se e vive na prática a sua história de vida.

Art. 11- Os municípios incumbir-se-ão de:

Oferecer Educação Infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o Ensino Fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino;

Nesse disposto, chamamos atenção para o inciso V que prescreve a prioridade da educação infantil e ensino fundamental. Portanto, num primeiro plano o município deve oferecer serviços públicos para essa população escolar. Esta deliberação legislativa aponta a necessidade de priorizar, dentro da educação básica, uma relação intensa com as denominadas bases da

educação, afirmando e assegurando o mínimo do ensino que deve ser oferecido.

Contudo, essa não tem sido a realidade brasileira. Apesar do texto legal, ser bem preciso e incisivo, isso não ocorre na inteireza e necessidade da realidade social das nossas famílias e crianças. É o que informa a excelente pesquisa do estudioso desta área, registrado nos seguintes dizeres.

É lamentável reconhecer que mesmo com o advento da Fundeb, a Educação Infantil ainda não entrou definitivamente na agenda das responsabilidades municipais. Nesta área, quase tudo está por ser feito em 60% dos municípios brasileiros. Desde os cuidados com a infraestrutura até a formação do pessoal docente e de apoio. Este setor da educação municipal é formado de unidades educacionais improvisadas, constituindo apenas redes de escolas, e não propriamente sistemas consolidados de ensino. (CARNEIRO, 2018, p. 253).

Esse apontamento demonstra que a educação infantil está sedimentada em redes de escola. Contudo, o ideal seria um sistema próprio de ensino para esse nível de escolaridade. Diante disso, vislumbra-se que ainda existe uma longa jornada a ser percorrida pela educação infantil, no que diz respeito à sua estruturação, quadro docente e apoio.

Ao intensificar a respeito do tema, um outro estudioso aponta algumas questões necessárias para que posamos compreender a realidade da educação infantil:

A nova LDB, que apesar de já ter completado seus 20 anos, se caracterizou como um marco histórico importantíssimo para a Educação Infantil, pois responsabilizou os municípios no atendimento das crianças de 0 a 6 anos e estabeleceu um curto espaço de tempo para que os mesmos se organizassem e assumissem a Educação Infantil em seus respectivos sistemas de ensino. (NASCIMENTO, s.d., p. 22108).

Dessa forma o município precisa tratar a educação como modo prioritário para essa área, dando mais atenção para os devidos cuidados com a educação infantil, possibilitando assim a manutenção e desenvolvimento do ensino (art. 211 e 212 da CF). Tal perspectiva permitirá aumentar o potencial e a qualidade educativa, contribuindo

com ampliação da qualidade da aprendizagem e potencialidade do ensino nessa fase da educação infantil.

A principal normativa brasileira para a educação, a Constituição Federal estabelece os pontos a serem observados pelo Município.

Art. 12- Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de:

Articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola;

Informar pai e mãe, conviventes ou não com seus filhos, e, se for o caso, o responsáveis legais, sobre a frequência e rendimento dos alunos, bem como sobre a execução da proposta pedagógica da escola;

As definições aqui presentes inicialmente tratam das normas comuns, partindo em seguida para as normas de ensino que toda escola está vinculada, tanto na esfera estadual ou municipal. Diante disso é pacífico o entendimento de que cada escola possui, ou deveria possuir um eixo de responsabilidades que envolvam a proposta pedagógica bem como sua equipe de planejamento e execução de atividades escolares. Assim, estariam envolvidos os professores, o pessoal da secretaria administrativa, os pais, responsáveis, pessoas da comunidade, dentre outros. Caso isso aconteça, o objetivo primordial será alcançado: A educação escolar como um bem público, amparada por políticas públicas direcionada para atender as crianças, abraçando assim os direitos fundamentais inerentes à elas.

Na nossa percepção, essa deliberação aponta oito incisos necessários para que a escola desenvolva uma auto avaliação institucional. Acerca disso vale a pena citar GROCHOSKA (2013 *apud* CARNEIRO, 2018) Carneiro (2018, p. 259-260).

“[...] a avaliação institucional pode fornecer dados importantes para a construção e a efetivação do Projeto Político-pedagógico da escola, servindo ambas para uma melhor definição de identidade, autonomia, missão e objetivos institucionais. Este resultado contribui para a melhoria da unidade de ensino, tornando-se uma eficaz estratégia de gestão democrática e participativa”. (GROCHOSKA, 2013, p. 11 *apud* CARNEIRO, 2018, p 259-260).

É nesse contexto que a escola precisa aderir uma rotina de permanente auto avaliação, pois, a educação básica também carece de uma gestão

metódica com vistas a um efetivo e contínuo cuidado de todos os colaboradores envolvidos.

Conclui-se assim que o conjunto de objetivos delimitados, quando de conhecimento dois cidadãos, podem ser exigido do Estado toda vez que um direito fosse negado ou ameaçado.

Já em relação a integração e interação entre a comunidade e a escola o inciso VI desse artigo traz a ideia de continua participação das figuras interessadas no bom desenvolvimento educacional das crianças. Assegura também que cabe a escola a criação de mecanismos para o envolvimento de pais, familiares, e comunidade. Afinal, a escola não é tão somente um lugar para passagem de algumas horas. Quando os familiares se sentem atraídos para participar efetivamente do Projeto Pedagógico escolar, um dos objetivos constitucionais acontece de maneira bem integrativa, qual seja a educação sendo tutelada pelo estado, família e sociedade. E, na nossa compreensão, esse é o caminho ideal para que os alunos sintam-se abraçados, envolvidos e por fim com a autoestima em tal nível que jamais desejem abandonar a escola.

Na sequencia podemos compreender a continuidade do processo de integração. Assim, o inciso VII do referido Artigo Constitucional citado acima, faz com que se reflita sobre os reais objetivos do aluno que frequenta a escola, pois, reflete as responsabilidades do aluno e também da escola. Nesse aspecto, a nossa compreensão é de que o aluno precisa compreender seus direitos e obrigações. Com esse dispositivo o Estado quer que o estudante possa se adequar as regras como, por exemplo, frequentar as aulas, possuir bom rendimento, econsequentemente alcançar êxito no estudo.

Contudo, para que esse processo evolua, a escola também deve apresentar uma proposta pedagógica que viabilize a participação da comunidade escolar de forma efetiva e extensiva. E, é preciso ressaltar que na execução da referida proposta, no decorrer dos dias de ação cotidiana de trabalho pedagógico, o conjunto de pessoas e organismos da escola deve observar alguns ajustes necessários diante de processo de aprimoramento, bem ainda das eventuais ocorrências inesperadas.

Para que isso se torne realidade no interior do estabelecimento do ensino é fundamental o diálogo entre a escola, os pais, e os responsáveis. Quando a escola notifica os pais, com a finalidade de que participem da vida escolar de seus filhos, acaba por instalar um mecanismo de controle que favorece o aprendizado e desenvolvimento dos alunos, fazendo com que pais e alunos se responsabilizem com a educação naquele ambiente escolar. Até porquê, conforme afirma, Carneiro: “Família desligada da escola é aluno desligado da sala de aula” (2018, p. 270).

Nesse momento discorreremos a respeito do Art. 18, da LDB, que trata das responsabilidades municipais de ensino.

Art. 18- Os sistemas municipais de ensino compreendem:
II- As instituições de Educação Infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada; (Art. 18, LDB)

A essência do artigo 18, da LDB é estabelecer a compreensão da organização dos sistemas municipais de ensino. Interessante ressaltar que: a fundamentação deste artigo é oriunda do teor do artigo 18 da CF, que já havia fixado a autonomia dos municípios dentro da organização política do Estado.

Da leitura desse artigo compreende-se que o Município é o protagonista no que diz respeito ao desenvolvimento do processo da educação infantil.

Com base nos comentários de Moaci Alves Carneiro, verifica-se que o funcionamento das instituições de ensino municipais sofrem um engessamento, ou seja, pouco avanço diante das necessidades da comunidade.

Diante disso a saída seria a descentralização de tarefas dentro da organização política administrativa da República, afim de que o município, na qualidade de base essencial do sistema nacional de ensino receba a devida consideração. A visão que se espera é prospectiva para a construção de uma base educacional com estrutura consistente visando o bem de todos os cidadãos. Sobre isso, interessante apontar o seguinte comentário:

De qualquer sorte há de se reconhecer (e, mais do que isto aplaudir!) que a ideia de sistema municipal é um grande avanço em termos de descentralização da “ordem educacional”. O município é o real polo

gerador da experiência de aprendizagem coletiva e, portanto, de uma verdadeira pedagogia política. Por isso, ele é o berço da autêntica educação comunitária. (CARNEIRO, 2018, p. 295)

É dentro desse sistema que as instituições de educação infantil, criadas e mantidas pela iniciativa privada, desempenham também, um papel importantíssimo no âmbito da educação básica.

Nesse momento falaremos a respeito do Art. 21, da LDB. Esse artigo trata sobre a composição da educação escolar. É importante ressaltar que essa composição apresenta primeiro a educação básica, ou seja, aquela que apresenta para a Educação Infantil para a criança, disponibilizando recursos necessários para que essa criança se desenvolva como ser humano, bem como capaz de interagir com o outro (socialização).

Art. 21- A educação escolar compõe-se de:
I- educação básica, formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio;

O artigo 21 da LDB organiza a composição da educação escolar, assim esclarece que o primeiro nível da educação brasileira a educação básica é formada pela educação infantil, ensino fundamental, e ensino médio.

Nesse contexto, destacamos a educação infantil como a primeira fase da educação institucionalizada. A partir daí, pode-se afirmar, sem sombras de dúvida, que a educação infantil é parte indispensável da formação das pessoas enquanto sujeitos de cidadania e em desenvolvimento. É a base para o crescimento, desenvolvimento do educando. Caso essa base não seja bem fundamentada, fortificada com implementações e qualificações necessárias, dificilmente se terá uma formação de qualidade, bem como um bom desempenho nas fases posteriores.

Nesse sentido, uma definição precisa da legislação ajuda a compreender as razões dessa importância e da necessidade de intensificar o trabalho com essa fase da educação da criança brasileira.

Art.26- Os currículos da educação infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada

estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (caput com Redação dada pela Lei 12.796, de 2013).

A educação infantil também possui um currículo, cuja base está centrada em valores fundamentais de interesses sociais, bem como na formação da identidade da criança. É uma Base Nacional Comum, acompanhada de uma parte diversificada.

Este educador mostra o significado dessa fase da educação

[...] Significa, na verdade, que a educação infantil é enquadrada pela legislação brasileira, finalmente, no conceito técnico-pedagógico de educação escolar a (LDB, art. 1º, § 1º), com todas as tipificações pertinentes. Sai, assim, do campo difuso e exclusivo do simplesmente CUIDAR e entra na moldura inclusiva do cuidar/educar. (Carneiro, 2018, p. 321)

A atividade curricular, a exemplos dos demais níveis do sistema educacional também possui um caminho, um norte. Como tal tem a criança o direito de participar de uma aula e atividades planejadas, resguardando-as da mera improvisação. Essa premissa estabelecida no artigo em comento atribui à aprendizagem um selo de autenticidade e qualidade.

Assim, concluímos este capítulo ressaltando que a Constituição Federal e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) são essenciais, pois, garante a sociedade uma educação acessível, gratuita e de qualidade.

A Educação Infantil na voz dos seus sujeitos.

Neste capítulo será apresentado o resultado da pesquisa do trabalho. E essa pesquisa é uma entrevista que buscou dados referentes ao tema investigado, para que dessa forma possamos compreender a importância das etapas da educação infantil, principalmente como a pré-escola impacta na vida de sujeitos do ensino, e o que ela proporciona aos alunos e professores. Assim, estes escritos vislumbram compartilhar partes dos acontecimentos

pedagogizados que acontecem na relação educativa entre professores e crianças em estudos institucionalizados na infância.

Por isso, este conjunto de argumentos deve observar duas partes constituintes do trabalho. A primeira para esta organizada como um conjunto de entrevista com sete crianças e pré-adolescentes – eles foram escolhidos para essa etapa por terem autonomia de falar de uma experiência que vivenciaram e também por estar nítido em suas memórias já que estudaram na E.I há pouco tempo. Portanto, são representações que as crianças possuem dos seus tempos de pré-escola e de creche. Na segunda parte, foi à vez de colher depoimentos de três pessoas que trabalham na educação infantil, sendo elas: uma coordenadora e duas professoras.

Entrevistar essas profissionais da educação também foi muito importante, pois, elas vivenciam esse tão importante espaço escolar, e conhecem melhor do que ninguém a importância, e os efeitos da educação infantil na vida da criança. Nesse quadro, para a realização dessa pesquisa, cada responsável assinou um termo de autorização para seus filhos participarem. E como forma de preservar a identidade das crianças e pré-adolescentes, serão utilizadas letras do alfabeto para descrevê-las, suas respectivas idades e qual ano escolar que cursam atualmente.

A coordenadora, e as professoras também assinaram o termo de autorização.

Contudo, a segunda professora entrevistada preferiu usar nome fictício, assim, foi feito.

Algumas compreensões sobre educação infantil por quem, recentemente, viveu a infância

O primeiro entrevistado é uma adolescente de 13 anos, que chamaremos de Angélica e hoje estuda no 8º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda.

Quadro 1: Respostas da estudante nº 1

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Pra mim, ser criança é estudar e brincar.
02. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim. Eu gostava de mais cantar, brincar, alguns professores e comer.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	As minhas melhores lembranças foram quando a professora me deu 10 no desenho, e de quando ela brincava comigo no parquinho.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	A única amiga que tenho lembrança é a Gabi, agente brincava e estudava juntas.
5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?	Foi difícil porque eu gostava da creche lá era legal, e eu tinha medo da escola não ser.

A primeira percepção que temos desse adolescente é sobre o modo como a creche está na sua cabeça. Longe da ideia de trabalhar, distante da noção de estudar, bem afastado das compreensões em torno da escola, este estudante demonstra que a instituição educativa o marcou significativamente. Uma das respostas demarca muito bem o apreço que ele tinha pela instituição educativa e como as atividades na creche o marcou, quando ele assegurou que “Eu gostava de mais cantar, brincar, alguns professores e comer”. Veja que além das especificidades do brincar e comer, ele relembra que gostava de alguns professores.

Temos defendido a ideia de que participar, brincar e aprender são necessidades e direitos da criança que devem ser garantidos na escola, com a função de oportunizar a apropriação dos elementos da cultura em qualquer momento do desenvolvimento e da formação do sujeito. (QUINTEIRO; CARVALHO, 2012, p. 198).

Interessante é a sensibilidade que eles possuem ao fazer o esforço de rememorar os estudos na creche. Talvez até mesmo possam fazer confusão com a pré-escola, outra etapa da educação, mas demarcam bem os tempos de creche porque narram, de maneira categórica, suas vivências. Das brincadeiras aos amigos eles recordam uma infância vivida no interior das instituições de ensino que lhes proporcionaram modos significativos de experimentação da vida, da produção de experiências que lhes são significativas nos dias de hoje.

O segundo entrevistado é um estudante de 11 anos, que o chamaremos por Bernardo e hoje ele se encontra estudando o 5º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda.

Quadro 2: Respostas da estudante nº 2

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Pra mim, ser criança é estudar, brincar com os meus amigos e ajudar em casa.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim. Eu gostava mais do recreio, e das sextas-feiras que tinha banho de piscina.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores ?	A melhor lembrança que eu tenho é da professora Juju, porque ela jogava bola com a gente e era muito legal.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	Meus melhores amigos era o Rafael meu primo, e o Vinicius, a gente jogava beyblade, e cartinhas.
5. Como foi pra você sair da pré escola para estudar na escola?	Pra mim, foi normal ir para a escola, porque eu já sabia escrever e pintar um pouco, eu já estava acostumado estudar.

Este segundo entrevistado tem uma percepção da realidade que mostra muito bem como é a relação escola/família e como essa articulação das duas instituições podem reforçar e melhorar o processo educativo, interligando temas

da vida das crianças. Por exemplo, quando a criança assegura que “ser criança é estudar, brincar com os meus amigos e ajudar em casa”, o adolescente tem um modo preciso de demonstrar relação direta entre o ensino e o seu fazer em casa, entre a escola e a família porque a infância está ligada a brincadeira, estudos, mas também ao cuidado com sua casa, ao cuidado com seus objetos e afazeres na família. Significativa aprendizagem que traduz bem essa articulação nos modos de ensino. Assim, de acordo com as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil,

A criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que se desenvolve nas interações, relações e práticas cotidianas a ela disponibilizadas e por ela estabelecidas com adultos e crianças de diferentes idades nos grupos e contextos culturais nos quais se insere. Nessas condições ela faz amizades, brinca com água ou terra, faz-de-conta, deseja, aprende, observa, conversa, experimenta, questiona, constrói sentimentos sobre o mundo e sua identidade pessoal e coletiva, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 06).

Ao assegurar sobre suas relações sociais, a criança tem a segurança de poder citar o nome dos seus amigos que estão na lembrança da vida na educação infantil. Assim, comparece na narrativa que “Meus melhores amigos era o Rafael meu primo, e o Vinicius, a gente jogava beyblade, e cartinhas”. Portanto, numa junção de amigos, há espaços para compartilhar amigos, realizar brincadeiras e jogos e fazer permanência de uma experiência única na vida delas. A amizade, a interação e o desenvolvimento infantil contam aqui com relações frutíferas para ampliar a qualidade da educação infantil das nossas crianças.

Mais interessante ainda é a perfeita articulação entre pré-escola e início da escolarização, ou dito de outro modo, a relação direta e estreita entre educação infantil e ensino fundamental. Percebamos que a criança tem noção perfeita da importância da pré-escola na vida dela. Senão vejamos o que ela diz sobre a sua passagem da educação infantil para o processo de escolarização: “Pra mim, foi normal ir para a escola, porque eu já sabia escrever e pintar um pouco, eu já estava acostumado estudar”.

A criança pequena pensa e reproduz fatos que a cercam, para os quais conduz sua atenção bastante curiosa. A Educação Infantil é um espaço original, onde crianças pequenas podem se desenvolver como indivíduos ativos e criadores. Sua função é promover aprendizagens significativas, através das quais se revela o mundo interior da criança. Se a instituição de Educação Infantil puder proporcionar a criança pequena um espaço com muitas atividades com o brincar, estará propiciando melhores condições para que seja apta a, em diferentes circunstâncias, aprender por si mesma, conhecendo suas capacidades e limitações (ALMEIDA, 2003, p.24).

E, com conteúdo afirma que a aprendizagem nos primeiros momentos do ambiente educativo auxiliou a desenvolver e lhe dar tranquilidade para prosseguir nos anos do ensino fundamental. Muito instigante conhecer esta importância na própria voz da criança.

Um outro entrevistado é o estudante Carlos, hoje com 12 anos e estudando no 7º ano do ensino fundamental na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda.

Quadro 3: Respostas da estudante nº 3

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Ser criança, pra mim, é divertir, brincar com os meus amigos, estudar e mais coisas.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim, eu estudei e brinquei na creche. Eu gostava mais de brincar, pintar e comer.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	Eu gostava das professoras que eram pacientes quando eu perguntava alguma coisa. E das que sempre me davam doces.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	A lembrança que eu tenho dos meus amigos é quando a gente pintava e andava junto, e se um machucava, nós nos preocupávamos.

<p>5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?</p>	<p>Quando eu fui pra escola eu estranhei no começo, por causa da quantidade de pessoas, porque na creche tinha menos alunos. E a parte boa é que eu já estava acostumado a estudar</p>
---	--

Algumas crianças apontam também questões sociais importantes para conhecermos na relação educativa na educação infantil. Exta por exemplo ao citar as questões que mais gostava de vivenciar nas primeiras inserções da educação na sua infância diz categoricamente: “Sim, eu estudei e brinquei na creche. Eu gostava mais de brincar, pintar e comer”. Vejamos bem que não se trata de questão de passar fome, ter privações. O adolescente hoje se sente confortável em dizer uma verdade dos fatos.

Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações, fazendo perguntas, etc.) e 8 construírem sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças. (BRASIL, 2010. p. 10)

A ideia de criança que está em instituição não é somente brincar ou estudar, mas também comer, se alimentar com os amigos, demonstrar capacidade de boas alimentações. Educação que faz diferença na vida das crianças porque também ela passa a acreditar nisso como um direito social.

A relação humana e princípios educativos, presentes na Constituição Federal, como vimos no Capítulo II, estão presentes na vida das crianças que estudam em creche/pré-escola. Vejamos que este cita bem a aquisição de princípios sociais e morais. Ao ser questionado sobre temas que gostava de vivenciar com seus amigos, ele afirmou: A lembrança que eu tenho dos meus amigos é quando a gente pintava e andava junto, e se um machucava, nós nos preocupávamos”. Vejamos então que a criança não cita nomes de amigos, mas

assegura o exercício concreto do princípio de solidariedade humana, da tolerância, do respeito com os demais colegas, companheirismo e cooperação; isto porque fica preciso que a cada tombo, um levantar suave com as mãos dos companheiros. Aprendizagem que, com certeza, essa criança levará para toda a vida.

Um outro estudante trata-se de Danival Pereira, estudante do 5º ano do ensino fundamental e que hoje se encontra com 10 anos de idade estudando na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda.

Quadro 4: Respostas da estudante nº 4

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Ser criança, pra mim é jogar bola com os amigos, se divertir, estudar, comer.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim. Eu gostava de brincar com massinha de modelar, brincar no parquinho, comer, de ter amigos, pintar e desenhar.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	Eu gosto da lembrança que a professora brincava com a gente no parquinho, contava histórias, desenhava e balançava no escorregador com a gente.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	O meu melhor amigo foi o Renan, eu brincava com ele, e até hoje eu brinco com ele, ele vem na minha casa, e a gente ainda estuda junto na escola, nós brincamos de esconde-esconde, e joga bola.
5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?	Quando eu fui pra escola, eu não chorava mais, não sentia falta da minha mãe, porque já fazia parte da minha rotina.

O papel do professor fica marcado na vida de seus alunos, isso pode ser de uma maneira boa ou ruim, mas sempre marcante, o professor que incentiva,

ensina e tem afetividade consegue fazer com que seus alunos aprendam de maneira prazerosa.

O professor é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e proporcionando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimentos humano. (BRASIL, 1998, p.30):

Nota-se que no momento em que o estudante diz “Eu gosto da lembrança que a professora brincava com a gente no parquinho, contava histórias, desenhava e balançava no escorregador com a gente”, ele busca em suas memórias a presença da PROFESSORA, ou seja a mediação daquela professora foi de suma importância na vida desse estudante.

Outra criança entrevistada foi o Eduardo, que hoje se encontra com 9 anos de idade, portanto, com as lembranças bem precisas ainda dos seus dias na creche. Hoje ele estuda o 4º ano do Ensino Fundamental, também na Escola Estadual Desembargador Gabriel Pinto de Arruda.

Quadro 4: Respostas da estudante nº 5

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Bom, ser criança, para mim, é muito legal, pois, nessa fase da minha vida eu tenho muitos amigos, brinco bastante e estudo para valer.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim. Eu gostava muito das festinhas, pois, eu me divertia bastante e comia bolo. Gostava também da hora do parquinho, porque eu brincava com os meus colegas e com a minha professora.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	Na creche as minhas professoras me ajudaram muito nas atividades, e eu gostava muito porque enquanto elas nos ensinavam também tinham

	brincadeiras ou musiquinhas.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	As minhas lembranças dos meus amigos são ótimas, eu tinha um colega na creche que era muito legal e amoroso, ele era especial e muito amado pelos professores e colegas.
5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?	Quando eu saí da creche foi muito legal, porque eu me senti uma mocinha, mas ao mesmo tempo chato, pois eu já sabia escrever com letra cursiva e os meus colegas não. Diante disso, a professora tinha que dividir o quadro, um lado com letra cursiva e outro com letra bastão.

A vida de estudante efetivamente é marcada quando participa da educação infantil. Esta adolescente tem uma visão interessante da vida. Primeiro porque ela acredita que ser criança está diretamente ligada a ideia de “fase da minha vida eu tenho muitos amigos, brinco bastante e estudo para valer”. Assim, relacionando amizades, estudos, brincadeiras que elas lembram a vida na educação infantil. Isso marca tanto que eles não conseguem esquecer momentos tão agradáveis na vida delas. Mais importante ainda é fazer a relação direta entre diversas situações que se articulam para formar uma etapa da vida dela.

A brincadeira infantil constitui uma situação social onde ao mesmo tempo em que há representações e explorações de outras situações sociais, há formas de relacionamento interpessoal das crianças ou eventualmente entre elas e um adulto na situação, formas estas que também se sujeitam a modelos, a regulações, e onde também está presente a afetividade: desejos, satisfações, frustrações, alegria, dor. (OLIVEIRA, 1988, p.110)

Isso fica bem compreensível quando a criança responde sobre o que mais gostava nos seus momentos de vivência na educação infantil, na creche

“Eu gostava muito das festinhas, pois, eu me divertia bastante e comia bolo. Gostava também da hora do parquinho, porque eu brincava com os meus colegas e com a minha professora”. Há sentido em toda a fala da criança na percepção da realidade vivida, os temas ganham vida na personagem da professora que era quem construía um mundo encantado para que ela pudesse desfrutar. Assim, a vida na infância passa a ser agradável para o desenvolvimento intelectual, pessoal e humano das nossas crianças.

Trabalhamos também com a criança Fernando, hoje com 12 anos de idade e está no 7º Ano do Ensino Fundamental.

Quadro 6: Respostas da estudante nº 6

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Pra mim, ser criança, é ter acesso a educação, segurança, e uma família pra amar e apoiar.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim, eu estudei e brinquei. O que eu mais gostava era de brincar com os meus amigos.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	De quando as professoras contavam história e passavam desenhos.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	De quando brincávamos no parquinho.
5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?	No início achei que seria igual a creche, mas no decorrer do tempo fomos aprendendo coisas novas, como: ler e escrever.

Destacamos aqui a fala da melhor lembrança que esse estudante tem do professor: “de quando as professoras contavam história e passavam desenhos”.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 2005, p.16)

Entretanto, a criança não sabendo ler de início, ela aprende a ler oralmente, sendo um ouvinte, é escutando que a criança absorve, suscitando o imaginário, criando seus personagens, heróis ou vilões.

Por fim, dentre as crianças, trabalhamos com o adolescente Gustavo que hoje se encontra com 11 anos de idade e estuda no 6º Ano do Ensino Fundamental.

Quadro 7: Respostas da estudante nº 7

Pergunta realizada	Resposta do estudante
1. Pra você, o que é ser criança?	Pra mim, ser criança, é muito bom, pois, eu tenho acesso a educação, amigos, uma família e muita diversão.
2. Você estudou e brincou na creche/pré-escola? Do que você mais gostava?	Sim. Eu gostava de brincar com meus amigos, pintar e desenhar.
3. Qual a melhor lembrança que você tem dos professores?	Pra mim, a melhor lembrança que eu tenho dos professores era o dia que eles passavam filme e desenho.
4. Qual a melhor lembrança dos seus colegas?	A minha melhor lembrança dos meus colegas é quando a gente sentava para conversar, lanchar e brincar.
5. Como foi pra você sair da pré-escola para estudar na escola?	Pra mim, foi tudo muito novo, pois, na creche a gente brincava bastante e desenhava, mas na escola a gente tem que escrever e ler.

A ludicidade tem um significado muito grande para o ensino/aprendizagem das crianças, utilizar o lúdico na hora de ensinar pode fazer muita diferença na hora da criança aprender.

O educador infantil que realiza seu trabalho pedagógico na perspectiva lúdica observa as crianças brincando e faz disso uma ocasião para reelaborar suas hipóteses e definir novas propostas de trabalho. Não se sente culpado por esse tempo que passa observando e refletindo sobre o que está acontecendo em sua sala de aula. (MOYLES, 2002, p. 123).

Notamos que o que todos citaram que mais gostavam era o ato de brincar, pois nesse momento eles conseguiam interagir com os outros colegas e com o professor, inventava, imaginava, desenhava e tudo isso ficou marcado nas lembranças desses estudantes. Eles conseguem associar as brincadeiras como momentos que eles viveram na etapa da educação infantil e não relacionam esse momento para o ensino fundamental.

Nesta segunda etapa da pesquisa será apresentada a entrevista da coordenadora e das professoras.

A educação infantil nas vozes de quem constrói no dia a dia as experiências da infância contemporânea e conecta com outras gerações.

No levantamento de dados referentes aos profissionais da educação, trabalhamos com alguns professores que se dispuseram a uma longa entrevista que aproveitamos partes delas neste trabalho, em função da falta de tempo para uma análise pormenorizada. Na oportunidade trabalhamos com a Coordenadora Pedagógica de uma instituição educativa da infância do município de Cáceres, a renomada e conhecida contadora de história para crianças, a Professora Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva.

Essa profissional da educação se formou na Universidade do Estado de Mato Grosso, realizou dois cursos e assim, ela é graduada em Letras e em Pedagogia. Pelos seus relatos ficamos conhecendo que a professora começou

a trabalhar na educação infantil ainda em Pernambuco, quando ela concluiu o magistério em 1982. E, portanto, há mais de 30 anos a Professora Izabel dedica partes da sua vida para trabalhar na educação da infância brasileira, em especial, educação da criança cacerense. Ao trabalhar em instituição pública está professora se permite priorizar o trabalho com crianças de 05 anos. Isto porque essa faixa etária estimula a professora a desenvolver toda a potencialidade dela no trabalho, no cuidado, nas atitudes lúdicas com brincadeiras que auxiliam a sociabilidade, melhoria da coordenação motora e no desenvolvimento sócio cognitivo das crianças.

A segunda professora destas entrevistas é uma profissional que está em processo de qualificação na Unemat fazendo o mestrado. A Professora Suele Aparecida Leite de Souza, cursou Licenciatura Plena em Pedagogia na Unemat e concluiu em 2014. Ela desenvolve atividades na educação infantil há apenas 03 anos. Trabalhando em instituição educativa pública em Cáceres, a professora tem preferência por trabalhar na pré-escola, cuidando da educação infantil na fase inicial de transição da saída da creche.

Outra professora que foi entrevista trata-se de uma profissional que chamamos de Maria (nome fictício) para evitar exposição da própria professora que assim desejou que fosse. A professora Maria concluiu seus estudos de graduação em Pedagogia na Unemat, no ano de 2012 e há onze anos trabalha com a educação infantil. Ela tem uma opção preferencial pela creche, principalmente em trabalhos com crianças de 03 anos, no desenvolvimento dos últimos processos para ascensão a pré-escola. Portanto, momentos decisivos da transformação da vida escolar da criança é essa idade por inserir a infância no contexto mais específico de aprendizagem e desenvolvimento psicomotor, A professora Maria também faz questão de trabalhar em instituição pública de ensino.

Para intensificar o trabalho e buscar uma relação mais intensa entre os conhecimentos produzidos pelas professoras entrevistadas resolvemos tematizar as respostas para que possamos fazer uma única análise em função da falta de tempo suficiente para fazer todas as análises que desejamos. Assim, na primeira pergunta dirigida aos professores queríamos saber a

respeito das suas considerações sobre a educação da infância e a importância dessa etapa educativa na vida das nossas crianças.

Quadro 8: Respostas das professoras pergunta nº 1

	<p>Pergunta realizada</p> <p>5. Qual é o significado e importância da existência da Educação Infantil?</p>
Professor	Respostas dos profissionais da educação
<p>a entrevistada</p> <p>professor</p> <p>a Izabela Cristina de Souza saturnino dasilva.</p>	<p>Primeira etapa da educação básica, e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos, em seus aspectos físicos, psicológicos e sociais. Sua existência é essencial primordial para o aprendizado, porque a criança se socializa, se desenvolve, e melhora o seu desempenho escolar no futuro, visto que ela sai da educação infantil aos cinco anos, e vai para o processo de educação básica. [...] A criança que brinca, participa e interage se dá muito bem</p>
<p>Professora:</p> <p>Suele Aparecida Leite de Souza.</p>	<p>Na minha opinião, de acordo com a base teórica que eu construí na minha formação e venho construindo na minha profissão, eu compreendo que a educação infantil é a base da educação básica, porque como nós sabemos a educação infantil é a primeira etapa, onde a criança vai interagir com as outras crianças, vai ser o primeiro contato da criança com outros grupos, onde ela vai aprender a questão das regras, vai aprender a compartilhar, vai se desenvolvendo de uma maneira bem natural nesse processo de interação que a educação infantil proporciona, porque como sabemos os documentos orientam que a educação infantil tem as suas finalidades que atuam diretamente nessa questão do desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico e intelectual,</p>

Professora Maria (Nome fictício)	A Educação Infantil é muito significativa e importante, nós sabemos que ela começou com a luta das mães que trabalhavam nas fábricas, e precisavam de um lugar para deixar seus filhos, ou seja, ela começa apenas como assistencialista, e vai se configurando historicamente como não só algo assistencialista, mas também como algo educativo, essa Educação infantil que cuida e educa ao mesmo tempo. Então, ela é de extrema importância para a criança, porque sabemos que através de interações sociais a criança aprende tanto com seus pais, colegas e como com os professores e adultos supervisionando e mediando, dessa forma, a educação infantil é muito importante para o desenvolvimento infantil.
----------------------------------	---

Esta primeira questão destinada ao diálogo com as professoras pretendeu trazer a compreensão teórica de vivenciar a educação infantil. Por isso, as respostas pelos professores denotam toda uma capacidade de pensar/fazer esta etapa da educação de maneira singular. Os profissionais do ensino conseguem demonstrar de maneira qualitativa seus conhecimentos.

A professora Izabel fala da educação infantil assegurando que “Sua existência é essencial e primordial para o aprendizado, porque a criança se socializa, se desenvolve, e melhora o seu desempenho escolar no futuro”, demonstrando de maneira enfática, o quanto os estudos e a participação nesta etapa educativa contribui com o futuro da criança.

Já a professora Suelle registra uma contribuição assegurando que: “[...] a educação infantil tem as suas finalidades que atuam diretamente nessa questão do desenvolvimento cognitivo, psicológico, físico e intelectual”, com esse pensamento, a profissional circula e demarca a área de abrangência das ações educativas na educação infantil, ampliando sua importância para qualificar essa etapa da educação básica.

Já a professora Maria, a respeito da educação infantil registra o seguinte: “[...] Então, ela é de extrema importância para a criança, porque

sabemos que através de interações sociais a criança aprende tanto com seus pais, colegas e como com os professores e adultos supervisionando e mediando”, Nesses aspectos a professora acredita em trabalho institucionalizado, com responsabilidades compartilhadas e realizada por profissionais que se entrecruzam no desenvolvimento dos trabalhos para ampliação do potencial educativo das crianças.

Tem um papel particularmente importante durante os primeiros anos de vida, ao longo dos quais se assiste a um desenvolvimento intensivo das diversas faculdades intelectuais, artísticas e práticas, quanto as qualidades morais da pessoa se formam e quando o caráter começa a se manifestar (MAKARENKO,1976).

Essas considerações sobre a educação infantil nos levam a pensar a respeito da importância da educação infantil não somente como geração de emprego para professores ou transferência de responsabilidades da família para a escola. Nada disso. A educação infantil é importante enquanto política pública de acesso a educação para ampliação das condições de aprendizagem e avanços no desenvolvimento intelectual, motor, psíquico e social das crianças. Esta é a realidade, os que desconhecem essa importância não conseguem compreender cada ato, cada atividade, cada desenho, cada enrolada de papel, cada feitura de bolinhas de papel, cada processo de jogos e brincadeiras. Até porque a educação infantil é uma ferramenta importante na vida futura da criança, além de fazer um presente extremamente importante às crianças conforme seus relatos acima.

Na segunda pergunta tentamos conhecer um pouco sobre os modos como as crianças são inseridas no mundo da escrita, da leitura, da capacidade de uso dos órgãos dos sentidos, na busca pela inserção da infância no mundo social e cultural de uma sociedade. As respostas tiveram as seguintes definições.

Quadro 9: Respostas das professoras pergunta nº 2

	<p>Pergunta realizada</p> <p>6. Como você prepara os seus alunos para desbravarem</p>
--	---

	omundo?
Professora entrevistada	Respostas dos profissionais da educação
professora Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva.	Através de experiências lúdicas, interativas, algumas brincadeiras, através das cantigas, do pintar, desenhar, ouvir, contar, e recontar histórias, entre outros que são etapas importantes para a construção da personalidade e da moral de cada indivíduo. Além disso, para a criança ter essas experiências é muito importante porque ela vai se afirmar enquanto cidadão. Ela aprende a respeitar o próximo. Quando colocamos as crianças em filas, algumas pessoas, fala: “Ah, trabalhar fila”, mas é importante porque ela precisa aprender, e a fila vai fazer com que ela tenha respeito, e aprenda a esperar a sua vez, porque tem criança que
	sempre quer ser a primeira, e na sala de aula existem varias crianças, e não apenas só uma, e ela tem que entender que ali tem outros coleguinhas, e que ela precisa participar e interagir. E a brincadeira faz parte de tudo isso, essa experiência do brincar é tudo na vida da criança. A criança que foi trabalhada com o lúdico vai ser muito mais feliz, eu tenho certeza.

<p>Professora: Suele Aparecida Leite de Souza.</p>	<p>Eu preparo os meus alunos para desbravarem o mundo através das propostas de trabalho, objetivos das aulas que proponho, nas atividades, nas brincadeiras, para os alunos romperem os desafios, aprenderem as regras, e tudo isso é importante na aquisição da autonomia da criança, para aprender a falar, expressar, e sempre nas contações de histórias eu coloco as crianças para participarem das aulas, e através disso a criança vai perdendo a timidez , aprende a se relacionar, e começa a falar o seu entendimento. E durante as brincadeiras alguns alunos falam assim: “ah, professora, eu não sei” ou “ eu não quero participar”, e isso ajuda eles criarem um laço de confiança, ajudando também os alunos mais tímidos a se expressarem, e através dessas experiências lúdicas, eu sempre os incentivo, e falo que eles são capazes. E eu acredito que nós professores quando oferecemos essas oportunidades às crianças, ela vão sim poder desbravar o mundo de uma maneira coerente, de tal maneira que eles compreendam o que estão fazendo, observando o que está a sua volta, e é importante sempre apresentar o contexto que eles estão vivendo seja familiar ou escolar, e o professor proporciona do começo ao fim da aula esses conhecimentos para as crianças, e é dessa forma que eu trabalho.</p>
<p>Professora Maria (Nome fictício)</p>	<p>7. Como você prepara os seus alunos para desbravarem o mundo?</p> <p>Eu acredito que para o aluno desbravar o mundo, não há nada programado, ou seja, previamente programado, são as situações cotidianas que vão acontecendo e através da mediação do professor, onde ele vai ensinando e instruindo essa criança a enfrentar os desafios que a vida oferece. E desde o momento em que essa criança se separa da mãe e</p>

	fica num ambiente escolar, para ele já é romper um limite, romper algo que lhe trazia conforto, então, o professor pode estar mediando para essa criança entender que as coisas que acontecem são passageiras. E de acordo com as situações cotidianas, na rotina da criança através de um ambiente educativo, é possível instruir ela a desbravar o mundo.
--	---

Essa segunda pergunta foi instigante porque depende das ações pessoais, dos modos de desempenho de atividades a partir dos referenciais de pensamento que constitui o trabalho. Nesse aspecto, a professora Izabel afirmou que “Através de experiências lúdicas, interativas, algumas brincadeiras, através das cantigas, do pintar, desenhar, ouvir, contar, e recontar histórias, entre outros que são etapas importantes para a construção da personalidade e da moral de cada indivíduo”. Assim, a professora intensifica sua primeira manifestação ao enumerar um conjunto de ações que realiza visando o desenvolvimento integral da criança. É isso que faz um profissional quando pensa/realiza o trabalho que lhe traz significado humano e profissional.

Ser professor da educação infantil, como profissional da relação, é entender que toda criança tem um corpo e uma história que se relaciona com a movimentação do seu corpo e com sua história pessoal. Que o desenvolvimento infantil ocorre na complexa dinâmica de uma cultura na qual a professora e a criança estão inseridas. Portanto, ser uma profissional da relação na educação infantil é estar atenta e respeitar as individualidades, as diferenças e condições que cada criança apresenta para a interação com outros. (GARANHANI, 2004, p. 94)

Por sua vez, a professora Suelle corrobora a outra professora ao afirmar os modos como realiza seus procedimentos. Nessa direção a professora registrou que “Eu preparo os meus alunos para desbravarem o mundo através das propostas de trabalho, objetivos das aulas que proponho, nas atividades, nas brincadeiras, para os alunos romperem os desafios[...] e continua a professora, acrescentando que faz tudo isso para [...] aprenderem as regras, e tudo isso é importante na aquisição da autonomia da criança, para aprender a

falar, expressar, e sempre nas contações de histórias[...]” e finaliza, entendendo que: “[...] eu coloco as crianças para participarem das aulas, e através disso a criança vai perdendo a timidez , aprende a se relacionar, e começa a falar o seu entendimento”. Com isso, a professora argumenta suas ações, mostrando que tem entendimento e planejamento da importância das atividades que desempenha com as crianças sob sua responsabilidade.

No terceiro questionamento com as professoras, queríamos saber a respeito das contribuições da educação infantil para toda a vida da criança, como isso pode acontecer, o que, efetivamente, a criança leva para a vida toda como uma aprendizagem inesquecível e importante para a vida em sociedade.

Quadro 10: Respostas das professoras pergunta nº 3

	Pergunta realizada 7. Quais as contribuições que a Educação Infantil oferece para a vida da criança?
Professora entrevistada	Respostas dos profissionais da educação
professora Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva.	A educação infantil oferece contato com outras crianças e adultos, que é a interação, novas descobertas a partir de situações problemas, estimula o desenvolvimento integral da criança, além dos aspectos cognitivos e emocionais. [...] A educação infantil é tudo, e a criança tem que passar por esse processo sim, porque em casa a criança vai se desenvolver com a família é lógico, mas ela vai aprender apenas os conceitos básicos, e já quando ela interage com o mundo lá fora ela aprende muito mais coisas, e sem contar que ela também pode trazer os conhecimentos de casa para a escola e vice-versa, ou seja, é uma troca. Então a criança de preferencia deve estar na educação infantil em uma escola, não sou contra quem quer ensinar em casa, mas na escola não tem comparação, a interação com a professora, com as

	outras crianças, ela aprende tudo. A educação infantil para a criança é mil, nota dez.
Professora: Suele Aparecida Leite de Souza.	A educação infantil, pra mim, é importante pela questão do desenvolvimento da autonomia da criança nessa fase da educação. Porque a educação infantil proporciona diversas experiências para as crianças, então, através dessas experiências elas vão adquirindo o conhecimento, cuidados com o corpo, a questão dos desafios que elas vão rompendo através das atividades lúdicas e adquirindo essa autonomia de fazer alguma coisa sozinha, por exemplo: a higiene corporal, enfim, vários aspectos a educação infantil aborda na vida da criança. Mas, sempre considerando a faixa etária de cada criança, respeitando assim o desenvolvimento intelectual de cada uma.
Professora Maria (Nome fictício)	A Educação infantil contribui pelo fato de oferecer esse ambiente de interação social que a criança tanto precisa para a sua aprendizagem. E como agora nós estamos vivendo esse tempo de pandemia, em que a criança está nesse processo educativo, mas dentro de casa, longe das outras crianças, sem estar naquela interação social, e isso provavelmente vai demonstrar que houve um regresso, e não tanto progresso na aprendizagem.

Um planejamento bem elaborado do ambiente físico é importante, a organização da sala de aula tem influência sobre os usuários, determinando em parte o modo como professores e alunos sentem, pensam, e se comportam.

“As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores a interações e a brincadeira e garantir experiências que promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança...” (DCNEI, 2010. p. 25).

O espaço da educação infantil deve ser considerado como um campo de vivências e exploração, proporcionando as crianças experiências, expressões e ações que vão possibilitar a ampliação de sensações e percepções do mundo que a rodeia.

Na questão seguinte tivemos a pretensão de questionar a respeito da responsabilidade maior de um profissional da educação infantil no tocante ao trabalho com crianças e a necessidade de estipular condições qualitativas de trabalho. Assim, o planejamento das atividades foi o foco deste questionamento.

Quadro 11: Respostas das professoras pergunta nº 4

	Pergunta realizada 8. Para que serve o planejamento e como você planeja as suas aulas?
Professora entrevistada	Respostas dos profissionais da educação
professora Izabel Cristina de Souza saturnino dasilva.	O planejamento, pra mim, serve para direcionar o professor em suas atividades na sala de aula, além de encontrar soluções de dificuldades que a própria aula tem. O planejamento não pode ser algo fechado, ou seja, aquele planejamento que diz: “Eu vou fazer isso, e vai dar certo”, porque muitas vezes no caminho não dá certo e você pode ficar perdido. Você pode reestruturar o planejamento com as ideias e assim chegar no objetivo. O planejamento também pode buscar avanços no desenvolvimento cognitivo da criança, e é esse o objetivo que a gente tem na escola:

	desenvolver a criança. Então,[...] Chegar na escola, principalmente na educação infantil sem plano, você vai se perder, não adianta improvisar desenhos, ou filmes, porque a criança logo enjoa, e sem contar que a criança passará quatro horas do seu dia na escola angustiada, então, pra evitar isso, eu aconselho que o professor faça seu plano de aula, e conforme a turma, não pode ser algo mirabolante, porque se não a turma não vai conseguir, o plano de aula tem que ser de acordo com a idade da criança, sempre lembrando que a criança tem o tempo dela.
Professora: Suele Aparecida Leite de Souza.	O planejamento é de fundamental importância na vida profissional de cada professor, não tem como o professor ir para a aula sem planejar, sem prever, porque no planejamento nós colocamos os objetivos, o tema que iremos trabalhar, o que queremos alcançar nessa aula, entre outras coisas. [...] Dessa forma, o planejamento é fundamental, e eu compreendo que ele serve como um guia profissional, uma forma de organização para as aulas, assim, é inadmissível o professor ir para a sala de aula sem plano, e eu planejo as minhas aulas. [...]
Professora Maria (Nome fictício)	O planejamento serve para nortear as ações e intervenções a serem desenvolvidas em sala de aula. O meu planejamento é mensal, e eu sempre trabalho com projetos e interdisciplinaridade.

O planejamento é um dispositivo que subsidia a prática pedagógica do professor e que proporciona uma organização metodológica do conteúdo a ser desenvolvido em sala de aula.

O planejamento escolar é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face dos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. Planejar é um meio

para se programar as ações docentes, mas é também um momento de pesquisa e reflexão intimamente ligado à avaliação. (LIBÂNEO, p.221,1994).

Um planejamento bem é essencial, pois essa organização tem influência sobre as crianças, determinando em parte o modo como professores e crianças sentem, pensam, e se comportam. Um diagnóstico de observação é necessário para a elaboração de um planejamento que atenda as necessidades da educação infantil.

Para intensificar nossa aprendizagem tivemos a necessidade de conhecer um pouco da interação entre família e instituição educativa para compreendermos como lidar com as questões do desenvolvimento das crianças, efetivamente, no cotidiano da vida da família e o aprendizado nas escolas. Assim, tivemos as seguintes considerações.

Quadro 12: Respostas das professoras pergunta nº 5

	<p>Pergunta realizada</p> <p>10. Há uma interação entre a escola e a família? Como você percebe o comprometimento dos pais na educação de seusfilhos?</p>
<p>Professora entrevistada</p>	<p>Respostas dos profissionais da educação</p>

<p>professora Izabel Cristina de Souza Saturnino da Ssilva.</p>	<p>Sim. As famílias interagem bastante no processo de ensino das crianças, os pais questionam bastante com muitos “porquês”: “Hoje vai ter merenda? Porque meu filho não fez a atividade da apostila?. E além dos questionamentos, eles participam, por exemplo, quando nós fazemos alguma festa, e nessa festa tem algum traje específico porque vai ter apresentação e são temas, eles (pais) participam mandando as costureiras fazer, gritam, tiram fotos, filmam e compram o que tiver nas barraquinhas para ajudar a escola (porque infelizmente temos que fazer algumas festas, já que o dinheiro não dá pra tudo, ai depois revertemos o dinheiro arrecadado em materiais para as crianças). E eles (pais) tem o compromisso mais importante que eu acho, eu acho lindo, principalmente os pais, os homens, que estão participando muito, eles vão levar seus filhos na escola, sentam no pátio esperando a professora chegar, entregam seus filhos, e depois vão buscar na hora certa. As mães também participam, mas os pais chamam mais a atenção, já que antes isso era mais função materna, eles sempre perguntam: “Professora, está precisando de alguma coisa? O que eu posso fazer para ajudar?, pelo menos na escola que eu trabalho os pais tem participado muito, vão nas reuniões, participam das noites culturais, se interessam em conversar sobre o desenvolvimento das crianças, avisam quando os filhos vão faltar aula. E para mim, uma escola onde acontece isso já evoluiu muito, então a participação está ótima.</p>
<p>Professora: Suele Aparecida Leite de Souza.</p>	<p>porque tem a questão do cuidado, já que a criança nunca tinha ido para a escola, por isso, eu percebo que nessa fase a participação da família com a escola é maior, assim, a escola sempre propõe situações para que haja essa interação, como eventos, onde buscamos essa participação. Nas datas</p>

	<p>comemorativas sempre há comemoração na escola, exemplo: dia da família. E no dia a dia também há essa comunicação, quando os pais vão à porta da sala de aula conversar com o professor, perguntar sobre seus filhos. E agora com o ensino remoto, há uma participação ainda maior, pois os pais assumiram a responsabilidade de continuar a educação em casa, o professor (eu) manda as atividades, procura interagir nos grupos de redes sociais (whatsApp), mas, ainda assim a responsabilidade maior fica com os pais, que estão presencialmente com seus filhos. Dessa forma, nesse momento de pandemia eu percebo uma participação maior das famílias, contudo na educação infantil o comprometimento é sempre maior.</p>
<p>Professora Maria (Nome fictício)</p>	<p>Existe sim uma interação, mas infelizmente não são com todos os pais, e isso depende da clientela da escola, têm certas escolas onde os pais são mais participativos e outras devido o ritmo dos pais, como foram criados, quais profissões ocupam, se é um serviço braçal que às vezes requer muito. Por isso, é de acordo com a clientela da escola, mas sempre existem aqueles se comprometem e participam mais, e também tem aqueles que são mais ausentes devido a correria do dia a dia mesmo.</p>

A participação da família leva aos pais e familiares a conhecer o projeto político pedagógico da escola e assim compreenderem as necessidades escolares de seus filhos.

“Além disso, a escola deve contemplar a participação da família em conselhos administrativos possibilitando aos pais interferir diretamente no funcionamento da escola, apresentando sugestões e tomando decisões quanto ao planejamento de atividades e a realização de políticas escolares.”(MELO, p.10, s/d)

Para valorizar um pouquinho o trabalho dessas profissionais acreditamos que existam momentos marcantes e significativos na vida das professoras. Com isso, queríamos deixá-las livres para contar seus sucessos ou decepções. E, as histórias são magníficas.

Quadro 13: Respostas das professoras pergunta nº 6

	Pergunta realizada 11. Conte-nos uma experiência que demonstra a importância dessa fase educacional da vida da criança.
Professora entrevistada	Respostas dos profissionais da educação
professora	No ano Letivo de 2019 quando ainda estava em sala de aula,
Izabel Cristina de Souza saturnino da silva.	trabalhei um projeto com o tema sobre alimentação saudável com objetivo de incentivar as crianças a se alimentarem melhor e propagar esse gosto alimentar em suas famílias. Para tanto, fiz uma pesquisa com as famílias sobre os alimentos que as crianças mais gostavam de comer. Descobri que a maioria delas além do feijão, arroz, carne não comiam muitas verduras nem frutas. As frutas que foram mais citadas foram a manga, banana e a laranja. Além disso, percebi que muitas crianças estavam com os dentes cariados, aproveitei e acrescentei a higienização bucal.

<p>Professora: Suele Aparecida Leite de Souza.</p>	<p>[.] No início do ano letivo, eu percebi que essa criança era bem tímida, não participava, e todos os dias chegava chorando na sala. Então, eu comecei a trazer aquela aluna para o cotidiano das atividades, para participar, sempre conversando e estimulando ela a falar, colocando os coleguinhas para brincar com ela, levando a para participar das brincadeiras, e chamando a pelo nome. E bem antes de iniciar essa pandemia, eu conversei com os pais delas, porque ela não estava mais chorando pra ficar na sala de aula, ela estava interagindo mais, e eu perguntei para os pais, como ela estava em casa, e eles me responderam: “Professora, com menos de trinta dias que ela está na escola, porque ela nunca tinha estudado antes, esse é o primeiro ano na educação infantil, e ela já está brincando, interagindo. Fomos num churrasquinho de uns amigos, e lá nem precisou falar pra ela brincar com as crianças, ela foi sozinha, e está falando melhor, já pronuncia bem as palavras.” Então, pra mim, essa experiência demonstra bem a interação da criança, e a importância dessa fase da educação infantil na vida da criança, porque proporciona tudo isso.</p>
<p>Professora Maria (Nome fictício)</p>	<p>São inúmeras experiências, e uma que sempre me lembro com carinho é, de uma mãe, onde seu filho antes de conviver num ambiente escolar, era muito voltado para si mesmo, por exemplo, ele não sabia partilhar os brinquedos, e quando ele começou ir para o ambiente da escola, que tem um professor mediando, fazendo as interações, ensinando a dividir o brinquedo, ensinando a guardar o brinquedo após o uso. Esse aluno aprendeu tudo isso, e a mãe ficou maravilhada, essa é uma das experiências que eu me lembro agora e que demonstra bem essa importância.</p>

As professoras se sentem bem nos momentos em que no espaço de escolarização em que as crianças se encontram, elas conseguem extrair momentos de aprendizagem escolar e social.

[...] a escola e os educadores devem saber como extrair dos ambientes físicos e sociais tudo o que pode contribuir para fortalecer experiências valiosas. Cabe à educação reconhecer no ambiente que experiências podem ser favoráveis e como eventualmente nelas se operam as forças internas e externas. (PINAZZA, 2007, p. 77)

De acordo com os relatos das professoras podemos perceber que o que mais marcou foi o fato de acontecer algo bom para as crianças e dessa forma ela se sentiu satisfeita, aqui nota-se que para saber ensinar tem que saber ter empatia. Um simples gesto carinhoso das mães para com as professoras, as fizeram se sentir importantes desempenhando o papel de ser professor e fazer alguma diferença na vida daquela criança.

Outras considerações sobre os resultados das entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em duas etapas, a primeira com crianças pré-adolescentes, a fim de coletar dados que respondesse o que mais lhes chamava a atenção; a tentativa foi de encontrar explicações para conhecer os modos como representam as suas lembranças e transição dessa fase tão importante que é a educação infantil para a dos anos iniciais do ensino fundamental. As crianças pré-adolescentes foram escolhidos para participarem dessa pesquisa, pelo fato de terem estudado nessa fase educacional e também por se lembrarem melhor, já que recentemente estavam nessa etapa da educação.

Por outro lado, tivemos também longas entrevistas, que recortamos para apresentar aqui, com professoras extremamente qualificadas no campo da educação infantil. Essas profissionais da educação foram escolhidas pelo fato de terem autonomia, vivência, experiência larga e compromisso com o conhecimento das crianças para falar desse direito primordial que é a

educação. E, como elas vivenciam esse tão nobre espaço escolar, elas podem descrever melhor do que qualquer pessoa. Essas entrevistas aconteceram entre os dias 16 de setembro a 01 de outubro. Ao nosso entendimento, para qualquer educador e qualquer estudante de Pedagogia, de maneira singular, é uma conversa que educa, que ensina, em que aprendemos muito com as experiências dessas profissionais. Daí a importância de trazer para este diálogo tão frutíferas compreensões da educação infantil.

Após parar e pensar um pouco a respeito do trabalho que fizemos, realizadas as entrevistas é possível apresentar algumas considerações sobre o tema, de maneira geral, para que possamos dialogar sobre o assunto de uma maneira interessante para todos nós como estudantes de Pedagogia.

Primeiramente é preciso tomar cuidado com o tema em questão devido a importância desse assunto para todos nós, principalmente diante da sensibilidade aguda de pessoas que lidam com a educação infantil e os que pensam não ser relevante. Assim, nossa consideração inicial é de que a educação infantil é de extrema importância, através dela as crianças na fase infanto juvenil produzem relações humanas que marcam a vida de cada uma, potencializam desenvolvimento corporal e intelectual, ampliando sua capacidade cognitiva e multiplicando potencialidades da capacidade de raciocinar sobre os acontecimentos e também esses considerados “alunos” constroem relacionamentos, por vezes duradouros, de verdadeiras amizades e autenticidades de sentimentos humanos.

Nesta pesquisa foi possível observar que a educação infantil na vida das crianças é uma importantíssima etapa da formação, pois, é nesse momento que ela começa a experimentar e conhecer o mundo longe do núcleo familiar. É nessa busca de conhecer esse mundo que potencializam todas as capacidades. Afinal, nessa etapa é possível fazer novos amigos, conviver com crianças diferentes dela e, fazer descobertas que não seriam possíveis caso ela vivesse fechada no ambiente familiar. Exemplificando, o estudante Carlos quando questionado sobre algo que marcou a vida dele na educação infantil, respondeu que: “A lembrança que eu tenho dos meus amigos é quando a gente pintava e andava junto, e se um machucava, nós nos preocupávamos”. Isso

demonstra que a educação infantil promove a criação de princípios basilares, como o da ética, bem como agrega valores de cuidados com o outro, inclusive formando laços afetivos entre as crianças.

Mas, não é apenas isso. A educação infantil é muito mais importante ainda diante da realidade das nossas crianças porque impacta na vida social e afetiva dela, no desenvolvimento das suas potencialidades de pensamento, esta etapa da educação básica contribui significativamente na melhoria das condições de vida da criança.

No que diz respeito a construção do alicerce da personalidade e do conhecimento. Nessa fase as crianças recebem estímulos que marcaram os primeiros anos de vida, como aqueles essenciais para uma vida harmoniosa e feliz. Diante disso, fica evidente, que a educação infantil é um processo educativo, que possibilitará o contato com o outro e conseqüentemente o conhecimento do outro, aprender com o outro abre uma porta para a socialização com o próximo e com a sociedade. Para exemplificar, fazemos menção da resposta do estudante Gustavo, quando questionado sobre um ponto forte de aprendizado na educação infantil, conforme segue: “A minha melhor lembrança dos meus colegas é quando a gente sentava para conversar, lanche e brincar”. Ou seja, essa criança diz que a educação infantil pra ela foi a oportunidade de desenvolver habilidades como estar com o outro, partilhar momentos, e promover a cidadania que carregaria por toda vida. A educação infantil é um processo diário, por isso, os pais precisam compreender que não é do dia para a noite que a criança irá se desenvolver de forma integral.

A educação infantil precisa ser guiada pelas “Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil”. Ela precisa desenvolver as seguintes habilidades: físicas, cognitivas, ética, estética, afetiva, relações interpessoais e inserção social, conforme enfatizamos no segundo capítulo desse trabalho. Acerca disso vale mencionar a fala da coordenadora Izabel:

“[...] Então a criança de preferência deve estar na educação infantil em uma escola, não sou contra quem quer ensinar em casa, mas na escola não tem comparação, a interação com a professora, com as outras crianças, ela aprende tudo. A educação infantil para a criança é mil, nota dez”.

Ao relatar essas compreensões a coordenadora insiste que, dessa forma, fica evidente a diferença que a educação infantil faz na vida da criança. E, daí nossa total concordância com a professora porquê podemos compreender pela fala das crianças toda potência da educação infantil na vida de quem já está avançado no processo de alfabetização. As próprias crianças reconhecem isso. Logo, a aplicação da educação infantil bem consolidada resultará na vida de um adulto mais feliz, com autonomia e bons relacionamentos.

Além de toda a importância na melhoria da qualidade da aprendizagem da criança, a educação infantil permite trabalhar com um modo muito mais instigante para a criança. Ao inserir o lúdico no cotidiano da vida delas, a aprendizagem faz avanços em função de que relacionar brincadeira, educação e cuidados a ludicidade permite aprender brincando e com prazer de desenvolvimento cultural intenso. Porque a criança se vê aprendendo na beleza das relações com as coisas. Assim, a ludicidade precisa ser compreendida por nós pedagogos, como recurso indispensável para a educação infantil. Trabalhar de forma lúdica proporciona aprendizagem com características que impressionam a criança e gera prazer em estar em ambientes de aprendizagem como a creche e a pré-escola.

Nossa compreensão mais acentuada depois destas leituras e entrevistas quer acreditar que nesse processo educativo a criança é conduzida de tal forma que passa a fazer encontros com coisas desconhecidas de maneira natural, ou seja, faz descobertas afetivas, cognitivas e, brincando adquire conhecimento específicos tais como: A língua oral e escrita, ciência como matemática, geografia e história vão sendo intensificadas pela criança em função, principalmente, da curiosidade aguçada. Uma criança inserida nesse contexto se tornará um adulto com sentimento de pertença tanto em relação ao outro, quanto à sociedade. Sobre esse ponto, é interessante apontar a experiência da coordenadora Izabel:

[...] E através dessas experiências que eu trabalho em sala de aula, eu posso dizer que o lúdico é tudo, eu já falo tudo porque pra mim a ludicidade está em tudo, todas as atividades que eu trabalho, seja matemática, história, língua portuguesa, o que for, eu trabalho de forma lúdica com a criança, porque ela aprende com alegria, e vai repassando esse conhecimento.

Através dessa explicação da coordenadora Izabel é possível chegar a uma compreensão de que a ludicidade é um recurso fundamental na educação infantil, sem ela o processo seria prejudicado. Até porquê a aprendizagem da criança na educação infantil não se trata de conhecimentos que serão findados em si mesmos, nada disso, os saberes apreendidos tentem a potencializar a criança para outras aprendizagens e assim sucessivamente, os conhecimentos da criança são multiplicados em função de interconexão de aprendizagens na educação infantil e, de maneira singular, na continuidade do desenvolvimento da criança. Exemplo típico é a coordenação motora de uma criança. A diferença é gritante entre uma criança que teve acesso a educação infantil e uma criança não conseguiu estar presente, na idade necessária, no desenvolvimento da motricidade. Logo, o nível, a rapidez, a potência de uma criança diferem muito da outra. Só quem trabalha em sala de aula com essas crianças compreendem esse processo e essas situações.

Outra questão importante da educação infantil é o tema da autonomia intelectual e social da criança. A autonomia permite que a criança se desenvolva, e se sinta capaz de produzir e realizar atividades cotidianas. Dessa forma, a educação infantil sendo o alicerce da educação precisa promover essa importante habilidade. Conforme a professora Suele, afirma:

[...] A educação infantil é muito importante, é o alicerce da educação, e esse alicerce tem que ser bem trabalhado e bem desenvolvido para que a criança possa entrar nas outras etapas educacionais com bastante autonomia, e conhecimento sobre sua vida e seu contexto social.

É bom lembrar que em conversação com as mães dos entrevistados foi possível compreender que a vida da criança antes e depois da creche é alterada no que diz respeito a autonomia, por exemplo: a criança passa a realizar tarefas simples de forma independente, como vestir-se.

A educação infantil começou como apenas assistência social, mas ao longo do tempo se tornou uma etapa educacional que oferta educação e cuidado. Acerca disso a professora Maria (nome fictício), quando indagada a respeito da educação infantil, respondeu:

A Educação Infantil é muito significativa e importante, nós sabemos que ela começou com a luta das mães que trabalhavam nas fábricas, e precisavam de um lugar para deixar seus filhos, ou seja, ela começa apenas como assistencialista, e vai se configurando historicamente como não só algo assistencialista, mas também como algo educativo, essa Educação infantil que cuida e educa ao mesmo tempo.

Através da fala dessa professora, é possível perceber que a educação infantil, ao longo do tempo, se tornou integral, pois, ela foi criada para sanar necessidades de mães que precisavam trabalhar, e se tornou uma etapa do processo educativo, indispensável para o bom desenvolvimento e qualidade das fases posteriores.

Ao finalizar este capítulo percebemos que a educação infantil é fundamental, e a criança quando inserida nela, tem a oportunidade de se tornar um adulto mais feliz e desenvolvido em todos os aspectos. Outro ponto importante que aprendemos é que a criança antes de escrever, precisa brincar, aprender como cuidar do seu corpo, manusear a massinha de modelar, realizar transferências de recipientes, apertar diferentes objetos, como esponja, por exemplo, usar tesouras e outros.

Todas essas experiências são fundamentais para o seu desenvolvimento, por isso, a família precisa se conscientizar que brincando aprende, e aprende da melhor forma possível. Além disso, cada criança tem o seu tempo de aprendizado, e isso precisa ser respeitado. Essa educação infantil que cuida e educa ao mesmo tempo, tem o poder de transformar vidas, seja de seus profissionais, alunos ou família.

Considerações finais

A partir dos estudos realizados, na nossa compreensão, temos o entendimento bem formado a partir da teoria e das práticas dos professores que a educação infantil não recebe a devida atenção que merece. Sempre houve a necessidade de estudar/pesquisar sobre a relevância dessa tão importante etapa educacional. É válido ressaltar, de antemão, antes de detalhar as considerações, que a discussão desenvolvida nesse trabalho, não tem o intuito de determinar verdades absolutas, e sim de propiciar uma discussão no meio acadêmico.

Ao concebermos o referencial teórico de definições das instituições e dos sujeitos da pesquisa começamos a compreender a relevância da infância na vida das pessoas e como as instituições puderam potencializar ainda mais as condições de vida de uma criança. Assim, no decorrer da pesquisa em campo, ao entrevistar os educadores, foi possível constatar que esses profissionais devem estar preparados, e muito bem preparados, para essa tão nobre missão, educar e cuidar da infância. Esta é uma condição necessária. Portanto, quem não gosta de criança, não se atreva a intrometer-se com a primeira infância. Quem não consegue preparar atividades para educar crianças que não faça isso por lazer ou por diversão somente.

A pesquisa teve por objetivo o seguinte tema: Infâncias, Educação e Escolarização.

Delimitado ao tema pretende-se explorar o seguinte problema: Porque a Educação Infantil não tem recebido a atenção devida?

Assim, foram estabelecidos um objetivo específico em cada capítulo, afim de responder a problemática dessa pesquisa.

No capítulo I, o objetivo era demonstrar a importância da Educação Infantil, por isso esse capítulo foi voltado para a história da educação, foi feita uma relação com a educação infantil, onde a criança era vista como “adulto em miniatura”, e não como uma criança de fato.

O capítulo II tinha como objetivo, desenvolver uma discussão sobre as principais legislações em torno da Educação Infantil. Dessa forma foi abordada uma parte da Constituição Federal que trata especialmente da educação, e algumas partes específicas da Lei de Diretrizes e Bases (Lei nº 9.394/96).

Já o capítulo III, o objetivo foi investigar as mudanças que ocorreram na vida das crianças antes e depois delas terem acesso a Educação Infantil. Assim, foi realizada a pesquisa em campo, onde conversamos com os pais, e entrevistamos sete crianças que passaram por essa importante fase educacional, e também três educadoras, uma coordenadora e duas professoras, que trabalham e lutam diariamente em prol da educação.

Diante dos apontamentos anteriores, podemos considerar que os objetivos propostos nesse trabalho foram alcançados, pois, no decorrer dos estudos, análises dos textos lidos, trocas de ideias com o nobre orientador da pesquisa, que tanto auxiliou para que essa fosse concluída, fez com que se vislumbrasse respostas favoráveis para os questionamentos levantados durante a pesquisa.

Nesse contexto o presente trabalho não foi realizado com o intuito de finalizar a discussão, mas sim para desenvolvê-la no mundo acadêmico, dentro da família, dentro dos espaços escolares, afim de que o tema seja refletido e respeitado por todos os envolvidos na missão de educar.

Ao nosso entendimento, a educação infantil precisa ser mais exigida por toda a sociedade. Não pode ser objeto de reivindicação somente de professores, mas sim do conjunto de pessoas de uma comunidade e de uma sociedade em função de que é por meio da educação infantil que a criança é qualificada para sua existência mais intensa na vida comunitária. Não há mais como fugir da educação na primeira infância. Na nossa visão, fora desse processo de institucionalização das crianças a criatividade e a capacidade das crianças são retraídas e até bloqueadas.

Precisamos afirmar também que as normatizações precisam avançar para auxiliar professores e instituições no desenvolvimento da educação, com maior potencialização das crianças. Ainda há muito por legislar como criação das condições materiais para os estudos da criança, tornando obrigatória a educação infantil na sua totalidade.

Ao mesmo tempo precisamos de maior reivindicação das condições de atendimento da educação infantil. Desde alimentação até materiais para que nossos estudantes possam desenvolver o potencial criativo e as condições de

aprendizagem de maneira adequada e com qualidade superior às condições das instituições e situações dos pais e professores existentes na atualidade.

Reverendo o desenvolvimento do trabalho, verifica-se que os objetivos foram alcançados.

No decorrer do trabalho ficou evidente que a educação infantil é importante, já que é nessa etapa que a criança se desenvolverá de forma social e humana. A educação infantil se destaca como etapa indispensável, por conta da sua responsabilidade de oferecer às crianças, educadores competentes e comprometidos; contato com as outras realidades. Principalmente porque, na contemporaneidade, em virtude de que muitas famílias têm somente um filho ou uma filha, muitas crianças só têm a oportunidade de saírem do núcleo familiar quando vão para a educação infantil; oferta acesso a cultura, ciência, arte, e desenvolvimento da criatividade, através das propostas pedagógicas.

Por último, precisamos dizer que é importante lembrar que, foi prazeroso a construção desse trabalho. Compreender como a educação infantil transforma a vida da criança, e lhe prepara para as fases posteriores, nos dão forças para lutar diariamente por uma educação gratuita e de qualidade. Que as ações educativas na primeira infância aprimoram a criança para viver em sociedade, e compreender o seu significado em quanto criança com seus direitos, enquanto aluno com suas potencialidades, enquanto cidadão por seus direitos e obrigações e enquanto ser humano responsável por compartilhar modos de viver em sociedade. E que tenho pretensão de continuar investigando mais sobre esse tema tão relevante para a sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica, Técnicas e Jogos Pedagógicos**. 11. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- APPLE, Michael W. **Educação e poder**. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: ZaharEditores, 1978.

BARRETO, Vicente. "**Educação e Violência: reflexões preliminares**". In: ZALUAR, Alba (org) et al. **Drogas e Cidadania: repressão ou redução**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Gráfica do Senado Federal.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL /Secretaria de EducaçãoBásica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: Leitura Crítico-compreensiva, artigo a artigo**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A Educação Básica no Brasil**. Educ. Soc., Campinas, vol.23, n.80, setembro/2002, p.168-200.

GADOTTI, **Moacir**. **História das idéias pedagógicas**. São Paulo, Ática, 1997.

GARANHANI, Marynelma Camargo. **Concepções e práticas pedagógicas de educadoras da pequena infância: os saberes sobre o movimento corporal da criança**, São Paulo, 2004, tese (Doutorado em Psicologia da Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p26.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DATAS, Heloysa (Org.). **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 13 ed. São Paulo: Summus, 1992.

MAKARENKO, Anton. **O livro dos pais.vols I e II** . Lisboa, Livros Horizonte.1976

MELO, Aldira Aparecida pires. **Influência da família no processo de aprendizagem escolar infantil**. Faculdade redentor.

[s.d].Disponível em:

<<https://www.posgraduacaoredentor.com.br/artigos>>. Acesso em: 05/10/2020.

MENDONÇA, Fernando Wolff. **Teoria e Prática na Educação Infantil**. Maringá, PR:UNICESUMAR, 2012.

NASCIMENTO, Luzilene Fontes do.; GURGEL, Terezinha Fernandes; ALMEIDA, Lucielton Tavares de. **A educação infantil no contexto da legislação brasileira: reflexões históricas e repercussões atuais**. In: IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividades e Educação, 2017. Disponível em:<

<https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=A+EDUCA%C3%87%C3%83O+INFANTIL+NO+CONTEXTO+DA+LEGISLA%C3%87%C3%83O+BRASILEIRA%3A+REFLEX%C3%95ES+HIST%C3%93RICAS+E+REPERCUSS%C3%95ES+ATUAIS&edicao=&autor=&area=>>. Acesso em: 05/10/2020.

OLIVEIRA, Zilma Moraes Ramos de. Jogos de papéis: uma perspectiva para a análise do desenvolvimento humano. Tese de doutoramento. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1988.

PINAZZA, Mônica Appezzato. John Dewey: **Inspirações para uma pedagogia da infância**. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia et al. Pedagogia (s) da Infância. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUINTEIRO, Jucirema; CARVALHO, Diana Carvalho de. **Articulação entre educação infantil e anos iniciais: o direito à infância na escola!** In: FLÔR, Dalânea Cristina; DURLI, Zenilde. Educação Infantil e Formação de Professores. Florianópolis: da Ufsc, 2012. p.256.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras aproximações.**
Campinas, Ed. Autores Associados, 2000.

**- Jogos e brincadeiras no processo de alfabetização (Cleide Gomes
Braga; Keila Gomes Braga)**

Jogos e brincadeiras no processo de alfabetização

Cleide Gomes Braga¹

Keila Gomes Braga²

DOI: 10.5281/zenodo.13787500

RESUMO

O presente trabalho tem como temática a utilização de jogos e brincadeiras no processo de alfabetização. Essa é uma importante etapa educacional e, portanto, deve ser trabalhada corretamente. Como o principal objetivo do estudo realizado está: Auxiliar na compreensão sobre a importância da utilização de recursos lúdicos no desenvolvimento da alfabetização. Enquanto isso, os objetivos específicos consistem em: Compreender o processo histórico da educação infantil no Brasil; analisar os principais desafios encontrados pelos professores ao longo dos anos; entender a ludicidade como recurso educacional. Tais questionamentos trazem importantes reflexões sobre as técnicas que vem sendo utilizadas pelos profissionais de educação com o intuito de alfabetizar seus alunos. A fundamentação teórica utiliza os pressupostos de Huizinga (1996), Brougère (2010), Vigotsky (1984), Dias (2017), Barela (1999), Santos (2007), Canda (2004), entre outros importantes autores na área da educação. Os professores são os responsáveis por desenvolver metodologias de ensino inovadoras, que tenham como objetivo melhorar o desempenho dos alunos. Já a escola deve acolher todos os seus discentes, o processo de afetividade é uma importante questão que deve ser abordada continuamente nas escolas. O educador deve se apresentar como o mediador entre o conhecimento e o aluno, não impondo limites para o aprendizado. No decorrer do trabalho foram apresentadas importantes questões como as diferenças apresentadas entre os termos jogo e brincadeira e a função da ludicidade no processo educacional.

Palavras-chave: Ludicidade. Alfabetização. Jogos. Brincadeiras.

Introdução

O presente trabalho tem como temática a utilização de estratégias lúdicas no processo de alfabetização. É importante ter em mente que a educação passou por importantes transformações ao longo dos anos, durante muito tempo foi privilégio de uma pequena parcela da sociedade. Esse fator é um dos grandes responsáveis pela intensa desigualdade social existente no país. A escola é peça fundamental para o desenvolvimento intelectual e moral das crianças, uma vez que são os professores as principais referências dos

alunos. Muitos estudantes não possuem estrutura familiar adequada, e por isso espelham suas ações em seus mestres.

Por isso a necessidade de profissionais preparados, que estejam em constante busca e defesa de uma educação de qualidade. O processo de alfabetização é uma fase de grande relevância na vida escolar, nesse período muitos alunos se sentem frustrados por não obter o desempenho esperado. Por serem um processo que exige esforço muitos alunos se sentem desmotivados e cansados. Nesse momento cabe ao professor a utilização de estratégias que estimulem o aprendizado. Os recursos lúdicos surgem nesse momento como um importante aliado, pois é possível aprender brincando. Como problemática desse artigo, busca-se refletir em como o uso de jogos e brincadeiras pode facilitar o processo de alfabetização?

O estudo foi criado após análises de importantes autores da literatura brasileira e estrangeira o que caracteriza uma pesquisa de origem bibliográfica.

A utilização de recursos lúdicos em sala se justifica, pois, o brinquedo deve ser considerado como a essência da infância, ele proporciona a realização de um trabalho pedagógico que tenha em vista a produção de conhecimento. Com as mudanças no sistema de ensino no decorrer dos anos, a brincadeira passou a ser vista como uma forma de educação, e é considerado um forte veículo de aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que a ludicidade é uma temática que permeia o contexto educacional, sendo amplamente debatido nos dias atuais, este trabalho caminha pelo referido tema de modo não somente a buscar entendê-lo a partir dos conceitos de estudiosos e teóricos, mas também visando à aplicação lúdica na sala de aula.

Metodologia

A metodologia segundo Andrade (2007, p. 119) “é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento”. E de suma importância, pois norteia os procedimentos essenciais à execução de qualquer

pesquisa. Os métodos aqui apresentados consistem em compreender como se deu o processo de desenvolvimento do artigo, bem como a sua importância perante o sistema educacional.

Para a realização do trabalho foi utilizado uma metodologia de caráter qualitativo, onde foi realizado um levantamento bibliográfico de obras e autores que discutem a mesma temática defendida neste projeto, entre os autores citados no texto encontram – se Cláudio Saltine, Antônio Cunha, entre outros. Foram realizadas leituras e análises minuciosas de artigos, teses, dissertações que ajudaram na elucidação de ideias para que pudesse ampliar e enriquecer os debates aqui realizados. Os autores mencionados no decorrer do trabalho possuem renomados estudos sobre temas como infância, ludicidade, desenvolvimento infantil entre diversos outros assuntos de enorme relevância.

Esses estudos auxiliam no desenvolvimento dos aprendizados relacionados ao tema, e proporcionam significativos resultados perante o processo educacional. São através de pesquisas que o aluno desenvolve seus conhecimentos e consegue dialogar sobre determinado tema. Entende-se assim, que ao pesquisar sobre determinada temática, existe uma busca de respostas, de forma planejada e organizada. Diante disso, o objetivo foi compreender a fundamentação e assim os conhecimentos nas soluções de problemas teóricos e práticos, contextualizando nossas vivências. Desta forma, através de leituras em artigos e livros, usou-se uma pesquisa de forma bibliográfica:

[...] é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisa anteriores, em documentos impressos, que nada mais é do que um levantamento de um determinado tema, processado em bases de dados nacionais e internacionais, podendo ser por meio de artigos de revistas, livros, teses e outros documentos. (SEVERINO, 2007, p.122).

Esse tipo de pesquisa se enquadra no objeto de estudo, possibilita o recolhimento de dados indispensáveis à pesquisa com o intuito de identificar quais as compreensões que os pesquisados têm sobre a importância da ludicidade no desenvolvimento da alfabetização.

Aspectos históricos da Educação no Brasil

Para compreender o modelo educacional que existe nos dias atuais e é necessário conhecer as mudanças históricas que vêm sendo realizadas na educação ao longo dos anos. É necessário ainda ter em mente que a forma como a criança é vista sofreu inúmeras mudanças no decorrer dos séculos.

No período da Idade Média não havia uma concepção teórica sobre o termo infância, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e com menos condição de força, por serem vistas assim eram obrigadas a trabalhar desde muito cedo, muitas das vezes eram doadas a outras famílias para que pudessem aprender um ofício. Havia grande número de mortalidade infantil nesse período, a higiene era precária, não existiam vacinas ou cuidados médicos específicos, isso fazia com que as crianças fossem vistas como um ser frágil e sem perspectiva de vida.

Foi apenas no decorrer do século XVII que começaram a surgir às primeiras mudanças na forma como se enxergava a criança. A igreja católica foi uma das grandes responsáveis por essa mudança, a associação das crianças aos anjos fez com que passassem a ser compreendidos como seres inocentes, desprovidos de maldade e, portanto, diferente dos adultos.

A história das instituições com atendimento voltado à infância está relacionada aos problemas políticos, econômicos e sociais que atingiam o Brasil. O grande índice de desigualdade social sempre foi presente em nosso país, dessa forma começou a surgir a necessidade de procurar medidas para atender crianças em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Já na década de 1970, ocorre uma crescente evasão escolar e um enorme número de repetência das crianças das classes pobres no primeiro grau.

Diante dessa questão optou – se pela instituição do modelo de educação pré-escolar, por muito tempo também conhecida como educação compensatória, a faixa etária a ser atendida foi a de crianças de quatro a seis anos. Vale destacar que as pré-escolas criadas não possuíam um caráter

formal, os professores não eram qualificados e a remuneração não era digna para a construção de um trabalho pedagógico sério. Assim como nas primeiras creches, a maioria da mão de obra era voluntária. O principal marco da Educação Infantil no país foi a Constituição Federal de 1988, creche e pré-escola passam a ser reconhecidas como um dever do estado e um direito da criança, ganham concepção pedagógica e passam a integrar o sistema de ensino. A constituição também reforçou o caráter obrigatório e gratuito do ensino do 1º grau.

A criança passou a ser enxergada como um ser pertencente à sociedade e a educação compensatória começou a ser enxergada não como um caminho, mais como um atraso na educação brasileira. No ano de 1990 foi aprovado o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o estatuto é resultado de diversos debates sobre a importância da implementação de leis que tivessem o objetivo de proteger os pertencentes a essa faixa etária.

Grupos de intelectuais, especialistas em educação infantil, sociedade civil entre outros, foram os responsáveis pela criação do estatuto, esse também é um dos grandes diferenciais, a participação popular na elaboração das leis: O final do século XX foi marcado por grandes mudanças na educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), sancionada em 20 de dezembro de 1996, criou medidas que proporcionaram melhores qualidades para o ensino.

A LDB define que a educação infantil passa a compor a educação básica, esse é um importante avanço para o modelo de educação brasileiro.

Mesmo diante de tantas mudanças o período da pré-escola ainda é enxergada de maneira errada pela maioria da população. Muitos não conhecem a sua real importância, não compreendem a necessidade dos estímulos realizados nessa fase.

Caso não sejam estimulados de forma adequada, o processo de desenvolvimento cognitivo acaba sendo prejudicado e ao ingressar no ensino fundamental a criança sofre inúmeras dificuldades. É importante que haja um trabalho de conscientização com as famílias, para que conheçam a relevância da educação infantil para o pleno desenvolvimento físico, motor e cognitivo das

crianças, e dessa maneira realizem também os estímulos necessários dentro do ambiente familiar.

A criança, A brincadeira e o jogo

Embora pareçam sinônimos, os termos jogo e brincadeira possuem significados diferentes, suas funções no contexto educacional são de grande importância para a educação, todavia, deve – se ficar atento a faixa etária indicada para cada etapa. Em sala de aula ambos se apresentam como importantes estratégias pedagógicas nos anos iniciais do ensino fundamental, portanto devem ser adaptadas para que todos os alunos possam realizar as atividades propostas, e assim se beneficiar delas.

Essas adaptações não estão relacionadas apenas a faixa etária indicada para cada atividade, é preciso identificar os jogos que atendem crianças não alfabetizadas e as já alfabetizadas. Estratégias lúdicas são uma importante ferramenta no processo de alfabetização, contudo, o professor deve estar atento ao interesse que o aluno demonstra perante a atividade.

O jogo é o responsável por permitir que as crianças tenham acesso a regras que devem ser cumpridas para alcançar a atividade. Sua utilização auxilia no processo de desenvolvimento da criança e auxilia em questões como a aceitação de ganhar e perder.

Quando a criança joga precisa submeter-se as delimitações da atividade para alcançar seu objetivo, assim apesar de limitar a imaginação o jogo caracteriza-se como uma importante ferramenta para o comportamento da criança, além de desenvolver o pensamento, adaptação, inteligência e senso de honestidade, ou seja, o objetivo do jogo para o desenvolvimento da criança está em seu processo mais do que em seu resultado (FRIEDMANN, 1996, pg.34).

Enquanto nos jogos os acontecimentos ficam delimitados, a brincadeira se apresenta como algo livre e que permite a utilização da imaginação. Através

de brincadeiras a criança constrói sua própria imagem, expressa suas emoções é um dos primeiros passos de socialização na vida dos pequenos.

O brincar revela a estrutura do mundo da criança, como esta organiza seus sentimentos, as questões que ela levanta em relação ao mundo que vê, explora as interações humanas, desenvolve suas ações tanto física como emocional (VYGOTSKY, 2000).

A brincadeira como recurso pedagógico é vista por vários estudiosos como essencial, pois permite que as crianças brinquem na maior parte de seu tempo, assim o brincar e o jogar são métodos eficientes para que a criança adquira conhecimentos sobre a realidade. É importante destacar que a utilização do jogo no desenvolvimento infantil depende do conhecimento do professor em relação à criança, e a etapa de desenvolvimento que ela se encontra.

Lima (1984, p.24) destaca que, “brincar é uma fonte de lazer e de conhecimento. Sendo que essa dupla natureza permite considerar o brincar como parte integrante da atividade educativa”. O desenvolvimento de a criança no jogar e no brincar está intimamente ligado à maneira como o professor direciona o ensino para as etapas de desenvolvimento que ainda não foram alcançadas. É necessário incentivar novas conquistas, ampliar os caminhos do conhecimento e estarem atentas às questões psicológicas apresentadas pelos alunos.

O educador tem um papel importante na relação da criança com o brincar. É a partir dessa mediação que a criança passa por seu processo de construção do conhecimento, então este educador tem que ter competência técnica para fazê-la (ANTUNES, 2000, pg.13).

Para que seja possível a realização de um trabalho de excelência alguns aspectos devem ser observados, o educador deve conhecer seus educandos e respeitar seus limites físicos e cognitivos. Outra questão importante é a busca pela participação dos alunos nas atividades realizadas, todos devem se sentirem confortáveis e estimulados a aprender.

Trabalhando a ludicidade no desenvolvimento educacional

O lúdico faz parte da vida do ser humano há muito tempo, a palavra lúdica tem sua origem no latim ludus que significa jogo. Dessa forma entendemos por lúdico os jogos, brincadeiras e também brinquedos. Atividades desenvolvidas através da ludicidade são vistas como auxiliadoras no processo de desenvolvimento emocional, intelectual, cognitivo e social das crianças. Através do brincar a criança é exposta a momentos valiosos, onde ela pode construir sua visão de mundo. Os jogos e brinquedos fazem parte da vida da criança, são através deles que a criança vivencia suas fantasias.

Vygotsky (1998) nos revela que:

O faz de conta é uma atividade importante para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois exercita no plano da imaginação, a capacidade de planejar, imaginar situações lúdicas, os seus conteúdos e as regras inerentes a cada situação. (VYGOTSKY, 2000, p.124).

Estudiosos destacam a importância das atividades lúdicas na infância, veem o brincar como importante estímulo não apenas para o desenvolvimento cognitivo, mas também para o social. O brincar social é o responsável por criar um parâmetro a respeito do grau em que a criança interage umas com as outras. Já o brincar cognitivo mostra como está sendo o desenvolvimento mental da criança, a criança precisa ser exposta a experiências concretas, motivações, desafios e situações-problema.

É importante que o educador insira o brincar em um projeto educativo, com objetivos e metodologia definidos, o que supõe ter consciência da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças. Ressalta-se que a aprendizagem é o mais frequente motivo pelo qual o jogo é considerado importante para a educação, em que o brincar se torna realmente significativo com a ajuda dos seus educadores, que devem seguir o seu papel de auxiliares nesse processo. (FORTUNA, 2003, pg.03).

Os educadores, os pais e a comunidade escolar devem ter consciência de que os ensinamentos propostos na infância são primordiais para a construção da aprendizagem e afetividade na formação do ser social. A criança quando chega à escola tem características específicas, por isso precisa ser trabalhada de forma muito única, através do brincar e do faz de conta. No espaço escolar o educador é o responsável por transformar sua sala de aula no mundo do aluno, onde ele sinta liberdade em brincar e sinta – se a vontade para colocar sua imaginação em prática.

O professor deve entrar no mundo do aluno e fazer parte dele. As crianças devem brincar livremente com materiais diversificados, manipulando, explorando e descobrindo suas funções. Dantas (2002), afirma que: "Toda ação da criança é lúdica, pois exerce por si mesma antes de poder integrar-se em um projeto de ação mais extenso que a subordine e transforme em meio". (p.113). Dessa forma os professores precisam trabalhar de forma diversificada trazendo para os alunos atividades diferentes e interessantes.

A criança deve ser considerada um ser em construção, precisa ser cuidada em todas as suas esferas, seja ela familiar, emocional ou educacional. Elas têm direitos assegurados por leis como direito à educação, saúde, lazer. Os profissionais da educação devem ser preparados para a utilização de metodologias inovadoras que atendam às necessidades das crianças, o brincar deve ser praticado e vivenciado em sala de aula. A criança é protagonista da sua infância, mas é através da escola que um novo mundo é apresentado a ela. Diante disso, faz se urgente, a capacitação de professores para que atuem com práticas pedagógicas que atendam as crianças em fase de aprendizagem.

É preciso que a escola de educação infantil deixe de ser vista como apenas um local onde as crianças brincam, deve haver consciência que as atividades desenvolvidas nesse período irão auxiliar em todo o processo educacional. Tanto as instituições, quanto os profissionais que atendem crianças pequenas devem organizar seu tempo para proporcionar aulas recreativas, onde as crianças possam interagir entre elas, tenham uma rotina determinada, horários e atividades livres e guiadas.

O lúdico deve ser inserido dentro da rotina pedagógica da instituição de ensino. Aulas devem ser prazerosas e dinâmicas. É importante trabalhar projetos que estimulem os alunos, que resgatem e reconstrua a vivência, a interatividade com brincadeiras e jogos cooperativos. A competitividade deve ser administrada pelo professor, desde muito cedo os alunos devem ser orientados sobre o ganhar e perder, sobre o respeito às diferenças e as limitações de cada um.

Recursos lúdicos da pré-alfabetização

O termo ludicidade nunca foi tão discutido no universo educacional como nos dias atuais, com o desenvolvimento do mundo tecnológico algumas brincadeiras essenciais ao desenvolvimento infantil estão se perdendo. Um exemplo significativo dessa questão são as cantigas de roda. Nicolau e Dias (2003) destacam em seu trabalho que:

As brincadeiras de roda assumem grande importância por levar a formação do círculo, situação em que o grupo pode-se comunicar frente a frente. Dando as mãos, as crianças formam um todo. Cantam, dançam ou tocam juntas; criam e seguem regras, exercitam textos e movimentos de forma coletiva, desenvolvendo a socialização e praticando democracia com valores de respeito mútuo, cooperação e unidade de grupo. (NICOLAU E DIAS 2003, p.78).

Na fase de pré-alfabetização muitos profissionais focam apenas em apresentar aos alunos o sistema alfabético e o sistema numérico, a escola acaba impondo professores que ensinem a ler e a escrever. Muitos utilizam – se de metodologias tradicionais, que tornam as aulas maçantes e dificultam o processo de ensino/aprendizagem dos alunos. De acordo com Toledo, (2008):

Elege a brincadeira como um dos eixos fundamentais do processo educacional, concebendo-a como atividade cultural que favorece a construção da autonomia da criança, desempenhando importante papel em seus processos de desenvolvimento, de aprendizagem, de construção da subjetividade e de produção de cultura (TOLEDO, 2008 p.78).

As crianças são apresentadas as regras, condutas, modos de agir, letras, números, de forma “organizada”, enfileiradas, desde os primeiros dias de aula. Muitas vezes a escola se apresenta como um local muito certinho e sério, e o “brincar” se limita ao intervalo do recreio. Esse modelo tradicional contradiz ao que os estudiosos relacionam sobre o papel de socialização e desenvolvimento que as brincadeiras exercem. Ciente dessa situação, muitos profissionais vêm chamando atenção para a importância do resgate de métodos educacionais que trabalhem utilizando – se dos princípios da ludicidade. É importante também que sejam esclarecidos os métodos utilizados em sala de aula, pois muitos familiares desconhecem a importância desses recursos, os acham desnecessários ou “uma perda de tempo”.

Ao considerar as brincadeiras das crianças como algo que atrapalha a aprendizagem, a escola começa a separar os momentos que são para “aprender” dos que são para “brincar”. Por que esses momentos precisam ser separados? Por que as crianças precisam deixar de brincar para serem transformados no adulto? Por que o adulto não pode brincar? (TOLEDO 2008, p.12).

Faz – se então necessário um trabalho pedagógico onde os alunos sejam estimulados a aprender brincando, dessa forma o aprendizado se torna prazeroso e há maior interesse por parte dos alunos nos conteúdos abordados. Inúmeras ações lúdicas podem ser realizadas, tais como: teatros, músicas, contação de histórias, jogos e brincadeiras.

Nesse momento é muito importante que o professor se organize e tenha sempre em mãos uma segunda opção de atividade, pois nem sempre os alunos vão se interessar de imediato pela primeira atividade proposta.

A contação de histórias como auxiliar no processo de alfabetização

É imperativo que a contação de histórias possui função significativa no desenvolvimento da criança, sendo utilizada como planejamento pedagógico

desde a educação infantil, elencando objetivos básicos, desde a estimulação a reflexão de formadores de leitores:

É de suma importância que o professor veja na literatura infantil uma forma de aprendizagem única para criança, e que ele acredite que a contação de história faz com que a criança adentre no mundo encantado da leitura. Buscando, assim, fazer com que as crianças tenham um bom desempenho na aprendizagem. Se o professor não acredita nos benefícios que a contação pode oferecer, não será realizado um trabalho de qualidade. Nesse contexto percebe-se que tem que ser uma atividade realizada com amor, dedicação e confiança, planejada para que seja alcançado um resultado satisfatório para ambos. (SILVA, 2016, p.34).

No ensino fundamental a contação de histórias contribui de forma positivamente na alfabetização, e se apresenta como uma importante ferramenta lúdica. A criança entra na escola com muitas expectativas, e reconhecer letras e números é almejo de todos os pais, assim através de livros pode-se iniciar um trabalho eficaz, ao qual ajuda na criatividade e na imaginação, buscando com que a criança se apodere de novas realidades e gêneros literários, saiba estimular perguntas, raciocínios, argumentar, criar, comparar etc. Ouvir histórias nesse processo contribui para formação de novos leitores, ao qual entram no mundo da descoberta e compreensão de uma forma muito lúdica.

Silva (2017, p.09) menciona que:

Quando se trata de crianças que acabaram de ingressar nas primeiras séries do ensino fundamental tudo para elas é novidade, e muitas vezes o novo pode trazer experiências desconfortáveis, principalmente para aquelas crianças que tiveram uma vivência na educação infantil, na qual todas as atividades envolveram momentos lúdicos e de brincadeiras. Quando tais crianças passam a frequentar o ensino fundamental, elas percebem que toda a estrutura, não só física, mas a organização e a forma de ministrar as aulas pelos professores (as) mudaram completamente. As aulas passam a serem mais rígidas; passa-se a exigir mais atenção e disciplina dos alunos; muitas vezes não há mais momentos descontraídos durante o processo de ensino-aprendizagem, tornando o fato de ir para a escola algo desestimulante para a criança, dificultando, assim, todo o processo educativo. Nesse contexto, a contação de histórias é um instrumento de grande valia nessa transição. Apesar da ausência de estudos avaliativos neste campo, entendemos que a criança, ao ouvir uma história que relate sua trajetória até o momento, elabora o inevitável rompimento dos vínculos estabelecidos nessa fase e se

prepara para uma nova etapa, diminuindo assim o próprio nível de stress, o medo e a insegurança.

Ao entender que o foco do ensino fundamental é a alfabetização, através da contação de histórias o professor pode ampliar esse processo, trazendo uma metodologia diferenciada, lúdica, criativa e desafiadora. É importante que o aluno possa entender esse processo de transição e adaptação, ao mesmo tempo, adquirir habilidades como aquisição e apropriação do código linguístico oral e escrito, numa narrativa que evidencia a brincadeira, um universo lúdico, uma apropriação social e cultural que irá influenciar diretamente a aprendizagem.

Sendo assim, através da contação de histórias o professor pode elaborar a sua sala de aula, com gêneros variados, conhecimentos e preferências das crianças, além de conhecer quais suas narrativas, interesses, com objetivos pedagógicos que apresentem letras e números, com uma linguagem e conhecimento de mundo:

[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre [...] é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões – como os personagens fizeram – é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto. (CORTES, 2006, p. 79).

A alfabetização é um processo que necessita de métodos lúdicos, e trazer a contação de história nessa proposta forma hábitos únicos, como ler e escrever, oportunizando com que os alunos se encorajem a ouvir e reproduzir histórias, ao mesmo tempo, trabalhar a oralidade e escrita. Mediante a contação de histórias, o educador ainda pode atribuir a novas aprendizagens, o contato com a música, novos gêneros literários, com os versos e as rimas:

Para contar uma história, seja qual for, é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes [...] capta-se o ritmo, a cadência do conto, fluindo uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o a das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... E tão linda! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente

declaração ou teatro (...). Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1995, p. 18).

Trabalhar a contação de histórias para alfabetização transmite muitos aprendizados, de forma significativa o aluno pode entender as realidades e assim suas narrações, sejam de forma orais ou escritas. A criança mesmo que não saiba ler, consegue captar através da escuta, vai associando as letras, da capa, dos nomes, e assim construindo e decifrando como o educador chega naquela contação, atribuindo inclusive o gosto em querer aprender com mais precisão como se faz essa relação de signos e códigos, trabalhando o reconhecimento de letras e sílabas. A contação de histórias se torna uma estratégia docente, onde o professor vai chamar os alunos, conversar, dialogar, acalmar, fazer imaginar.

De acordo com Santhiago (2017) existem diversas técnicas para se contar uma história, entre essas é ofertar elementos, não só o livro papel, mas fantoches, bonecos, cestas, caixas, etc. A entonação de voz é outra consideração, pois pode adaptar aos personagens, as ilustrações dos textos, apropriando-se de técnicas que sejam benéficas, explorando um mundo teatral e musical, encantando e convidando os alunos a refletirem no contexto da história, para conhecer seu enredo:

Adotando esses meios o professor, apesar de não ter frequentado um curso de contação de histórias, com o tempo e a prática, irá adquirir experiência e se tornará um excelente contador de histórias e, com isso, estará potencializando o desenvolvimento de seus alunos. A prática de contar histórias pode refletir no desenvolvimento dos alunos como indivíduos completos, pois pode ser um instrumento para o início de inúmeras atividades que associam movimentos corporais, gestos, expressões faciais, voz e afetividade no momento do reconto ou durante a contação, se a história narrada pedir a participação efetiva dos interlocutores (PACHECO, 2009, p. 40).

Dicas simples que podem contribuir na prática do dia a dia, além de favorecer uma metodologia, se tornando um hábito o contar histórias, sendo convidativo, participativo e reflexivo na educação e alfabetização.

Para tanto, considera-se que a contação de histórias na alfabetização atribui a diferentes emoções: alegrias, medos, desejos, desafios, onde a

criança também vai aprendendo a lidar com esses sentimentos e de uma forma muito lúdica, vivenciando essas socializações para um ensino aprendizagem de forma dinâmica e prazerosa.

O papel da música na alfabetização

A música em sala de aula deve ser trabalhada através de atividades lúdicas como os jogos e brincadeiras musicais. O ensino da música deve ser prazeroso, e proporcionar aos alunos uma nova experiência. Atividades como cantigas de roda, dança circular, apreciações musicais de vários instrumentos, atividade de exploração corporal e dança são essenciais nesse processo. “Ouvir, cantar e dançar, é atividade presente na vida de quase todos os seres humanos, ainda que seja e diferentes maneiras.”(BRITO, 2003, p. 55).

De acordo com Gardner (2003), “ a área cerebral responsável pela música ésta muito próxima da área do raciocínio lógico-matemático. A música estimula os circuitos do cérebro, e também contribui para o desenvolvimento da linguagem”.

O uso correto da música é como uma ferramenta didático-pedagógica oferecendo aos alunos a integração das habilidades da língua: ouvir, falar, ler e escrever. Na escola, a música deve ser utilizada como recurso didático.

De uma forma de conhecimento e linguagem que podem ajudar no desenvolvimento da escuta, pelo qual a música deve ser o plano de fundo para o restante das atividades. Escutar música envolve todas as dimensões que constituem uma pessoa, favorece no seu desenvolvimento. As crianças que não tem acesso á música, perdem a oportunidade de desenvolver o seu potencial.

O uso da música em escola como auxiliar no desenvolvimento infantil tem revelado sua importância singular, pois através das canções vive, explorar o meio circundante e cresce do ponto de vista emocional, afetivo e cognitivo, cria e recia situações que ficam gravadas em sua memória e que poderão ser realizada quando adultos. (BEBER, 2009, p.4)

Com as crianças uma boa proposta é trabalhar os sons da natureza, como a chuva, os pássaros cantando, o cantar do grilo, da cigarra, os latidos do cachorro, e outros. É importante trabalhar a diferença dos sons, como o som do metal, madeira e instrumentos musicais.

O analfabeto poderá, com efeito, participar, grandemente, através de disco, da televisão e do cinema falado e cantado, de artes por algum tempo dirigidas principalmente ao alfabetizado capaz de ler livro, revista ou jornal com a arte do romance, sob a forma de obra literária, a do conto, a do folhetim redigido para jornais, a do poema escrito ou impresso (FREYRE, 1980, p.79).

Stabile (1988, p. 121) destaca que “a música e a dramatização permitem a expressão pelo gesto e pelo canto, o que traz satisfação e alegria”. Estudos comprovam a importância para a criança em observar o outro para então depois executar a ação. Nesse sentido quando o professor não tem o dom de cantar deve utilizar CDs ou outras mídias existentes na instituição. A música exerce forte influência na vida das pessoas, ela é algo que toca o ser humano profundamente, através dela acontece um tipo de comunicação emocional, seja através dos ritmos, dos movimentos, sons ou simplesmente pelas melodias harmoniosas que encantam os ouvintes. A música envolve o perceber, o sentir, o experimentar, auxilia ainda o criar, o recriar e o refletir. Por isso se torna uma importantes estratégia lúdica a ser utilizada no processo educacional.

Considerações finais

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de conhecermos a importância da ludicidade para o processo de alfabetização. Brincar é uma atividade fundamental para o desenvolvimento da criança, são através de brincadeiras que elas desenvolvem aspectos cognitivos e emocionais, fundamentais para sua interação social e também para seu desenvolvimento na escola. Ao iniciar a vida escolar a criança necessita de um período de

adaptação a novas experiências, muitas vezes ela se sente insegura e não consegue acompanhar os colegas de classe nos conteúdos que estão sendo desenvolvidos. Diante dessa situação o professor surge como um importante aliado, ele deve acolher e amparar seus alunos, se mostrando afetivo e interessado por cada um deles. O processo de alfabetização exige muito de ambas as partes, professores e alunos, por isso a necessidade de tornar esse processo algo mais leve, e é justamente o que acontece quando o profissional utiliza – se de estratégias lúdicas. Os alunos conseguem aliar o aprendizado a um momento de prazer, além de desenvolver capacidades importantes como memória, imitação e imaginação. A família também é uma importante aliada nesta fase de ensinamentos e aprendizagens significativas que compreendem o processo de alfabetização. São eles os responsáveis por reforçar em casa os aprendizados ensinados na escola. Também cabe aos familiares incentivarem os alunos, métodos como a contação de história são excelentes para se trabalhar em casa com as crianças. Contudo devemos ter em mente que muitos alunos não possuem esse apoio em casa, seja por descaso dos familiares ou por questões relacionadas a desigualdades sócias. Diante disso, a importância do professor é reforçada, o aluno o tem como exemplo a ser seguido. Encerro esse trabalho destacando que um bom profissional é aquele que busca caminhos, troca experiências com outros profissionais da área, auxiliar no processo de comprometimento com o científico, com o estudo, com a pesquisa, e abandonar os improvisos e a passividade.

Referências

ABRAMOVICH, Frannf. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução á metodologia do Trabalho Científico**. 10. Ed. São Paulo. Atlas. 2017.

ANTUNES, C. **O jogo e o brinquedo na escola.** In SANTOS, S.M.P. Brinquedoteca a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, Vozes, 2000.

BEBER, M. C. **A música como fator de sensibilidade na educação infantil.** Rio Grande do Sul, 2012.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil.** São Paulo: Peirópolis, 2003.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura infantil e contação de histórias.** Viçosa-MG, CPT, 2006.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções do conhecimento de si.** – São Paulo: companhia das letras, 2000.

FORTUNA, T. R. **Jogo em aula: recurso permite repensar as relações de ensino-aprendizagem.** Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 75, p. 15-19, jul./set. 2003.

FRIEDMANN, A. **O direito de brincar: a brinquedoteca.** 4ª Ed. São Paulo: Abrinq, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Arte, Ciência e Trópico,** 2ª ed. São Paulo: Difel/Difusão Editorial S.A., 1980.

NICOLAU, Marieta Lúcia Machado; DIAS, Marina Célia Morais (orgs.). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância.** Editora PAPIRUS; Campinas, SP, 2003.

PACHECO, D. F. L. **A formação de professores-contadores de histórias, como proposta para o letramento e desenvolvimento de oralidade, leitura, cognição e afetividade.** 2009.

PINO, A. **O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências.** Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SILVA, Gleice Ferreira da; ARENA, Dagoberto Buim. **A leitura na Educação Infantil e as histórias em quadrinhos.** Disponível em: Acesso em: 08 de outubro de 2018.

TOLEDO, Cristina. **O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola.** In: Garcia, Regina Leite (Coord.). Anais. II Congresso Internacional – Cotidiano: diálogos sobre diálogos. GRUPOALFA – Grupo de Pesquisa e Alfabetização das alunas e alunos das classes populares. Rio de Janeiro, Niterói, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos.** 2000.

**- Leitura como prática social: O papel da escola na formação de leitores
(Priscila Cristina Bertagna Silva)**

Leitura como prática social: O papel da escola na formação de leitores

Priscila Cristina Bertagna Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13821302

RESUMO

A civilização humana sempre utilizou linguagem para comunicar-se. Por intermédio do surgimento da escrita, puderam ser registrados grandes momentos da humanidade. Com o passar do tempo, habilidades de ler e escrever passaram a ter grande importância para a sociedade, já que a maioria das atividades cotidianas, até mesmo as mais simples, está baseada na leitura, como ler um jornal, um rótulo de um produto, um outdoor, informativos. Daí se considerar a leitura como uma prática social. No entanto, a escola tem apresentado um conceito defasado quanto à leitura, ou seja, valoriza-se muito o ensino do código sem importar-se com a leitura reflexiva. Na sociedade contemporânea, não basta educar para uma leitura de decodificação, mas é preciso estimular a prática reflexiva, formando leitores críticos, que possam construir sua própria identidade e ter condições de atuar em sua comunidade e promover uma mudança no espaço em que se vive. Aquele que possui habilidades de leitura está apto para cobrar seus direitos e entender seus deveres. Porém, pesquisas recentes indicam que o brasileiro ainda tem grande dificuldade em processar informações de textos longos. A escola tem o papel principal de formar leitores capacitados e para isso precisa repensar o espaço escolar como um espaço cultural, permitindo que a leitura seja acessível a todos, buscando promover eventos que motivem o leitor. Os professores têm função fundamental nessa prática também, já que a ele é dada a responsabilidade de encaminhar os novos leitores. Assim, o professor deve se utilizar de estratégias pedagógicas que facilite a inserção do aluno nesse mundo letrado, assim como rever seus conhecimentos e práticas em sala de aula. Com este trabalho pretendeu-se contribuir para uma reflexão sobre a importância da leitura e de uma educação que vise a participação social e a formação integral do aluno, a fim de favorecer o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Leitura. Prática social. Escola. Professor. Cidadania.

Introdução

O contato com a leitura se faz constantemente em nossos dias, seja pelas informações de um jornal, receitas, anúncios, outdoors, embalagens ou placas de trânsito. Sendo assim, a exigência pelo domínio da linguagem em nossa sociedade tem sido cada vez maior. A escrita é o meio mais democrático

para se ter acesso às informações, apresentando ao indivíduo liberdade de escolha e interpretação. Esse fato contrapondo-se aos meios de comunicação em massa que apresentam informações fáceis que são selecionadas por àquele que lê.

Para Foucambert (1994, p. 124), a leitura permite buscar pontos de vista diferentes, permitindo uma atividade social crítica e reflexiva. O ato de ler acontece nos mais diferentes contextos, sendo assim designado como prática social, mas é no ambiente escolar que essa prática torna-se mais idealizada. No entanto, a escola, em sua maioria, continua tratando a escrita e a leitura com o mesmo objetivo para o qual fora destinado no começo da industrialização, ou seja, valoriza-se a decodificação de códigos, uma leitura automatizada, que forma leitores incapazes de realizar uma leitura significativa e reflexiva.

Não se pode negar que o objetivo da educação deve girar em torno da formação integral do aluno. Assim, em se tratando de leitura, a instituição escolar deve promover estratégias para que a atividade leitora seja algo motivadora. O professor deve ser um membro atuante em todo esse processo, já que está em um lugar privilegiado em relação à construção do conhecimento.

Diante desses fatos, o presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da leitura como prática social e fator determinante para inserção do indivíduo na sociedade. Também será analisado o tratamento dado pela escola no que diz respeito às estratégias de ensino úteis para a formação desses leitores e a importância da instituição de ensino e dos professores na formação de leitores capacitados.

Para realização de tal pesquisa, foram realizados estudos bibliográficos sobre os mais conceituados autores de discorreram sobre o assunto. O trabalho inicia com o capítulo “Considerações sobre a linguagem e a leitura”, que analisará o conceito de leitura e linguagem. No segundo capítulo “A escola e a formação do leitor”, abordará qual o papel da escola na formação de

leitores críticos e reflexivos e ainda como o professor pode influenciar na formação desses leitores. Já no terceiro capítulo “Leitura e Sociedade”, pretende-se analisar como a linguagem pode ser determinante na formação de um cidadão atuante. “Práticas pedagógicas na formação do leitor” apresentará um levantamento de técnicas pedagógicas que podem ser aplicadas em sala de aula para facilitar o ensino-aprendizagem. O trabalho será concluído com a análise final do papel da escola na formação dos leitores, sendo a leitura um fator social determinante.

Breve história da leitura e escrita

Desde o começo da humanidade, o homem sentiu a necessidade de comunicar-se. Na pré-história, essa comunicação era praticada por meio de desenhos feitos nas paredes das cavernas, que transmitiam desejos ou necessidades. No entanto, registros da escrita constam de apenas aproximadamente 5.500 anos, na antiga Mesopotâmia. Primeiro, eram ideogramas que formavam uma palavra, depois a escrita passou a adquirir valores fonéticos.

Os fenícios foram os primeiros a decodificar palavras em sons e a escrita passa, então, a ser alfabética. Fato que se expandiu pelo Egito e, devido sua simplicidade, foi adotado pelos Gregos. Origina-se o alfabeto etrusco que, junto com o gótico da Idade Média, dá origem ao que hoje é o nosso alfabeto latino.

A escrita iniciou-se quando o homem passou a registrar o número de animais que possuía e a quantidade de alimentos que havia colhido e estocado. Depois, passou a usar a escrita para registrar dias do ano, ou seja, o calendário. Com o passar do tempo, a escrita passou a registrar grandes batalhas, navegações, feitos, casamentos, dívidas e empréstimos, orações e

mais tarde, obras literárias. Nesse momento, dominar ou não a escrita não fazia diferença na vida da população.

No final do século XVIII, com o avanço tecnológico e a revolução industrial, os produtos eram fabricados em massa e os trabalhadores explorados. No entanto, no século XIX, a educação escolar passa a ser obrigatória numa tentativa de mudar o perfil da população e a escrita passa a ser sinônimo de sucesso. No século XX, a hierarquia social é bem definida, mas ser analfabeto não é motivo de discriminação, já que as pessoas possuíam meios suficientes para trabalhar em ofícios que não exigiam a escolaridade.

É a partir da década de 50, o ato de ler passa a ser considerado um processo psicológico específico, no qual é formado pela integração de um conjunto de habilidades. A leitura passou a ser considerada um processo da representação humana da realidade, adotando o modelo psicolinguístico-cognitivo.

O processo da leitura

Leitura é o processo complexo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, caracterizado pela utilização de várias dimensões: linguística, cognitiva, semiótica e social. Nesse último sentido, salienta Freire (1984, p.11) que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra.” A leitura é a capacidade de entendimento do texto escrito, e para Garcez (2001, p. 23), (...) um processo complexo e abrangente de decodificação de signos e compreensão e intelecção do mundo que faz rigorosas exigências ao cérebro, a memória e a emoção. Lida com a capacidade semiótica e com a habilidade de interação mediada pela palavra. É um trabalho que envolve signos, frases, sentenças, argumentos, provas formais e informais, objetivos, intenções, ações e motivações. Envolve

especificamente elementos da linguagem, mas também os de experiência de vida dos indivíduos.

Sendo assim, ler é mais do que decodificação de signos gráficos, de conhecimentos fonéticos e semânticos, mas sim um ato de raciocínio no sentido de uma interpretação da mensagem escrita, seja pelas informações fornecidas pelo texto ou até mesmo pelos conhecimentos já pré-adquiridos pelo leitor.

Para Chartier (1997, p. 20), o texto, apreendido pela leitura, não tem o sentido que lhe atribuiu o autor, pois a liberdade do leitor se desloca àquilo que o livro tenta lhe impor. Liberdade que não é absoluta, devido limitações das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam a prática da leitura. Não se pode negar, nesse sentido, o conhecimento e experiências de vida daquele que lê, suas relações interpessoais, culturais, ideológicas. Por esse fato, pode-se dizer que um mesmo texto tem significados diferentes para cada leitor, já que cada um relaciona aquilo que lê com seu conhecimento de mundo.

Para melhor se entender o processo de leitura, Heinemann e Viehweger (1991 *apud* Koch, 2003, p. 21), partem da hipótese de que quanto mais conhecimento o leitor tiver, mais será sua experiência de leitura. Para os autores o processamento textual acontece a partir de três fases: primeiro acontece o conhecimento linguístico, aquele que envolve o conhecimento gramatical, lexical e de construção linguística, facilitando a construção e reconstrução do texto; segundo observa-se o conhecimento enciclopédico ou de mundo, compreendido como um fator importantíssimo para a constituição da leitura e relacionado com conhecimento pré-estabelecido pelo leitor ou aquele que se encontra em sua memória; por último, dá-se o conhecimento interacional, ou seja, conhecimento funcional, comunicativo e metacomunicativo.

Ler, sobretudo, é uma atividade de interação, em que leitor e texto interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. É um trabalho constante do sujeito-leitor, para descobrir, recriar

e produzir conhecimentos. Mas esse processo possibilita ao sujeito ir ao encontro da linguagem escrita. A leitura dá ao homem a possibilidade de atuar sobre o mundo, por meio da ação e reconstrução sobre a sociedade em que se vive.

Leitura enquanto prática social

A busca pela informação e pelo conhecimento tem se tornado contínua em nossa sociedade, já que é nítida a percepção de que sem esses conceitos o indivíduo será excluído socialmente, tornando-se ignorante em um espaço marcado pela comunicação. Por meio da leitura tem-se acesso à maior parte dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Pela leitura amplia-se a visão de mundo e desenvolve-se a compreensão, comunicação e senso crítico. Ler, ainda, coloca o sujeito em contato realidades diversas, levando-o a descobrir pessoas e ideais.

O ato de ler nem sempre apresentou significativa importância na sociedade. Zilberman (2001, p.25) afirma que, ao contrário do que se vê atualmente, a leitura já foi considerada até como atividade condenada ou demoníaca, no começo da era moderna, quando a prática da leitura começou a se expandir, foi considerada como corporificação do demônio. Dom Quixote perdeu o juízo por muito ler livros de cavalaria - e bem antes de Cervantes, com os trágicos gregos, já se falava dos males da leitura.

A educação no Brasil apresentou, em todos os tempos, uma escola seletiva, antidemocrática e excludente, privilegiando a poucos. Não se pode esquecer que mulheres, escravos, imigrantes, pobres e portadores de deficiência física e mental não tinham direito à educação, talvez por serem considerados inferiores, inaptos ou não importantes para a sociedade.

Observa-se que os problemas relacionados à leitura estão diretamente ligados a questões sociais que atingem em massa a população: má distribuição de renda, miséria extrema, desvalorização da pessoa humana. Até mesmo

dentro do ambiente escolar, como déficits de escolarização, péssimo estado dos materiais das escolas, má formação profissional, falta de bibliotecas ou péssima qualidade delas e dificuldade de acesso ao que hoje se tornou essencial, a internet.

Lajolo (2007, p. 16) faz uma reflexão sobre o papel da leitura em uma sociedade democrática. Constata, então, que ler é essencial, não somente para pessoas que participam de um ambiente de produção cultural, mas para a própria sociedade que utiliza a linguagem escrita para muitas de suas necessidades. Ler um jornal, por exemplo, exige do leitor não somente a decifração de signos, mas uma reflexão sobre o que se lê. Assim, ao procurar um emprego, assinar um contrato de trabalho ou de aluguel, recados aos pais vindo da escola, informativos, até mesmo tomar um ônibus o sujeito faz uso social da leitura.

A leitura tem papel fundamental também no mercado de trabalho. Uma pessoa, que não lê e não escreve, dificilmente conseguirá um trabalho bem remunerado e com boas condições trabalhistas, ficará à margem da sociedade e não poderá exercer seu papel no meio social, já que as empresas cada vez mais exigem do empregado domínio sobre a leitura e escrita.

Para Kleiman (1998, p.10), quando se ler qualquer texto, é colocado em ação todo o sistema de valores, crenças e atitudes que reflete o grupo social em que se deu determinada socialização primária. A prática social da leitura está intimamente ligada às raízes sócio culturais das pessoas e na formação de sua cidadania.

A leitura e a escrita constituem instrumentos fundamentais para o desenvolvimento da consciência crítica de toda uma sociedade, para compreensão e intervenção no mundo em que se vive.

A leitura é uma atividade ao mesmo tempo individual e social. É individual porque nela se manifestam particularidades do leitor, suas características intelectuais, sua memória, sua história; é social porque está

sujeita às convenções lingüísticas, ao contexto social, à política. (NUNES, 1994, p.14)

Aquisição da linguagem, assim como o desenvolvimento da leitura, significa o desenvolvimento do ser humano como sujeito que tornará a língua como mecanismo social para construção do próprio sujeito. Nota-se, então, que a linguagem não existe somente para veicular informação, mas demonstra o lugar ocupado pelo falante na sociedade e seu papel em relação à própria linguagem. Para obter conhecimento e, conseqüentemente, tornar-se um membro ativo na sociedade, não basta apenas ler, mas é preciso selecionar, analisar, interpretar e agregar valor ao que se tem em mãos. Na escolha de um livro, jornal ou revista é preciso a interação dos elementos textuais com o conhecimento de mundo que tem o leitor.

Surge, então, a necessidade do senso crítico, que nada mais é do que a reflexão sobre o que se lê, escuta ou vê. Um indivíduo com senso crítico apurado, não se deixa influenciar pela informação e opinião vinculadas na grande mídia, tendo suas próprias convicções.

Observar, refletir, procurar entender o mundo e interagir com ele tem na leitura um caminho para o desenvolvimento dessas competências, na medida em que o conhecimento vai sendo absorvido e a produção cultural da civilização humana aumentando. Se a leitura leva ao conhecimento e à informação, então, desenvolve o potencial criativo do homem, dando sentido às suas ações cotidianas. Assim, os indivíduos tornam-se participantes das decisões públicas que refletem diretamente sobre eles, refletindo em melhor qualidade de vida e consciência de deveres e direitos. Para Foucambert (1994, p. 123), “a escrita é o único meio para se alcançar a democracia, para alcançar a capacidade de entender porque as coisas são como elas são.

Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF): A realidade da população brasileira

O termo alfabetismo funcional vem sofrendo mudanças ao longo dos anos. A UNESCO, em 1958, definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler e escrever um enunciado simples, relacionado com sua vida diária. Após vinte anos, a UNESCO sugeriu os termos analfabetismo e alfabetismo funcional. Alfabetizada funcionalmente é a pessoa capaz de utilizar a escrita e a leitura e matemática no contexto social em que está inserido. Não basta apenas decodificar códigos, mas utilizar estes meios no cotidiano.

O indicador nacional de alfabetismo funcional – INAF é uma iniciativa do instituto Paulo Montenegro, cujo objetivo é oferecer à população brasileira indicadores sobre a prática leitora, escrita e matemática de brasileiros entre quinze e sessenta e quatro anos de idade. A iniciativa visa a motivar o debate público, estimular iniciativas da sociedade civil, subsidiar a formulação de políticas públicas nas áreas de educação e cultura, além de colaborar para seu monitoramento. Pretende-se com tal indicador, coletar índices para que a sociedade e os governantes possam avaliar a situação quanto a um dos principais resultados da educação escolar: a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para processar informações cotidianas. Entre os anos de 2001 e 2005, o INAF foi realizado anualmente, alternando as habilidades discutidas. Um ano se realizava a pesquisa sobre leitura e escrita (letramento) e no outro sobre habilidades matemáticas (numeramento). A partir de 2007, a pesquisa passou a ser bienal, simultaneamente com os dois temas.

Existem quatro níveis de alfabetismo em português: Analfabetismo, rudimentar, básico e pleno. O analfabetismo corresponde à condição de não conseguir realizar tarefas simples do cotidiano, como ler palavras simples ou frases, embora uma parcela das pessoas consiga ler números. Nível rudimentar corresponde à capacidade de localizar informações explícitas em textos curtos ou familiares, ler e escrever números e realizar operações matemáticas simples. Em nível básico se encontra aquela pessoa que pode ser considerada funcionalmente alfabetizada, ou seja, lê e compreende textos de média extensão e localizam informações mesmo que sejam necessárias

algumas interferências. Àqueles que compreendem textos mais longos, analisando-os e relacionando suas partes, sendo capazes de avaliá-los, encontram-se em nível pleno.

O INAF Leitura e escrita 2009 revela avanço no alfabetismo funcional dos brasileiros na faixa etária estudada. A pesquisa aponta que no país há 7% de analfabetos absolutos, com redução de dois pontos percentuais desde 2007; 21% da população encontra-se como alfabetizados de nível rudimentar; 47% em nível básico, apresentando crescimento de treze pontos percentuais desde 2001; 25% em nível pleno, não apresentando crescimento, já que oscila dentro da margem de erro.

Observa-se, então, que grande parcela da população não apresenta um grau de leitura avançado, ou seja, uma pequena minoria possui habilidades plenas em leitura e conseguem se utilizar de textos de maior complexidade em favor próprio e da sociedade em que está inserido. O mais preocupante é que esse número não tem aumentado nos últimos anos. Embora o nível básico tenha aumentado, o Brasil ainda não apresenta uma população que tem na leitura sua fonte de conhecimento e transformação da realidade atual. O Brasil ainda é sinônimo de exclusão social, má distribuição de renda e falta de políticas públicas em favor da população mais necessitada e a população pouco (ou nada) tem se colocado quanto a esse fato.

A escola e a formação do leitor

A escola tem, ao longo do tempo, corrompido o verdadeiro significado de ensinar a ler. O bom aluno é considerado aquele que é capaz de ler corretamente as palavras de um texto, porém esse aluno nem sempre faz uma reflexão sobre o que lê. A escola alfabetiza não produz leitores capazes de, socialmente, exercer habilidades de leitura e escrita que o contexto atual exige. O saber decifrar não é mais significativo para a sociedade contemporânea.

Para Foucambert (1994, p.19) a escola ainda continua centrada nos objetivos para o qual foi criada na industrialização, quando a alfabetização girava em torno da leitura de métodos e procedimentos de forma automática e sem visar o mínimo de reflexão sobre o que se lia. O acesso à escrita se deu pelo ensino do código, negando ao sujeito qualquer relação mais íntima com a leitura. Tratavam-se os alunos com homogeneidade, ou seja, tinha-se a visão de que todos aprendem da mesma forma, sem considerar o aspecto cognitivo de cada um.

Na educação do século XIX, a relação leitor – contexto era privilegio de poucos. Fato não muito distante do que se é apresentado hoje, já não se considera o saber que o aluno traz consigo antes de chegar à escola e nem o conhecimento que já tem quando determinado texto é discutido. Ainda na escola atual, lê-se para avaliar, para fazer um resumo do livro, para responder a algum questionário de interpretação de texto. Não há na escola um espaço reservado cujo único objetivo seja a leitura por prazer e para reflexão.

Paulo Freire, ao discorrer sobre a importância do ato de ler, nos remete a esse tema: Linguagem e realidade se aprendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais da minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica do ato de ler se veio em mim constituindo. (...) Primeiro a “leitura de mundo”, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra, que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da palavramundo. (FREIRE, 2003, p. 11-12)

Freire remete-se aos momentos em que a leitura fez-se presente em sua vida. Podemos observar o quanto o contexto, a realidade do leitor deve ser levada em consideração ao tratar-se aprendizagem da leitura. A escola atual tende a ensinar leitura e escrita como coisas distintas, sendo que a última tem sido mais valorizada. Por isso, sugere a leitura da palavramundo, que nada

mais é do que considerar leitores – texto – contexto (mundo) como fundamentais dentro da aprendizagem.

Lerner (2002, p.17) diz que para incorporar todos os alunos e cidadãos à cultura do escrito “é necessário reconceitualizar o objeto de ensino e construí-lo tomando como referência fundamental as práticas sociais da leitura e escrita (...) requer que a escola funcione como uma microcomunidade de leitores e escritores”. Para a autora, reconceitualizar significa uma reflexão sobre a prática educativa, em que ler significa questionar o mundo e as respostas podem ser encontradas naquilo que se está escrito, em uma interação entre leitor e texto.

O necessário é fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos que é legítimo exercer e responsabilidades que é necessário assumir. (LERNER, 2002, p.18)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997, p.15), em sua apresentação reforçam que “o domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista”. Os parâmetros colocam como responsabilidade da escola “garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”.

No mesmo documento, é citado como motivo do fracasso escolar a dificuldade encontrada pela escola no ensino do ler e escrever, apontando a necessidade da reestruturação do ensino para efetiva aprendizagem. No entanto, a escola não pode ser considerada a única responsável pela formação dos leitores, até mesmo devido a grande diversidade de texto que circulam na sociedade. No entanto, ainda cabe à instituição escolar a obrigação de formar leitores, iniciando-os no mundo letrado e formando-os como leitores autônomos que cultivem o gosto pela leitura no decorrer da vida.

Na redação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.69-70),

(...) a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seus conhecimentos. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Um dos mais aliados espaços para a disseminação da leitura e do fortalecimento do vínculo leitor – leitura é sem dúvida a biblioteca. Programas públicos como o Programa Nacional do Livro Didático - PNLD apresentam certa preocupação dos governantes quanto ao tema. Ainda que haja investimentos por parte do governo, o conceito de biblioteca tem sofrido alguns preconceitos enraizados historicamente. O ambiente ainda é considerado com um lugar de silêncio e ordem. As bibliotecas não estimulam a curiosidade dos leitores e nem abrem espaço para discussões ou projetos que estimulem a leitura. Outro problema é que muitas bibliotecas escolares simplesmente não abrem suas portas aos alunos para que não haja desorganização ou danos dos materiais que ali se encontram, evitando a circulação dos livros entre os estudantes.

O papel dos professores enquanto formadores de leitores

Ainda são grandes as dificuldades encontradas pelos professores no decorrer de sua carreira dificultando, conseqüentemente, a formação de leitores reflexivos. O próprio ambiente escolar não promove um debate acerca da aprendizagem. Há ainda a péssima remuneração do magistério, precariedade dos recursos didáticos, práticas pedagógicas inadequadas. O próprio planejamento pedagógico muitas vezes é baseado em ideias vagas,

fora do contexto social, limitando o professor a uma prática que não condiz com a realidade do aluno.

Nem sempre os professores estabeleceram relações positivas como a leitura; uma grande parte não gosta de ler ou não veem a leitura como prazer e outros se utilizam da leitura apenas para preparar aulas. Se o educador é aquele que tem o papel de formar o aluno, não tem prazer pelo ato de ler, como poderá formar um leitor ativo? Se os professores não forem leitores dificilmente poderá levar os alunos ao encanto dos livros.

A grande maioria dos professores, ao entrar na sala de aula, depara-se com alunos desmotivados, que não gostam de ler e não veem sentido na leitura. Assim, professor desmotivado, desmotiva o aluno, que por sua vez desmotiva o professor. No entanto, muitos professores também já têm se conscientizado quanto a importância de novas práticas na formação do aluno leitor, tendo consciência de que essa formação reflete diretamente na construção da cidadania que gera grandes mudanças para o país.

Para que a instituição escolar cumpra com sua missão de comunicar a leitura como prática social, parece imprescindível uma vez mais atenuar a linha divisória que separa as funções dos participantes na situação didática. Realmente, para comunicar às crianças os comportamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encare na sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participar em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação de 'leitor para leitor'. (LERNER, 2002, p.95).

Cabe a todos entender a formação de leitores como um despertar para o novo, para a autonomia. O professor tem o papel de conduzir o aluno, sendo o espelho de leitor que na maioria das vezes não encontra nos pais. O professor precisa ser um mediador da leitura, criando condições para que os alunos possam ler. Acredita-se que uma mudança efetiva no ensino da leitura não parte de novos métodos pedagógicos, mas da própria postura do professor na sala de aula.

Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura. (BARBOSA, 1994, p.138)

Deve, então, estar atento á diversidade cultural dos alunos, seus aspectos psicológicos, contexto social, para que a leitura possa ser uma alavanca para a promoção social e uma fonte de prazer inigualável. Para isso, o educador deve livrar-se de todo preconceito e estar disposto a mudar, transformar, buscar novos conceitos para aprimorar sua prática educativa. A sala de aula deve ser um ambiente interativo, onde haja discussão e cada um possa fazer a interferência quando achar necessário.

Prática pedagógica no ensino da leitura

Isabel Solé (1998, p. 70-75), em seu livro “Estratégias de leitura”, propõe uma série de estratégias com finalidade de ajudar o professor na prática docente e na formação do leitor. A autora define como estratégia um conjunto de ações voltadas para a execução de uma meta, ou seja, ações selecionadas pelo leitor para atingir seus objetivos. As estratégias de leitura permitem uma atividade planejada sobre o ato de ler e por ser uma atividade metacognitiva, permite conhecer sobre o próprio conhecimento.

Segundo a autora, para uma ação significativa, deve-se haver estratégias prévias à leitura. Assim, o conhecimento prévio do tipo de texto, objetivos da leitura, atualização sobre o conhecimento prévio do leitor, estabelecimento de expectativas quanto o que será lido e formulação de perguntas sobre o texto manterão os alunos atentos.

Para Solé (1998, p.116) durante a leitura, acontece a atividade compreensiva: “a leitura é um processo de emissão e verificação de previsões

que levam a compreensão do texto.” Enquanto se lê, as expectativas do leitor devem ser confirmadas ou substituídas para que, unidas às informações do texto, possa haver compreensão.

Como finalização da leitura, a autora ressalta a importância do ensino da “ideia principal” do texto, ensino do resumo e da formulação e respostas de perguntas. Solé (1998, p. 72) ressalta que as estratégias de leitura precisam ser ensinadas, já que as crianças não nascem sabendo (o desenvolvimento se dá de forma generalizada). As estratégias de leitura precisam ser entendidas e aplicadas em diversas situações cotidianas, em outras palavras, “o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender”. A autora defende, ainda, a ideia de que o ensino da leitura deve acontecer como um processo compartilhado entre professor e aluno, no qual o primeiro deve ser um orientador no sentido de estabelecer um elo entre o conhecimento pessoal do aluno e o conhecimento socialmente estabelecido.

Ainda para Solé (1998, p. 43), para que qualquer pessoa sinta-se envolvido pela atividade da leitura é necessário que ela se sinta capaz de ler e compreender o texto de forma autônoma, a exemplo de autores experientes. Segundo ela, a “leitura de verdade é aquela que temos o controle: relendo, parando para saboreá-lo ou para refletir”.

Para a autora, essa autonomia se dá de forma progressiva, ou seja, o suporte natural que é dado ao aluno-leitor deve ser retirado aos poucos, até que ele possa controlar sua própria aprendizagem. Para que isso ocorra, é necessário entender que o leitor maduro se utiliza de estratégias durante a leitura, o que é feito por meio de atividades diversificadas de leitura.

A escola deve apropriar-se de textos dos mais diversos temas para o ensino da leitura, escolhendo com critério os materiais que serão utilizados, baseando-se sempre que possível em situações reais e mais próximas possível da realidade do aluno. O professor deve planejar o momento de leitura para que seja o mais ideal possível. Além disso, cabe ao educar sempre promover

uma discussão sobre o que se leu e como o conteúdo lido pode ser útil na comunidade em que se está inserido.

As bibliotecas também devem ser espaços onde a leitura seja estimulada. Neves (1998) ao citar Freire (1989, p.223) diz que,

o ato de ler “a” e “na” biblioteca transcende, portanto, ao processo de leitura de sinais gráficos. Envolve, no dizer de Freire (1989) a leitura do mundo. Constitui-se em ação multidimensional que, no momento de sua realização, aciona, no indivíduo que a pratica, uma gama de processos mentais que lhe permitirão apreender, rememorar, associar, compreender, interpretar e assimilar para, em seqüência, reelaborar, de uma ou várias formas, seqüencial ou simultaneamente, a mensagem que se lhe apresenta.

Os alunos apresentam certa dificuldade para se localizar dentro da biblioteca, por isso o professor deve ser um orientador, ajudando na localização de livros, informações, selecionando e refletindo sobre o que se lê.

Não se pode deixar de citar a interdisciplinaridade como fonte de leitura. Outras áreas podem ser utilizadas para garantir ao aluno a habilidade leitora, como por exemplo, leitura de imagens, fotografias, leitura de um quadro, conforme salienta Seffner (1998, p.121):

Uma leitura chama o uso de outras fontes de informação, de outras leituras, possibilitando a articulação de todas as áreas da escola. Uma leitura remete a diferentes fontes de conhecimento, da história à matemática. Nesse sentido, leitura e escrita são tarefas fundamentais da escola e, portanto, de todas as áreas.

Considerando a leitura como algo social, porque não promover dentro da escola atividades que estimulem sua socialização, como projetos de histórias narradas e produzidas pela própria comunidade escolar, recital de poesia ou dramatizações. Também se torna muito interessante a presença constante de jornais e revistas atualizados ou até mesmo o uso da internet como ferramentas de uma reflexão crítica.

Conclusão

A leitura é uma experiência que promove o crescimento pessoal e deve ser um dos mais importantes objetivos da vida escolar. Quando o indivíduo domina a leitura, aumenta a visão que tem do mundo e é motivado a participar ativamente da vida social.

Não há como ter significativa participação social sem ter pleno domínio da leitura, pois vivemos em uma sociedade em que aquele que não lê não possui voz ativa. A leitura abre novos caminhos para o cidadão, pois contribui para busca de conhecimentos. A leitura torna o indivíduo capaz de decidir sobre o que é bom ou não para si e para a sociedade. O leitor reflexivo não se deixa influenciar por opiniões alheias, pois é capaz de selecionar os materiais de leitura, possuindo opinião sobre o que se leu.

A escola precisa deixar antigos conceitos sobre a leitura e estar aberta para uma nova prática pedagógica que promova o desenvolvimento de um leitor crítico e participativo. Para isso, é necessário entender a leitura como um processo que se dá a partir de interações sociais e é um processo íntimo entre leitor – texto – autor. Um texto tem valor diferente para cada leitor, já que ao ler coloca-se toda a experiência daquele que lê, assim como a visão que ele tem acerca de certo conteúdo. O próprio PCN de língua portuguesa aponta a necessidade de um ensino que possibilite o uso da língua no cotidiano do indivíduo e favoreça o acesso aos bens culturais e a participação plena no mundo.

O professor tem papel fundamental na formação do leitor, já que é um dos primeiros a apresentar a leitura para os alunos, mas muitos profissionais não entendem a leitura como potencial transformador, outros se apresentam totalmente desestimulados perante a realidade encontrada no ambiente escolar. Embora a escola apresente muitos problemas, o professor precisa repensar sua prática pedagógica e apresentar-se como um exemplo para seus

alunos, já que dificilmente se formará alunos leitores quando o próprio docente não gosta de ler.

Vista a importância da escola e do professor para a formação de leitores, não se pode esquecer que toda a sociedade deve ser responsável pela leitura, já que é ela mesma que indica o conteúdo a ser discutido.

Com este trabalho, buscou-se refletir sobre a leitura, discutir seus conceitos e sua importância para a sociedade, além de buscar alternativas para a formação de leitores reflexivos e propostas que possibilitem o prazer em ler e favoreçam o entendimento do ler como prática social.

Referências

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. 2ªed. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

CARVALHO, Kátia de. *Disseminação da informação e da biblioteca: passado, presente e futuro*. Salvador. EDUFBA, 2006.

CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

DALLARI, Dalmo. *Direitos humanos e cidadania*. São Paulo: Moderna, 1998.

FOUCAMBERT, Jean. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo: *A importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores associados/ Cortez, 1984.

GARCEZ, L. H. do C. *Técnicas de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KLEIMAN, Angela. *Oficinas de leitura: teoria e prática*. São Paulo: Pontes, 1998.

KOCH, Ingedore G. Vilhaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008. LAJOLO, Marisa. *A leitura literária na escola: Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil colonial*. São Paulo: UNICAMP, 1994.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SEFFNER, Fernando. *Leitura e escrita na história*. In: NEVES, Iara Conceição (org.).

Ler e escrever: compromisso de todas as áreas. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Elementos de pedagogia da leitura*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do Livro, Fim dos Leitores?* São Paulo: Senac, 2001.

O que é o Indicador de Alfabetismo Funcional? Disponível em:

<http://educarparacrescer.abril.com.br/indicadores/materias_295174.shtml>. Acesso em 14/11/2010.

- Metodologias Ativas no âmbito do ensino e aprendizagem (Maria José Nunes Mota; Alessandra Almeida Cavalcante Varella; Dayane Ferreira Amaral Côrtes; Lígia Mara Ormond Pereira; Andréa Bezerra Ferreira)

Metodologias Ativas no âmbito do ensino e aprendizagem

Maria José Nunes Mota

Alessandra Almeida Cavalcante Varella

Dayane Ferreira Amaral Côrtes

Lígia Mara Ormond Pereira

Andréa Bezerra Ferreira

DOI: 10.5281/zenodo.13633075

RESUMO

Este estudo analisa as metodologias ativas no ensino e aprendizagem, evidenciando seus benefícios, desafios e estratégias de implementação. A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) favorece o desenvolvimento de habilidades críticas, autonomia e a conexão entre teoria e prática. A Sala de Aula Invertida aumenta a responsabilidade dos alunos e melhora seu desempenho acadêmico. A Aprendizagem Baseada em Projetos e a Espiral Construtivista otimizam a gestão do tempo, a colaboração e a aplicação prática do conhecimento. O estudo sublinha a importância da formação contínua dos professores e dos investimentos em infraestrutura. Recomenda-se a realização de pesquisas futuras para avaliar a eficácia dessas metodologias em diferentes áreas de conhecimento.

Palavras-chave: Metodologias ativas; Aprendizagem Baseada em Problemas; Formação contínua de professores.

Introdução

O ambiente educacional atual tem experimentado transformações significativas devido à globalização, à digitalização e à entrada das gerações Y e Z no ensino superior e no mercado de trabalho. Essas mudanças exigiram a implementação de novas estratégias pedagógicas que incentivem a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Nesse cenário, as metodologias ativas se destacam como opções promissoras para aprimorar o ensino e a aprendizagem, movendo o foco do modelo tradicional, centrado no professor, para uma abordagem mais voltada para o aluno (SILVA, 2013).

Este artigo tem como objetivo examinar as metodologias ativas no ensino e aprendizagem, destacando seus benefícios, desafios e formas de implementação. A estrutura do texto inclui uma base teórica sobre metodologias ativas, uma análise das obras selecionadas e uma discussão dos resultados encontrados. A metodologia empregada no estudo segue os princípios da pesquisa científica estabelecidos por Marconi e Lakatos (2017), utilizando revisão bibliográfica e análise qualitativa das obras relevantes.

Metodologias ativas na literatura

De acordo com Moran (2015, citado por Arão, Silva e Lima, 2018), a escola tradicional, que adota um modelo uniforme de ensino e avaliação, não se adequa à sociedade do conhecimento, que demanda habilidades cognitivas, pessoais e sociais, além de iniciativa. Com o fácil acesso à informação proporcionado pela internet, a educação vai além dos limites da sala de aula, necessitando de metodologias ativas que favoreçam a interação e a contextualização do conhecimento. Moran (2015, citado por Arão, Silva e Lima, 2018) destaca a importância de envolver os alunos em atividades que estimulem a criatividade e a participação, mobilizando tanto habilidades intelectuais quanto emocionais.

Essas metodologias colocam o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, promovendo sua participação ativa na construção do conhecimento. Abordagens como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) e a Sala de Aula Invertida buscam engajar os alunos na resolução de problemas reais e na utilização de estratégias interativas (ARÃO; SILVA; LIMA, 2018; MERCAT, 2022; SILVA, 2013).

Jean Piaget, com sua teoria construtivista, defende que o conhecimento é construído pelo aluno através de suas interações com o ambiente. Para Piaget, a aprendizagem ocorre quando o aluno consegue incorporar novas informações em suas estruturas cognitivas já existentes (PAIVA et al., 2016). Em contraste, a teoria sociointeracionista de Lev Vygotsky foca na influência

das interações sociais no desenvolvimento cognitivo. Vygotsky sugeriu que o aprendizado é mediado por ferramentas culturais e acontece em um contexto social, onde indivíduos mais capacitados, como professores ou colegas, auxiliam o aluno em seu processo de aprendizagem (LIMA, 2017).

A literatura sobre metodologias ativas apresenta vários modelos que se revelam eficazes em diferentes contextos educacionais, incluindo a Aprendizagem Baseada em Problemas e Projetos (PBL), a Sala de Aula Invertida, a problematização, os estudos de caso e a espiral construtivista.

A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) é uma abordagem ativa que envolve os alunos na resolução de problemas reais, estimulando o aprendizado por meio da investigação e da aplicação prática de conceitos teóricos. Mercat (2022) descreve o PBL como uma metodologia que engaja os alunos em atividades de análise, revisão e avaliação, preparando-os para lidar com desafios complexos. Este estudo destaca que o PBL ajuda os alunos a desenvolverem habilidades críticas e reflexivas, essenciais para um aprendizado profundo. A aplicação do PBL em cursos de engenharia, por exemplo, tem mostrado resultados positivos ao formar profissionais capazes de integrar a resolução de problemas práticos e teóricos.

Lovato, Michelotti e Loreto (2018) confirmam essas observações, ressaltando que o PBL estimula a autonomia dos alunos e a colaboração em equipe. Os autores afirmam que o PBL surgiu na McMaster University Medical School, no Canadá, e tem sido amplamente utilizado em cursos de medicina e engenharia. Essa abordagem motiva os alunos a se responsabilizarem por seu próprio aprendizado, promovendo sua participação em discussões e pesquisas colaborativas para solucionar os problemas propostos.

Os principais benefícios do PBL incluem o aprimoramento das habilidades críticas, a promoção da autonomia e responsabilidade dos alunos, a integração da teoria com a prática e a valorização do trabalho em equipe. O PBL estimula os alunos a desenvolverem o pensamento crítico e a resolverem problemas de maneira independente, aspectos essenciais para a formação de profissionais qualificados (MERCAT, 2022; LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018).

Os alunos são incentivados a tomar a responsabilidade pelo próprio aprendizado, adotando uma postura proativa e independente (LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018). Além disso, o PBL facilita a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, permitindo que os alunos compreendam melhor os conceitos e sua relevância no mundo real (Mercat, 2022). A abordagem também promove a colaboração em equipe, desenvolvendo habilidades de comunicação e cooperação entre os estudantes (LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018).

Contudo, o PBL enfrenta desafios consideráveis. Tanto alunos quanto professores podem demonstrar resistência à adoção dessa abordagem, pois ela requer uma adaptação a um novo modelo de ensino e aprendizagem (Mercat, 2022). Para que o PBL seja implementado com sucesso, é essencial que os professores estejam adequadamente preparados e qualificados para desempenhar o papel de facilitadores do aprendizado (LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018).

Além disso, o PBL pode necessitar de recursos e infraestrutura específicos, como acesso a materiais de pesquisa e ambientes apropriados para atividades em grupo (MERCAT, 2022). A avaliação dos resultados de aprendizagem pode ser mais complexa, demandando métodos de avaliação formativa e contínua (LOVATO; MICHELOTTI; LORETO, 2018).

Pesquisas de Mercat (2022) e de Lovato, Michelotti e Loreto (2018) mostram que, apesar das dificuldades, o PBL proporciona vantagens consideráveis para o desenvolvimento acadêmico e profissional dos alunos. A metodologia incentiva um aprendizado mais envolvente e significativo, capacitando os alunos a lidarem com os desafios do mundo real com habilidades críticas e reflexivas bem desenvolvidas.

A PBL estimula a integração entre diferentes disciplinas, permitindo que os alunos relacionem várias áreas do conhecimento, o que contribui para uma aprendizagem mais completa e contextualizada. Segundo Morales e Costa (2021), além de promover habilidades técnicas, essa abordagem também facilita o desenvolvimento de competências interpessoais, como a

comunicação eficaz e a cooperação, que são fundamentais para o sucesso em ambientes profissionais contemporâneos.

Outra metodologia relevante é a Aprendizagem Baseada em Projetos, conforme discutido por Morales e Costa (2021) e Lima (2017). Esta abordagem envolve os alunos em projetos de longa duração que requerem um planejamento detalhado, execução cuidadosa e avaliação contínua. Esse modelo de aprendizagem é especialmente eficaz para aprimorar habilidades como gestão do tempo, colaboração em equipe e aplicação prática dos conceitos teóricos em situações reais.

Outra metodologia relevante é a Sala de Aula Invertida, que desloca a instrução teórica para fora do ambiente escolar e usa o tempo de aula para atividades práticas e colaborativas. Silva (2013) ressalta que, nessa abordagem, os alunos devem estudar o conteúdo teórico em casa, utilizando recursos como vídeos e leituras fornecidas pelo professor. O tempo em sala é dedicado a discussões, resolução de problemas e outras atividades práticas que ajudam na aplicação do conhecimento teórico. Essa metodologia incentiva um aprendizado mais ativo e participativo, contrastando com o modelo tradicional que foca na transmissão passiva de informações.

Gemignani (2013) confirma essas observações, destacando que a Sala de Aula Invertida eleva a responsabilidade dos alunos pelo seu próprio aprendizado, tornando-os mais autônomos e envolvidos. O papel do professor se transforma em mediador e facilitador, guiando os alunos e promovendo interações esporádicas durante as aulas. Essa abordagem permite a personalização do ensino, possibilitando que cada aluno progrida conforme seu próprio ritmo, o que é especialmente útil em turmas com diferentes níveis de conhecimento.

A implementação da Sala de Aula Invertida tem mostrado efeitos positivos no desempenho dos alunos. Segundo Silva (2013), ao estudarem o conteúdo teórico em casa, os alunos chegam às aulas mais preparados e entusiasmados para participar das atividades práticas. Isso resulta em uma maior participação e interesse nas aulas, além de uma melhoria no desempenho acadêmico. Os alunos relatam uma melhor compreensão dos

conceitos e uma habilidade aprimorada para aplicar o conhecimento em situações práticas.

Gemignani (2013) também observa que a Sala de Aula Invertida favorece o desenvolvimento de habilidades importantes, como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração. Essa metodologia cria um ambiente de aprendizagem mais interativo e dinâmico, incentivando os alunos a colaborarem e a se engajar ativamente no processo educacional. Além de melhorar o desempenho acadêmico, ela prepara os alunos para enfrentar desafios reais, desenvolvendo competências essenciais para a vida e o trabalho.

Os estudos de Silva (2013) e Gemignani (2013) mostram que, apesar dos desafios na implementação, a Sala de Aula Invertida oferece benefícios significativos para a motivação e o desempenho dos alunos, promovendo um aprendizado mais ativo e significativo e melhorando a compreensão e aplicação do conhecimento.

A espiral construtivista, conforme descrita por Lima (2017), é outra metodologia ativa que promove uma integração contínua e dinâmica entre teoria e prática. Organizada em um ciclo de ação-reflexão-ação, essa abordagem permite que os alunos avancem de forma progressiva e colaborativa. A espiral construtivista destaca a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento do conhecimento, alinhando-se com a teoria sociointeracionista de Vygotsky, que valoriza a mediação social para a construção do conhecimento. Essa metodologia não apenas favorece a aquisição de conhecimento de maneira gradual, mas também incentiva os alunos a revisarem e expandir conceitos e experiências anteriores ao longo do tempo.

Essa abordagem valoriza a participação ativa dos alunos, oferecendo-lhes oportunidades para refletir sobre suas ações, ajustar suas estratégias e colaborar com os colegas, resultando em um aprendizado mais profundo e contextualizado. Além disso, a espiral construtivista permite a personalização do ensino, possibilitando que os alunos avancem em seu próprio ritmo, considerando suas experiências anteriores e o contexto social. Dessa forma,

promove uma aprendizagem mais integrada e significativa, que abrange tanto o desenvolvimento individual quanto o coletivo, preparando os alunos para enfrentar desafios complexos em diferentes contextos.

Ao comparar essas metodologias, fica evidente que todas têm em comum o foco na participação ativa dos alunos e na construção colaborativa do conhecimento. Vale destacar que as metodologias ativas se ajustam bem às mudanças e avanços no conhecimento, estimulando o pensamento crítico e a iniciativa, e tornando o aprendizado mais interessante e enriquecedor. Além disso, permitem que os professores identifiquem as dificuldades e as potencialidades de cada aluno, possibilitando uma atualização e aprimoramento das suas práticas pedagógicas (ARÃO; SILVA; LIMA, 2018).

Considerações Finais

A literatura revela que as metodologias ativas oferecem benefícios consideráveis no ensino e aprendizagem, embora também apresentem alguns desafios. A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL) é particularmente eficaz em desenvolver habilidades críticas, promover a autonomia dos alunos e fazer a integração entre teoria e prática de forma eficiente. A Sala de Aula Invertida, por outro lado, melhora a responsabilidade dos alunos pelo próprio aprendizado e contribui para um melhor desempenho acadêmico. A Aprendizagem Baseada em Projetos ajuda a aprimorar a gestão do tempo e o trabalho em equipe, além de facilitar a aplicação prática do conhecimento teórico. Já a espiral construtivista, com seu ciclo de ação-reflexão-ação, promove um aprendizado gradual e colaborativo, valorizando o contexto social e cultural no ensino superior.

Lovato, Michelotti e Loreto (2018) apontam que a adoção do PBL pode enfrentar resistência dos professores devido à necessidade de adaptação a um novo modelo pedagógico e à necessidade de infraestrutura apropriada, como espaços para trabalho em grupo e materiais de pesquisa. Lima (2017) enfatiza a importância da formação contínua dos professores para que possam atuar

efetivamente como facilitadores, sugerindo a implementação de programas de desenvolvimento profissional para superar essas barreiras.

Para superar esses desafios, o apoio institucional é essencial para facilitar a transição das práticas tradicionais para metodologias mais interativas e dinâmicas. É recomendado realizar estudos empíricos futuros para avaliar como as metodologias ativas funcionam em diferentes contextos e disciplinas. Além disso, é importante investigar as melhores práticas para a formação dos docentes e a adaptação dessas metodologias às necessidades específicas de cada instituição. Estudos de longo prazo podem oferecer insights sobre o impacto dessas metodologias no desempenho acadêmico e no desenvolvimento de competências ao longo do tempo.

Referências

ARÃO, Martuse Sousa Ramos; SILVA, Alene Mara França Sanches; LIMA, Isabela Araújo. A metodologia ativa no processo ensino-aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em:

<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46031>>. Acesso em: 30/08/2024.

GEMIGNANI, Elizabeth Yu Me Yut. Formação de professores e metodologias ativas de ensino-aprendizagem: ensinar para a compreensão. **Fronteiras da Educação**, v. 1, n. 2, 2013.

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 421-434, 2017.

LOVATO, Fabricio Luís; MICHELOTTI, Angela; LORETO, Elgion Lucio da Silva. Metodologias ativas de aprendizagem: uma breve revisão. **Acta Scientiae**, v. 20, n. 2, 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERCAT, Christian. Introduction to active learning techniques. **Open Education Studies**, v. 4, n. 1, p. 161-172, 2022.

MORALES, Miriane Timm; COSTA, César Augusto. APRENDIZAGEM ATIVA: PERSPECTIVAS PARA UMA APRENDIZAGEM CRÍTICA. **PhD Scientific Review**, v. 1, n. 06, p. 32-50, 2021.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem ativa com significado. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 29, n. 2, p. 405-416, 2022.

SILVA, Salete. Aprendizagem ativa. **Revista Ensino. Editora Segmento. Edição**, v. 257, 2013.

- O brincar nas séries iniciais (Rosivane Santana Faria Silva; Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Roselene de Jesus Motta da Silva)

O brincar nas séries iniciais

Rosivane Santana Faria Silva

Thelma Pires Geronimo Motta

Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva

Roselene de Jesus Motta da Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13646372

Introdução

O brincar é uma forma privilegiada de aprendizagem, pois é nesse ato que as crianças trazem para suas brincadeiras o que veem, escutam, observam e experimentam. Então, trabalhar brincando, ensinar brincando e aprender brincando é uma das formas mais prazerosas de atuar dentro da sala de aula.

Trabalhar com o lúdico em sala de aula não significa que o professor não leva o seu trabalho a sério. É apenas através de outra metodologia. Portanto, faz-se necessário abordarmos o papel do lúdico no processo de ensino-aprendizagem, bem como sua relação com as outras áreas do conhecimento.

Hoje quem mais tem acesso às brincadeiras antigas, são as crianças dos bairros distantes, das periferias. Já as crianças dos centros das cidades têm acesso mais aos brinquedos eletrônicos até mesmo pela situação econômica e cultural.

Por meio do brinquedo educativo, o pedagógico aparece justaposto ao lúdico passando a ser visto como um objeto sério e não um objeto que as crianças usam para divertir e ocupar o tempo.

A conduta lúdica da criança apresenta por meio do jogo/brincadeira oferece oportunidade para experimentar comportamentos que em situações

normais não seriam possíveis. Aponta a potencialidade da brincadeira para a descoberta de regrase para a aquisição da linguagem.

Os jogos apontam-se como uma possibilidade mediadora no processo de aprendizagem exigindo habilidades, competências e atitudes diferenciadas de alunose professores.

Na Educação Especial é comum vermos as crianças brincando e cantando na maioria do tempo em que está na escola, nesse sentido o que pensam os professores sobre o lúdico e o seu significado pedagógico? Saberiam eles indicar o objetivo que pretendem alcançar com cada uma das atividades por eles propostas?

Acreditamos que os professores reconhecem a importância do lúdico, no entanto, alguns não associam necessariamente as atividades propostas ao que elas poderão desenvolver na criança.

Desenvolvimento

Buscando compreender a origem dos jogos e dos brinquedos certamente nos depararemos com uma história fantástica de como eles surgiram na sociedade e também com algumas dificuldades entre elas a falta de registro, a pobreza de informações da época do seu surgimento e até mesmo a compreensão sobre o significado do termo e de quando essa pratica lúdica foi introduzida no ambiente escolar e na sociedade.

Nesse sentido é bom compreendermos para que possamos entender qual é defato o conceito que temos sobre o jogo e brincadeira? Qual a sua importância para o desenvolvimento e socialização da criança no espaço escolar? Sua importância no processo de ensino aprendizagem das crianças?

Diante disso procuramos responder ao longo do trabalho esses questionamentos abordando alguns autores que nos auxiliaram através de seus estudos e obras publicadas.

Com tantos significados aplicado ao lúdico em diferentes contextos já visto até agora, aqui a palavra jogo será utilizada como sinônimo de brincadeira, independente das diferenças existente entre eles. Por outro lado, brinquedos são objetos que utilizamos de aportes para que as brincadeiras possam ser desenvolvidas de forma mais prazerosa a significativa.

O jogo é uma manifestação importante, otimista, alegre, espontânea e de socialização. Uma energia vital que vem acompanhada de significados, sonhos, espontaneidade, alegria e manifestações que favorece o ensino aprendizagem das crianças através da valorização da cultura, do prazer em brincar, da solução e resolução de problemas e da socialização com os outros sujeitos envolvidos no processo. A universalidade e a temporalidade foram ao longo do tempo transformando o jogo, a brincadeira e o brinquedo em atividades peculiares, comuns em todas as sociedades.

A ludicidade/jogos tem sua origem através da cultura, pois consistem em representações das diferentes realidades e o modo de vida de um determinado povo, de onde elas se originaram locais em que os adultos e as crianças aprendiam coletivamente.

Embora, a ação de brincar seja considerada algo natural da criança e é um de seus direitos fundamentais para o seu desenvolvimento, convivência e interação, ela parece ter se constituído em uma atividade apenas para a criança e não para a humanidade de forma geral.

Os espaços para atividades lúdicas são necessidades básicas além de ser um direito do cidadão ao lazer e que deve haver em todas as instituições de ensino. Através do lúdico os alunos podem desenvolver várias atividades escolares, exercitando o seu corpo através de vários movimentos por estarem atuante no processo de ensino aprendizagem.

Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a elas para todos nós precisaser um processo constante e um posicionamento que deve ser adotado por toda a escola. O lúdico como prática escolar vai além de um simples momento de recreação e diversão em que muitas das vezes são utilizados apenas para entreter as crianças ou para passar o tempo.

Na prática constante com o lúdico é que se pode trabalhar as relações de gênero ainda muito mal discutida nas instituições de ensino. Em muitas delas ainda há uma presença constante de brincadeiras separadas de meninos e meninas, predominando o machismo e o sexismo em sala de aula.

Compreendemos que desde bebê todos nós já brincamos seja com as mãos batendo palmas ou segurando os pés e colocando-os na boca. Então o brincar acompanha o ser humano desde o seu nascimento e deve ser considerado uma prática educativa, até porque depois com o passar do tempo a criança vai aprendendo que não se pode colocar os pés na boca ou fazer alguma outra coisa que quando era criança achava engraçado.

Assim ela vai desenvolvendo desse modo movimentos que lhe permitem uma atuação mais autônoma no seu meio, tanto em relação às possibilidades de um deslocamento e de expressão quanto na perspectiva do autocuidado. Vai progressivamente se apropriando de ações, gestos e de um repertório de atividades culturais que lhe permitem compreender as relações sociais e afetivas que o ser humano estabelece entre si e com a natureza e a criança vai se constituindo como sujeito no mundo social e natural.

Nesse sentido a linguagem corporal se manifesta por meio do gesto, da expressão facial, da mímica, dos diversos deslocamentos no espaço, das explorações dos objetos, das brincadeiras, dos costumes e práticas sociais, permitindo aos sujeitos que ingressam no mundo, conhecerem a origem sobre ele, mobilizando as pessoas, construindo e partilhando significados.

Práticas como essas precisam ter um destaque importante nas instituições de ensino, já que ali é um espaço de vivências, de troca de

saberes, de experiências, de socialização, de relações de gêneros, de hábitos culturais e sociais.

Brasil (2013, p.116) destaca que: “não cabe aqui o uso da falta de tempo comodesculpa para que o lúdico seja visto como uma prática que deve ser valorizada pela escola. Ou dizer que tem outras coisas mais importantes para ser trabalhada em sala de aula”. O brincar não é só alegria, é a grande oportunidade de a criança aprender pela própria experiência em vai exercitando sua cidadania e a compreensão do relacionamento e do respeito ao outro.

A cada idade há um jeito novo de brincar, a cada família uma experiência cultural diferente. Essas experiências interessantíssimas acontecem de país em país, de continente em continente e em todos os lugares o no ambiente em que ela mais acontece é na escola, sendo ela um lugar de relação social e de culturas diferentes.

A escola é um espaço privilegiado para o processo de socialização das crianças bem como para a troca de conhecimentos entre todos os envolvidos nesse ambiente de formação. Esse espaço de formação e reflexão onde as práticas educativas desenvolvidas influenciam a sociedade e por ela também são determinadas em um grande movimento constante de ida e vinda. Sendo assim, é fundamental garantir que a escola seja um ambiente prazeroso, que se torne um lugar privilegiado da infância, o espaço onde todos possam ser atores, crianças, jovens, as famílias e os professores, funcionários e dirigentes sintam-se parte de um projeto maior que é coletivo e que vai sendo construído com a participação de todos.

O desafio maior que se coloca é aproximar, integrar, valorizar a criança, sendo ela a maior protagonista do processo educativo, que precisa ter acesso as produções culturais e ao patrimônio criado pela humanidade de forma dinâmica, prazerosa, construindo conhecimento, autonomia, autoestima, princípios e valores para atuar na realidade em que vive contribuindo como sujeitos históricos.

Para Delchiaro (2013, p.54). “A busca por uma escola onde crianças e adultos sejam autores de suas histórias requer mudanças nas formas de pensar e de agir, mas também exige clareza do caminho que se quer seguir. Portanto, será necessário aprofundar algumas concepções imprescindíveis para que possamos garantir as crianças que o espaço escolar seja também um espaço da infância.”

As escolas precisam tornar-se ambientes agradáveis, lúdicos, convidativos ao estudo e pesquisa que garantam o direito de as crianças viverem uma infância saudável num espaço público pensado intencionalmente para aprender a trocarsaberes, brincar, criar, recriar, pesquisar. Para que isso aconteça esse espaço educativo precisa ser reestruturado e reorganizado, rompendo com o modelo clássico das antigas carteiras enfileiradas.

As concepções que embasam essas necessidades de mudanças precisam estar fundamentadas em garantir um ambiente acolhedor, dinâmico, lúdico, que favoreça a autoestima, a participação, a expressão e que o professor possa garantir o conhecimento de cada aluno, o acesso a cultura e as novas aprendizagens, tendo como ponto de apoio as interações, as vivências, a convivência, com propostas coletivas que garanta um ambiente acolhedor, humanizador, integrador e desafiador. Nesse sentido a linguagem corporal se manifesta por meio do gesto, da expressão facial, da mímica, dos diversos deslocamentos no espaço, das explorações dos objetos, das brincadeiras, dos costumes e práticas sociais, permitindo aos sujeitos que ingressam no mundo, conhecerem a origem sobre ele, mobilizando as pessoas, construindo e partilhando significados.

O ser humano busca na ação, imitação, representação, novas formas de compreender o meio onde vive e entender o seu contexto social, político, econômico e cultural, procurando de certa forma transformar a sua realidade.

A criança nem sempre ocupou um papel de transformação da sociedade em outros tempos eram consideradas apenas adultos em miniaturas que não tinham capacidades e nem inteligência.

Os termos crianças e infância podem ser considerados como sinônimos, porém existem algumas diferenças que precisam ser analisadas.

A criança era tida como uma espécie de instrumento manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento que elas apresentavam independência física, eram logo inserida no mundo adulto. Ela não passava pelos estágios da infância estabelecidos pela sociedade como vemos hoje.

Na modernidade surgiu a preocupação com a educação moral, pedagógica e com o comportamento no meio social. Isso nos leva a perceber que houve todo um processo histórico até a sociedade vir a valorizar a infância.

Partindo do conceito de infância e de que as crianças são sujeitas com potencialidades que constrói sua história destacaremos a importância do jogo, brincadeira para as crianças compreender o mundo e a realidade onde vive.

É difícil imaginar uma criança que não gosta de brincar, de criar, de sonhar e de inventar. Basta deixarmos as crianças brincar que o desenvolvimento acontecerá.

A abordagem construtivista considera o brincar um elemento fundamental para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, dado que esse seria uma forma da criança resolver problemas e/ ou situações problemas que surgem a partir de sua interação com o meio. Com isso, valoriza-se a presença do jogo como espaço educativo da criança na educação infantil. [...] (SOMMERHALDER & ALVES, 2013 p.51).

A ligação entre a criança e a atividade lúdica é intensa e precisa ser aproveitada pelo professor e pela escola de forma a valorizar o aluno que está naquele ambiente esperando para ser visto e respeitado.

O acolhimento do jogo significa o acolhimento da cultura lúdica infantil, o que remete a compartilhar suas brincadeiras, seus jogos, seus hábitos e suas culturas.

A arte de brincar está cada dia sendo reduzida aos seres humanos e isso tem prejudicado gradativamente a formação do sujeito como ser social,

pois o lúdico leva o indivíduo a fantasiar, criar, pensar, sonhar e interagir com as outras pessoas.

Quando a criança desde muito cedo tem acesso a ludicidade seja na escola ou na comunidade onde vive ela consegue ter uma formação humana como sujeito solidário, crítico, participativo, vai adquirindo valores e se preocupará em ajudar a sociedade de forma honesta, pois desde cedo aprende a compartilhar, a imaginar, a aceitar regras e resultados, esperar sua vez, lidar com frustração e elevar o nível de motivação, a contribuir e a respeitar o outro sem distinção de classe econômica, social e cultural.

O lúdico é fundamental na vida que qualquer ser humano seja ele criança ou adulto. É importante darmos valor a esse momento tão especial que é brincar, pois de certa forma por mais simples que seja a brincadeira a gente aprende com ela.

O jogo precisa ser vivido a todo o momento nas instituições educacionais, precisa ser ações vividas e sentidas, cheio de fantasias e imaginação, trazendo todos os sonhos para o instante, realidade atual.

O educador precisa desde o início de sua formação compreender a importância da ludicidade para os seus educandos, percebendo que essas práticas ajudam a criança a se desenvolver de forma coerente e solidária, ajuda no raciocínio e na forma de relacionamento com os colegas, família e sociedade.

Hoje ser professor é um desafio muito grande por falta de valorização do Estado e pelo avanço da modernidade que o mundo se encontra. Ele precisa se reciclar e se desafiar a todo instante, pesquisar, inovar, aperfeiçoar e melhorar a sua prática pedagógica.

Considerações finais

O lúdico ajuda o novo educador a melhorar a sua prática pedagógica e sair darotina, é preciso ele se entregar a esse prazer que é brincar ensinando e aprendendo. Tem de despertar nas crianças, ou melhor, resgatar aquilo que foi perdido com o avanço da tecnologia.

As crianças em idade escolar têm necessidade de se movimentarem e contribuir com o desenvolvimento da corporeidade infantil é uma ação determinante na atividade escolar. O educador pode ajudar através do lúdico essas crianças a compreenderem sobre coordenação, movimento, disciplina, respeito convivência e cooperação.

Na escola é preciso que seja resgatado o lúdico na experiência coletiva para que as crianças possam desde pequenas a conviver com uma socialização sabia, sem discriminação, respeitando o tempo e a particularidade de cada sujeito envolvido nesse processo de ludicidade que é tão importante para a formação. Recuperar o lúdico é antes de tudo, recompor o momento e o tempo comum, é recuperar a experiência coletiva e individual.

Referências

ALENCAR, E. M. L. S. (1995). **Criatividade**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

ARAÚJO, Viviane Patricia Colloca.; SILVA, Cristiane Rodrigues da.; MIRANDA, Nonato Assis de. **Escola, Currículo e Cultura**. São Paulo, 2014.

AQUINO, Júlio Groppa. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: AQUINO, J. G. (org.) *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santo e Telmo Mourinho Baptista. Porto Editora, 1994.

BORUCHOVITCH, E. (1993). **A Psicologia cognitiva e a metacognição**: Novas perspectivas para o fracasso escolar brasileiro. *Tecnologia Educacional*, 22 (110/111),22-28.

E. (1994) - As variáveis psicológicas e o processo de aprendizagem: uma contribuição para a psicologia escolar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 10 (1),129-39.de Campinas, 133p.

E. (1995). **A identificação e o estudo das variáveis associadas ao fracasso escolar brasileiro. Projeto de pesquisa** (CNPq-Processo n.300162/95-2).

BRANDÃO, Ana Carolina Perusi.; ROSA, Ester Calland de Souza (Org.) **LER E ESCREVER NA EDUCAÇÃO INFANTIL**- Discutindo práticas pedagógicas, Belo Horizonte,2013.

BRASIL. Carta fundamental. A revista do professor- **Lúdica história: o que os jogos nos ensinam sobre as civilizações que os criaram**. FNDE, 2014.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS – Educação Física. Brasília, ed.- Brasília, v.7, 2001.

Ministerio da Educação. Secretaria de Educação.
Programa de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Brasília, 2013.

Ministerio da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e tecnológica. Conselho Nacional da educação Básica.-
Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília, 2013.

BROWN, A. L. (1997). **Transforming school into communities of thinking and learning about serious matters**. *American Psychologist*, 52, 399-413.

CAMACHO, Adilson Rodrigues.; MANZALLI, Maurício Felipe. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: Editora Sol, 2014.

CARLOTO, CÁSSIA MARIA. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Serviço Social em Revista, Londrina, V. 3, n, 2, p.201213,2001.

CLARK, M.C.; PETERSON, P.L. Procesos de pensamiento de los docentes. In: WITTROCK, M.C. **La investigación de la enseñanza III. Profesores y alumnos**. Barcelona: Paidós, 1990. Pp.443-539.

COSTA RIBEIRO, S. (1991). **A pedagogia da repetência**. Estudos Avançados, 5(12),7-21.

Da Silva A.L. & Sá, L. (1997). Saber estudar e estudar para saber. **Coleção Ciências da Educação**. Porto, Portugal: Porto Editora.

DELCHIARO, Eliana Chiavone. **Orientação e Prática de Projetos de Ensino Fundamental**. São Paulo: Editora Sol, 2013.

ANGULO, L.M.V. **Conocimiento, creencias y teorías de los profesores**. Alcoy: Editorial Marfil. 1988, pp.87-96.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FREIRE, Paulo. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA. Saberes necessários a prática educativa**. São paulo: Editora Paz e Terra, 11ª Edição. 1999.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil –Observação, adequação e inclusão**. 1ª edição, São Paulo, 2013.

FONSECA, V. (1995). **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas.

V. (2008). **Manual de Observação Psicomotora: Significação Psiconeurológica dos Fatores Psicomotores**. Porto Alegre: Artes Médicas.

J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC 2002. Apostila,

Gil. A. C. *Metodos e Tecnicas De Pesquisa Social*. 5º ed. São Paulo, Atlas, 1999.

GASBARRO, Ana Lúcia Marques. **Estrutura e Organização da Escola de Educação Infantil**, ed. Sol, São Paulo, 2011.

GARCIA, J.N. **Manual das dificuldades de aprendizagem – Linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIMA, R. Palmada educa? São Paulo: **Revista espaço acadêmico**, n 42, ISSN 1519.6186, ano IV, 2004.

LUKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999. (Coleção Ciências da Educação – século XXI)._. A formação de professores: novas perspectivas baseadas na investigação sobre o pensamento do professor. In: NÓVOA, A. (org.) **Os Professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. pp.51-75.

Mello, G.N. (1983). *Magistério de 1o Grau: **Da competência técnica a compromisso político***. São Paulo, Cortez.

MIZUKAMI, M.G.N. *etalli*. A reflexão sobre a ação pedagógica como estratégia de modificação da escola pública elementar numa perspectiva de formação continuada no local de trabalho. In: **Anais do IX ENDIPE**. Águas de Lindóia, SP, 1998. pp.490509

MOREIRA, Técia de Tasso. **Metodologia de Arte e Movimento: corporeidade**. São Paulo: Editora Sol, 2012.

NEVES, M. B. J. & ALMEIDA, S. F. C. (1996). **O fracasso escolar na 5ª série, na perspectiva de alunos repetentes, seus pais e professores.** *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(2), 147-156.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosimery do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem**, 2ª Edição, 2011.

- O ensino da matemática na Base Nacional Comum curricular: críticas e reflexões (Andréa Bezerra Ferreira; Dayane Ferreira Amaral Côrtes; Flávia Michelle Ferreira Oliveira; Lígia Mara Ormond Pereira; Maria José Nunes Mota)

O ensino da matemática na Base Nacional Comum curricular: críticas e reflexões

Andréa Bezerra Ferreira

Dayane Ferreira Amaral Côrtes

Flávia Michelle Ferreira Oliveira

Lígia Mara Ormond Pereira

Maria José Nunes Mota

DOI: 10.5281/zenodo.13854833

RESUMO

O ensino de matemática é crucial para o desenvolvimento cognitivo e social dos alunos, desempenhando um papel central na formação de cidadãos críticos e competentes. A escola, como espaço privilegiado de promoção do conhecimento, enfrenta desafios significativos na implementação de diretrizes curriculares e na superação de desigualdades educacionais. Este estudo analisa o ensino de matemática no Brasil com base nos resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) dos anos de 2011, 2015, 2017, 2019 e 2021. Os dados revelam uma evolução moderada nas médias de proficiência, com melhorias pontuais, mas também evidenciam desigualdades regionais persistentes e impactos negativos da pandemia de COVID-19 no desempenho dos alunos. Críticas à BNCC apontam para a falta de clareza nas orientações, excesso de conteúdo e insuficiente ênfase na resolução de problemas e aplicação dos conceitos matemáticos na realidade (Lira, 2018; Andrade e Moreira, 2019; Santos, 2021). A análise destaca a necessidade de políticas públicas inclusivas e formação contínua dos professores para promover uma educação matemática equitativa e de qualidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento cognitivo e social. Promoção do conhecimento. Superação de desigualdades

O ensino de matemática no Brasil enfrenta desafios significativos que impactam diretamente a formação dos estudantes e a qualidade da educação básica. A matemática, como disciplina fundamental, está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo e ao raciocínio lógico dos alunos. No contexto brasileiro, a implementação de avaliações externas, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), desempenha um papel crucial na análise da qualidade educacional. O SAEB fornece dados essenciais que

permitem a formulação de políticas públicas e a implementação de práticas pedagógicas voltadas para o aprimoramento do ensino e da aprendizagem da matemática.

Este estudo tem como objetivo principal realizar uma análise crítica do ensino de matemática no Brasil, utilizando os dados fornecidos pelos relatórios do SAEB. Para tanto, serão identificadas tendências nos resultados das avaliações de matemática ao longo dos anos, destacando possíveis avanços ou retrocessos. Além disso, o estudo examinará os desafios enfrentados pelos professores na prática pedagógica, considerando suas percepções sobre o impacto das avaliações externas. Será explorada também a utilização de tecnologias digitais como ferramentas didático-pedagógicas no ensino de matemática, avaliando seu potencial de transformação no contexto educacional. Por fim, discutirá a aplicabilidade da Educação Matemática Crítica (EMC), enfatizando suas contribuições para o desenvolvimento de habilidades matemáticas, políticas e sociais.

A relevância deste estudo reside na necessidade de aprimorar a qualidade do ensino de matemática no Brasil, fundamental para o desenvolvimento educacional e social dos estudantes. A análise crítica dos resultados do SAEB permitirá identificar áreas que necessitam de melhorias e propor intervenções pedagógicas que promovam uma educação mais equitativa. Além disso, compreender a percepção dos professores e explorar o uso de tecnologias digitais no ensino de matemática são aspectos essenciais para a formulação de políticas públicas que busquem uma educação mais inclusiva e transformadora. A discussão sobre a Educação Matemática Crítica oferece uma perspectiva teórica que pode enriquecer o debate sobre as práticas pedagógicas e suas implicações para a formação cidadã dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece diretrizes para o ensino de matemática no Brasil, visando garantir uma formação sólida e equitativa para todos os alunos. Andrade & Moreira (2019) destacam que a BNCC busca uniformizar os conteúdos e competências essenciais que devem ser desenvolvidos ao longo da educação básica, promovendo um currículo integrado e contextualizado.

Segundo Lira (2018), a implementação da BNCC implica uma revisão das práticas pedagógicas e da formação docente, exigindo que os professores se adaptem a novas metodologias de ensino que favoreçam o desenvolvimento do pensamento crítico e a aplicação prática dos conhecimentos matemáticos. As diretrizes da BNCC também enfatizam a importância da resolução de problemas e do raciocínio lógico, preparando os alunos para enfrentar os desafios da vida cotidiana e do mundo do trabalho.

No campo das teorias de ensino e aprendizagem de matemática, a abordagem etnomatemática proposta por Ubiratan D'Ambrósio (1998) destaca a importância de contextualizar o ensino da matemática nas práticas culturais dos alunos. D'Ambrósio argumenta que a matemática deve ser compreendida como uma construção humana, presente em todas as culturas e contextos sociais. A etnomatemática valoriza os conhecimentos matemáticos tradicionais e busca integrá-los ao currículo escolar, promovendo uma educação mais inclusiva e relevante.

Por outro lado, Paulo Freire (1970), com sua pedagogia crítica, enfatiza a necessidade de uma educação que promova a conscientização e a transformação social. Freire critica o modelo tradicional de ensino, que considera opressor e alienante, propondo uma pedagogia que valorize o diálogo, a reflexão e a participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem.

As avaliações externas, como o SAEB, desempenham um papel crucial na análise da qualidade da educação no Brasil. Essas avaliações fornecem dados que permitem identificar problemas e direcionar políticas públicas voltadas para a melhoria do ensino. O conceito de qualidade da educação, entretanto, é complexo e multifacetado, indo além dos resultados obtidos em testes padronizados. Veríssimo (2021) critica a dependência excessiva das avaliações externas como indicadores exclusivos de qualidade, argumentando que muitas vezes elas não consideram o contexto sociocultural dos estudantes. No entanto, ela também reconhece que essas avaliações podem fornecer informações valiosas para a formulação de políticas educacionais mais equitativas.

Santos (2017), ao discutir a Educação Matemática Crítica, destaca a importância de uma abordagem pedagógica que considere as dimensões políticas e sociais do conhecimento matemático. A Educação Matemática Crítica visa desenvolver nos alunos habilidades que vão além do conhecimento técnico, preparando-os para serem cidadãos críticos e participativos.

Este estudo adota uma abordagem descritiva e analítica para examinar o ensino de matemática no Brasil, utilizando dados fornecidos pelos relatórios do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) dos anos de 2011, 2015, 2017, 2019 e 2021. A pesquisa descritiva detalha e caracteriza o cenário atual do ensino de matemática com base nos dados do SAEB, enquanto a análise comparativa examina mudanças e padrões ao longo do tempo, conforme os fundamentos apresentados por Marconi e Lakatos (2017).

A análise dos dados segue uma abordagem comparativa. Primeiramente, comparam-se as médias de proficiência em matemática entre os anos de 2011, 2015, 2017, 2019 e 2021, destacando variações e possíveis fatores contribuintes para essas mudanças. Em seguida, avalia-se a distribuição percentual dos alunos por níveis de proficiência nos diferentes anos, identificando tendências de melhoria ou declínio. O desempenho dos alunos em diferentes regiões do Brasil e em diferentes tipos de escolas também é comparado, buscando identificar desigualdades regionais e administrativas. Por fim, são investigados os efeitos da pandemia de COVID-19 sobre o desempenho dos alunos em 2021, com base nos dados fornecidos pelos relatórios e em informações adicionais sobre a adaptação das práticas pedagógicas durante este período.

A metodologia descrita proporciona uma estrutura robusta para a análise crítica do ensino de matemática no Brasil, utilizando os dados do SAEB como base empírica. Ao combinar uma abordagem descritiva com análises comparativas, este estudo busca oferecer uma visão aprofundada sobre as tendências e os desafios enfrentados no ensino de matemática, além de sugerir caminhos para a melhoria contínua da educação matemática no país.

Os dados dos relatórios do SAEB de 2011 a 2021 fornecem uma visão detalhada sobre o desempenho dos alunos em matemática em diferentes

níveis de ensino. Em 2011, a média nacional de proficiência em matemática no 5º ano do ensino fundamental foi de 221 pontos, enquanto no 9º ano foi de 256 pontos e no ensino médio foi de 267 pontos. Em 2015, a média para o 5º ano foi de 219 pontos, no 9º ano foi de 256 pontos e no ensino médio permaneceu em 267 pontos. Em 2017, a média no 5º ano subiu para 224 pontos, no 9º ano foi de 262 pontos e no ensino médio foi de 267 pontos. Em 2019, as médias foram de 220 pontos no 5º ano, 259 pontos no 9º ano e 270 pontos no ensino médio. Finalmente, em 2021, as médias foram de 219 pontos no 5º ano, 256 pontos no 9º ano e 267 pontos no ensino médio.

Tabela 1 - Médias de Proficiência em Matemática (SAEB 2011-2021)

no	5º Ano Ensino Fundament al (EF)	9º Ano Ensino Fundament al (EF)	3ª Série Ensino Médio (EM)	Observações
011	221	256	267	Desempenho inicial, com disparidades regionais significativas.
015	219	256	267	Pequena queda na proficiência do 5º ano, manutenção das médias nos outros níveis.
017	224	262	267	Melhoria pontual nas médias de proficiência, especialmente no 5º e 9º anos.
019	220	259	270	Melhoria contínua nas médias, com

				destaque para o ensino médio.
021	219	256	267	Impacto da pandemia de COVID-19 resultando em queda nas médias de proficiência, aumento das desigualdades.

Legenda:

- EF: Ensino Fundamental
- EM: Ensino Médio

Fonte: Dados adaptados dos relatórios do SAEB (INEP, 2011, 2015, 2017, 2019, 2021).

A análise das médias de proficiência ao longo dos anos mostra variações moderadas, com algumas melhorias pontuais, especialmente entre 2017 e 2019. No entanto, a pandemia de COVID-19 em 2021 interrompeu essa tendência, resultando em uma ligeira queda nas médias de proficiência. A distribuição dos alunos por níveis de proficiência também revela disparidades significativas, com uma porcentagem considerável de alunos situando-se nos níveis mais baixos de proficiência, especialmente nas regiões Norte e Nordeste.

Comparando os resultados ao longo dos anos, observa-se que, embora tenha havido algumas melhorias nas médias de proficiência, estas não foram suficientes para reduzir significativamente as desigualdades regionais e administrativas. A evolução dos resultados indica que as políticas educacionais implementadas ao longo da década tiveram um impacto limitado na melhoria do desempenho em matemática dos alunos.

A comparação dos desempenhos entre diferentes regiões e tipos de escolas revela disparidades significativas. Estados das regiões Sudeste e Sul, como São Paulo, Paraná e Santa Catarina, consistentemente apresentaram as maiores médias de proficiência. Em contraste, estados das regiões Norte e

Nordeste, como Maranhão, Alagoas e Pará, registraram as menores médias. Além disso, as escolas privadas tendem a apresentar melhores resultados em comparação com as escolas públicas, refletindo desigualdades no acesso a recursos educacionais e qualidade de ensino.

A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo no desempenho dos alunos em 2021. A transição para o ensino remoto, a falta de acesso equitativo à tecnologia e as condições socioeconômicas adversas exacerbaram as desigualdades existentes. Os dados de 2021 mostram uma estagnação ou ligeira queda nas médias de proficiência em matemática, indicando que a pandemia afetou negativamente a aprendizagem dos alunos. Estados com infraestrutura educacional mais precária foram os mais impactados, evidenciando a necessidade urgente de políticas públicas que mitiguem os efeitos da pandemia e promovam a equidade no acesso à educação de qualidade.

A análise dos resultados dos relatórios do SAEB de 2011 a 2021 revela tendências importantes no desempenho dos alunos em matemática. Houve melhorias pontuais nas médias de proficiência, especialmente entre 2017 e 2019, mas o progresso geral foi moderado. A pandemia de COVID-19 em 2021 trouxe uma estagnação ou queda nas médias, evidenciando a vulnerabilidade do sistema educacional frente a crises. A comparação ao longo dos anos mostra que, apesar das iniciativas políticas e educacionais, os desafios persistem, principalmente em relação à equidade e ao acesso a uma educação de qualidade.

As desigualdades regionais e administrativas são uma constante nos resultados do SAEB. Estados das regiões Sudeste e Sul consistentemente apresentam melhores desempenhos em comparação com estados das regiões Norte e Nordeste. Essa disparidade reflete diferenças socioeconômicas, qualidade da infraestrutura escolar, formação e valorização dos professores, e acesso a recursos educacionais. Além disso, as escolas privadas tendem a apresentar melhores resultados em comparação com as escolas públicas, indicando uma desigualdade de oportunidades entre os alunos.

A percepção dos professores sobre o impacto do SAEB na prática pedagógica é mista. Alguns docentes reconhecem a importância das avaliações externas como ferramenta para identificar deficiências no aprendizado e orientar políticas públicas. No entanto, muitos professores criticam o uso excessivo dessas avaliações como única medida de qualidade educacional. A pressão para "ensinar para o teste" pode limitar práticas pedagógicas mais criativas e inclusivas. A formação contínua dos professores e a valorização do seu papel são apontadas como fundamentais para a melhoria do ensino de matemática.

A pandemia de COVID-19 acelerou a adoção de tecnologias digitais no ensino de matemática. O ensino remoto se tornou uma necessidade, e ferramentas digitais passaram a ser amplamente utilizadas para manter o processo de ensino-aprendizagem. Embora as tecnologias digitais tenham potencial para enriquecer o ensino, sua eficácia depende do acesso equitativo a dispositivos e à internet, bem como da formação adequada dos professores para utilizar essas ferramentas de maneira pedagógica. A desigualdade no acesso à tecnologia exacerbou as disparidades educacionais, especialmente em regiões menos favorecidas.

A Educação Matemática Crítica (EMC) propõe uma abordagem que vai além do ensino tradicional, visando desenvolver nos alunos habilidades matemáticas, políticas e sociais. A EMC enfatiza a importância de contextualizar a matemática no cotidiano dos alunos, promovendo uma educação que valorize a reflexão crítica e a transformação social. Essa abordagem tem o potencial de tornar o ensino de matemática mais significativo e relevante, capacitando os alunos a utilizarem o conhecimento matemático como ferramenta para compreender e intervir em sua realidade social.

A análise dos dados do SAEB de 2011 a 2021 revela um progresso moderado no desempenho dos alunos em matemática, com melhorias pontuais, mas também desafios persistentes, especialmente em termos de desigualdades regionais e impacto da pandemia de COVID-19. As políticas públicas devem ser direcionadas para abordar essas disparidades e

implementar intervenções pedagógicas que possam melhorar a qualidade do ensino de matemática de forma inclusiva e equitativa.

Os resultados sugerem a necessidade de políticas públicas mais inclusivas e equitativas, que considerem as especificidades regionais e as condições socioeconômicas dos alunos. É fundamental promover a formação contínua dos professores e valorizar seu papel na melhoria da educação. Além disso, a integração de tecnologias digitais no ensino deve ser acompanhada por políticas que garantam o acesso equitativo a esses recursos.

Pesquisas futuras podem explorar estratégias pedagógicas que combinem a Educação Matemática Crítica com o uso de tecnologias digitais, investigando como essas abordagens podem ser implementadas de maneira equitativa. Também é necessário investigar o impacto de políticas públicas direcionadas a reduzir as desigualdades regionais e administrativas, além de estudos longitudinais que acompanhem o desenvolvimento dos alunos ao longo de sua trajetória escolar.

Referências

Andrade, S. C. C. de; MOREIRA, M. A. A Base Nacional Comum Curricular e o ensino de matemática: uma análise crítica. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 41, n. 1, p. 1-11, 2019.

D'ambrósio, U. *Etnomatemática: um programa*. Campinas: Papirus, 1998.

Freire, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Relatório de Resultados do SAEB 2011 – Volume 2*. Brasília: INEP, 2011.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). *Resumo dos Resultados do SAEB 2015*. Brasília: INEP, 2015.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Relatório SAEB 2017. Brasília: INEP, 2019.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Relatório de Resultados do SAEB 2019 – Volume 2. Brasília: INEP, 2020.

Instituto Nacional De Estudos E Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). Relatório de Resultados do SAEB 2021 – Volume 2. Brasília: INEP, 2023.

Lira, L. A BNCC e o ensino de matemática: uma análise crítica. Revista de Ensino, v. 22, n. 1, p. 45-53, 2018.

Marconi, M. A.; Lakatos, E. M. Fundamentos de Metodologia Científica. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

Santos, J. N. Educação Matemática Crítica: contribuições para o desenvolvimento de habilidades matemáticas, políticas e sociais em sala de aula. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Matemática) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

Veríssimo, T. E. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e a Qualidade do Ensino de Matemática. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Matemática-Licenciatura) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2021.

**- O estímulo da consciência fonológica nos anos iniciais do ensino
fundamental (Silvana Klein Simon)**

O estímulo da consciência fonológica nos anos iniciais do ensino fundamental

Silvana Klein Simon¹⁶

DOI: 10.5281/zenodo.13632860

RESUMO

Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica sobre a consciência fonológica nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Aborda também algumas possibilidades didáticas pedagógicas sobre como favorecer o processo de compreensão de leitura e escrita quando praticadas condutas que favoreçam a consciência fonológica, possibilitando a compreensão do processo de maneira mais rápida. Deste modo, para realizar este trabalho, utilizamos a pesquisa bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de grandes autores referente a este tema. Assim, o estudo proporcionará uma leitura mais consciente acerca da consciência fonológica nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Consciência fonológica, aprendizagem, leitura, escrita, ensino fundamental.

ABSTRACT

This article is a literature review on phonological awareness in the first years of Elementary School. It also addresses some didactic pedagogical possibilities on how to favor the process of reading and writing comprehension when practicing behaviors that promote phonological awareness, enabling the process to be understood more quickly. Therefore, to carry out this work, we used bibliographical research, based on reflection on reading books, articles, magazines and websites, as well as research on great authors relating to this topic. Thus, the study will provide a more conscious reading about phonological awareness in the early years of Elementary Sch.

¹⁶ Especialista em Alfabetização pela Universidade Barão de Mauá e professora alfabetizadora do Município de Sinop/MT. E-mail: silvana-simon@hotmail.com

Keywords: Phonological awareness, learning, reading, writing, elementary education.

Introdução

O processo de apropriação da linguagem alfabética pressupõe de situações vivenciadas pela criança, estímulo de casa e do meio em que vive pois desde pequena a criança experiencia situações espontâneas de rimas e aliterações, desta forma quanto maior o vocabulário melhor concepção e comparação ela irá fazer. Devemos refletir sobre a importância do trabalho de desenvolvimento da consciência fonológica ser estimulada desde a educação infantil, através dos jogos, cantigas e brincadeiras. A consciência fonêmica é uma habilidade da consciência fonológica por exemplo que permite às crianças reconhecer os sons da linguagem falada, levando-as a perceber que as palavras são compostas por sons.

Assim, faz-se necessário compreender o que é a consciência fonológica e como explorar meios que facilitem a compreensão da linguagem e dos sons das palavras, uma vez que são importantes meios e facilitadores para aquisição e sucesso da escrita alfabética.

O que é Consciência Fonológica?

A consciência fonológica pode ser entendida como um conjunto de habilidades que vão desde a simples percepção global do tamanho da palavra e de semelhanças fonológicas entre as palavras até a segmentação e manipulação de sílabas e fonemas (Bryant & Bradley, 1985). Assim, a consciência fonológica refere-se tanto à consciência de que a fala pode ser segmentada quanto à habilidade de manipular tais segmentos, e se

desenvolve gradualmente à medida que a criança vai tomando consciência do sistema sonoro da língua, ou seja, de palavras, sílabas e fonemas como unidades identificáveis (Capovilla & Capovilla, 2000b).

Refere-se a compreensão que a frase pode ser segmentada em palavras, as palavras em sílabas e as sílabas em fonemas e a consciência de que essas mesmas unidades repetem saem diferentes palavras faladas (Byrne & Fielding-Barnsley, 1989), tendo uma relação direta com a oralidade (Ferreiro, 2004).

O que é Consciência Fonêmica?

A consciência fonêmica é uma habilidade da consciência fonológica, que as crianças aprendem a reconhecer e manipular os sons da fala.

Compreender que as palavras são divididas em pequenas unidades de som, os fonemas, é fundamental para a alfabetização. Isso porque para aprender a ler e escrever, é muito importante ser capaz de ouvir e manipular os sons das palavras. A consciência fonêmica consiste na possibilidade de análise dos fonemas que compõem a palavra, relação entre um fonema e um grafema (a letra que representa o som). É a capacidade de ouvir e manipular a menor unidade de som da fala, ou seja, o fonema. Na consciência fonêmica nos concentramos em sons e não em letras.

O que nos diz a BNCC sobre a consciência fonológica

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) considera a consciência fonológica uma habilidade metalinguística fundamental para o processo de alfabetização. Propõe a inclusão do estímulo da consciência fonológica no planejamento das atividades com crianças das séries iniciais do Ensino

Fundamental, como um elemento importante para o processo de alfabetização. É possível utilizar atividades de consciência fonológica na rotina da sala de aula, a partir de estímulos significativos para as crianças e integrá-los as informações dos sons da fala com a correspondência de escrita, de acordo com a idade e os objetivos de aprendizagem.

Podemos encontrar as habilidades necessárias para se trabalhar a consciência fonológica na lista de habilidades a serem desenvolvidas no 1º ano do Ensino Fundamental: (EF01LP05) – Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala, (EF01LP07) Compreender as notações do sistema de escrita alfabética - segmentos sonoros e letras, (EF01LP08) Relacionar elementos sonoros das palavras com sua representação escrita, (EF01LP09) Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais, (EF01LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, cantigas, entre outros textos do campo da vida cotidiana, considerando a situação comunicativa, o tema/assunto, a estrutura composicional, o estilo e a finalidade do gênero, (EF01LP18) Produzir, em colaboração com colegas e com a ajuda do professor, cantigas, quadrinhas, parlendas, trava-línguas, entre outros textos do campo da vida cotidiana, entre outras.

Considerações

O desenvolvimento da consciência fonológica deve seguir as etapas de compreensão da linguagem e sons da fala. Inicialmente com as letras do alfabeto e seus sons, conforme a criança progride nessas habilidades, aumenta-se o nível de complexidade e fica melhor o seu desempenho em relação ao aprendizado da leitura e da escrita.

Ferreiro (2003) ressalta como a consciência fonológica é adquirida:

Desde pequenos, participamos naturalmente de jogos em que cada sílaba corresponde a uma palma, por exemplo. A única divisão que não surge naturalmente no desenvolvimento é em unidades menores que uma sílaba, ou seja, em fonemas. Um adulto analfabeto e uma criança analfabeta não conseguem fazer isso de maneira espontânea. Quando eu adquiro a linguagem oral, tenho uma certa capacidade de distinção fônica, senão não distinguiria pata de bata (Ferreiro, 2003, 28).

No processo de alfabetização a criança precisa ser mediada através da consciência fonológica para se apropriar do sistema alfabético da escrita, tendo nesse processo um maior refinamento que é a consciência fonêmica, considerada como um dos níveis da consciência fonológica (Soares, 2005 e Ferreiro, 2004)

Atividades como estas abaixo favorecem o desenvolvimento dessas habilidades:

- Falar a letras e identifica-las pelo seu som;
- Dizer quais ou quantos fonemas formam uma palavra;
- Descobrir qual a palavra está sendo dita;
- Formar novas palavras;
- Troca letras;
- Explorar letras dos nomes dos alunos;
- Comparação do número de letras na palavra;
- Contar sílabas (Identificar sílabas iniciais, mediais e finais);
- Bater palma, elevar dedo, dar pulinho (criar método com as crianças para identificação das sílabas);
- Localizar rimas, atividades com trava-linguas e parlendas;
- Envolver jogos e tecnologia, entre outros.

Essas propostas não devem ser trabalhadas isoladamente e sim, em consonância com as demais áreas do conhecimento, dentro do contexto de sala de aula, aproveitando as situações vividas pelos alunos e utilizando-se do conceito de consciência fonológica para favorecer sua aprendizagem.

Referências

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

BRYANT, P. E & BRADLEY, L. (1985). **Bryant and Bradley Reply**. *Nature*, 313, 74.

Capovilla, A; Capovilla, F. (2000b). **Problemas de Leitura e Escrita: como identificar, prevenir e remediar, numa abordagem fonológica**. São Paulo, SP: Memnon.

BYRNE, B. & FIELDING BARNESLEY, R. **Evaluation of a program to teach phonemic awareness to young children**. *Jornal of educational Psychology*, v.83, n.4, p.451-455, 1991.

FERREIRO, E. **Uma reflexão sobre a língua oral e a aprendizagem da língua escrita**. Revista Pedagógica Pátio: leitura e escrita em questão, 2004.

SOARES, M. **Nada é mais gratificante do que ensinar**. Revista Letra. Belo Horizonte, ano 1, nº 1, 2005.

- O lúdico e suas contribuições na intervenção psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem (Carolina Samanda Rodrigues; Claudete T. de Barros Pereira de Barros; Ivete A. de Barros Santos; Lurdes Mariano Mendes; Rosimere Maria Quirino)

O lúdico e suas contribuições na intervenção psicopedagógica no processo de ensino e aprendizagem

Carolina Samanda Rodrigues

Claudete T. de Barros Pereira de Barros

Ivete A. de Barros Santos

Lurdes Mariano Mendes

Rosimere Maria Quirino

DOI: 10.5281/zenodo.13749157

RESUMO

Este artigo foi construído a partir de embasamento teórico utilizando falas de alguns autores em relação o lúdico e de como os jogos, brincadeiras e outras intervenções lúdicas podem contribuir no processo de ensino e aprendizagem da criança. Por fazer parte do cotidiano da criança, o lúdico tem uma grande importância no trabalho de intervenção psicopedagógica, utilizado com crianças que de alguma forma demonstraram dificuldades na aprendizagem. A delimitação por esse tema de estudo originou-se do anseio despertado durante esse curso de pós-graduação. Portanto, com esse estudo pretendemos alcançar pontos importantes sobre a importância do lúdico no processo de desenvolvimento da criança. O objetivo geral da pesquisa baseou-se em realizar, levantamento bibliográfico em relação ao lúdico como uma metodologia facilitadora no processo de desenvolvimento infantil. Que teve como intuito trazer contribuições para a área psicopedagógica.

Palavras-chave: Lúdico. Desenvolvimento infantil. Psicopedagogia.

ABSTRACT

This article was built on a theoretical basis using statements from some authors in relation to play and how games, games and other playful interventions can contribute to the child's teaching and learning process. Because it is part of a child's daily life, play has great importance in psychopedagogical intervention work, used with children who in some way have demonstrated difficulties in learning. The delimitation for this topic of study originated from the desire awakened during this postgraduate course. Therefore, with this study we intend to highlight important points about the importance of play in the child's development process. The general objective of the research was based on carrying out a bibliographical survey in relation to play as a facilitating methodology in the child development process. The aim was to bring contributions to the psychopedagogical area.

Keywords: Playful. Child development. Psychopedagogy

Introdução

Este estudo é consequência de indagações que surgiram ao decorrer deste curso de pós-graduação, no qual me despertou o interesse em compreender de que forma o lúdico pode contribuir no ensino e aprendizagem, e de qual forma pode ser utilizado em intervenções psicopedagógicas, esta pesquisa foi desenvolvida numa perspectiva bibliográfica.

Aprendizagem é toda atividade cujo resultado é a formação de novos conhecimentos, habilidades, hábitos naquele que a executa, ou a aquisição de novas qualidades nos conhecimentos, habilidades, hábitos que já possuam. O vínculo interno que existe entre a atividade e os novos conhecimentos e habilidades residem no fato de que, durante o processo da atividade, as ações com os objetos e fenômenos formam as representações e conceitos desses objetos e fenômenos. (GALPERIN, 2001, p.85).

Partimos do pressuposto de que o desenvolvimento do ser humano se dá durante toda sua vida, e o meio onde vive e de fundamental importância, portanto entendemos ser o lúdico um excelente aliado para a psicopedagogia no processo de desenvolvimento da criança.

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos. (KISHIMOTO, 1996 p. 26).

O psicopedagogo utiliza o lúdico como forma de investigar de que forma a criança aprende, o sentimento da criança pode ser notado na forma de brincar. Conforme afirmações de Weiss (2004) O uso lúdico durante o diagnóstico pode propiciar uma maior compreensão em relação ao nível de desenvolvimento do indivíduo. Portanto intervenção psicopedagógica pode utilizar os jogos pedagógicos ao seu favor, tanto para diagnóstico como para tratamento.

Nesse sentido elencamos os seguintes questionamentos, que servirão de norteadores em nossa pesquisa: Qual a relevância do uso do lúdico nas intervenções psicopedagogia no processo de aprendizagem? O lúdico é mesmo motivador na aprendizagem da criança?

No entanto, apesar dos questionamentos, sigo na hipótese de que o lúdico é primordial no processo de ensino aprendizagem, já que o brincar está presente na vida de todas as crianças.

As atividades lúdicas são muito mais que momentos divertidos ou simples passatempos e, sim, momentos de descoberta, construção e compreensão de si; estímulos à autonomia, à criatividade, à expressão pessoal. Dessa forma, possibilitam a aquisição e o desenvolvimento de aspectos importantes para a construção da aprendizagem. Possibilitam, ainda, que educadores e educando se descubram, se integrem e encontrem novas formas de viver a educação (PEREIRA, 2005, p. 20).

Para melhor resultado do estudo delimitamos nossa pesquisa em: em um trabalho elaborado através de pesquisa bibliográfica em relação do lúdico como fator auxiliar no desenvolvimento, elencar como o lúdico pode auxiliar no desenvolvimento infantil, e suas contribuições no trabalho do psicopedagogo.

Sobre a metodologia, a Pesquisa Bibliográfica, Gil (2006, p. 45) afirma que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

A proposta desta pesquisa foi de caráter qualitativo, que segundo Minayo (2010, p. 21), aponta a pesquisa qualitativa como aquela que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Posteriormente trataremos dos resultados obtidos através das fundamentações dos autores pesquisados, finalizando com as considerações finais e potenciais contribuições da pesquisa.

Desenvolvimento

Partimos inicialmente com definições de autores, que enfatizam o caráter interdisciplinar da psicopedagogia. De início o objetivo da psicopedagogia era de trabalhar na área clínica, porém acabou sendo levado para a escola, devido a necessidades e indagações que surgiram através de diversas pesquisas.

De acordo com Visca, a Psicopedagogia foi inicialmente uma ação subsidiada da Medicina e da Psicologia, perfilando-se posteriormente como um conhecimento independente e complementar, possuída de um objeto de estudo, denominado de processo de aprendizagem, e de recursos diagnósticos, corretores e preventivos próprios (VISCA apud BOSSA, 2000, p. 21).

A psicopedagogia tem basicamente como objeto de estudo o desenvolvimento cognitivo humano e ser pode ser utilizada como uma intervenção curativa, tanto como preventiva.

A Psicopedagogia apresenta uma complexidade no seu objeto de estudo e necessita de conhecimentos específicos de outras teorias. A Psicanálise, Psicologia social, Epistemologia e Psicanálise Genética, Linguística, Pedagogia e Fundamentos na Neurociência, são algumas das teorias que embasam o trabalho psicopedagógico. (BOSSA, 1992, p. 40 e 41)

Sabe-se que a aprendizagem é um fenômeno complexo, já que cada indivíduo se desenvolve de formas diferentes e em tempos diferentes, portanto o seu estudo utiliza recursos de diversas áreas de conhecimento.

No entanto, a psicopedagogia ainda procura a sua identidade e espaço de atuação, no Brasil ela pode ser exercida por diferentes profissionais. A atuação do psicopedagogo pode ser desenvolvida em clínica ou no âmbito institucional. A psicologia institucional pode atuar em diversas áreas: familiar, hospitalar, educacional e empresarial, para melhor compreensão iremos voltar um pouco na história e entender como a psicopedagogia surgiu, para tanto vamos utilizar contribuições de alguns autores.

De acordo com Bossa (1992), o longo do séc. XIX surgiu à psicologia, como ciência que explica algumas áreas do conhecimento, utilizando conceitos

básicos da biologia na construção do corpo humano, objeto esse o qual a psicologia estuda. Foi neste período que surge os primeiros testes em escolas que tinha por objetivo explicar as diferenças do rendimento escolar e a escolarização dos alunos.

Janine Mery, psicopedagoga com seus trabalhos trouxe considerações relevantes para aquele período, foi quem adotou o termo psicopedagogia para descrever ações terapêuticas, para aqueles que demonstrassem dificuldades no aprendizado. No entanto outros estudiosos se dedicaram as crianças com algumas limitações de aprendizagem, como: Pestalozzi, Seguin., George Mauco, Pereire e também Itard (BOSSA, 1992).

O francês George Mauco, segundo (BOSSA, 1992), foi o fundador do primeiro centro médico-psicopedagógico na França, responsável por fazer articulações entre diversas áreas, como por exemplo: medicina, psicologia, psicanálise e pedagogia para que assim pudesse tentar resolver problemas de comportamento e de aprendizagem nos indivíduos.

No mesmo período surge no Estados Unidos centros voltados aos aspectos médicos para atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem, porém centros que utilizavam o trabalho de diversos profissionais com psicólogos, educadores e assistentes sociais, foi criado na França, e somente no ano de 1956 foi iniciada a formação em universidades em psicopedagogia. Surgindo conseqüentemente na década de 70 centros que realizavam diagnóstico e tratamento com psicopedagogos. (BOSSA, 1992).

A chegada da psicopedagogia no Brasil ocorreria alguns anos depois, ainda sobre grande influência da região Argentina. A escola Guatemala criada na década de 80 foi quem iniciou cursos de especialização com enfoque nesta área, portanto esses pequenos relatos históricos são dados de suma importância que nos auxilia na compreensão dessa área de estudo que está passando por constantes descobertas e aprimoramentos.

Conforme Bossa (1992 p. 55), a Argentina influenciou a prática da Psicopedagogia no Brasil, por causa da sua proximidade geográfica e da facilidade de entendimento da língua e acesso à literatura.

Segundo afirmações de Bossa (1992), a psicopedagogia é uma área de atuação, pois a mesma ainda não é uma área de profissão registrada legalmente. Portanto a psicopedagogia, tem como papel de criar facilitadores e identificar comprometedores no processo de ensino aprendizagem, diante disso iremos nos aprofundar no uso do lúdico e suas contribuições nas intervenções psicopedagógicas.

O uso de diversas técnicas e didáticas diferentes é de suma importância no ensino, portanto o lúdico é um excelente recurso para se obter ótimos resultados no processo de ensino e aprendizagem, porém essa prática exige um bom planejamento.

Antunes (2003) cita também que:

O jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências, permitindo que o indivíduo realize tudo que deseja. Quando joga, passa a viver quem quer ser, organiza o que quer organizar, e decide sem limitações. Pode ser grande, livre, e na aceitação das regras pode ter seus impulsos controlados. Brincando dentro de seu espaço, envolve-se com a fantasia, estabelecendo um gancho entre o inconsciente e o real (p.60).

A utilização no processo da aprendizagem, pode auxiliar tanto no desenvolvimento de diversas áreas do indivíduo, como por exemplo, na interpretação, na organização de pensamento, no cognitivo, no psicomotor entre outros. Sendo um fator importantíssimo para a aprendizagem, social e educacional. De acordo Vigotski (2003), o lúdico está diretamente ligado à promoção do desenvolvimento da criança, auxilia, para que isso ocorra da melhor forma possível à criança precisa brincar para se desenvolver, pois através dos jogos e brincadeiras a criança passa a interagir com o mundo, para promoções de experiências culturais.

O mais simples jogo com regras transforma-se imediatamente numa situação imaginária, no sentido de que, assim que o jogo é regulamentado por certas regras, várias possibilidades de ação são eliminadas. Assim como fomos capazes de mostrar, no começo, de toda situação imaginária contém regras de uma forma oculta, também demonstramos o contrário- que todo jogo com regras contém, de forma oculta uma situação imaginária. O desenvolvimento a partir de jogos em que há uma situação imaginária às claras e regras ocultas

para jogos com regras às claras e uma situação imaginária oculta delinea a evolução do brinquedo das crianças”. (VYGOTSKY, 1998, p.125, 126).

Durante a brincadeira, ou uma interação lúdica é possível observar alguns aspectos peculiares e seu comportamento, como motores, cognitivos, afetivos e sociais, com o uso de jogos e brincadeiras podemos auxiliar a criança no controle de seus sentimentos, ensinando a seguir regras, a esperar, aumenta sua autoestima e independência, preparando-a para situações que irá vivenciar em seu cotidiano.

[...] o jogo está presente nas diversas culturas, representando uma peculiaridade que é natural do ser humano. Além disso, até os animais brincam, dessa forma, o jogo pode ter um sentido biológico. O jogo com regras oferece ao educando a socialização, a expressão do prazer, a forma natural de trabalho, além de ser uma preparação para a vida. (VIGOTSKI, 2003, p. 106).

O lúdico, o brincar é uma característica do ser humano e o desenvolvimento da criança está entrelaçado com o ato de jogar, devido ao meio em que vive, neste olhar, Antunes (1998, p. 36), aponta que: “o jogo ajuda o educando a construir suas descobertas, desenvolve e enriquece sua personalidade e simboliza um instrumento pedagógico que leva ao professor a condição de condutor, estimulador e avaliador da aprendizagem”.

Os jogos e brincadeiras passaram a ser muito importante para o desenvolvimento humano, porém existe outras atividades que também podem ser utilizadas como ações lúdicas, exemplo disso podemos citar a música, pintura entre outros, o que irá definir o uso dessas metodologias será o interesse e a necessidade de cada criança, cabe ao psicopedagogo descobrir qual deverá utilizar.

As contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento integral indicam que elas contribuem poderosamente no desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão intrinsecamente vinculadas: a inteligência, a afetividade, a motricidade e a sociabilidade são inseparáveis, sendo a afetividade a que constitui a energia necessária para a progressão psíquica, moral, intelectual e motriz da criança (NEGRINE, 1994, p.19).

O papel do psicopedagogo é descobrir as limitações e propiciar ao paciente seu aprendizado. A partir disso, o trabalho psicopedagógico será voltado em trabalhar as habilidades do paciente e não apenas focar em suas limitações.

O tratamento começa com a primeira entrevista diagnóstica, já que o enfrentamento do paciente com sua própria realidade, realidade esta que provavelmente nunca precisou se organizar em forma de discurso, o obriga a uma série de aproximações, avanços e retrocessos mobilizadores de um conjunto de sentimentos contraditórios (PAÍN, 1992, p. 72).

Fernández (1991) destaca que, os pacientes que têm dificuldades de aprendizagem, correlativamente, têm déficit no jogar. Portanto os lúdicos como processo de intervenção modificam positivamente a aprendizagem. A autora explica que:

A prática clínica nos demonstrou, por outro lado, como ao instrumentar o brincar no tratamento, criando este espaço compartilhado de confiança, pode-se ir modificando a rigidez das modalidades de aprendizagem sintomáticas. Dizemos que o objetivo do trabalho psicopedagógico dirige-se a ajudar a recuperar o prazer perdido de aprender e a autonomia do exercício da inteligência, esta conquista vem de mãos dadas com o recuperar o prazer de jogar. Para jogar, necessita o se de um outro, e um espaço de confiança (FERNÁNDEZ, 1991, p. 166-167).

Portanto, o lúdico auxilia no estímulo de todas as habilidades, potencialidades, desenvolvimento social, motor e cognitivo, sendo um aliado de grande valia para o trabalho do psicopedagogo, seja ele no âmbito clínica ou no institucional.

De acordo com Piaget citado por (Wadsworth, 1984, p. 44),

O jogo lúdico é formado por um conjunto linguístico que funciona dentro de um contexto social; possui um sistema de regras e se constitui de um objeto simbólico que designa também um fenômeno. Portanto, permite ao educando a identificação de um sistema de regras que permite uma estrutura sequencial que especifica a sua moralidade.

Dentro desta perspectiva (Friedman, 1996, p. 41) considera que:

Os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo.

O lúdico é uma forma eficaz e bem-sucedida para se obter um bom aprendizado, o uso de jogos e as brincadeiras, entre outras práticas lúdicas têm como principal atributo instigar o desejo de aprender, sendo assim, é possível afirmar que o brincar é essencial para o ensino e aprendizagem da criança, porém não é apenas para a criança, mas sim para todos, o que difere são as suas necessidades.

Conclusão

Esse estudo utilizou levantamentos bibliográficos. Diante dos resultados obtidos, percebe-se que de fato o lúdico é de grande valia no processo de ensino aprendizagem, independente da faixa etária, sabe-se que o brincar é de primordial importância para o desenvolvimento harmonioso e saudável do psiquismo, sociabilidade, linguagem, cognição e coordenação motora da criança.

É de suma relevância que os psicopedagogos, enxerguem o indivíduo, em especial a criança, foco de nossa pesquisa como um ser único que está em constante desenvolvimento.

Por tanto o uso de recursos e estratégias de ensino através do lúdico, devem ser utilizadas como ferramentas e técnicas para proporcionar um desenvolvimento com maior qualidade daqueles que precisam de atendimento especializados de um psicopedagogo (a).

Diante dos pontos elencados em nossa pesquisa, com embasamento em diversos autores, pressupõem que a utilização dos recursos lúdicos é de extrema importância para uma intervenção psicopedagógica, diante as diversas dificuldades de aprendizagem encontradas, nesta perspectiva podemos afirmar

que o lúdico é um fator imprescindível no processo de aprendizagem e serve também de aprimoramento nas ações psicopedagógicas.

Portanto, o papel do psicopedagogo é de auxiliar as crianças no seu processo de ensino aprendizagem, para isso é importantíssimo criar estratégias e metodologia específica para cada caso, com o objetivo de que ela ou aprenda, pois cada um aprende de uma forma única, e temos que respeitar suas especificidades.

Referências

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das inteligências múltiplas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ANTUNES, Celso. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Vozes, 2003.

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

GALPERIN, P.Ya. **La dirección del proceso de aprendizaje**. In: rojas, I.q. (comp.). La formación de las funciones psicológica durante el desarrollo de niño. Tlaxcala: editora universidad autónoma de tlaxcala, 2001.

KISHIMOTO, Tizuco Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e Desenvolvimento Infantil: Simbolismo e Jogos**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

PEREIRA, Lucia Helena Pena. **Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2005.

PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fonte, 1998.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WADSWORTH, Barry. **Jean Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. São Paulo, Pioneira, 1984.

WEISS, L. M. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

- **O lugar das Práticas Pedagógicas para as relações étnicos raciais na Educação Infantil (Thalita Finisguerra Garlizoni Marques Barcellos; Gislaine Cristina Ramos França; Daniela Cristina de Godoy Rangel; Fabiana Santos Paes; Leonardo Antônio de Pádua)**

O lugar das Práticas Pedagógicas para as relações étnicos raciais na Educação Infantil

Thalita Finisguerra Garlizoni Marques Barcellos

Gislaine Cristina Ramos França

Daniela Cristina de Godoy Rangel

Fabiana Santos Paes

Leonardo Antônio de Pádua

DOI: 10.5281/zenodo.13684892

PALAVRAS-CHAVE: Relações Étnico-Raciais. Racismo. Educação Infantil.

Introdução

Nesta pesquisa, trataremos sobre a educação infantil nas relações étnico-raciais a partir de uma questão específica: a análise de um conjunto de práticas pedagógicas em torno do tema étnico-racial na educação infantil, em instituições escolares. Pretendemos acenar os desafios dos gestores para colocar em prática essas iniciativas, além de explicarmos as diversas conquistas com relação aos aspectos jurídicos na promoção da educação para a igualdade racial.

Mostraremos que, apesar dos avanços ainda existe uma longa "caminhada" para a construção de uma educação inclusiva e comprometida com as políticas públicas afirmativas, já que a discriminação racial sempre esteve enraizada na história deste país.

A origem da desigualdade étnico-racial brasileira é histórica, iniciando-se no durante o século XVI, com a vinda de negros africanos, que foram trazidos pelos colonizadores portugueses para servirem de escravos (MARQUESE, 2006). Sobre isso, um dos materiais do MEC afirma que, "A escravidão afetou

negativamente a vida, a trajetória e a inserção social dos descendentes africanos em nosso país" Brasil (2005, p. 46).

Desse modo, essa desigualdade está ligada diretamente à aparência e aos traços físicos das pessoas de origem africana, e essa população enfrenta dificuldades por não possuir os mesmos direitos em relação ao acesso escolar, ensino superior, e mercado de trabalho (BRASIL, 2005).

Então, várias lutas são iniciadas por meio do movimento social negro, que resultaram em diversas conquistas como: A lei nº 10.639 /2003, que obriga o Ensino de História e Cultura Africana Afro-Brasileira nos estabelecimentos de educação básica, oficiais e particulares, a alteração da LDB, as Diretrizes Curriculares Nacionais para as Relações Étnico- Raciais, a SEPPIR a SECAD, e materiais elaborados pelo MEC de orientação, a fim dos sistemas de ensino trabalhem para a valorização da cultura e da história dos afrodescendentes, na aceitação da identidade, e no combate do racismo na educação infantil.

Objetivo

O objetivo deste trabalho foi analisar o desenvolvimento de práticas pedagógicas destinadas à educação das relações étnico-raciais na Educação Infantil. Para tanto, pesquisamos a lei federal 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais aprovada em 2004, entre outros materiais institucionais, elaborados pelo Ministério da Educação.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir para o desenvolvimento de ações a serem implantadas neste nível de ensino, destinado a promover a valorização da igualdade a partir do reconhecimento das diferenças e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, começando pelo ensino infantil.

Revisão de literatura

Em 2003, a partir da presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2008) acontece a aprovação da Lei nº 10.639/2003 “Que institui a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos Africanos nos currículos do ensino Fundamental”. Dessa forma, os artigos 26-A e 79-B. da LDB/96 (Lei de Diretrizes e Bases) passam a alterar, em decorrência das lutas dos movimentos sociais dos negros¹⁷, pois agora as escolas terão que incluir na matriz curricular a valorização da história e cultura africana, resgatando a contribuição da população negra do nosso país (BRASIL, 2004).

Assim, com essa forte decisão política, repercussões nas práticas pedagógicas, inclusive na formação de professores é que começam a acontecer, pois, essa medida vem para reparar danos que se repetem há séculos com relação à identidade e aos direitos da população negra.

Então o governo Lula, (2003-2008) cria a SEPPIR, (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial), para efetivar a importância de se adotarem políticas públicas de reparações¹⁸, ou seja, garantir o acesso a permanência, o sucesso na educação escolar, a valorização da cultura afro brasileira, e a entrada dessa população ao mercado de trabalho (BRASIL, 2004). E também cria a SECAD¹⁹, (Secretaria de Educação Continuada,

¹⁷ Movimento negro no âmbito deste artigo é compreendido como o conjunto de entidades negras, de diferentes orientações políticas, que têm em comum o compromisso de lutar contra a discriminação racial e o racismo e acreditam na centralidade da educação para a construção de uma identidade negra positiva (RODRIGUES, 2005 p. 251).

¹⁸ Políticas de reparações e de reconhecimento formarão programas de ações afirmativas isto é, conjunto de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sócias orientadas para oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória (BRASIL, 2004 p.12).

¹⁹ A constituição da Secad traduz uma inovação institucional. Pela primeira vez, estão reunidos os programas de alfabetização e de educação de jovens e adultos, as coordenações de educação indígena, diversidade e inclusão educacional, educação no campo e educação ambiental. Esta estrutura permite a articulação de programas de combate à discriminação racial e sexual com projetos de valorização da diversidade étnica. Um dos seus objetivos é tornar a multiplicidade de experiências pedagógicas dessas áreas em modos de renovação nas práticas educacionais. Mais do que uma reunião de programas, a tarefa

Alfabetização e Diversidade) com a missão de fortalecer a união entre Estados, Municípios, e a toda comunidade brasileira. (BRASIL, 2004)

A fim de efetivar a Lei nº 10.639/2003, o Conselho Nacional da Educação sob o Parecer CNE/CP nº 3/2004, de 10 de março de 2004, aprova a Resolução nº 1, de 17 de junho 2004 que institui as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana” (BRASIL 2004).

Essas diretrizes representaram um grande avanço para educação no combate à discriminação, na correção das injustiças da história dos negros no Brasil, pois foram elaboradas para serem utilizadas e consultadas por todos os profissionais da educação. Visto que, nelas apresentam várias ações educativas, determinações, orientações para que reeduquemos nossas atitudes e posturas com relação às questões étnico- raciais²⁰.

Sobretudo, traz a importância do espaço escolar como uns dos principais locais em que se devem combater ao racismo, e também o papel do docente para promover ações pedagógicas que busquem valorizar as diversidades, trabalharem na aceitação da identidade, corrigindo assim atitudes e palavras que difundem o preconceito entre as crianças.

Pois sobre isso, estudos vêm nos mostrar, que em ambientes escolares acontecem tratamentos diferenciados, tanto por parte de profissionais da educação, quando dos próprios colegas e familiares, que agem com atitudes de racismo, por meio de apelidos depreciativos com as crianças identificadas como negros(as) (BRASIL, 2006).

da nova secretaria é articular as competências e experiências desenvolvidas, tanto pelos sistemas formais de ensino como pelas práticas de organizações sociais, em instrumentos de promoção da cidadania, da valorização da diversidade e de apoio às populações que vivem em situações de vulnerabilidade social (BRASIL, 2004, p. 05).

²⁰ O emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar que essas relações tensas devidas a diferenças na cor da pele e traços fisionômicos o são também devido à raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática (BRASIL, 2004 p. 13).

Então, pensando em ajudar os estabelecimentos de ensino a promover práticas pedagógicas voltadas a valorizar a cultura, história dos afros brasileiros, a trabalharem para as diversidades, na aceitação da identidade, e no combate do racismo, que o MEC com apoio de estudiosos sobre o tema, realiza a edição de vários documentos entre eles: a *Educação Infantil, Igualdade Racial e Diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais, Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*, a *História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação*, e a *Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial*, todos a fim de serem utilizados por todos os profissionais da educação infantil. Esses materiais vêm com a seguinte missão: apresentar diversas práticas pedagógicas para as relações étnico-raciais para serem incluídas nos currículos escolares da educação infantil. Também, traz aos profissionais da educação reflexões para deixarem de silenciar situações de preconceitos entre crianças e adultos, de modo a trabalharem por meio das atividades para que as crianças construam uma imagem positiva sobre sua origem, e cultura.

Também, com a finalidade de garantir e contribuir para o aprendizado de qualidade com equidade foi aprovada a Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009 que Fixa as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil Brasil” (BRASIL, 2009), com novas propostas na elaboração dos conteúdos curriculares, dos conceitos, objetivos, concepções, e princípios, para a educação infantil.

Dessa forma, os sistemas escolares no momento da elaboração das matrizes curriculares não deverão ficar “presos” aos conteúdos programáticos, mas que realizem suas propostas pedagógicas, a atenderem as reais necessidades das crianças.

Dessa forma, com esses avanços na educação infantil mostram que os docentes devem ter em mente que, uns dos principais objetivos da educação

infantil além do cuidar²¹ e educar,²² é: “Promover o contato das crianças pequenas com experiências educativas que estimulem a aprendizagem, a autonomia, o desenvolvimento humano e a construção positiva das identidades” (BRASIL, 2012, p. 104).

Então, em cumprimento aos materiais oficiais do MEC, e sobre uns dos princípios estabelecidos nas ações educativas de combate ao racismo apresenta das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-Raciais que estaremos apresentado um projeto para a educação infantil para as relações étnico- raciais, afim de promover as práticas pedagógicas que valorizam a cultura, história africana e na aceitação da identidade das crianças. Sobre isso, leiam o que diz uns dos princípios dessas diretrizes.

O ensino de História e de Cultura Afro-Brasileira se fará por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (BRASIL, 2004, p. 22).

De acordo com esse principio desenvolveremos um projeto sobre “Capoeira²³ na Escola”, em virtude da sua origem ser africana e por tratar de um

²¹ Cuidar diz respeito ao zelo, à atenção e se desdobra em atividades ligadas à segurança e proteção necessárias ao cotidiano de qualquer criança, tais como alimentação, banho, troca de fralda e outros em relação à higiene, proteção, consolo (BRASIL, 2006, p 39).

²² Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, p. 23).

²³ A capoeira é um fenômeno sociocultural complexo. Atualmente, é reconhecida mundialmente como patrimônio cultural da humanidade, mas já houve tempos em que era uma prática criminalizada e, por definição do Código Penal, seus praticantes eram perseguidos e presos. A trajetória da capoeira é marcada por polêmicas, controvérsias e dissensões que exigem compreender sua construção cultural na dinâmica das relações sociais e políticas. (BRASIL, 2012, p.85).

patrimônio cultural da humanidade brasileira. E também, devido ser considerada uma ação educativa que poderá auxiliar na formação dessas crianças, uma vez que: “Seu princípio fundamental está na redescoberta da expressividade afro-brasileira que se transmite por meio da movimentação, da música e do jogo” (Brasil, 2014, p. 92).

No entanto, para o desenvolvimento do projeto capoeira teremos alguns objetivos, para que as crianças aprendam sobre as relações étnico-raciais a:

Interagir em situações de comunicação oral e relacionar-se com seu corpo e com o corpo do outro de forma respeitosa e sem preconceito, explorando as possibilidades de gestos, movimentos e expressões corporais (BRASIL, 2012, p. 101).

Trabalhar para a construção de atitudes e valores e a apropriação e a utilização de múltiplas linguagens como forma de expressão (BRASIL, 2012. p.99).

Contribuir para a formação da identidade, e para o reconhecimento da diversidade cultural e étnico-racial que forma nossa sociedade brasileira, devido às vivências com outras crianças e grupos culturais (BRASIL, 2014).

No entanto, para acontecer o projeto que Capoeira na Escola é fundamental que todos os envolvidos nesse projeto busquem se organizar com relação aos períodos etapas, recursos, organizações dos espaços, no modo de avaliação para que possam ter atingido os objetivos apresentados, além de providenciarem materiais voltados para as relações étnico - raciais, por meios programas como: “o MEC, do PDDE (Dinheiro Direto na Escola), o PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e também do PBE (Programa de Bibliotecas Escolares)” (BRASIL, 2012. p. 18).

Primeiramente, antes de começar as atividades, recomenda-se que o professor(a) converse com as crianças (0 a 5 anos) perguntando sobre a capoeira como: quem conhece alguém que faz capoeira, se já participaram de alguma roda, se já ouviram músicas sobre a capoeira. Então, das respostas o professor estará se organizando para aplicar as atividades e explicar sobre a história da capoeira, ou seja, a sua origem, como chegou ao Brasil, quem as praticava, e a importância que traz sua cultura.

Para as crianças de 0 a 3 anos, daríamos início com contação de histórias, sugerindo uma história com o nome de “Capoeira”²⁴ de autora Rosinha Campos, da coleção Pallas, trabalhando assim para a valorização da cultura africana, sobre os costumes de outros povos, por meio dessa história mostraríamos os instrumentos musicais que aparecem nas rodas de capoeira, de modo a fazer com as crianças descubram o som de cada um.

Também, podem-se apresentar os instrumentos musicas que compõem as rodas de capoeira, colocando um CD, ou DVD com as imagens, e sons dos instrumentos como: afoxé, agogô, atabaque, berimbau, tambor e outros de origem africana para que as crianças possam conhecer os ruídos explorando os sons de diferentes emissores. Os professores podem deixar os instrumentos disponibilizados pela escola, expostos nas salas de aulas, a fim de estimularem, desafiem as crianças a se arrastarem, a sentarem, a tocarem nos objetos e experimentá-los, pois, isso estaria contribuindo para o desenvolvimento motor e cognitivo, na coordenação motora e também na sensibilidade auditiva (BRASIL, 2014).

Com relação às crianças de 4 a 5 anos, seria proposto uma contação de histórica, como sugestão o livro de Alanson Costela com o intitulado “Uma roda, um arco-íris, camará”, editado pela Nandyala Editora²⁵, ou outro livro que seja relacionado à capoeira. O professor apresenta as imagens do livro, pedindo que os alunos(as) observem os movimentos dos jogadores de capoeira, as texturas, cores, como as roupas dos capoeiristas aparecem nos livros, explicando quem é o mestre, e qual sua importância para a capoeira, trabalhando assim com as diversas etnias que fazem parte da formação do nosso país, ensinado a conviver e respeitar a partir das diferenças de cada um

Depois, as crianças seriam provocadas a realizar os movimentos da capoeira, uma vez que, a escola pode estar contratando um oficinairo, para a

²⁴ Fonte: ROSA, Sonia. Capoeira. Ilustração de Rosinha Campos. Rio de Janeiro: Pallas Editora, [s.d.]. (Coleção Lembranças Africanas). Disponível em: <<http://www.pallaseditora.com.br/produto/Capoeira/144/>>. (BRASIL, 2012. p. 106).

²⁵ Fonte: COSTELA, Alanson. Uma roda, um arco-íris, camará. Nandyala Editora, s.d. Disponível em: <http://www.salaodolivroareerj.com.br/livro.php?cod=826> (BRASIL, 2012. p.117).

realização dessa atividade. Com essa proposta, estaríamos trabalhando com elementos que auxiliaram para a formação humana: a corporeidade, a musicalidade e a sociabilidade (BRASIL, 2014).

A capoeira, também por ser um jogo, com a ajuda doicineiro, é possível transmitir a construção de atitudes e valores, de acordo com os princípios da capoeira como a: como lealdade, respeitar aos mais velhos, (associado à imagem do mestre), respeitar as regras, (saber ganhar e perder), a socialização, ou seja, (interação entre as crianças). Com a capoeira, pode-se realizar uma ação educativa para que as crianças aprendam, sobretudo a:

Sentir o seu próprio corpo e do colega; reconhecer partes de o seu corpo respeitar os seus limites e os do colega; educar-se aprender a coordenar ritmos e o seu próprio ritmo; aprender a coordenar ritmos e o seu próprio ritmo; ouvir músicas e cantá-las; ouvir histórias e contá-las (BRASIL, 2014 p. 93,94)

Para finalizar o projeto, a escola pode organizar na semana do dia “20 de novembro” que é “O dia Nacional da Consciência Negra,” e nesse dia, diversas atividades com as crianças, seriam apresentadas com todas as crianças, sendo as de (0a 3 anos) tocando os instrumentos e cantando as músicas da capoeira, e as crianças de (4 a 5 anos) em rodas de capoeira realizando os movimentos e jogando a capoeira, a fim de todas interagirem entre si e também entre as famílias.

Essa apresentação será com todas as famílias, alunos, funcionários da escola, autoridades, grupos de capoeira,icineiro, mestre de capoeira, além da comunidade local, em um horário em que todas as famílias possam participar na própria escola, em um local com espaço para acomodar a todos. A direção da escola pode convidar algum membro do Movimento Negro, ou um ativista, para falar das principais personalidades negras como: Zumbi dos Palmares, Aleijadinho, entre outros.

Considerações finais

Nesta pesquisa bibliográfica, pudemos concluir que após a Lei nº 10.639/2003 várias mudanças ocorrem no âmbito educacional infantil, mostramos que a educação é uma das estratégias mais importantes para transformar a situação atual em nossa sociedade, sendo uma das únicas armas para contribuir na formação integral do cidadão, pois pode influenciar no comportamento e nos costumes do indivíduo.

Então, mediante as orientações expostas por meio dessa pesquisa, espera-se que os professores, gestores venham a reconhecer a importância de se trabalhar tais conceitos, que estudem sobre o tema, busquem estratégias para desempenharem ações que visem combater o racismo em ambientes escolares, de modo a relacionar conteúdos para brancos e negros, promovendo uma educação baseada sobre os direitos humanos (BRASIL, 2004).

Pois, embora passados dozes anos, após o decreto da Lei nº 10.639/2003, ainda percebemos que há muitos impedimentos para aplicar uma educação de qualidade pautada da igualdade. Enfim para que essas “barreiras” comecem a serem diminuídas, além do comprometimento político, é fundamental que os docentes e gestores escolares cumpram o que foram estabelecidos nos marcos legais, que assumam uma nova postura, ou seja, sensibilizem reconheçam, e reeduquem suas ações pedagógicas sobre as relações étnico- raciais, construindo assim uma pedagogia mais africanizada.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei n. 9.394/96. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 30 nov. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. — Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 236 p. (Coleção Educação para todos).

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade de temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. MEC/SECAD/SEPPIR. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e referencial para a Formação de Professores. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. — Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL; Ministério da Educação. Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais / Maria Aparecida Silva Bento, organizadora. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. -- Brasília: MEC/SECADI, UFSCar, 2014. 144 p.; ii.

EDUCAÇÃO infantil e práticas promotoras de igualdade racial / [coordenação geral Hélio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Sílvia Pereira de Carvalho]. -- São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

SILVA Jr. H.; BENTO, M. A. S.; CARVALHO, S. P. Educação infantil e práticas promotoras de igualdade. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT: Instituto Avisa Lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

MARQUESE, R. B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 74, mar. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.hp?Script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 03 mar. 2015.

RODRIGUES T. C. Embates e Contribuições do Movimento Negro à Política Educacional das décadas de 1980 e 1990 In: OLIVEIRA, Iolanda de; SILVA, Petrolina B.G., PINTO, Regina P. (Org.). Negro e Educação: escolas, identidades, culturas e políticas públicas. Brasília: INEP/MEC, 2005. v. III p.251-263.

**- O papel da escola e da família no processo de desenvolvimento do aluno
(Eloisa Pereira da Silva; Gláucia Camila Gomes; Keli Cristina Pereira da
Silva)**

O papel da escola e da família no processo de desenvolvimento do aluno

Eloisa Pereira da Silva

Gláucia Camila Gomes

Keli Cristina Pereira da Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13629402

RESUMO

O presente artigo busca demonstrar a importância da intervenção família e escola no atendimento à crianças com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Visto que, que crianças com esse tipo de transtorno apresenta desconcentração e dificuldades em fixar a atenção em coisas que não despertam seu interesse, com isso acabam tendo resultados não satisfatório e defasagem na aprendizagem. Para a realização da mesma, optou-se por uma pesquisa do tipo bibliográfica com método de abordagem Quali-quantitativa, tendo como público-alvo professoras da Escola Mundo Encantado da Criança. Através da pesquisa foi possível identificar que conhecer o transtorno é um fator importante para elaborar estratégias que possam auxiliar no processo ensino aprendizagem.

Palavras-chaves: Interação. Inclusão. Família, Escola.

ABSTRACT

This article seeks to demonstrate the importance of the family and school intervention in the care of children with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). Since, children with this type of disorder have deconcentration and difficulties in fixing attention on things that do not interest them, they end up having unsatisfactory results and lag in learning. To carry out the same, we opted for a bibliographic research with a Quali-quantitative approach method, targeting teachers from the Mundo Encantado da Criança School. Through the research it was possible to identify that knowing the disorder is an important factor to develop strategies that can assist in the teaching-learning process.

Keywords: Interaction. Inclusion. Family, School.

1.Introdução

Neste trabalho abordou-se sobre o tema TDAH(Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade) tendo como objetivo principal observar e analisar o

papel da família e da escola no processo de ensino e desenvolvimento do aluno, para isto foi fundamental definir o conceito de TDAH, diferenciar as características comportamentais e de aprendizagem do aluno, descrever estratégias realizadas pelos professores, bem como, suas consequências na vida pessoal e na relação familiar e social e nas manifestações que o transtorno apresenta na vida dessas crianças. Podemos analisar que quanto, mas cedo forem diagnosticadas, e receber apoio e ter ações adequadas as suas necessidades, melhores serão as chances de aprendizagem e desenvolvimento no seu pessoal e social.

Podemos compreender que no cenário educacional, houve um crescimento muito grande em diagnósticos de TDAH, além de ter uma grande dificuldade no processo ensino – aprendizagem, pois em muitas escolas os profissionais de educação não têm conhecimento sobre o problema.

O aluno com TDAH manifesta muitas dificuldades no decorrer do seu ensino aprendizagem?

Visto que em decorrência do déficit de atenção, inquietação e agitação motora, características do transtorno, sendo assim suas habilidades na escolarização acabam ficando comprometidas. Desta maneira a família e a escola exercem um papel fundamental, cabe a cada um deles atuar de acordo com seus conhecimentos para favorecer situações adequadas para que o aluno possa se desenvolver e apreender.

A família tem grande contribuição no processo diagnosticado do aluno, muitos pais se sentem culpados pelos comportamentos dos filhos, pois são cobrados da sociedade.

Assim sendo a problemática do trabalho foi de que modo a família e a escola podem contribuir para que o aluno com TDAH supere a sua dificuldade no âmbito escolar? Segundo cunha (2007):

A comunicação frequente entre a escola e a família é um fator importante para garantir esse relacionamento, para que tanto professor como pais possam trocar experiências relevantes para as horas difíceis. Saber o que está se passando durante o tempo que a criança está no outro ambiente ajuda a compor o quadro real da

situação, e esse confiar no outro é que realmente estabelece a parceria.

O diálogo entre a escola e família é muito importante, para que pais e professores possam trocar experiências e consigam contribuir para o ensino aprendizagem.

O presente artigo foi desenvolvido através de pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica, e teve como objetivo analisar o papel da família e da escola no processo ensino aprendizagem do aluno com TDAH, para isso foram divididos em quatro capítulos, características e conceitos do TDAH, professor, família e aluno: conhecendo os seus papéis, Inclusão escolar, metodologias de ensino que promovem o desenvolvimento dos alunos com TDAH.

Desenvolvimento

Metodologia

Este artigo será desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, para a realização desta pesquisa buscou-se aprofundar sobre o assunto utilizando materiais que já foram publicados, como artigos, livros, material disponível pela internet. De acordo com Lakatos:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartografia etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre o determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas. (LAKATOS,2003, p.183).

O método de abordagem foi escolhido o qualitativo, visto que oferece uma perspectiva de abordagem dos fenômenos, que são melhores

compreendidos em um contexto no qual fazem parte, levando ao entendimento da dinâmica de suas relações (GODOY,1995).

Para este estudo será usado um questionário que foi elaborado para os professores, com a intenção de levantar o que eles pensam sobre a abordagem do assunto e como se é trabalhado com alunos que tem TDAH em sala de aula, o questionário possui o objetivo de entender como funciona o ensino aprendizagem na Escola Mundo Encantado da Criança.

Característica e conceitos do TDAH

Nos últimos tempos no campo educacional os diagnósticos de alunos com TDAH vem aumentando, acontecimento que tem preocupado educadores e familiares. Poucos entendem a dificuldade, outras pessoas ignoram e também tem as que desqualificam os alunos que mostra o quadro, eles acabam passando por alunos mal-educado e indisciplinados. compreendemos que estamos enfrentados uma realidade que é digna de atenção e compromisso por pessoas responsáveis pela a escola e a família, com finalidade de realizar a identificação adequada podendo assim cumprir com as necessidades educacionais dos alunos.

Segundo a ABDA (associação Brasileira de Déficit de Atenção) é um transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) ele e neurobiológico, que suas causas são genéticas, que surge na infância e constantemente acompanha a pessoa por toda a vida. Os sintomas são caracterizados pela falta de atenção, inquietude e impulsividade. É chamado pela DDA (Distúrbio do Déficit de Atenção). Em inglês, e chamado também de ADD, ADHD ou AD/HD.

Silva (2003) fala que apesar de toda a evolução do Brasil ocorrida dos últimos tempos referentes a identificação do TDAH, estamos longe de um ideal. Para autora:

Neste exato momento, milhares de pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, passam por inúmeros desconfortos pessoais e/ou sociais em função de seus problemas na área da atenção e do controle de seus impulsos e hiperatividade física e/ou mental. As crianças são imputadas rótulos pejorativos como “pestinhas”, “mal-educadas”, “rebeldes”, “agressivas”, “sonhadoras”, “cabeça-de-vento”, entre outros. Aos adultos menos pejorativos, tais como “explosivos”, “aéreos”, “brigões”, “egoístas”, entre outros (SILVA,2003, p.173).

Neste sentido, é fundamental investir na informação. Pois através dessa informação que acabamos proporcionando uma pequena minoria especializada no assunto, contudo o maior grupo são os pais e educadores, pois assim se tornaram capazes de definir e identificar os sintomas do comportamento do TDAH em suas crianças.

De acordo com Souza et.al (2007), a muitos anos, o TDAH referiu-se não como um transtorno, e sim, como parte da vida das crianças e adolescentes. Já na atualidade, pesquisas feitas mostram que além de ser um transtorno claro na fase escolar, o TDAH acaba acompanhando a criança na fase adulta, e que se não fazer o tratamento adequado, pode sim interferir na sua vida social, familiar e acadêmica.

Professor, Família e Aluno: conhecendo os seus Papéis

Ao longo do tempo o professor vem sendo o mediador do conhecimento, ele tem que compreender a importância e a responsabilidade educacional que ele tem na vida do aluno com TDAH. Segundo a Associação Brasileira de Déficit de Atenção:

O professor é um dos grandes observadores de crianças, é quem as conhece como poucos, pois consegue manter olhar individual, mesmo em meio a uma multidão”. Diferente de outros profissionais, ele é um dos poucos que enxerga a criança e o adolescente em sua rotina, na realidade em que ele está inserido. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DEFICIT DE ATENÇÃO,2013).

Beli (2008) Afirma que o professor tem que estar em constante atenção com os alunos com esse transtorno, pois poderá ser ele o primeiro a identificar

os sintomas do TDAH. Ela ainda ressalta que não é o educador que realiza o diagnóstico desse aluno, ele deve apenas alertar a família sobre o que está ocorrendo e realizar o encaminhamento da criança para um profissional da área da saúde. O professor pode contribuir para a aprendizagem da criança com TDAH com atividades simples, mas de fundamental importância, e isso requer dele duas características importantes.

Segundo Barkley (2002), o conhecimento sobre o transtorno e sua atitude diante do aluno.

Benczik (2000, p.49) afirma que: “Poucos professores têm conhecimento sobre o TDAH. Em muitos casos, eles têm uma percepção errada sobre a natureza, as causas, as manifestações dos sintomas e o que devem fazer”.

Compreensão e conhecimento sobre o transtorno deve ser o primeiro passo que o professor tem que dar para assim ele conseguir auxiliar a criança com TDAH no processo ensino aprendizagem.

Alunos com TDAH tem suas características de ensino aprendizagem: eles têm uma maneira melhor de compreender seus recursos favoritos. Por isso o professor, tem que encontrar quais são as características do seu aluno, pois assim será melhor de se interagirem com os colegas em sala de aula.

Para Craft (204, p.156), “A melhor forma para atuar com o aluno com esse transtorno é ensinar com convicção de que o aluno poderá aprender”.

É muito importante que o professor encontre alguma motivação para assim ele poder trabalhar melhor com esse aluno, sendo desta forma uma maneira positiva, e obtendo grandes resultados quanto á o ensino aprendizagem.

Á família vem tendo um papel muito importante no ensino-aprendizagem, eles são os principais responsáveis por ensinar e educar, por transmitir calma em um lar bem estruturado e assim conseguir adquirir equilíbrio emocional, tendo limites e responsabilidade. Os atos dos pais têm efeitos diferentes no desenvolvimento de seu filho dentro da sala de aula, a família é vista como um ser ativo na vida desse aluno, o apoio familiar é a base sólida para o seu desenvolvimento no âmbito escolar.

Belli (2008) afirma que os pais de alunos com esse transtorno precisam saber que seu envolvimento na vida de seu filho deverá ser redobrado. Eles devem estar sempre preparados para assumir o controle da situação e também para evitar qualquer tipo de preconceito e rejeição que a criança possa sofrer.

O conhecimento dos alunos diagnosticado com TDAH, é importante compreender em que nível produtivo eles conseguem alcançar, para poderem fazer as atividades de acordo com o desempenho de cada aluno. Eles precisam ser estimulados, nas brincadeiras nos jogos lúdicos e jogos com regras, pois assim ajudará eles no convívio social e a saber perder e ganhar. Alunos com esse transtorno são bem desorganizados, eles precisam da ajuda dos educadores e dos seu familiares para se organizarem melhor, conhecer e compreender o processo de aprendizagem dos alunos é importante, o problema da falta de atenção e muito forte, a distração aparece com muita clareza: se a criança estuda na parte da manhã para ele as primeiras horas são melhores para se trabalhar em sala de aula; pois conforme vai passando as horas eles vão ficando um pouco mais agitado, sendo assim os professores tem que sempre mudar a rotina, e suas estratégias para que eles não perca o foco.

Inclusão Escolar

A inclusão escolar é um assunto que vem sendo muito debatido pela sociedade, obstáculos, questões e problemas, neste momento os professores não estão sendo capacitados para ajudarem os seus alunos com necessidades especiais.

Para Booth, a dimensão de práticas inclusivas, refere-se a:

(...) desenvolver que se ensina e aprende, e como se ensina e aprende, de forma a refletir valores e políticas inclusivos, a aprendizagem é orquestrada de modo que o ensino e as atividades de aprendizagem se tornam responsivos á diversidade de jovens na escola. As crianças são encorajadas a ser ativas, reflexivas críticas e são vistas como um recurso para a aprendizagem uma das outras.

Os adultos trabalham juntos de modo que todos assumem responsabilidade pela aprendizagem de todas as crianças (BOOTH,20012 apud VENTURNI,2013, p.584)

Diante disto, ressalta a importância de todas as pessoas vinculadas ao processo de ensino aprendizagem da criança, com dificuldades educacionais, ou seja, cidadão ligados as responsabilidades nesse processo. Venturini destaca que a aceitação dessas dimensões no processo de estudos e desenvolvimentos de argumentos escolares mais extensos seja um rumo prospero para todos os responsáveis: estudantes, professores, gestores, pais.

Percebe -se que para notar as crianças com necessidades educacionais especiais, e preciso você enxergar ela, como um ser humano, que tem direitos, que é ágil e presente em quaisquer atividades, sendo estas atividades no âmbito escolar, que respondam as suas ações e a suas vontades. É necessário que a escola se concilie ao aluno e não o aluno se adeque a metodologia da escola. Reis (2010) fala que:

(...) é papel da escola refletir sobre a didática usada em sala de aula, visto que as crianças atualmente, estão rodeadas de estímulos, e vivem em um ritmo acelerado, portanto, o professor deve tentar se adequar ao ritmo do aluno como atividades que estimule sua atenção, que tenham um período curto de duração, como também utilizar jogos interativos, entre outros, e deixar um pouco de lado a lousa, o giz, a atividade mimeografada as carteiras enfileiradas. (REIS,2010, p.194).

Assim vem se destacando a importância das atividades didáticas em sala de aula, que auxiliem no processo de aprendizagem do aluno com TDAH, deste modo é importante a elaboração de um plano de aula especificado para cada aluno com necessidades especiais. Coelho ressalta:

(...) desenvolver processos de ensino aprendizagem e de avaliação mais individualizado, planejamentos que possam ser (re) construídos e que sejam resultado de um trabalho conjunto do professor regente, do professor de apoio, de profissionais da equipe diagnostica e dos pais, tendo em vista a definição de estratégias em que o processo vai ser individualizado, a forma de lidar com a organização de comportamentos favoráveis ao processo de ensino- aprendizagem e as potencialidades/ necessidades dos alunos para organizar um planejamento cooperativo das estratégias educacionais.(COELHO,2010,p.69).

A fim de se conquistar um propósito seguro e real de inclusão, cuidados, direitos e deveres, devem ser apresentados e esclarecidos a todos os envolvidos, para assim cada um cumprir com as suas responsabilidades e suas conquistas e seus direitos.

Enfim, o futuro da inclusão escolar em nosso país dependerá de um esforço coletivo, que obrigará a uma revisão na postura de pesquisadores; políticos, prestadores de serviços, familiares e indivíduos com necessidades educacionais especiais, para trabalhar numa meta comum, que seria a de garantir uma educação de melhor qualidade para todos. (MENDES,2006, p.402).

Se todos os envolvidos devem fazer a inclusão em conjunto coletivo, não existirá, mas rotulação, as diferenças tem que ser entendidas como algo comum, quando todos apreenderem a respeitar as diferenças, haverá uma exclusão dos incluídos dentro da sala de aula.

Metodologias de ensino que promovem o desenvolvimento dos alunos com TDAH

No âmbito escolar encontra – se crianças com vários tipos de cultura, crenças e costumes, toda criança é um ser único que conduz com ela suas qualidades de constrói o seu indivíduo. Dentro da sala de aula encontramos uma diversidade de cultura, no meio destas crianças estão as que tem comportamentos e atitudes diferentes das outras: são rebeldes, desatentos, impulsivos e distraídos. Sendo assim compete ao professor o trabalho de proporcionar uma oportunidade a todos os alunos, e os deixando construir o seu próprio eu de conhecimentos, sem deixar nenhum aluno para trás.

Testemunhamos constantemente nas salas de aula as crianças que têm dificuldades em se concentrar em alguma atividade que a professora pedi para eles realizar, tem alguns professores que acabam falando dos alunos que não presta atenção, e constringendo eles por não entender a matéria. Alunos com TDAH não compreendem nada, devido a sua falta de atenção. É importante que professor nessa situação esteja atento e se dedique buscando estratégias para desenvolver um aprendizado de forma concreta.

Uma vez diagnosticado, o professor tem condições de ajudar o aluno com TDAH sem, com isso, prejudicar a turma. Por meio de algumas estratégias, ele pode facilitar o cotidiano dessa criança na escola. “ela deve ser incentivada a aprender da forma consensual, mas também não precisa ser desestimulada a nunca mais tentar formas diferentes de resolver os mesmos problemas”. (FREITAS et al 2010, p.178)

Alunos com TDAH dever ter preferência em sentar-se nas primeiras carteiras, em nenhum momento perto da porta ou janelas, para não se entreterem. As atividades não podem ser muito longas devido eles não se concretarem muito tempo em uma só atividade. É indispensável que o professor procure alterar os métodos de ensino, procurando sempre diferenciar uma aula da outra, para assim poder incentivar e motivar os alunos. O professor deve observar os alunos, pois os que tem TDAH sofrem de baixa autoestima, e acabam duvidando da sua capacidade, alguns tem dificuldades de se relacionar com os colegas devido a sua impulsividade, por isso é importante que o professor faça com que ele acredite na sua capacidade e que sempre incentive ele a fazer suas atividades da sua maneira. Segundo Coelho (2010):

Cada criança apresentará diferentes formas de aprendizagem, e quanto mais criança for estimulada e incentivada, melhor o seu desenvolvimento, independentemente de ter necessidades educacionais especiais. Nesse sentido, adverte Coelho que “Outro aspecto importante a ser considerado como fator de desenvolvimento refere-se ao estímulo à criatividade” (COELHO,2010, p.65).

Quando a criança é estimulada, ela demonstra forma diferentes de aprendizagem, melhora seu desenvolvimento e as suas necessidades, aumentando a sua criatividade

Resultados e Discussão

Os dados foram coletados no dia 10 de novembro do ano 2020. Foram aplicadas questões fechadas a professores da Escola Mundo Encantado da

Criança na cidade da Matupá-MT. Os dados foram expostos em gráficos e tabelas para análise, como veremos a seguir.

Questão 1: Gênero Sexual? Podemos analisar que 100% dos professores são do sexo feminino.

Gráfico 2: Situação funcional do professor?



Fonte: GOMES (2020)

Figura 2. Situação funcional do professor?

Verificamos que cinquenta por cento são professores efetivo, e os outros cinquenta são professores contratados.

Questão 3: Conhece o transtorno de Déficit de atenção com Hiperatividade (TDAH)? Todas as professoras responderam que sim, apesar de ser um assunto que é pouco falado. De acordo com silva (2003):

... o comportamento hiperativo nasce de um trio de sintomas: dificuldades de atenção, impulsividade e hiperatividade, o qual chama de "trio de base alterada". Esses sintomas só são característicos do TDAH quando ocorrem de forma mais exagerada do que o comum.

Normalmente essas crianças são excluídas das brincadeiras e jogos pelo fato de não conseguirem respeitar regras, devido a sempre estarem agitados, por não conseguir esperar a sua vez e sempre estarem distraídos.

Questão 4: Enquanto professor você consegue distinguir uma criança com TDAH de uma criança que simplesmente é muito ativa? Todas as professoras entrevistadas responderam que sim, crianças com TDAH tendem a ser, mas impulsivos, não conseguem manter o foco no conteúdo, são impacientes, tem dificuldades em seguir instruções e são muitos inquietos na sala de aula. De acordo com Orjales (2007, p.295):

[...] a um quadro sintomatológico de base neurológica que pode degenerar em problemas importantes e que pouco tem a ver com a criança travessa ou malcriada ou com a criança agitada e indisciplinada. [...] Na verdade, quando se utiliza esse termo no contexto da psicopatologia infantil, faz-se referência [...] a um transtorno cuja base sintomatológica é o déficit de atenção, a hiperatividade motora e a impulsividade.

Em algum momento podemos perceber que as crianças andam agitada, ansiosa e desobediente, não podemos garantir que essas condições são do transtorno, mas elas podem estar passando por algum momento difícil, pode estar abalado, porém esse momento seja passageiro, o que não define o TDAH.

Questão 5: Quais as principais dificuldades encontradas dentro da sala se tratando de uma criança com TDAH? Todos os entrevistados responderam que a concentração e socialização são os maiores fatores, mas além desses existem outros, como a desorganização, e a falta de não conseguirem respeitar regras, além dos pais que não aceitam o transtorno que seu filho tem. Segundo Mattos (et al,2006):

... para a criança com TDAH, isso não é uma tarefa fácil, passando a impressão as principais reclamações dos professores em relação a estudantes são de que as crianças são muito inquietas, desobedientes, agem de forma imatura nas brincadeiras que possuem regras, possuem dificuldades em 27 atividades em grupo e não prestam atenção nas explicações. Com isso é indispensável que as crianças prestem muita atenção às explicações e se concentrem

ao máximo para ouvir o que está sendo ensinado para quem o observa de desinteresse proposital.

Devido as várias dificuldades de ensino aprendizagem, não devemos dizer que essas crianças não possuem capacidade de apreender, ou dizer que são menos inteligentes que as crianças ditas "normais". Alguns profissionais por falta de informação acabam dificultando a aprendizagem desses alunos, transformando o ambiente desagradável.

Questão 6: Na sua opinião é válido trabalhar de forma diferenciada com crianças que tem TDAH? Os professores entrevistados disseram que sim, Crianças com esse tipo de transtorno, precisam de rotinas e limitações, alunos com TDAH são muito inteligentes e tem muito potencial, significando que precisam de mediações interdisciplinares e sempre formar estratégias comportamentais adequadas.

Sabe-se que as crianças com TDAH são capazes de aprender, mas têm dificuldades de concentração na escola devido ao impacto que os sintomas têm sobre um bom desempenho nas atividades. (SILVA, VERA CRUZ, LIMA e ASFORA, 2010, p.09).

O professor tem que estar capacitado para se adequar as estratégias e métodos ao estilo aprendizagem do aluno, a sala de aula tem de ser um ambiente agradável e dinâmico aonde o aluno se sinta confortável, vídeos, revistas, computadores e até mesmo aula ao ar livre são grandes aliados para contribuir no seu desenvolvimento.

Questão 7: Considera importante a participação da família das crianças que tem TDAH? As respostas foram unânimes, sim, criamos um vínculo entre escola e família para assim poder auxiliar em problemas específicos e buscamos uma parceria em conjunta para sempre melhorar o desenvolvimento integral da criança e respeitando suas limitações. Segundo ribeiro (2008, p.41):

O convívio familiar e o tipo de relações sociais que aí se estabelece são muito importantes na construção da identidade. A criança vai estruturar seu mundo a partir dos diálogos estabelecidos na família, na e na comunidade.

A família é a base inicial para a criança fortalecer sua afetividade e sociabilidade, podendo agir com interação como seres sociais, formando suas primeiras regras, conhecimentos e valores, para melhorar a convivência o primeiro passo que a família tem que dar é estimular os bons comportamentos, buscar se aprofundar, mas no assunto, compreender as atitudes que esta criança apresenta, isso tudo ajudará o aluno a conseguir controlar sua impulsividade.

Questão 8: Como que é a participação dos pais? Segundo 100% dos professores é uma participação muito ativa, trabalhamos em cooperação para aumentar a probabilidade da criança em ter uma experiência de vida de escolar bem-sucedida.

A importância da família na determinação do comportamento humano não pode ser negada. Ela é uma das responsáveis pelo desenvolvimento cognitivo, emocional e social de uma criança, bem como pela criação e manutenção de um ambiente propício ao desenvolvimento. (BARBOSA E OLIVEIRA, 2008, p. 36).

Podemos compreender que a participação da família é indispensável para o processo de desenvolvimento de qualquer criança, especialmente quando falamos de criança que precisam de mais orientação e atenção. A família pode contribuir no tratamento, dando o seu apoio, conversando, deixando a criança expressar o que ele está sentindo, sempre respeitando suas limitações, nunca ofendendo, impondo regras, os pais nunca devem usar ofensas e nem violência física.

Conclusão

O presente artigo buscou observar como está sendo o papel da família e da escola no processo ensino aprendizagem dos alunos com diagnóstico do Transtorno baseando-se em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, pode-se verificar que abrange uma dinâmica, mas complexa, observando que deve

ser analisado o assunto de uma forma indisciplinar e auxiliando entre família e escola.

A partir da presente pesquisa pode se concluir que as características individuais do aluno apresentam, “agitação, impulsividade e dificuldade em manter o foco na sua atenção”, não são crianças maldosas e não aguem por vontade própria, mas sim por uma causa de origem genética ou biológica. Assim que for dado o diagnóstico adequado para a criança a família e a escola conseguirão em conjunto, procurar conhecimentos e estratégias, quanto no ambiente familiar como no escolar para assim apoiar os alunos e suas necessidades, para poder contribuir efetivamente no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Diante disso, não se deve julgar e nem comparar essas crianças com as outras, elas não devem ser rotulas pelas pessoas do meio em que vivem. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é um transtorno com muita dificuldade, pois apresenta muitas comorbidades. Por isso se torna essencial a parceria da escola com os pais, quando anda em conjunto consegue desenvolver um vínculo maior das crianças com TDAH, com as demais crianças.

O âmbito escolar tem que ser agradável, aonde o aluno vivencie experiências e sinta se bem em desenvolver as atividades proposta, sem ser constrangido devido a sua dificuldade de aprendizagem, se o professor realizar trabalhos de interação e de inclusão dividindo a sala em pequenos grupos isso pode colaborar para que esse estudante tenha maiores oportunidades, atividades físicas e exercícios são um aliado na estratégia do professor pois assim o aluno irar relaxar e se concentrar na atividade por muito mais tempo.

A participação da família é de grande importância para desenvolvimento do aluno, pois os pais são os alicerces no processo da aprendizagem, assim como a família a escola tem um papel importante e fundamental no desenvolvimento do aluno, pois é na escola que eles estão construindo e desenvolvendo uma preparação para uma visão de mundo.

Com isso é possível concluir que quando todos estão todos envolvidos e comprometidos a ajudar com estratégias e intervenções, a criança com TDAH conseguirá conquistar um caminho de vitórias em seu desenvolvimento escolar.

Referências

BARBLEY, Russel. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH):** guia completo para pais professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BARBOSA, Altemir José G.; OLIVEIRA, Larissa Dias de. **Estresse e enfrentamento em pais de pessoas com necessidades especiais.** 2008.

BENCZIK, Edyleine B. P. **Manual da escola de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: versão para professores.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BELLI, Alexandra Amadio. **TDAH e agora?** São Paulo: STS, 2008. 109 p

CRAFT, D.H. **Distúrbios de Aprendizagem e Déficits de Atenção** In. WINNICK, J. Educação Física e Esportes adaptados. São Paulo A: Manole, 2004.

COELHO, C.M.M. Inclusão Escolar. In: MACIEL, D.A. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.** Brasília, 2010. p.55-72

FREITAS, L.C. **Categorias de Necessidades Educacionais Especiais Enquanto Predictoras de Déficits em Habilidades Sociais na Infância.** Revista Psicologia Reflexão Crítica. Porto Alegre, v.27 n.4, 2014.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científico**1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. -5. ed.- São Paulo: Atlas 2003.

MENDES, E.G. **A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p.387-405, set/dez. 2006

MATTOS, P.; PALMINI, A.; SALGADO, C.A.; SEGENREICH, D.; OLIVEIRA, I.R.; RODHE, L.A. e LIMA, P.P. (2006). Painel brasileiro de especialistas sobre **diagnóstico do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH) em adultos.**

ORJALES, Isabel. **Déficit de Atenção/Hiperatividade: diagnóstico e intervenção.** IN: GONZÁLEZ, Eugenio (org). Necessidades educacionais específicas: intervenção psicoeducacional. São Paulo: Artmed, 2007

REIS, G.V. **Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): Doença ou apenas rótulo?** Anais do Sciencult. Periódico UEMS v. 2 n. 1. Paranaíba, 2011.

20 - SOUZA, Isabella. SERRA-PINHEIRO, Maria. FORTES, Didia. PINNA, Camila. **Dificuldades no Diagnóstico de TDAH em Crianças.** J. Bras. Psiquiatr. 56, supl1; 14-18, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes inquietas-TDAH: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas.** São Paulo: Ed. Gente, 2003.

SILVA, Ana Beatriz B. **Mentes inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade** / Ana Beatriz Barbosa Silva. - Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, 2010.

- Presépio de Natal: um louvor ao Menino Jesus (Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva; Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva)

Presépio de Natal: um louvor ao Menino Jesus

Roselene de Jesus Motta da Silva

Rosivane Santana Faria Silva

Thelma Pires Geronimo Motta

Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13652591

Objetivo geral

Despertar nos alunos o verdadeiro sentido do Natal através do resgate da cultura de presépios e da participação de atividades alegres e espontâneas, enfatizando um ambiente festivo, perceptivo. a solidariedade e amor ao próximo.

Objetivo específico.

- Incentivar a criança compreender o significado do Natal;
- Identificar os símbolos do Natal;
- Promover a socialização;
- Participar de atividades que envolvam histórias, brincadeiras e canções para despertar e esclarecer curiosidades sobre o Natal;
- Produzir trabalhos artísticos, utilizando a linguagem do desenho, da pintura, da colagem, da construção, desenvolvendo o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação;
- Estimular a linguagem oral;
- Ampliar as relações sociais;
- Estimular a afetividade entre as crianças e educadores,
- Desenvolver atenção e a criatividade;
- Decorar o ambiente.

Justificativa

O Natal é uma data muito importante do nosso calendário, que infelizmente foi se tornando pouco a pouco apenas um dia comercial, com estímulo a compra de roupas, calçados e presentes. Com isto, o verdadeiro sentido foi sendo, pouco a pouco, perdido, deixado de lado e era aí, exatamente que residia a beleza da festa, o espírito natalino.

Natal é o nascimento de Jesus Cristo, e ele nasceu numa humilde manjedoura, apesar de ser o filho de Deus. É preciso resgatar, portanto, as origens reais desta data, conversando com os pequenos sobre perdão, amor ao próximo, fraternidade e humildade, dentre outros valores que vem sendo esquecidos.

Dar e receber presentes, festejar é muito bom, porém, sem esquecer o real sentido da festa. A partir deste Projeto é possível proporcionar ao aluno uma série de atividades que resgatem o real significado do Natal e facilitem a construção de conhecimentos das tradições da festa de forma participativa, descontraída, buscando integrar diversas áreas e permitindo a livre criação, a interação e o diálogo, respeitando, porém, as diferenças individuais.

Metodologia

Esse projeto foi idealizado pelas professoras do Pré II- A e B matutino, da EMEI Pequeno Sábio, no ano de 2021, mais precisamente no mês de novembro e dezembro, de forma fazer resgatar a cultura do Natal na escola. Trata-se do Projeto que esse ano contempla o Presépio Natalino, com atividades voltadas aos alunos da educação infantil e suas famílias.

O primeiro passo é apresentar o projeto à diretoria da escola que autoriza que as atividades sejam realizadas com as crianças como; participar da montagem do projeto/presépio. Os próprios professores, de posse do projeto, fazem um momento de partilha com os alunos acerca da origem, história e significados de cada parte do presépio. Em seguida, convidamos as famílias a visitar o presépio na escola. vai até a escola. Depois de pronto, os alunos realizam uma exposição.

Além disso, cada professor poderá desenvolver com sua turma diversas atividades a partir do Tema proposto Natal, levando sempre em consideração que é pre-

ciso respeitar as diferenças e o pensamento de cada um, proporcionando momentos em que se possa ler e assistir vídeos a respeito, conversar, trocar ideias sobre o tema e desenvolver atividades diversas que sejam prazerosas e criativas. Uma caixa de correio pode ficar disponível para os cartões, bilhetes e cartinhas não somente para o Papai Noel, mas para que troquem entre si mensagens diversas.

Assim em meados mês de novembro e, ao longo do mês de dezembro, já será possível contemplar o visual do projeto. as crianças serão convidadas a visitar o projeto com as suas professoras, uma vez por semana as idealizadoras do projeto apresentarão cada parte do mesmo para as crianças, incentivado e demonstrando a verdadeira importância do Natal.

Atividades desenvolvidas

- Conversa informal sobre a história do Natal e seus símbolos;
- Apresentação e atividades com os símbolos do Natal (Sino, Guirlanda, Presépio, Papai Noel, Bota, Estrela, Bolas, Renas, Anjos);
- Enfeitar a sala com motivos natalinos;
- Construção de um Presépio para sala;
- Ensaios de músicas e teatrinho para a apresentação;
- Confeção de um cartão para o amigo oculto;
- Amigo secreto;
- Grafismo (atividades: de ligar e traçar);
- Pinturas e recortes;
- Músicas natalinas: Bate o Sino, Noite Feliz, Natal das Crianças, Bom Natal, Bom Velhinho;
- Brincadeiras e ensaio de um coral com a música Natal das Crianças para apresentação;
- Confraternização – festa de Natal.

Recursos/materiais

- Sucatas como papelão, garrafas pete
- tesoura.
- cola quente,
- luzes de Natal;
- tinta guache
- bolas de Natal
- TNT
- folhas secas
- capim
- papel pardo
- pincel
- lápis
- borracha
- EVA

Culminância

Será feita através da festa de encerramento das atividades escolares, com a chegada de Papai Noel, onde as crianças apresentarão números musicais e outras apresentações culturais.

Avaliação

A avaliação será contínua, através da observação diária da criança no desempenho das atividades desenvolvidas no projeto, no relacionamento com os colegas e com as professoras e colaboradores.

Custo

O projeto será a base de sucatas e doações, portanto, não terá custo.

CRONOGRAMA

Atividades	Novembro	Dezembro
Montagem do presépio	x	
Apreciação/visita ao presépio	x	x
Término do projeto		x

Fonte: Proponentes do projeto/Ano 2021.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LEI 9.394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: editora 34, 2011.

REDIN, Euclides. Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a educação infantil, Conhecimento de Mundo, Ministério da educação e do Desporto,

Secretaria de educação Fundamental – Volume III, Brasil, Brasília – DF,
MEC/SEF, 1998.

- Projeto: alimentando com saúde (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)

Projeto: alimentando com saúde

Silvia Cassia da Costa²⁶

Juliana Macedo da Silva²⁷

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz²⁸

Rosiane Artiaga²⁹

DOI: 10.5281/zenodo.13774812

Introdução

Após o período de adaptação, pôde-se perceber a necessidade da introdução de melhores hábitos alimentares no cotidiano dos alunos do Maternal 3 anos matutino, tanto a turma integral quanto a parcial da Escola de Educação Infantil Pequeno Sábio, vez que os alunos estavam acostumados a consumir alimentos de baixo valor nutritivo no seu dia a dia. Entendemos também que esta seria uma prática que deveria se estender à família, de modo que a mesma como parceira da escola e instituição inicial da vida do educando deveria estar em consonância com esse projeto, participando ativamente do mesmo.

O projeto tem o intuito de além de demonstrar a necessidade da inserção de hábitos alimentares saudáveis, conscientizar também a importância da associação com práticas de exercícios físicos para um bom e saudável estilo de vida, tanto para os alunos, quanto para a família dos alunos.

Objetivo geral

²⁶ silviacassiac@gmail.com

²⁷ profjulianamacedo65@gmail.com

²⁸ querozmariely2@gmail.com

²⁹ artiagarosiane@gmail.co

Incentivar os bons hábitos alimentares associado a práticas de atividades físicas.

Objetivos específicos

- Identificar as preferências alimentar dos alunos;
- Conscientizar os alunos sobre a importância e os motivos pelos quais nos alimentamos;
- Reconhecer os alimentos que faz bem à nossa saúde;
- Identificar cores, textura e os diferentes sabores dos alimentos;
- Identificar as frutas, legumes, raízes e a importância destes para a saúde;
- Reconhecer os produtos industrializados como um alimento menos nutritivo e menos necessário ao seu desenvolvimento;
- Incentivar nos horários de alimentação da escola a comer todas as misturas como raízes, legumes e verduras diferentes do seu cotidiano alimentar;
- Conhecer as principais frutas da nossa região, bem como saber diferenciá-las utilizando recursos divertidos juntamente com os sentidos: a visão, o tato, o olfato e o paladar;
- Conscientizar-se dos benefícios da prática de atividades física para uma vida saudável, e seus benefícios para a vida toda.

Justificativa

Ter uma alimentação saudável é de grande importância para as famílias brasileiras, mas não é o que acontece nos dias de hoje, segundo estudos de nutricionistas a criança que não se alimenta de modo correto pode não crescer adequadamente, tendo dificuldades de concentração nas atividades e fraqueza para brincar. Preparamos um Projeto alimentação saudável para educação

infantil, mais especificamente maternal 3 anos matutino e integral, para promover e incentivar nossos pequenos a mudar seus hábitos alimentares de modo a conscientizar também os pais, devemos nos atentar que alimentação saudável é comer bem e não comer demais. Promovendo o consumo de alimentos saudáveis e a consciência de sua contribuição para a promoção da saúde de forma atraente, lúdica e educativa, em consonância com essa temática, será desenvolvida a conscientização com a prática de atividades físicas, como complemento da alimentação saudável, promovendo assim uma vida saudável.

Fundamentação teórica

É de comum acordo entre os pesquisadores da área, que uma boa alimentação, saudável, é de suma importância para o corpo humano, de modo que em cada idade seus benefícios se diferenciam, porém todos apontam para grandes essencialidades dessa prática. De acordo com CUNHA, 2014, "desde a infância cada indivíduo já tem suas preferências alimentares, cabendo à família e à escola incentivarem que estes sejam os mais saudáveis possíveis", de modo que nos baseamos nesta afirmativa para desenvolvermos este projeto, nos valendo do fato de que quanto mais cedo inserir esse pensamento nos educandos, melhores resultados terão para a vida dos mesmos, e além, das crianças se tornam excelentes mensageiras para seus familiares, vez que compartilham suas experiências com as mesmas.

Para essa conscientização sobre alimentação como fator de grande contribuição para melhor qualidade de vida, se faz necessário um incentivo a promoção da saúde por meio da educação nutricional se tornando, portanto, uma necessidade atual. A sociedade não precisa de modismos, e sim da verdadeira conscientização da importância dos hábitos alimentares corretos, isto é, fornecimento de alimentos necessários, nas quantidades adequadas, nos momentos certos, e por meio desta disciplina alimentar alcançar os benefícios satisfatórios para a saúde do corpo e, desta forma, contribuir para a aquisição de uma boa qualidade de vida. (AMARAL, 2008 apud CUNHA, 2014).

Apropriando-nos da fala de Cunha, o nosso objetivo macro, não é de modismo na escola, mas sim uma tentativa de auxiliar os alunos para que tenha esse hábito saudável em sua vida, de forma lúdica e prazerosa, tentando evitar também possíveis doenças e/ou carências nutricionais que é percebido em demasia na sociedade atual.

Valendo-nos dos conceitos acima citados, resolvemos unir ao tema a atividade de exercícios físicos, propondo atividades dinâmicas de movimento com os alunos e se estendendo para a instituição familiar. Nas últimas décadas a inatividade física tem contribuído para o aumento do sedentarismo e seus malefícios associados à saúde e ao bem-estar do indivíduo. Tudo isso, é consequência de um novo padrão de vida da sociedade moderna que com as mudanças de hábitos resultaram num ambiente propício para a inatividade física e juntamente com alimentação excessiva e errônea para um estilo de vida incorreto, desse modo, os dois assuntos estão intimamente interligados, sendo difícil trabalhar os dois temas em separado.

A prática de atividade física regular e seus benefícios para a saúde é vista como importante aliada contra as consequências que parecem ser bastante claras, e sendo um dos fatores para terem maiores probabilidade de desenvolverem doenças crônicas degenerativas. Esses resultados são debatidos frequentemente entre os profissionais na área da saúde e amplamente documentados na literatura atual (FARIA JÚNIOR, 2009 apud, FILHO, 2014).

De acordo com as pesquisas de FARIA, vimos que muito se tem a beneficiar com a associação dessas duas práticas saudáveis de vida, inclusive evitando possíveis doenças que hoje são tão comuns na nossa sociedade, atingindo inclusive as crianças, em virtude talvez da correria do dia a dia dos pais dessas crianças, que por falta de tempo acaba recorrendo a alimentos industrializados que são de rápido preparo, inconscientemente os incentivando a hábitos não saudáveis de alimentação e de sedentarismo, ao oferecer distrações tecnológicas, apenas, como tabletes, celulares, TVs, computadores, etc.

Diante disso, vê-se neste projeto um caminho proposto a ser percorrido tanto pelos alunos quanto pelos pais dos alunos, no intuito de propor

ferramentas que norteiam e apontam para uma melhor qualidade de vida para os mesmos.

Metodologia

- Iniciar o projeto no mês de abril, encaminhando para cada família das turmas envolvidas, um informativo sobre o projeto, solicitando auxílio das mesma na execução do projeto, vez que família e escola devem trabalhar em consonância;
- Fazer uma roda de conversa sobre a alimentação preferida das crianças, registrar os alimentos mais consumidos na família e identificar semelhanças entre hábitos alimentares na família, incentivando bons hábitos alimentares.
- Às sextas-feiras serão realizados os momentos de integração entre as duas turmas do Maternal 3 anos matutino e integral, iniciando por saladas de frutas e conseqüentemente a inserção de outros alimentos como legumes, verduras e biscoitos integrais.
- Esclarecer sempre que devemos ter alguns cuidados como: beber água filtrada, cortar as unhas, lavar sempre as mãos antes das refeições, escovar os dentes após as refeições, pois para ter uma boa saúde é necessário cuidar também da higiene pessoal;
- Mostrar aos pequenos durante o desenvolvimento do Projeto, que alguns alimentos devem ser consumidos com moderação, como por exemplo: pirulito, chiclete, balas, doces, refrigerantes, entre outros;
- Realizar uma vez por semana atividades de coordenação motora com os alunos na quadra da escola, como, circuitos, jogos dinâmicos, para serem explorada a coordenação motora, lateralidade, raciocínio lógico, memória, comando, regras e interação com os colegas.

- Demonstrar aos alunos os nutrientes presente nos alimentos saudáveis propostos, através de atividades como: teatro com fantoches de frutas, vídeos, histórias, atividades de artes etc.;
- Realizar de modo divertido um desfile no pátio da escola, cada aluno desfilará com uma figura de uma fruta, a professora o apresentará dizendo os seus benefícios para a saúde;
- Algumas frutas serão apresentadas em sua forma in natura para os alunos, no dia do conto da história da Chapéuzinho Vermelho, que será realizado embaixo de uma árvore da escola, nesse momento será aproveitado para incentivar a oralidade e memória, após, todos sentarão ao redor da cesta da Chapéuzinho Vermelho para degustarem as frutas, serão dadas preferência para as frutas da época e da região;
- Realizaremos uma visita aos pés de frutas que existe na escola, onde será demonstrado aos alunos como se dá o desenvolvimento delas, e os quesitos necessários para que ela cresça saudável e gere frutos;
- Como culminância do projeto, montaremos uma mesa com frutas cortadas e expostas de maneira divertida e convidaremos a escola para degustar junto conosco levando consigo um selo de alimentação saudável.

Cronograma de atividades

1ª semana

- História: A galinha Ruiva.
- Conversa informal: A atitude dos amigos da galinha Ruiva e a importância dos alimentos para nossa vida, bem como sobre a alimentação preferida das crianças, registrar os alimentos mais consumidos na família e

identificar semelhanças entre hábitos alimentares na família, incentivando bons hábitos alimentares.

- Lanche (conversar sobre os nutrientes do nosso café da manhã).
- Parque: Brincar de fazer comidinha com areia, água, sementes, folhas etc.
- Músicas: A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...
- Pátio: brincar de Seu mestre mandou: pegar uma folha verdinha, uma folha amarela etc.
- Passeio no pátio da escola para investigação da presença de árvores frutíferas.
- Artes: relacionada à história e os numerais 1 ao 10. (a galinha do vizinho bota ovo amarelinho bota 1, bota 2.)
- Vídeo: Chico Bento no sítio.
- Inserir após o lanche ou almoço a escovação (falando sobre a importância dessa higienização, bem como lavar as mãozinhas antes das refeições).

- Observação:

2ª semana

- História: O grande rabanete.
- Parque;
- Música: Comer comer.
- Conversa informal sobre a importância dos legumes e vegetais na nossa alimentação. Esclarecer sempre que devemos ter alguns cuidados como: beber água filtrada, cortar as unhas, lavar sempre as mãos antes das refeições, escovar os dentes após as refeições, pois para ter uma boa saúde é necessário cuidar também da higiene pessoal;
- Artes: atividade relacionada a história.
- Vídeo: João e o pé de feijão.
- Construção de um painel sobre os legumes e vegetais mais importantes para a nossa alimentação saudável.

- Pátio: Brincadeiras e jogos com circuitos.
- Encaminhar para cada família das turmas envolvidas, um informativo sobre o projeto, solicitando auxílio das mesmas na execução do projeto (enviando toda sexta-feira uma quantidade pequena de frutas).
 - Fazer uma salada de frutas na Sexta-feira com as frutas trazidas por eles.
 - Observação:

3ª semana

- História: Chapeuzinho Vermelho.
- Conversa informal: Algumas frutas serão apresentadas em sua forma in natura para os alunos, no dia do reconto da história da Chapeuzinho Vermelho, que será realizado embaixo de uma árvore da escola, nesse momento será aproveitado para incentivar a oralidade e memória, após, todos se sentarão ao redor da cesta da Chapeuzinho Vermelho para degustarem as frutas, serão dadas preferência para as frutas da época e da região;
 - Brincadeiras: Realização da atividade que trabalha o corpo, utilizando colchões dispostos a formar uma superfície instável, onde o aluno deverá: engatinhar, rolar o corpo lateralmente, andar, rastejar em decúbito ventral e dorsal e correr.
 - Músicas: Pela estrada afora. (Chapeuzinho Vermelho)
 - Artes: atividade relacionada a Páscoa;
 - Vídeo: Bebê Mais – Alimentação.
 - Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
 - Momento alimentação saudável;
 - Data comemorativa: Páscoa: falar sobre o tema em roda de conversa.
 - Apresentação dos símbolos da Páscoa para a escola.
 - Oferecer uma lembrancinha da Páscoa.
 - Observação:

4ª semana

- História: O sanduíche da Maricota
- Conversa informal: Mostrar aos pequenos, que alguns alimentos devem ser consumidos com moderação, como por exemplo: pirulito, chiclete, balas, doces, refrigerantes, entre outros.
- Parque;
- Músicas: Dançar, criando movimentos e coreografias de músicas;
- Artes: relacionadas à história;
- Vídeo: Turma da Monica (ênfatizando a Magali)
- Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
- Momento alimentação saudável;
- Data comemorativa: Dia do Trabalho
- Roda de conversa: sobre o trabalho e as profissões dos pais, salientando a importância de cada um.
- Visitar as profissionais da cozinha da escola utilizando a toquinha para adentrar ao espaço delas.
- Pátio: Brincadeiras com elástico (passar por cima, por baixo, pular); emitir sons corporais (bater palmas, pés...).

- Observação:

5ª semana

- História;
- Conversa informal: a importância da Mamãe.
- Parque;
- Pátio:
- Artes: atividade relacionada ao Dia das Mães.
- Vídeo e música: Mãe de todo tipo (turma do seu Lobato).
- Mostrar figuras grandes e coloridas de animais com seus filhotes;
- Brincar de mamãe.

- Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
- Momento alimentação saudável;
- Confeção de lembrancinhas do Dia das Mães.
- Observação:

6ª semana

- História;
- Conversa informal: Os nossos sentidos.
- Parque;
- Brincadeira: Identificar as frutas de maneira lúdica, verduras e legumes através do olfato, tato e paladar (caixa da curiosidade alimentar).
- Apresentação do fantoche das frutas.
- Músicas;
- Artes: Colagens com grãos.
- Pátio: Corrida do ovo ou limão na colher;
- Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
- Momento alimentação saudável;
- Observação:

7ª semana

- História;
- Conversa informal: A importância dos alimentos saudáveis;
- Parque;
- Artes: Recorte em revistas de frutas, verduras, legumes e pedir que os alunos construam um prato que represente uma alimentação saudável.
- Vídeo;
- Relacionar em um painel a lista do nome dos alunos às frutas de sua preferência;

- Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
- Momento alimentação saudável;
- Observação:

8ª semana

- História;
- Conversa informal: A importância dos alimentos saudáveis;
- Parque;
- Artes: Recorte em revistas de frutas, verduras, legumes e pedir que os alunos construam um prato que represente uma alimentação saudável.
- Vídeo;
- Pátio;
- Rotina: oração, lanche, escovação e almoço;
- Realizar de modo divertido um desfile no pátio da escola, cada aluno desfilará com uma figura de uma fruta, a professora o apresentará dizendo os seus benefícios para a saúde;
- Culminância do projeto: montaremos uma mesa com frutas cortadas e expostas de maneira divertida e convidaremos a escola para degustar junto conosco levando consigo um selo de alimentação saudável.
- Observação:

Conteúdo

- Família;
- Alimentação saudável;
- Hábitos alimentares na família;
- Confraternização;
- Roda de conversas;

- Brincadeiras;
- Jogos;
- Exercícios físicos;
- Expressão corporal;
- Dança;
- Músicas;
- Vídeos;
- Painéis;
- Higiene pessoal;
- Alimentos prejudiciais à saúde;
- Coordenação motora;
- Circuitos;
- Lateralidade;
- Raciocínio lógico;
- Memória;
- Comando;
- Regras;
- Nutrientes dos alimentos;
- Teatro com fantoches;
- Vídeos;
- Histórias conto e reconto;
- Artes;
- Colagens;
- Pinturas;
- Recortes;
- Desfile;
- Etc.

Avaliação

Os alunos serão avaliados através de observações sobre seu envolvimento com as atividades propostas, bem como sua interação com os colegas de sala nos momentos de atividades coletivas.

Tempo de duração:

2 meses, porém, o incentivo a alimentação saudável ocorrerá o ano todo.

Referências

CUNHA, Luana Franciele da. A importância da Alimentação Adequada na Educação Infantil. Disponível em : http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/3507/1/MD_ENSCIE_IV_2014_57.pdf. Acessado em: 01/04/2019.

FILHO, Isaias Batista. JESUS, Leonardo Leite de. ARAUJO, Lucinei Gomes da Silva de. Atividade física e seus benefícios à saúde. Disponível em : https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arg-idvol_31_1412869196.pdf . Acessado em 01/04/2019.

- Projeto de leitura e escrita na Educação Infantil: O Meu coração é um zoológico (Thelma Pires Geronimo Motta; Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva; Roselene de Jesus Motta da Silva; Rosivane Santana Faria Silva)

Projeto de leitura e escrita na Educação Infantil: O Meu coração é um zoológico

Thelma Pires Geronimo Motta

Izabel Cristina de Souza Saturnino da Silva

Roselene de Jesus Motta da Silva

Rosivane Santana Faria Silva

DOI: 10.5281/zenodo.13651557

Introdução

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) estabelece cinco Campos de Experiência para a Educação Infantil, que indicam quais são as experiências fundamentais para que a criança aprenda e se desenvolva. Os Campos enfatizam noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver de 0 a 5 anos e buscam garantir os direitos de aprendizagem dos bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas. Ou seja, o conhecimento vem com a experiência que cada criança vai viver no ambiente escolar. Nesse sentido, o projeto em questão busca trabalhar atividades de forma lúdica, tornando o processo de ensino aprendizagem, muito mais gratificante e divertido para as crianças, já que é na primeira infância que a criança inicia a aprendizagem de conceitos como o respeito, amor, solidariedade, amizade, encantamento, autonomia, entre outros da mesma importância.

Justificativa

O tema desse projeto foi baseado no Livro de literatura infantil **O Meu Coração é um Zoológico** de Michael Hall, que cresceu em Ann Arbor, Michigan, e mora com sua família em Minneapolis, Minnesota. Ele é o criador

de vários livros ilustrados aclamados para crianças, Os animais têm uma grande importância no mundo cotidiano das crianças, pela sua presença através de histórias, desenhos animados e por todos os lugares da vida por onde andam, exercem grande fascínio que leva a criança a possuir um caráter de identificação de suas vivências pessoais e sociais. Pretende-se também envolver nesse projeto os animais do Pantanal, principalmente por ser nessa região do centro oeste onde está localizada nossa escola, cidade de Cáceres-MT. Além disso, o tema leva à aprendizagem do conhecimento ao respeito com os animais, sejam domésticos ou não, pois são seres vivos importantes para o nosso planeta e para o homem, como componentes da natureza. Além de desenvolver a sensibilidade, amor e respeito aos animais.

Objetivo geral

Reconhecer e importância dos animais, a interdependência a outras espécies, características, semelhanças, diferenças e hábitos. Explorar os sons, habitat e experiências com animais.

Objetivos específicos

- Desenvolver hábitos de cuidado e respeito com os animais;
- Construir vínculos afetivos com os animais de estimação;
- Identificar os animais domésticos;
- Entender a necessidade do cuidado diário com bichos e plantas;
- Perceber os movimentos de segurar e agarrar;
- Exercitar sentimentos contraditórios (carinho, raiva, medo, tristeza, etc)
- Cantar e dançar músicas de animais

Metodologia

A metodologia será baseada nos 5 Campos de Experiência definidos pela nova BNCC para o desenvolvimento das crianças serão explorados. Pode-se observar que os cinco campos de experiências se integram e que nas atividades sugeridas abaixo são garantidos os seis direitos de aprendizagem: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.

- **Eu, o outro e o nós:**
- Rodas de conversas – para sondar os conhecimentos prévios dos alunos, perguntar quem tem um animal de estimação e quem não tem se gostaria de ter. Quais são eles? Como são? Como se chamam? Etc. Mostrar também imagens de animais variados e sondar se conhecem, gostam, sabem o nome ou algo a respeito.
- Na segunda roda, em outro dia, propor que as crianças tragam de casa fotografias dos seus bichinhos de estimação e/ou imagens dos bichinhos preferidos e/ou daqueles que desejam ter.
- Instigar cada aluno a falar sobre os bichinhos, seus nomes, suas características, o que comem, como são cuidados, o que sentem ao ver a foto etc.
- Cantar, dançar, recortar, pintar, reconhecer nomes dos animais.
- Propor escrita espontânea;
- Desenho livre;
- Confeccionar máscaras de animais
- **Corpo, gestos e movimentos:**
- Brincar de imitar diferentes animais: como se locomovem? Como é sua voz? Cantar e dançar música que fale de animais;
- Se não cuidamos bem do nosso bichinho ele pode ficar doente? Brincar de imitar o bichinho doente;
- Se bem cuidado, como fica o animal? Brincar de imitar animais felizes e recebendo carinho;
- Quais animais não são adequados para serem bichos de estimação? Por quê? Vamos imitá-los também?

- Cabe ao professor variar as propostas de acordo com a faixa etária e os interesses da turma.

- **Traços, sons, cores e formas:**

- Propor desenhos, pinturas, modelagens, dobraduras, criação de bichinhos com pedras e sucata. Explorar as diferentes formas e cores variando os materiais. Novamente imitar as vozes dos animais. Interpretar imagens diversas de animais – lendo-as – criando histórias para elas. As imagens podem ser pesquisadas em casa por alunos e professores para a realização da atividade. É fundamental registrar as produções dos alunos, para tal o(a) professor(a) faz o papel de escriba;

- **Escuta, fala, pensamento e imaginação:**

- Escolha canções que tenham animais como tema. Cante-as, dance, brinque com elas. Desenvolva brincadeiras orientadas de faz de conta usando máscaras ou fantoches;

- Na roda de conversas ensine-as a intérprete as canções para que cada criança fale e possa ouvir seus colegas. Pergunte: o que aconteceu? Onde foi? Como? Perceba se verbalizam coerentemente;

- **Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações:**

- Escolher alguns animais para explorar, por exemplo: mostre figuras e/ou vídeos da vaca e de quando são filhotes: bezerros. Mostre fotos de bezerros mamando na vaca para que percebam a transformação em relação ao tempo e espaço;

- Fazer a eleição dos animais preferidos e monte um gráfico da turma. Quantos preferem o cachorro? E o gato? O coelho?

- Organizar o dia do bichinho de pelúcia ou plástico. Brinque de classificar os semelhantes, conte quantos animais de cada, conte o total de bichinhos, organize do maior para o menor e vice-versa. Sistematize as atividades desenhando-as no caderno.

Culminância

Apresentação no pátio da escola da Contação de história dramatizada **A Galinha Ruiva, pelas professoras e algumas crianças** vestidas de animais. Finalizando com uma dança dos bichos apresentada pelas professoras.

Referências

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel; tradução Cristina Maria de Oliveira. Aprender e ensinar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. BNCC: Base Nacional Comum Curricular, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.

- Projeto Minha escolinha (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)

Projeto Minha escolinha

Silvia Cassia da Costa³⁰

Juliana Macedo da Silva³¹

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz³²

Rosiane Artiaga³³

DOI: 10.5281/zenodo.13774828

Justificativa

Após alguns anos de trabalho contínuo na turma do Maternal desta escola, foi possível observar situações que se repetem no período de adaptação das crianças, no que se refere ao vínculo familiar, à solicitação da mãe durante as aulas e ao choro da criança no momento de se despedir dos pais.

O afastamento do aconchego da família gera ansiedades e inseguranças nas crianças, assim, pensamos em algumas posturas enquanto educadoras, em tornar as aulas mais atrativas e divertidas que poderiam fazer a diferença nesse período tão delicado para a criança pequena.

Objetivo geral

Analisar e incentivar o processo de adaptação da criança e a participação dos seus pares neste processo propiciando momentos de

³⁰ silviacassiac@gmail.com

³¹ profjulianamacedo65@gmail.com

³² querozmariely2@gmail.com

³³ artiagarosiane@gmail.co

conhecimento, diversão, cooperação e interdependência do grupo, respeitando a individualidade de cada um e conseqüentemente desenvolvendo a tão almejada sociabilidade.

Avaliação

A avaliação será de forma contínua, anotando sempre que necessário os avanços individuais de cada um em caderno de campo, levando em consideração o tempo de cada criança.

Funcionará também, como um instrumento importante para fornecer informações às famílias e solicitar seu apoio para um trabalho em conjunto com o único objetivo de auxiliar a criança a desenvolver-se em todas as áreas.

Relatos da experiência

Apresento neste texto o relato da minha experiência com o projeto “Minha escolinha, parte da minha vida...”, que foi executado na Escola Municipal “Pequeno Sábio” com a turma maternal (3 anos), no período de 26/04 a 18/06/2010.

A primeira semana de aula ocorreu de forma um pouco conturbada devido à inserção de alunos novos ou alunos com dificuldades de adaptação, porém, conseguimos dar início ao projeto. Ao final de cada aula a criança levava uma lembrancinha para casa e uma expectativa para o dia seguinte de atividades como: continuação da história, de novas brincadeiras, o aniversário surpresa da Girafa Flor, etc.

Nesse período constatei o crescente interesse das crianças pela riqueza e diversidade da história: Girafa Flor. Principalmente quando foi apresentada uma pequena maket da história.



Essa história narra um fato com uma girafa que acreditava não ter amigos e que decidiu ir até a cidade para comprar um remédio a fim de curar sua solidão... No final descobre que tem muitos amigos e que precisa comemorar fazendo uma festa.

Nossa auto-estima vai sendo formada desde o momento em que nascemos. Todas as experiências que resultam em satisfação, conforto, alegria, vão compondo uma auto-estima

positiva. Por isso, achei válido trabalhar a auto-estima das crianças, a começar com a dinâmica do espelho e uma música da Aline Barros: Você é especial.

Após a atividade, fixamos um espelho na parede com o tema da música.

Assim, abordamos também, o tema: Os sentimentos, enfatizando conversas informais sobre o tema e uma atividade “O sentimento do momento”, que foi muito interessante, pois eles teriam que identificar com qual figura representada dos sentimentos eles se encontrava no momento que chegou a escola: choro, alegria e raiva.

Em sequência ao tema, introduzimos as necessárias: “regras da sala”, que foi muito bem assimilado por todos. Foi abordada uma regra por semana, onde pudemos observar a cobrança deles mesmos para com o outro quando esse não obedecia às regras.

Também foi trabalhada a história “Sapinho triste”, onde ele reclamava da tristeza que sentia por morar perto da escola e ouvir todos os dias as crianças cantarem a música: “o sapo não lava o pé”, já que ele era super higiênico.



Depois disso, toda vez que iam cantar lembravam e cantavam bem baixinho para que ele não ficasse mais triste, já que ele foi um dos convidados para participar da festa de aniversário da Girafa Flor.

Durante todas as atividades sugeridas houve interação total dos alunos, destacando as “Brincadeiras da floresta”, brincadeiras essas, que a girafa Flor brincava com seus amiguinhos: cabra-cega, esconde-esconde, ciranda-cirandinha, corrida no círculo, desafiando os obstáculos (pneus), etc.

Os desenhos livres estimulavam a criatividade e liberdade de expressão, onde todos os riscos tinham significados.

Após o término das atividades de artes, onde era visível a empolgação dos alunos em realizá-las, os trabalhos eram expostos na sala.



O tema: alimentação foi abordado todos os dias, nos horários antecedentes as refeições, comunicando o cardápio e falando dos nutrientes dos mesmos. Houve o dia da visita a cozinha da escola, onde eles adentraram a mesma com a autorização da cozinheira e puderam ver como são preparados os alimentos e quem são as pessoas que trabalham ali.

Improvizamos também um piquenique, no pátio da escola com alimentos preferidos das crianças trazidos pelos pais.

Arrecadamos brinquedos para que acontecessem todas as segundas-feiras, o dia do brinquedo, além dos brinquedos da escola a criança trazia um brinquedo seu para compartilhar com os colegas.

Além dos brinquedos, coletamos peças de madeiras em formatos de figuras geométricas, onde foram pintados por eles para brincarem da maneira como quiserem e sua imaginação permitir.

Houve participação, envolvimento e criatividade nas atividades de pinturas e colagens, bem como, nas confecções de apetrechos para a festa de aniversário tão esperado da Girafa Flor.

A festa de aniversário da girafa Flor foi o ponto culminante e encerramento do projeto, onde cada criança foi fantasiada com uma máscara pintada por eles dos animais convidados e amigos da aniversariante.

Eles viveram momentos de faz de conta, demonstrando alegria e satisfação.

O reconhecimento dos pais, foi gratificante, onde ouvi vários relatos positivos dos mesmos, sobre o comportamento dos filhos em casa, a respeito tanto de informações e conhecimento dos personagens das histórias, quanto pelas descobertas das músicas, brincadeiras e o comportamento em si, já que insisti muito nas conversas informais sobre o respeito ao próximo e as diferenças.

O importante é que alcancei com êxito, um dos principais objetivos, a socialização e interesse das crianças que ofereciam resistência em ficar na escola, que após a introdução do projeto, se mostraram curiosas e tornaram-se participativas e mais assíduas.

Assim, é a vida feliz do professor, quando sente que agiu de maneira a ajudar, a contribuir com o crescimento de alguém, em especial, de uma criança.

“É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou adulto fruem sua liberdade de criação.” Donald Woods Winnicott (pediatra e psicanalista inglês).

**- Projeto: Planeta Azul (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva;
Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)**

Projeto: Planeta Azul

Silvia Cassia da Costa³⁴

Juliana Macedo da Silva³⁵

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz³⁶

Rosiane Artiaga³⁷

DOI: 10.5281/zenodo.13774840

Justificativa

Reconhecendo a importância da água para a vida de todos os seres do planeta, e a iminente diminuição da mesma a cada dia, devido a problemas como: assoreamento dos rios, poluição, desperdício, foi escolhido esse tema visando sensibilizar e conscientizar o aluno, (este um transmissor de conhecimentos para toda a comunidade) atentando para o uso racional da água e da preservação do meio-ambiente, como forma de garantir uma fonte futura.

Objetivos gerais

Perceber a dependência dos seres vivos em relação ao meio ambiente, em especial a água.

Revelar a importância da água utilizando histórias e experiências.

³⁴ silviacassiac@gmail.com

³⁵ profjulianamacedo65@gmail.com

³⁶ querozmariely2@gmail.com

³⁷ artiagarosiane@gmail.co

Reconhecer a ação do homem na transformação do meio ambiente, principalmente no que diz respeito à poluição e ao desperdício de água.

Divulgar os sintomas da doença e mobilizar os alunos no combate à dengue.

Adquirir noções fundamentais sobre a higiene em nossa vida;

Reconhecer a importância e a necessidade de se ter uma boa higiene corporal, bucal e mental;

Desenvolver o hábito de cuidar de si mesmo;

Realizar atividades diárias de higiene;

Organizar rotinas de práticas de escovação dos dentes;

Desenvolver o raciocínio lógico, a expressão oral e corporal.

Desenvolvimento

Linguagem oral e escrita:

Leitura de textos, histórias, parlendas, adivinhas que falem sobre a água, higiene corporal e o mosquito da dengue.

História e dramatização: João e o Pé de feijão.

Histórias relacionadas ao tema.

Atividades diversificadas envolvendo a escrita de palavras significativas sobre o assunto estudado.

Matemática

Noções de massa (pesado/leve), volume (cheio/vazio).

Jogos de memória e dominó.

Figuras geométricas

Natureza e sociedade

Observação do ciclo da água.

Conversa sobre o desperdício da água nas diversas situações cotidianas.

Experiências diversas com a água nos estados: sólido/líquido/gasoso.

Passeio ao redor da escola observando a ação da chuva no bairro e a ocorrência de esgoto a céu aberto.

Experiência do pé de feijão.

Vídeos que abordam o tema “Água”, “higiene corporal” e “Mosquito da Dengue”.

Pesquisa de figuras que mostrem as diferenças entre a água limpa e a água poluída.

Leitura de informativo sobre a dengue.

Recorte e colagem de lugares onde o mosquito da dengue se prolifera.

Visual

Desenho livre e de observação.

Recorte e colagem.

Dobraduras.

Modelagem com massinha.

Pinturas.

Maquetes.

Observação do desenvolvimento do feijão.

Construção de castelos de areia (parque) utilizando funis, areia e água.

Música e movimento

Atividades diversas, músicas e cantigas relacionadas ao tema.

Ginástica historiada.

Dramatização: João e o pé de feijão.

Dinâmica do banho (simulação com jornal amassado no lugar da esponja).

Brincadeiras.

Jogos.

Cronograma

1ª semana

- História: João e o Pé de feijão (conto e reconto)
- Conversa informal sobre a importância da água para as plantas.
- Experiência do pé de feijão.
- Parque: Confecção de castelo de areia. (funil, água e areia)
- Figuras geométricas (dominó)
- Músicas: O sabão lava meus pezinhos...
- Artes: Ilustração da História: João e o pé de feijão
- Vídeo: João e o pé de feijão.
- Rotina: oração, lanche, escovação, banho, almoço e soninho.
- Jogos e brincadeiras (pátio):

2ª semana

- História: João e o Pé de feijão (dramatização: montar o cenário da história com massinhas)
- Conversa informal: Conversa sobre o desperdício da água nas diversas situações cotidianas.
- Dinâmica: Noções de massa (pesado/leve), volume (cheio/vazio).
- Jogos de memória (confeccionados com material reciclável: CDs).
- Pesquisa de figuras que mostrem as diferenças entre a água limpa e a água poluída.
- Dinâmica do banho (simulação com jornal amassado no lugar da esponja).
- Vídeo: O ciclo da água.
- Músicas:
- Artes:
- Rotina: oração, lanche, higiene dental, banho, almoço e soninho.
- Jogos e brincadeiras (pátio):

3ª semana

- História: Confeccionar uma história junto com as crianças através de figuras do mosquito da Dengue e escolher um título.
- Leitura de informativo sobre a dengue.
- Experiências diversas com a água nos estados: sólido/líquido/gasoso.
- Recorte e colagem de lugares onde o mosquito da dengue se prolifera.
- Músicas:
- Vídeo:
- Artes:
- Rotina: oração, lanche, higiene dental, banho, almoço e soninho.
- Jogos e brincadeiras (pátio):

4ª semana

- História: O dentinho triste.
- Leitura de texto que falem sobre a água e higiene corporal.
- Vídeo:
- Músicas:
- Artes:
- Rotina: oração, lanche, higiene dental, banho, almoço e soninho.
- Banho com mangueira ou piscina.
- Jogos e brincadeiras (pátio):

Recursos didáticos

- Cola

- Papéis diversos
- EVA
- Tesoura
- Materiais recicláveis
- Giz escolar
- Brinquedos
- Lápis
- Aparelho de som
- CD
- Livros
- Massinha
- Impressora
- Alimentos
- Fita adesiva
- Tintas
- Papelão
- Internet
- TV
- DVD
- Pen-drive
- Jornais
- Cola colorida
- TNT
- Revistas
- Galho de árvore
- Etc.

Avaliação

Devem-se criar pautas de observação para as situações de conversas, para as brincadeiras e para os momentos de registro do projeto. A Avaliação

deve ocorrer ao longo de toda a sequência didática, levando em consideração tanto a participação das crianças, como a adequação das propostas levadas a elas.

- Semana da Pátria na Educação Infantil: Brasil mostra tua cara! (Silvia Cassia da Costa; Juliana Macedo da Silva; Mariely Iracema Ribeiro Queiroz; Rosiane Artiaga)

Semana da Pátria na Educação Infantil: Brasil mostra tua cara!

Silvia Cassia da Costa³⁸

Juliana Macedo da Silva³⁹

Mariely Iracema Ribeiro Queiroz⁴⁰

Rosiane Artiaga⁴¹

DOI: 10.5281/zenodo.13775015

Introdução

A democracia é uma das maiores conquistas do povo brasileiro, e o exercício da cidadania é essencial para mantê-la viva. O dia 7 de setembro é uma data marcante, especialmente em um momento de eleição, quando o Brasil, após vivenciar um regime de ditadura militar, hoje desfruta da liberdade de expressão – um direito que começou a se consolidar com a Independência. Por isso, é fundamental trabalhar nos alunos essa conscientização e o amor à Pátria. A Semana da Pátria é uma ocasião de grande emoção e reflexão, pois simboliza o início de nossa trajetória como nação independente, fruto de uma longa luta que perdura até os dias atuais.

Homenagear a Pátria Amada significa valorizar seu céu, sua terra, seu povo, sua cultura, sua consciência coletiva, e também as raízes familiares, o legado dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade. Todos nós fazemos parte dessa Pátria. É responsabilidade da escola aproximar os alunos do verdadeiro significado dessa data, refletindo sobre as atividades e suas intenções pedagógicas. É importante que a criança compreenda que ela

³⁸ silviacassiac@gmail.com

³⁹ profjulianamacedo65@gmail.com

⁴⁰ querozmariely2@gmail.com

⁴¹ artiagarosiane@gmail.co

faz parte do Brasil. Demonstramos nosso amor ao país cuidando de suas belezas naturais, protegendo as florestas, os pássaros, o ar que respiramos...

O amor à Pátria se manifesta na solidariedade, no respeito a quem nos cerca e na preservação de nossa terra, natureza, população e símbolos.

Justificativa

Para BNCC (2018) é preciso compreender o significado do dia da Independência do Brasil- Conhecer símbolos nacionais como a bandeira, o hino e o brasão – Promover atividades que incentivem a valorização da cultura e história brasileiras. – Estimular a expressão artística e a criatividade por meio de trabalhos manuais. É preciso trabalharmos a Semana da Pátria com nossos alunos, levando-os a conhecer os problemas sociais, econômico e políticos que constituem obstáculos e dificuldades para o engrandecimento do nosso país, em como as grandes realizações, marco da nossa história, a fim de proporcionar-lhes maior compreensão, amor e espírito de luta pelo Brasil. Um país que respeita a sua diversidade cultural e patrimonial, que mostra a cara do seu povo nas mais diversas camadas da sociedade promovendo o acesso social, patrimonial e fisiológico aos seus cidadãos.

3-Objetivo geral

Despertar o amor à sua pátria, valorizar e respeitar os símbolos nacionais;

Objetivo específico

- Despertar, através da reflexão, a consciência sobre os deveres para com o patrimônio escolar, valor e respeito aos colegas, professores e demais funcionários;

- Incentivar o amor à Pátria
- Cantar e interpretar o Hino Nacional
- Conhecer a diversidade cultural dos estados brasileiros;
- Conhecer as diversidades naturais e políticas do Brasil;
- Desenvolver atividades plásticas com recortes, pintura e colagem;
- Participar da passeata de bicicleta

Metodologia

O Presente Projeto será realizado do dia 01 a 07 de setembro, na semana da Pátria, com atividades diversas durante os cinco dias. No primeiro dia, antes do início das aulas haverá o hasteamento da Bandeiras do Brasil, Estado e Município, neste momento a Direção dará início as atividades da semana. Após a fala da direção os alunos respeitosamente no primeiro dia ouvirão a história da independência do Brasil. No segundo dia cantarão o hino nacional juntamente com a professora. No terceiro dias os alunos desenvolverão, em sala atividades referentes ao tema PÁTRIA, estas poderão ser desenhos, cartazes. No quarto farão bandeiras. No quinto dias os alunos participarão de uma passeata de bicicleta com saída da escola na Avenida Tancredo Neves rumo ao aeroporto juntamente com aparato policial, os seus pais, professores e recepcionados com lanche e hino para finalizar o evento.

Avaliação

Será de forma contínua durante a semana observando a participação e o empenho de todos os envolvidos no projeto.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. BNCC: Base Nacional Comum Curricular, 2018.

BRASÍLIA: MEC/SEF, *Volume 1: Introdução*; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo. 1. Ed. 1998.

BREGOLATO, Roseli Aparecida. *Cultura Corporal da Dança*. 3ª ed. São Paulo: Ícone, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

- Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade em crianças na fase escolar (Luciene Alves de Jesus de Medeiros; Irenilda Aparecida de Lara; Regiane Bentes do Nascimento Guimarães; Viléia Schuster Ribeiro)

Transtorno do Deficit de Atenção e Hiperatividade em crianças na fase escolar

Luciene Alves de Jesus de Medeiros⁴²

Irenilda Aparecida de Lara⁴³

Regiane Bentes do Nascimento Guimarães⁴⁴

Viléia Schuster Ribeiro⁴⁵

DOI: 10.5281/zenodo.13693393

RESUMO

O transtorno de déficit de Atenção e hiperatividade é conhecido como(TDAH) e é possível perceber os sintomas ainda na infância por volta dos três anos de idade, já na fase escolar mais precisamente entre maternal 1 , maternal 2 e pré -escola, os sintomas se caracterizam por desatenção constante, movimentos hiperativos , nervosismo, ansiedade , dificuldade de concentração entre outros como veremos a seguir no decorrer deste artigo , o transtorno de déficit de atenção não tem uma cura , mas tem tratamento adequado que pode trazer melhoras na vida dessa criança. O tratamento por medicação, prescrita por um neuropediatra, ou psiquiatra, sessões de psicoterapia e terapias ocupacionais, é necessário que a família esteja em constante atenção e ajude a criança tanto no tratamento como na vida escolar.

Palavras-chave: Desatenção. Hiperatividade. Psicoterapias.

Keywords

Attention deficit hyperactivity disorder is known as (ADHD) and it is possible to notice the symptoms in childhood around the age of three, already in the school phase more precisely between kindergarten 1, kindergarten 2 and preschool, the symptoms are characterized by constant inattention, hyperactive movements, nervousness, anxiety, difficulty concentrating among others as we will see below in the course of this article, Attention deficit disorder does not have a cure, but it has adequate treatment that can bring improvements in the life of this child. Treatment by medication, prescribed by a neuropsychiatrist, or psychiatrist, psychotherapy sessions and occupational therapies, it is necessary for the family to be in constant attention and help the child both in treatment and in school life.

⁴² *luciene.mtpa@hotmail.com Licenciada em Pedagogia pela (FCSGN)Faculdade de Ciências Sociais de Guarantã do Norte – MT, localizada na Rua jequitibá, bairro aeroporto cep: nº 40, Jardim Aeroporto. Cep: 78520-000

⁴³ irenilda123lara@gmail.com Licenciada em Pedagogia pela (Unopar)Polo de Guarantã do Norte

⁴⁴ regianebentes@unemat.br Licenciada em Pedagogia pela (FCSGN) Guarantã do Norte

⁴⁵ vileia.cincin@hotmail.com Licenciada em Pedagogia pela (FCSGN) Guarantã do Norte

Keywords: Desatentation. Hyperactivity. Psychotherapies.

Introdução

O transtorno de déficit de atenção é um transtorno neurobiológico e neurofisiológico e na atualidade tem sido a maior preocupação, tanto de professores como da família de crianças que apresentam os sintomas ainda na educação infantil, ainda no maternal um, maternal dois e pré- escola, nesta fase é muito importante que os pais estejam atentos e não ignorem o tratamento que pode ser feito por, medicação prescrita por psiquiatra ou neuropediatra, terapias comportamental, psicoterapias, regulação e cronograma de atividades em casa ou escola, a criança precisa está sendo assistida em todo o tempo.

O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é uma preocupação, mas não se trata de doença ou algo delimitador para que as crianças desenvolvam atividades propostas com sucesso, tanto escolar, como social e profissionalmente ao longo do seu desenvolvimento.

Entretanto para que a criança tenha sucesso escolar, intelectual e social é necessário que a escola desenvolva atividades prazerosas que a criança tenha interesse em realizá- lá como por exemplo, a inserção de jogos, brincadeiras que envolvam atenção concentração, habilidade motora e sensorial, as brincadeiras com blocos, jogos lógicos, dança, massinhas podem ser grandes aliadas neste processo de melhoria na atenção e hiperatividade.

No entanto para que a criança em fase escolar tenha sucesso a longo prazo faz se necessário a apresentação de um diagnostico certo feito por profissionais especialistas, que tenha um acompanhamento constante com uma equipe multidisciplinar também especializada no assunto, trabalhando em conjunto com o pedagogo e o psicopedagogo, para que a criança tenha boa qualidade de vida tanto escola.

Portanto para que todos esses passos surjam o efeito esperado, a família deve estar atenta e engajada no processo juntamente com a escola.

Desenvolvimento

De acordo com Barkley (2000): “O TDAH é uma deficiência de autocontrole que alguns profissionais denominam de funções executivas críticas de planejamento, organização e condução de comportamentos humanos complexos por longos períodos de tempo. Isto é, numa criança com TDAH, a porção “executiva” do cérebro, que supostamente deve estar organizada e controlando o comportamento, auxiliando a criança a planejar o futuro e a seguir planos, faz um trabalho muito pobre.” (Barkley, p.157).

Salientando Barkley (2000) “O transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, constitui-se um transtorno de desenvolvimento do autocontrole, que consiste em problemas com os períodos de atenção, controle do impulso e o nível de atividade.” (p.35)

As crianças com transtorno de déficit de atenção, tem dificuldades em controlar –se agem pelo calor do momento, tendo grande dificuldade de manter se calmo e ter instabilidade emocional, demonstra grande desatenção para desenvolver atividades escolares.

De acordo com Bueno (2017) sem atenção não há memória, logo, sem memória não há aprendizagem, pois, diversas funções cognitivas dependem da atenção, em especial, a memória (COUTINHO, MATTOS, ABREU, 2018).

A hiperatividade se caracteriza de diversas formas, a criança inicia uma atividade e não termina, fala sem pensar e constantemente, interfere nas conversas de outra pessoa está sempre em busca de atenção é tido pelos adultos como, mal-educada e sem limites.

Para Goldstein (2004), apud Oliveira (2007):

... desatenção, agitação, excesso de atividade, emotividade, impulsividade e baixo limiar de frustração afetam a integração da criança com todo o seu mundo. Criança hiperativa apresenta as dificuldades mais comuns da infância, porém de forma mais exagerada. E, na infância, a disfunção causa maiores danos como, por exemplo: atraso nas atividades, perda dos materiais, inquietação, dentre outros. (OLIVEIRA, 2007).

A criança que apresenta déficit de atenção e hiperatividade não deve nem pode ser excluída de suas atividades rotineiras na escola, nem dentro de casa junto com sua família e a escola deve adotar medidas para que a criança não perca o interesse pelas atividades oferecendo atividades diferenciadas de forma lúdica e divertida

[...] Uma vez diagnosticado o TDAH, esse aluno deve ser considerado como uma criança com necessidades educacionais especiais, pois para que tenha garantidas as mesmas oportunidades de aprender que os demais colegas de sala de aula, serão necessárias algumas adaptações visando diminuir a ocorrência dos comportamentos indesejáveis que possam prejudicar seu progresso pedagógico [...] (REIS, 2011 p.8)

Dentro do contexto escolar a criança aprende, a ser sociável, desenvolve habilidades motoras, senso de responsabilidade em cumprir tarefas, ser comunicável, ser empático e construir afetividade, seja com outras crianças ou com adultos que convive no dia a dia, é então de extrema importância que pais e professores caminhem juntos para que essa criança consiga superar as dificuldades trazidas pelo transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. É necessário que haja mudanças na forma de ensinar do professor é importante que faça algumas mudanças na sala de aula estruturando de forma que o aluno se sente próximo a professora, longe de janelas ou tributos que lhe tirem a atenção, também é necessário que um psicopedagogo esteja pronto para acompanhar essa criança.

Segundo Leite e Ferreira (2010):

A Psicopedagogia tem papel fundamental para auxiliar as crianças com distúrbio de comportamento através da ludicidade, escrita de livros e ilustração, leitura e dramatizações. Tendo-se em mente que a formação de educadores é um processo e não um fim, portanto não há limites para a leitura, a pesquisa e a reflexão. (LEITE; FERREIRA, 2010).

Diante da necessidade é de extrema importância que o aluno seja acompanhado por um psiquiatra ou neuropediatra que são especializados, somente eles podem detectar os sintomas a partir da consulta e do acompanhamento para ter o diagnóstico do transtorno. CONITEC (2020) O diagnóstico deve ser realizado por um médico psiquiatra, pediatra ou outro profissional de saúde capacitado. O profissional deve ser devidamente qualificado, com treinamento e experiência.

A confirmação do diagnóstico, tanto em crianças como em adultos, pode ser baseada em 18 sintomas indicativos de desatenção excessiva, hiperatividade e impulsividade (CONITEC,2020, p.07).

Em caso de diagnóstico positivo para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade os responsáveis não devem deixar de fazer o tratamento prescrito a essa criança, o diagnóstico é extremamente necessário para que o tratamento tenha o

efeito esperado, trazendo assim, uma melhora na qualidade de vida e aprendizagem na vida da criança.

Direitos da criança portadora do transtorno do déficit de atenção (TDAH)

De acordo com a **(LEI Nº 14.254 DE 30 DE NOVEMBRO DE 2021)** A norma estabelece que as escolas da rede pública e privada devem garantir acompanhamento específico, direcionado à dificuldade e da forma mais precoce possível, aos estudantes com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem que apresentam instabilidade na atenção ou alterações no desenvolvimento da leitura e da escrita. As necessidades do aluno serão atendidas pelos profissionais da rede de ensino em parceria com profissionais da rede de saúde. Caso haja necessidade de intervenção terapêutica, esta deverá ser realizada em serviço de saúde, com metas de acompanhamento por equipe multidisciplinar.

Importância do acompanhamento multidisciplinar

O acompanhamento multidisciplinar é composto por psicólogo que faz avaliações que podem ser psicométricas, ou comportamentais obtendo o máximo de aproveitamento na investigação do comportamento da criança. A abordagem é feita para que o psicólogo tenha um quadro completo do funcionamento da criança.

O papel do neuropsicopedagogo no contexto clínico e em atuação de equipe multidisciplinar, não é emitir laudos, tampouco fechar diagnósticos, mas sim realizar uma boa avaliação, através de uso de instrumentos devidamente validados para população brasileira, emitir um relatório com indicadores de possível ou não transtorno.

Já o psicólogo age de forma interdisciplinar no acompanhamento, ele fornece ferramentas e estratégias importantes e diferenciadas para que a criança tenha sucesso na vida escolar, juntamente com o pedagogo e a equipe multidisciplinar.

Nas atribuições do professor (BRIOSO; SARRIÀ, 1995, p. 167) comenta que:

Não se deve esquecer que toda ação educacional opera com a finalidade de contribuir para a mudança do comportamento do aluno, sendo realizada de forma planejada ou não controlada, a resposta do educador, sua reação, têm efeitos sobre o comportamento da criança. (BRIOSO; SARRIÀ, 1993, p. 166).

A Terapia Ocupacional no contexto escolar, junto com outros profissionais, auxilia no desempenho da criança, atuando na clínica por meio de prática intersetorial e na construção do cuidado, garantindo o seu desenvolvimento, conforme alega Fernandes et al. (2019).

5. Orientações aos pais de crianças portadoras do TDAH

Em primeiro lugar e de máxima importância que os pais criem seus filhos com valores morais, éticos e culturais que façam diferença na vida deles, estar sempre atentos a aplicação de regras e conversas, ter atenção de que forma conversar, explicar sempre com calma o que se quer que a criança faça, delimitar regras de convivência, ensinar a criança a ter responsabilidades desde pequena, estabelecer combinados que realmente funcione.

A criança com transtorno de déficit de atenção pode ter resistência em obedecer a ordens e ter atenção, portanto se for o caso escreva as regras, converse e explique quantas vezes forem necessárias para que ela compreenda, não quebre as regras como por exemplo, se a criança não fizer a tarefa deixar ver desenhos, ensine que primeiro faz as obrigações, depois as diversões.

No entanto é de suma importância que os pais estejam engajados e atentos a toda e qualquer conduta dos filhos, que estejam sempre abertos a diálogos, participação em jogos familiares de quebra-cabeças, leituras de pequenas histórias, jogos de raciocínio lógico, estas atitudes podem fazer muita diferença na vida escolar, social e cultural dos filhos.

“Diga-me e eu esquecerei, ensine-me e eu poderei lembrar, envolva-me e eu aprenderei.” Benjamin Franklin-

Metodologia

O método da pesquisa baseou-se em pesquisas bibliográficas acerca do tema TDAH em crianças em fase escolar, discorrendo sobre sintomas, diagnóstico tratamentos com intervenção multidisciplinar e orientações às famílias com filhos acometidos pelo transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e citações dos autores Barkley, p.157), Bueno (2017), (COUTINHO, MATTOS, ABREU, 2018),

Goldstein (2004), (OLIVEIRA, 2007), (REIS, 2011 p.8), (LEITE; FERREIRA, 2010), CONITEC (2020), (CONITEC,2020, p.07), (BRIOSO; SARRIÀ, 1995, p. 167), (BRIOSO; SARRIÀ, 1993, p. 166), Fernandes et al. (2019).

Considerações finais

No decorrer da escrita e das pesquisas com o tema o transtorno do déficit de atenção em crianças em fase escolar foi possível perceber, afirmar e concluir que o transtorno está cada vez mais presente na vida das famílias e no chão da escola.

O diagnóstico deve ser feito por médicos especialistas psiquiatra ou neuropediatra e a partir do diagnóstico iniciar o tratamento.

O tratamento é feito por medicamentos via oral prescrito somente pelo médico especialista, e o acompanhamento multidisciplinar deve ser feito por uma equipe formada por psicólogo que usará ferramentas e estratégias diferenciadas, fonoaudiólogo trabalha com a organização do discurso e aperfeiçoamento da habilidade auditiva se for necessário, psicopedagogo que desempenha um papel fundamental na aprendizagem diferenciada e funcional para a criança, terapeuta ocupacional ajuda a criança a desenvolver habilidades de organização obedecendo assim uma rotina diária sem dificuldades e procrastinação, e o pedagogo que nas suas atribuições tem o domínio curricular e didático para seu aluno, e acompanha a criança em sua fase escolar.

Entretanto não é possível que se tenha sucesso nos acompanhamentos sem a presença e ajuda da família.

Em tempos de tecnologia avançada, toda criança tem um grau de transtorno seja ele TDAH ou não, e cabe a nós a sociedade, encontrar meios viáveis e de fácil acesso para que essas crianças tenham qualidade na vida escolar e social, como protagonistas da própria história sendo respeitadas, acolhidas, amparadas e atendidas pelos meios de tratamentos que lhe são de direito, cada uma com suas características.

Referências

BARKLEY, Russel A. (2000). **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Ed. Artmed _____ (1998). **Distúrbio de déficit de atenção hiperatividade: Um manual para tratamento e diagnóstico**. 2ª edição. New York Acesso em 03/08/2024 as 10:02

BRASIL. Diretrizes Metodológicas: Elaboração de Diretrizes Clínicas. Ministério da Saúde. 2016.

BRIOSO, Angeles; SARRIÀ, Encarnación. Distúrbios de comportamento. In: COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Álvaro (organizadores). Desenvolvimento psicológico e educação: **necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. >DISPONÍVEL em: [https://tcc4-8.pdf \(fslf.edu.br\)](https://tcc4-8.pdf (fslf.edu.br)) Acesso em 09/08/2024 as 18:40

BUENO, D. **Neurociência para educadores**: Todo lo que los educadores siempre han querido saber sobre el cérebro, 1 ed.- Barcelona: Editorial Octaedro, S.L., 2017. >Disponível em: [Importância da avaliação neuropsicopedagógica clínica \(nucleodoconhecimento.com.br\)](https://nucleodoconhecimento.com.br) Acesso em: 09 de agost.2024 as 16:36

Disponível :em [https://tcc4-8.pdf \(fslf.edu.br\)](https://tcc4-8.pdf (fslf.edu.br)) Acesso em 03/08/2024

Fernandes, D. S. A. et al. (2019). **A intersectorialidade no campo da saúde mental infantojuvenil; proposta de atuação da Terapia Ocupacional no contexto escolar**. Revista Cadernos Brasileiros Terapia Ocupacional, 27 (2), 454-461.>Disponível em:[https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28464/Ritalina%C2%AE%20e%20TDA Ritalina® e TDAH possibilidades de intervenção da terapia ocupacional no uso abusivo do medicamento.pdf \(ufsm.br\)](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28464/Ritalina%C2%AE%20e%20TDA%20Ritalina%20e%20TDAH%20possibilidades%20de%20intervenc%20o%20da%20terapia%20ocupacional%20no%20uso%20abusivo%20do%20medicamento.pdf (ufsm.br)) Acesso em 10 de [agost.2024](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/28464/Ritalina%C2%AE%20e%20TDA%20Ritalina%20e%20TDAH%20possibilidades%20de%20intervenc%20o%20da%20terapia%20ocupacional%20no%20uso%20abusivo%20do%20medicamento.pdf (ufsm.br))

GOLDSTEIN, Sam; GOLDSTEIN, Michael. **Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança**. 10. ed. São Paulo: Papyrus, 1994.

LEITE, Neiva Terezinha Chaves; FERREIRA, Josiane Peres. **Hiperatividade x indisciplina: contribuições para o cotidiano escolar**. s/l: Profala, s/d. >Disponível em: Acesso em: 30 set. 2010

Ministério da Saúde (Brasil). Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (CONITEC). Metilfenidato e lisdexanfetamina para indivíduos com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade: relatório de recomendação. 2020;128.

[Nova lei prevê assistência integral a aluno com transtorno de aprendizagem, como dislexia e TDAH - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)>](#)

Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/Acesso em 22 de agost.2024> as 20:19

REIS, G. V. **Alunos Diagnosticados com TDAH: reflexões sobre a prática pedagógica utilizada no processo educacional**. Parnaíba. 2011. Disponível em: <[http://www.uems.br/portal/biblioteca/ repositório/2011-12-15_13-12-05.pdf](http://www.uems.br/portal/biblioteca/repositorio/2011-12-15_13-12-05.pdf)>. Acesso em: 09 de agost.2024.

